HISTORIA

DO

CERCO DO PORTO.

HISTORIA

DO

CERCO DO PORTO

PRECEDIDA DE UMA EXTENSA NOTICIA
SOBRE AS DIFFERENTES PHAZES POLITICAS DA MONARCHIA
DESDE OS MAIS ANTIGOS TEMPOS
ATÉ AO ANNO DE 1820, E DESDE ESTE MESMO ANNO ATÉ AO COMEÇO
DO SOBREDITO CERCO

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

BACHAREL FORMADO NA FACULDADE DE MEDICINA.

VOLUME SEGUNDO.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1849.

Propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam.

Isaias Cap. 62.

PREFACIO.

Historias contemporaneas não será facil escrevêl-as, sem reclamação, ou queixa da parte de alguns individuos, aliás descontentadiços, ou porque nellas não vêem mencionado algum pequeno facto, insignificante na marcha dos grandes acontecimentos, (mas que para elles é da maior importancia, pela reputação e nome, que entendem lhes podia dar a sua menção historica), ou porque em fim, (e este é o maior numero), a narração de taes ou taes acontecimentos não está escripta de modo que os satisfaça, para lhes dar todo o subido realce, em que na sua estimativa graduam os seus proprios serviços, ou porque tambem a apreciação dos actos da sua vida publica lhes é mais ou menos desfavoravel na opinião do historiador. Se d'algumas inexactidões de maior ou menor monta se póde ás vezes accusar o escriptor deste importante ramo de litteratura, e adequadamente empregar contra elle o *voilà comme on écrit l'histoire*, tambem é certo que não haverá poucas, em que muito se abusará da applicação de taes termos. Com esta base pois, já se vê que a minha historia do cêrco do Porto não podia ser isempta da regra geral, e por conseguinte tambem teve contra si, como as mais historias contemporaneas,

algumas reclamações, e de nomes aliás, que parecem confundir o do seu author, pela pequenez deste, e magnitude daquelles. Entretanto repetirei aqui o que já disse no meu discurso preliminar, isto é, que dos presentes não espero misericordia, nem lh'a encommendo: a minha obra é dedicada só á posteridade, e é só esta que eu cuido me fará justiça. Ao publico devo todavia dar conta destas reclamações, do nome dos reclamantes, e das razões que tive para os não attender.

Apparecêo-me, como primeiro aggravado, o filho do ex-intendente geral da policia, o sr. José Joaquim Rodrigues de Bastos, appellidando de *calumnia* o commedido juizo, que deste senhor apresentei a pag. 222, linhas 12 e seguintes, do meu dito *discurso preliminar*. Diz o reclamante que seu pai não fôra o intendente, que assignára a circular das eleições para os tres-estados, expedida em 17 de maio de 1828, por isso que já em 12 de abril daquelle anno havia sido demittido do dito logar de intendente. Para remover toda a duvida, que se possa levantar sobre este objecto, (pois eu não digo alli quem foi o intendente, que tal circular assignou, sendo o mesmo sr. Bastos quem muito graciosamente suppôz que eu me referia a elle na assignatura de tal circular), devo com effeito declarar que o pai do queixoso foi realmente demittido naquella data, e aos seus successores, Barata, Veiga, Belfort, etc., se deve attribuir tudo quanto de bom e de máo pela intendencia geral da policia se passou, e expedio depois daquelle dia. Entretanto semelhante demissão parece ter sido dada a pedido do demittido, e não ter provindo de indisposição da parte do governo usurpador a seu respeito, como bem se collige da sua prompta entrada e aceitação no gremio dos mesmos tres-estados, que accla-

maram D. Miguel como rei, e do muito socego e tranquillidade, com que, durante aquelle turbulento governo, fruio na melhor paz o seu alto logar de desembargador do paço. Quanto porem á sua inconstancia de opiniões, e censuravel procedimento em politica, e não menos á parte, que como tal tomou em aplanar o caminho para a usurpação, em nada absolutamente tenho a reformar as minhas expressões e juizos. As razões, em que para esta persistencia me fundo, alem da crença e reconhecida notoriedade de factos, que a comprovam, o leitor as poderá encontrar nos seguintes escriptos, que todos se deram á estampa, sem reclamação alguma da parte do supposto aggredido, que desde 1827 até 1834 não se mostrou tão escrupuloso em tomar na linha de affronta as arguições, que a imprensa liberal durante aquelle tempo lhe fez. Os escriptos, para que remetto o leitor, são: —Galeria dos deputados de 1821, pag. 250 e 251.—Historia de Portugal, de José Maria de Sousa Monteiro, vol. 3.º, pag. 351, 355, 356, 360, e 367.—Revista Historica de Portugal, 1.ª edição, pag. 58.—Ensaio politico sobre as causas da usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho, pag. 59, 94, e 112 da 2.ª edição. No primeiro destes logares citados (o de pag. 59) se diz: «*Era* este Bastos homem azado para tudo quanto se «quizesse; porque em 1820 soube representar admiravel«mente a figura de republicano; em 1823 ligou-se á causa «dos *inauferiveis*; e no tempo da Carta, e da sua intenden«cia, desembainhou denodadamente a sua espada contra os «chamados *republicanos*, ou *saldanhistas*, a quem alcunhou «com estes nomes, para melhor lhes assentar os seus golpes.» A parte activa, que o mesmo sr. Bastos tomou em 1828 nas perseguições, feitas aos Liberaes, que elle dêo então como pretendendo acclamar a *republica*, d'onde nasceram as expressões de *republica de Bastos*, como synonimo de cousa fantastica, (procedimento a que eu dei a interpretação de

aplanar o caminho para a usurpação), consta dos seus mesmos officios, que em 16 de outubro de 1834 se publicaram no n.° 81 da Aguia do Occidente, pag. 323 e 324. N'um destes officios dizia elle para o visconde de Santarem, em 1 de agosto de 1827: «Apezar das noticias, que hoje che-«garam do Porto, a noite está mais tranquilla. No theatro «tocou-se e cantou-se o hymno; mas não houve um só vi-«va, um só verso, e tudo se passou na melhor ordem. As «ruas da capital estão limpas de ajuntamentos, e os cida-«dãos pacificos já transitam por ellas sem susto. Remetto a «v. ex.ª a relação das pessoas, que hoje se prenderam. «(Eram já então umas 150 pessoas, incluindo os condes da «Cunha, d'Alva filho, e de Sampaio, o arcebispo bispo d'El-«vas, o desembargador Duarte Leitão, o ex-ministro da «justiça Guerreiro, etc. etc.) Nos dias seguintes continua-se «na diligencia de prender os demais réos: são tres os juizes, «que estão tirando as devassas. O effeito dos prisões está «já manifesto. Hontem, apezar do grande apparato da tro-«pa, foi estrepitoso o theatro; hoje, ao contrario, reinou alli «o maior socego, e pelas ruas nem vestigio, nem sombra «de ajuntamentos. Os que os faziam estão occultos com «medo, e outros provavelmente fugiram. Em fim medidas «energicas são as que tem restabelecido a ordem, e nellas «deve proseguir-se. O demittido redactor da Gazeta, o do «Periodico dos Pobres, e os do Portuguez devem ser sum-«mariados, e os censores igualmente. Mas para isto é ne-«cessaria uma portaria, dirigida a mim, para mandar pro-«ceder a seu respeito na conformidade das leis. Todos os «periodistas, que tem entrado em processo, o hão sido por «ordem. Eu passo ámanhã a exigir esta ordem, e se prom-«ptamente o não conseguir, o communicarei a v. ex.ª» Eis-aqui a liberdade de imprensa no tempo da celebrada intendencia do sr. Bastos, eis-aqui a sua dedicação á Carta Constitucional, com a pintura, que elle mesmo nos faz, da sua

conducta de fidelidade ao legitimo rei, durante aquelle ominoso tempo. Tenho pois respondido a este senhor d'uma maneira, que me parece sem réplica; mas se alguem ainda quizer vêr mais obra sobre este ponto, consulte o energico artigo, que no n.º 94, pag. 678, da mesma Aguia do Occidente se imprimio em 31 de outubro do dito anno de 1834, em represalia e vindicta á reclamação, que sobre aquelles officios fizera o dito sr. Bastos, para atenuar o effeito, que da sua leitura se podia seguir no publico.

Entre os reclamantes apparecêo-me tambem, da parte do sr. duque de Palmella, um alto empregado de sua casa, com quem, depois de trocadas algumas razões, convencionei, (e talvez que indiscretamente, pelas desairosas illações, que isto podia trazer ao meu nome, mas a que sómente a boa fé, e o amor de apurar a verdade me levaram), o permittir-lhe annexar á minha historia do cerco do Porto umas notas, com o titulo de apontamentos ácerca da vida politica do mesmo duque. Estas notas, em que os seus amigos e commensaes, (e póde ser que por elle mesmo bafejados), o buscavam apresentar, em relação ás asserções, que a seu respeito se viram no meu 1.º volume, como o *missus a Deo*, o isempto da macula do peccado original em politica, chegando a imprimir-se para aquelle fim, obrigaram-me pela minha parte a carregar-lhe mais as tintas da pintura, que delle tinha a fazer no logar competente do meu 2.º volume, onde vae inserto o seu respectivo juizo critico, e até mesmo a apresentar, em nota especial a semelhante juizo, as arguições, que os contemporaneos contra elle lhe levantaram em differentes tempos. Tres fortes razões houveram para este meu proceder: 1.ª para se vêr que o sr. duque era,

como qualquer outro homem, participante do bem e do mal, que a cada individuo cabe por sorte ao nascer neste mundo: 2.ª para lhe dar todo o logar a justificar-se de qualquer exageração, que em taes arguições se podesse dar, não se me podendo taxar de injusta a menção, que de todas estas fizesse, ainda mesmo a das mais fortes, depois da minha concessão em poder elle juntar a sua justificação á mesma obra, em que as mais graves censuras se lhe irrogassem, o que de certo já não succedia a qualquer outro contemporaneo, a quem por esta causa devia poupar muito mais do que a s. ex.ª: 3.ª finalmente para desviar de mim o affrontoso labéo de parcial, ou por motivos de interesse, que me reputassem annexos, ou por quaesquer outras considerações e commentos, com que sobre mim cahissem. Facil é de antever que semelhante conducta não podia agradar aos interessados, e não só houveram desde logo pretenções para que eu apresentasse o sr. duque pela mesma face do quadro, por que os seus amigos e dependentes o viam, dando-se-me por escripto as razões, em que para isto tinha de fundar-me, mas até me chegaram a offerecer inteiramente mutilado de cima a baixo o meu primitivo artigo, inserto a pag. 577 e seguintes do presente volume, a respeito de s. ex.ª, artigo que, redigido todo em abono do interessado, eu tinha a substituir por aquelle, que se lhe reputava e dizia desfavoravel. A exigencia era muito forte para poder ser attendida, e talvez mesmo que menos desairosa para mim, em quanto a não aceitasse, do que para quem m'a fazia; mas este desaire ainda redobrou mais de gravidade com a insistencia. Revolvendo na minha intima consciencia os actos de toda a minha vida, quer publicos, quer privados, depois que como homem feito me acho na sociedade, ingenuamente confesso que ainda até hoje não sei quaes fossem os que podessem ter chegado ao conhecimento do proponente, ou de quem para junto de mim o mandou com tal commissão, a ponto

de lhes merecer tão infeliz conceito! Que me pedissem modificar as minhas expressões em tal ou tal logar, retirar taes ou taes asserções e juizos, isto entendia-se, uma vez que para isso me dessem as convenientes razões, ou me apresentassem os necessarios documentos; mas redigir um artigo todo elle de cima a baixo á vontade da parte interessada, e offerecer-m'o para que o impremisse por meu, inutilizando aquelle que eu tinha já escripto, não sei como qualificar semelhante exigencia! O leitor lhe dará por mim o nome, que entender lhe compete.

Entretanto debalde fiz vêr a injustiça de tão insolita pretenção, o affrontoso de semelhante exigencia, e finalmente a mancha, que no meu caracter de historiador me podia pôr tão indiscreta annuencia, se alguma tentação tivesse de a levar a effeito, porque em fim, havendo fama de que alguns redactores de jornaes tinham sido levados, por benevolencias do sr. duque, a sobre-estar na publicação de alguns artigos, que lhe eram desfavoraveis, não era possivel desviar de mim as mais desairosas suspeitas, quando por ventura aceitasse a mais ligeira modificação na redacção do meu escripto, ou mutilação dos juizos, que a respeito de s. ex.ª fizesse, visto que, para contrariar taes juizos, só se me apresentavam asserções gratuitas, inteiramente destituidas da comprovação de um unico documento, e por conseguinte incapazes de poderem merecer fé, e destruir factos sabidos, e reconhecidos por todos. Acrescentei ainda mais que se eu, na opinião de s. ex.ª, ou dos seus amigos, que tinham redigido as notas, que já se achavam impressas para se annexarem á minha obra, não podia justamente offerecer no meu escripto uma completa abnegação dos sentimentos de affecto ou indisposição, ácerca dos homens e das cousas, só pela circumstancia de ser contemporaneo dos acontecimentos, que relatava, e porque n'algum delles havia tomado mui acanhada parte, s. ex.ª, sendo um dos principaes pro-

togonistas do grande drama historico-politico, que havia occupado a minha penna, era por esta regra absolutamente incapaz de poder fazer fé, e particularmente quando se propozesse a ajuizar os actos da sua mesma vida, como era o caso em questão, em que forçosamente, e até mesmo sem o querer e o pensar, os havia de apresentar retintos com o sentimento de favor e parcialidade. Finalmente que se eu era injusto, e até inexacto nas minhas asserções e juizos a respeito de s. ex.ª, na mão delle e dos seus amigos havia o conveniente correctivo, repellindo de si todas as arguições infundadas, por meio de quaesquer notas, que a gravidade da materia exigisse, notas que eu de muito bom grado aceitaria, por gostar de que junto de taes arguições fossem logo os necessarios descontos, para se vêr o que nellas havia de verdade. Mas se para o commissionado deste negocio de nada valeram as minhas razões, confesso que para mim ainda menos aproveitaram os que pela sua parte me apresentou em sentido contrario, que nenhumas me expôz elle, dignas de consideração.

Perdidas pois as esperanças de me levarem á indiscreta annuencia de dar á luz, como meus, artigos historicos, arranjados aliás por outrem, e a contento dos interessados, seguiram-se as ameaças: 1.ª de se me retirarem as notas, que se projectavam elaborar em relação ao segundo volume da minha historia: 2.ª de se fazer tambem o mesmo ás que já se achavam impressas, com referencia ao primeiro: 3.ª finalmente de se ir trabalhar na confecção de um volume, que se havia de imprimir sobre o assumpto, *e em que eu provavelmente não havia de ser poupado.* Este desfecho foi para mim o maior incentivo possivel para me recusar a todas as exigencias, que por tão insolita maneira se me faziam, sem que a isto fosse arrastado por insensatos caprichos pessoaes, mas sim pelo grande interesse publico, que na historia e litteratura do paiz entendi desde logo havia de ne-

cessariamente produzir um escripto de tal natureza, e bafejado por tão elevada e sabedora pessoa, ainda mesmo a despeito de alguma incompetencia de juizos, que nelle se podesse encontrar. Quanto a moralisar agora as ameaças, que se me fizeram, direi, e com toda a franqueza o faço, que as não reputo filhas do resentimento, que alguem possa attribuir ao sr. duque, em quem, bem pelo contrario, supponho muita elevação d'alma e superioridade d'espirito, para que por semelhante maneira o acredite impressionado pelo mesquinho prazer de tão insignificante vingança, sendo aliás tão nobre e cavalheiro. Todavia, julgando-o alheio a este objecto, não se me affigura estranho á commissão, com que junto de mim se me apresentou o alto empregado da sua casa, que de certo não seguio a melhor marcha para o arranjo desta sua negociação. Quanto a mim, desisti de bom grado da annexação das notas em questão, e assim o communiquei por um bilhete meu ao respectivo individuo: 1.° para inteiramente desviar de mim quaesquer suspeitas, a que com razão me prestaria, conduzindo-me de outra maneira, depois do succedido; 2.° pela inutilidade da inserção de taes notas, logo que se me promettia a publicação de um volume, que de certo havia de ser obra de muito maior, e mais acabado interesse na litteratura patria, do que as mesmas notas, sendo aquelle interesse um dos motivos, senão o principal, que me levára a permittir a annexação dellas á minha obra; 3.° para mostrar tambem que, em vez de honra e favor, que talvez alguem entendesse que eu recebia com isto, era exactamente o contrario o que tinha logar, não quanto a honra, que a ninguem a posso dar, não tendo por mim mais do que o meu humilde nome, por falta de brasões e jerarchias de familia, que infelizmente me não acompanham; mas quanto a favor, que grande o fazia eu em deixar incorporar ao sr. duque tudo o que lhe era em seu abono, na mesma obra em que se tirava á luz alguma

cousa, que lhe podesse servir de desaire; 4.° finalmente para dar todas as possiveis garantias de que não escrevi senão a verdade, ou o que se me antolhou como tal, desprezando todas as influencias externas, que na redacção e alinho do meu escripto podera ter recebido, certo de que, se algum defeito o acompanha, é mais a severidade das minhas crenças, do que precipitada transacção com as alheias.

Eis-aqui pois o facto, contado como realmente se passou, e aqui o apresento ao publico com a possivel singeleza, não com as vistas de menoscabar o eminente personagem, com quem elle tem relação, se d'algum deslustre isto lhe póde servir, quando aliás tributo a esse personagem, como todos os portuguezes o fazem, e o devem fazer, os mais sinceros respeitos, e bem merecida consideração; mas porque em fim devo neste caso zelar mais a reputação do meu nome, do que deixar-me levar de contemplação pelos alheios. Tendo pois a collecção das notas retiradas, e que já se achavam impressas para se annexarem á minha obra, um prefacio meu, com alguns cumprimentos de civilidade para com o seu author, e até alguns outros artigos meus, alem da citação que fiz de taes notas a pag. 382 do presente volume, era-me conseguintemente forçoso dar de tudo isto uma cabal e plena satisfação ao publico, entre quem ellas virão talvez isoládamente a correr, para que deste modo possa elle explicar as anomalias, que nellas poderá achar, e que por outro lhe não será facil entender. É todavia notavel que, tendo-se ajustado comigo a annexação de umas notas a uma obra minha, em quanto se julgou que por esta fórma se podia constituir em epopea da elevada pessoa, a quem tão esperdiçadamente se queria desvanecer, depois as retirassem, quando para aquelle fim existiam já impressas, e commentadas por mim, só porque em vez da condescendencia e docilidade, que me suppunham, acharam alguma firmeza de opiniões, e persistencia de crenças! Ainda mais. Esses mes-

mos elogios, que no preambulo de semelhantes notas se encontravam em relação á minha historia, irão talvez transformar-se em amargas e pungentes expressões nesse tal volume, com que estou ameaçado. Mas qual destas duas versões será a verdadeira nos bicos da mesma penna? O publico o decidirá a seu tempo. É esta a volubilidade dos homens, e o fallaz dos seus elogios e censuras, com a inconstancia das suas opiniões! Na minha puericia tambem já fui sujeito ao sentimento destas e outras semelhantes pirraças com os meus iguaes; e até era frequente succederem-se então com a mais incrivel rapidez, e sem justificado motivo, ás demonstrações da mais amigavel caricia, os actos do mais carrancudo amuo. Naquella idade porem tudo se me desculpava; mas hoje qualquer acto destes seria em mim sobejo motivo para a mais singular estranheza, depois de tão branquejada a cabeça pelos annos. Venha pois esse volume, de que estou ameaçado. A litteratura patria de certo o ha de estimar, como deve, e olhal-o como bem acabada producção, pela sua elegancia, bom gosto, correcção de estillo, com pureza de fraze, e não menos pelas altas e importantes verdades historicas, que certamente tem de comprehender, alem de todos os mais titulos, por que desde já se torna recommendavel. Deva-me o paiz este importante serviço, embora com elle me possam vir particularmente d'envolta alguns dissabores, porque em fim, sendo tal obra escripta com a gravidade, que a materia exige, e que todos nós temos a esperar dos seus authores e collaboradores, resignado me conformarei com a minha sorte. a despeito de quaesquer asserções, que me toquem, ainda mesmo que com algum desvio da verdade, ou precipitação de juizos. Tempo houve já, em que um alto personagem graciosamente me suppôz envolvido, na ilha Terceira, em projectos de o querer assassinar, segundo as revelações, que então alguem me fez; supposição para que ainda hoje ignoro quaes fossem os funda-

mentos, que muito desejava vêr apresentados no publico por quem em tal acreditou. Se então se me fez tão grave injustiça, não me admirará que se me façam ainda novas, e tão infundadas accusações como esta.

Aqui acaba o que tinha a dizer sobre o assumpto, e aqui devia começar agora a comprovação das asserções, que no meu citado juizo critico se encontram, com a idéa de desfavor ácerca do sr. duque de Palmella; mas como esta comprovação me levaria por certo a uma miuda analyse dos actos publicos da vida de s. ex.ª, o que talvez daria logar á crença de que, em vez de um prefacio para preceder a leitura d'uma obra historica, tinha feito um artigo de antecipada e desabrida polemica para se inserir nos jornaes politicos, antes quero por ora conservar-me no campo do commedimento e resguardo, do que expôr-me a ser taxado de excessivo, ainda antes de saber ao certo os argumentos, com que se buscam rebater quaesquer daquellas asserções. Entretanto se por este modo aguardo o que a tal respeito nos poderá a seu tempo vir a revelar a imprensa, desde já affirmo que nada avancei sem fortes e meditadas razões, e appellando para a imparcialidade do publico, peço a este que me julgue, e adequadamente avalie se eu fui com effeito excessivo na apreciação de s. ex.ª, devendo ingenuamente confessar-lhe que antes quero ser tido na conta de demasiadamente austero, e talvez mesmo que convencido de injusto, para com s. ex.ª, do que reputado benevolente, com suspeição de influido, ou ligeiramente captado pela sua generosidade. Todavia pouco será de estranhar o juizo que emitti, depois que um distincto escriptor contemporaneo se abalançou tambem a fazer outro que tal juizo, dando-o á luz nos seus excellentes folhetos, *Hontem*, *Hoje*, e *Amanhã*, juizo que eu me não posso abster de ir textualmente aqui reproduzir, senão para minha inteira defeza, como modêlo que adoptei, ao menos para se vêr que eu não fui o primeiro, que tomei

a ousada resolução de avaliar com severidade as altas qualidades, e o distincto merito do sr. duque de Palmella. O juizo, a que me refiro, é o seguinte:

« *Duque de Palmella*. Todas as considerações me obri-
« gam a fallar em primeiro logar deste notavel estadista.
« O duque de Palmella tem talento, algum estudo, bastante
« conhecimento dos homens e das cousas, e muita pratica
« dos negocios do Estado; mas, bem ajustadas as contas, a
« final o *nome* é maior que a *realidade*. Não me deterei com
« a carreira diplomatica do nobre duque, pois não escrevo a
« sua vida, e com quanto não falte nella materia para a cen-
« sura, é certo que tambem não fallece para muito louvor. »

« Regressado a Portugal com o sr. D. João 6.°, de bem
« lembrada memoria, o duque, então conde de Palmella, não
« mereceu a confiança dos Liberaes; mas depois contrariou
« os planos e ardis ambiciosos da rainha D. Carlota, e de
« D. Miguel. Os Liberaes tinham-lhe dado *mais importancia*,
« *do que elle mostrou merecer na abrilada*. Este movimento
« revolucionario nunca chegaria a ter logar, se Palmella,
« então no ministerio, e nelle, com o conde de Subserra,
« principal influente, possuisse a metade da aptidão, que se
« lhe attribuia: e é para notar que o movimento não foi o
« que se intentára, por incapacidade dos que dirigiam D.
« Miguel, e que não vingou, graças *unicamente* ao illustrado
« procedimento do corpo diplomatico, e mais que tudo aos
« acertados esforços dos ministros de França e de Inglaterra,
« Hyde de Neuville, e Thornton. »

« No movimento de 16 de maio de 1828, contra a usur-
« pação de D. Miguel, Palmella tomou a voz da justiça, e
« veio de Inglaterra ao Porto; mas a *belfastada* é como o
« borrão lançado em tão formosa pagina, e que não a deixa
« decifrar satisfatoriamente. O proceder do duque, em quanto
« á sua lealdade ao throno da rainha, é, em minha opinião,
« irreprehensivel. »

« Restaurado o paiz, para o que o duque muito concor-
« rêo, antes e depois da chegada de D. Pedro á Europa, e
« do seu desembarque no Mindello, Palmella foi por vezes
« ministro da Carta; e, malquisto, calumniado, perseguido
« pela gente da Opposição, não houve quem não o acredi-
« tasse, apezar dos *altos e baixos*, que offerece a sua vida
« publica, sincero e decidido cartista. Entretanto, na para
« sempre famosa crize do entrudo, o duque de Palmella
« aceitou ser presidente do ministerio, que se propôz com-
« bater a Carta com as baionetas do arsenal! »

« Depois disto, e segunda vez restaurada a Carta, o no-
« bre duque tem estado sempre n'uma posição falsissima.
« Ora se quer acreditar de cartista, ora faz negaças aos
« colligados. Não é possivel ajuizar ao certo quaes sejam as
« suas opiniões, porque suas obras são tão equivocas, como
« todo o seu proceder ha sido contradictorio. »

« O que porem não devo omittir é que o duque de Pal-
« mella não póde levar a bem que ministro algum presuma
« governar sem o auxilio das suas luzes, que todavia tantas
« vezes se tem mostrado em deficiencia de fulgores. A exa-
« ctidão do que aqui reflicto está no seu comportamento nas
« negociações, que trata com o internuncio Capaccini. Nin-
« guem as podia tratar menos approvadamente. Capaccini o
« tem ludibriado de modo lastimoso; e o duque tornou-se,
« sem talvez o acreditar, miseravel instrumento do *feotismo*,
« que se serve delle, e o escarnece. As negociações com In-
« glaterra, tambem é minha opinião, podiam ter sido ainda
« mais satisfatorias. »

« Em resumo. O duque tem feito ao seu paiz muitos
« serviços, e alguns excellentes; porem a patria não lhe tem
« sido ingrata. O duque ostenta de superior a todas as ca-
« pacidades do paiz; mas a carreira politica do duque é
« cheia de taes desigualdades, que não o extrema do com-
« mum dos homens, que tem trilhado o seu caminho. Final-

« mente Palmella, sendo menos do que parece, não é tão
« pouco todavia que todos os partidos o não queiram seu;
« porem como não consente que do lado, em que se acha,
« lhe tome outrem o passo, e os homens perspicazes e in-
« fluentes de todos os matizes o tem reconhecido falho ao
« toque e ao pezo, forcejam por emancipar-se da sua tutoria.
« Que resulta? Que Palmella está em calculada desharmo-
« nia com todos os homens, entre os quaes não é o primeiro.
« As circumstancias especiaes do duque de Palmella, seu
« nome, seus serviços, a riqueza immensa da sua familia,
« hão de conservar-lhe sempre grande importancia: com
« tudo a sua invencivel propensão para os *qui pro quos* po-
« liticos não lhe consentirá nunca ser o *homem* de nenhum
« partido. »

+ *Substituições para o 1.° volume da Historia do cêrco do Porto.*

A segunda *nota* a pag. 92 deve ser substituida pela seguinte. O exercito portuguez, durante a guerra peninsular, teve na sua maior força em 1812 quatro regimentos de artilheria com 4:922 homens; doze regimentos de cavallaria com 6:501, e 3:316 cavallos; vinte e quatro regimentos de infanteria com 37:417; doze batalhões de caçadores com 7:968, sendo o seu total 56:808 individuos de 1.ª linha, e oito baterias de artilheria, que entravam em campanha. Em 1808 a força do mesmo exercito contava 42:659 homens de todas as armas de 1.ª linha: em 1809, 47:958: em 1810, 51:841: em 1811, 54:117: em 1813, 53:302: e em 1814, 51:431, advertindo que o numero dos corpos foi sempre constante, em virtude da organisação decretada, sendo só variavel a força de cada corpo. No numero acima não se comprehende a guarda real da policia de Lisboa, que contava 1:520 infantes, além de 260 cavallos; nem 5:000 recrutas, que nos annos de 1811 e 1812 existiam no deposito geral; nem a força de 1.ª e 2.ª linha, que havia nas ilhas da Madeira e Açôres; e nem finalmente 53 regimentos de milicias com 52:000 homens de guarnição no continente do reino, e nas praças de guerra.

A pag. 487 ha um engano de conta quanto á força, que lá se dá aos batalhões nacionaes, creados no Porto, e por conseguinte o que alli se acha,

desde linhas 8 até ao fim do paragrapho, tem de ser substituido pelo seguinte: — deve saber-se que em julho de 1832, primeiro mez da sua creação, apenas o seu numero chegava a 1:786 individuos, que no mez de setembro do mesmo anno se elevavam já a 3:093: com as creações que depois vieram, estes corpos subiram em janeiro de 1833 a 7:023 homens, que em março do mesmo anno decahiram alguma cousa, contando-se então 6:872 individuos. No mez de julho, em que as tropas constitucionaes fizeram a sua entrada em Lisboa, os batalhões moveis do Porto contavam 1:188 homens, e os fixos 4:951, ou 6:139 d'ambas as especies.

Emendas mais notaveis a fazer no 1.° volume da Historia do cêrco do Porto, e que nelle se não acham apontadas a pag. 584.

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
3	35	collegidas	colligidas
37	14	hesitava	hesitára
38	26	perca	perda
44	2	ou vidos	ouvidos
129	1 e 2	secumbindo	succumbindo
134	11	torre de Belem	torre de S. Julião
201	19	eminente	imminente
202	13	delles	della
222	9	exacração	execração
279	12	Font	Pont
292	8 e 9	do quadrante do sul	dos quadrantes do sul
302	2	nos tramas	nas tramas
311	15	pontefícios	pontificios
311	15	Alemanha	Austria
338	17	brocos	broccolos
341	2 e 3	até os alicerces	até aos alicerces
358	37	é de querer	é de crer
379	35	Francisco Antonio	Luiz Antonio
393	20	Sartorins	Sartorius
417	29	cassa	caça
433	34	oito	sete
482	13 e 14	os ministros e secretarios d'estado	os ministros e secretarios d'estado de D. Miguel
510	11 e 12	da sua causa publica	da causa publica
533	26	se buscavam	se buscava

HISTORIA

DO

CERCO DO PORTO.

CAPITULO I.

O general visconde do Pezo da Regoa, dando sem vantagem os seus primeiros ataques ao Porto, e á Serra do Pilar, deita-se depois a levantar baterias, e a construir o seu campo intrincheirado com o manifesto fim de estabelecer o bloqueio daquella cidade, a que ainda no dia 29 de setembro dá um novo, e decisivo ataque, e depois á Serra em 14 de outubro com consideravel perda pela sua parte, circumstancia que o leva a pedir mais gente para Lisboa, e occasiona a vinda de D. Miguel para as provincias do Norte, sendo a final demittido do commando do exercito, e substituido pelo general Santa-Martha. Este, adoptando o systema da guerra passiva, leva ao ultimo apuro as fortificações do seu campo, bombea o Porto por grande numero de baterias, e estabelece contra esta cidade o mais completo estado de sitio, até fechar de todo a barra do Douro, com grande terror, e lastima dos constitucionaes, que apesar dos seus triumphos de terra, e mar, luctavam já com grande apuro de meios, e falta de gente, que só podiam obter de paiz estrangeiro, depois de terem pedido em seu favor a mediação ingleza.

A triste jornada de Souto Redondo, e os seus funestos effeitos andavam impressos na carregada fisionomia de todos os habitantes, e defensores do Porto, que a voz baixa, ou comsigo mesmo, delles incessantemente murmuravam nos primeiros tempos, e para elles incessantemente olhavam como para esses terriveis caracteres, annuncio da proxima destruição de um antigo povo, escriptos sobre a muralha de Babylonia por uma misteriosa, e desconhecida mão diante de Balthazar. O mesmo D. Pedro não pôde resistir ao geral sentimento de tão avultado desastre, e julgando-se perdido, lembranças lhe occorreram até de procurar refugio a bordo

da fragata ingleza *Stag*, que cruzava em frente da barra [1]. Foi o coronel Hare, que tão relevantes serviços prestára á causa constitucional pela sensatez de seus conselhos, e acêrto das suas opiniões militares, quem nesta melindrosa conjunctura fez conhecer a D. Pedro o desaire de tão imprudente passo, e o descredito que forçosamente lhe havia de acarretar na Europa quando o realisasse, vendo-se que deixava ao desamparo o Porto, e aquelle mesmo exercito, que por sua causa, e apoiado no prestigio do seu nome, viera arrostar os perigos de tão arriscada guerra, particularmente podendo elle ter a certeza de que nunca lhe faltariam embarcações de guerra inglezas, que o recebessem a elle, e á sua comitiva, quando naquella cidade se não podesse conservar por mais tempo. Estas razões commoveram tão promptamente o animo do regente, que abandonando logo tão ruim lembrança, continuou desde então por diante na sua resoluta, e corajosa marcha de se defender no Porto a todo o risco. Já se vê pois que o apuro das circumstancias tornava bem evidente, e palpavel o erro de tanto se ter confiado em vão no nome de D. Pedro desde a sua chegada aos Açôres. Todos os que haviam cercado este principe lhe apresentaram nas proximidades da sua partida daquelle archipelago para Portugal o lisongeiro quadro das suas fantasticas combinações, ou das suas imaginadas probabilidades de victoria; mas as suas crenças, ou antes as suas proprias vontades, e desejos, tinham-lhes exagerado consideravelmente as suas conjecturas, levando-os a antecipar como favoraveis acontecimentos, que aliàs lhes deviam sahir contrarios, segundo o calculo de todas as probabilidades humanas. Os factos que agora os surprehendiam bem mostravam quanto fallazes haviam sido todas as hypotheses da sua desejada victoria. Aqui, como em muitas outras cousas, se vê quanto os homens da

[1] Esta tentação de D. Pedro correo tão duvidosamente no publico, que muitos o reputaram sempre sobranceiro a todas as seducções a tal respeito; mas pessoa de todo o credito, e que estava bem ao alcance do que se passava, me affirmou o facto, e me remetteo até para o testemunho do coronel Hare, nas mãos do qual param certamente ainda hoje as provas do que aqui vae escripto.

politica, e da governança se devem esmerar em descriminar sempre a realidade dos factos das suas proprias conjecturas, e desejos. A opinião que os conselheiros de D. Pedro tomaram como fundada no espirito publico, e no seu imaginado enthusiasmo nacional, suppondo que aquelle principe não precisava para desarmar os seus inimigos mais do que apresentar-se-lhes diante, e que por conseguinte o Exercito Libertador não tinha a fazer mais do que uma marcha triumphal desde as margens do Douro até ás do Tejo, devia completamente desvanecer-se desde o seu desembarque nas praias do Mindello: e todavia tarde, e muito tarde veio o desengano. A tenacidade das crenças a tal respeito nem mesmo em presença dos factos que as contrariavam, se podiam desvanecer inteiramente. Que mal se não tinha pois calculado a resistencia, que a causa da usurpação podia oppôr á da legitimidade! Foi necessario que uma serie de experiencias trouxesse para os mais incredulos o salutar desengano do que tão imprudentemente, e sem maior fundamento se havia imaginado. As esperanças, desvanecidas de dia para dia, vieram sómente a cahir em presença dos dados mais positivos, ou dos acontecimentos que não admittiam contra. Só quando D. Pedro, e os seus companheiros, se viram sós, e cercados por toda a parte de um numerosissimo exercito, é que conheceram bem as illusões, que até alli os haviam arrastado. Foi então que claramente se vio o mal que resultára de se não haver em seguida ao desembarque do Mindello marchado logo com toda a força reunida sobre o inimigo mais proximo. A descoberta, ou reconhecimento de Vallongo, emprehendido contra forças inimigas seis vezes superiores ás dos constitucionaes, tirára ao Exercito Libertador o prestigio da victoria, ficando-se desde então por diante conhecendo sem prevenção de lisonja, que os constitucionaes eram uns poucos de homens, que vinham agredir outros homens, mas de escasso vulto pela sua parte, e consideravelmente crescido pela do lado opposto. Na acção de Ponte-Ferreira o inimigo fugira por fraco; mas a falta de cavallaria sentio-se então no seu auge nas fileiras de D. Pedro,

e essa sua amargurada victoria bem cara lhe custou pela irreparavel perda de gente, que soffreo, e sobre tudo pela propinquidade da perda do Porto, e pela vergonha de vêr fugir precipitadamente para bordo de uma embarcação, além dos seus ministros, e conselheiros, muitos officiaes de nome, e de antiga, e bem comprovada reputação militar. Todas as tentativas para levar o reino a uma sublevação tinham completamente falhado: duas escunas, que no principio de agosto appareceram em frente da Figueira, tiveram de retirar d'alli sem poder communicar com a terra; um bergantim de D. Pedro, carregado d'armas, e provido de dinheiro, procurára tambem sem fructo a barra de Aveiro, para municiar, e soccorrer alguns corpos de guerrilhas, que se davam como existentes na Beira, mas estas guerrilhas, pequenas em numero, e deixando a sua antiga guarida das serras da Estrella, Bussaco, e Boialvo, para se aproximarem de Coimbra, foram finalmente surprehendidas na matta da cortiça, junto de Penacova, fugindo uns, e sendo immediatamente fuzilados outros. O guerrilheiro, frei Simão, que no Porto tinha adquirido algum nome pelas correrias, que d'alli fizera sobre as immediações da cidade, teve na ultima dellas a desgraça de ser cortado pelo inimigo, e de correr depois sobre S. Pedro do Sul pela estrada de Treita, e Cabreiros, até ir metter-se n'um corgo da ribeira de Raques, nas fraldas da serra de Treita, onde teve de entregar-se á descripção, depois de um vivo fogo em que consummio todas as munições, sendo a final executado em Vizeu com mais doze dos seus infelizes companheiros. O exercito realista, firme como se mostrava nas bandeiras da usurpação, tenaz como na sua defeza se apresentára em todos os recontros, que tivera contra os constitucionaes, dava bem a entender que o principe, cuja causa abraçára, tinha entre elle, e o povo portuguez o mesmo fanatismo que entre os seus tinha D. Pedro, e por conseguinte que este devia renunciar a todas as lisongeiras esperanças de alcançar a mais pequena vantagem, que a força das armas lhe não conseguisse. Esse mesmo exercito, fanatisado como estava por D. Miguel, via-

se já em volta do Porto, ameaçando decididamente a cidade de um cêrco em que todas as probabilidades eram contra os sitiados: e todavia nem D. Pedro se resolvia ainda a lançar-se abertamente na defensiva, nem os seus ministros, vendo proxima a estação invernosa, se entregavam ao cuidado de fazer o mais pequeno deposito para munições de bôca, e de guerra. Posta pois a realidade do cêrco, e tolhidas as communicações, e soccorros do interior com o Porto, só restava a esperança do abastecimento por mar, abastecimento a que os temporaes do inverno haviam de pôr limites, mas que felizmente não foram o mais duro inimigo para os constitucionaes: pedia pois a razão, exigiam-o as cautellas, e a continuação da guerra que quanto antes se fizessem semelhantes depositos na imminencia do sitio, que já se estava sentindo, o que todavia se não fez.

N'um conselho militar, que na noite de 7 para 8 de agosto se convocára depois dos funestos acontecimentos de Souto Redondo, e que durára até á uma hora da madrugada, se ventilou a questão de occupar-se, ou não, e defender-se difinitivamente o Porto, attenta a natureza do seu terreno, a extensão do seu recinto, e das obras que para tal fim demandava. O terror, que aquelles mesmos acontecimentos determinaram n'alguns dos membros deste conselho, não só os pozera em estado de exagerarem os perigos, que a sua imaginação lhes pintava, mas até os arrastára ao voto do total abandono do Porto, isto é, á manifesta repetição das vergonhosas scenas do vapor *Belfast* em 1828, estribados, como então, nos especiosos pretextos de que os moradores daquella cidade se não deviam expôr ás calamidades de um sitio de tão sinistros auspicios. Alguem sustentou alli a necessidade de mudar a base das operações militares para outro ponto mais defensavel, e em communicação com o mar; e outros houve finalmente que julgavam se devia penetrar pelo interior do paiz, ou então por uma especie de contramarcha ir por mar desembarcar n'algum ponto do Sul, quando as tropas inimigas estivessem já em força no Norte.

Nada porém se decidio neste primeiro conselho [1]: as incertezas da guerra continuariam como d'antes, a não ter plano fixo, e o quadro, que tão carregado, e negro se apresentava para o futuro, seria como até alli abandonado ao mero acaso, se D. Pedro, levado mais por inspiração propria, e pelos desejos de entreter a espectação publica, do que por uma resolução fixa, e bem concertada na opinião dos seus generaes, não tomasse por si a decisão de progredir com o systema das fortificações do Porto, e com ella lhe não sobreviesse a idéa de se defender dentro de taes fortificações até á ultima extremidade, porque em fim desvanecidas as primeiras impressões do funesto dia 7 de agosto, senão passou a viver satisfeito, entregou-se pelo menos aos cuidados de remediar como lhe era possivel os seus passados desastres. Deste modo, sendo em si mesma de tão terriveis effeitos a vergonhosa debandada de Souto Redondo, não se póde todavia deixar de olhar como de summa vantagem para a causa constitucional pelo desengano que por fim produzira em D. Pedro, de que o seu nome nada valia nas fileiras dos seus contrarios, e não menos pela convicção que lhe trouxe da necessidade de se fortificar quanto antes no Porto. E é muito para lamentar que neste seu systema de fortificações se não curasse de conservar desde logo como livres, cobrindo-as igualmente das surprezas do inimigo, as communicações do Porto com o mar, não sómente para haver os generos de que se necessitava, mas para receber tambem os reforços de braços de que tanto se carecia, o material de guerra, e os meios pecuniarios, sem os quaes o Exercito Libertador seria dentro em breve levado ou a render-se por falta de mantimentos, ou a entregar-se por falta de munições. Conseguintemente a Foz, e todo o mais terreno que de lá vem até Lordello, os pontos mais culminantes da margem esquerda do Douro, os que a cavalleiro do-

[1] Chegou a correr com toda a voga no publico, e o proprio José Xavier Mouzinho da Silveira, ministro que foi da justiça, e fazenda no Porto, o affirmou nas Côrtes em 1834, que o resultado deste conselho fôra o difinitivo abandono daquella cidade: entretanto eu sigo a negativa, feita a tal respeito na mesma occasião pelo ministro da guerra, Agostinho José Freire.

minam, ou flanqueiam o Porto, os que lhe podiam embaraçar, e obstruir a barra, taes como o alto da Bandeira, o antigo castello de Gaia, a Furada, a Pedra do Cão, junto do Cabedello, e sobre tudo a formidavel posição da Serra do Pilar, cuja importancia já em 1809 fôra reconhecida pelo marechal Soult, não foram incluidos na primeira linha de defeza, posto que esta ultima posição o viesse a ser depois com o tempo: com o mesmo desacerto se abandonaram tambem pela margem do Norte as importantes alturas do Regado, das Antas, Covello, e até a posição de Lordello, tão necessaria para ligar o Porto com a Foz. Verdade é que a experiencia, como a melhor mestra da arte, e as circumstancias occorrentes foram depois esclarecendo as idêas, illustrando as intelligencias, dando mais conhecimento das vantagens do terreno, e finalmente formando a opinião, que successivamente foi remediando os descuidos commettidos da parte de D. Pedro, e de não menor monta da parte do inimigo, que escolhendo posições nas visinhanças da cidade, incorreo no seu fatal erro de se não assenhorear da Foz, erro tão irremedeavel, de que só mais tarde lhe veio a conhecer bem todos os funestos effeitos: os olhos viam, mas a reflexão é que não attendia, nem estava formado o habito de applicar a theoria á pratica. Deste modo o sitio, e a defeza do Porto anteviam-se já de parte a parte até meado de agosto de 1832, mas como um desses principios luminosos, dessas verdades d'alta importancia, que uma intelligencia superior está proxima de alcançar, mas que a obscuridade do momento retem ainda antes da sua manifesta descoberta.

Só D. Pedro, arrebatado dos desejos de conservar um nome de bravo, e corajoso capitão, que de certo se não ganha sem correr os riscos da guerra, dotado de uma convicção tão forte, que o levava ao enthusiasmo pela sua causa, e de uma vontade tão prompta, e decidida, quanto o podia ser, inspirado por todos aquelles sentimentos, era capaz de tirar a defeza do Porto da molle apathia em que até então estivera submergida: só o seu nome, e o seu exem-

plo podiam acabar de uma vez com a irresolução, e inercia de que eram já victimas muitos dos que o rodeavam, levando-os áquella ardente paixão de gloria, que tanto mais tenaz, e persistente se torna, quanto maior é o cúmulo das difficuldades que encontra. Foi assim que D. Pedro, confiando na bravura, e fidelidade dos seus soldados, metteo hombros á empreza com toda a perseverança, e zêlo, contando que os seus desejos, e fadigas seriam coroados com a mais exemplar disciplina do seu pequeno exercito, cujo credito entendeo restaurar teimando na defeza do Porto. Debaixo do fervor das suas immediatas vistas, das repetidas visitas que durante o dia fazia aos pontos, que fortificava, se foram pois levantando cóm incrivel celeridade as famosas linhas do Porto, todas ellas devidas á energia, e actividade de D. Pedro. Semelhantes ao que já tinham sido em 1809, corria uma destas linhas pelo interior da cidade, formada por parapeitos, travezes, e cortaduras n'algumas ruas, com fornilhos, e rastilhos nas entradas da mesma cidade; a outra cingia-a pela parte de fóra com extensos parapeitos, numerosas trincheiras, e fossos, guarnecidos de estacadas, e abatizes: pelas differentes alturas, e pontos culminantes se levantavam tambem multiplicados reductos, e baterias, e por este modo se estendiam estas fortificações desde a quinta da China, e Campanhã, a Leste da cidade, até áquem de Lordello pela parte de Oeste, dirigindo-se pela Lomba, igreja do Bomfim, ermida do Captivo, Aguardente, Monte Pedral, Carvalhido, Bomsuccesso, e casa do conego Teixeira, ficando assim de fóra, como já se disse, as importantes alturas do Regado, Antas, Covello, Lordello, e todo o mais terreno, que na extensão de duas milhas se estende desde aqui até á Foz. Na margem do Sul do Douro algumas ligeiras fortificações se começaram tambem a fazer na Serra do Pilar por ordem do governador militar do Porto, trabalhos que não merecendo por então a inteira approvação de D. Pedro, não foram todavia d'encontro ás suas expressas determinações. Ainda assim o exercito constitucional era bastante escasso para tão extensa empreza; faltavam-lhe braços nas suas fileiras

para devidamente guarnecer tão avultada linha, e d'ahi nasceo não se poderem logo occupar muitos outros pontos, tanto n'uma, como n'outra margem do Douro, posto que as vantagens d'alguns não fossem inteiramente desconhecidas. Com esta falta se reunia tambem a do tempo, elemento indispensavel para o acabamento, e perfeição de todas as cousas, quando por toda a forma urgia a imminencia dos riscos, e a grande penuria dos trabalhadores, que tornava o mal duplicadamente funesto, conspirando assim todas estas causas para se não emprehenderem muitas obras simultaneamente, sob pena de nenhuma se concluir com a rapidez que o aperto das circumstancias exigia. Na escacez dos meios de que se dispunha, a obra foi sempre medrando, e adiantando-se com a diligencia, porque as mesmas tropas, que haviam de guarnecer as linhas, eram as que tambem assistiam á construcção da fabrica, que em parte se commetteo aos commandantes dos corpos nos districtos, cuja defeza lhes fôra confiada, expediente que foi assás importante para a brevidade do apêrto, e maior solidez dos trabalhos. Das vias publicas, das quintas, e terrenos de particulares se foram tirar os pinheiros, e as mais arvores necessarias para as trincheiras, e estacadas, para a construcção de barracões, que servissem como de quartel á tropa: estas causas, reunidas com a procura de combustivel para os ranchos, limparam dentro em pouco tempo todos os terrenos em volta do Porto, ficando assim inteiramente despidos de arvoredos por mais respeitaveis que fossem as suas dimensões, e antiguidade. Entre tanto era sobre os habitantes do Porto que mais particularmente recahiam os trabalhos das fachinas, e obras de fortificação, dando por turno os braços necessarios para semelhantes obras, ou fornecendo aos cabos de policia uma certa quantia com que depois se pagava aos jornaleiros, e homens de trabalho, que para este fim se andavam todas as manhãs apprehendendo pelas praças, e ruas da cidade. Desde então tudo se aproveitou com incrivel bôa vontade, e diligencia nas mãos dos constitucionaes, que de tudo careciam para sua salvação, e segurança. As cincoenta bôcas de fogo, aban-

donadas pelo general Santa Martha no Trem, ou no Arsenal do Porto, ainda que muitas dellas velhas, todas com o andar do tempo se foram successivamente mettendo em bateria, cabendo igual sorte a dois morteiros de bronze de 16 pollegadas, que á porta do mesmo Trem se encontraram, com grande quantidade de granadas, e ballas razas, separadas depois calibre por calibre, pela mistura informe em que umas com outras se achavam. A promptificação das plataformas, e reparos, alguns dos quaes o mesmo D. Pedro delineára, nãoe mbaraçou pouco o completo estado da guarnição dos reductos; mas de tantos, e tão variados trabalhos, que a construcção, e guarnição das respectivas linhas demandavam, não se póde dizer que houvesse em todo o mez de agosto mais do que os primeiros traços das obras, que para a defeza do Porto se precisavam, ou para dentro dellas se poder devidamente abrigar o Exercito Libertador.

De todos estes trabalhos era effectivamente D. Pedro a alma, e o centro; a sua extraordinaria actividade, e perseverança a tudo e em toda a parte estava sempre presente, parecendo que nesta defeza mais presava a honra de soldado, que a fama de capitão. Em quanto por um lado progredia o alistamento, e armamento dos corpos nacionaes, por outro attendia-se igualmente a todos os mais arranjos necessarios a tão activo estado de guerra: foi assim que se deo maior extensão ao Trem militar, que se formou um arsenal, que se crearam os laboratorios de polvora, de cartuxame, de mixtos, e de projecteis de toda a especie. Ao passo que progressivamente iam avultando os meios de defeza do Porto, despediam-se igualmente todos os transportes, que ainda se achavam ancorados defronte da barra do Douro, e chegaram quasi ao seu estado de aperfeiçoamento as baterias, e reductos de Massarellos, que impediam a entrada da cidade pelo caminho da Foz, da Lomba, quinta da China, e Bomfim, delineando-se a par destas as baterias do Sério, Congregados, Aguardente, Monte Pedral, Senhora da Gloria, Bomsuccesso, Cemiterio dos inglezes, Torre da Marca, Victoria, e Seminario. A todas estas baterias, e redu-

ctos se dirigia frequentemente D. Pedro durante a sua construcção, e depois della, não só para vigiar, e presidir aos seus respectivos trabalhos, mas para observar igualmente o inimigo, contra o qual fazia alguns tiros, que os habitantes do Porto tomaram nos primeiros dias como outros tantos signaes de acommettimento, e ataque nas linhas. Assim levantava elle os animos abatidos destes mesmos habitantes, em quem a pouco e pouco foi pelo seu exemplo gerando brios marciaes, e cimentando cada vez mais a crença de que a defeza da cidade, confiada ao Exercito Libertador, seria levada até á ultima extremidade, e de que neste mesmo exercito achariam seguro amparo para si, para a sua fortuna, e familia. Mas este estado de crença não foi obra do momento; veio atraz do tempo o habito da guerra, que não se adquire em pouco, e tanto mais que o abandono por que tinham passado em 1828 estava ainda presente na lembrança de todos. Foi por isso que os primeiros effeitos do sitio não poderam deixar de contristar os animos; as subsistencias começavam a rarefazer-se, subindo proporcionalmente de preço, á medida que crescia a sua raridade. As detonações das peças em bateria, e o fogo de fuzilaria, mais ou menos entretido já nos postos avançados, eram uma novidade com que os espiritos mal podiam ainda familiarisar-se. Esta attitude militar do Porto, e este continuado estado de guerra contrastavam tanto mais com os antigos habitos dos moradores do Porto, quanto deversificam entre si os cuidados, as vigilias, e as durezas de uma vida essencialmente activa, passada n'um acampamento intrincheirado, observado de perto pelo inimigo, do espirito emprehendedor, commercial, e d'industria dos habitantes de uma cidade, tal como o Porto, dada essencialmente a especulações de semelhante natureza, e de continuo occupada na vasta extensão, e aperfeiçoamento de seus trabalhos artisticos. A suspensão destes trabalhos, a paralisação do commercio externo, e interno, o pêso dos aboletamentos, os excessos, e exigencias de alguns aboletados, o serviço pessoal das fachinas, ou o pagamento dos jornaes aos que por outrem iam

trabalhar na construcção das linhas, as suas quintas, terras, e casas de campo devastadas, e devassadas nos pontos por onde as mesmas linhas passavam, a vista dos feridos, que de quando em quando se acarretavam já para os hospitaes, e finalmente o apparecimento da esquadra miguelista, ameaçando igualmente aquella cidade de um bloqueio por mar, lançavam o terror, e a magoa no centro de muitas familias, algumas das quaes pela sua falta de meios, pelos seus cuidados na subsistencia futura, e pelo esmorecimento geral, que evidentemente se divisava em todas as classes, não se recatavam em patentear signaes de tristeza aos seus mesmos aboletados, queixando-se da mesquinha sorte a que as tinha reduzido o presente estado de guerra. Na Chronica do Porto, ou periodico official do governo, se publicaram artigos, aconselhando os mais timidos a que sahissem da cidade, e a deixassem aos que a todo o custo nella se propunham a sustentar a causa da Liberdade. O mesmo governador militar do Porto mandou que, como incursos na pena de morte, fossem immediatamente presos, e conduzidos á sua presença quaesquer individuos, que em tempo de guerra, e n'uma praça militar, como aquella cidade estava sendo olhada, se achassem difundindo o terror; os não alistados tiveram ordem para não sahirem de casa durante as noites em que houvesse movimento de tropas, ou combate com os inimigos; e para obstar quanto possivel fosse á escacez de viveres, prohibiu-se finalmente a sahida de carros, ou cargas de generos de primeira necessidade para fóra do Porto, provendo-se todavia no modo por que podiam ser levados aos moradores suburbanos.

Para cumulo do desalento a esquadra constitucional, que depois do desembarque do Mindello se retirára para a foz do Tejo, resolvida a bloquear Lisboa e Setubal, appareceu nas agoas do Douro com todas as apparencias de vencida, porque tendo já tido no dia 10 de agosto um pequeno recontro com a esquadra miguelista, de que ambas ellas se retiraram com alguma avaria na sua màstreação e maçame, vinha na frente della endireitando com o rumo do Norte. A

consternação, e o susto recresceu então na proporção do perigo, vendo-se as forças constitucionaes, depois de reforçadas já por alguns brigues mercantes, armados em guerra, que o governo lhes pudera mandar, como fugidas diante de um inimigo, que a todos se antolhava vencedor. Ainda que o engano foi curto, todavia as informações soltas, ou noticias vagas, que então se publicaram pela imprensa sobre o combate naval, sem caracter official, em vez de aquietarem, vieram desassocegar ainda mais a anxiedade publica pela reserva com que pareciam sér dadas. « Ahi vem a esquadra « inimiga, dizia por este tempo um artigo da Chronica do « Porto, lá vem a nossa; vieram os guerrilhas até Rio Tin- « to; foram as nossas avançadas até tal ou tal ponto, eis a « conversação do dia, no que gastam inutilmente o tempo « os ociosos, os indifferentes, e os inimigos da rainha, e da « Liberdade. Uma espingarda ás costas, patrona cheia de « cartuxos, uma espada bem afiada, uma enchada, ou pica- « reto, ou machado, um cesto, eis os instrumentos de que « deve já lançar mão todo o cidadão. Reunir-se aos batalhões « moveis, ou fixos, e adestrar-se para repellir o inimigo; « cavar a terra, e ajudar a formar os fossos; quebrar as « pedras, e carrega-las até ao logar dos fortes; ser em fim « util á patria, e concorrer da maneira que puder para o « triumpho da causa publica, eis a unica occupação digna do « *homem*, que tem honra, brio, e vergonha, que tem uma « *patria* a quem deseja vêr livre e desopprimida. » A esta anxiedade veio todavia pôr côbro a mesma esquadra inimiga, porque dirigindo-se a Villa do Conde, onde desembarcára algumas munições para o seu exercito, e tendo dado logar a igual desembarque dellas na Figueira, e Aveiro, principal fim com que dizem sahira do Tejo, procurára novamente a barra de Lisboa [1]. A crença de que o inimigo alli entrára fugido, se não era verdadeira, teve pelo menos o mesmo resultado entre os constitucionaes, cujas forças navaes, reparadas com estranha brevidade, tornaram novamente para o

[1] No dia 18 de agosto.

bloqueio de Lisboa [1], nas vistas de se assenhorearem dos mares, de fazerem as possiveis presas, e tolherem de todo o commercio, conseguindo com effeito apresarem alguns navios importantes, sendo o mais notavel delles a charrua da India S. João Magnanimo, ou Maia Cardoso.

Eis-aqui pois D. Pedro, e o Exercito Libertador, tão diminuto na sua primitiva origem, e desfalcado pelos combates que sustentára, e deserções que quotidianamente soffria, limitando todas as suas esperanças á unica defeza, e conservação do Porto, para onde tinham já attrahido um consideravel numero de tropas inimigas [2], e chamando para lá, e para as suas immediações todo o theatro da guerra, cuja duração ameaçava ser tão longa, e protrahida, quanto bem sustentada de parte a parte; mas para isto se conseguir necessario era tambem aos constitucionaes remediarem a sua grande falta de meios, um outro mal dos mais graves, que contra si tinham, e que não concorreu pouco para esfriar os ardentes zelos com que D. Pedro buscava soprar o amortecido fogo da Liberdade entre os seus partidistas, e arrancar os moradores do Porto á perigosa indifferença, que pela sua causa tinham nos primeiros tempos mostrado. Logo que chegára ao Porto havia lançado mão de todos os meios, que as circumstancias lhe depararam, authorisando o thesoureiro geral da comarca para receber todos os fundos do Estado, e satisfazer igualmente com elles todas as despezas publicas: foi assim que elle se fez apropriar dos cofres da

[1] Estas forças, commandadas pelo almirante Sartorius, compunham-se de duas fragatas, um bergantim, e dois barcos de vapor, além de algumas escunas, sahindo mais adiante de barra em fóra para se lhes reunirem tres galeras barcas, armadas em corvetas, e mais dois bergantins. As fragatas eram a Rainha de Portugal, e a D. Maria 2.ª; as corvetas a Constituição, a Portuense, e a Regencia de Portugal; os brigues o Vinte e tres de Julho, o Mindello, e o conde de Villa-Flôr. As forças miguelistas, que do Tejo haviam sahido, commandadas pelo chefe de esquadra, João Felix Pereira de Campos, compunham-se da náo D. João 6.°, da fragata Princeza Real, das corvetas Cybelle, e Isabel Maria, dos bergantins Audaz, Providencia, e Vinte e dois de Fevereiro.

[2] Avultavam já neste tempo a 25:000 homens, e esperavam-se dentro em pouco mais 10:000, que constituiam a terceira divisão do exercito de D. Miguel.

mitra, e das quantias apuradas nas administrações do tabaco, companhia das vinhas do alto Douro, e contracto do consulado d'Alfandega. Mas todos estes meios se mostravam, além d'insufficientes, mesquinhos: e para mais fatalidade para o seu exercito o proprio ministro da fazenda, José Xavier Mouzinho da Silveira, julgando que o governo devia em tudo dar provas das suas intenções pacificas, do seu decidido respeito para com o direito de propriedade, e finalmente do seu amor á justiça, não obstante as circumstancias excepcionaes em que se achava collocado, como se devessem ser reguladas pelas dos tempos ordinarios, tinha já nos Açores levantado os sequestros nos beus dos miguelistas, e opposto no Porto a mais viva resistencia aos seus collegas, que de facto queriam considerar a cidade em estado de sitio, ou praça de guerra, occupada como estava sendo militarmente, recusando-se a par disto ao respeito que elle pertendia mostrar pela propriedade inimiga, para sobre a dos amigos se não fazer recahir, como depois succedeu, todo o peso dos sacrificios, que necessariamente se haviam de empregar. Mouzinho, que com as suas intempestivas leis julgára chamar para as fileiras de D. Pedro tantos soldados fieis, quantos eram no paiz os individuos por ellas beneficiados, enganára-se completamente, não encontrando mais do que pertinaz perseverança nas bandeiras inimigas, e decidida obstinação de peleja nas tropas de D. Miguel: e todavia nem desistia do seu systema, nem abandonava a sua crença de que no seu devido tempo haviam as mesmas leis de produzir forçosamente os seus imaginados effeitos. Na falta pois dos sequestros tinha o ministro da guerra recorrido ao expediente de mandar passar *vales* pelo fornecimento do exercito; mas o seu collega da fazenda publicou logo pela imprensa uma portaria, dirigida ao thesoureiro geral, convidando os possuidores delles a irem receber a sua respectiva importancia, obrigando-se á consignação de um conto de réis por dia para occorrer ás despezas do commissariado, obrigação a que logo faltou no fim de dez dias, chegando até a expedir áquelle mesmo thesoureiro uma outra portaria, que se não publicou, para

cessar com o pagamento de semelhante consignação. Deste modo se fez promptamente sentir a carencia de meios até no fornecimento do exercito, remediando-se este mal como podia fazer-se, recorrendo-se ao credito, ou antes ás efficazes diligencias de alguns empregados, que em pouco tempo chamaram sobre o commissariado os mais avultados alcances.

Esta grande falta de recursos já em principios de agosto tinha chegado ao seu auge, como era bem d'esperar, porque concentrado o governo constitucional no Porto, e vendo-se obrigado a sustentar, e a fornecer um exercito, a manter uma esquadra, e a custear todas as avultadas, e inevitaveis despezas da guerra, não só tinha estancado todas as suas fontes de receita n'aquella cidade, mas nem credito tinha já para alcançar mais dinheiro dentro, ou fóra do paiz, submergido como estava n'um consideravel empenho, consumidas todas as entradas ajustadas para os pagamentos do emprestimo anteriormente contrahido para a expedição, e esgotados finalmente todos os meios, que á sua disposição puzera a commissão dos aprestos em Londres, tão embaraçada tambem pela sua parte com os repetidos pedidos, as multiplicadas requisições, e os avultados saques sobre ella feitos pelo governo do Porto. Por uma nova fatalidade esta mesma commissão, reduzida apenas a Manoel Gonçalves de Miranda, e a J. A. y Mendizabal, depois da vinda de Sartorius para Portugal, fazia em Inglaterra muito máo officio, quanto aos negocios da sua gerencia e fiscalisação: Miranda, não sabendo onde as cousas se vendiam, não conhecendo os corretores, nem os vendedores, e ignorando até os preços correntes, era um membro perfeitamente nullo na commissão, reduzida de facto a Mendizabal, o agente unico, que aprompta va o necessario para a manutenção, e augmento do exercito, e o que por conta dos emprestadores ia fazer as compras, tratar dos equipamentos e fardamentos, alistar recrutas de mar e de terra para o exercito do Porto. Nos fins do mez de julho achava-se pois esta commissão n'um avultado alcance de £ 40:000, quando em Inglaterra se soube do resultado das acções de 22 e 23 do mesmo mez. Estas no-

ticias, reunidas á derrota de Souto Redondo, e á determinação de fortificar o Porto, produziram alli entre os amigos da causa portugueza, e sobre tudo nas combinações, e calculos dos emprestadores, o maior desalento, accrescentado de mais a mais pelos boatos falsos, e exaggeradas conjecturas, que sempre em taes circumstancias apparecem. A casa de Carbonell em Londres, o unico agente da commissão fóra della, o seu directo credor, e o que por seus bens se tornára responsavel para com todos aquelles que forneciam fundos, vendiam embarcações, e negociavam todos os mais effeitos necessarios para o Porto, immediatamente se ressentio do descredito do governo de D. Pedro, da inefficacia das suas armas, e do nenhum prestigio do seu nome, confundida moralmente esta casa com o mesmo governo de D. Pedro, posto que não legalmente, por intermedio da citada commissão. Na presença de tão duras circumstancias, e na urgencia de lances de tamanho apuro, novas difficuldades se vieram ainda mais misturar com tão ruim estado de cousas: o gabinete de Madrid, o principal apoio da causa da usurpação neste reino, e o que com ella identificára a sua propria existencia, não admittindo quebra, nem possibilidade de modificar o regimen absoluto, que tão duramente fazia pesar na Hespanha desde 1823, achava-se disposto a interferir decididamente a favor de D. Miguel, ministrando-lhe como *tal* todos os soccorros de gente e munições, que lhe podessem ser necessarios para debelar os constitucionaes no Porto. Não havia por ora argumentos positivos para se realisar a promptificação de semelhantes soccorros; mas as disposições do gabinete de Madrid pareciam ser bem patentes a tal respeito.

Não era difficil levar dentro em pouco o Exercito Libertador a uma capitulação, realisada que fosse a intervenção hespanhola, e para lhe obstar é que D. Pedro appellou então para a politica externa, e recorreu á intervenção ingleza, fazendo sahir do Porto para Inglaterra [1], como plenipotenciario junto á côrte de Londres, o marquez de Palmella,

[1] Em principios de agosto.

que além da sua missão diplomatica [1] levava, com não menos recommendação e empenho, a incumbencia de negociar para um fim determinado, que se não realisou, e sobre uma hypotheca de cinco mil pipas de vinho de Villa Nova, um emprestimo supplementar de £ 600:000, que tanto se julgavam precisas para alistar mais crescido numero d'estrangeiros, para comprar até 300 cavallos e arreios, e para finalmente adquirir uma embarcação de grande lote, que se podesse armar em náo raza. Entretanto a chegada do marquez de Palmella a Londres acabou de difundir o desalento nos amigos da causa portugueza, correndo logo que o seu unico e mais importante fim era o sollicitar a mediação do governo inglez [2], dando-se a mesma commissão para junto do governo francez a D. Francisco d'Almeida, que por este tempo tivera em S. Cloud uma audiencia do rei dos francezes, a quem entregára uma carta de D. Pedro [3]. Desde então os periodicos liberaes inglezes deram-se á publicação de numerosos artigos a favor dos constitucionaes do Porto, e discorrendo sobre a materia, ou reputavam chegada a necessidade da interferencia ingleza, ou a opportunidade do governo da rainha de Portugal, estabelecido já em territorio do continente europeo, ser reconhecido de facto, tendo-o já sido de direito: alguns houve que fallaram até em conferencias mais ou menos frequentes entre Palmella e lord Palmerston, ministro dos negocios estrangeiros em Londres, que se dava como pouco inclinado á pedida interferencia, em quanto a Hespanha não désse sufficiente motivo para ella, ainda que resolvido estivesse a tratar deste negócio em conselho de gabinete. No parlamento britannico perguntou-se

[1] O governo tem até hoje guardado o mais completo sigillo sobre a missão diplomatica do marquez de Palmella; mas o seu objecto collige-se dos artigos publicados por este tempo pela imprensa periodica de Londres, pelas fallas do parlamento inglez por esta mesma occasião, e finalmente por ser nesta conjunctura que o gabinete de S. James authorisou em Lisboa lord William Russell para intervir a favor de D. Pedro, no caso de que a Hespanha interviesse a favor de D. Miguel, como o mesmo Palmella participou para o Porto.

[2] Veja o *Times* de 8 de agosto.

[3] Assim o affirmou o *Courier*, e o *Morning Herald*.

até na camara dos lords[1] pelo estado da questão portugueza, e chamou-se seriamente sobre ella a attenção do governo, que foi além disso accusado pelo partido *tory* de conservar a bordo da sua esquadra no Tejo um official general sem tropa para commandar, mas munido de poderes discricionarios quanto á paz e á guerra, e posto que o ministerio declarasse continuar na neutralidade até então adoptada, e ter para este fim uma esquadra nos mares de Portugal, que embaraçasse a interferencia de outras potencias, e vigiasse de perto a marcha dos acontecimentos dentro e fóra do Douro, todavia accrescentou que lord William Russell tinha com effeito authoridade necessaria para obrar de certo modo, logo que se dessem certas circumstancias. A Inglaterra não se limitou sómente a mandar vigiar a Hespanha por meio de lord William Russell, mas receiando muito que a conducta do gabinete de Madrid de 1826 se renovasse em 1832, commissionou tambem o tenente coronel Lovell Badcock para pessoalmente ir observar o estado das praças fronteiras a Portugal, e ir depois a Madrid, mandando ao mesmo tempo para o Porto o coronel Hare, que alli estabeleceu a sua residencia, depois de ter ido para aquelle mesmo fim a Galliza.

A incumbencia dos agentes inglezes vigiarem cuidadosamente a conducta do gabinete de Madrid, para se não *intrometter* nos negocios de Portugal, datava do mez de julho; mas a authorisação mandada a lord William Russell para obrar de certa maneira, postas certas circumstancias, coincidia perfeitamente com a chegada do marquez de Palmella a Londres, ou pelo menos foi só por este tempo que a noticia de semelhante authorisação foi sabida no Porto, para onde o mesmo Palmella officiára de Londres, asseverando *ter o governo inglez authorisado em Lisboa um seu diplomata para intervir a favor da causa constitucional*[2]. A chegada destes officios ao Porto fez promptamente convocar

[1] Sessão de 15 de agosto.

[2] Veja a falla do ministro da marinha, Agostinho José Freire, na camara dos deputados, na Gazeta Official do Governo (pag. 740) de 1834.

um novo conselho militar, em que appareceu o rascunho de uma carta em francez; para se enviar para Lisboa a esse mesmo diplomata inglez, a quem taes officios se referiam, carta que nunca foi mandada ao seu destino pela divergencia das opiniões que houveram, querendo uns que nella se não dessem a conhecer as circumstancias do apuro a que alli tinha chegado o exercito, e sustentando outros a inutilidade de semelhante reserva, achando-se já no Porto por este tempo um agente inglez [1], que perfeitamente ao alcance do que alli se passava, de tudo forçosamente havia de instruir com toda a verdade o seu governo. Foi neste mesmo conselho que de novo se questionou o projecto de se penetrar no paiz, cousa que se não levou a effeito, fixando-se só então os membros do conselho na firme e salutar resolução de se conservar, e defender o Porto a todo o risco. Entregues assim ao resguardo da defensiva, ou cautos por esta maneira os animos em não arriscar batalha fóra das respectivas linhas, não é cousa de pequeno espanto o saber-se que tendo o ministerio de D. Pedro commettido ao marquez de Palmella a incumbencia de agenciar um emprestimo sobre os vinhos de Villa Nova, não fosse ainda assim possivel acceder Mouzinho da Silveira aos votos dos seus collegas, aos conselhos dos seus amigos, e aos brados de pessoas intelligentes, que incessantemente se lhe reuniam em torno, para retirar sobre a margem direita do Douro a immensa riqueza dos vinhos da companhia, e pô-los ao abrigo e protecção da authoridade legitima, perdendo por mais esta vez o seu mal entendido respeito á propriedade inimiga, nas mãos de quem ella ia forçosamente cahir com o abandono de Villa Nova, trazendo-lhe um consideravel augmento de recursos; mas não é de menos espanto o saber-se igualmente que decidida uma vez a guerra defensiva, e reconhecida e sentida a urgente necessidade de se buscarem meios de protrahir tal guerra, fossem depois todos os ministros os que, em desprezo das vivas instancias, que o mesmo marquez de Palmella lhes

[1] Era o coronel Hare.

fazia nos seus officios para lhe mandarem aquelles vinhos [1], unanimemente resolvessem em conselho não os retirar para o Porto, fundados em que se não devia provocar com semelhante empreza os ataques do inimigo, que a esse tempo já reunia avultadas forças em Souto Redondo, achando se por outro lado em consideravel atrazo os trabalhos de fortificação da Serra do Pilar. E não é com effeito uma tal resolução para pequeno espanto, porque até fins de setembro não era inteiramente difficil, com alguma audacia da parte dos constitucionaes, porque só por audacia podiam elles sustentar-se, retirar ainda os vinhos pedidos, não só pelos receios e vacilações em que o inimigo ainda estava para atacar o Porto, mas tambem pela irregularidade e incerteza dos seus planos a tal respeito, e não menos pela falta de meios de defeza de que ainda carecia no seu campo, para ao abrigo delles se retirar em caso de revez. Estes receios, e estas vacilações do inimigo vão ser em breve exuberantemente provados, e bem assim que os ministros mostraram pela sua irresolução pouco zêlo em alcançar meios para continuar a lucta, sendo o da guerra o mais culpado de todos, reunindo com o seu desleixo a sua pouca pratica de soldado [2].

Gaspar Teixeira, ou visconde do Peso da Regoa, nomeado para commandante em chefe do exercito miguelista em volta do Porto, tendo no dia 16 de agosto assumido as funcções do seu cargo, só no dia 22 ostentou grandes movimentos de tropas sobre diversos pontos das linhas constitucionaes, aproximando-se dellas na direcção da Formiga, Vallongo, e S. Cosme; os seus piquetes avançaram mais para a frente, e o cêrco ficou por conseguinte sendo mais apertado, rarefazendo-se cada vez mais as entradas de trigos e farinhas. Pelo lado do Sul o quartel general do inimigo passou no dia 20

[1] Em fins de agosto, ou principios de setembro.

[2] Esta tiragem dos vinhos era com effeito um verdadeiro emprestimo forçado, mas mais toleravel do que aquelles a que depois se recorreo, por não ter contra si o clamor dos lesados. Depois da derrota de Souto Redondo alguem houve que ao ministro da guerra não cessára d'instar pela remoção de taes vinhos, medida a que elle constantemente resistio, dizendo que semelhante passo causaria máo effeito no espirito publico.

de Souto Redondo para os Carvalhos, collocando-se os seus piquetes de vigia no alto da Bandeira. De parte a parte, e particularmente do lado do Norte, o fogo de fuzilaria, e os tiroteios dos piquetes e postos avançados repetiam-se quotidianamente com mais ou menos vigor e intensidade. Um ataque geral era por conseguinte esperado pelos constitucionaes, que nos fins de agosto apromptaram os seus rastilhos, carregaram as minas, e encheram os fornilhos, que tinham feito, tanto pelas estradas da cidade, como pelos differentes reductos e baterias. No dia 25 o inimigo fez o seu reconhecimento com cousa de 2:000 homens, que sahindo em frente da Formiga, vieram á Cruz da Regateira, examinando as linhas e baterias, que ficavam entre a Agoardente e o Monte Pedral; mas no fim de uma hora retiraram os realistas, sobre as suas ultimas posições, desistindo de ataque mais serio. D. Pedro, que da bateria dos Congregados tinha em pessoa dirigido d'alli alguns tiros d'artilheria, como quem queria inflammar os seus com o exemplo das suas mesmas obras, ufano tomou por uma grande victoria esta primeira estreia das suas linhas, e arrebatado assim pelo bom resultado do successo, proclamou novamente aos soldados de seu irmão, e declarou receber como amigos [1], garantindo-lhes os postos legalmente adquiridos, os officiaes do exercito realista que se apresentassem a qualquer authoridade legitima, civil ou militar. Vãos esforços, e baldado empenho fazia D. Pedro com taes proclamações, e tão lisongeiros convites: a persistencia da peleja estava já decidida de parte a parte; ninguem se rende por vontade propria, e nem menos era d'esperar desta lucta dos partidos, para quem já nada valiam nomes, porque arvoradas á sombra delles bandeiras politicas differentes, cada um dos respectivos partidistas estava resolvido a sustentar a todo o custo aquella debaixo da qual militava. Foi certamente para carear affeições entre os interessados que já em 13 de agosto se decretára a extincção dos bens da corôa, declarando-se alienaveis todos os bens adquiridos pela nação por titulo de successão, de execução

[1] Decreto de 5 de setembro.

fiscal, e não destinados ao uso geral e commum: por esta mesma medida se fizeram igualmente cessar e revogar todas as doações feitas pelos reis destes reinos a quaesquer corporações, ou individuos; todos os foraes, dados ás differentes terras do reino; todos os foros, pensões, quotas, censos, rações, e jugadas: os prasos da corôa, os relêgos, reguengos, senhorios de terras, e alcaidarias móres foram da mesma sorte extinctos, e revogada por ultimo a lei mental, garantindo-se todavia uma justa indemnisação aos donatarios, que por sua conducta a favor da usurpação se não houvessem tornado indignos della. Eis-aqui pois arruinados de todo os melhores e principaes interesses da fidalguia, os de muitos grandes e magnates realistas, que por esta causa forçosamente haviam de odiar cada vez mais a causa de D. Pedro, e requintar na sua animadversão contra os constitucionaes.

O aparecimento da esquadra inimiga nas agoas do Porto fôra um poderoso incentivo para mais se activarem os trabalhos das linhas, que se no mez de agosto se olhavam apenas como um ligeiro abrigo para os seus defensores, em principios de setembro já eram obra de mais algum vulto. Em todas as entradas do Porto se cavaram cortaduras, se levantaram travezes, e se abriram minas e fornilhos; as principaes trincheiras achavam-se acabadas; muitos dos seus reductos e *baterias completos*, e guarnecidos de artilheria, convenientemente montada e assestada. A Serra do Pilar, cuja importancia fôra demonstrada a D. Pedro, tanto pelo governador militar do Porto, como pelo proprio coronel Hare, começava a merecer mais alguma attenção, não passando todavia as suas obras d'uma cortadura e trincheira no cume da calçada, que vae para Villa Nova, n'um ligeiro parapeito no logar da Eira, que olha para a parte de Avintes, e n'outro igual parapeito com duas caronadas, mal guarnecidas e peior servidas, no logar da Pedreira, que cahe para o lado do Sul, dominando uma esplanada, que d'alli se estende até quasi á igreja de S. Christovão. A guarnição fixa da Serra consistia n'um batalhão movel, formado pelos moradores de Villa Nova, gente por então bisonha, inexperta no manejo das armas,

e pouco conhecedora ainda da disciplina militar. O batalhão 6 de infanteria, que se achava postado no alto da Bandeira, tinha ordem para no caso de ataque serio deixar de reforço duas companhias na Serra, passando o resto para a margem direita do Douro, cortando a ponte das barcas.

Tal era o estado da defeza do Porto, e tal era igualmente o da Serra, quando pelas oito horas do dia 8 de setembro uma forte columna, de quatro para cinco mil homens de tropas realistas, avançava de Grijó direita ao alto da Bandeira, capitaneada pelo brigadeiro Nicoláo d'Abreu, que no commando da segunda divisão do exercito miguelista substituira o general Povoas. O bravo e activo governador militar do Porto correu immediatamente ao ponto atacado, marchando igualmente em seu auxilio, por deliberação propria, muitos dos moradores da cidade, que pelo heroismo da sua conducta, e desejos de não ficarem áquem da tropa de linha, quizeram provar pela primeira vez neste dia o seu patriotismo pela sua dedicação á causa constitucional. Já a fuzilaria se achava vivamente empenhada entre infanteria 6, e as tropas realistas, na proximidade do chafariz dos Arrependidos, quando o governador militar do Porto chegava ao logar do conflicto. O inimigo avançava de frente pela estrada, sustentado nos flancos por numerosos corpos de guerrilhas, além de uma brigada, que pelo lado de Avintes se dirigia igualmente á Serra: o peso dos atacantes era desproporcional para poder ser sustido a descoberto só pelo batalhão de infanteria n.º 6, que abandonando a cortadura, feita junto d'aquelle chafariz, teve de retirar debaixo de um fogo bem sustentado até ganhar Villa Nova. Logo nos primeiros tiros foi gravemente ferido o major d'este corpo, e pouco depois d'elle o proprio governador militar, a quem a fractura do braço direito por uma bala de fuzil não impedio de conduzir com a melhor ordem a tropa constitucional, debaixo sempre da presença do inimigo, nem de indicar os pontos, que deviam ser occupados para lhe flanquear a marcha que trazia, nem de mandar reforçar devidamente a guarnição da Serra, nem finalmente de providenciar sobre o levantamento da

ponte de barcas, e de acautelar a cidade, sem lhe ficar á retaguarda um só soldado. Desde então perderam os constitucionaes a posse de Villa Nova, e os riquissimos armazens de vinhos da companhia n'aquella margem do Douro. Os paisanos, que espontaneamente haviam corrido em defeza daquella Villa, arrebatados no seu enthusiasmo, se dirigiram á Serra, onde pedindo armas, se juntaram á sua brava guarnição, duplicadamente notavel pela resistencia que oppunha ao inimigo, e pelos repetidos gritos, e vivas que levantava ao vêr cortar a ponte das barcas, que assim a punha incommunicavel com o Porto, ou pelo menos lhe difficultava a opportunidade de soccorro, separada da cidade pelo rio Douro. Nicoláo d'Abreu veio até ás praias de Villa Nova, onde se não pôde sustentar pelo vivo fogo, que recebia da corveta Amelia, e d'outros navios de guerra, além do que tambem lhe faziam as baterias das Virtudes, Victoria, e Torre da Marca, onde em pessoa se dirigira D. Pedro para animar a brilhante defeza dos seus. Toda a força do inimigo se dedicou desde então á tomada da Serra, cujos defensores tiveram de reduzir-se unicamente á parte fortificada. Debalde uma brigada de linha redobrára contra ella a actividade do seu ataque pelas dez horas do dia; as suas repetidas investidas foram sempre infructuosas contra a tenacidade dos seus defensores. Affrouxando successivamente o fogo, e vigor da peleja, renovou-se ainda pela uma hora da tarde sobre a esquerda da Serra, estendendo-se a linha inimiga desde S. Christovão até Quebrantões, protegida pela sua artilheria de campanha. Os muros da cêrca foram arrombados em tres partes, e o logar da Eira bravamente acommettido pelo coronel de milicias de Tondella, Rodrigo de Sousa Tudella, que avançando afouto á queima roupa, cahio atravessado por tres balas de fuzil, cuja queda, espalhando grande terror entre os seus, os levou a desistir da empreza, indo elle expirar a Grijó dentro de tres dias. Foi assim que os valentes da Serra do Pilar mostraram desde então ás tropas realistas, que os defensores d'aquelle ponto não se contavam pelo numero, mas só pelo seu valor e coragem. Vencidos pela

resistencia, os realistas vingaram-se em cortar o aqueducto, que da parte de S. Christovão conduzia antigamente a agua para os pacificos moradores d'aquella casa religiosa, supprindo-se desde então esta falta por meio de uns 20 a 30 homens, que diariamente se empregavam em a levar do Porto, subindo para este fim a alcantilada serra, que quasi a prumo cahe sobre o antiquissimo hospicio do Senhor Jesus d'Alem, fronteiro ao caes dos Guindaes, onde se ia embarcar para o outro lado.

Os realistas tambem na margem do Norte quizeram tentar fortuna, destacando uma extensa linha de atiradores sobre a Agoardente, Covello, e Sério, para protegerem o seu verdadeiro ataque, com que nada mais conseguiram do que fazer retirar alguns dos piquetes constitucionaes. Desde então o regimento n.º 18, de guarnição ás linhas do Sério e Agoardente, deixando os seus entrincheiramentos, correo a encontrar-se com os inimigos, que pelas sete horas da tarde começaram a retirar precipitadamente, vendo-se de mais a mais flanqueados pela sua esquerda por uma força, que igualmente sahira pela quinta da China, e Bomfim. O regimento de voluntarios da rainha, este corpo de cidadãos, que na sua penosa emigração se resignára com as fadigas do serviço militar, e se familiarisára com o manejo das armas, ganhando pela sua coragem a memoravel victoria de 11 de agosto de 1829 na ilha Terceira, e nobilitando-se não menos pelos seus distinctos feitos no reconhecimento de Vallongo, e acção de Ponte-Ferreira, foi dos que mais se distinguio neste dia, sendo até necessario para lhe moderar o ardor marcial expedir-lhe ordens, e obriga-lo a que jámais deixasse os pontos, que lhe foram confiados, por isso que muitas das suas praças, não podendo tranquillas acommodar-se dentro das linhas, tinham ido unir-se ao seu respectivo piquete, que obrava prodigios de valor, sustentando um combate a todo o transe contra forças infinitamente superiores, e tão rijamente travado com ellas, que para não ser de todo anniquilado foi mandado retirar, repetindo-se-lhe ainda depois disto a ordem. Os rasgos de patriotismo, e

valor no mesmo duque de Bragança iam encontrar exemplo, tão caprichoso como estava na defeza do Porto, sem nunca haver reducto, ou bateria, que fossem para elle arriscados. E com effeito era de ver como D. Pedro em occasião de ataque corria incessantemente, exposto ao fogo do inimigo, todas as baterias, tanto as que deitavam para o Norte, como as que cahiam para o Sul da cidade, onde ordenava como capitão, ou frequentes vezes servia como soldado, sem nunca os perigos lhe quebrantarem o animo. Na bateria da Victoria, donde se fazia um activissimo fogo contra Villa Nova, D. Pedro não só vio cahir morto junto a seu lado um official, que recebendo uma contusão no peito, fôra d'encontro a um reparo de peça, mas até correo perigo imminente quando uma bala de artilheria, partindo do alto de Villa Nova, veio bater contra uma casa, e lhe passou de recochete junto da cabeça, depois delle ter já feito algumas pontarias. Este acontecimento fez com que os ministros d'estado, o conde de Villa Flôr, os commandantes dos corpos, e a camara municipal, além de muitas outras pessoas de jerarchia, e valimento, instantemente lhe pedissem mais resguardo em se expôr á intensidade do fogo inimigo, pelo grande risco que corria o Porto, e todos os seus defensores, quando por qualquer caso fortuito, ou pelas contingencias da guerra, D. Pedro lhes podesse faltar. Da Serra lhe mandou persuadir mais ao diante o brigadeiro Torres, que não fosse áquelle ponto arriscar-se, por não haver alli partido igual com o inimigo, e quanto mais que a sua authoridade de regente, e de general em chefe o dispensava de entrar nas lides como subalterno, ou pelo menos de expôr-se aos maiores perigos como qualquer dos seus generaes, a quem não faltavam brios, nem honra para se sustentarem nas mais arriscadas emprezas. Todo o exercito se mostrou aguerrido, e bravo na gloriosa peleja deste dia, e os mesmos moradores do Porto, tanto os que tinham praça nos batalhões nacionaes, como os proprios paisanos não alistados, á porfia correram em defeza das linhas, o que fez com que o governador militar da cidade, amputado, como já estava, do braço direito,

se não esquecesse de lhes dirigir uma allucção no dia 9, em que lhes dizia « o dia de hontem foi um dia de gloria para « a cidade do Porto; atacada pelo inimigo, os seus habitan-« tes correram á porfia á defeza das trincheiras, onde unidos « com o exercito, repelliram as tentativas dos inimigos da « rainha, e da carta constitucional. E se fosse possivel que « o inimigo podesse penetrar em algumas ruas da cidade, « veriamos sem duvida repetidos os exemplos de Paris, e « Bruxellas, onde o povo, sem auxilio da tropa de linha, « derrotou completamente os aggressores, concorrendo para « acções tão gloriosas não sómente os homens, mas as mu-« lheres, e creanças, lançando dos telhados, e das janellas « sobre as tropas, que haviam entrado nas ruas, pedras, te-« lhas, moveis, agua, azeite a ferver, cal em pó, e quantos « outros objectos podiam servir á sua destruição. » Ainda que esta allucção se possa olhar como uma mera insinuação do que se deveria fazer, quando o inimigo viesse a penetrar na cidade, todavia a conducta dos moradores do Porto fôra tão brava e heroica, que delles se podia esperar a repetição de tudo quanto em 1830 havia praticado o bravo povo de Paris, e Bruxellas em defeza da Liberdade; mas por dever de justiça, e obsequiosa memoria de bem merecida gratidão não se póde omittir que o terceiro batalhão movel, o que mal organisado ainda, já com tanta bravura defendia em Villa Nova a Serra do Pilar, era credor de especial menção pelos seus relevantes serviços, que effectivamente lhe foram agradecidos na pessoa do seu commandante.

As occasiões sobejavam para tantos, e tão repetidos rasgos de patriotismo e coragem: o inimigo não podia convencer-se de que o convento da Serra, tão accessivel como era pelo lado da sua respectiva cêrca, tão facil de ser atacado por qualquer força, que de S. Christovão marchasse acobertada pelo respectivo aqueducto até ao logar da Eira, tão mal fortificado como naquelle tempo se achava, e tão fracamente guarnecido, não podesse ser com decisão assaltado, e servir-lhe de gloriosa conquista. Um novo ataque dirigio elle contra a Serra pelas dez horas do dia 9 de se-

tembro, mas com o mesmo fructo do dia anterior, não fazendo contra os atacantes pequeno serviço as duas caronadas, que os constitucionaes tinham assestado na sua bateria da Pedreira, e mais duas peças, que collocaram na Eira, uma das quaes era de montanha, e guarnecida pelos academicos de Coimbra. Ao mesmo tempo que os realistas iam sendo batidos ao Sul do Douro, romperam elles pelo lado do Norte um activo fogo no centro, e direita das linha : os seus caçadores, avançando em frente do Sério, Paranhos, e Casa Amarella, para com o seu fogo incobrirem os movimentos das columnas, que tinham dispostas ao ataque, chegaram a estabelecer-se até n'algumas casas proximas ás trincheiras dos constitucionaes, cujos piquetes (o de Paranhos, e o da Casa Amarella) tiveram de recolher para dentro dellas. De uma pequena montanha isolada, em frente do ponto atacado [1], teve de retirar pelas quatro horas da tarde uma pequena força d'infanteria n.° 18, alguns academicos, e nacionaes do Porto, carregados alli por uns duzentos homens, que necessario se tornou desalojar depois para se não fortificarem durante a noute n'um ponto, que tão proximo ficava já das linhas. Em quanto uma força de cincoenta homens d'infanteria n.° 18 se destinou a recuperar esta montanha, outra sahio igualmente para se assenhorear de Paranhos, posição que o alferes de caçadores, Bernardo José de Carvalho, tinha já defendido na vespera por espaço de tres successivas horas, depois de ferido, contra os repetidos ataques de forças muito superiores, retirando-se só depois de ter sido rendido por outro official: ambas aquellas forças desalojaram com effeito o inimigo, ficando os constitucionaes durante a noute nas mesmas posições, que occupavam antes do ataque.

No dia 10 de setembro ainda Nicoláo d'Abreu ameaçou a Serra do Pilar de um novo ataque para que dispôz toda a sua força, dividida em varias columnas, contra as quaes

[1] Nesta pequena montanha se levantou depois um reducto, que se denominou das *medalhas*, pelas condecorações da Torre e Espada, que alli foram ganhar muitos individuos, que pelos seus feitos de bravura tão dignos se tornaram dellas.

immediatamente rompeo o fogo das linhas constitucionaes: todavia não passando de uma mera ostentação a formatura das suas tropas, um caso fortuito o levou a ser atacado. Foi um voluntario do Porto o que, lembrando-se de passar o Douro n'um barco, pôde com o seu exemplo chamar a si ás praias de Villa Nova mais cincoenta voluntarios, e paisanos, que reunidos a algumas praças, desembarcadas de bordo dos navios de guerra, deram todos em acommetter com os piquetes do inimigo, que teve de metter em fogo uma bôa parte da sua divisão. Foi então que o governador da Serra do Pilar[1] fez descer d'alli uma força em auxilio dos atacantes, que apesar de serem igualmente favorecidos pelas suas embarcações de guerra, nada mais fizeram do que entreter sempre o fogo até entrar a noute, reputando a victoria por sua ambos os partidos, como de ordinario succede quando não ha uma completa derrota para alguma das partes.

Rompia a manhã do dia 11 de setembro quando pelas cinco horas uma força inimiga veio tentar novamente, como das outras vezes o fizera sem fructo, mais um novo ataque sobre a Agoardente, retirando todavia no fim de hora e meia de fogo. A Serra fôra igualmente atacada sem resultado durante o acommettimento das linhas do Norte do Porto; mas os realistas fraquejavam já no seu impeto, fiados sem duvida no bombardeamento, que tinham começado activo contra a cidade, e no auxilio das suas baterias, a primeira das quaes, denominada dos *morteiros*, por nella se contarem quatro, apparecera desde a manhã do dia anterior da parte de Villa Nova, construida no alto da Bandeira. Desta bateria se lançaram pois as primeiras bombas contra o Porto, das quaes uma dellas foi por acaso cahir nas proprias casas da filha de Gaspar Teixeira, e outra fez voar aos ares a casa, e a officina do Correio do Porto, o afamado periodico, que tão furiosamente advogava a causa da usurpação: foi d'alli que igualmente se fizeram as primeiras

[1] Neste dia era já o brigadeiro José Antonio da Silva Torres, tendo-o sido nos dias anteriores o major de cavallaria, Christovão José Franco Bravo.

pontarias de bateria fixa contra a Serra, e sobre tudo contra a corveta Amelia, que constantemente teve contra si empregada uma peça de calibre 12, que lhe fez trinta rombos, e a pôz incapaz de serviço, sendo ferido no braço esquerdo o seu proprio commandante, além de perder o mestre, um aspirante, um marinheiro, e dois soldados, passando uma parte da sua tripulação para outros navios de guerra, indo a outra guarnecer a bateria da Torre da Marca. Estes primeiros dias de bombardeamento foram de grande susto no Porto, porque o trajecto das bombas na direcção da cidade, e o espanto, e o susto, que alguns dos seus moradores manifestavam ao sahir para fóra das casas, onde ellas cahiam, e arrebentavam, impressionavam fortemente os animos dos espectadores, e lhes infundiam indisivel terror; mas com o andar do tempo todos se familiarisaram com este novo estado de guerra, porque a traz da novidade, seguio-se o habito, e até as partidas, e os bailes reappareceram tambem como no tempo de paz. Pelas dez horas da noute de 11 de setembro ainda o inimigo quiz dar um ultimo assalto á Serra, de que em breve desistio, retirando-se no meio dos repiques dos sinos do convento, e dos gritos de *victoria, victoria*, levantados pelos seus defensores. Desde então a posição da Serra ficou para sempre memoravel nos fastos da nossa guerra civil, e como tal merecedora de mais larga *escriptura*: alli corriam os perigos maiores, que nos outros pontos da linha, porque em tão pequeno espaço de terreno a fuzilaria inimiga, a sua artilheria, e as bombas a toda a hora da noute, e do dia, obrigavam os soldados a uma permanente vigilia, furtadas as necessarias horas ao descanço.

Estes quatro dias de ataque ás linhas do Porto são com effeito os primeiros quatro dias do cêrco, de que a cidade estava ameaçada, porque desde então por diante todos os projectos do inimigo evidentemente se voltaram para o estabelecimento de um rigoroso bloqueio, e para o levantamento de umas linhas, que acobertando-o no seu campo, forçosamente haviam de enfraquecer os seus soldados, deshabituando-os de se baterem a peito descoberto, e desmo-

ralisando-os com a prolongação da guerra: os ataques regulares tornaram-se desde então mais raros, e o exercito começou por conseguinte ocioso a ouvir os continuados, e inuteis tiroteios dos piquetes, em que nos postos avançados se consummiam os dias. Aos engenheiros miguelistas se confiou a escolha das alturas, e pontos culminantes, que pela sua proximidade do Porto offerecessem vantagem para a construcção de baterias, das quaes, em vez de se bombear unicamente as linhas de D. Pedro, se começou indiscretamente a cobrir de bombas todo o espaço da cidade, e a familiarisar os animos com a inutil expulsão de projecteis: despresando-se todas as regras da arte, esquecendo-se o que nos nossos dias se tinha praticado contra a cidadella de Antuerpia, não se fizeram *aproxes* contra a Serra, verdadeira cidadella do Porto, nem se cogitou de ir estendendo as obras até perto das suas trincheiras, para que feitas as brechas, depois se podessem levar de assalto. Para remate dos seus desacertos os miguelistas nem ao menos se lembraram da occupação da Foz, de que resultaria não poder entrar uma só catraia com generos, ou munições para dentro da barra, o que admira, attentas as idéas do seu projectado bloqueio, sendo certo que nelles merece tanto menos desculpa esta falta, quanto maior segurança tinham de que, não podendo D. Pedro ser soccorrido por terra, e tendo a sua esquadra senhora dos mares, só pela barra lhe podiam vir os meios para continuar a guerra. Finalmente longe de se escolherem frentes de ataque, de se proseguir n'um systema regular de fortificações, com que se podesse obrigar D. Pedro a capitular, seguio-se um methodo inverso de assédio n'uma tão extensa cidade como era o Porto, e ligando entre si as alturas escolhidas, formou-se um verdadeiro campo entrincheirado com alguns reductos, ideou-se, e marcou-se assim um trajecto na extensão de 5 legoas, em que se levantavam fortes, e soberbas linhas de circumvalação, e contravalação, comprehendendo triplices, e não interrompidas paliçadas, a traz das quaes, apenas o exercito realista se entrincheirou, perdeo logo todas as boas tradições, que recebera da guerra

peninsular, e todos os costumes da sua antiga, e rígida disciplina, tendo de mais a mais o inconveniente de se não poder reunir de prompto no ponto, em que necessario lhe fosse. Os sitiados pelo contrario, e sobre tudo os moradores do Porto, familiarisando-se com todos os males da guerra, adquiriram habitos guerreiros, e olharão com indifferença para os perigos que corriam, quando em occasião de ataque se dirigiam ás linhas, ou ás baterias para observar o vigor do combate, conservando-se sempre a cidade espectadora tranquilla desta encarniçada lucta de partidos. As mesmas senhoras tambem pela sua parte ou procuravam as linhas e baterias, ministrando cartuxame aos soldados, ou iam aos hospitaes offerecer os fios, que tinham feito na vespera, ou ministrar aos feridos os soccorros ao seu alcance. Muitos rasgos de heroismo varonil em peitos femeninos se poderiam enumerar nesta historia senão fôra o receio de fastidiar com elles quem nella só procura o fio dos grandes acontecimentos, e a sua natural filiação, ou se por mim não tivera a idéa de que o particularisar accidentes tornasse a verdade incerta. Quanto a D. Pedro, a prolongação da guerra deo-lhe azos para augmentar o seu exercito com recrutas vindas de paiz estrangeiro, para as familiarisar e aguerrir no continuado campo de batalha das suas linhas, e finalmente para receber armamentos, munições, e o consideravel numero de peças de artilheria, com que guarneceo o multiplicado numero das suas baterias.

Em quanto pois os miguelistas cuidavam na sua soberba linha de defeza, em quanto estudavam os pontos para levantar as suas baterias, para construir os seus espaçosos reductos, alguns dos quaes se mostraram depois verdadeiras praças de guerra, e em quanto finalmente consumiam, por barbaro divertimento, as noites em bombardear continuamente a cidade, com o unico fim de molestar os seus habitantes, deixando incolumes as baterias e fortificações constitucionaes, D. Pedro e os seus agentes dedicavam-se activos a completar com novos marinheiros as antigas tripulações da sua esquadra, a guarnecer com mais vinte caronadas e seis

peças de 42 as baterias da Victoria, Virtudes, quinta da China, e Torre da Marca, e finalmente a reforçar os corpos estrangeiros com o mais extenso recrutamento possivel. N'uma das muitas visitas que D. Pedro quotidianamente fazia ás linhas, foi elle informado do damno que os seus podiam receber das fortificações, que o inimigo andava levantando no monte Covêllo, e Paranhos: era por conseguinte preciso embaraçar-lhe o progresso dos seus trabalhos, e a este fim se destinou uma sortida em que no dia 16 de setembro se empregou a força de tres corpos, fazendo ao todo 1:400 baionetas. Ganhas com effeito as alturas do Covêllo, e Paranhos, a que a força constitucional se dedicava, e sustentando-se alli no meio de um vivissimo fogo de mosquetaria, todas as projectadas fortificações inimigas foram destruidas, arrazando-se completamente quatro baterias de duas canhoneiras cada uma, e outra de morteiros, inutilisando-se tambem grande quantidade de cestões, de salsichões, madeiras, e ferramentas. Foi então que os realistas, acudindo com uma brigada, que tinham postada n'um pinhal contiguo, fizeram entrar nas suas linhas os aggressores com tanta maior pressa, quanta maior fôra a ousadia do ataque. O reducto das medalhas, defendido pelo corajoso tenente Luiz Martins, que tanto se havia já distinguido no combate do dia 9, ainda que reforçado pelo capitão Fernando d'Almeida Pimentel, foi tomado pelo inimigo, não sem porfiada resistencia d'aquelle mesmo tenente, que debatendo-se bravamente com cinco soldados, expirou com gloria no logar do conflicto, ficando os constitucionaes reduzidos a dez homens, com que entraram nos seus entrincheiramentos, pela mortandade que todos os mais haviam alli experimentado. Era forçoso retomar, e sustentar igualmente a todo o custo o ponto perdido, por dominar á queima roupa uma consideravel porção das linhas. Para este fim sahio pela direita do mesmo reducto uma força de infanteria n.º 3, que foi occupar a Casa Amarella, onde tão briosamente se tinha defendido o distincto tenente de caçadores, Antonio Cardoso de Sousa Menezes Montenegro: apoiado nesta força, o capitão

Pimentel chegou primeiro que ninguem ao alto da posição, que tinha a recuperar, e acutilando um official inimigo, que lhe disputava o terreno, cahio gravemente ferido por algumas balas, que quasi á queima-roupa lhe dispararam sobre o corpo, não se retirando todavia d'alli sem expressa ordem do seu chefe. O capitão Antonio Manoel de Meirelles teve de continuar um combate em que acabou a vida, depois de se ter conduzido com a maior valentia, com que bem cara fez pagar a sua falta ao inimigo. O alferes José Maria de Sousa Tavares não se tornou menos distincto, batendo-se contra dez ou doze soldados inimigos, retomando-se assim este celebre reducto das medalhas aos gritos de *viva D. Maria II, viva a Carta Constitucional!* 400 realistas tiveram de desampara-lo, correndo em debandada para os seus, depois de deixarem no campo 36 mortos, entre os quaes dois officiaes, além de grande numero de feridos, e seis prisioneiros. Foi desde então que se mandou fortificar este tão disputado outeiro, recebendo com as suas fortificações o nome de *reducto das medalhas.*

O castello da Foz, e a ermida de Nossa Senhora da Luz, na extrema esquerda da linha constitucional, foram neste mesmo dia ameaçados; mas foi na direita da mesma linha que o inimigo veio mais seriamente ao ataque, dirigido, segundo então corrêo, pelo proprio general Santa-Martha em pessoa. Tres fortes columnas avançaram pela altura das Antas, que um piquete de 60 inglezes, posto que commandado pelo intrepido major Shaw, e sustentado por uma companhia de 18 de infanteria, teve de abandonar. Acobertado por um muro, a traz do qual este mesmo piquete tornou a romper o fogo depois da sua retirada, e auxiliado tambem pelas baterias do Fôjo, e do Captivo, e por duas companhias de caçadores n.º 12, o mesmo major Shaw pôde fazer demorar o passo aos atacantes, que acommettidos simultaneamente pela sua esquerda pelo bravo major Staunton, tiveram de desalojar com bastante perda sua, ficando no campo morto da parte dos constitucionaes o mesmo major Staunton, a quem tantos lamentaram, quantos o conhece-

ram [1]. Foi neste mesmo dia que se lançou fogo á bella casa, e ermida da quinta do Covêllo para não servir de abrigo ao inimigo, que desde então por diante mais receios ganhou nos seus ataques, redobrando guardas, reforçando e augmentando piquetes, cançando as tropas com demasiados *álertas*, e até fazendo retirar mais para a retaguarda a sua artilheria ligeira. Em represalia, e vindicta da inutilidade dos seus ataques neste dia 16 os miguelistas logo á bôca da noite romperam um activo bombardeamento contra a cidade, e a Serra, prolongando-se mais nesta noite do que nas anteriores, causando por conseguinte alguns estragos, mortes, e ferimentos. Na noite immediata vieram tres bombas cahir no hospital militar do convento de S. Bento, que incendiando parte de uma enfermaria, onde uma dellas matára um doente, e um soldado, que junto delle se achava, além de mais tres doentes, que ferio, deram causa a que as enfermarias se transferissem para debaixo das abobadas daquelle mesmo convento. Na mesma noite de 17 o inimigo lançou tambem contra o Porto os primeiros foguetes incendiarios de *congreve*, que nenhum effeito produziram do muito que delles se esperava, e para suprir a falta, que na sua espectativa occasionára taes foguetes, é que os miguelistas começaram a introduzir dentro das bombas materias incendiarias, camizas, e pannos enxofrados, que tambem lhes não deram melhor resultado, que os foguetes. Foi contra alguns navios de guerra, surtos no Douro, que as baterias inimigas alcançaram uma decidida vantagem: a corveta Amelia, e o brigue escuna Liberal, sendo consideravelmente maltratados em frente de Villa Nova, tiveram de ser removidos para a praia de Maçarellos, e Trem do Ouro, onde mais ao diante foram incommodados pelas novas baterias miguelistas, construidas

[1] A perda dos constitucionaes foi ao todo 151 individuos, entre os quaes se contam 3 extraviados, 30 mortos (comprehendendo dois majores, dois capitães, e um tenente), 118 feridos (incluindo o tenente coronel, José Joaquim Pacheco, seis capitães, tres tenentes, um ajudante, e cinco alferes): a perda do inimigo a reputaram os transfugas em mais de 1:000 individuos; mas o general miguelista apenas a computou em 80 homens, entre mortos, e feridos, o que não póde deixar de ser inexacto.

pelos pontos culminantes da margem esquerda do Douro, desde a Pedra Salgada, no esteio de Avintes, até á Pedra do Cão, que junto da barra olha para o mar. A tripulação, e officiaes da escuna Ilha Terceira, tornaram-se por esta occasião dignos de muito louvor pela coragem com que sustentaram por espaço de oito dias continuos o fogo das baterias inimigas de Villa Nova, a quem tambem fizeram largo estrago, de combinação com as baterias constitucionaes da margem septemtrional do Douro, não abandonando o seu navio, senão na ultima extremidade, e quando no dia 19 de setembro estava já proxima de ser a dita escuna mettida a pique pelos multiplicados rombos, que pelo costado havia recebido.

A guerra defensiva protrahia-se pois no Porto com vantagem das armas constitucionaes; e aos esforços do governo, e ás suas precisões acudia como lhe era possivel a commissão dos aprestos em Londres, enviando a D. Pedro desde setembro até novembro de 1832, o consideravel numero de 1:366 recrutas inglezes, belgas, e allemães, com armas, e fardamentos, além de 264 cavallos com arreios, armamento, e vestuario completo para os seus respectivos cavalleiros: fóra disto comprou a mesma commissão, aprestou, e forneceo a denominada *náo raza*, ou fragata D. Pedro, que foi levada a Cherbourg, para onde se conduzio tambem em transportes o armamento, e tripulação respectiva, até que a final se armou, e se fez partir para Vigo para se reunir á esquadra. Pagas pois todas estas despezas, e as dos transportes, que no Douro tinham sido detidos, e remettido finalmente todo o mais trem de guerra pedido do Porto, o resultado foi que o alcance da commissão, que no fim do mez de julho era de £ 40:000, passou a ser de 130:000, havendo apenas para custear tão enorme falta a promessa, aliàs impossivel de realisar, da occupação de Villa Nova pelas tropas de D. Pedro, depois que o inimigo a povoára de multiplicadas baterias, e a de seguidamente se mandarem para Londres cinco mil pipas de vinho. Em tão desgraçado estado de cousas, esgotados todos os recursos, e quando se

achavam sem valor algum todas as garantias para haver por meio de novas combinações os fundos necessarios para satisfazer aos antigos compromissos, e aos que successivamente se deviam ir contrahindo, tornou-se com effeito urgente que o governo approvasse, como effectivamente approvou, o emprestimo suppletorio de £ 600:000, que o marquez de Palmella, em virtude da authorisação que recebera, havia negociado em Inglaterra para um outro fim differente da applicação que teve [1]. Os serviços do marquez de Palmella foram por esta occasião de grande importancia, não só pela parte que teve em todas aquellas remessas da commissão dos aprestos, mas particularmente pela conclusão do citado emprestimo, do qual £ 300:000 se negociaram logo em 23 de outubro de 1832 ao baixo preço de 31 por cento, sendo desta fonte que em parte sahio o dinheiro para pagar os alcances já contrahidos, para comprar a náo raza, apromptal-a, e mandal-a ao seu destino, além dos soccorros de gente, cavallos, e munições,

[1] A negociação deste emprestimo foi pela seguinte maneira:

	sh. d.
£ 300:000, vendidas a 31 por cento, produziram ..	93:000
100:000, vendidas pela commissão dos aprestos, produziram	25:625 » 1 » 0
200:000, vendidas a 38 por cento, produziram..	76:000
	194:621 » 1 » 0

A applicação deste emprestimo foi como se segue:

	sh. d.
7 ½ por cento sobre £ 300:000, pagos pelo dividendo contado desde o 1.° de julho de 1831....	22:500
Pagamento feito ao impressor dos *bonds*..........	197 » 18 » 0
10 por cento sobre £ 200:000, pagos pelo juro devido em julho de 1833......................	20:000
	42:697 » 18 » 0

	sh. d.
Ficou disponivel para o governo, ou seus agentes a quantia de................................	£ 151:923 » 3 » 0

Vê-se pois que obrigando-se Portugal por £ 600:000, e vindo a receber sómente £ 151:923 » 3 sh. » 0 d., equivaleo a tomar esta quantia ao juro de 19 ¾ por cento, circumstancia para que muito concorreo não ser este emprestimo ad[illegible]sivel na praça de Londres, tendo em tal caso os interessados de esperar até á conclusão da guerra: entretanto elle foi de grande importancia, e de grande monta para o triumpho da causa constitucional.

que á custa desta mesma venda se enviaram tambem para o Porto. Da outra metade deste mesmo emprestimo sahiram mais ao diante os meios com que se levou a effeito a famosa expedição do Algarve. Palmella, perdendo finalmente as esperanças de poder conseguir da sua missão diplomatica a mediação directa do governo inglez nos negocios de Portugal, voltou finalmente para o Porto, desembarcando alli no dia 22 com o secretario da embaixada portugueza em Londres, José Balbino Barbosa de Araujo: a sua chegada o restituio novamente ao exercicio, que d'antes tinha, de ministro dos negocios do reino, desempenhado interinamente pelo ministro da marinha, Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque, e ao dos negocios estrangeiros, desempenhado tambem interinamente pelo ministro dos negocios da guerra, Agostinho José Freire.

O bloqueio terrestre do Porto continuava activo da parte do inimigo, não só pela desenvolução que iam tendo os seus entrincheiramentos, e contra-baterias, mas particularmente pelo cuidado que punha em embaraçar a introducção de generos para dentro das linhas constitucionaes, mandando por esta causa para a retaguarda todas as pessoas suspeitas de uma tal introducção, e particularmente as mulheres, das quaes 64 foram por uma só vez presas em Villa Nova, e enviadas depois para Oliveira de Azemeis. O exercito de D. Pedro apenas constava em todo o mez de setembro de 11:563 homens, dos quaes 3:093 eram praças dos batalhões nacionaes, e todavia tão pequeno como era, taes receios infundira ao visconde do Pêso da Regoa, que pedindo para Lisboa reforços de mais gente, teve ordem de atacar definitivamente o Porto em occasião opportuna, e além disso a promessa de mais tropa, não fallando na primeira brigada da terceira divisão, que já se achava em marcha para o Norte. Estava chegado o dia de S. Miguel, dia do nome do infante usurpador, e forçoso era festejal-o por meio de uma assignalada victoria, que enchesse de reputação e gloria um exercito tão numeroso e luzido, como o do mesmo infante. Para se assegurar do golpe procurou o general mi-

guelista [1] achar gente escolhida pelo seu valor, e corajosa pela sua indole em arremetter com tal furia, que não duvidassem encarar a morte, quando della lhes resultasse immarcescivel gloria pelo alcance do seu desejado triumpho. Com estas vistas foi que elle procurou primeiro levantar entre os seus as aventureiras ambições de renome, querendo com prevenção saber dos commandantes de brigadas, e corpos quaes os individuos, que por offerecimento proprio se destinavam a formar a testa da columna de ataque, a qual, além das fachinas, e trabalhadores, destinados a arrazar as baterias, e trincheiras constitucionaes, levaria mais 40 homens por brigada, munidos de machados, picaretas, e alviões. Aos officiaes tiraram-se os soldados impedidos para engrossar as fileiras; ordenou-se que as bagagens fossem removidas para Vallongo, que se passasse revista ás armas, munições, e calçado, que o cartuxame fosse completo, e para nada escapar contra a invicta cidade do Porto, offereceo-se até aos soldados escalla franca, para com as esperanças do saque os levar a dissimular os perigos do assalto, dizendo-se-lhes *que depois de vencido o inimigo, poderiam resarcir-se dos trabalhos, e privações que soffriam, em algumas das casas dos constitucionaes.* Esta ordem do dia, correndo de mão em mão até chegar aos moradores do Porto, acendeo nelles brios, e despertou o rancor da desesperação para com a sua vida defenderem igualmente a sua propriedade, e tanto se contou com elles para esta defeza, que desde então [2] se marcaram cinco differentes pontos na cidade, onde elles tinham de comparecer em caso de rebate, que eram o campo de S. Lazaro, de Santo Ovidio, Praça Nova, Praça do Carmo, e rua dos inglezes, junto á casa da Feitoria. Apesar destas disposições, Gaspar Teixeira como que hesitava no seu projectado ataque, e reunindo no dia 20 um conselho militar no seu quartel general de Agoas Santas, a elle submetteo a decisão deste grave ponto, dizendo-lhe que o seu exercito ao Norte do Porto era de 15:000

[1] Vêja a sua celebre ordem do dia de 17 de setembro de 1832.
[2] Edital do governador militar do Porto de 24 de setembro.

bayonetas, promptas em campo, em quanto o dos constitucionaes se reputava em 13:000 homens. Foi o voto geral deste conselho, que achando-se os constitucionaes estabelecidos em fortes e magnificas posições, habil e devidamente fortificadas, não só era temeridade atacal-os por aquelle modo com forças quasi iguaes, mas até expôr o exercito a uma completa desmoralisação no caso de falhar a victoria: nestes termos resolveo-se esperar pelos soccorros promettidos de Lisboa, ou por ordem mais positiva para o ataque. Santa Martha, apartando-se desta decisão geral, foi o que mais notavel se tornou no seu discurso, em que não só recapitulou os males por que passava o exercito, mas até fez ver a impossibilidade de poder com elle conseguir o triumpho, e todavia entendeo que o ataque se não devia espaçar, *só para mostrar que as tropas reaes*, dizia elle, *não hesitavam em sacrificar a vida pelo seu monarcha*. Em Lisboa se recebeo a noticia official daquella decisão no dia 23 de setembro, e reunindo-se logo um conselho d'estado, em que muito preponderava o voto do bispo de Vizeu, e o do arcebispo de Evora, ex-monge de S. Bernardo, frei Fortunato de S. Boaventura, nelle se decidio que o ataque se desse effectivamente ás linhas do Porto no dia 29 de setembro, por ser o do nome de sua magestade, el-rei D. Miguel. Todas as attenções se voltaram desde então para as operações militares, e os frades, prégando do pulpito abaixo uma cruzada de nova especie, não cessaram de prognosticar a uma voz a victoria para o dia do exterminador S. Miguel. Com esta decisão da côrte, Gaspar Teixeira dirigio ao seu exercito uma energica proclamação no dia 27, dizendo-lhe: «Soldados! Os rebeldes, receando o «vosso valor, e a vossa disciplina, vieram esconder-se a traz «de muros, não ousando apresentar-se a peito descoberto. «Desbaratados em Ponte Ferreira, obrigados a fugir preci-«pitadamente em Souto Redondo, e expulsos de Villa Nova, «tremem das vossas armas. Soldados! É do Porto, seu ul-«timo, e inutil refugio, que os devemos desalojar, e nos «proprios logares, a que procuram abrigar seus crimes, «cumpre que os castiguemos. Soldados! O dia do ataque

«seja aquelle da nossa victoria; mas olhai que não haverá «victoria completa em quanto existir um só revolucionario: «jurai pois que não largareis as armas, e que não descan- «çareis em quanto não tiverdes extincto inteiramente os re- «beldes. El-rei, e a nação confiam de vós tão grande feito: «suas esperanças não serão illudidas.»

Tudo agourava aos constitucionaes a proximidade de um decisivo ataque: já se via passar para o Norte do Douro grande quantidade de bestas carregadas, algumas bagagens, e até mesmo alguns corpos, e peças de campanha, e todavia foi nesta proximidade que o ministro da guerra, Agostinho José Freire, entendêo poder desfalcar de 600 homens, ou mais ainda, a extrema direita da linha constitucional, mandando no dia 28 para Aveiro, no vapor *London Merchant*, o batalhão de caçadores n.° 12, com o fim, diziam uns, de atacar os reforços, que de Lisboa vinham a Gaspar Teixeira, outros de favorecer a fuga de um esquadrão de cavallaria, que esperavam, e finalmente outros de chamar a attenção do inimigo para aquella parte, ameaçando-lhe a retaguarda. Entretanto tudo se desvanecêo com o tempo: nem se acommettêo o inimigo, nem se vio o desejado esquadrão de cavallaria, nem finalmente merecêo grande attenção aos miguelistas o embarque de uma força, que nada podia emprehender com o limitado numero de baionetas com que sahira do Porto: e com effeito 250 homens, que no dia 30 largaram em lanchões para tomar terra nas alturas de Aveiro, nada mais fizeram do que conservar d'observação uma brigada, que de Lisboa se dirigia ao exercito miguelista do Norte, e chamar contra si a perseguição do povo armado, que os afugentou da praia, e os levou por fortuna sua a atracar novamente sem mais novidade ao vapor. Além d'este desfalque, de que o commandante da direita da linha constitucional muito se queixou, outro motivo de desgosto teve elle igualmente por se lhe não mandar descobrir o terreno, que lhe ficava na frente, demolindo as casas, e arrasando os muros das quintas, que podiam servir de abrigo ao inimigo, o qual pela sua parte não duvidou entregar-se

áquelle trabalho para dar passagem franca, tanto á sua tropa, como á sua artilheria de campanha.

Veio finalmente a manhã do dia 29 de setembro, cerrada d'espessas nevoas, e envolvidas com ellas vieram igualmente duas fortes columnas inimigas, de cinco mil homens cada uma, contra as linhas constitucionaes, desde a quinta da China até ao Carvalhido, surprehendendo na sua marcha alguns estrangeiros, e matando outros, em cujo numero entrou logo no principio o tenente coronel Burrell, quando meio vestido chegava á janella da casa em que dormia para observar os miguelistas. Protegida pelas muitas casas em frente das linhas, e acobertada pelo nevoeiro, uma d'aquellas columnas, vinda por Campanhã, não só se fez senhora das cortaduras exteriores da quinta do Prado, mas conseguio até alcançar, pelas 8 horas do dia, os pinheiros ou paliçadas, que os seus proprios sapadores pretenderam derrubar. Desconcertado por tão audaciosa surpreza o corpo de atiradores francezes, e levado novamente ao ataque, com baioneta calada, pelo seu bravo commandante, o tenente coronel mr. S. Leger, os inimigos recuaram, quando já se achavam dentro das ruas da cidade. Direita ao monte das Antas veio a segunda columna dos atacantes, que obrigou a retirar o batalhão de marinha (inglezes), que defendia a quinta, e o jardim da Praça das Flores: foi aqui que uma bala de fuzil atravessou o tenente coronel Burrell, quando das janellas do seu quartel observava o inimigo, e foi ainda aqui que o bravo major Shaw, que o substituira no commando d'aquelle corpo, recebeo no peito uma grave contusão, que o deixou sem sentidos, sendo assim conduzido para dentro das linhas. Tão travados e proximos andavam uns com os outros os contendores, que um caçador portuguez, procurando alcançar á mão o tenente Burton, levou do seu rival uma forte pedrada no rosto, a que elle respondeo descarregando-lhe o *reffle*, com que estendeo morto por terra aquelle official. N'este estado se achava o conflicto, e com toda a vantagem empenhado para os miguelistas, pois o corpo de marinha tão desbaratado ficou neste primeiro recontro, que apenas tinha

dois subalternos para o commandar, quando mais dois mil inimigos se dirigiram á baixa das baterias do Bomfim, do Captivo, e Fojo, para sustentarem o ataque dos seus, que fraquejára depois dos francezes haverem retomado as suas antigas posições. Com este movimento o combate se tornou novamente activo, ou antes mais perigoso do que nunca o fôra, porque não só foi atacada valentemente uma barreira, que se achava collocada sobre a estrada de S. Cosme, mas até foi tomada pelos realistas, que por segunda vez penetraram no interior das trincheiras, d'onde já tinham sido repellidos, ganhando assim o começo da rua do Prado, (hoje rua 29 de setembro), apesar do fogo destruidor das baterias constitucionaes, da porfiada resistencia do batalhão de marinha, e da diversão feita pela estrada de Vallongo por duas companhias d'infanteria n.° 18. O momento era demasiadamente critico, e o perigo cada vez mais imminente; porque não só o caminho para dentro do Porto se achava já patente, e trilhado pelo inimigo, mas até a sua artilheria rodava já junto das linhas e fortificações constitucionaes. N'este aperto mandou-se reforçar o batalhão de marinha, que da Praça das Flores se tinha já retirado, e o batalhão d'atiradores francezes, dando-se ao mesmo tempo ordem a infanteria n.° 10 para ir occupar a posição comprehendida entre a estrada de S. Cosme, e a bateria do mirante de Barros Lima. A marcha de todos estes reforços não era todavia tão prompta quanto a urgencia do caso o pedia, e as vantagens do inimigo iam entretanto crescendo de momento para momento, não obstante o bem dirigido fogo da bateria do Captivo, e o acerto do que lhe fazia a do Fojo, porque a bateria da Lomba já de nada servia por ter cahido em poder dos atacantes, que immediatamente lhe encravaram as peças com a ponta das baionetas.

A superioridade do numero, e a vantagem do successo fôra até aqui favoravel aos miguelistas, quando o coronel graduado de cavallaria, João Nepomuceno de Macedo, sem attender ao risco que lhe era necessario correr para salvar a causa constitucional, julgou dever aventurar a vida onde

era mais arriscada a peleja. Este bravo official, a quem a gloria d'este cêrco deve certamente tributar uma das primeiras famas, commandava por este tempo o corpo de guias, e postado d'observação no largo do Bomfim, com elle foi descarregar o golpe onde com mais força se podia fazer sentido, cahindo d'improviso sobre a testa da columna inimiga, quando alli vinha já a desembocar triumphante. Vinte e cinco eram os cavalleiros do seu commando, mal montados; mas ainda que poucos, eram vinte e cinco heroes, que só se fiavam no gume das suas espadas, e no valor do seu braço: o impeto do seu acommettimento não só fez reprimir, mas até retrogradar os atacantes, que acutilando uns, aprisionando outros, e obrigados os mais a sahir das trincheiras, cujos fossos já tinham entulhado com moveis das casas visinhas, viram rotas as suas fileiras, e assim forçados tiveram de virar as costas aos seus adversarios. A queda do capitão Travassos, que na frente do inimigo commandava a sua artilheria ligeira, e depois de tal queda a fuga das avançadas realistas, desanimára em extremo os conductores, que precipitadamente abandonaram as peças que conduziam, começando os constitucionaes a ir-lhes desde então no alcance com todo o calor de uma bem figurada victoria. Em soccorro dos 25 guias correo promptamente um grupo de voluntarios do primeiro batalhão fixo, que na sua frente levava o tenente coronel de cavallaria, José Maria de Sá Camello, que arrojadamente succumbio n'esta investida, cabendo a mesma sorte, mais para a direita da linha, ao valente capitão Antonio Cardoso de Sousa Menezes Montenegro, que com caçadores n.° 3 tinha ido reforçar o corpo de atiradores francezes. De seis voluntarios academicos, que impetuosamente sahiram das trincheiras para recuperar a bateria da Lomba, quando pela estrada de S. Cosme viram repellir o inimigo, quatro delles cahiram logo atravessados pelas balas dos contrarios n'este bello rasgo d'intrepidez e coragem [1],

[1] Foram os dois irmãos, Luiz Maria Serrão, e José Maria Serrão, e seus dois companheiros, Guilherme Antonio de Carvalho, e Joaquim Manoel da Silva Negrão. O conde de Villa Flôr, na sua parte official da acção de

sendo os dois restantes os primeiros que effectivamente pisaram de novo o terreno da sua antiga posição. O tenente coronel Pacheco acudia então com uma força d'infanteria n.º 10, precedida já pelo seu tenente ajudante. Este official não só foi apoiar o corpo de guias com a gente que trazia, mas tambem o grupo dos voluntarios do primeiro batalhão nacional fixo, conseguindo-se desde então expellir completamente o inimigo, guarnecer novamente a linha, occupar regularmente todas as baterias e trincheiras, que desde o Douro se estendiam até ao mirante de Barros Lima, e finalmente tornar em vantagem das armas constitucionaes uma acção, que durou perto de onze horas, durante as quaes mui sanguinolenta foi para um e outro lado, porque ambos os partidos nella se bateram com a mais decidida coragem [1]. Para maior e casual fortuna d'esta assignalada victoria chegava ao campo inimigo, vindo da margem do Sul do Douro, o chamado *regimento novo*, o corpo que ultimamente se creára em Lisboa para substituir o antigo regimento 4 d'infanteria, depois que no anno anterior se revolucionára na capital contra D. Miguel: o seu novo fardamento, e as suas barretinas com grandes chapas, infundiram nos realistas, pela semelhança do uniforme, suspeitas de que este era com effeito o corpo dos atiradores francezes ao serviço de D. Pedro, d'onde nasceo a idéa de se reputarem cortados pelos constitucionaes, e a resolução de começarem a descarregar logo contra aquelle regimento toda a fuzilaria, que contra elle podiam empregar, de que resultou cahir gravemente ferido por uma bala na cabeça o seu commandante, que dentro em poucos dias expirou, depois de ter feito a

29 de setembro, referindo-se ao corpo academico, diz delle: «são tão repe-«tidos, e tão relevantes os serviços do corpo de voluntarios academicos, prin-«cipalmente neste glorioso dia, que eu entendo que este distincto corpo é de «tal modo credor da gratidão da patria, que elle merece algum signal parti-«cular de distincção de sua magestade imperial.» O coronel Hodges diz n'uma sua obra, publicada em Londres sobre a nossa guerra civil, «que o corpo «academico se distinguira sempre com a maior honra, tanto pelo seu valor, «como pela sua decisão á causa constitucional.»

[1] Assim o confessam todos os estrangeiros, que publicaram escriptos sobre a guerra civil de Portugal.

operação do trepano. O inimigo ameaçou varios outros pontos sobre a esquerda da linha constitucional; mas os seus ameaços foram só para encobrir o seu verdadeiro ataque na direita da mesma linha, terminando assim por uma das mais celebres victorias, alcançadas pelo exercito de D. Pedro, o memoravel dia 29 de setembro [1]. No Porto não houve pessoa alguma ociosa durante este dia de crise: todos os seus moradores trabalharam á porfia, segundo o peculiar das suas circumstancias e possibilidades, porque se uns correram ás linhas para fazer fogo, outros ajudaram os combatentes, offerecendo-lhes munições, e ministrando-lhes agua para que nunca deixassem o seu posto. As senhoras, correndo aos hospitaes, acudiram com o maior desvelo aos feridos com dadivas de lençoes, de panno de linho, de camisas, e fios, chegando a haver algumas que auxiliaram até os curativos dos mais perigosos. Na sua ordem do dia de 30 de setembro, o conde de Villa Flôr, proclamando aos soldados constitucionaes, ufano lhes dizia, que pela sua conducta justificavam elles o seu honroso titulo de Exercito Libertador, por ser pelo seu auxilio que a patria em breve seria salva. Quanto a D. Pedro, esta acção parece ter sido para elle o ultimo desengano do nenhum prestigio, que o seu nome tinha entre os partidistas de seu irmão, e de que a lucta, que viera trazer a Portugal, havia de ser crua, longa, e pertinazmente sustentada, porque foi só agora que se lembrou mandar vigorar [2] a carta de lei de 19 de janeiro de 1827, que concedia ás familias dos officiaes, que morressem na defeza da patria, os seus soldos da tarifa de paz, medida que depois se fez extensiva [3] ás familias dos officiaes da armada, ás dos corpos nacionaes, e até ás de quaesquer pessoas não militares.

[1] A lição foi severa para ambos os partidos, porque em quanto os realistas tiveram a lamentar a falta de 2:229 baionetas, entre mortos, feridos, e 300 prisioneiros, além de 122 officiaes, os constitucionaes tiveram a perda de 646 homens ao todo, incluindo 77 officiaes, e 158 mortos: no campo apanharam-se tambem duas peças d'artilheria, um obuz, 400 espingardas, e grande quantidade de munições.

[2] Decreto de 1 de outubro.

[3] Decreto de 4 de abril de 1833.

Esta brilhante victoria foi a que decididamente fixou a estada do Exercito Libertador no Porto, cujas linhas ficaram desde então inexpugnaveis ao numeroso exercito, que D. Miguel chegou a reunir em volta d'aquella cidade, e á qual elle nunca mais se abalançou a dar um ataque tão vigoroso como este, ou por maior cautela empregada, ou por maior temor que tivesse: a confiança cresceo desde então desmedida nas armas de D. Pedro, e os seus inimigos vacillaram na sórte que os esperava, deitando-se desde então a conseguir pela fome o que não podiam haver pelo valor do seu braço. Ainda mais se nota que tão cortados ficaram os realistas nesta peleja, que por muitos dias se não atreveram, já não digo a acommetter os constitucionaes no campo, mas nem até a disparar a sua artilheria contra as suas linhas. E com effeito frouxos, e entregues ao mais completo estado de estupefacção, deixaram elles correr bastantes dias depois da tão disputada batalha de 29 de setembro; a guerra parecia ter acabado pela nullidade dos seus movimentos de tropas, e operações militares ao Norte, e ao Sul do Douro, pela mudez da sua artilheria e bombardeamento, até ao dia 11 de outubro, e até pelos raros tiros, que n'um ou n'outro ponto dos postos avançados se ouviram durante este tempo; tudo em fim presagiava qual fôra o vigor do ataque, e qual o pesado sentimento dos seus infortunios, pelo grande abatimento a que por tantos dias os atacantes ficaram reduzidos. Nunca é prudente anticipar o desfecho dos grandes acontecimentos futuros: esse *Te Deum*, que o general Gaspar Teixeira mandára antes de tempo cantar na cathedral de Braga, pela sua desejada victoria de 29 de setembro; essa promptificação de jantares com que alguns dos poucos realistas, que ficaram dentro do Porto, pegados ao abrigo dos seus proprios lares, se propunham obsequiar os seus triumphantes e futuros hospedes; e finalmente esse annuncio que um frade, na freguezia dos Anjos em Lisboa, lançou do pulpito abaixo, quando como inspirado do ceo se afigurou vêr as tropas realistas entrar dentro do Porto, tudo se reduzio ao cruel desengano de uma das mais famosas

derrotas, que podia experimentar um exercito, communicada ostensivamente para a capital pelo general miguelista, debaixo do disfarçado nome de *um reconhecimento em força*: todavia, apesar d'esta estudada reserva, ia com ella d'envolta a exageração da grande fortaleza das linhas de D. Pedro, compostas, como alli se dizia, [1] de duas ordens de baterias, entre si ligadas por entrincheiramentos, por de traz dos quaes os constitucionaes faziam com facilidade, e sem perigo, as suas communicações, e ia igualmente a supplica da prompta remessa de mais tropa, e até mesmo a de que D. Miguel, ou pelo menos o duque de Cadaval, sahisse tambem da capital, para com a sua presença ir animar o exercito: tanto era o desalento occasionado pela famosa batalha do dia 29 de setembro! Facilitava o soccorro, que Gaspar Teixeira pedia para Lisboa, a razão do numero, que suppunha no exercito de D. Pedro, e o estado de adiantamento em que já dava as suas linhas, e por isso não só desde logo lhe foi satisfeito o pedido de mais gente, mas até o proprio D. Miguel prometteo com effeito ao seu exercito a honra de lhe ir passar em pessoa uma revista, em testemunho do apreço que os seus relevantes serviços lhe mereciam: ao exercito deo-se esta plena satisfação para lhe suavisar os seus males e privações; mas ao general Gaspar Teixeira só restou, para maior dissabor do seu infortunio, a amarga censura de uns, e o pungente e affrontoso epitheto de traidor á patria, na crença de outros, cuidando-se desde então na pessoa, que no commando do mesmo exercito o devia ir substituir.

Entretanto a conservação da Serra do Pilar nas mãos dos constitucionaes era a mais irrefragavel prova da impotencia do exercito sitiante, não obstante os gabos que o proprio D. Miguel lhe tributava. O velho general Torres ia-se alli conservando, auxiliado por poucos, mas valentes defensores, que ora trabalhavam de dia na fortificação das linhas, ora corriam de noite ás trincheiras para rebater a insolencia do inimigo, e muitas vezes para satisfazer ás ca-

[1] Officio do visconde do Pêso da Regoa de 30 de setembro.

prichosas ordens do mesmo Torres, que demasiadamente cauteloso, e vendo-se separado do Porto pelo rio Douro, donde não podia ser tão promptamente soccorrido quanto o desejava em occasião de apêrto, dêo em imaginar surprezas e ataques do inimigo no meio da tranquilidade das noites, em que os perigos se fazem parecer maiores, e á voz de um *varra-me essa cêrca com metralha*, não foi raro abrir elle um activo fogo de artilheria da bateria da Pedreira, a que se séguia logo uma energica fuzilaria sem alvo, que levava horas, e consumia d'ordinario muitos mil cartuxos[1]. Entre estas supposições de ataque appareceo finalmente o mais sério de todos quantos sobre aquelle ponto se tentaram, e não de noite, como o seu governador cuidava, mas durante o dia, e com toda a regularidade da arte. Pelas seis horas da manhã do dia 13 de outubro rompêo da parte dos miguelistas, contra as fortificações da Serra, o vivissimo fogo de quatro baterias de peças, e uma de morteiros e obuzes: todas ellas tinham junto da noite conseguido fazer n'um muro velho, que ficava no centro da linha de defeza, uma rotura praticavel, ou brecha, reparada todavia durante a noite, á custa dos trabalhos e fadigas de toda a guarnição[2], acarretando pedra e entulho para a resguardar do assalto. A actividade deste fogo, e do bombardeamento, durou não interrompidamente até muito depois das duas horas da tarde do dia 14, esperdiçando os realistas mais de 3:000 balas, granadas, e bombas: da Serra, onde ninguem assomava aos parapeitos sem perigo, procurando todos na raiz das trincheiras, ou

1 Na noite de 18 de setembro dispararam-se na Serra para mais de 20:000 tiros de espingarda, o que fez que eu, por envergonhado do que disto diriam nacionaes e estranhos, amigos e inimigos, solicitasse por baixo de mão ordens expressas para se pôr côbro a este repetido, e inutil desperdicio de munições: eu fazia então parte da guarnição da Serra como praça do destacamento do corpo academico de Coimbra.

2 Deste serviço da fortificação da Serra eram directores os academicos José Estevão Coelho de Magalhães, e José Silvestre Ribeiro, que dirigiram os seus respectivos trabalhos com toda a promptidão e acerto, e nesta occasião mereceram particulares elogios no officio, que o general Torres dirigio ao governo em 19 de outubro, valendo-lhes esta recommendação a condecoração da Torre e Espada.

estendidos pelas banquetas, achar abrigo contra tamanho fogo de artilheria, que mais parecia uma continuada salva, sem attenção alguma ao despendio de munições, do que modo regular de annunciar combate, pouco ou nada se tinha respondido a este insolito trovejar de canhões. Pelas tres horas da tarde do mesmo dia 14, logo que os realistas entenderam quebrantados os animos, faltos de força para a defeza, e lastimados até pelos muitos ferimentos, e mortes que teria havido, apparecêo finalmente contra os constitucionaes a sua linha de atiradores, sustentada por 5:000 homens, divididos em tres columnas, duas das quaes se dirigiram aos extremos, e uma ao centro das fortificações daquelle ponto. Por seis vezes se renovou o assalto, reforçando o inimigo os seus atiradores por outras tantas com tropas frescas; mas pelas seis horas da tarde os realistas dabandaram em confusão, deixando os defensores da Serra cobertos de gloria, e o terreno circumvisinho juncado de armas e de cadaveres, entre os quaes se reconheceram depois os de alguns officiaes: foi quasi no fim deste mesmo ataque que o coronel Francisco de Magalhães Peixoto recebêo d'uma bala perdida a ferida mortal de que mais tarde veio a succumbir em Villa Nova, honrando-lhe a sua memoria o geral sentimento, que deixou no exercito realista, attento o elevado conceito, e reputação de tão bom soldado, que entre elle tinha [1]. Assim acabou um assalto presenciado já pelo marechal de campo Joaquim Telles Jordão, que recentemente chegára de Lisboa para tomar o commando da segunda divisão das tropas de D. Miguel em volta do Porto, onde vinha substituir o brigadeiro Nicoláo de Abreu. Os realistas tinham marchado ao combate com toda a galhardia e garbo militar: em frente das trincheiras da Serra teimaram elles como quem não queria retroceder vencido; mas a pertinacia da defeza, ainda que bem disputada, foi melhor succedida que o vigor do ataque, ficando desde então a Serra tão segura nas mãos dos consti-

[1] A perda dos constitucionaes foi por esta occasião de 17 mortos, e 52 feridos.

tucionaes, como ficára o Porto depois da batalha de 29 de setembro.

O inimigo mostrára-se tão quebrantado com este seu novo desastre da Serra, que depois do dia em que teve logar nunca mais houve outra occasião tão propicia dos constitucionaes se assenhorearem da baixa de Villa Nova, occupando os differentes pontos culminantes, que para isso lhes convinha, e para que talvez lhes bastasse unicamente o do castello de Gaia, e o da Furada. Por esta fórma se apossariam elles dos ricos armazens da companhia, e alcançariam meios de satisfazer ás condições do emprestimo suppletorio das £ 600:000, ás requisições da commissão dos aprestos em Londres, e finalmente ás necessidades por que já estavam passando para poder subsistir. E todavia essa occasião perdêo-se, ou desprezou-se o mais opportuno momento de atacar o inimigo do Sul, quando elle tinha consumido todos os materiaes de que necessitava para vir ao ataque da Serra, quando as suas baterias daquelle lado se tinham limpado de munições, e os seus depositos exhaurido em grande parte de cartuxame d'espingarda, quando as suas tropas, cançadas pelos rodeios que tinham feito no seu accommettimento e retirada, e desmoralisadas tambem por todos estes motivos, mal podiam soffrer um sério ataque, bem dirigido no seu primeiro impeto, e sustentado depois com a maior firmeza. Nunca um corpo de exercito se achou exposto a tão funesto golpe de mão: dois até tres mil homens, cheios d'enthusiasmo pela victoria de 29 de setembro, e pelo recente triumpho da Serra, atravessando o Douro naquelle momento, eram por si só bastantes para espalhar um terror fatal para os realistas, e levar ao centro das suas fileiras uma provavel destruição, antes que os seus companheiros do Norte lhes podessem prestar o mais pequeno soccorro. Alguem houve, que receiando a realisação deste projecto, velou durante a noite de 14 de outubro; mas em vez disto só appareceu no publico mais uma nova proclamação de D. Pedro, chamando os soldados miguelistas á deserção! Quantas desgraças se não teriam evitado no Porto com semelhante passo? Quantas fortunas

não teriam escapado aos males do bombardeamento por que se passou durante o resto do cêrco? Quantas vidas se não teriam poupado nas fileiras do exercito, e entre os moradores da cidade? E finalmente quanto sangue não teria deixado de correr, quando durante as noites se dêo em resgatar, á custa de tanto sacrificio de gente, e de tantos trabalhos e riscos, os generos de que se precisava para no seguinte dia subsistir? Quando no mez de setembro a commissão dos aprestos participava para o Porto o seu total descredito, e o abatimento em que a causa constitucional cahira em Londres por se não ter occupado Villa Nova, e satisfeito ás suas requisições sobre a remessa dos vinhos; quando o marquez de Palmella, luctando com tantas difficuldades, mal podia arranjar meios para se comprar a denominada náo raza, para a acquisição dos cavallos, que se lhe pediam, e até para conseguir o alistamento das recrutas, que mandára para o exercito, houve então quem lhe fornecesse cinco mil libras sobre a caução de 500 pipas de vinho. A remessa pois deste vinho era da mais extrema necessidade, e os constitucionaes, que para se manterem no Porto precisavam bater-se quasi diariamente na defensiva, tiveram de passar tambem á guerra offensiva, e expôr as suas vidas, para a troco de tal vinho alcançarem os meios de poder subsistir, tendo para este intento desprezado a occasião mais propicia. Os dias 22, 23, e 24 de outubro foram destinados a outras tantas sortidas sobre a margem esquerda do Douro, e foi á sombra dellas, e debaixo do fogo dos fuzis, e da artilheria inimiga, e á custa da perda de algumas vidas, que com effeito se alcançaram retirar para o Porto 1:600 pipas de vinho, sem os constitucionaes terem para esta empreza em seu apoio, além das fortificações da Serra, mais do que uma trincheira, que antes do cêrco se tinha casualmente levantado na praia de Villa Nova, e que os realistas por esta causa buscaram agora em vão destruir.

Todas estas vantagens dos constitucionaes em terra tambem felizmente eram secundadas pelas de mar. A esquadra miguelista, reparadas que teve as avarias do combate do

dia 10 de agosto, sahio da barra do Tejo no dia 10 de setembro no mesmo numero de velas com que o fizera da vez primeira, com a unica falta de um brigue, mas com o augmento de um vapor [1], que conduzindo no dia seguinte a reboque um dos brigues, que perdera o mastaréo da gavea, e velaxo, teve o desastre de ser repentinamente mettido a pique, sem que escapasse uma só pessoa, por vir sobremodo abarrotado de petrechos, e munições de guerra. Na esquadra constitucional appareceram tambem por este tempo, e a bordo da fragata D. Maria 2.ª, os primeiros symptomas de insubordinação, fazendo os da sua tripulação saber ao seu commandante, por meio de um nós abaixo assignados dos officiaes de prôa, e inferiores, que nem tinham forças para com vantagem se bater còm o inimigo, nem a seu bordo havia meios de soccorro para tal fim necessarios, e nem finalmente a mesma fragata se achava em estado de navegar, particularmente em occasião de vento fresco. Este vaso chegou mesmo a desviar-se da esquadra, e Sartorius, que por tão desairoso acontecimento para a disciplina militar ficára summamente desgostoso, teve de mudar para bordo delle o seu pavilhão de almirante, indo no dia 2 de outubro lançar ferro nas proximidades das ilhas de Bayona, como de observação á esquadra inimiga, que demandára a bahia de Vigo, e nella fundeára, e lançára para terra algumas munições, que d'alli foram a Vianna, para depois seguirem para o seu exercito. Pelas sete horas do dia 10 de outubro largou de Vigo a esquadra miguelista, seguida tambem de perto pela constitucional. Pela hora e meia da manhã do dia 11 Sartorius destinou as suas duas fragatas para bater a náo D. João 6.º, em quanto que as corvêtas e brigues se deviam dirigir á fragata Princeza Real, e conservar em respeito as outras embarcações miudas, plano este que todavia falhou, porque em quanto as fragatas constitucionaes se dirigiam contra a náo inimiga, as outras embarcações da esquadra não tomaram a posição que deviam. Pelas duas horas e meia

[1] O Restaurador Portuguez.

a fragata Rainha passou entre a náo, e a D. Maria, indo postar-se a barlavento, e pela prôa da mesma náo, onde de bem pouco servio; mas se em vez disso ella tivesse posto o leme de encontro, collocando-se no travez da prôa daquelle vaso inimigo, necessariamente teria sido sustentada pela D. Maria 2.ª, e por este modo a D. João 6.º seria inevitavelmente apresada [1]. Não se fazendo assim, o fogo inimigo, então a tiro de metralha, dirigio-se unicamente ás fragatas constitucionaes, particularmente á D. Maria 2.ª, que ficou horrivelmente cortada, tendo recebido oitenta balas no costado, além de muitas outras avarias. Deste modo pôde a esquadra miguelista procurar novamente Lisboa, e entrar no dia 14 a barra do Tejo, depois de um combate de quatro horas e meia, em que só a náo disparou 1:436 tiros, e a fragata 1:000 [2]. Sartorius fundeou em frente do Porto no dia 20 de outubro, e desembarcando alli, passou pelo desgosto de ser friamente recebido por D. Pedro, e pelos seus ministros, que antecipadamente tinham posto idéas fixas na tomada da esquadra inimiga. Entretanto o combate naval do dia 11 de outubro, ainda que não decisivo, trouxe para os constitucionaes a grande vantagem de fazer entrar no Tejo, e annullar por quasi um anno inteiro, a esquadra miguelista, desviando por este modo da barra do Douro o perigoso e fatal bloqueio maritimo, com que o governo miguelista a tinha ameaçado [3], de que resultou poderem os mesmos constitucionaes receber por mar todos os soccorros de gente, munições, cavallos, e dinheiro, que d'Inglaterra lhes veio, e com que sustentaram a guerra por tantos mezes depois.

Todas estas circumstancias eram outros novos motivos para conservar o partido miguelista em continua desconfiança

[1] É esta a opinião sustentada por Napier na sua *Guerra da Successão em Portugal.*

[2] A perda da esquadra inimiga foi de 20 mortos, e 49 feridos, e a da constitucional de 10 mortos, e 40 feridos.

[3] A circular de 12 de setembro de 1832, dirigida pelo visconde de Santarem ao corpo consular em Lisboa, é a que contém esta ameaça.

sobre a sua futura sorte, e até mesmo quanto ao seu exercito, que sendo em grande parte composto de voluntarios realistas, e milicias, não infundia poucos receios de que com a prolongação da guerra fosse consideravelmente desfalcado pela deserção desta gente, levada a semelhante passo pela necessidade de cuidar na cultura, e amanho de seus campos, augmentando-se por mais este modo a desmoralisação da tropa de linha. Por outro lado a repetição dos decretos de amnistia para os soldados constitucionaes, que se apresentassem ás authoridades miguelistas, pouco ou nenhum effeito havia produzido, e ainda que consideraveis fossem no exercito de D. Pedro as deserções de seus soldados, consideraveis eram tambem no de D. Miguel, andando com pequena differença umas pelas outras. Estas deserções dos realistas claramente demonstram que nunca faltam partidistas a qualquer bandeira politica, por mais mal situada que esteja: que os soldados de D. Pedro fugissem para evitar a fome, e se subtrahir aos trabalhos e riscos de uma guerra, que por todos os lados ameaçava um funesto desfecho, entendia-se isto bem, e desculpavel se tornava até certo ponto, mas que desertassem para o Porto os de D. Miguel, abandonando um exercito poderoso, costumado á pilhagem, familiarisado com a indisciplina, sitiando uma cidade ameaçada de saque, coberta de bombas e balas; que estes soldados viessem abraçar uma causa perdida, e se unissem ás victimas, que dentro em breve se suppunham amarradas ao carro triumphal do vencedor, era este um facto inexplicavel entre os de mais atilada politica. Verdade é que os soldados de D. Miguel não estavam ainda assim ao abrigo de muitas e graves privações: a sua falta de fardamento, e a irregularidade dos seus pagamentos eram outros tantos motivos de descontentamento nas suas fileiras. Esta circumstancia, e o consideravel atrazo de muitos mezes a todas as classes de servidores do estado, manifestavam igualmente a grande falta de recursos no governo de Lisboa. Para destruir a má impressão moral, que d'aqui resultava, começou-se então a espalhar que um emprestimo de quarenta mi-

lhões de francos, ou dezeseis de cruzados, se tinha contrahido em França ao preço de 69 $\frac{1}{2}$, e ao juro de 5 por cento, tendo por hypotheca especial as decimas de Lisboa, e Porto; mas as privações sentidas não confirmavam a realidade de semelhante emprestimo. Depois de tudo isto veio por ultimo a crença de que a força dos constitucionaes no Porto não era tão diminuta quanto se publicára, e com ella a de que os generaes do exercito de D. Miguel ou se ressentiam de traição, ou de inhabilidade, porque em fim seguindo a condição dos juizos humanos, nunca faltam culpas á desgraça, nem deixam de se dar louvores á ventura. D'aqui nasceo pois a desconfiança entre o governo, e os governados, e a necessidade da ida do mesmo D. Miguel ás provincias do Norte, para com a sua presença levantar o espirito abatido dos seus soldados, e cimentar novamente a fé na reputação das suas armas, e a confiança na superioridade do seu numero até á total expulsão dos constitucionaes do Porto, negocio da maior importancia para a consolidação da causa realista. Na sua ordem do dia de 7 de outubro annunciou elle a sua partida para o exercito, exhortando as tropas, que guarneciam a capital, para que durante a sua ausencia prestassem com todo o zêlo, e pontualidade os valiosos serviços, que de todos se exigia, quanto á sua tranquilidade e segurança. Ao duque de Cadaval, graduado desde o dia 6 em marechal do exercito, se confiou o commando de todas as tropas, que existiam na provincia da Extremadura, nas fortalezas, e na margem do Norte, e do Sul do Tejo, authorisando-o para as empregar como julgasse opportuno, e até para enviar ás authoridades respectivas as ordens, que lhe parecesse acertado: a expedição dos negocios ficou porém commettida aos ministros e secretarios d'estado, que reunidos em conselho, de que o mesmo duque de Cadaval fazia parte, tinham a seu cargo providenciar segundo as circumstancias occorrentes.

D. Miguel sahio com effeito de Lisboa pelas quatro horas da tarde do dia 16 de outubro, entrando no dia 20 em Coimbra, onde fóra da cidade o esperava o prestito do corpo

cathedratico da universidade, o bispo, o cabido, a camara, e todas as mais authoridades civis e militares, além da tropa, e pessoas de todas as classes e jerarchias. Em Coimbra se demorou D. Miguel alguns dias, visitando pela tarde do dia 23, com suas irmãs e a côrte, o convento de Santa Cruz para assistir á abertura do interior do tumulo d'el-rei D. Affonso Henriques, que já em 1732 tinha sido aberto, e muito antes disso no reinado d'el-rei D. Manoel. No dia 26 do mesmo mez quebrou-se finalmente a exaltação e intolerancia, tão rigidamente seguida até alli pelo partido realista, quando o infante, allegando especiosos motivos, e entre elles o arrependimento de que lhe constava acharem-se possuidos alguns dos partidistas de seu irmão, quanto aos seus passados erros, resolveo decretar uma amnistia para todos os que até á patente de capitão se apresentassem ás suas respectivas authoridades: todavia estas promessas da parte de quem por mais de uma vez faltára á obediencia de filho e subdito para com D. João 6.°; e de quem tão solemnemente quebrantára os seus deveres, e juramentos para com seu irmão e seu rei; de quem por meio de seus generaes promettera o saque do Porto, e convidára os seus soldados a não largarem as armas em quanto existisse um só revolucionario; e finalmente de quem tantas execuções injustas sanccionára, e tantas perseguições permittira, não podiam ser cridas por aquelles a quem diziam respeito, nem abalar os principios de um só constitucional, que tantas razões de queixa tinham da sua anterior conducta, e ardiloso caracter: tão certo estava D. Pedro do nenhum effeito desta amnistia, que em principios de novembro a não duvidou publicar na Chronica Constitucional do Porto! Prestando ouvidos á desconfiança espalhada contra os seus mais fieis generaes, D. Miguel transigio pela sua parte com ella, (se é que abertamente não partilhava tambem tal desconfiança), castigando no visconde do Pêso da Regoa a infelicidade de não ter podido entrar no Porto no dia 29 de setembro, dando-lhe por successor no commando do seu exercito o visconde de Santa Martha, aquelle mesmo general que aos

constitucionaes abandonára aquella mesma cidade, sem disparar um só tiro! Gaspar Teixeira veio pela sua parte para o governo das armas da côrte e provincia da Extremadura, substituindo neste logar o visconde de Veiros, promovido por esta occasião a marechal do exercito. Tomadas assim em Coimbra estas medidas, que pareciam verificar nos maiores as feias culpas, que os inferiores lhes suppunham, o mesmo D. Miguel sahio d'alli no dia 29 de outubro para Braga, onde com effeito entrou no 1.° de novembro.

O máo resultado constantemente alcançado das operações activas, até então tentadas por Gaspar Teixeira contra as linhas do Porto, e a Serra do Pilar, reunido com certa indisposição, que o geral dos homens manifesta sempre para com as medidas dos seus antecessores, fez adoptar ao visconde de Santa Martha o systema das operações passivas, limitando-se á stricta defensiva das suas posições, e entrincheiramentos, destinados a tornar por toda a maneira effectivo o bloqueio do Porto, unico meio de cortar aos sitiados as provisões de guerra, e de bôca, visto não lhe aproveitarem por mar as suas grandes forças navaes. Estabelecido o seu quartel general em Agoas Santas, a collocação do seu exercito foi pela seguinte maneira: a terceira divisão, que ultimamente chegára de Lisboa, passou a ser commandanda pelo brigadeiro José Antonio de Azevedo Lemos, do quartel no Alto da Bandeira, e a guarnecer a margem do Sul do Douro, desde o esteio de Avintes até ás baterias da Pedra do Cão, e Cabedello, tendo uma brigada no alto do mirante do Boucinhas, vigiando as immediações da igreja fortificada de S. Christovão; outra no campo da Barrosa, de guarnição a varias baterias; e outra, denominada provisoria, formava no Verdinho, e alturas do Candal, tendo na sua frente a bateria da Furada, e na sua esquerda todas as que d'alli iam até ao mar. Em frente de Avintes, na margem do Norte do Douro, achava-se collocada a columna movel, do commando do coronel Antonio Joaquim Guedes, que se estendia pela quinta do Freixo, Val-Bom, Campanhã, e forte do Tim, até ao campo do Chão Verde, e alto de Rio Tinto,

onde o mesmo coronel tinha o seu quartel general. Seguia-se a esta a quarta divisão, commandada pelo marechal de campo Augusto Pinto de Moraes Sarmento, de quartel em Pedroiços: uma das brigadas desta divisão occupava Arreteia, e Cruz da Regateira; outra Agoas Santas, e Areosa; a terceira a linha que ia do forte de Cantomil até á esquerda da estrada de Vallongo; è a quarta a parte que ia desde a esquerda desta estrada até ao forte do Sobral, sendo por conseguinte a linha defensiva desta divisão toda a que se estendia desde o acampamento do Sobral até Paranhos, e Arreteia, tocando em S. Mamede da Infesta. A segunda divisão, commandada pelo brigadeiro Joaquim Telles Jordão, de quartel em S. Thiago de Costias, tinha uma brigada em Villa Nova debaixo, outra na Senhora da Hora, e Ramalde (estrada de Matosinhos), outra no Padrão da Legoa (estrada de Villa do Conde), e a quarta em S. Mamede da Infesta, na estrada de Braga. Tal era a distribuição do exercito realista, ordenada pelo general Santa Martha, que assumindo o absoluto imperio desta guerra, fundou todo o bom successo della tanto na superioridade da sua força, como no bloqueio, que com todo o rigor poria ao Porto, se com isto reunisse a occupação da Foz, até este tempo esquecida. Verdade é que algumas das suas tropas já no dia 18 de outubro tinham ameaçado aquelle ponto, occupado o castello do Queijo, abandonado até então por ambos os partidos, dando assim logar a que muita gente se retirasse da Foz pàra a cidade, receiando-se do sitio do respectivo castello: tambem é verdade que no dia 26 de outubro se havia cortado a ponte de Lessa, e no dia 29 cortadas foram igualmente as aguas das azenhas de Lordello, mandando-se sobre as alturas da igreja de Nossa Senhora da Luz um forte destacamento, contra o qual uma corveta constitucional fizera muito fogo; mas nada disto mostrava por agora tenções fixas de occupar decididamente aquelle ponto, e d'obstar assim á communicação das tropas de D. Pedro com o mar.

Este plano do bloqueio do Porto parece ter sido o resultado das combinações do general Santa Martha com o

chefe d'estado maior general de D. Miguel, o conde de Barbacena, que tendo chegado ao respectivo exercito no dia 25 de outubro, não só examinou todas as suas posições, e os seus postos avançados, mas até ordenou a construcção de novos reductos, e o levantamento de novas baterias e linhas de circumvalação n'uma e outra margem do Douro. Foi assim que nos fins do mez de outubro, auxiliados os trabalhos de fortificação pelo grande numero de paisanos, que ou para elles eram apenados, ou vinham por vontade propria, com esperanças no saque, se conseguiram fazer sem medida, e em pouco tempo, as obras do projectado bloqueio, cujos funestos effeitos tanto se iam já sentindo no Porto. O continuo manejo das armas, e o sem numero de baterias inimigas, incessantemente chamava a attenção de toda a gente para este objecto. As illuminações e fogos de artificio, que na cidade se tinham feito para commemorar o dia 12 de outubro, anniversario do nascimento de D. Pedro, haviam atrahido grande numero de bombas e balas, occasionando a morte de varias pessoas, e o ferimento de outras. Desde então o bombardeamento tomou por alvo mais especial a casa dos Carrancas, onde na Torre da Marca residia D. Pedro, dirigindo-se contra ella na noite de 28 do mesmo mez grande numero de bombas e granadas, e tão certas se projectaram algumas, que no dia immediato teve elle de mudar de quartel, passando desde então a morar na rua de Cedofeita. Os proprios tiros dos piquetes realistas, estabelecidos em Santo Antonio do Valle da Piedade, pelas consequencias funestas que produziram, matando alguma gente nos Alamos de Maçarellos, e caminho da Foz, fizeram com que da parte dos constitucionaes se levantasse uma nova bateria junto á igreja de S. Pedro, a que os realistas responderam com as suas do Verdinho, e Fabrica da Polvora. Firme no seu proposito d'obstruir completamente a barra do Douro, Santa Martha officiou no dia 8 de novembro ao consul inglez, e ao commandante das forças navaes britannicas, avisando-os de que ia empregar todos os meios conducentes áquelle fim, e exigindo a par disto a mais stricta neutralidade da parte

das suas mesmas embarcações, fundeadas no rio, tudo na conformidade do estado de sitio, em que desde 4 de julho ultimo se tinham declarado todos os logares occupados pelas tropas constitucionaes, a quem era forçoso embaraçar o abastecimento de viveres, e a chegada de mais forças e munições de guerra. Protestando por qualquer infracção de semelhante estado de sitio, o mesmo Santa Martha pedia que se fizessem desviar das suas linhas de fogo todos os navios estrangeiros, inclusivamente os de guerra, ficando elle, e o seu governo, que por este tempo fazia igual communicação ao commandante das forças navaes inglezas surtas no Tejo, quites de qualquer responsabilidade pela contravenção desta medida. As primeiras baterias miguelistas, impunemente levantadas debaixo das canhoneiras das baterias de D. Pedro, trouxeram a successiva construcção de outras, porque o bom successo das primeiras facilitou, e dêo conselho para a construcção das segundas, em que se trabalhava de noite com tal força, que na manhã seguinte appareciam já projectados os parapeitos, e delineadas as canhoneiras, sendo destas segundas baterias a mais notavel de todas a da Furada, a que os realistas chamaram de D. Miguel. No dia 8 de novembro rompêo esta bateria o fogo contra os navios de guerra constitucionaes, contra a Foz, praia da Cantareira, e Trem do Ouro, sahindo ao mesmo tempo de Villa do Conde algumas lanchas canhoneiras, destinadas a atracar os navios mercantes, que trouxessem mantimentos para o Porto. Desde então o terrivel fogo da bateria da Furada enchêo da maior consternação os sitiados, e de tão grave consequencia começára a ser a impressão que fazia, que no dia 10 do citado mez de novembro mandou D. Pedro levantar uma outra no monte da Arrabida, já fóra da linha de Lordello, e depois a de Santa Catharina, Trem do Ouro, e conego Teixeira, para sobre aquella cruzarem com a sua artilheria, e a obrigarem a callar-se, o que nunca conseguiram, apparecendo sempre melhoradas, bem assestadas, e abastecidas de consideravel numero de bocas de fogo estas baterias miguelistas, que quasi de repente se levantavam com novos fortins, para

ameaçar o Porto d'uma total destruição. Em 11 de novembro desmascararam-se as duas baterias inimigas da Pedra do Cão, a que os realistas chamaram Tancos, e Barbacena, e ainda depois dellas a celebre bateria de Sampaio, tendo todas por fim inutilisar completamente a barra.

O continuado fogo de todas estas baterias inimigas, incessantemente arremessado contra os navios de guerra constitucionaes, não só lhes occasionára consideraveis rombos e avarias, mas até os fez levantar do Trem do Ouro para a praia dos Alamos de Maçarellos, ficando todavia o navio Castro 1.°, e a escuna Villa da Praia, meios d'agua, e impossibilitados de navegar. A 13 de novembro aproximaram-se da barra dois navios mercantes, que tiveram de virar de bordo pelo fogo que as baterias inimigas lhes dirigiam. Desde então foram avisados do bloqueio terrestre pelos vasos inglezes os navios mercantes, que demandavam a barra. Apesar disto ainda no dia 23 poderam entrar no Douro os brigues Adelaide, e Lyra, trazendo o primeiro cavallos, e o segundo delles carvão e feno. A escuna Graciosa, que no canal d'Inglaterra soffrêra um grande temporal, com a perda do seu commandante, e a queda de tres homens ao mar, atravessou tambem o bloqueio no dia 26, sendo conduzida ao Porto por tres marinheiros portuguezes, que recusando fazerem-se ao largo, foram dar fundo junto dos Alamos, no meio dos repetidos vivas dos constitucionaes ao passar aquelle vaso debaixo de uma cerração de bombas, granadas, e balas, que lhe choviam de todas as baterias inimigas. O brigue francez Alcyon [1], demandando a barra no dia 7 de dezembro, arreou bandeira; mas apesar disso os tiros continuaram, e o brigue foi mettido a pique, bem como uma catraia que o soccoria: este vaso trazia farinha, e algumas recrutas, das quaes se afogaram duas, e feriram tres. Desde então nunca mais entrou no Douro um só navio mercante durante o resto do cêrco, ficando por conseguinte a barra inteiramente fechada da parte de terra

[1] Conduzia a seu bordo o conselheiro José Antonio Guerreiro.

para os defensores do Porto, a quem só restou para as suas communicações com o mar a pequena porção da costa, que vae desde a Foz até pouco mais adiante do farol da Luz. A fome estava por tanto imminente aos constitucionaes, e foi para lhe obstar que, debaixo de toda e qualquer bandeira, se permittio a entrada de mantimentos com consideravel reducção de direitos, e se franqueou o commercio de cabotagem a todas as embarcações estrangeiras. Por este tempo já o alqueire de farinha de trigo passára de 750 a 1$500, e a de milho a 1$350, sendo o preço da carne já em fins de novembro de 200 réis por arratel. Com esta carestia de generos se reunia igualmente a falta de combustivel, que para se supprir necessario foi importar carvão de pedra inglez, apparecendo depois de tantos males o monopolio dos atravessadores de generos, a que debalde o governo pertendêo pôr cobro por meio de varias medidas coercitivas. Para maior desgraça até os roubos se tornaram frequentes por este tempo, praticados pelas ruas ao abrigo da escuridão das noites, em que a falta de illuminação os favorecia, acobertados tambem os seus perpetradores com os uniformes militares, para se fazerem acreditar voluntarios, ou soldados do exercito, o que dêo logar a que o governo authorisasse todo o militar, de qualquer classe ou graduação, para prender todo o individuo paisano com uniformes militares, ou mesmo qualquer militar, que u asse de uniformes que lhe não pertencessem.

Algumas esperanças teve D. Pedro de que, diversificando do maritimo, este bloqueio terrestre não fosse reconhecido pelo governo inglez, porque emfim não havendo navios que o apoiassem, nem communicassem ás embarcações, que neste caso demandassem o Douro, e recebendo ellas praticos para as pilotar, e vendo até a respectiva bandeira nas antigas fortalezas, tornava-se impraticavel semelhante bloqueio. Todavia o governo inglez estava longe de se recusar ao reconhecimento de tal bloqueio, elle que para não violar a neutralidade, que adoptára, tinha até tolerado alguns enxovalhos á sua propria bandeira. Alvo do fogo miguelista tinha ella

sido no dia 8 de setembro, vendo-a por tres vezes successivas cahir a terra o capitão Smith a bordo do seu navio[2], no meio de grandes vozerias, e algazarras dos que lhe atiravam. O coronel Thomaz Sorell, que da Corunha viera substituir o antigo consul inglez, mr. John Crispin, chegou a reclamar contra o fogo das baterias inimigas, que de proposito lhe pareceo dirigido contra algumas propriedades inglezas: os miguelistas prometteram pela sua parte obrar com mais cautela e resguardo, promessas por elles tão mal cumpridas, que o proprio almirante Parker chegou a ir de Lisboa ao Porto para pessoalmente observar o que sobre este ponto se fazia. Em 23 de setembro entraram o Douro as corvetas inglezas Childers, e Orestes; mas a tripulação desta ultima não soffreo pouco da fuzilaria dos piquetes miguelistas de Santo Antonio do Valle da Piedade, que lhe occasionaram alguns ferimentos a bordo. O proprio escaler de uma fragata ingleza fóra da barra não foi respeitado pelos miguelistas, tendo o almirante Parker de exigir uma satisfação a tal respeito. A balandra, ou cuter de guerra inglez, Raven, pertencente ás forças navaes do Douro, tão activo fogo teve contra si das baterias inimigas, quando no dia 19 de novembro se aproximava da barra, que se vio forçada a retirar para não ser victima delle. Uma prompta reclamação por este facto foi dirigida ao visconde de Santa Martha pelo consul Sorell, e pelo commandante das forças navaes britannicas dentro do Douro, Guilherme Nugent Glascock; mas esta reclamação, secundada em Lisboa por outra do almirante Parker, ficou sem mais satisfação do que a declaração de que o governo portuguez desapprovava um tal procedimento, e estranhava a conducta do commandante da respectiva bateria. Á vista de tudo isto era claro que do governo inglez não se podia esperar com bons fundamentos recusa alguma ao reconhecimento do bloqueio terrestre, posto á barra do Porto pelos miguelistas, tomando-se como um favor a permissão, que elles deram para poderem sahir li-

[2] Era mercante.

vremente o Douro as embarcações estrangeiras, que estavam fundeadas dentro deste rio, permissão de que 22 dellas se aproveitaram no dia 2 de dezembro. Para salvar as suas embarcações de guerra, surtas no Douro, teve D. Pedro de as fazer tambem sahir de barra em fóra pela meia noite de 5 de dezembro, o que ellas poderam effeituar sem perigo, indo com effeito reunir-se á esquadra a corveta Constituição, e os bergantins Conde de Villa Flôr, e Mindello. Tal era o systema de guerra a que o general Santa Martha se tinha reduzido, esperando por meio de um mais rigoroso bloqueio levar os sitiados a capitular pela fome, elle que pela força das armas os não podia vencer, não tendo no seu exercito soldados para atacar a cidade a peito descoberto.

CAPITULO II.

D. Pedro, chamando ao Porto os militares portuguezes, que ainda estavam emigrados, e assumindo o commando em chefe do exercito, em que se tornára notavel pelas suas repetidas e funestas sortidas contra o campo inimigo, manda o marquez de Palmella por segunda vez a Londres, onde tinha chegado ao seu auge a desconfiança no bom exito das armas dos constitucionaes. D. Miguel passa a promettida revista ao seu exercito, e D. Pedro, demorando os seus projectos de uma expedição a Sagres, recebe para commandar as suas tropas um general estrangeiro, que comsigo traz para o Porto a devastadora *cholera-morbus*: prompto descredito deste general, e aspecto de melhor situação para os constitucionaes, não só pela annullação do bloqueio miguelista, e continuação dos desembarques na costa do mar, mas tambem pela chegada do general Saldanha ao Porto, onde a sua presença promove desde logo bastante exaltação de partidos, e concorre ao mesmo tempo para a definitiva segurança da communicação da Foz com aquella cidade.

DESDE os fins de outubro os males do cêrco começaram-se a tornar cada vez maiores, e na proximidade da estação invernosa os habitantes, e defensores do Porto viam sobre si imminente um futuro cheio de calamidades, e dos mais pesados sacrificios pela sua parte. O exercito realista achava-se pelo contrario ufano com a chegada do seu chefe a Braga, e olhando para o Porto com tanto mais desdem, quanto maior era o risco, que esta cidade corria com o novo systema de guerra contra ella empregado, tinha para si como segura a victoria, sem que para a conseguir precisasse mais do que amontoar munições, continuar activo o seu bombardeamento, levar ao desejado termo o completo bloqueio da barra do Douro. Da sua derrota de 29 de setembro se reparou elle facilmente, chamando logo ás suas fileiras todos os soldados, que desde 1814 tinham alcançado escusa, e convidando os paisanos para assentarem praça em primeira linha só pelo espaço de dois annos, ao passo que no exercito de D. Pedro as suas perdas eram quasi irreparaveis, pela impossibilidade de achar no Porto mais gente do que já tinha em armas, e pelas graves difficuldades de

a haver de paiz estrangeiro, e das avultadas despezas por que lhe ficavam essas mesmas recrutas mandadas da Inglaterra, e da França[1]. Além deste mal, outros havia ainda de não menor gravidade, que era a má escolha destas recrutas, reduzidas ao mais infimo das classes mais inferiores naquelles dois paizes, e o sem numero de officiaes, inclusivamente superiores, que com ellas vinham, chegando cada troço de cem homens, na opinião da commissão dos aprestos, a formar um regimento, se não quanto a soldados, pelo menos quanto a officiaes[2]. Verdade é que destes individuos a muitos se lhes regeitaram os serviços; mas a taes motins e desordens deo esta medida logar, quando no Porto se viram sem corpos para commandar, que D. Pedro se julgou obrigado a dar-lhes emprego, para por este modo evitar as funestas consequencias da sua altivez, creando em 31 de outubro um regimento d'armada com quatro batalhões de quatro companhias cada um. Para maior aggravo destes males, coincidio ainda com esta superabundancia de officiaes a chegada ao Porto[3] do aventureiro sir John Milley Doyle, apresentando-se alli com uma comitiva de mais vinte individuos, que sem ajustè, nem convite algum por parte de D. Pedro, ou dos seus agentes em Londres, vieram tentar este passo para procurar as vantagens, que o seu paiz lhes negava. Doyle fôra um dos máos officiaes inglezes, que durante a guerra peninsular estivera ao serviço de Portugal, onde chegára ao posto de coronel do regimento de cavallaria n.º 4, e inculcando-se no Porto commandante de um corpo de voluntarios inglezes, que nunca alli aportou, claramente se conheceo que a sua mente era o vir especular no infortunio dos portuguezes, no que não se enganou, porque não só conseguio um notavel adiantamento com a sua promoção a marechal de campo, sem que durante a lucta prestasse

[1] Todavia d'alli chegaram no mez de outubro 835 homens, e no de novembro 431, além de 152 cavallos, arranjados pela commissão dos aprestos.

[2] Assim succedeo com a gente, que o major Sadleir apresentou no Porto, podendo olhar-se quasi pela mesma fórma o chamado batalhão de Cochran, por ser commandado por Carlos Cochran.

[3] Em 18 de outubro.

serviço algum digno de nota, mas até lhe deo isto motivo para no fim della formular reclamações, e exigir exorbitantes pagamentos, que se lhe satisfizeram pela conta que quiz formular.

Desde então por diante a estada dos estrangeiros no Porto tornou se cada vez mais pesada e incommoda ao governo: o coronel Jorge Eloys Hodges, que commandava os estrangeiros na extrema direita das linhas, donde no 1.° de outubro foram mandados retirar para constituir a força da reserva, attenta a indisculpavel surpreza por que tinham passado na acção de 29 de setembro, tomou esta medida como affrontosa aos seus brios e caracter militar, e por esta causa se indispôz cada vez mais com o ministro da guerra. Verdade é que D. Pedro, luctando pela sua parte com grande escacez de meios, dava para as suas queixas sobejo, ou plausivel motivo aos estrangeiros, a quem não sómente faltava com a paga regular dos seus altos soldos e prets, mas até com o fornecimento de camas, e das mais commodidades, que se costumam dar aos militares em quartel permanente. Foram estas mesmas faltas, e atrazos os que ostensivamente deram logar ás contestações entre Hodges, e o governo, de modo que em quanto aquelle se queixava da falta de paga, e de quebra na fé dos ajustes, este lamentava-se da grande indisciplina da tropa do seu commando, que sem pejo andava offerecendo no mercado, pelas praças, e ruas publicas, todo o seu fato, roupa branca, e até mesmo o seu armamento, e correame. Das razões passou o mesmo Hodges a vias mais positivas, porém mais criminosas ainda, concitando os soldados, e fazendo motins, que não deram pequeno cuidado ao governo, particularmente o do dia 3 de novembro, em que muitos dos recem-chegados, vendo a má comida que se lhes dava, deram em fugir para a Foz, donde todavia voltaram debaixo da promessa de serem satisfeitos os seus pedidos. Era por tanto forçoso exonerar Hodges do commando da divisão estrangeira, de que tão máo uso fazia; mas esta mesma medida não só foi causa para este official se demittir do serviço, mas até para que o

major Shaw, e outros officiaes de mérito, desgostosos por se dar aquelle commando a sir Milley Doyle, o imitassem tambem, sendo em tal caso necessario, para conservar a melhor gente dos estrangeiros, retirar o commando igualmente a Doyle, e pôr outra vez independentes cada um dos batalhões de que o regimento da armada se compunha. Com a exoneração de Hodges não melhorou todavia a disciplina dos inglezes, que inflammados sempre por elle, em quanto se achou no Porto, pegaram em armas a 21 de novembro, marchando ao quartel de D. Pedro para pedir pagamento. Então se conheceo bem a difficuldade de fazer perceber ao soldado estrangeiro, ao mercenario, que offerece a vida por paga, a necessidade de se resignar com as circumstancias de apuro, e apesar da extrema falta de braços no exercito, D. Pedro vio-se obrigado a despedir do serviço, e a mandar como incorrigiveis para o seu paiz mais de 200 francezes, e inglezes, que para este fim foram embarcar na Foz [1]. Hodges desappareceo finalmente do Porto [2], levando comsigo a macula do descaminho de alguns dinheiros pertencentes á tropa do seu antigo commando. Como honrosa excepção ao máo serviço do geral dos estrangeiros se deve aqui mencionar a conducta do coronel Bacon, e a dos officiaes, que com elle vieram desembarcar ao Porto [3]. Excellente cavalleiro, a quem poucos eram capazes de levar a palma, e correndo sempre entre os atiradores contra o inimigo, o seu valor pessoal foi sempre para se mencionar com honra: aos seus esforços, e diligencias se deveo igualmente a organisação, e disciplina do seu excellente corpo de lanceiros, mantido sempre com tanta regularidade, e aceio n'uma cidade já por tanto tempo sitiada, onde não havia forragens para lhe sustentar os cavallos, e nem terreno para os exercitar. Este corpo, manejando lanças, que até então eram desconhecidas no nosso exercito, não excedeo ao principio a 120 praças, tendo tambem algumas peças de arti-

[1] No dia 9 de dezembro.
[2] No dia 2 de dezembro.
[3] No dia 4 de novembro.

lheria de campanha, muito bem montadas e servidas, que se puchavam a todo o galope. A disciplina deste corpo tornou-se tanto mais notavel, quanto maior era a difficuldade de o conseguir pelo apuro das circumstancias, e diversidade das linguas, que os seus proprios officiaes fallavam. Posto que de tão differentes origens, esta gente mostrou sempre uma grave e composta conducta a todos os respeitos, e até se condemnou espontaneamente ás mesmas privações do exercito portuguez, tendo a generosidade de se offerecer a servir durante a guerra, até á entrada do Exercito Libertador em Lisboa, pela modica prestação de 12$000 réis por mez.

Os dissabores e cuidados sentiam-se entretanto por toda a fórma no Porto, e como se não bastassem todos os males da guerra, a politica veio tambem espalhar os seus com a noticia de que em S. Miguel alguns malfeitores, e desertores tinham tentado perturbar alli a tranquilidade publica. Se nos mais sizudos isto causou tanto abalo, entre os mais credulos deo azos a augmentarem-se temores, e a crearemse receios sobre a segurança geral dos Açôres, o que levou D. Pedro a proclamar desde logo aos seus soldados, destruindo-lhes a crença a que podiam dar logar taes ditos no meio das mais cordeaes expressões. Mas apenas os males se conjuravam por um lado, novos renasciam por outro; estava visto que a guerra podia protrahir-se indefinidamente no Porto; mas este estado, além de pesar desmedidamente sobre todas as classes dos seus moradores, havia de forçosamente acabar em breve, pela grande falta de meios, que de dia para dia se tornava cada vez mais grave. Era pois necessario cortar quanto antes pelas incertezas, e apathias da guerra, e vir por uma vez ao campo, onde tantas intelligencias se acanhavam, quando se chegava ao ponto das opeções militares. Tinham chegado já reforços de algum vulto d'Inglaterra, e posto que a estação invernosa não permittisse a empreza de quaesquer operações, todavia a necessidade de pensar nos seus planos era já de todos conhecida. O conde de Villa Flôr cobrira-se de gloria na tomada dos Açôres; mas esses seus altos serviços esqueceram-se d'algum modo

depois do seu desastre de Souto Redondo, e o seu credito de general como que se deslustrára com a sua funesta apathia no commando em chefe do exercito, para cujas operações se tornava cada vez mais urgente dar um satisfatorio plano de campanha. Nestas circumstancias de aperto recebeo pois o conde a sua exoneração[1], e com ella o titulo de duque da Terceira, com a dotação perpetua e absoluta de cem contos de réis em bens nacionaes[2]. Foi o mesmo D. Pedro quem interinamente o substituio naquelle commando, em quanto para elle não chegava de França general mais experimentado, que ao principio se suppôz ser o general *Excelmans*, mas que não vindo por falta de licença do seu governo, foi recahir a escolha sobre o general *Solignac*. Este golpe de vigor do ministerio de D. Pedro, communicado ao proprio conde de Villa Flôr pelo marquez de Palmella, foi recriminado vivamente por elle, que lhe recalcitrára, queixando-se de que fosse o mesmo Palmella um dos que agora o julgavam tão mal, nascendo entre um e outro algumas desintelligencias, e azedumes, que chegaram mesmo a correr no publico; mas em fim era chegado o tempo de ter menos contemplações com nomes, pelo menos em quanto se não achasse pessoa, que salvasse a causa constitucional. Foi então, quando se precisava d'um general para commandante em chefe do exercito, e quando por varios Estados da Europa se faziam levas de gente para a guerra do Porto, e se procurava aquelle general, que lembraram os militares portuguezes ainda proscriptos, e particularmente Saldanha, a quem o espirito de partido, acobertado com a politica do gabinete de Madrid, tão injustamente desviára de tomar parte na lucta civil do paiz desde que de Belle Isle sahira a expedição para os Açôres. Foi tambem então que com elle se chamaram para o Porto todos os militares, que ainda estivessem em paiz estrangeiro, com a unica excepção do coronel Rodrigo Pinto Pizarro, a quem bem longe de se lhe levantar o embaraço de apparecer em terras de

[1] Carta regia de 5 de novembro.
[2] Decreto de 8 de novembro.

Portugal, por ter escripto contra a regencia de D. Pedro, se lhe vedou novamente voltar ao reino em quanto em todo elle não estivesse estabelecida a legitima authoridade da rainha.

Saldanha, e Rodrigo Pinto eram os verdadeiros campeões do partido dissidente do governo durante a emigração, ou mais particularmente Saldanha era o seu unico chefe, restando só a Rodrigo Pinto a sua grande influencia sobre este general. A pouca consideração, ou antes motivos de offensa, que Saldanha recebêra de Palmella, depois que este se collocára á frente dos negocios da emigração, e a sua formal exclusão, e a do mesmo Rodrigo Pinto fazerem parte da expedição de D. Pedro sobre Portugal, tinham dado mais corpo aos seus antigos azedumes, e exacerbado tanto mais as suas queixas, quanto maior era a confiança que nos seus conselheiros e validos depositára D. Pedro, depois da sua chegada á Europa. Saldanha contava por si com um numeroso partido, especialmente entre os militares, e todo elle, ligado entre si por meio de *clubs*, constituia o chamado *partido da Opposição*. Ás antigas queixas, que este partido levantára contra o governo, se reunira attribuirem-lhe ultimamente o atrazo de dois annos de pagamento, em que os emigrados se achavam na Inglaterra e na Belgica; as más nomeações d'empregados feitas nos Açores, com particularidade as da repartição da justiça; o apparecimento de um folheto [1], que por manejo dos mesmos conselheiros e validos do regente se dizia impresso para collocar novamente D. Pedro sobre o throno portuguez, em prejuizo dos direitos de sua filha; e finalmente a rejeição de um vantajoso emprestimo, só pela razão dos emprestadores [2] dirigirem as suas propostas por intermedio da Opposição. Tal era o grupo dos

[1] Tinha por titulo «*O sr. D. Pedro 4.º, legitimo rei de Portugal*» e a epigraphe «*Pela lei, e p'lo rei.*»

[2] Fazia-se particular menção entre elles de um tal mr. Hertault, que se dizia obrigar-se a apresentar dentro em trinta dias uma divisão de 10:000 homens, dos quaes 1:600 de cavallaria, e todos elles soldados velhos, além de dois parques de artilheria: quem fôr militar facil conhecerá que promessas de tamanha monta não podiam ter por si a realidade, particularmente em tão curto espaço de tempo, e nas circumstancias em que o proponente se achava.

ultimos queixumes levantados contra o governo. Mas seja como fôr, nunca faltam motivos de hostilisar qualquer ministerio, quando systematicamente se está decidido a faze-lo, e mais tarde se verá como da vinda de Saldanha para o Porto resultaram com effeito as difficuldades, de que os ministros do regente se receiavam que elle lhes levantasse no reino, logo que no centro dos seus partidistas lhes desse o calor, e a força de que precisavam para tornar mais graves as permanentes discordias, que nunca poderam extinguir-se no meio dos maiores perigos por que a causa constitucional passára até ao seu completo triumpho.

D. Pedro, a quem os seus validos desvaneciam até com a idéa da sua grande superioridade de capacidade militar, como se a guerra não precisasse ser vista, muito estudada, e meditada mais nos campos que nos gabinetes, desejava sair da immobilidade em que até alli se estava, e assignalar o seu commando em chefe por algum feito de subida fama marcial, que dando-lhe mais nome e gloria, servisse ao mesmo tempo de algum respiro á justa vingança, que a ira e a dôr insinuavam no animo dos seus soldados contra os sitiadores, pelos estragos e perda de algumas vidas, que diariamente occasionavam no Porto com o seu inutil, barbaro, e activo bombardeamento, que mais acendia do que quebrantava os desejos da victoria. No meio pois deste seu caprichoso amor de gloria, que tornava D. Pedro naturalmente inquieto, e mais dado a buscar fortuna do que a espera-la, e sobre tudo levado da necessidade de satisfazer ás requisições, que de Londres se lhe faziam sobre a remessa de vinhos de Villa Nova, não foi difficil soprar-lhe a aventureira empreza de uma sortida, pessoa que tanto procurava merecer-lhe com a sua particular affeição o conceito do seu prestimo para cousas da mais alta importancia na guerra [1]. Estas idéas, reunidas provavelmente com a de não fazer

[1] Alguma cousa mais podera dizer sobre as razões de particular interesse, que se diziam annexas a quem aconselhára a D. Pedro as suas funestas sortidas; mas como escrevo os successos, sem me occupar das vistas particulares de cada um, só me toca referir os acontecimentos mais do que as razões, que lhe podiam ter dado origem. Todavia é certo que o major Bal-

perder aos soldados o seu antigo costume de se baterem a descoberto pela pratica de se defenderem só parapeitados, e talvez mesmo que com a de querer tambem destruir as tristes aprehensões de alguns, a quem o máo estado a que as cousas tinham chegado no Porto, infundia serios receios sobre a sua futura sorte, levaram D. Pedro a fazer sobre a margem esquerda do Douro, no dia 14 de novembro, a sua primeira sortida, para a qual destinou uma força de 1:600 homens, que subindo pela quebrada de Quebrantões, e reunindo-se á guarnição da Serra, tinha seguramente por sua particular incumbencia vêr se conseguia repellir o inimigo, libertar os armazens da companhia, e carregar finalmente de vinho alguns dos navios, que a esse fim tinham sido mandados de Londres ao Porto com reforços de gente: uma outra força devia acommetter o centro do inimigo pela baixa de Villa Nova, destinando-se igualmente contra a sua esquerda uma porção de maruja, que postada no Trem do Ouro aspirava a assenhorear-se da bateria da Furada. Todavia o inimigo, repellido no primeiro ataque para o alto da Bandeira, conseguio dentro em pouco tempo a sua formatura, e fazendo methodicamente meia-lua, cercou e cahio com esta ordem sobre os aggressores, que tiveram de fugir depois de alguma perda [1], não se realisando o ataque do centro por se não poder restabelecer sobre o Douro a ponte de barcas, nem se alcançando mais do que encravar dois morteiros na bateria da Furada, vindo embarcar desordenadamente a maruja na praia do Cavaco, protegida pela bateria do conego Teixeira, recolhendo-se mortalmente ferido o capitão Morgell, que a commandava. Logo que Santa-Martha vio empenhado o ataque de Villa Nova, ordenou o

thazar d'Almeida Pimentel, pessoa a quem se attribue ter induzido D. Pedro a semelhantes sortidas, soffreo desde então grande quebra na sua reputação militar, vendo-se claramente que nelle sobresahia mais a boa vontade do que o acerto das suas opiniões nas difficeis conjuncturas da guerra.

[1] Foi a de 20 mortos, 44 feridos, e 30 prisioneiros, ou extraviados, sendo a dos realistas, confessada por elles mesmo, 43 mortos, 105 feridos, e 56 prisioneiros, ou extraviados, entrando no numero dos mortos o tenente coronel commandante de caçadores n.° 4, um outro official superior, e o juiz de fóra de Taboaço.

acommettimento de Lordello, donde conseguio desalojar os constitucionaes, que só mais tarde poderam recuperar aquella sua posição: este desar, e um novo bombardeamento, feito no dia 15 sobre a Serra, foram os unicos resultados reaes que D. Pedro tirou desta sortida.

Apesar das nenhumas vantagens desta primeira sahida das linhas, facil foi tornar-se a tentar segunda, não obstante as funestas consequencias, que forçosamente se lhe haviam de seguir pela irreparavel perda de gente que comsigo trazia, n'uma occasião em que tão pesados cuidados dava no Porto a falta de braços, e em que tão fortemente ella se fazia sentir, porque em fim os trabalhos, as necessidades, e as ferdas tinham reunido já nos hospitaes civis e militares consideravel numero de doentes, ao passo que os mesmos que estavam nas linhas tinham mais precisão de tempo para se repararem das forças, e dos males de tantas vigilias, do que de ataques, em que necessariamente se iam sacrificar ao campo inimigo, sem nenhuma vantagem mais do que queimar alguma barraca, ou ferir com a ponta da baioneta alguma trincheira, ou mesmo destruir obras, que tão facilmente lá se podiam reparar d'um para outro dia, pela abundancia de materiaes e gastadores, sendo para todos claro que maior era o perigo dos constitucionaes em semelhantes ataques, do que aquelle de que se intentavam livrar. E nem podia ser outro o resultado de semelhantes sortidas, em que quando muito se empregavam 1:600 homens contra acampamentos de 5 e 6:000, defendidos por triplices paliçadas, nem deixar de ser funesto o effeito moral que dellas provinha, porque o inimigo, quando não estivesse de vigia, era bastante poderoso pela superioridade do seu numero, e importancia dos seus entrincheiramentos, e facil lhe era, depois de recuar na primeira investida dos constitucionaes, cahir sobre estes com grossas tropas no ponto atacado, fazendo aos aggressores mais damno na retirada, do que na occasião do acommettimento. As sortidas podem caber bem n'uma praça de guerra, onde os trabalhos de sitio ameaçam de perto a segurança e defeza dos sitiados, ou quando estes, esperando

ser soccorridos, lhes convém ganhar tempo, e demorar quanto possivel as obras dos sitiantes, cousa a que nunca verdadeiramente se póde obstar, mas tão sómente retardar por alguns dias: votos de pêso as aconselham para aguerrir os sitiados, mas outros as olham tambem como de nenhuma vantagem, e no caso de que aqui se trata todos os militares de algum credito no exercito constitucional as lamentaram sempre como um dos mais funestos males, que perseguia as tropas do Porto, porque em fim nunca se seguio dellas mais do que ficarem mortos, e prisioneiros entre os realistas aquelles dos constitucionaes que corriam menos, fazendo-se sobre tudo notar em tão monotonas e repetidas operações o sangue frio dos que cercavam D. Pedro, que postados em logares altos, se viam admirando com o soccorro dos seus oculos a bôa carreira, que os pobres soldados traziam para dentro das linhas.

Entretanto decidido o mesmo D. Pedro a estas fataes operações, e a trocar pelo esteril incendio de alguns barracões no campo inimigo a irreparavel perda da sua gente, forçoso é entrar na descripção desta especie de combates, que reunidos aos muitos, que durante esta guerra se contam, fazem pela sua repetição não sómente fastio a quem os escreve, mas talvez mesmo que tedio a quem os ler, porque em fim o mesmo Tacito confessa que a semelhança das cousas, que se repetem, trazem sempre comsigo estes funestos effeitos. Todavia se a obra não agradar pela variedade dos successos, nem por isso perderá de importancia quanto á gloria das armas, cujos feitos mereceram no seu tempo o brado universal da Europa, e a particular estima de todos os que simpathisavam com as doutrinas liberaes, e que até pozeram toda a sua confiança, e muita da sua fortuna nas aventureiras armas dos defensores de um cêrco, tão famoso pela opulencia, e riqueza da cidade, em que foi sustentado, pelas recordações gloriosas com que desde então tem andado ligado, e onde tanto se pelejou pela vida, como pela victoria. Como quer que a repetição destes factos se olhe, certo é que este escripto deve delles dar escrupulosa noticia,

muito mais tendo preferido ao embellesamento romantico, com que agora se enfeitam as historias do tempo, a singeleza e verdade que aqui me propuz empregar, e apontando com esta obrigação a segunda sortida (a de 17 de novembro), direi que para ella se destinaram tres columnas, que sahiram pela estrada de S. Cosme, de Vallongo, e frente da bateria do Captivo, apoiando-se reciprocamente umas nas outras: o batalhão de caçadores n.º 5 foi pela sua parte occupar a altura das Antas, e em frente da Agoardente marchou contra os piquetes do inimigo um piquete do regimento de voluntarios da rainha, indo finalmente direita ao monte Covêllo uma força do regimento de infanteria n.º 18, onde aprisionou todo o piquete dos realistas, destruindo além disto uma bateria para morteiros, e duas para peças de artilheria, que alli se andavam levantando.

No dia 28 de novembro fez-se uma terceira sortida sobre o Padrão da Legoa, marchando para este fim uma columna pela estrada de Villa do Conde, e outra pelo caminho de Ramalde de baixo, indo atacar o Padrão da Legoa, Passos, e Nevogilde: pela Foz sahio tambem uma força pela estrada de Mattozinhos, e outra pela de Lordello, ligando-se assim umas com outras todas estas forças. Varios entrincheiramentos realistas foram por esta occasião incendiados pelos atacantes, escapando-se por bem pouco de ser preso o proprio Telles Jordão, e sir John Campbell, que com as suas forças se foram depois mostrar nas alturas, que ficavam pela retaguarda dos mesmos entrincheiramentos. Santa Martha teve em pessoa de vir commandar a quarta divisão. Em quanto um esquadrão de 50 cavallos do regimento de Chaves, cahindo de improviso sobre o terceiro batalhão d'infanteria n.º 18, passava á espada algumas praças da sua sexta companhia, a infanteria inimiga involvia pela sua parte os outros corpos, de que resultou, como frequentes vezes se encontra na guerra, succeder o maior temor á maior ousadia, e pôrem-se desde então em precip.tada fuga as tropas constitucionaes, salvas ainda de uma confusão igual á de Souto Redondo pelo coronel Pacheco, que, como então,

conservára de reserva o corpo de infanteria n.° 10 do seu commando, e protegida por elle, pôde effeituar-se a retirada para dentro das linhas. A força que sahira da Foz não foi mais feliz no seu movimento de ataque, porque acossada pelos realistas em numero muito superior, teve de se ir recolher ao abrigo do respectivo castello, ficando a povoação em poder do inimigo, que nella roubou, e incendiou algumas casas, sem lhe poder valer a força de cavallaria de lanceiros, que sahira por Lordello, porque impossibilitada de poder adequadamente mover-se no terreno que occupava, teve de ser expectadora tranquilla dos gritos e apupos, que os mesmos realistas vinham levantando na retaguarda dos constitucionaes ao recolherem-se para o Porto. Além do incendio dos acampamentos inimigos, os mesmos constitucionaes fizeram nesta sortida alguma prêsa de gados, e muitas bagagens, que todas deixaram ficar na retaguarda quando se pozeram em fuga [1]. Em vingança destes desastres, logo que o fogo começou no campo inimigo, dispararam contra a cidade todas as baterias realistas de Villa Nova: da grande quantidade de bombas, que lançaram, uma dellas foi penetrar n'um armazem de linho, que ficava por baixo dos dormitorios do extincto convento de S. Domingos, onde promptamente levantou um lastimoso incendio, que encheo de horror a cidade, e devorou quasi todo aquelle convento, á excepção da igreja, e da casa onde existia a caixa filial do Banco de Lisboa. Desde então quasi todos os morteiros, e obuzes tomaram por alvo o local do incendio, cujo clarão e chammas, quanto mais se ateavam durante a noite, tanto mais favoreciam as pontarias, evidentemente destinadas contra a gente empregada no trabalho de apagar o fogo.

Desde o principio de outubro que o bombardeamento se tornára cada vez mais activo, e delle não só tinham resultado já alguns fogos, que felizmente se atalharam, mas até determinado algumas mortes em pessoas de um e outro se-

[1] A perda do Exercito Libertador foi nesta sortida de 39 mortos, 173 feridos, e 60 prisioneiros, ou extraviados, ou 272 homens ao todo, e entre estes 32 officiaes.

xo, além dos estragos que diariamente produzia. Noites houve em que constantemente se via no ar uma e duas bombas, aturando por esta fórma por espaço de horas. Conta-se como uma das scenas mais horrorosas de morte, motivadas pelo bombardeamento, a do dia 24 de outubro, em que uma granada levou a cabeça de uma innocente menina, filha de um dos membros da commissão municipal. Desde meado de novembro passou muita gente da cidade a ir morar no bairro de Cedofeita, para se subtrahir á maior força do bombardeamento. Foi no dia 25 deste mez que todas as baterias de Villa Nova romperam o fogo contra a cidade, causando muitos estragos nas casas, com morte e ferimento de varias pessoas. No dia seguinte (26) foi ainda mais horroroso o bombardeamento, havendo quem elevasse a 38 o numero das pessoas mortas e feridas: tinha começado de manhã, e acabou pelas tres horas da tarde, mas renovou-se pelas quatro para acabar ás sete, empregando-se neste mister constantemente dois morteiros e cinco peças de artilheria. No dia 5 de dezembro disparava a bateria do Pinhal cinco tiros em cada dois minutos, de modo que nas sete horas que durou o fogo lançou para mais de mil balas razas de calibre 12 e 18, mandando as baterias de morteiros para cima de quinhentas bombas e granadas: as mortes e ferimentos deste dia reputaram-se em vinte pessoas na cidade, além de dois mortos e tres feridos na Serra. No dia 7 metteram-se no Porto não menos de 200 bombas e granadas, além de 800 balas de calibre 12 e 18. Pelas 5 horas da manhã do dia immediato rompêo o fogo dos morteiros e peças de artilheria com a mesma violencia do dia antecedente: 800 bombas se calcularam ter cahido na cidade, causando algumas desgraças em gente e edificios. Pela tarde repetio-se o bombardeamento, ardêo parte do convento do collegio de S. Lourenço, dos Agostinhos descalços, e cahio uma bomba na sacristia do convento das religiosas de Santa Clara, onde causou algum prejuizo. Pelas 7 horas da tarde do dia 30 de dezembro rompêo o fogo das baterias realistas, com sete morteiros e dois obuzes, durando até ás

11 horas, e arremessando para mais de 250 bombas e granadas. Pelas 8 horas da noite incendiou-se o armazem das fazendas sêcas d'alfandega, e em quanto ardia, lançaram os realistas muitas bombas para o logar do incendio, que com muito custo se pôde atalhar: notou-se que as bombas que neste dia cahiram, rebentavam apenas tocavam no chão, abrindo-se pelas costuras das conchas, e como não havia explosão, causaram muito pouco mal. Quasi todas ficavam divididas em duas partes iguaes, e algumas dellas traziam bocados de mantas enxofradas, e banhadas n'um liquido que produzia fumaças e vapores suffocantes[1].

Pelo que fica visto claramente se colhe quão sobeja razão tinham os moradores do Porto para reputarem altamente desgraçado o estado a que se achavam reduzidos, soffrendo por este modo todas as calamidades e funestas consequencias dos irreconciliaveis odios, e reciprocas vinganças dos partidos contendores nesta penosa guerra civil: o seu serviço pessoal nos batalhões nacionaes, o das fachinas, a que os não alistados eram obrigados[2], as quantias que muitos delles pagaram para o fardamento dos mesmos batalhões, as suas propriedades arruinadas para darem logar ao levantamento das linhas, ou franquearem passagem aos seus defensores, o incendio de muitas dessas mesmas propriedades para se reduzirem a terreno neutro, e não poderem servir de abrigo aos contendores, o desmantelamento por que outras passaram, quando na falta de combustivel os soldados e o povo se deram em lhes roubar os emmadeiramentos, e finalmente os combates, o bombardeamento, e a grande falta e carestia das subsistencias, reunido tudo isto com o bloqueio da barra, a completa estagnação do commercio, e do trabalho das fabricas, formavam a summa de todos os motivos, que com effeito tornavam desgraçado o estado dos moradores do Porto, a quem D. Pedro pertendêo suavisar de tantos pre-

[1] Estes são os dias de mais notavel bombardeamento contra o Porto, desde o começo do sitio até ao fim do anno, não fallando nos dias 13 de outubro, e 14 de novembro, em que a Serra do Pilar foi o seu alvo mais especial.

[2] A exigencia do serviço das fachinas só acabou no dia 18 de novembro.

juizos e damnos, mandando crear uma commissão incumbida de os recensear, e de lhes declarar o seu devido valor, para em tempo opportuno serem indemnisados pelos bens de quem tão barbaramente lh'os causára [1], medida capciosa, que de nada mais servio do que para o governo decretar mais ao diante [2] o modo de se realisarem taes indemnisações, que só vieram a pesar sobre o thesouro publico, que por tal motivo teve de satisfazer a todos os empregados civis e militares os vencimentos que tinham deixado de receber durante a emigração. Entretanto as desgraças de que o Porto estava sendo victima não podiam deixar de produzir os seus effeitos, determinando em todas as classes um certo quebrantamento moral, annuncio certo de um desalento, não quanto á defeza da cidade, que essa sustentava-se cada vez mais pertinaz, mas quanto ao triumpho da causa, para o qual nada se antolhava de favoravel auspicio. Até os typhos, inseparaveis companheiros dos prolongados sitios, vieram juntar a sua influencia malefica a todo aquelle tropel de calamidades, de que todos tem ainda as feridas e a memoria fresca, começando effectivamente a apparecer tanto nos hospitaes, como nas habitações dos particulares. As mesmas sortidas, além de tão inutilmente terem desfalcado o exercito, haviam-lhe feito sentir a sua impotencia para debelar os contrarios, e adquirir a triste convicção de que sem um golpe decisivo e desesperado não era possivel salvar-se, convicção amarga e cruel, que assim apparecia depois de tantas tentativas e sacrificios até então empregados, de tantas vidas perdidas, tantas familias arruinadas, e tantas outras compromettidas no Porto e nos Açores! Eram ainda estas mesmas sortidas as que por outro lado tinham feito povoar de feridos os hospitaes de sangue, faltos de pannos, de ligaduras, fios, e todos os mais objectos necessarios para apositos e curativos, de que resultou tomarem sobre si muitas

[1] A commissão municipal do Porto tinha representado ao governo em 12 de setembro a necessidade de taes indemnisações, a que o governo respondeo em portaria de 13, e mais ao diante creando a commissão, de que acima se trata, em portarias de 15, 21, e 25 de novembro de 1832.

[2] Em 31 de agosto de 1833.

familias nacionaes e estrangeiras, de Lisboa e do Porto, o officioso cuidado de fazerem fios, e de os offerecerem depois aos mesmos hospitaes, além da porção de roupas, que a sua caridade, e posses lhes permittia. Todas estas noticias, chegando a Londres, tinham acabado lá de esmorecer todos os amigos da causa constitucional portugueza, e desenganada a commissão dos aprestos de que nem se podia occupar Villa Nova, nem realisar-lhe a remessa de cinco mil pipas de vinho, que lhe prometteram, não obstante os esforços de gente, e munições de guerra, que enviára para o Porto nos mezes de outubro e novembro, o melindre da sua penosa situação recresceo na razão da impossibilidade de poder satisfazer os seus numerosos encargos. Foram-lhe estas noticias levadas pelos proprios navios, que ella mandára para o Porto com tropa, cavallos, e effeitos de toda a especie, e que voltaram a Inglaterra com a mesma carga, por encontrarem fechada a embocadura do Douro pelas baterias inimigas, sendo tambem então que o desmaio para todos os interessados na empreza de D. Pedro chegou ao seu auge, vendo em Londres com as mãos vasias o agente, que no Porto devia receber aquellas cinco mil pipas de vinho, e devolutos com elle os tres navios, em que haviam de ser conduzidas, com a definitiva certeza da impossibilidade da remessa.

Uma outra circumstancia tinha tambem occorrido por esta occasião no Porto. Aos ouvidos de D. Pedro chegára a noticia de que o gabinete de S. James, d'accordo com o das Tuilherias, e Madrid, se promptificaria a acabar com a guerra civil em Portugal, uma vez que elle se promptificasse tambem a deixar a Peninsula [1]. Querendo então dar as mais claras provas do seu desinteresse a tal respeito, o regente confiou desde logo ao marquez de Palmella, e a Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque, (além de lhes dar uma authorisação para negociarem um outro emprestimo, que po-

[1] Esta noticia fôra espalhada com todo o segredo nos melhores circulos do Porto pelo secretario da embaixada portugueza em Londres, José Balbino Barbosa de Araujo, que era privado amigo de lord Palmerston, o ministro dos negocios estrangeiros d'Inglaterra, que se dizia ser quem lhe fizera esta revelação.

desse livrar a commissão dos aprestos dos seus avultados empenhos, e habilital-a a acudir ás numerosas requisições, que se lhe faziam do Porto,) uma nova missão diplomatica para alcançarem a interferencia daquelles mesmos gabinetes na contenda civil deste reino. Do proprio punho de D. Pedro levaram elles uma carta para lord Palmerston, em que pouco mais ou menos lhe dizia, que tendo abdicado as corôas de Portugal, e Brasil, dera sobejas provas da sua pouca ambição, e nestes termos que facil seria crer que elle largasse sem grande repugnancia a Peninsula, e desse de mão ao seu logar de regente de Portugal, como effectivamente estava disposto a fazer, uma vez que a Grã-Bertanha formal e explicitamente garantisse o throno á rainha sua filha, e a carta constitucional á nação portugueza [1]. Feito isto, partiram effectivamente do Porto [2] como plenipotenciarios em missão extraordinaria junto ás côrtes de Londres, Paris, e Madrid, o marquez de Palmella, (ficando interinamente substituido no ministerio dos negocios estrangeiros pelo ministro da guerra Agostinho José Freire,) e Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque, que no ministerio do reino o foi tambem pelo ministro da marinha Bernardo de Sá Nogueira, acordando-se por fim entre os dois ministros, que sahiam para Inglaterra, e os tres que ficavam no Porto, que durante a ausencia dos primeiros não haveria mudança alguma ministerial [3]. Acreditou-se igualmente por este tempo que as instrucções dadas aos dois commissionados os authorisavam não só a empregarem toda a sua influencia para realisarem o sobredito emprestimo, mas até para com a pedida interferencia aceitarem, no caso de se lhes propôr, uma suspensão d'armas entre os dois partidos contendores de Portugal, sem que todavia lhes fosse permittido subscrever á sahida de D. Pe-

[1] Os documentos do que aqui fica dito devem naturalmente parar na mão de sua magestade imperial, a senhora duqueza de Bragança, D. Amelia Augusta.

[2] No dia 22 de novembro.

[3] Como secretarios destes dois plenipotenciarios, sahiram tambem com elles José Balbino Barbosa de Araujo, e João Baptista Leitão d'Almeida Garrett.

dro para fóra do reino, a não ser em ultimo recurso, e só depois de baldados todos os possiveis esforços para obterem tal interferencia sem tal condição, bem certos de que jámais poderiam ultimar semelhante negociação, sem que a Inglaterra clara e muito explicitamente garantisse com effeito o throno a D. Maria 2.ª, e a carta constitucional aos portuguezes. Quando D. Pedro se resolvia assim a sahir para fóra da Peninsula, facil é ajuizar, sem soccorro de outras provas, que tal era o apuro a que já em novembro as cousas tinham chegado no Porto!

Para que se não estranhe vêr o gabinete de Madrid, que tão seriamente ameaçára em julho ultimo intervir a favor de D. Miguel, ser agora o mesmo que dava essas fugitivas esperanças de entrar n'uma liga a favor da carta constitucional portugueza, forçoso é dizer para isso alguma cousa sobre as causas de tão importante mudança. Fernando 7.º tivera das suas quartas nupcias com a princeza de Napoles, D. Maria Christina, duas filhas, das quaes a primogenita, D. Maria *Isabel*, nascida aos 10 de outubro de 1830, devia succeder a seu pae, pelo acto formal da abolição da lei salica, e restabelecimento da pragmatica sancção com força de lei a favor da linha feminina, derogada desde a elevação do duque de Anjou ao throno da Hespanha, com o nome de Filippe 5.º Declarára-se hostil a esta successão o infante D. Carlos, irmão d'el-rei, seguindo o partido deste mesmo infante todos os que adoptavam as crenças do mais exaltado absolutismo. Tendo adoecido Fernando 7.º no seu palacio de Santo Ildefonso [1], e chegando mesmo a receiar-se pela sua vida, seu irmão manifestou promptos signaes de querer reivindicar os seus suppostos direitos, tão diametralmente oppostos aos de sua augusta sobrinha, o que fez com que em Madrid se tomassem logo as providencias para conservar o socego e a tranquilidade publica, chegando até a chamar-se para as visinhanças daquella cidade algumas das tropas de observação na fronteira de Portugal. Era pois evidente que uma guerra civil se àchava imminente à Hespanha, levantada

[1] Em 17 de setembro de 1832.

entre os partidistas da joven princeza das Asturias, e os de seu tio D. Carlos, que apoiado nos dois mais influentes membros do ministerio [1], não somente insistia em levar por diante as suas pertenções, mas até recebia já emissarios dos seus mais votados partidistas, certificando-o de que estavam promptos a fazer o que elle lhes determinasse. Neste conflicto o ministro de Napoles, d'acôrdo com os de Austria e Sardenha, encarregou-se de protestar contra a pragmatica sancção, fazendo vêr á rainha D. Maria Christina a gravidade dos males de uma guerra civil na Hespanha, quando por ventura se insistisse em manter firmes os direitos da princeza *D. Isabel*. Fosse como fosse, este objecto apresentou-se logo ao conselho dos ministros, e nelle unanimemente se assentou, que o conde d'Alcudia se encarregasse d'expôr a el-rei o estado assustador da Hespanha, e a necessidade de abolir a lei da successão a favor da linha feminina. Surprehendido Fernando 7.° no auge da sua molestia, meio demente pela grande prostração em que se achava, e sem saber finalmente o que fizesse, annuio ao que delle se exigia, ordenando por um decreto a annullação da citada lei, e derogando assim o artigo de successão, consignado anteriormente no decreto de 29 de março de 1830, e no seu testamento a favor de sua filha, na intelligencia porém de que o decreto de annullação se não publicaria em quanto não tivesse logar o seu fallecimento. Depois destes acontecimentos el-rei começou sensivelmente a melhorar, e com as suas melhoras se reunio tambem a chegada da infanta D. Luiza Carlota, que fez mudar o arranjo de todos estes negocios, occasionando o apparecimento de um novo ministerio, composto de homens de bom agouro para o partido constitucional, pela moderação dos seus principios politicos, ainda que os Liberaes tivessem contra si o mais influente personagem deste mesmo ministerio, D. Francisco Zêa Bermudes, que de embaixador da Hespanha em Londres viera occupar o logar de Calomardi, como primeiro ministro do despacho em Madrid. O novo ministerio apoiado nos

[1] O conde de Alcudia, e o d'Almeida, ou D. Thadêo Calomardi.

8:000 homens d'armas, que tinha nas visinhanças da capital, declarou-se logo pela manutenção da lei a favor da princeza *D. Isabel*, e o ministro de Napoles, barão Antonini, chegou até a receber ordem para mais não voltar ao quarto da rainha D. Maria Christina, o que fez com que o proprio ministro de Portugal junto á côrte de Madrid [1] pedisse tambem a D. Miguel pessoa que o substituisse, pela sua intimidade com o infante D. Carlos, e pelo que tambem influira no decreto que annullára a pragmatica sancção contra os direitos daquella princeza. Dos hespanhoes, que mais devoção mostraram pela causa do infante D. Carlos, alguns houve entre os altos empregados, que desde então começaram a ser destituidos, contando-se entre elles os tres conselheiros de Castella, que se haviam opposto á pragmatica sancção, succedendo o mesmo a varios capitães generaes. No conselho d'estado não só se decidio remover alguns outros funccionarios d'alta jerarchia, mas até se manifestaram indicios de chamar os proprios Liberaes ao partido da joven princeza. No meio destas occorrencias, o mesmo Fernando 7.°, mal convalescente ainda, entendêo confiar a direcção dos negocios publicos a sua esposa, D. Maria Christina [2], que não só fez restabelecer e abrir as universidades, que até alli existiam fechadas, mas até alimentou as amortecidas esperanças dos constitucionaes deixarem por uma vez de ser perseguidos pelo governo, em vista do decreto de amnistia por que chamou para o reino muitos dos que andavam emigrados [3]. O completo restabelecimento do rei, em principios de janeiro de 1833, não alterou as providencias tomadas pela regente, sua esposa, de que resultou espalhar-se desde então, que as côrtes se iam convocar por *estamentos*. Posto que a Hespanha parecesse assim marchar para o caminho de uma lenta e regrada Liberdade, todavia a julgar pelo pessimo tratamento, que a esquadra de D. Pedro recebia por este mesmo tempo em Vigo, e pela circular dirigida

[1] O conde da Figueira.
[2] Decreto de 6 de outubro de 1832.
[3] Decreto de 15 de outubro.

por mr. Zêa Bermudes aos agentes diplomaticos, o partido liberal tinha por ora bem pouca razão para se regosijar em demasia com as mudanças occorridas. Na circular em questão dizia aquelle ministro, que ao governo da Hespanha injustamente se attribuiam intenções, que nunca tivera, de variar a sua politica, que consistia em manter a sua religião em todo o seu esplendor, os seus reis legitimos em toda a plenitude da sua authoridade, a sua completa independencia politica, a conservação das antigas leis fundamentaes do Estado, a recta administração da justiça, e o socego interno: quanto á politica externa não só promettia respeitar a independencia das mais nações, mas observar tambem stricta neutralidade, inclusivamente a respeito dos negocios de Portugal. Não obstante os esforços estacionarios, empregados pelo novo gabinete de Madrid, o tempo o veio a constituir de facto ministerio de transição para o systema liberal, como mais ao diante se verá.

Em quanto pois se buscava entregar á diplomacia a decisão da lucta civil deste reino, os apuros da causa constitucional cresciam no Porto á proporção da prolongação da guerra. O seu territorio reduzia-se á cidade, e á estreita lingueta de terra, que desce por Villar e Lordello até á Foz, onde, para salvação dos seus desembarques, D. Pedro mantinha apenas alguns pés de terra na costa do mar, comprehendidos entre o castello daquella povoação, e o alto da Senhora da Luz. As rendas da alfandega, quebradas consideravelmente pelo estado do bloqueio, a nada avultavam para custeamento das mais urgentes despezas, que sobrecarregadas pelos anteriores alcances, reduziam o governo ao atrazo dos pagamentos, donde nasciam as sublevações e motins da tropa estrangeira, as quotidianas deserções nos postos avançados, em que ás vezes faltavam de dez a vinte homens armados, e até um murmurio geral, que de dia para dia tomava cada vez mais corpo, e cada vez dava maior cuidado a bordo da esquadra. Este grande estado de apuro não só

[1] Em 3 de dezembro.

tinha levado o governo a approvar o emprestimo das £ 600:000, em que já se tem fallado, mas até a offerecer ao barão de Quintella, por espaço de doze annos, o contracto do tabaco, ao preço de 1:200 contos por anno, mediante o adiantamento de alguma quantia, como mais tarde se effeituou, e como ainda nada disto bastasse, mandou-se abrir no Porto um emprestimo [1] em que se collectaram os negociantes e capitalistas, em quantia igual á com que entraram para o emprestimo de D. Miguel: deste emprestimo ainda o primeiro terço de 16 contos de réis, que se devia pagar em novembro, não tinha dado entrada, e já o ministro da fazenda tinha dispendido á sua conta 12 contos de réis. Pela sua parte Sartorius nunca tinha podido extirpar a bordo da esquadra o espirito de indisciplina e motim, que nella tinha apparecido, particularmente agora, attenta a falta dos respectivos fornecimentos, á de ferros, ancoras, e sobre tudo a de pagamento ás respectivas guarnições: tudo isto fazia com que o mesmo Sartorius se tornasse pesado ao governo pelas suas reiteradas reclamações e exigencias, que todavia não melhoraram a disciplina da esquadra, particularmente depois de investido nas attribuições de major general, na fórma da carta de lei de 30 de outubro de 1822, e 26 de outubro de 1796 [2]. Sartorius, que em 15 de novembro viera fundear em frente do Porto, onde se conservou até 9 de dezembro, retirou-se para a bahia de Vigo, onde se foi abrigar da estação invernosa, que então corria. No meio destes apertos é que o ministro da fazenda, José Xavier Mouzinho da Silveira, declarou abertamente em conselho de ministros no dia 2 ou 3 de dezembro, e sem de tal cousa ter prevenido ós seus collegas, a necessidade da sua demissão, porque nem tinha meios de fornecer o exercito, nem dinheiro para suprir o commissariado, que havia já 40 dias que não recebia soccorros pecuniarios, reunindo-se tudo isto

[1] Decreto de 7 de novembro de 1832.

[2] Para restabelecer mais a confiança entre Sartorius e o governo é que em 10 de novembro se nomeára para ministro da marinha o tenente coronel d'engenheiros, Bernardo de Sá Nogueira, que por algum tempo conseguio diminuir o azedume de Sartorius.

n'um tempo, em que passava já de dois mezes que se não pagavam as prestações aos officiaes, e empregados civís, e nem pret aos soldados. Surprehendidos ficaram os ministros com tão inopinada declaração de Mouzinho, particularmente pelas obrigações, que os ligavam com os seus collegas ausentes; mas como elle insistisse em que nem tinha dinheiro, nem meios de o haver, e decididamente exigisse a sua demissão, forçoso foi a D. Pedro aceitar-lha, e chamar desde logo para o substituir a José da Silva Carvalho, que declarou não annuir ao convite, sem que com elle entrasse igualmente Joaquim Antonio de Magalhães. Aceita esta condição, o ministerio formou-se no mesmo dia 3 de dezembro, sahindo Mouzinho da Silveira, que occupando as pastas da fazenda, e justiça, deo logar a que para a primeira se nomeasse o mesmo José da Silva Carvalho, e para a segunda Joaquim Antonio de Magalhães, ficando todos os mais ministros como d'antes nas repartições a seu cargo, inclusivamente os dois ministros ausentes.

Taes eram as circumstancias em que os novos ministros vinham partilhar o peso de uma administração tão cheia de funestos auspicios, dentro e fóra do paiz, porque em fim a commissão dos aprestos em Londres, alcançada por este tempo em mais de £ 155:000, não tinha por si para fazer face aos seus numerosos encargos mais do que a prestação de £ 10:000 por mez, que os mutuantes do emprestimo suppletorio se obrigaram a pagar-lhe por conta das £ 300:000, que deviam satisfazer-lhe desde novembro de 1832 até abril de 1833, de modo que com ellas, e com mais 12:000, que se tinham arranjado de duas casas portuguezas, e o adiantamento de 10:000, feito pelos mesmos mutuantes por conta do mez de janeiro, pôde a mesma commissão acudir aos pedidos que do Porto se lhe faziam, valer ás cedulas da esquadra, montando umas e outras obrigações na totalidade de £ 300:000. Não admira pois que a segunda chegada do marquez de Palmella a Londres fosse olhada como um annuncio da queda do Porto, noticia que elle mesmo teve immediatamente de contradizer, mas sem

effeito sensivel na opinião publica, desvairada pelos muitos boatos, espalhados por muitos officiaes e soldados inglezes, que tinham estado no serviço, e que se recolhiam desgostosos, uns porque tendo vindo ao Porto, não lhes tinham sido aceitos os seus serviços; outros porque tendo cá militado, não tinham encontrado o cabimento a que aspiravam; e outros finalmente porque retirando-se doentes ou feridos, queixavam-se amargamente da falta de pagamento, de quebrantamento nos seus respectivos ajustes, e do máo estado a que os constitucionaes estavam reduzidos, como claramente se via pelas suas desesperadas sortidas, manifesta prova da sua completa impotencia. A tudo isto acrescêo ainda o rumor do descontentamento e motins da esquadra, e das desintelligencias que havia entre Sartorius e alguns dos seus officiaes, o frio acolhimento que o mesmo Palmella se dizia ter recebido do governo inglez, e finalmente o que tambem corrêo quanto á expedição de ordens para que D. Pedro, e os da sua comitiva, podessem ser recebidos a bordo dos navios inglezes, surtos no Douro, quando se viesse a verificar a queda do Porto.

Entretanto os novos ministros não desesperaram da causa publica, e o seu zêlo para a fazer triumphar os levou a adoptar principios oppostos aos do seu antecessor, entendendo que em quanto houvessem recursos pecuniarios no Porto tinham direito a exigi-los, para que salvando os seus defensores, com elles salvassem tambem a cidade dos males de que estava ameaçada, quando entrada fosse pelo inimigo. Os primeiros actos do ministro da fazenda fôram confiar a uma commissão do thesouro a gerencia dos dinheiros publicos; permittir por tempo illimitado, e debaixo de qualquer bandeira, a entrada de mantimentos, com a reducção de metade dos direitos para os trigos e farinhas, ficando isemptos de semelhante pagamento todos os mais generos comestiveis: e finalmente tornar a sujeitar ao pagamento dos direitos de exportação o vinho do Porto, que segundo a determinação do decreto de 20 de abril deste anno só devia pagar um por cento. Além destas ainda houve mais outra

medida pelo ministerio da fazenda, quando se ordenou que todo e qualquer prejuizo que os navios soffressem das baterias inimigas, na occasião de entrárem a barra com provisões de boca de qualquer especie, ou munições e petrechos de guerra, fosse encontrado nos direitos que os mesmos navios houvessem de pagar n'alfandega. Pela sua parte o novo ministro da justiça não foi menos resoluto em remover, pela repartição a seu cargo, todas as difficuldades que podiam embaraçar o aparecimento de meios pecuniarios, ou antes desenvolvendo toda a possivel actividade e energia, e movido de um salutar impulso para a salvação da causa constitucional, fez entrar no thesouro quanto lhe foi possivel apurar dos bens dos miguelistas, e d'outros, que andavam desencaminhados, fornecendo assim sommas de algum vulto para as enormes despezas da guerra. Os sequestros dos bens dos miguelistas, meio de que já a regencia da Terceira se valera durante o seu governo para levantar alguns fundos no archipelago dos Açôres, foram novamente decretados, e levados a effeito com a mais escrupulosa exacção, instaurando-se para esse fim um deposito, a quem se commettêo a administração de taes bens, declarando-se como crime de furto qualquer extravio a semelhante respeito: a administração dos proprios bens dos conventos abandonados foi confiada tambem a uma commissão especial; a repartição da segurança publica annexou-se á secretaria da justiça; e a cidade do Porto foi finalmente dividida em tres bairros para os effeitos da administração da justiça criminal, e de policia. Remettendo a cada um dos tres juizes do crime do Porto um programma dos principios do governo quanto á policia, aos mesmos juizes commettêo tambem o novo ministro da justiça a policia das revendagens, e atravessadores, estabelecendo na cidade para sua melhor fiscalisação as barreiras, que julgou conveniente. Para o tribunal de segunda instancia, recentemente creado, transferio tambem do tribunal de guerra e justiça o conhecimento de todos os crimes, que não fossem politicos, continuando estes a ser da competencia deste ultimo tribunal. E finalmente para inspeccionar as

cadeias, e propôr o que fosse acertado sobre a distincção dos crimes, e separação dos prêsos, nomeou elle uma commissão especial. Por esta fórma, e com estas medidas, conseguiram os novos ministros fazer parar as deserções, e pôr em dia os pagamentos do exercito, não obstante terem chegado deshonradas de Londres, logo no principio da sua administração, as letras, que o anterior ministro da fazenda sacára sobre aquella praça, cerrando-se assim a porta a este indispensavel recurso. Tambem pelo ministerio da guerra se tomaram por esta occasião algumas medidas, estabelecendo-se na casa pia um deposito geral militar, concedendo-se aos officiaes prisioneiros 320 réis diarios para sua sustentação, activando-se quanto possivel o recrutamento para os corpos de primeira linha, e finalmente extinguindo-se a antiga classe dos cadêtes, para que se precisava ter um certo grão de nobreza, e uma mezada de 12$000 réis, creando-se em seu logar a classe dos aspirantes a officiaes, medida que tambem se fez extensiva á corporação da armada, no tocante aos antigos aspirantes a guardas-marinhas, que pela sua parte soffreram a mesma sorte dos cadetes.

No meio de todas estas providencias, o desejo de alcançar mais algumas pipas de vinho na margem esquerda do Douro, e com ellas os meios de obter fundos para custear as despezas, fez tentar no dia 17 de dezembro mais uma sortida sobre Villa Nova, empregando-se para ella uma força de 600 para 700 homens de differentes corpos, que sem maior obstaculo ganharam as praias do Candal, e a quinta do Cavaco[1]. Em quanto os constitucionaes subiam as alturas do convento de Santo Antonio do Valle da Piedade, que

[1] O brigadeiro Cunha Mattos diz nas suas *Memorias da campanha de D. Pedro em Portugal*, que para esta sortida se não nomeára um official, que a commandasse, «cousa incrivel, acrescenta elle, a não ser sabida por «todo o exercito.» Entretanto era moralmente impossivel que para uma empreza de tal natureza se não tivesse nomeado commandante, e effectivamente, segundo correo nas melhores rodas do Porto, parece ter sido nomeado para semelhante commando o major Balthazar d'Almeida Pimentel; mas como elle, ou quem quer que fosse, não appareceo á frente da tropa desta funesta sortida, entendeo alguem que ella se effeituára sem se lhe ter destinado commandante.

por esta occasião incendiáram, os realistas abandonaram o seu campo, podendo os commissionados do carrêto dos vinhos retirar uma bôa porção de pipas dos armazens proximos da praia, que ficavam á direita do convento: estas pipas foram immediatamente conduzidas para o Porto nos mesmos barcos, que tinham transportado a tropa. Entretanto os miguelistas, reunindo-se em grande força, carregaram de prompto os constitucionaes, que facilmente cahiram em confusão, e se entregaram a uma prompta fuga, communicando a todos quantos encontravam o terror panico de que vinham possuidos ao descer pela encosta abaixo, até ganharem a margem do rio. Poucos barcos tinham tornado do Porto, depois que para lá conduziram os vinhos, e quando nesta occasião mais se precisava delles, foi então que os barqueiros, amedrontados pelos tiros de fuzil dos realistas, fugiram, largando-os á discripção, sem nada os poder obrigar a vir buscar a tropa. Dos muitos soldados, que affluiram ás praias, uma pequena parte pôde ganhar alguns barcos, que a fortuna lhes deparou, outros, vendo-se abandonados e sem meios de salvação, porque sabiam nadar, arremessaram as armas para longe de si, como quem as tinha na conta de um inutil pêso, e não de proficua defeza, e deitaram-se ás aguas do Douro para alcançarem os navios, cujas amarras alguns effectivamente houveram ás mãos. Entretanto os miguelistas acudiram ás praias, e atirando desapiedadamente sobre os seus contrarios, mataram então alguns, ou á baioneta junto do rio, ou atirando-lhes já dentro d'agua. A noticia desta confusão, pintada no Porto com as mais horrorosas côres, fez em todos os individuos feia e cruel impressão moral, que chegou ao maior auge ao dizer-se que os commandantes das embarcações de guerra inglezas mandaram arrear as amarras, a que alguns infelizes se tinham agarrado, e não lhes permittindo subir, deram logar a que fossem mortos, escapando sómente os que tiveram a bôa fortuna de alcançar as embarcações mercantes, cujos capitães, especialmente os portuguezes e brasileiros, não só os acolheram, e lhes deram a mão, mas até deitaram ao rio

as suas mesmas lanchas e escaleres, procurando salvar os que ainda boiavam, ou se achavam nas praias, expostos a uma morte certa, sem lhes importar com a immensa fuzilaria, que contra elles cahia. Apesar de tudo isto, vê-se que neste desastre a exageração figurou mais do que a realidade, em razão da pequena perda que houve [1]: todavia o desalento que isto trouxe comsigo, foi na verdade grande, e não concorrêo pouco para aggravar a melindrosa situação dos do Porto. Em quanto isto se passava nas praias do rio Douro, estava D. Miguel revistando o seu exercito a pouca distancia da quinta da Prelada, tendo alli sido recebido no meio do mais vivo enthusiasmo da tropa, e povo, que no meio das suas incessantes acclamações atirava ao ar com innumeravel quantidade de foguetes, além das salvas de artilheria. Os vivas ouviam-se em toda a cidade do Porto, misturados, entre a indisposição que causavam, de mil imprecações contra os inglezes, pela mesquinha sorte dos feridos, e infortunio dos que em vão lhes procuravam auxilio em volta dos seus navios. Neste dia passou D. Miguel revista á segunda, e á quarta divisão do seu exercito, e no immediato á terceira, acampada ao Sul do Douro, onde se diz que uma granada, lançada da Serra, rebentára nesta occasião junto delle, matando uma mulher, e ferindo quatro soldados. No dia 20 foram revistados os corpos, que compunham a columna movel ao Norte do Douro, regressando o infante novamente para Braga, depois desta ultima revista.

Era por este tempo chegada a maior e mais funesta de todas as crises por que se passou no Porto: Sartorius, depois da sua partida para Vigo, sentia de dia para dia cada vez mais desprovidas do necessario as forças navaes de que dispunha; falto dos abastecimentos necessarios para andar no mar, carecia por outro lado de ferros e amarras para poder fundear com segurança. A primeira entrada da esquadra constitucional em Vigo teve, da parte das authoridades hespanholas, todo o bom acolhimento e agasalho, que nas suas

[1] Foi a de 15 mortos, 56 feridos, e 3 extraviados, ou 74 homens ao todo, dos quaes 5 eram officiaes.

circumstancias era para desejar: a fragata D. Maria 2.ª não só pôde lá desarmar para concerto de velas e maçame, mas pôde inteiramente aprromptar-se para navegar. Por infelicidade a chegada da fragata D. Pedro, navio da India, que montava 50 peças, veio alli achar transtornadas tão boas disposições, e destruida a antiga harmonia daquellas mesmas authoridades com Sartorius, exigindo-se delle que immediatamente a fizesse sahir do porto. A acquisição deste navio fôra o resultado das vivas instancias do almirante, cujas forças careciam de se reforçar com mais um bom navio de grande lote, para poder arrostar com a esquadra inimiga; mas em vez de se comprar um de 1:200 toneladas [1], preferio-se este, ainda muito insufficiente para poder hombrear com uma náo em combate, que era o que se desejava. O mesmo Sartorius tinha já mudado o seu pavilhão para bordo da fragata Rainha; mas a insubordinação do capitão Mins havia chegado ao seu auge, publicando até um relatorio contra o almirante. Pela sua parte o governo não tinha força para dar um exemplo de severidade militar, apropriado ás circumstancias, e carecendo de gente a bordo dos navios, nem ao menos mandou recolher ao Porto os revoltosos, contentando-se apenas em mandar proceder contra alguns, por meio de conselhos de guerra, de que nada resultou. Com tão poderosos elementos de insubordinação a bordo, forçosamente se havia de tornar mais grave a falta de pagamento, e a dos mais arranjos indispensaveis para a esquadra, e facil é de antever que d'ahi resultassem energicas reclamações da parte do almirante ao governo, sobre um e outro ponto, e ainda com mais instancia repetidas quanto á prompta execução dos seus contractos, e á satisfação de todos os ajustes com as suas respectivas tripulações. Esta melindrosa posição de Sartorius, entre o governo e os seus subordinados, e esta importunidade das suas requisições não cumpridas, occasionaram todos os funestos rumores, que depois da

[1] Assim o aconselhou Napier, mas quando appareceo o seu conselho já se tinha comprado a D. Pedro, e não havia dinheiro para de novo se comprar embarcação como convinha.

sua chegada a Vigo começaram a correr no Porto, dando-se a esquadra em completa e formal deserção para Inglaterra. Esta nova circumstancia, cuja gravidade era por todos sentida, fez desde então reputar inteiramente perdida a causa constitucional.

A necessidade de uma operação militar atrevida, para salvar a causa dos constitucionaes no Porto, instantemente urgia por toda a fórma e maneira, e o ministerio resolvêo finalmente emprehende-la, tendo-lhe dado primitivamente origem o ministro da marinha, Bernardo de Sá Nògueira. Na opinião deste ministro, uma surpreza sobre a pequena praça de Sagres não só trazia para a esquadra a acquisição de um porto abrigado dos ventos do Norte, mas até uma base para as operações militares, que se podessem emprehender nas provincias do Sul do reino. Pensando pois sobre este ponto, apresentou elle em seguida uma memoria, demonstrando a conveniencia de uma expedição a Sagres, para a qual só queria de 1:200 a 1:500 homens: com esta gente se propunha obter, alem de um porto abrigado dos ventos do Norte para a esquadra, 1.° a grande e positiva vantagem de embaraçar a vinda de mais tropas realistas para as visinhanças do Porto: 2.° a facilidade de eventualmente se poder operar no Alemtejo, e procurar assim a occupação de Beja, tanto como ponto strategico, como pelo apoio que alli iria encontrar no espirito constitucional da sua população; e 3.° finalmente a commodidade de se poder receber do Algarve gado e outros artigos mais, em vez de se irem a peso de dinheiro comprar a Vigo. Aceita em conselho por todos os ministros esta memoria, foi depois apresentada em despacho a D. Pedro, que todavia lhe não dêo importancia. Considerada mais tarde esta materia, della fizeram então os ministros questão, ou para continuar na gerencia dos negocios publicos, ou para unanimes pedirem a sua demissão. Apertado D. Pedro por esta fórma, dêo finalmente o seu assentimento ao projecto, sem todavia annuir a conceder mais de 800 homens para a expedição proposta, cousa em que se não litigou pela persuasão de que nas proximidades

do embarque o mesmo D. Pedro conheceria a insufficiencia daquelle numero. Em seguida assentou-se igualmente, por commum acôrdo, que tudo isto seria negocio reservado somente aos ministros, e que o seu mesmo author, (para que de modo algum transpirasse o indispensavel segredo [1],) se dirigisse a Vigo para tratar pessoalmente do respectivo projeto com Sartorius, a fim de que, vindo ao Porto, se levasse a expedição a effeito por seu concurso. Com este intento sahio Bernardo de Sá para a Foz, no mesmo dia da infeliz sortida de Santo Antonio do Valle da Piedade: observando alli o terreno circumvisinho durante o resto do dia, em quanto não chegava a noite para poder embarcar, facil lhe foi conhecer a grande importancia do monte do Castro, para conservar segura a posse da pequena porção da costa, que desde o castello da Foz vae até ao monte da Senhora da Luz. Os rogos para fazer levantar quanto antes dois reductos naquelles dois montes, e leva-los depois, com a occupação do castello do Queijo, a um estado respeitavel de fortificação, empreza então muito facil, pelo desprevenido em que os miguelistas ainda estavam a tal respeito, foram o objecto de uma carta, que o mesmo ministro da marinha deixou na Foz para D. Pedro, fazendo-lhe vêr com isto a importancia de se aunullar assim o bloqueio terrestre das baterias inimigas. Chegado a Vigo, Bernardo de Sá foi encontrar Sartorius mettido nos grandes embaraços de que já se fallou, e nos actos de insubordinação das suas respectivas tripulações. Pela sua parte o almirante aceitou gostoso os planos da expedição projectada; mas quando se dêo ordem á fragata D. Maria para receber os mantimentos necessarios para a viagem, a sua gente recusou formalmente suspender sem que primeiro se lhes pagasse, e não sendo possivel conduzi-la a melhor acôrdo, forçoso foi passar-se pelo dissabor de vêr abandonar a esquadra mais de 200 homens, que por esta fórma perderam as suas respectivas soldadas, e competentes partes de

[1] Apesar destas cautellas, sempre em meado de dezembro chegou a correr em Lisboa a noticia de que a esquadra da rainha se preparava para uma expedição ao Algarve.

presa. O mesmo Bernardo de Sá, voltando á Foz no dia 22 de dezembro, vio com surpreza pela sua parte que nada se tinha ainda feito quanto ás fortificações do monte do Castro, e Senhora da Luz, e occupação do castello do Queijo, e com tanto mais espanto, quanto que a Foz, além da pequena guarnição do castello, sem mantimentos para poder soffrer um cêrco, e sem proporções para lhe oppôr séria e porfiada resistencia, ainda por então se achava indefeza e desguarnecida; mas entrando no Porto, vio em troca disso designados já os corpos de que a sua projectada expedição se devia compôr, e nomeado até para commandante della o duque da Terceira, expedição que todavia ficou adiada, em vista das communicações de que o general Solignac se achava já em viagem para o Porto, e da necessidade de lh'a submetter primeiro á sua approvação[1]. Em 30 de dezembro soube-se no Porto que um corpo de tropas miguelistas havia chegado a Mattozinhos, parecendo destinar-se á occupação da Foz: foi então que D. Pedro se convencêo[2] de que a Foz facilmente podia ser tomada por uma só brigada miguelista, que neste estado o seu respectivo castello se não podia conservar por muitos dias, e finalmente que cortada uma vez a sua communicação com o mar, a capitulação do Porto era negocio decidido, e obra quando muito de duas até tres semanas. Para evitar semelhante catastrophe marchou logo naquella mesma noite para a Foz uma força de 1:200 a 1:400 homens, levantando-se no dia seguinte (31 de dezembro) sem nenhuma resistencia uma bateria no monte da Senhora da Luz, occupando-se tambem o castello do Queijo, até então abandonado, e que novamente o foi pelos constitucionaes no dia 1 de janeiro, contentando-se apenas com lhe demolir os parapeitos e as canhoneiras do Sul.

[1] As vantagens desta expedição eram todavia mui duvidosas, e provavelmente ella iria prejudicar a que mais tarde foi para o Algarve, por chamar sobre aquellas costas a maior attenção do governo miguelista, e accumular sobre ellas grandes forças, que embaraçariam os desembarques de gente: se a subsequente expedição foi coroada do mais feliz exito, a famosa victoria naval de 5 de julho de 1833, nos mares do cabo de S Vicente, foi quem lhe aplanou o successo.

[2] Pelas razões que Bernardo de Sá lhe foi pessoalmente apresentar.

Entretanto nenhum dos partidos contendores se esquecia de augmentar os seus meios de ataque e defeza: ao alto da Bandeira chegou por este tempo [1] um celebre canhão obuz, ou peças das chamadas *Paixhans*, a que o vulgo por corrupção do vocabulo chamava *canhão-pechão*, offerta feita a D. Miguel por um dos seus mais votados partidistas, o contractador do tabaco, João Paulo Cordeiro: esta peça jogava balas de pedra, e ôccas de ferro, de onze polegadas e nove linhas de diametro. Foi tambem então que os realistas desmascararam a sua bateria do alto do Verdinho, ou do Candal. A Serra do Pilar, que já então tinha adquirido alguma perfeição nas suas escassas e primitivas fortificações, recebêo [2] para sua defeza mais uma peça de 24 e outra de 48, além de dois obuzes. O recrutamento para primeira linha, para voluntarios, e maruja tomou tambem nova actividade da parte dos constitucionaes: os batalhões de voluntarios fixos e moveis, mostrando-se alheios ás questões politicas dos partidos ministerial e Opposição, tinham pontualmente cumprido com as suas restrictas obrigações, o que fazia com que o governo empregasse todos os meios ao seu alcance para augmentar a força destes corpos [3]. Depois daquelles crearam-se ainda os batalhões provisorios, 1.°, 2.°, e 3.°, um para o bairro de Santa Catharina, outro para o de Santo Ovidio, e o terceiro para o de Cedofeita, cujo serviço não foi de menos importancia que o dos corpos anteriormente organisados. Dos barqueiros do Douro formou-se tambem o valente batalhão de mareàntes, que pelos seus relevantes serviços prestados fóra da barra, nas descargas dos navios e desembarques de generos, foi um dos mais efficazes auxilios

[1] Em 24 de dezembro.

[2] No mesmo dia 24 de dezembro.

[3] Bernardo de Sá, quando governador militar do Porto, concedêo dez dias de dispensa do serviço a todo o voluntario que apresentasse um individuo, que estivesse nas circumstancias de ser alistado naquelles batalhões, e ordenou aos seus respectivos commandantes que para taes diligencias lhes franqueassem sempre licença: isto, e o desejo de verem no serviço quem como elles a elle estava sujeito, dêo em poucos dias algumas centenas de praças mais para os corpos nacionaes; mas foram taes as violencias que se praticaram com as buscas, que D Pedro entendêo dever cessar com este systema, posto que para isso não désse ordem expressa.

para a conservação do Porto. Dos pilotos e mais gente do alto mar se constituio igualmente o batalhão de voluntarios do Douro. E é de razão e justiça que, a par de tantos corpos nacionaes, se mencione tambem uma companhia de postilhões, composta de 50 a 60 rapazes, de 12 a 15 annos de idade [1], que uniformisados de alvadio, e armados de espadas, e montados em ridiculos cavallos, foram destinados para ordenanças dos generaes, para correios, e para todo o mais serviço deste genero, que o prestaram excellente, durante todo o inverno, sem na maior parte do tempo receberem forragem alguma, que o governo não tinha para lhes dar; mas elles activos, quanto o podiam ser rapazes espertos, tiveram arte de os sustentar, chegando ao ponto de se aproveitarem da palha dos enxergões que lhes cabiam nas mãos. Deste modo 50 a 60 rapazes vadios se constituiram em cidadãos uteis, vindo a ser depois do cêrco muito bons officiaes inferiores, ao passo que durante elle equivaleram a um reforço de 50 a 60 soldados de cavallaria, que o governo não teve por muito tempo, e que quando os teve não podia dispensar do serviço regular dos corpos. Do emprego de todas estas medidas resultou que o Exercito Libertador, que no fim de outubro era de 12:381 homens, comprehendendo todas as armas e corpos, em novembro era de 12:591, em dezembro de 12:668, chegando em janeiro a 17:668. E para que nada escapasse ás diligencias feitas neste sentido, necessario é accrescentar que até houve um projecto de se formar uma ou duas companhias de mulheres, não só para em dias de combate levarem ás linhas mantimentos, agua, e munições, mas tambem para eventualmente cuidarem, e tratarem nos primeiros momentos, na conservação dos feridos, equivalendo assim a um reforço de muitos soldados, que naquelles dias se empregavam em semelhante mister.

A entrada do novo anno veio trazer algumas esperanças de alento aos tristes defensores do Porto: a reducção dos direitos dos trigos e farinhas, e a isenção concedida para os

[1] Em relação ao seu fundador muitos lhes chamavam *os filhos de Bernardo de Sá*.

mais generos comestiveis [1] produzio dentro em pouco tempo os mais salutares effeitos. Activo como era o fogo das baterias inimigas, encarregadas do bloqueio da barra, e conhecidamente arriscados como são os mares da costa deste reino na estação invernosa, era de receiar que os navios estrangeiros não viessem correr os riscos, e a furia dos elementos durante esta estação: e todavia não causou pequeno espanto quando fóra da barra se viram apinhadas sobre um mar bonançoso mais de cem embarcações estrangeiras, procurando vez para a sua respectiva descarga. Por outro lado a esperança do ganho fez tambem apparecer homens destemidos, que tripulando as suas frageis lanchas e catraias, não duvidaram abalançar-se aos riscos de semelhantes descargas, effeituadas sempre durante o medonho escuro das noites de inverno, e sempre debaixo do continuado fogo do inimigo, das suas bómbas, e balas de artilheria, e até dentro do alcance do ponto em branco. A paga destes homens foi ao principio tão avultada e crescida, que alguns arbitrios se offereceram ao governo para intervir nos respectivos ajustes; mas elle, limitando-se apenas á policia do logar, vio realisadas as suas esperanças, quando os altos preços dos desembarques, attrahindo muita gente maritima áquelle novo modo de vida, inclusivamente do paiz occupado pelo inimigo, fizeram decahir tão avultadas pagas, á proporção que crescia a affluencia dos barcos para taes trabalhos. Foi assim que a cidade do Porto, tão seriamente ameaçada pela fome, vio correr sem risco de tão funesta calamidade todo o mez de dezembro de 1832, e o de janeiro de 1833, pelos repetidos desembarques de mantimentos de toda a especie, effeituados durante a noite em maior ou menor copia, segundo o estado do mar, e o remanso da costa o permittia. Era tambem de receiar que o governo, forçado pela dura lei da necessidade, attentasse contra a propriedade dos generos, cujos desembarques tantos sacrificios, e tão multiplicados riscos de vida custavam; mas observando com religioso respeito, salvas algumas pequenas excepções que houve, o principio de pagar

[1] Decreto de 3 de dezembro.

á vista os variados artigos de que precisava, tanto para os arsenaes, como para o deposito de mantimentos, o seu proceder sobre este assumpto foi sem duvida mais uma das ponderosas causas, que tanto concorreram para o abastecimento de que a cidade ia gozando: e posto que assim se visse o governo obrigado a submetter a quantas condições pesadas os especuladores lhe quizeram impôr, certo é que por outro lado conseguio elle a vantagem de achar sempre generos para poder prover os seus depositos, e de ter nelles abundancia de assucar, aguardente, e arrôz, o unico genero que por muito tempo foi o principal sustento do exercito.

Quanto aos apuros financeiros, alguma cousa mais se foram remedeando: no deposito publico acharam-se 35 contos de réis, com que o novo ministro da fazenda pagou as despezas atrazadas do fornecimento de carne, e habilitou não sómente o thesoureiro da comarca para fazer tambem alguns pagamentos, mas igualmente o recebedor da alfandega para remir os adiantamentos, que fizera sob o seu proprio credito. Do emprestimo decretado para os moradores do Porto conseguio o governo, por meio da sua energia, e firme proposito de empregar os meios ao seu alcance, apurar em principios de dezembro os 32 contos de réis, correspondentes aos dois terços, que delle se deviam pagar nos dois mezes de novembro e dezembro; mas não sem bastante repugnancia da parte dos collectados, como era bem de esperar n'uma cidade já com tantos mezes de sitio. Das casas sequestradas [1], dos bens dos conventos abandonados se foram sempre tirando todos os possiveis recursos. Para os Açôres decretou-se um emprestimo de 400 contos de réis, que todavia não produzio effeito, pela viva repugnancia que os povos daquelle archipelago mostraram em o effeituar. O dinheiro que se achou nas administrações do tabaco daquellas mesmas ilhas foi mandado para o Porto. Do barão de Quin-

[1] 96 casas se sequestraram no mez de dezembro, e 154 em janeiro, fazendo um total de 250, e casas houve em que se levantaram lages para procurar dinheiros soterrados, e com o mesmo fim se procuraram por todo o modo os falsos, que podia haver nas paredes e sobrados.

tella se tinha conseguido, por conta dos seus pagamentos futuros do contracto do tabaco, que se lhe offerecêra, a quantia de £ 45:000, das quaes o ministro da fazenda mandou pôr 20:000 á disposição da commissão dos aprestos em Londres, para valer ao descredito de que se achavam ameaçados os saques anteriormente feitos pelo governo, cujos aceites estavam perto do praso do seu vencimento [1]; e posto que se viessem a pagar dois dias depois delle, o credito soffrêo todavia um terrivel golpe, tendo a mesma commissão, e a casa de Carbonell de renovar as suas obrigações de Londres na sua quasi totalidade, para exclusivamente se poderem applicar ao pagamento das ordens do governo, e da esquadra. Deste estado de cousas se seguio, como consequencia necessaria, perder-se em Londres o resto da confiança, que os amigos da causa do Porto nella tinham depositado, entregando-lhe com os seus capitaes o seu socego, pela imminencia do risco de que cada vez mais estavam ameaçados. Este estado subio por tal fórma de ponto, que, chegando a Londres o navio *Boulogne-sur-mer* com 300 francezes recrutados em Paris, necessario foi, para fretar o navio que os conduzisse ao Porto, hypothecarem-se-lhe para seu pagamento os effeitos de armamento, vestuario, e outros mais objectos, que no referido navio se tinham igualmente embarcado. No meio pois dos seus grandes apuros a referida commissão chegou mesmo a dirigir-se ao marquez de Palmella, para que lhe pozesse á sua disposição das £ 300:000 do emprestimo suppletorio, existentes em deposito no banco de Londres, 100:000, com a faculdade de as negociar até ao diminuto preço de 25 por cento. Assim mesmo ninguem espontaneamente se resolvêo a tomar os respectivos *bonds*, conseguindo-se apenas fazel-os aceitar por alguns dos mais fervorosos amigos da causa portugueza, que effectivamente os receberam, movidos das repetidas instancias, que para tal fim se lhes fez, e mais ainda pela idéa de prolongar a existencia dos valentissimos homens do Porto, e deste modo salvar os seus anteriores adiantamentos, de que aliàs se achavam descorçoados. Com estes

[1] Era em 29 de dezembro.

recursos, e com mais £ 12:000, que a commissão dos aprestos recebêo por conta das 20:000, que o governo pozera á sua disposição [1], pôde ella ir satisfazendo ás suas obrigações de janeiro, e estabelecer quanto possivel o credito da casa de Carbonell, chegando mesmo ao ponto de vêr que os donos do navio, cuja carga se lhes hypothecára para conducção dos 300 francezes ao Porto, dirigiram ordens ao respectivo capitão para que della podesse fazer entrega á sua chegada, recebendo em pagamento letras sobre aquella casa, a dois e a tres mezes de data.

Entretanto o zelo, a actividade, e a influencia do marquez de Palmella em Londres não poderam achar concorrentes ao emprestimo, que, em virtude da authorisação que tinha, publicára debaixo da protecção do seu nome, e dos auspicios de duas casas portuguezas de bastante consideração naquella cidade. Tão desgraçada e precaria se antolhou a causa do Porto, que não houve na capital d'Inglaterra pessoa a quem para aquelle fim movessem as esperanças dos exorbitantes ganhos, em presença das mais vantajosas condições, offerecidas aos mutuantes. E tão desproporcionadas pareceram semelhantes condições, que o proprio governo se vio obrigado no Porto a recusar-lhe a sua sancção. As inconveniencias notadas nesta negociação não se limitáram sómente ao gabinete dos ministros; mas o proprio jornal do governo, ou Chronica Constitucional do Porto [2], com tal asco e azedume apresentou esta questão no publico, que não duvidou dizer, que fôsse qual fôsse a fórma de governo, que houvesse em Portugal, jámais podia approvar-se contracto tão oneroso. «Quando não tinhamos, dizia elle, para combater por nós «mais do que os braços da emigração, e para hypothecar «mais do que um rochedo no meio do Atlantico, achámos «dinheiro em Londres pelo preço que tinham os fundos por«tuguezes do antigo emprestimo; e hoje, que senhoreamos «todo o archipelago dos Açores, que temos uma esquadra, «e que nos achamos firmes e seguros na terra de Portugal,

[1] No dia 12 de dezembro de 1832.
[2] Veja os n.os 14 e 19 de 1833.

« com um exercito numeroso, disciplinado, e bem provido,
« commandado em chefe por S. M. I., o duque de Bragança,
« chegariamos a aceitar 19 réis com obrigação de 100? »
Tudo isto assim era; mas quando a passada regencia senhoreava a Terceira, quando D. Pedro tomou conta da sua expedição, todos suppunham que o apparecimento delle e da sua gente em Portugal era bastante para fazer cahir D. Miguel, e esta convicção geral em todos tinha barateado muito os anteriores emprestimos; mas logo que se perdêo esta crença, vendo que nem o nome de D. Pedro, nem o seu exercito, nem a sua esquadra, e recursos de que dispunha, abalavam as fileiras dos seus inimigos, todos, sem excepção, cahiram no extremo opposto, duvidando da salvação da causa constitucional, e d'ahi veio a razão de não haverem especuladores que quizessem arriscar os seus fundos em novos emprestimos, por mais vantajosas que fossem as suas condições.

Apesar disto não pode uma tal negociação explicar cabalmente o azedume, que desde então por diante o governo manifestára contra o marquez de Palmella, cuja negociação em finanças fôra tão mal succedida, quanto a sua missão diplomatica lhe acarretára de descredito, e grande indisposição no animo de D. Pedro. Em meiado de dezembro corrêra no Porto que uma divisão de 6:000 inglezes vinha occupar Villa Nova, e um avultado exercito hespanhol entraria em Portugal, para obrigar a uma suspensão d'armas os partidos belligerantes: dizia-se mais que D. Pedro e D. Miguel haviam de evacuar Portugal, e a Infanta D. Isabel Maria assumiria as funcções de regente, durante a menoridade de sua augusta sobrinha: e accrescentava-se finalmente que o marquez de Palmella havia recommendado para o Porto, que se não fizessem mais sortidas, como operações inuteis, em vista da feliz terminação que a guerra civil deste reino ia ter pela intervenção estrangeira. Soube-se mais que para Madrid se offerecêra o marquez de Wellesley, e que na impossibilidade da sua partida sahira para junto daquella côrte, com o caracter diplomatico, sir Stratford Canning, na intenção de chamar aquelle gabinete a um ajuste ou con-

venção, que effectivamente se dizia arranjada pelo theor seguinte[1]: que as hostilidades cessariam immediatamente no Porto, começando as negociações 1.° por considerar D. Pedro, e D. Miguel, como se nem um nem outro tivessem direito á corôa de Portugal, devendo ambos elles abandonar a Peninsula; 2.° pelo prompto reconhecimento de D. Maria da Gloria, como rainha de Portugal, por parte da França, Inglaterra, e Hespanha; 3.° pela aceitação de algumas modificações na carta constitucional, para tranquilisar a Hespanha; e 4.° finalmente pelo enlace de D. Maria da Gloria com o filho primogenito do infante D. Carlos, por se julgar que esta condição facilitaria o concurso do gabinete de Madrid: todas estas medidas eram acompanhadas de uma amnistia para todos os compromettidos politicos, qualquer que fosse a bandeira por que tivessem pugnado. Informado pois D. Pedro de como o marquez de Palmella, logo na primeira nota que dirigira a lord Palmerston, se propozera aceitar a mediação estrangeira, sem fortemente litigar a clausula da sua sahida para fóra de Portugal, como com tanta instancia lhe fôra recommendado, immediatamente lhe dirigio uma carta em francez, cuja redacção foi devida a Candido José Xavier, em que, no meio de muito estudadas e polidas frazes, ressumbrava o grande ressentimento que o acompanhava por uma negociação, em que a sua pessoa parecia prezar-se tão pouco, e que por conseguinte a reputava mal conduzida, e a dava por terminada. A Chronica Constitucional do Porto[2] tambem por mais esta vez quiz mostrar ao publico uma solemne reprovação do governo á negociação diplomatica do marquez de Palmella, dizendo que era de crer que as bases de tal negociação fossem o reconhecimento da rainha, o restabelecimento da carta constitucional, e a prompta sahida do infante D. Miguel para fóra do reino, com as condições

[1] Assim o participou o agente de D. Miguel em Londres para os seus collegas de S. Petersburgo, e Berlim, informando-os de que o fructo dos trabalhos do marquez de Palmella naquella cidade começavam já a apparecer pelos propicios germes, e boa vontade que encontrára nos governos francez e inglez. Esta participação era de 11 de dezembro de 1832.

[2] Veja o n.° 4 de 4 de janeiro de 1833.

que se estipulassem: «embora se ouçam, continuava o re-
«dactor, ou mais provavelmente o mesmo Candido José
«Xavier, proposições que devam ser consideradas pela assem-
«bléa nacional[1]. Se para se realisarem estas primeiras hy-
«potheses fôr necessario que aos dois partidos se imponha
«uma suspensão d'armas, embora seja assim, se o regente
«pela sua parte entender que as circumstancias o aconselham
«que aceite (do que duvidamos). São destituidos de funda-
«mento os boatos, que se tem derramado sobre negociações
«que se dizem entaboladas; pois é impossivel que os pleni-
«potenciarios quizessem postergar os interesses da sua pa-
«tria; nem suppomos que em tal caso o governo os conser-
«vasse por mais tempo nos empregos, e missões que actual-
«mente tem. Dentro em pouco tempo conheceremos se as
«nossas conjecturas são bem fundadas; porque sendo-o, o
«governo approvará as negociações começadas, segundo as
«suas vistas, e cujo fim bem poderá ser o evitar maior der-
«ramamento de sangue, salva sempre a dignidade de sua
«magestade imperial, o duque regente, e a honra dos por-
«tuguezes constitucionaes, que se votaram á mais nobre das
«causas.» Desde então Mouzinho, e Palmella, offendidos por
semelhante fórma, entenderam que não deviam continuar
como ministros, quem do regente, e dos seus collegas, per-
dêra a sua confiança como diplomaticos, e instando effecti-
vamente pela sua demissão, a pretexto de se lhe terem fal-
tado aos ajustes de se não fazer mudança ministerial sem a
sua vinda para o Porto, deram logar a entrar para o minis-
terio do reino Candido José Xavier, e para o dos negocios
estrangeiros o marquez de Loulé[2].

Todas as esperanças se voltaram novamente para a sorte
das armas, e com tanta maior razão, quanta maior era a
confiança que D. Pedro depositára no general francez, o ba-
rão João Baptista Solignac, desembarcado na Foz no dia 1

[2] Estas expressões são evidentemente destinadas á continuação da regencia de D. Pedro, que elle mesmo havia promettido no seu manifesto submetter á futura decisão das côrtes.

[1] Decretos de 12 de janeiro.

de janeiro. Oppostas vicissitudes tinham com effeito ralado todas as mais esperanças dos bravos defensores do Porto, porque atravez do prisma dos seus passados receios todos os raios visuaes do futuro, que ora desfavoraveis, ora se lhes tinham apresentado risonhos, mais nada davam de si do que a continuação da guerra. Cruel desengano, que só o tempo foi capaz de produzir pela sua rotação, e a marcha dos acontecimentos! Assim começava o anno de 1833, em que effectivamente se vio desembarcar no Porto, e tomar armas pela causa da Liberdade portugueza, aquelle illustre general, cujos creditos vinham reanimar geralmente os animos, não só fatigados pela desproporcional peleja, que alli se sustentava já por quasi seis mezes, mas até abatidos pelo fatal prejuizo de que o solo da patria, que tão bravos e corajosos soldados produz, é escasso para lhes dar generaes, que dignamente os dirijam no campo. Solignac contava por este tempo 62 annos de idade, tinha feito a campanha da Italia debaixo dos dois distinctos generaes Massena e Clausel, e no sitio de Astorga se distinguira em Hespanha, e fôra como tal recommendado ao imperador Napoleão. Depois de uma penosa e difficil viagem de mais de vinte dias, Solignac chegára as aguas do Porto, a bordo do vapor London Merchant, trazendo como seus ajudantes d'ordens o tenente coronel José Maria Amado Duvergier, e o tenente Eugenio João Baptista Solignac. Promovido a marechal do exercito portuguez, e nomeado major general do mesmo exercito [1], debaixo das immediatas ordens de D. Pedro, este novo general dera-se, na sua primeira ordem do dia do exercito, como votado em toda a sua carreira á causa da Liberdade, vangloriando-se de merecer a confiança de um principe, que tanto a apreciava, e de estar á testa de um exercito, que por ella tanto tinha soffrido, e tanto valor e lealdade patenteado. Durante este mez a força constitucional havia sido consideravelmente augmentada com recrutas estrangeiras: com Solignac tinham vindo 200 belgas; o marechal de campo João Baptista Froment havia trazido comsigo 150

[1] Em 3 de janeiro.

recrutas francezes; uns 200 escocezes, de 600 que haviam sido recrutados em Glasgow [3], foram postos debaixo das ordens do bravo major Shaw. Do archipelago dos Açores chegaram umas 200 recrutas, debaixo da denominação de Leaes Fuzileiros da ilha Terceira, e da mesma cidade de Lisboa começou desde este mez por diante a correr para o Porto uma prodigiosa emigração de individuos, que alcançando passagem a bordo dos differentes paquetes, iam desembarcar na Foz, donde depois seguiam para a cidade, sendo a final empregados no exercito. Deste modo pôde D. Pedro reforçar neste mez as suas tropas com 674 estrangeiros, e 83 cavallos, desembarcando tudo a salvamento debaixo do farol do monte da Luz, o que felizmente succedeo tambem ás provisões de guerra, posto que a resaca e o estado do mar tornasse algumas vezes impraticaveis taes desembarques. Para facilitar quaesquer operações militares na margem esquerda do Douro, buscou-se estabelecer no Senhor d'Alem, onde um bote andava sempre em continua communicação entre a Serra do Pilar e o Porto, uma ponte de 35 barcos; ao que os realistas, que por este tempo haviam desmascarado uma nova bateria em S. Christovão, procuraram desde logo obstar, empregando contra semelhante ponte outra nova bateria, que levantaram na Pedra Salgada, em Quebrantões, cuja artilheria inutilisou em breve todos os trabalhos da projectada ponte, mettendo além disso a pique, com dezoito rombos, a escuna de guerra *Coquette*, com uma lancha e um escaler, que naquella paragem se achava fundeada. Para substituir a ponte de barcos ainda mais ao diante se imaginou fazer girar, suspenso n'uma amarra de corda, um caixão de madeira, puchado por tirantes, de fórma que não tocasse na agua, ainda mesmo em occasião de cheia; mas este projecto não foi avante, porque fazendo a amarra grande bolsa no centro, não era facil poder puchar-se o caixão, não obstante o apoio que lhe davam dois grandes cavaletes, que nos dois extremos suspendiam a amarra.

[3] Os 400 restantes tiveram a infelicidade de naufragar nas costas da Irlanda, sem se poder escapar um só delles.

Para que nenhuma das calamidades deixasse de perseguir os bravos defensores do Porto, veio de companhia com o general Solignac aportar igualmente no 1.º de janeiro ás praias de S. João da Foz, a devastadora *cholera-morbus*, que por este tempo tanta gente victimava pelos differentes paizes da Europa. Entre os grandes e extraordinarios acontecimentos do decimo-nono seculo, e até no meio das grandes calamidades publicas, de que ha memoria nos annaes do mundo, deve sem duvida alguma collocar-se, como em primeiro logar, este terrivel e destruidor flagello. Desde a peste negra, que no decimo-quarto seculo assolou todas as regiões do nosso hemispherio, nenhuma epidemia se espalhou ainda tão extensamente por toda a parte do mundo, e tão consideravelmente o devastou, como a cholera, semeando o terror e a morte por todos os differentes povos que visitou, calculando-se os seus estragos de 45 a 50 milhões de victimas. São tão variadas as regiões do Globo que esta terrivel molestia percorrêo, tão diverso e crescido foi o numero dos povos que flagellou, que bem difficil será marcar com toda a clareza e segurança o seu itinerario, os seus progressos, e finalmente mostrar por que serie de irrupções successivas o seu mortifero germe se espalhou desde uns até aos outros confins do mundo. Effectivamente a cholera, sahindo de Jessore, seu berço natal, nas bocas do Ganges, em fins de maio, ou principios de junho de 1817, d'alli foi apparecer em Malaca pelas vias de communicação em 1818, e dobrando o cabo Romania, successivamente em muitos outros paizes e reinos, insulares e continentaes, da parte oriental da Asia. Começando naquelle mesmo anno de 1817 a reflectir tambem para o Occidente, veio a Madrasta em 1818, e d'alli se transportou a bordo dos navios de commercio para o golpho d'Oman, e golpho Persico. Manifestando-se successivamente em todas as cidades onde as caravanas param até ganhar Alepo, dirigio-se tambem para o mar Caspio, indo em 1823 apparecer em Astrakhan. Seguindo pelo Volga acima a bordo dos barcos que o sobem, foi em 1830 manifestar-se em Moscow, e pouco depois em

S. Petersburgo. De Moscow ganhou as affluentes do Dwina, por que em fim foi por este rio abaixo que a cholera successivamente descêo nos barcos que o navegam, até que apparecêo em Riga, sendo igualmente infectados os pequenos portos de Licbau, e Polengen. Em quanto pelas vias sêcas se dirigia para a Polonia, e de lá para a Prussia, e estados d'Alemanha, pelas vias humidas ganhava igualmente a Escossia e a Inglaterra, passando-se finalmente de Londres para Paris em fevereiro ou março de 1832. Vio-se por tanto que a cholera tanto se desenvolvia nos pantanos de Batavia, como nos áridos desertos que se avisinham de Oremburgo; tanto nas vertentes do Caucaso e do Himalaya, como nas planicies da Persia; tanto nas populosas cidades do Indostão, como nas da Europa, sem poupar povoação por mais humilde que fosse. Todos os differentes povos lhe foram igualmente sujeitos, atacando sem distincção, como as bexigas e a peste negra, o indo, o chinez, o birman, o malaio, o arabe, o negro, o persa, o tartaro, o armenio, e finalmente o europeo. O rico não estava ao abrigo dos seus estragos, e o pobre foi, como em todas as mais epidemias, a quem ella menos respeitava.

Para os homens da arte não lhes foi pouco difficil, nem menos laborioso marcar a este flagello, não só em quanto durou, mas ainda depois que passára, qual foi a sua natureza, os seus caracteres morbidos, as condições da sua existencia, os meios curativos e hygienicos que se lhe deviam oppôr, o modo da sua propagação, as circumstancias que a favoreciam, como explicar a sua importação a grandes distancias, e a sua marcha pelas vias de transito de mar e terra, e finalmente o seu apparecimento além das mais altas serras do Globo, daquellas cujos cumes, sobranceiros ás regiões das nuvens, taes como o Caucaso e os Gates, impedem a passagem destas, e até a do ar atmospherico, de um para outro lado. Tudo nesta molestia foi conseguintemente misterioso e incomprehensivel para a intelligencia humana! O seu germe ainda nos é hoje inteiramente desconhecido, e desconhecida tambem a sua marcha e propagação. Os sym-

ptomas mais terriveis e assustadores, que no doente se viam, eram marcados pelo transtorno das feições, alteração da voz, encovação dos olhos nas orbitas, azulado que nellas se divisava, bem como nos beiços, nos pés, nas mãos, e na face; frio glacial espalhado por todo o corpo, enrugamento da pelle, e particularmente nos dedos, onde as gelhas mais sobresahiam, suor frio e viscoso, um cheiro nauseabundo, uma difficuldade extrema na respiração, um extraordinario embaraço ao livre giro do sangue, que se apresentava alterado na sua côr e consistencia, chegando a ponto de se não sentir bater as arterias apalpadas no pulso, e a não correr depois de effeituada a sangria. Tal era o terrivel quadro desta molestia no seu periodo mais grave, a que os homens da arte chamaram de cholera grave, ou *periodo algido* ou *azulado*. Atacados assim os centros da vida, a rapidez de alguns casos foi tão extraordinaria, que doentes houve que succumbiram dentro em 6, 8, e 12 horas, dando-se a estes ataques o epitheto de *cholera fulminante*. Sobrevivendo o doente, seguia-se-lhe então uma febre, cuja gravidade era proporcional á gravidade dos symptomas dos periodos anteriores, e a este tal estado ou periodo se denominava *febril*, ou de *reacção*. O primeiro dos dois periodos, anteriores ao *algido*, era o *precursor*, ou o de *cholera ligeira*, ou *cholerina*, em que se notava incommodo geral, peso d'estomago, secura de lingua, flatuosidades, sobresalto de tendões, caimbras mais ou menos fortes, algumas dores de cabeça, nauseas, vomitos, e soltura de ventre, phenomenos estes que se attribuiam ao estado da influencia epidemica. O segundo periodo, ou da *invasão*, trazia comsigo anxiedade insolita na região do coração, grandes nauscas e vomitos, que de naturaes passavam a serosos e esbranquiçados, colicas sobre a região umbilical, abundantes e frequentes evacuações por baixo, as quaes sendo tambem naturaes ao principio, depois tornavam-se esbranquiçadas, semelhantes a agua de arroz, ou ao sôro de leite; suppressão das ourinas, da bilis, e da saliva, dôr de cabeça intensa, e pulso quasi natural.

O apparecimento na Europa deste terrivel flagello fez

que todos os facultativos procurassem com avidez todos os possiveis rascunhos e individuações dos medicos, que já na India o tinham visto, estudado, e tratado, olhando como preciosas todas as noções, que delles podessem haver e colligir. Verdade é que todos os authores, desde Hyppocrates até aos nossos dias, tratam da cholera sporadica, ou não epidemica; mas os symptomas desta, sendo em geral de menos gravidade, dão logar a supporem-na differente daquella, particularmente pela falta daquelle estado azulado, (cyanose) que em author algum se encontra descripto para a cholera sporadica. E ainda a maior auge levam outros a sua distincção, quando dizem que a cholera, manifestada no Ganges em 1817, é igualmente differente da molestia que até então alli se conhecia endemica, e inclinam-se para esta opinião, não só por não haver na memoria dos homens noticia de que semelhante molestia fosse em tempo algum anterior tão eminentemente pestilencial e epidemica, e que como tal passasse além dos indigenas para os europeos no seu berço natal, e muito menos que sahisse das terras do Delta do Ganges; mas tambem pelo silencio guardado sobre a excessiva gravidade, e originalidade dos symptomas, que naquelle mesmo anno de 1817 nella se observára durante os seus ataques. Como quer que seja, certo é que contra ella se empregaram todos os systemas e methodos curativos, ensaiando-se desde os estimulantes mais energicos até aos evacuantes, as sangrias, e os mais brandos emolientes. Propozeram-se especificos; mas, a fallar a verdade, ainda hoje mesmo se não sabe ao certo quaes são os meios mais seguros para a debellar, conhecendo-se tão somente pela experiencia que, á semelhança das outras molestias, em vez de um tratamento uniforme, ella exige uma medicina de observação, sendo em tal caso necessario estudar os symptomas predominantes, a constituição do individuo, e o modo da invasão da molestia, para segundo estas circumstancias se abraçar uma medicina racional e proficua, sendo modificada por ellas.

A causa directa e essencial da cholera epidemica ainda

presentemente nos é desconhecida: qualquer que seja o seu elemento productor, a verdadeira natureza delle é trazer tal gravidade de symptomas, tanta e tamanha rapidez na sua marcha em atacar os centros da vida, que se pode bem assemelhar á acção do veneno mais energico. Se porém se ignorou a causa essencial da epidemia, não se desconheceo todavia que circumstancias, ou causas secundarias, (predisponentes e occasionaes), a favoreciam, taes como as affecções moraes tristes, parcos e máos alimentos; habitações humidas e estreitas; accumulação de individuos em logares immundos e pouco arejados; falta de limpeza publica e privada; e finalmente excessos de toda a ordem. A sua natureza não foi menos obscura para os homens da arte: e com effeito nella se achavam caracteres de differentes molestias, taes como os de uma asphyxia, um envenenamento measmatico, um ligeiro tetanos, uma inflammação aguda d'estomago e intestinos, uma affecção catarrhal, uma febre algida muito intensa, etc. Antevê-se já que quanto á séde tambem não podia deixar de haver duvidas, porque em quanto uns a suppunham residir no systema nervoso, e a olhavam como nevrose, outros a julgavam fixada nos intestinos, e a tinham como inflammatoria, não servindo o exame feito sobre o cadaver para marcar ao certo os vestigios de uma ou outra opinião, pela variedade e inconstancia das lesões que se encontravam depois da morte. Uma outra questão, e talvez a mais debatida entre os homens da arte, foi o saber se a cholera era ou só contagiosa, ou só epidemica, ou se uma e outra cousa ao mesmo tempo. A crença do contagio é antiquissima: Moisés a comprova já nos cap. 23 e 24 do Levitico, estabelecendo separações para os leprosos. Thucydedes, que nasceo em 471 annos antes de Christo, diz, no Livro 2.° da Guerra do Peloponeso, que o peior mal que tinha a epidemia de Athenas era o transmittir-se dos doentes para os que os tratavam, accrescentando-nos mais que, segundo se dizia, o mal fôra importado da Ethiopia para o Pyrêo. Aristoteles formalmente falla do contagio da peste, e de outras molestias, no Problema 7, secção 1.ª, pag. 36, e no

27, pag. 75. Esta crença de contagio tomou por conseguinte grande calor, applicando-se á cholera. Notando-se que a sua propagação foi constantemente operada pelas vias de communicação de terra e mar, e achando-se por outro lado registada nos annaes da sciencia uma longa serie de factos, que provam coincidir sempre o seu apparecimento, em pontos onde até então não havia della o mais pequeno vestigio, com a chegada de pessoas ou effeitos vindos de paizes doentios, com toda a razão se olhou que ella se propagava por importação, estabelecendo-se por aquelle meio novos focos epidemicos fóra do seu berço natal, tanto em terra, como a bordo dos navios do alto mar, ou nas caravanas. Mas será uma e a mesma cousa a importação, e o contagio da cholera? Eis-aqui pois uma nova questão, estranha todavia ao assumpto da presente obra: mas que a curiosidade do leitor poderá ir investigar nos livros da arte medica, onde achará que uma boa parte dos nomes de grande reputação na sciencia, e particularmente os de Inglaterra, partilham a crença de que ella fôra simultaneamente epidemica e contagiosa [1].

Segundo as observações feitas durante a viagem do vapor London Merchant, que como acima se disse conduzia o general Solignac, esta fatal molestia manifestára-se entre os recrutas belgas, que o mesmo vapor tinha ido tomar a Ostende, de modo que dos trinta individuos atacados por ella, seis tinham succumbido. Estando este vapor em communicação com a terra, mas antes de effeituar qualquer desembarque, o governo foi convenientemente informado do que se passava a bordo, e ordenando que o inspector da saude do exercito fosse examinar os doentes, houve a desgraça deste facultativo não reputar a molestia como chólera, permittindo que não só esses doentes, e os sãos podessem livremente vir para terra; mas até para maior fatalidade, que da Foz podessem vir para o Porto, onde os atacados foram recebidos no hospital militar do Anjo, não obstante

[1] Os que quizerem vêr mais extensa discussão sobre este ponto podem lêr o artigo que publiquei no Diario do Governo de 7 de março de 1848.

ter-se no meio de tudo isto reputado a molestia suspeita. A noticia de tão funesto hospede dentro das linhas immediatamente corrêo entre os mais facultativos, alguns dos quaes [1] foram por mais cuidadosos examinar a molestia, que pelos seus bem manifestos symptomas sem hesitação capitularam de prompto como a genuina *chólera morbus asiatica.* Um negro e assustador futuro para os bravos defensores do Porto se antolhou aos homens da arte, vendo que tão terrivel flagello vinha apparecer n'uma população moralmente impressionada pelas vicissitudes de tão devastadora guerra, pelos cuidados a ella inherentes, pelos receios da fome, que lhes estava imminente, e em que o uso da carne fôra geralmente substituido pelo do bacalháo, e por ultimo quasi exclusivamente reduzido a arroz. Com esta falta de uma alimentação abundante, variada, e convenientemente reparadora, se veio reunir a' má qualidade dessa mesma alimentação, porque em fim a mesquinhez de meios para reduzir os cereaes a farinha tinha feito admittir com preferencia as farinhas estrangeiras, as quaes, além da facilidade com que se alteravam, reuniam tambem o não serem sempre das de melhor qualidade, achando-se até algumas vezes estragadas pela agua do mar, com que se tinham encharcado, ou a bordo dos respectivos navios, que as conduziam, ou mais particularmente no acto dos desembarques, e como em taes circumstancias não podesse haver por outro lado uma perfeita fiscalisação na sua admissão para consumo, resultava que o pão da classe indigente era geralmente de má qualidade, misturado com substancias estranhas, e máos eram tambem pelo mesmo theor os restantes artigos, de que se alimentava. Por conseguinte a carestia e a escacez dos generos alimenticios não só determinava parcimonia do sustento nos moradores e defensores do Porto, mas até os obrigava

[1] Foi um destes, ou talvez o unico, o doutor Bernardino Antonio Gomes, que em Lisboa publicou depois uma curiosa e interessante memoria sobre o apparecimento e desenvolução desta funesta epidemia no Porto: é sobre este escripto que assenta o que aqui vou apresentar ao leitor. Pelos seus serviços durante a cholera foi o doutor Bernardino agraciado com a Torre-e-Espada.

a ser pouco escrupulosos na qualidade e escolha da sua regular alimentação. A estas condições physicas e moraes se juntavam tambem as da estação invernosa, e por conseguinte a presença de uma atmosphera fria e humida. As cortaduras e fossos, que havia pelas ruas nas entradas da cidade, tinham-se enchido de agua das chuvas, e transformado até n'outros tantos depositos de animaes mortos, e de despejo para todas as mais immundicies, d'onde provinham outros tantos fócos, que tambem concorriam para infeccionar a atmosphera. Finalmente, sobre tudo isto apparecia ainda uma população atacada já pelo rheumatismo, por doenças de peito, e do baixo ventre, e desde o mez de dezembro começada a ser tambem acommettida pelos typhos.

Entretanto o governo, ou por instincto proprio, ou por inspiração de alguem, ordenou que os doentes recebidos no hospital do Anjo fossem na noite do mesmo dia, em que alli se receberam, conduzidos outra vez para a Foz, onde se conservou tambem o corpo de belgas, recentemente desembarcado. A epidemia, continuando a lavrar neste corpo, promptamente se communicou aos habitantes daquella povoação [1], donde depois saltou para o Porto [2], manifestando-se por algumas mortes subitas, e casos fulminantes, invadindo ao mesmo tempo os hospitaes militares. A marcha desta fatal molestia foi ao principio tão insidiosa e lenta, que apenas se calculou em dez o termo medio dos casos por dia. Em 2 de fevereiro apparecêo no Aljube, cadeia da relação, e deposito dos prisioneiros; desde então crescêo o numero dos atacados entre estes ultimos, e muitos delles falleceram, sendo n'alguns tão prompta esta terminação funesta, que não dava tempo a transportarem-se aos hospitaes, outros iam morrer ao caminho, e dos restantes, que tinham sahido do seu respectivo deposito, a maior parte foi espirar á cadeia da relação. O governo marchava até aqui tão descuidado no progresso e desenvolução da molestia, como o tinha sido na sua importação e entrada no Porto; mas sol-

1 Em 6 de janeiro.
2 Em 10 de janeiro.

licitado por um facultativo de boa reputação e credito [1], cuidou finalmente em recorrer aos meios necessarios para atalhar este cruel flagello, nomeando para esse fim uma commissão sanitaria, que tomou logo a peito melhorar, quanto possivel fosse, a sorte dos presos, fazer effectiva a limpeza e arejo das cadeias, empregando tambem nellas as fumigações do chloro: todos os fossos e cortaduras das ruas foram promptamente entulhados, e não se limitando aos trabalhos hygienicos e clinicos, esta mesma commissão entregou-se tambem aos scientificos, colligindo todos os dados, que podiam enriquecer a sciencia. Os cuidados e a labutação da guerra não permittiam no Porto as prevenções de annuncios, de instrucções e folhetos, que por todo este tempo inundaram a Europa, nas vistas de instruir o publico, ou de o premunir sobre o tratamento de semelhante molestia; mas que por desgraça só as mais das vezes lhe serviam de incutir exagerados receios e terrores, que mais de pressa faziam do que preveniam as victimas. Em logar disto, no Porto ignorou-se por muito tempo no publico a existencia da terrivel epidemia, que alli se tinha introduzido, de modo que isentos os defensores e moradores do Porto das negras côres, com que se pintavam a marcha e as differentes formas desta terrivel molestia, primeiro se familiarisaram com os seus funestos effeitos do que definitivamente soubessem de semelhante existencia [2]. A falta de preces, de procissões, e predicas apropriadas; o não se ouvir o incommodo dobrar dos sinos, sem se verem todos os mais aparatos funerarios, com que de ordinario os espiritos fracos se aterram, tambem não concorrêo pouco para moralmente os não predis-

[1] O mesmo doutor Bernardino Antonio Gomes.

[2] Pelos mappas statisticos da citada commissão se vê que desde 1 de janeiro até 30 de agosto de 1833 entraram nos hospitaes civis e militares do Porto e Foz, 4:039 pessoas atacadas de *cholera*, das quaes 1:186 mulheres, e 2:853 homens: morreram alli 1:606 pessoas, das quaes 549 mulheres, e 1:057 homens, sahindo curadas 2:425 pessoas, comprehendendo 635 mulheres, e 1:791 homens, ficando ainda nas enfermarias 8 individuos. A mortalidade total da *cholera*, succedida no Porto durante aquelle tempo, dentro e fóra dos hospitaes, foi de 3:621 pessoas, das quaes 1:784 mulheres, e 1:837 homens: a determinada por outras molestias foi a de 3:785 pessoas, das quaes 1:590 mulheres, e 2:145 homens.

pôr para a molestia, a qual, fazendo lentos progressos em janeiro, exasperou-se consideravelmente em fevereiro [1], vindo a declinar em março: estacionaria até fins de maio, de novo se exasperou em principios de junho, e deste novo ponto culminante foi progressivamente descendo, até que em fins de agosto se extinguio quasi de todo [2].

No mesmo dia, em que o general Solignac fôra promovido a marechal do exercito, passou elle revista aos corpos da guarnição do Porto, cuja disciplina, se não era a melhor, que podia ter um exercito em campanha, era pelo menos aquella que permittia um sitio com perto de seis mezes de aturada duração, feito no meio de uma encarniçada guerra civil, e empregando sempre a tropa em ordem estendida, junto aos parapeitos das linhas: o marechal ordenou que os corpos tivessem diariamente duas horas de exercicio, sempre que a estação e as circumstancias o permittissem, e bem assim que as praças pagassem os cartuxos, que perdessem, para assim as desviar do superfluo estrago da polvora, que diariamente faziam. Um especulador inglez se apresentou por este tempo no Porto [3], inculcando-se como capaz de construir uma maquina infernal, ao modo de catapulta, por meio da qual dizia produzir o effeito das minas no recinto das baterias inimigas. Bons annuncios para quem tanto precisava alcançar semelhante resultado sobre os seus contrarios, e posto que a incredulidade dominasse logo muita gente boa a respeito de tão felizes annuncios, ainda assim para satisfazer aos mais credulos, destinou-se ao maquinista uma casa apropriada, onde todavia os seus trabalhos não fizeram mais que confirmar as suspeitas da insufficiencia dos meios, que o seu author inculcava. Em troca disso, os esforços do

[1] No dia 24 houveram 45 cholericos fallecidos.

[2] Comparando os obitos do Porto com os 13:000 individuos, fallecidos em Lisboa pela *cholera*, tira-se a seguinte conclusão, que sendo a população do Porto em tempos ordinarios calculada n'um terço da de Lisboa, os 3:621 obitos, que alli houve, são menos de um terço da mortalidade da capital do reino; mas podem taes obitos reputar-se sem erro notavel nesta mesma fracção, attendendo que a população do Porto devia achar-se consideravelmente diminuida durante o cêrco.

[3] Em 6 de janeiro.

governo applicavam-se a obras de mais conhecido e seguro effeito, convertendo em arsenal do exercito, e desligando como tal do trem do Ouro, o trem provisorio estabelecido no convento abandonado dos congregados, que desde então se regulou em tudo quanto foi possivel pelos regulamentos do respectivo arsenal de Lisboa: com todo o cuidado e diligencia se foi este estabelecimento apropriando ás necessidades do serviço; alli se dêo augmento arteficial de calibre e pêso a diversos projecteis; brocaram-se morteiros e obuzes, chegando até a fundir-se um morteiro, e por conseguinte a creação deste arsenal trouxe comsigo a da fundição e laboratorios, e nada houve na arte da guerra, que se não tentasse e praticasse no Porto com os mais felizes resultados.

As esperanças de que a chegada de D. Miguel ao exercito realista determinasse um ataque geral ás linhas do Porto, tinham-se desvanecido á proporção que o infante se ia demorando inactivo em Braga, e com elle todo o seu dito exercito em volta das mesmas linhas; mas em troca disso, as festas do Natal e Anno-Bom passaram-se entre os sitiados debaixo de um tão activo bombardeamento, que mais parecia entre os sitiadores gasto superfluo de munições superabundantes do que systema de fazer a guerra, ou proteger qualquer operação militar. Este estado aggravou-se ainda mais na noite de 7 para 8 de janeiro, em que a galera Fluminense pertendêo sahir a barra, carregada de francezes e inglezes incorrigiveis, e tão vivo fogo se dirigio contra ella da parte do inimigo, que teve de dar fundo de fronte da Furada, com perda de sete homens mortos, e alguns feridos. Pela noite remediaram-se alguns estragos recebidos durante o dia, e por tal modo que pelas quatro horas da manhã do dia 8 pôde com ajuda de algumas catraias sahir com effeito a barra sem embargo do activo fogo, que contra ella se empregou, especialmente da bateria, que os miguelistas haviam já levantado nos areaes do Cabedello. A difficultosa sahida deste navio, e o desembarque de alguns cavallos, feito nos dias proximos, bem como o de muitos bois,

carneiros, galinhas, e alguns quintaes de bacalháo, e outros genéros mais, acabára de mostrar ao general Santa-Martha a illusão de um bloqueio, para que tanto trabalhára, e tanto em vão se esmerara em levar a effeito. Um activissimo fogo, empregado contra a Foz desde a manhã do mesmo dia 8 de janeiro, mostrava bem as intenções hostis do inimigo para dirigir um ataque sobre aquelle ponto; mas a esse tempo já D. Pedro tinha igualmente conhecido pela sua parte a importancia das fortificações do monte da Luz, e da povoação da Foz, a que começára a dar consideravel impulso desde o fim do mez anterior, e que por conseguinte pozera em estado de serem regularmente defendidas. O batalhão de voluntarios de Fafe, e um batalhão de francezes, que guarneciam estes dois pontos, poderam com effeito repellir d'alli os miguelistas, que no campo deixaram alguns mortos, levando comsigo os feridos. Os constitucionaes foram no alcance dos atacantes até ao monte do Castro, abandonado ainda por mais esta vez por ambos os partidos, por ter cada um delles recolhido ao seu campo, sem lhe ligar importancia. Foi neste dia que cahio gravemente ferido o major Semblano, commandante do batalhão de voluntarios de Fafe, espirando poucas horas depois do seu ferimento, com grande lastima dos que o conheciam, e perda para o exercito, pelo seu merecimento e reputação.

Todos os defensores do Porto, desdenhosos do merito dos seus proprios generaes, esperavam grandes operações militares da grande pratica da guerra do marechal Solignac, espectativa a que elle não correspondêo, résolvido a não emprehender operação alguma arriscada, cujo resultado seria para elle summamente duvidoso, como lho demonstravam as fortificações do campo inimigo, e as differentes sortidas, que se tinham feito, e a que elle immediatamente pôz côbro. Os antigos batalhões de infanteria 3, 6, e 10, que até alli constituiam o regimento provisorio, foram organisados por elle n'outros tantos regimentos: do batalhão de leaes fuzileiros da ilha Terceira formou o regimento de infanteria n.º 4; e dos tres batalhões do regimento n.º 18 vieram

igualmente os regimentos 9, 15, e 18. A esquadra constitucional, que das ilhas de Bayona largára para acudir ao chamamento, que o ministro da marinha lhe fôra pessoalmente fazer a Vigo, para com ella se realisar a projectada expedição a Sagres, appareceo finalmente nas aguas do Porto [1], annunciando aos realistas a sua chegada pelo fogo, que uma fragata contra elles infructuosamente dirigio ao longo da costa desde o castello do Queijo até ao Cabedello, onde a bateria deste ponto, e a da Pedra do Cão lhe responderam atrevidamente com repetidos tiros de bomba e bala raza. A presença da esquadra no Porto devia necessariamente reproduzir a discussão da projectada expedição a Sagres, a qual não foi todavia apoiada por Solignac, que lhe substituio a mais completa inacção militar, salva uma unica sortida, que sem fructo algum emprehendeo a terreno neutro. O seu espirito de segurança e cautela forçosamente o havia de levar a segurar e a fortificar a Foz, e com este systema lhe occorrêo naturalmente a idéa de occupar o elevado monte do Castro, situado no extremo do flanco direito da linha de circumvalação do inimigo, e onde este completamente podia dominar todos os movimentos necessarios para o desembarque de mantimentos e reforços de guerra, que vinham para o exercito constitucional. A occupação deste monte, a que o fogo da esquadra podia prestar muito bons serviços, não só tinha por fim segurar aos constitucionaes aquelles desembarques, que com a sua efficaz protecção tanto a salvo se podiam effeituar, sem risco do fogo inimigo, mas até dar ao novo general uma idéa do estado do exercito sitiante, e da bravura do seu mesmo exercito. Este projectado assalto ao monte do Castro era ao mesmo tempo acompanhado de um golpe de mão sobre o castello do Queijo, pequeno e antigo forte situado á beira mar, um pouco aquem de Mattozinhos, que tinha comsigo a vantagem de servir de apoio áquelle monte, quando se pertendesse fazer entrar dentro das linhas, e com que inteiramente se acabava de abrigar a praia de Carreiros, onde até alli os mesmos

[1] No dia 20 de janeiro.

desembarques se faziam. A cooperação de Sartorius expunha o castello do Queijo a ter sobre si o fogo de artilheria de terra e mar, ao passo que Solignac, em quanto operava o seu ataque de frente, cuidava tambem em fazer sahir pelo Carvalhido pela estrada de Mattozinhos uma columna, que tomasse o inimigo pelo flanco e retaguarda, quando com alguma tropa houvesse de se dirigir ao monte do Castro. A avantajada idéa, que no Porto se fazia do general Solignac, a presença de Sartorius e da esquadra, e finalmente o reconhecido e bem provado valor das tropas do Exercito Libertador, eram outros tantos motivos, que faziam esperar do projecto entre mãos o mais brilhante e feliz resultado.

Pela uma hora da tarde de 24 de janeiro sahio com effeito o marechal Solignac com cinco batalhões debaixo das suas ordens, um parque de artilheria volante, e cavallaria de lanceiros, e tomando pela estrada de Lordello, e monte do Pasteleiro, foi até ao farol da Luz, onde fez alto. A este tempo devia Sartorius achar-se junto da beira-mar para bater o forte do Queijo, e a mais força que podesse vir de Mattozinhos: o vento Norte, que então reinava, e as reclamações de pagamento, com que nesta tão inopportuna occasião o opprimiram as suas tripulações, demoraram a execução do que elle tinha a fazer pela costa, e só pelas quatro horas da tarde pôde a esquadra achar-se no logar ajustado, onde só dois dos seus navios romperam n'um fogo disparatado e a grandes distancias contra o castello do Queijo, já então occupado da parte dos miguelistas pelo capitão Lourenço Pedro Soares Valadares, que nelle corajosamente se defendêo. A grande demora occorrida tinha dado logar ao inimigo a poder reunir 7 a 8:000 homens para acudir sobre o monte do Castro, que todavia foi tomado por Solignac, que nelle encontrou já uma trincheira, guarnecida por uns 30 homens, que promptamente retiraram com a aproximação dos constitucionaes. A esta hora a noite começava já a cahir, e Solignac, não vendo apparecer a columna, que do Carvalhido devia sahir pela estrada de Mattozinhos, preplexo e receoso das forças inimigas, que se lhe amontoavam na

frente, pela facilidade com que o podiam tornear, retrocedêo sobre Lordello. Ao passo que Solignac expedio uns a traz d'outros os seus ajudantes d'ordens para saber da columna, que lhe faltava, mandou tambem uma força ao castello do Queijo, que julgava abandonado pelo fogo da esquadra, mas onde esta força achou bem pelo contrario grande resistencia, lançando-lhe até contra ella os realistas granadas de mão, o que lhe fez operar a sua prompta retirada pela beira-mar, ameaçada como já estava de ser cortada pelas columnas do inimigo. Informado Solignac de que D. Pedro impedira a sahida da columna, em que se devia apoiar o seu flanco direito, pelas noticias de que os miguelistas marchavam sobre o Porto em grande força pelo caminho de Lordello, retirou definitivamente para a cidade pelas oito horas da noite, bramindo de cólera por ver assim mallogrados os seus projectos, com grave prejuizo da sua reputação, ficando desde então o monte do Castro em pacifico poder dos realistas, que já pela estrada de Lordello se dispunham realmente a cortar-lhe a retaguarda. No paço se expressou Solignac com o mais vivo resentimento diante de D. Pedro, queixando-se do mallogro das suas esperanças, do descredito das suas primeiras operações, e finalmente de que sobre elle pesasse uma dura responsabilidade, tendo elle apenas metade do commando em occasiões de ataque, queixas a que D. Pedro respondêo, assegurando-o de que no futuro se não intrometteria mais nos seus planos e operações. Por esta sortida, que verdadeiramente se constituio em bem disputada e renhida peleja, conhecêo Solignac a espinhosa tarefa, que tinha entre mãos, e as grandes difficuldades, que tinha a combater. O regimento n.° 10 de infanteria foi neste dia carregado pela cavallaria inimiga, que lhe fez perder alguma gente. Os inglezes voltaram nesta occasião a cara, ou deram as costas aos realistas, debandando por tal modo, que necessario foi aos lanceiros leval-os novamente ao combate quasi que á ponta da lança, unica vantagem que aqui se tirou desta arma, sem poder ir á carga, por se atolarem os cavallos nos caminhos quasi até aos peitos: pelo contrario os

francezes portaram-se com bastante coragem, sendo por isso mesmo a força, que mais soffrêo neste ataque [1].

A idade do general Solignac, as gloriosas recordações das suas antigas campanhas, e a necessidade, que julgava haver no Porto dos seus serviços, reunindo a tudo isto um certo máo humor, e franqueza de caracter, que lhe eram naturaes, tornaram-no indocil e improprio para cortezão de palacio, particularmente depois das suas queixas pelo mallogro da sua anterior sortida. Ao exercito fez elle saber [2] que o máo successo de semelhante empreza proviera não delle, mas de circumstancias extraordinarias, que de nenhum modo estava na sua mão remediar, e para cumulo da sua linguagem descomedida, houve até quem dissesse que, referindo-se a D. Pedro, elle proferira uma vez as descomedidas expressões de *nunca ter conhecido imperador, que fosse militar, a não ser o imperador Napoleão*. Mal visto pois de D. Pedro, e dos seus ministros, reduzido á espectativa dos reforços, que pedira para o exercito, e adoptando entretanto o plano da mais completa inacção, o seu descredito passou a correr geralmente no publico, e tanto mais que o abandono do monte do Castro se lhe attribuio a desleixo, não sendo verdadeiramente coagido a isso pelo inimigo, segundo a crença do vulgo. Como organisador nada fez que mereça nome, porque em fim no arranjo e disciplina dos corpos não mudou cousa alguma do que d'antes existia. Quanto á esquadra tambem poucos mais serviços prestou, porque sobrevindo os ventos, e os temporaes proprios da estação invernosa, voltou novamente para as ilhas de Bayona, levando contra si o mesmo Sartorius os clamores e exasperações dos moradores e defensores do Porto, com consideravel quebra da sua reputação militar, que julgaram muito rutineira para poder aproveitar no meio das circumstancias extraordinarias, em que os constitucionaes se achavam. Por conseguinte da

[1] A perda dos constitucionaes neste dia foi de 35 mortos, 201 feridos, e 16 prisioneiros ou extraviados, sendo ao todo 252 homens, dos quaes 25 eram officiaes.

[2] Ordem do dia de 25 de janeiro.

sortida de 24 de janeiro é claro que só os miguelistas aproveitaram com ella, pelos cuidados e actividade, a que desde então se entregaram para levantar no monte do Castro um dos mais bem acabados e completos fortes, que sahiram das mãos dos seus engenheiros.

Entretanto chegavam ao Porto alguns dos mais distinctos generaes da emigração portugueza [1], entre os quaes se contava o general Saldanha, a respeito do qual o ministerio tinha tomado as medidas de policia ao seu alcance, receando alguma sublevação depois do seu desembarque. Da Foz sahiram elles a pé para a cidade; mas antes de lá chegarem já se lhes tinham offerecido cavallos para o seu transporte. Grande numero de pessoas lhes foram successivamente apparecendo ao encontro, e dellas se formou dentro em pouco uma numerosa comitiva, com que entraram no Porto: as ruas e as janellas do transito apinharam-se de espectadores, que á porfia lhes levantavam acclamações e vivas, em contravenção aos editaes, que os tres juizes dos bairros tinham mandado affixar, recommendando não só o mais perfeito socego e ordem, especialmente durante a noite, mas prohibindo até lançar ao ar fogos de arteficio, quer de noite, quer de dia, e vedando os numerosos ajuntamentos de qualquer natureza que fossem, ou fim que podessem ter, sob pena dos contraventores ficarem sujeitos ás leis e regulamentos de policia a tal respeito. Solignac fez um polido acolhimento a Saldanha, que antes de seguir para o seu quartel foi ao do duque da Terceira, com quem se demorou umas duas horas em particular. No theatro, onde se representava uma peça allusiva á memoravel acção da villa da Praia na ilha Terceira, dada aos 11 de agosto de 1829, achava-se destinada uma brilhante recepção ao conde de Saldanha [2],

[1] Avistaram a Foz no dia 26 de janeiro, mas só no dia 28 poderam desembarcar.

[2] Na segunda data de despachos de pares, conselheiros d'estado, e titulares, feitos por D. Pedro no Rio de Janeiro em 1827, e que a infanta regente não quiz ou não pôde levar a effeito, incluia-se o general Saldanha, elevado á jerarchia de conde, e por este motivo se ficou elle assignando desde então como conde de Saldanha: por esta mesma occasião havia o conde de Villa-Flôr sido elevado ao titulo de marquez.

apesar do grande numero de cabos de policia, que para alli se mandára. Este proceder de ciume e rivalidade fazia claramente ver quanto azedados pelo resentimento appareceram logo os ministros e os seus parciaes contra os recem-chegados, que para não darem pretextos a sinistras interpretações tiveram o acôrdo de nenhum delles comparecer no theatro. Os obsequios feitos por Solignac a Saldanha mais acabaram de o perder na opinião dos ministros, que desde então o tiveram na conta de seu desaffeiçoado partidista, e votado decididamente aos interesses do mesmo Saldanha, e foi talvez desde então que se delineou o modo de levar a effeito a queda deste fantastico collosso, que tanto mal podia fazer ao poder dos ministros, quando com a elevada posição do seu commando militar reunisse o distincto merecimento, que para tão eminente cargo se exigia.

Por este tempo o prestigio da Opposição começava a ser immenso entre os emigrados; mas a elles unicamente se limitava por ora, arregimentados como tinham sido pelos *clubs* durante a emigração, e queixosos dos ministerios de 1826, do malôgro da revolução do Porto de 16 de maio de 1828, e dos erros governativos, commettidos durante o seu exilio. A chegada do general Saldanha ao Porto marca com effeito uma notavel época, quanto á importancia e desenvolvimento deste mesmo partido. É de crer que as associações secretas, que o alimentaram, mas dividido e retalhado pela Terceira, e differentes depositos dos emigrados na Inglaterra, França, Belgica, e até no Rio de Janeiro, recebessem toda a possivel união e vigor com a presença do mesmo Saldanha no Porto, como se prova pelos cuidados e resentimentos, que os ministros mostraram a seu respeito desde o primeiro momento do seu desembarque. Certo é que desde este momento a Opposição tornou-se mais compacta e systematica, e as suas queixas correram d'então por diante com mais voga e azedume. Em quanto os ministeriaes chamavam aos da Opposição inimigos de D. Pedro, ávidos do poder e do mando, demagogos, e propensos á anarchia, os antagonistas do governo olhavam para os ministeriaes como gente abjecta

e aduladora do poder, servindo sem lhes importar a quem, nem attenderem ao bem do paiz, ou ás qualidades moraes dos ministros, com tanto que estes tivessem que dar, e dessem effectivamente. O systema do governo era arguido de formar uma clientela corrupta, ou *guarda pretoriana*, que cegamente o applaudisse, e lhe defendesse todas as suas medidas. Então começaram a popularisar-se as queixas contra os ministros, por não terem abastecido a cidade de viveres, e os depositos e arsenal do exercito de mantimentos e munições de guerra, logo que se viram cercados pelas forças inimigas. A conservação da Serra do Pilar, olhada como inspiração feliz, não dos ministros, mas do governador militar do Porto, servia de prova á imperícia dos conselheiros do regente, redobrada ainda esta culpa com as accusações, que lhes faziam pelo abandono de Villa Nova, e da immensa riqueza dos vinhos, que lá ficára: a mais insignificante medida do governo estudava-se pelo lado, que lhe podia ser hostil, assim se interpretava depois, dando-se como attentória da carta constitucional: no publico chegaram até a denunciarem-se projectos de assassinios, a respeito dos quaes se exprimio um escriptor contemporaneo nos seguintes termos[1]: «as odiosas intrigas, nem mesmo na medonha «presença do horroroso espectaculo da fome, nem debaixo «da terrivel e mortifera chuva de balas e bombas, deixa-«ram de tramar o descredito do general Saldanha: contra «o general houve um projecto hostil; qual elle fosse ignoro; «mas é sabido que então se fallou muito em Joaquim An-«tonio de Magalhães, em José da Silva Carvalho, e outros. «Repito, ignoro tanto as intrigas como as causas; mas fos-«sem estas quaes fossem, naquella época todo o homem, «que se achava dentro do Porto, e que não tinha por pri-«meiro dever salvar a patria, ou morrer por ella; que não «tinha valor para se bater no campo, mas que intrigava na «cidade, devera ser lançado ao Douro; pois quem em taes «apuros nutria ambições pessoaes era indigno de viver en-«tre nós. O nosso unico dever era combater no campo os

[1] Véja *Revista Historica de Portugal*, pag. 229.

«inimigos, vencêl-os, ou morrer livre.» — Tudo isto era assim; mas a guerra das intrigas secretas tambem não alucinava pouco o partido da Opposição, que não duvidando antepôr as rivalidades e caprichos de partido á segurança da causa constitucional, até do nome de D. Pedro se mostrára pouco respeitador, não se lembrando que se o regente abandonasse o Porto, tudo e todos alli ficariam inteiramente perdidos, por ser elle o centro para onde convergiam todas as attenções, quer dentro, quer fóra do paiz. Tão inconsiderado proceder foi quem sobre este partido acarretára com plausivel fundamento a accusação de attentar contra a regencia de D. Pedro, e de, arrebatado na sua ardente sêde do poder, procurar derrubar o governo por meios revolucionarios, para lhe substituir um regimen de anarchia. Do emprego destes meios se receiaram evidentemente os ministros, quando a toda a pressa mandaram recolher o armamento distribuido a alguns individuos não alistados, incobrindo esta medida com a allegação de ser necessario armar os francezes, que ultimamente tinham chegado. É pois evidente que ambos os partidos se tinham desvairado da carreira dos seus deveres, e que ambos elles se tornáram co-réos de pôrem no mais imminente risco a causa publica, abrasados só no desejo de anniquilar o seu adversario.

Apesar disto, a chegada daquelles generaes ao Porto trouxe a necessidade de se lhes dar emprego, e para esse fim se distribuio então o exercito em tres divisões [1], dandose o commando da primeira ao duque da Terceira, o da segunda ao conde de Saldanha, e o da terceira ao tenente general Thomaz Guilherme Stubbs, encarregando-se a inspecção do pessoal e material do mesmo exercito ao brigadeiro Deocleciano Leão Cabreira [2]. Por este tempo os miguelistas projectavam levantar uma bateria em Serralves, que avan-

[1] Em 2 de fevereiro: a linha porém era dividida nos districtos, que adiante se verá.

[2] Foi por esta occasião que na respectiva ordem do dia se mencionaram tambem os regimentos de cavallaria n.° 10 e 11, os quaes tendo sido creados por decreto de 31 de janeiro, apenas tinham com o regimento de lanceiros 260 cavallos.

çando sobre Lordello, quasi vinha interpôr-se entre a cidade e a Foz. Ao general Saldanha se confiára com o commando da sua divisão a defeza do quarto e quinto districto da linha, que formava a esquerda della desde Lordello até á Foz, depois que n'um conselho militar se decidira o augmento das fortificações da Luz, e o metter-se effectivamente dentro das linhas o terreno entre Lordello e o mar. Conhecedor da importancia da conservação da Foz, Saldanha desenvolvêo então toda a sua actividade para assegurar a communicação daquella povoação com o Porto, levantando para esse fim, nos pontos que lhe ministravam a grande vantagem dos fogos convergentes e cruzados sobre o inimigo em occasião de ataque, os seus importantes reductos do Pasteleiro e Pinhal. Para os fortificar as primeiras pipas vasias lhe serviram de banqueta, e em quanto pela frente lhes fazia abrir os respectivos fóssos, pela retaguarda ia levantando os reductos com aquella perfeição, que as circumstancias permittiam, seguindo-se-lhes depois as suas linhas de communicação, e finalmente a sua estrada coberta para abrigo dos defensores. Deste modo se annullaram os funestos effeitos das bellas fortificações inimigas do monte do Castro, se paralisaram os da sua bateria de Serralves, e se dêo finalmente apoio á que os constitucionaes levantaram no monte da Luz. Saldanha, pela confiança e popularidade, que tinha até na gente mais somenos, pela affeição e carinho com que agasalhava a todos, teve a bôa fortuna de constituir em sapadores e homens de fachina as praças dos batalhões de voluntarios, de que dispunha: artistas como muitos delles eram, frequente foi entre elles largarem os trabalhos, e pôrem de parte as ferramentas, para acudirem ás armas, e debaixo do fogo e com muito risco de vida, defenderem um terreno, que estava collocado a meio tiro de espingarda da bateria de Serralves, onde os realistas tiveram occasião de lhes matarem sete carpinteiros, subindo-se ás arvores para melhor dominarem a gente do trabalho, e lhe poderem atirar com pontaria mais certa. Naquelle logar tiveram pois os sitiados de trabalhar a peito descoberto em muitas oc-

casiões, para segurarem um ponto, por assim dizer, conquistado já ao inimigo, e onde á força de improbo trabalho e risco de vida levantaram com effeito as suas respectivas fortificações, que progrediram com incrivel rapidez, chegando até a construir nos intervallos dos reductos do Pinhal e Pasteleiro uma flecha, que nos subsequentes ataques foi de muita utilidade [1]. Uma das flechas alli construidas teve a denominação de *flecha dos mortos*, porque nenhum piquete de lá recolhia sem participar a perda de alguma ou algumas das praças, com que sahira: estes piquetes foram geralmente fornecidos pelo regimento de infanteria n.º 10, cujo commandante, o tenente coronel José Joaquim Pacheco, muito se distinguio tambem nesta defeza.

---

1 Bastante pena me assiste em não saber o nome do perito engenheiro, que tão habilmente dirigio estas fortificações, e a quem por esta causa muita gloria cabe igualmente na conservação desta parte das linhas

CAPITULO III.

Recrescem no Porto os funestos effeitos da fome com a actividade do bombardeamento, e do sitio do inimigo, dando logar aos projectos de capitulação, e de um desesperado ataque contra os sitiantes da parte dos constitucionaes, que todavia desistem de uma e outra cousa, originando-se tambem d'aqui a demissão do general miguelista, visconde de Santa-Martha, substituido pelo conde de S. Lourenço. A esquadra subleva-se formalmente contra D. Pedro, que a muito custo a pôde manter firme no seu serviço, sem que todavia tivesse igual fortuna na repressão das iras dos partidos politicos, que contaminavam o seu exercito, chegando um destes mesmos partidos a pedir-lhe a demissão do seu ministerio: d'aqui nascem os desgostos por que passou Solignac, com quem se insta para aventurar uma batalha fóra das linhas constitucionaes, sustendo a execução destes planos a chegada ao Porto de uma expedição de vapores com os possiveis reforços de gente, com quem vinha o duque de Palmella, e o almirante Napier, que tomando o commando da esquadra constitucional, com ella e a mesma expedição se faz de vela para o Algarve.

Ás anteriores se vae seguir a época da mais triste recordação para uma cidade flagellada pela peste, fome, e guerra. O inverno, que tão benigno se tinha apresentado constantemente até ao mez de janeiro, dando logar ao cardume de navios carregados de diversos generos, que fóra da barra esperavam pelos desembarques, mudou de aspecto em principios de fevereiro: até então o mercado achava-se tão fornecido e abundante, que os preços dos generos estavam longe de se poderem chamar excessivos, attentas as despezas e embaraços, que havia para se deitarem em terra; mas apesar desta abundancia, nem os particulares, nem o governo tinham feito grandes depositos, e por conseguinte era de esperar que a primeira cordoada de máo tempo, fazendo parar os desembarques, quasi limitados ás necessidades do dia, trouxesse grande alta para aquelles preços, e expozesse ás maiores privações as classes indegentes. Ao tempo e mares bonançosos se seguio pois em fevereiro a aspereza de um rigoroso inverno, que soprando violentamente com rijos ventos do S. O., não só acarretou sobre o Porto repetidos nevoeiros, com serrações de copiosas chuvas,

mas encapelando os mares, affastou da costa todo esse montão de navios, que sobre ella se via até então fundeado. Por espaço de 30 a 40 dias estiveram quasi sem interrupção os defensores do Porto incommunicaveis com o resto do universo; daquelles navios nem uma só véla se avistava ao largo para qualquer das partes, que se olhasse no extremo horisonte, e apenas com difficuldade apparecia por alli de quando em quando o paquete inglez, para deitar em terra a mala, ou algumas das victimas escapadas de Lisboa á perseguição miguelista, ou alguns dos individuos, que os amigos da causa constitucional resolviam a vir pegar em armas, e a fazer parte do Exercito Libertador. Desde então os generos mais vulgares vieram a escacear, e os poucos que ainda appareciam, alcançaram dentro em breve subidos e exorbitantes preços. Da gente pobre e miseravel passou a falta de mantimentos a sentir-se no exercito, hospitaes, e até em muitas casas, que só por imprevidencia se podiam ver reduzidas, como a tropa, ás mesquinhas rações de bacalhão e arroz. A fome começou por conseguinte a apparecer nas phisionomias descarnadas e macilentas de uns, e na marcha fraca e vacillante de outros: as ruas do Porto, todas as manhãs tão frequentadas por todo o que no estado regular póde animar a sua grande industria e commercio, viam-se por este tempo quasi desertas, e nem se encontrava nellas um só dos animaes, que servem de alimento ao homem, não só pela falta de emprego, que se podesse dar aos bois, e pela carestia de carnes, mas tambem pela difficuldade da manutenção de toda a especie de animaes. A mesma cavallaria do exercito, fornecendo-se do fêno, que lhe vinha até então de Inglaterra, começou a apresentar-se como um aggregado de esqueletos, apenas faltaram os desembarques: até o typho e a cholera fizeram durante fevereiro repetidos e horrorosos estragos, misturando com tamanho tropel de calamidades o luto de grande numero de familias, a quem ou por aquelle flagello, ou pelo bombardeamento, ou pelos combates das linhas, faltava pae, marido, ou parente. Quem ha que, tendo durante o cêrco estado no Porto, olhasse para

tudo isto com indifferença, e concentrado em si mesmo, não contemplasse com lastimoso silencio os males de tão afflictivo quadro, e de que tanta gente alli estava sendo victima? Entretanto nada fez desmaiar os bravos defensores de tão heroica cidade, em quem se divisava sempre a coragem para entrar na liça das batalhas, e um caracter inflexivel, superior á sua adversidade. Quanto aos seus moradores, a sua coragem tambem não era menos heroica que a do Exercito Libertador, fugindo de confiar de alheias mãos a sustentação de seus bens, como quem só buscava com as proprias livral-os da espoliação, de que pelo exercito sitiante tinham sido ameaçados.

Em meado de fevereiro duplicára o preço dos generos, e o governo, mandando pelo tribunal correccional impôr-lhes uma taxa, fez desapparecer todos completamente do mercado, vendo-se por conseguinte obrigado a contramandar as ordens expedidas. As rações da tropa começaram gradualmente a diminuir, e se os soldados portuguezes não recalcitraram a uma medida, dictada aliàs pela força das circumstancias, os estrangeiros appareceram logo com as suas exigencias sobre pagamentos, e promoveram até algumas desordens, que com toda a resignação o governo teve de lhes soffrer [1]. As carnes das bestas cavallares, que morriam á mingua, chegaram até a apparecer no mercado como carne de vacca; mas ninguem se podia enganar com ellas, quando attendesse á sua extrema magreza, e côr denegrida [2]. O que porém acabou mais de aggravar este crescido estado de miseria publica foi a grande falta de artigos de tempero, que no fim do mez se fez extremamente sentir, apesar de se pagarem pelos preços, que o vendedor lhes marcasse. Por ou-

[1] Foi nesta extrema falta de provisões frescas, que as tropas francezas e belgas começaram a lançar mão dos gatos, cães, e ratos, que encontravam, zombando das pessoas, que se anojavam de semelhante iguaria! Casos houve em que estes soldados tiveram de sustentar uma renhida pendencia com as donas dos animaes, que apanhavam, e no meio da qual os prisioneiros ás vezes se escapavam, deixando logrados os seus apprehensores.

[2] A raridade das aves domesticas chegou a ser tal, que houve quem ao proprio D. Pedro pedisse cinco moedas por um casal de perús.

tro lado a mesma falta de pão amargurava a todos, e se o governo se vio então reduzido a não poder dar á tropa mais que rações de bacalháo e arroz, particular houve que se dêo por contente em ter para viver um pouco de arroz cosido em agua e sal, temperado depois com assucar ou chocolate, por isso que o arroz e assucar nunca felizmente faltaram durante o cêrco. Succedêo tambem que os vinhos de inferior qualidade foram os que primeiro se consummiram, ficando depois os generosos para supprir a energia, que se não podia achar n'uma alimentação insufficiente e depauperada: para maior fortuna foi tambem este artigo um dos poucos de que nunca se conhecêo falta. A raridade do combustivel foi um outro mal, que se tornou tanto mais sensivel, quanto mais avançava a estação invernosa: limpo de arvores, para a construcção das linhas, o terreno occupado pelos constitucionaes, tornou-se depois necessario arriscar combates, e fazer correr o sangue dos soldados dos postos avançados, para debaixo do fogo do inimigo se poder colher alguma porção deste artigo no terreno neutro, que entre uns e outros dos contendores se interpunha. Acabado este recurso, lançou-se mão dos emmadeiramentos das casas arruinadas, ou pelo tempo, ou pelo bombardeamento, que diariamente continuava nas suas destruições. Esta infeliz e calamitosa época foi pintada pelo governador do bispado, quando na pastoral, que permittia ao povo e ao exercito o uso de carne durante a quaresma, se exprimio, dizendo «o senhor «das alturas entornou sobre esta cidade o calix da sua ira «pelas mãos da usurpação rebelde, e nos tem de tal maneira «atenuado, que podemos dizer: *misericordiæ Domini quia «non sumus consumpti.»* A miseria e a fome já se não limitavam a opprimir sómente a pobreza, mas estendiam tambem os seus funestos effeitos a algumas familias, costumadas a viver em tempos regulares á custa do seu trabalho com certa abundancia e commodidade, e que nestas circumstancias soffriam a portas fechadas as mais crueis privações, e seriam sem duvida victimas de uma terminação funesta, se mão bemfeitora e caritativa se lhes não estendesse benigna, por meio

da chamada *associação da sópa economica*. Dera origem a tão honrosa e benefica associação o negociante inglez T. J. Smith, que á sua custa distribuio desde 6 até 12 de fevereiro de 347 até 954 rações por dia: succedêo-lhe depois o cidadão portuguez Paulo José Soares Duarte, que desde 13 a 20 de fevereiro distribuio de 1:159 até 1:440 rações por dia. Crescendo como ia tão prodigiosamente o numero dos necessitados, formou-se então definitivamente a mencionada associação [1], acudindo a tão bom exemplo não só pessoas do Porto e Lisboa, mas igualmente de Inglaterra, donde por mão do consul britannico se recebêo a quantia de 800$000 réis. De differentes maneiras se foram arranjando, e compondo, segundo as circumstancias e a abundancia de mantimentos o permittia, as rações distribuidas; mas a final, quando faltaram quasi todos os generos de que se podessem formar, imaginou-se uma sôpa, em que apenas entrava o arroz, assucar, agua, e uma pequena porção de aguardente, sôpa que, posto não reunisse todas as condições de uma bôa alimentação, não deixava com tudo de entreter nos orgãos um certo gráo de energia e de tonicidade, que não podiam adquirir sómente pelas qualidades nutritivas de tal alimento.

O bombardeamento continuava activo, e redobrava de maldade, pelo estudado systema, com que se praticava. As horas do dia e da noite, em que podia ser mais nocivo, eram as que para elle se escolhiam: umas vezes era pelas duas horas da tarde, quando a maior parte dos moradores do Porto jantavam; outras pelas dez horas da noite, quando se recolhiam, continuando até ás onze, á meia noite, e uma hora da noite: casos houve, em que principiava antes da

[1] Os primeiros fundadores della, além das duas pessoas em que acima se fallou, foram Antonio Ferreira Pinto Basto Junior, Adriano Ferreira Pinto Basto, Antonio Fortunato Martins da Cruz, Manoel Antonio Pinto do Soveral, Antonio Filippe de Sousa Cambiaso, J. P. Guedes, e João Thomaz de Sousa Lobo: os estrangeiros foram M. Fewerhead, F. O'berne, J. Jones, E. H. Cox, J. Attinson, e J. Reed. O total das rações de quartilho, que esta associação distribuio desde 6 de fevereiro até 20 de agosto inclusivamente, foi o de 843:239, sendo em todo o mez de fevereiro 29:339 o minimo da distribuição por mez, e no de julho 171:552, maximo de tal distribuição desde o seu começo até que acabou no citado dia 20 de agosto.

madrugada, e progredia até dia claro. As horas da missa tambem algumas vezes se preferiam para este fim, e o varial-o com intervallos constantemente irregulares foi capricho, que houve sempre da parte dos miguelistas. O bairro de Santo Ildefonso e o de Cedofeita, ambos a grande distancia das linhas, e o primeiro delles acobertado de mais a mais com a Serra do Pilar, foram os que por mais algum tempo estiveram a salvo do bombardeamento, circumstancia que fez com que um grande numero de familias, abandonando as suas proprias habitações, para elles emigrasse: todavia este mesmo abrigo escasso desappareceo nos mezes de fevereiro e março, em que os miguelistas, estudando melhor as undulações do terreno da parte de Villa Nova, construiram novas e mais terriveis baterias, aperfeiçoando a do Cavaco, a do Verdinho ou Candal, e sobre tudo a que ficava por de traz de Gaia, ou do castello deste mesmo nome. Estas foram as baterias, que nos fins de fevereiro se tornaram as mais perigosas de quantas até alli existiam, porque além de alcançarem todos os bairros da cidade, batiam de flanco a Serra do Pilar, a bateria do Prado do Bispo, e a passagem do rio, que da praia da Corticeira ia para o Senhor d'Além, para communicar a Serra com o Porto. Foi a bateria do Candal, que no dia 6 de março mettêo a pique o brigue de guerra Rio Ave, ou Vinte e tres de Julho, e por causa della se fizeram tambem alguns rombos nas corvetas Amelia e Regencia, que por esta fórma se encheram d'agua, e se pouparam ao desaire daquelle brigue. A residencia de D. Pedro na rua de Cedofeita começou novamente a ser alvo destas baterias; mas o inimigo nunca felizmente a pôde alcançar como desejava. Sete bombas se viram algumas vezes no ar, e tanto se familiarisaram todos com este estado, que até as proprias crianças disputavam já se o tiro disparado era de bala-raza ou granada. As sacas de algodão e coiros crus, que o commercio do Brasil tinha levado ao Porto, foram o abrigo de algumas familias mais poderosas, que nos andares superiores das suas habitações os dispunham em camadas, para quebrarem a força da

bomba, e não vir esta aos andares inferiores, no caso dos emmadeiramentos poderem resistir ao pêso da queda; mas este segundo recurso foi ainda assim abandonado em pouco, pelo máo cheiro que taes coiros exhalavam, e influencia nociva, que por esta fórma podiam ter na desenvolução da cholera.

Por este tempo achava-se o exercito consideravelmente desfalcado de praças combatentes, pelo grande numero de doentes entrados nos hospitaes, sendo o total delles em meiado de fevereiro 1:922, além de 763 convalescentes e com licença. O projecto da expedição ao Algarve tornou novamente a ventilar-se, e posto que Solignac se lhe oppozesse, em quanto não alcançasse maior numero de combatentes para ficar de guarnição no Porto, todavia d'alli partio para Inglaterra um emissario especial [1], que a seu cargo levou o fretamento de transportes, e a compra dos generos e munições para tal fim necessarios, entendendo-se para esse effeito com o embaixador portuguez em Londres, e o hespanhol Mendizabal. O capitão Carlos Napier, da marinha de guerra ingleza, escrevera para o Porto, por intermedio do marquez de Palmella [2], propondo que sobre Lisboa se mandasse uma expedição de uma duzia de vapores, carregados de tropa, que entrando a barra durante a noite, tentassem um golpe de mão sobre a capital, desembarcando no Terreiro do Paço; mas deste plano o dissuadia agora o ministro da marinha no Porto, escrevendo-lhe por este mesmo emissario para vir tomar o commando da esquadra, e para lhe lembrar que quando os vapores escapassem das numerosas baterias da margem do Tejo, era quasi impossivel poderem livrar-se da artilheria dos navios de guerra, afóra a luta, que se havia de travar encarniçada entre a tropa expedicionaria e a inimiga, avultando ainda esta a 16 ou 18:000

[1] O official maior da secretaria d'estado dos negocios da justiça, Rodrigo da Fonseca Magalhães.

[2] Estes planos de Napier foram com effeito communicados ao ministro da marinha pelo marquez de Palmella, com a expressa recommendação de os mostrar a D. Pedro, que no modo de se lhe participarem achou novos motivos de nova indisposição contra o mesmo Palmella, entendendo que cousas de tal gravidade era a elle que só e directamente devíam ser dirigidas, já como general em chefe, e já como regente do reino.

homens, que havia na capital, e por conseguinte que em vez de Lisboa, lhe propunha tambem para tal expedição *as bellas praias do Algarve.* Entretanto o emissario em questão nem levava dinheiro, nem por si tinha bastante credito na capital de Inglaterra para achar meios de lá poder levar a effeito o fretamento dos vapores, e esperando-se em cada paquete a noticia da queda do Porto, não era possivel encontrar-se em Londres quem emprestasse a mais pequena quantia, e por conseguinte o projecto de uma tal expedição caducou, ou parecêo completamente caducar por falta de meios. Por outro lado a prudencia expectante do general Solignac não permittia no Porto movimento algum decisivo; mas este estado de guerra tornava-se insuportavel pela immensidade de bombas e ballas, que diariamente victimava mais ou menos gente, e devastava a cidade, onde, apesar dos infatigaveis esforços dos amigos da causa constitucional, a escacez dos meios necessarios á vida fazia cruamente sentir no auge de tudo isto o flagello da fome. Contra os defensores do Porto tudo conseguintemente parecia ter-se conspirado; a guerra, a fome, e a cholera-morbus por um lado; por outro a braveza dos mares, que se obstinava em negar-lhes todos os soccorros de fóra, e finalmente a inutilidade, ou antes pêso de que a sua propria esquadra lhes servia. Era pois de receiar que o cúmulo de tantas desgraças viesse a desalentar os animos mais destemidos. E foi então, no meio destes apertos, que o governo, sabedor de quanto util é ás vezes nas concepções militares uma resolução arriscada, entendêo não lhe ser possivel conformar-se por mais tempo com a funesta apathia, a que o mesmo Solignac tinha reduzido o exercito, e n'um conselho militar [1], presidido por D. Pedro, se fez saber: 1.° que na cidade só havia mantimentos para dez dias; 2.° que a força inimiga era pelo menos de 24:000 homens de tropa regular [2], dois terços da qual occupavam o Norte do Douro, e o resto a

[1] Em 14 de fevereiro.

[2] A força sitiante era neste mez de 39:509 homens de todas as armas, com 1:757 cavallos, 10 peças de artilheria de campanha, e 6 obuzes.

margem do Sul; 3.° que a força, com que se podia contar para poder romper por entre o inimigo, não excedia a 10 ou 12:000 homens. Saldanha foi do voto que o inimigo se não atacasse na margem direita, mas na esquerda do Douro, onde a força sitiante, não passando de 7:000 homens[1], facilmente podia ser torneada pela sua direita. Desembarcados os corpos expedicionarios em Quebrantões, queria elle que as forças seguissem depois por Oliveira sobre o Monte Grande, por de traz de Santo Ovidio: a guarnição da Serra tinha de ser reforçada por 300 homens, e na estrada de Avintes se deviam postar 700 com a possivel cavallaria para impedir a passagem dos realistas naquelle ponto, quando quizessem vir em soccorro dos do Sul: o fim desta operação era occupar Villa Nova, e limpar a margem esquerda do Douro, e se por ventura o inimigo viesse entretanto atacar as linhas do Norte do Porto, o exercito poderia em tal caso manobrar na Beira, ou ir morrer ás portas de Lisboa. E este era necessariamente o tragico fim, que havia de ter um tal acto de desesperação, que comsigo trazia a grande probabilidade da perda do Porto, e a derrota do exercito, logo que os realistas deitassem sobre elle a sua cavallaria. Por fortuna para os constitucionaes, nem este, nem outro algum plano se adoptou por agora, por declarar Solignac que naquelle momento não havia munições sufficientes, havendo então quando muito oitenta cartuxos para cada praça.

Que admira pois que no Porto se fallasse por este tempo em capitulação, quando os constitucionaes não tinham já por si cousa alguma, que humanamente os podesse salvar? Alguem houve d'entre os conselheiros do regente, que concebêo e formulou um projecto de capitulação, que se não foi discutido, foi pelo menos passado a limpo, para ter aquelle destino em occasião opportuna[2]. O consul inglez chegou

[1] A divisão do Sul do Douro comprehendia 9:997 homens, com 463 cavallos, 3 peças de artilheria, e 1 obuz.

[2] O coronel Badcock diz até que o coronel Sorell o consultára no dia 18 de fevereiro para ir a Braga tratar de uma capitulação com D. Miguel. (Vêja pag. 201 *Roug Leaves from a jornal kept in Spain, and Portugal*. London 1835).

mesmo a propôr-se officiosamente a D. Pedro para medianeiro d'algum ajuste entre elle e seu irmão, ao que elle promptamente respondêo, *que nunca faria tal, resolvido como estava a levar a contenda até á ultima extremidade*[1]. Já não havia então mantimento para mais de seis dias, e a polvora reduzia-se a barris de areia, que do arsenal sahia para as baterias e linhas, para desviàr do publico a mais pequena suspeita a tal respeito. Neste aperto, um ajuste feito[2] com um negociante inglez para a compra de tres mil quintaes de bacalhão, e sobre tudo alguns generos e munições desembarcadas, ainda que escaçamente, na Foz pelos bravos mareantes do Douro, que na noite de 18 de fevereiro tiveram a coragem de lutar com o fogo das baterias de ambas as margens do rio, e não menos com o estado do mar, que por fortuna lhes dêo um pequeno remanso naquella noite, salvaram a causa constitucional de uma perdição certa: estes pequenos recursos, e alguns mantimentos, que se conservavam escondidos, sem terem sido dados ao manifesto, foram alimentando os moradores e defensores do Porto, e deram assim logar a desvanecerem-se progressivamente as noticias de capitulação, de que não só houve conhecimento entre os miguelistas, mas até della correram boatos em Londres, onde o *Evening Mail* chegou a publicar a tomada do Porto por capitulação, e a fuga de D. Pedro para fóra da cidade, d'onde a muito custo se podera evadir. Grandes eram com effeito os soffrimentos do Exercito Libertador, e demasiadamente triste a situação de todos os defensores do Porto; mas a intolerancia e a barbaridade do partido miguelista eram as mais poderosas causas, que levaram os constitucionaes a suportar resignados todos os males e privações de tão arriscado cêrco. Porém as tropas miguelistas tambem não estavam menos expostas ás calamidades de uma guerra, que tanto affligia já todo o reino. Victimas das

[1] O imperador, encontrando alguns dias depois o coronel Badcock, perguntou-lhe por graça se com effeito tinha ido a Braga tractar com seu irmão.

[2] Em 22 de fevereiro.

grandes enfermidades, causadas pelas excessivas fadigas de um sitio, em que durante todo o rigor do inverno apenas se lhe ministrava, para se recolherem, algumas barracas atulhadas de gente por todo o tempo frio e chuvoso de semelhante estação, os soldados do exercito sitiante eram aquelles que, desertando para o Porto, traziam impressa na physionomia, e no desgraçado fardamento, com que se cobriam, a mais evidente prova da miseria, que os opprimia. Em taes circumstancias, e entre taes apuros, era bem natural que o general Santha-Martha, como homem moderado, e o mais competente para avaliar adequadamente os males, por que os seus soldados estavam passando, ligasse toda a importancia ao acabamento da guerra, e que reputando este negocio o de maior momento para o seu partido, votasse n'um conselho militar para que os artigos da capitulação, em que se fallava a respeito de D. Pedro, fossem taes, que este pela sua parte não podesse ter duvida em os aceitar. Mas a opinião contraria foi a da maioria do conselho, o que para o mesmo Santa-Martha equivalêo ao decreto da sua prompta demissão [1], sendo com effeito substituido logo no dia 21 de fevereiro no commando do exercito em volta do Porto pelo ministro da guerra, conde de S. Lourenço, que neste emprego o foi tambem pela sua parte pelo tenente general conde de Barbacena. Pela opinião proferida pelo ministro dos negocios estrangeiros, visconde de Santarem [2], claramente se vê que a opinião dos mais exaltados era que os constitucionaes jámais deviam ser admittidos a tratar directamente com os generaes realistas, mas sim por intermedio dos inglezes, e authoridades britannicas, por isso que entre a legitimidade de D. Miguel, e a rebellião constituida da parte dos constitucionaes, não devia haver transacções. Mais se vê que, á excepção de sargentos, cabos, e soldados,

[1] Natural é que para semelhante demissão figurasse tambem a recusa de Santa-Martha em atacar as linhas do Porto, pela convicção, que tinha do máo resultado de semelhante ataque.

[2] Vêja na Chronica Constitucional de Lisboa o officio, que sobre este ponto elle dêo em resposta, na data de 24 de março de 1833, ao duque de Lafões. (A Chronica é n.° 46 de 17 de setembro de 1833, pag. 244).

a todos os mais se permittia unicamente embarcar para fóra do paiz, incluindo nestes os habitantes do Porto, que se tivessem compromettido, concessão que ainda assim tinha de ficar subordinada ás circumstancias militares e politicas no momento de tratar, «por isso que o general em chefe podia «ser mais exigente, á medida que a situição dos constitu«cionaes se tornasse mais critica, e tal podia ser ella, que «mais conviria forçál-os a cortarem a linha, e a baterem«se em campo aberto, do que deixal-os partir sem recebe«rem a justa punição do attentado, que commetteram» [1].

Foi por esté tempo que os dois exercitos começaram a conhecer melhor as vantagens do terreno, que cada um delles occupava, e foi tambem desde então que a defeza das linhas do Porto se tornou cada vez mais importante. Já não era cousa estranha ouvir um simples paisano, ou qualquer dos voluntarios, debater as vantagens de uma posição militar, e as possibilidades de um ataque, ou de uma defeza feliz, o que n'alguns casos chegou a prejudicar bastante o bom exito de alguns movimentos e operações, porque antecipadas estas no publico, ou reveladas diante dos espiões miguelistas, immediatamente preveniam dellas os sitiantes. No mez de fevereiro tinha o Exercito Libertador recebido o consideravel reforço de 702 estrangeiros, entre os quaes se contava o corpo de irlandezes do coronel Cotter, subindo então o total deste mesmo exercito a 18:340 homens de todas as armas, incluindo 7:044 individuos dos batalhões nacionaes: a cavallaria chegára tambem neste mez a 311 cavallos de fileira. Entretanto as circumstancias de apuro tinham chegado ao seu auge dentro das linhas do Porto, e os seus atterradores effeitos iam produzindo, como resultado de tão triste situação, a pouca ou nenhuma esperança de salvação da causa constitucional, quando appareceram noticias de que o reducto do Pasteleiro seria dentro em pouco

[1] É notavel que quem assim escrevera semelhante parecer, dando de mão a todas as idéas de politica e humanidade, não duvidasse annos depois aceitar dos constitucionaes mãos cheias de beneficios, e até o logar de guarda-mór da Torre do Tombo, que o espirito de partido tirou a um dos constitucionaes de mais nome, e que mais decidido tinha arrostado com os males da emigração.

tempo atacado pelos inimigos. Conhecedor da importancia desta parte da linha, e da extrema necessidade da sua conservação para se manter aberta a communicação com o mar, o general Saldanha tinha-se dedicado com incrivel actividade ao levantamento e arranjo das suas respectivas fortificações, e estando ainda longe do seu acabamento, contra estas obras premeditou com effeito o novo commandante em chefe do exercito realista, depois de despertado por ellas do seu lethargo, um prompto e decisivo ataque, bem antevisto e esperado da parte dos constitucionaes. Era já entrada com effeito a noite de 3 de março, quando um dos moradores de Villa Nova, que tinha um irmão no campo inimigo, dirigindo-se ao paço, alli avisou D. Pedro de que as posições de Lordello seriam atacadas em força na manhã do seguinte dia. Acrescêo ainda mais que no mesmo dia 3 de março desertára um cabo de infanteria n.° 10 para o inimigo, levando a noticia de que o reducto do Pasteleiro se não achava artilhado. Com este aviso de ataque, proveram-se de munições, e foram vantajosamente reforçados com efficaz habilidade e zelo pelo general Saldanha os mais importantes pontos do seu respectivo districto: aquelle reducto foi immediatamente guarnecido de boa artilheria, conservando-se-lhe tapadas as suas respectivas canhoneiras. O reducto do Pinhal foi confiado ao coronel Pacheco, e á sua brava infanteria n.° 10, reforçada pelo batalhão nacional do Minho, e o da casa do Pasteleiro tinha de guarnição infanteria n.° 3; o reducto da Luz defendia-o o primeiro batalhão movel, commandado pelo major Rangel; Lordello estava occupado por infanteria n.° 9, e a communicação deste ponto com o Pasteleiro tinha por defensores os escocezes do major Shaw, e uma porção de inglezes, que se designavam pelo nome de *rifle-men*: toda esta infanteria recebêo ordem de não fazer um só tiro, em quanto o inimigo não viesse perfeitamente ao alcance de espingarda. Na manhã de 4 de março fizeram os realistas um ataque falso sobre Paranhos, Cruz da Regateira, e Contomil, ameaçando tambem toda a mais direita da linha desde Campanhã até S. Roque da Lameira:

ao mesmo tempo toda a segunda divisão, commandada pelo marechal de campo Joaquim Telles Jordão, veio seriamente contra Lordello, e desde esta povoação até ao mar. As baterias do monte da Ervilha, e do monte do Castro, secundadas pelas da margem esquerda do Douro, romperam n'um activissimo fogo contra o reducto da Luz, em quanto que a de Serralves fazia tambem o mesmo contra o do Pasteleiro. Os atiradores realistas vieram tanto mais ousados, quanto menor era a resistencia, que encontravam pela retirada, que para dentro das linhas tinham feito os piquetes constitucionaes. Estavam já ao alcance de se lhes distinguir perfeitamente os botões das fardas, quando as descargas de metralha, acompanhadas de uma activa fuzilaria, os desbarataram, e lhes fizeram uma horrorosa carnagem: todavia o inimigo veio ainda contra a *flecha dos mortos*, e a que ligava o reducto do Pasteleiro com o do Pinhal; mas o seu ataque tinha já perdido a força, porque procurando na fuga a salvação, nada era capaz de trazer os soldados realistas a um firme e decisivo combate, tendo de passar por entre os cadaveres dos seus, alcançados tão de perto pelo fogo dos constitucionaes. A Serra do Pilar tambem neste dia se tornára o alvo de todas as baterias inimigas, que a podiam descobrir: o fogo começára pelas tres horas da manhãa, e acabára pelas tres horas da tarde, calculando-se em mais de mil as bombas e balas, lançadas contra aquella posição: do campo da Cravéla sahio uma columna para a igreja de S. Christovão, donde tomou o caminho de Quebrantões, e depois o do Pinhal, para vir contra a cêrca da mesma Serra, ao passo que outra columna, seguindo para o lado da Fervença, parecia ameaçar d'alli a direita dos constitucionaes; mas nada disto passou de um simples ameaço, retirando-se finalmente os realistas sem combater [1]. A cidade do Porto foi, segundo o costume, quem soffrêo o castigo do máo successo do inimigo, que contra ella dirigio um activo bombardeamento, durando

[1] A perda dos constitucionaes foi neste dia de 24 mortos, e 134 feridos, a dos realistas foi por elles mesmo computada em 50 mortos, e 335 feridos; mas é de crer que nesta conta haja ainda sua diminuição.

até ás tres horas da tarde, e causando algumas mortes e ferimentos. O conde de S. Lourenço, que chamou a este ataque um reconhecimento em força, como o visconde do Pêso da Regoa chamára a acção de 29 de setembro, manobrou neste dia com bastante actividade, como quem queria levar a palma aos seus antecessores; mas os seus soldados é que lhe não secundaram a sua actividade. Da parte dos constitucionaes os resultados do dia 4 de março podiam-lhes ser de grande vantagem, se o marechal Solignac, deixando os seus habituaes receios, e demasiadas cautelas, em presença da critica situação do Exercito Libertador, tivesse convenientemente manobrado: Saldanha duas vezes lhe mandou rogar que fizesse um movimento sobre a esquerda do inimigo, apenas o visse em derrota na sua direita; mas elle continuou sempre inactivo á ilharga de D. Pedro na linha do Bom-Successo, perdendo assim uma nova occasião de se poder novamente occupar o monte do Castro. Desde então claramente se vio que o general francez para nada mais servira entre nós do que para obstar ás imprudentes sortidas, a que tinha posto côbro.

O conde de S. Lourenço, perdidas igualmente pela sua parte as idéas de poder levar as linhas do Porto por assalto, entregou-se ao augmento das baterias do bloqueio, e na ponta do Cabedello, (areal que na foz do Douro aperta as aguas deste rio, pela margem esquerda, e as leva a fazer alli uma estreita garganta contra a outra margem,) appareceo em 9 de março levantado um parapeito para manobrar a fuzilaria, e a coberto delle poder cuidadosamente vigiar os desembarques da barra, que contra si veio a ter na mesma margem esquerda do Douro seis baterias, duas na Pedra do Cão, duas no Cabedello, uma em Sampaio, e a sexta na Furada: na margem direita tinham igualmente este officio tres baterias, duas junto á praia de Carreiros, e a terceira no monte do Castro. N'algumas destas baterias contavam-se cinco canhoneiras com as suas respectivas peças; mas em nenhuma dellas havia menos de tres. Senhores, como os miguelistas se achavam, de todas as alturas, que dominavam

o Douro, a sua artilheria não só obstruia a barra, mas até batia de flanco quasi toda a cidade do Porto, onde, como já se vio, conseguiram levantar alguns incendios, pela enorme quantidade de bombas, balas, e outros projecteis, que quotidianamente contra ella arremessavam. Quanto ás fortificações inimigas, formavam ellas por este tempo um grande arco em redentes e ressaltos, comprehendendo quasi quatro mil braças, ou mais de cinco legoas de extensão! Os seus fortes do monte do Castro, da Ervilha, e Serralves, em que pelo lado do mar, e ao Norte do Douro os sitiantes se apoiavam, eram muito mais consideraveis do que as vulgarmente chamadas fortificações de campo entrincheirado. Todas estas obras, de tão extensos contornos, eram muito bem concebidas, perfeitamente executadas, e a sua artilheria era toda ella tão boa, quanto bem servida por toda a parte se achava. Os seus engenheiros tinham habilmente aproveitado para formar esta linha todas as ondulações do terreno, e as posições mais vantajosas achavam-se entre si ligadas por muros de seves e estevas, reforçados com parapeitos á prova de bala. A primeira e segunda linha eram sobre tudo guarnecidas de paliçadas nos intervallos dos tres fortes acima mencionados, tendo pela sua frente fossos de 12 a 14 palmos de largura sobre 10 a 12 de profundidade. Semelhantes entrincheiramentos, sustentados pelas baterias, a que elles iam terminar, e por todas as mais, de que se achavam cercados, interceptavam completamente as communicações com a cidade do Porto. Effectivamente os miguelistas tinham cortado as avenidas, que da cidade se dirigiam a todas as povoações circumvisinhas, haviam além disto destruido todas as casas, queimando aquellas que lhes ficavam na frente: todos os muros das quintas ou foram por elles demolidos, ou seteirados, obstruidos todos os caminhos, e estabelecidas finalmente cortaduras com os seus competentes travezes e abatizes em todos os logares e encruzilhadas de mais tranzito, ou embocaduras de caminhos, que deitavam para o lado do Porto. Além da sua muita artilheria de bater, (morteiros, obuzes, e peças de grande calibre,) os rea-

listas tinham tambem por si o consideravel reforço de muitos parques de artilheria volante. Eis-aqui pois as linhas inimigas no seu maximo ponto de perfeição, que com effeito haviam alcançado em março de 1833. Pela sua parte os constitucionaes haviam dividido a sua linha em quatro districtos. Na extrema esquerda achava-se alguma cavallaria, e no centro havia de reserva uns duzentos cavallos de lanceiros, e mais alguns corpos de infanteria de pequena força, sendo no Carvalhido o ponto dado para a reunião do batalhão de empregados publicos, e para todas as mais praças e officiaes avulsos em occasião de fogo. A força da artilheria volante consistia apenas em tres meias brigadas, alem da artilheria de bater, que guarnecia os fortes. De todas as baterias, que serviam de apoio ao pequeno exercito constitucional, as mais regulares eram certamente a do monte da Luz, a do Pinhal, e Pasteleiro, e finalmente as do monte Pedral e Congregados. A primeira destas ultimas, ou a do monte Pedral, revestida de leiva, e de pedras soltas e toscas, era a mais temivel de todas, pela sua elevação sobre as outras pequenas baterias; mas o seu accesso era ainda assim tanto mais facil, quanto pela maior parte ella e todas as mais se achavam desprovidas de golas e fóssos, correndo-lhes apenas por diante, a maior ou a menor distancia, segundo o permittia o terreno, uma singella linha parapeitada para a infanteria, linha formada em muitas partes de vallados, de barricas, pipas, leivas, e muros irregularmente delineados. As fortificações, que muito á pressa se havia levantado desde o Carvalhido até á Foz, e que se olhavam como um quinto districto, eram geralmente feitas de terra, constituidas n'algumas partes por uma simples ordem de barricas e pipas, e revestidas n'outras por taboas, com que a mesma terra se amparava, correndo-lhes por diante fóssos de não grande profundidade, que lhe vedavam o accesso da parte do inimigo. A sua respectiva artilheria não era geralmente boa, por falta de capacidade para poder jogar á vontade no local, em que se achava assestada.

Conseguintemente os constitucionaes só verdadeiramente

tinham em favor dos seus desembarques a bateria do monte da Luz, e a artilheria do castello da Foz, onde o seu governador, o coronel de cavallaria, José da Fonseca, não só ia resistindo ao continuado fogo de artilheria das baterias realistas, e até ao do canhão-obuz, que para defronte delle foi mudado, ficando alli ao alcance de ponto em branco, mas até pessoalmente auxiliava os mesmos desembarques, pegando nas padiollas, para com seu exemplo animar a este serviço os soldados, pouco familiarisados com semelhante especie de trabalho. Foram as baterias do Cabedello as que mais particularmente acabaram de fechar a barra; por causa dellas se viraram algumas catraias, ou foram mais ou menos avariadas as que dentro do Douro vinham procurar a praia da Cantareira, com a pressa de se lhes escapar do fogo: a foz do rio ficou então completamente obstruida, tendo todas as catraias dos desembarques de ir procurar para elles a pequena praia dos inglezes, já fóra da barra, junto ao monte da Senhora da Luz. Na mesma praia da Cantareira se assestaram, da parte dos constitucionaes contra as baterias do Cabedello, duas peças, as quaes, ainda que auxiliadas pelas do castello da Foz, nada podiam conseguir de vantagem; uns vinte voluntarios, desejosos de adquirir fama, mettendo-se em barcos, foram sobre o Cabedello [1] para destruirem aquellas baterias, que geralmente só estavam bem guarnecidas durante a noite; mas vindo sobre elles um bando de caçadores realistas da bateria de Sampaio, e d'outros mais pontos fortificados, tiveram de retirar á pressa, deixando ainda por lá ficar uns tres mortos, além dos feridos, que para cá trouxeram. Apesar de todas estas baterias, os desembarques foram sempre continuando, effeituados desde as ave-marias até ás duas horas da madrugada, não sem algumas desgraças durante as noites, exageradas por vezes pelos mesmos barqueiros, quanto ao numero dos afogados, ou dos mortos pelo fogo do inimigo, nas vistas de desviar a concurrencia dos companheiros, e conservar quanto possivel os altos preços de tão arriscado serviço. Com os escaços

[1] No dia 25 de março.

desembarques ultimamente feitos se foram pois supprindo as necessidades do Porto; mas o apuro dos mantimentos foi ainda assim subsistindo, e não menos o das munições de guerra. Nas noites de 10, 11, e 12 de março fizeram-se alguns desembarques, entre os quaes se contaram 400 barris de polvora com cincoenta quintaes de chumbo, e 300 irlandezes, consideravel reforço para quem se achava em tamanho apuro. Em fins de março o governo teve de reduzir a metade os direitos do bacalhão e arroz; mas já então se contavam ao largo 25 navios mercantes, que ao abrigo da primavera vinham procurar a descarga. Contra estes navios, e as catraias empregadas nos desembarques, mandaram então os miguelistas sahir de Mattozinhos seis lanchas artilhadas, contra as quaes o governo teve de mandar pôr no mar algumas canhoneiras, que escoltando as embarcações dos desembarques, as pozessem a coberto das aggressões do inimigo. Com este pequeno auxilio, e o da escuridão das noites, e sobre tudo pelo remanso, que o mar foi pouco a pouco adquirindo, depois de meiados de março, poderam os homens atrevidos de semelhantes embarcações arremessarem-se ao mar no meio de tantas contrariedades, tendo por cima da sua cabeça, em quanto remavam á voga surda, um continuado fogo de balas de artilheria, granadas, bombas, e fuzilaria, e por baixo da quilha logares aparcelados, asperos, e eriçados de cachopos, encobertos pelas aguas da maré cheia. Foi assim que os desembarques de 21 de março, ainda que de algum vulto, só na noite de 27 e 28 se tornaram copiosos, e adquirindo desde então mais alguma regularidade, fizeram desvanecer os receios da fome no Porto, cujo mercado, apresentando-se soffrivelmente fornecido de quasi todos os generos de primeira necessidade, affastou de muitas mezas o enjoativo arroz com assucar, de que muita gente se tinha por algum tempo alimentado[1]. Com a ener-

[1] Eu mesmo, fiado nas rações, que me dava o governo, não fiz provimento de cousa alguma; mas o resultado disto foi o ter de recorrer tambem ao arroz com assucar por tres ou quatro dias, por não se encontrar á venda no Porto especie de adubo, com que se podesse temperar a comida.

gia das forças fisicas, determinada pela abundancia dos mantimentos, adquiriram novo vigor as forças moraes, e as idéas de capitulação pela fome desappareceram inteiramente d'entre os defensores do Porto.

Se os desembarques de generos desviaram do Porto as calamidades, que determinára a sua falta, um outro mal de difficultoso remedio, e de não menor gravidade, veio succeder aos apertos, que até alli affligiam o governo e os governados. O thesouro havia chegado a faltar com os pagamentos devidos aos seus credores de bacalháo e arroz para sustento do exercito, estendendo-se esta mesma falta aos fornecedores das rações diarias para os hospitaes; mas se as despezas do commissariado, acrescidas com as do ministerio da guerra, excediam as posses do thesouro [1], as da esquadra iam pelo mesmo theor. Os fornecimentos dos navios de guerra eram geralmente feitos por meio de letras, sacadas sobre a commissão dos aprestos; mas não se tendo podido pagar algumas das mesmas letras em Londres, este meio havia cahido em descredito, de que resultou o atrazo dos pagamentos, chegando a haver guarnições com nove mezes de atrazo! Com isto se reunio igualmente a falta de vestuario, de que proveio crescer progressivamente a indisciplina e os ameaços, que diariamente se ouviam, de fugirem as tripulações com os respectivos navios para Inglaterra, como effectivamente veio a praticar a escuna de guerra Graciosa. Neste aperto, Sartorius resolvêo-se a escrever a D. Pedro uma carta em termos mais asperos e fortes do que até alli tinha feito, indicando nella como meio mais prompto de pagamento o desertar com a esquadra para Inglaterra. D. Pedro reputou logo esta carta como um insulto feito á sua pessoa, e levando-a a conselho de ministros, onde só o da marinha a defendêo, como filha da melindrosa e arriscada posição, em que o almirante se achava, della resultou a fi-

[1] Estas despezas foram no mez de fevereiro, arsenal e fortificações, 6:284$950 ; intendencia geral de viveres 800$000 ; hospitaes 2:300$000 ; soldos, prestações, e gratificações de expediente 18:536$866 ; prels 33:468$075, montando todas estas verbas no total de 61:389$891 réis.

nal a exoneração de Sartorius, e dar-se o commando da esquadra ao capitão de mar e guerra Sackville Crosby, que então se achava no Porto. Semelhante resolução era com effeito arriscada e perigosa, e o ministro da marinha, ponderando novamente a inconveniencia della, teve por fim de referendar a medida, por consideração e deferencia á pessoa de D. Pedro. A esquadra, desde a infructuosa sortida do monte do Castro, fôra para as ilhas de Bayona, e alli se conservava realmente sem paga, sem mantimentos, e até mesmo cortada das suas communicações com a terra, e quasi forçada a fazer-se ao mar por uma esquadra hespanhola, que d'alli a queria vir affastar, a pretexto do apparecimento da *cholera morbus* a bordo della. Entre estas difficuldades se achava Sartorius, quando o vapor London Merchant, largando das aguas do Porto contra as ordens do governo, foi levar a Vigo o numero da Chronica, ou do periodico official do governo, em que por dobrada imprudencia se publicára a exoneração de Sartorius. Chegára a Vigo em 23 de março, a bordo do brigue-escuna S. Bernardo, o novo commandante da esquadra com algum dinheiro, que se confiára ao cuidado de um official superior da marinha portugueza, levando igualmente em sua companhia sir John Milley Doyle, a quem, para cúmulo da imprudencia, se dera a commissão de ir installar em Vigo o capitão Crosby no seu novo commando. Sartorius, depois de prender o seu successor, e o proprio sir John Milley Doyle, não só lhes intimou que elle, os seus officiaes, e as suas differentes tripulações jámais abandonariam os navios, em quanto previamente se lhes não pagasse a sua divida, mas até se assenhoreou do dinheiro, que levava o official de marinha portuguez. A conducta de Sartorius foi certamente de pernicioso exemplo para a disciplina militar; mas parece fóra de duvida que se o almirante resignasse o commando, era inevitavel o passo das guarnições desertarem effectivamente com a esquadra para Inglaterra, principalmente a da fragata D. Pedro, que estava já em estado de completa insurreição. Foi o mesmo vapor London Merchant que em 29 de março appareceo no Porto

com uma solemne declaração, em que o almirante e os seus officiaes exigiam o seu prompto pagamento até 31 de março, sob pena de fazerem navegar a esquadra para Inglaterra, para alli lhes servir de hypotheca á sua divida: todavia pelo mesmo vapor, Sartorius escrevia particularmente aos generaes Saldanha e duque da Terceira, participando-lhes as razões do seu procedimento, e protestando que jámais desampararia a causa da Liberdade portugueza, e que promptamente appareceria no Porto, logo que alli apparecesse tambem a esquadra inimiga. Desde este momento Sartorius, ganhando na opinião das suas tripulações o que perdia na do governo, pôde com effeito obstar a que os seus navios abandonassem a causa constitucional, e se retirassem para Flessinga, para onde as suas tripulações os queriam conduzir.

Julgar o governo que um official inglez, commandando uma esquadra tripulada por inglezes, e a quem se tinha faltado a quasi todos os ajustes, havia de resignado entregar-se com todas as apparencias de prisioneiro nas mãos de um homem seu inimigo pessoal, que assim reputava sir Milley Doyle, o mesmo que nenhum credito merecia entre os seus patricios, foi certamente o requinte da maior boa fé no fantastico poder da sua authoridade. Entretanto a sua posição aggravou-se consideravelmente pelas suas imprudencias. D'Inglaterrá não lhe podiam vir esperanças de encontrar meios para tão avultados pagamentos n'uma occasião, em que a commissão dos aprestos mal podia satisfazer as letras, que sobre ella se sacavam pelo fornecimento da esquadra, e em que a casa de Carbonell, de acôrdo com os seus principaes credores, deixava a sua residencia em Londres, para se transferir a Paris. Os emprestimos abertos no Porto tinham já dado o que era possivel [1]; o mesmo succedia ao producto dos sequestros, e bens dos conventos abandonados, e todavia foi ainda nestes apertos, e no meio das calamidades, por que estava passando aquella heroica cidade, que lembrou por mais esta vez recorrer em tamanho perigo ao exemplar patriotismo dos seus moradores. A nada se exi-

[1] Montaram ao todo em 380:364$351 réis.

miram os negociantes e capitalistas, chamados pelo ministro da fazenda a sua casa; mas na commissão do thesouro se louvaram elles para que, não fazendo pesar só sobre uns os males da patria, derramasse tambem por todos os que podessem contribuir a parte proporcional aos seus teres, na certeza de que elles pelo seu influxo fariam quanto podessem para que os collectados não repugnassem á paga do que assim se lhes lançasse. Desde então o governo, revestindo-se da energia, de que em taes circumstancias precisava para realisar a satisfação das quotas de um novo emprestimo, que só veio a ser decretado em 29 de abril, não duvidou impôr aos refractarios a pena de cadeia, e de pagarem dentro della o dobro da primitiva derrama, e no fim de certos dias o dobro desta ultima, quando ainda assim continuassem em persistir remissos, subtrahindo-se ás suas respectivas entradas[1]. De Lisboa poucos ou nenhuns recursos de vulto lhe podiam ir, não só pela vigilancia, com que o governo usurpador perseguia os Liberaes, mas porque quasi todos elles se achavam exilados, presos, e privados da administração de seus bens, e neste caso mal podiam ter para si, quanto mais para emprestar. Entretanto o ministro da fazenda para lá escrevêo, e o barão de Quintella, que sobre o contracto do tabaco, que lhe offereceram, tinha já adiantado quantias de vulto, não duvidou agora adiantar mais £ 20:000 sobre Inglaterra, que com as anteriores quantias por elle adiantadas, perfazia um total de £ 65:000. Por outro lado acrescêo tambem que o governo, sem lhe embaraçar com o fecho da barra, mas obrigado pelos apuros em que se via, tambem

[1] Todos os moradores do Porto estarão ainda hoje lembrados de que o negociante Lobo, da Reboleira, tendo recusado satisfazer a sua quota de 2:000$000 réis, foi por esta causa mettido na cadeia, e intimado para pagar de lá quatro no fim de oito dias, esgotados os quaes, teve de pagar oito para ser solto: e é galante o que além disto se acrescenta mais, dizendo-se que este homem, aliàs de uma grande reputação de usurario, affirmára, para justificar a sua conducta, que estando muito mal parada a causa constitucional no Porto, tomára por expediente fazer toda esta simulada resistencia, para que os miguelistas o deixassem depois gozar em paz o resto da sua grande fortuna, diminuida pelos emprestimos forçados da parte dos realistas e dos constitucionaes. Deste modo pôde o governo, auxiliado pelo tempo, realisar deste emprestimo a quantia de 103:085$000 réis.

não duvidou decretar em 15 de março que os generos existentes na alfandega, inclusos os de exportação, despachassem e pagassem no praso de 15 dias os respectivos direitos de consummo ou de sahida, medida esta que contra si teve não pequenos clamores; mas que nem por isso deixou de executar-se, e o thesouro de levantar as quantias, de que precisava em tamanha urgencia. Mas a morosidade andava necessariamente annexa a todas estas medidas, e para a neutralisar, teve D. Pedro de escrever uma carta a Sartorius [1], rogando-lhe que permanecesse fiel á causa, que abraçára, e ao mesmo tempo certificando-o de que as suas reclamações seriam em breve satisfeitas: singular contradicção, a que os repentes do seu genio arrebatado, e a irreflectida condescencia dos seus ministros o arrastára, depois da carta regia da demissão de Sartorius! Do emprego de todos estes meios resultou pois que o governo pôde não só satisfazer dentro em pouco tempo ás reclamações da esquadra, que depois de meiado de abril se apresentou nas aguas do Porto, mas até pagar as letras, que não tinham sido aceitas na praça de Londres, sacadas no Porto sobre a casa de Carbonell.

Aplanadas assim estas difficuldades, e abastecido o Porto desde os fins de março, outros males de novo vieram ainda acometter a cidade: o fogo da bateria do Candal, e o da construida por detraz do castello de Gaia, aterrava consideravelmente a todos. O alto de Gaia domina completamente todos os bairros do Porto, e D. Pedro, não obstante os avisos que o coronel Hare lhe fizera para o occupar no principio do cêrco, desprezára-o pela grande falta de gente que tinha para guarnecer toda a sua extensa linha. Desde os fins de fevereiro que os miguelistas o tinham fortificado, e o seu fogo destruidor começou a ser desde então o terror de toda a cidade: alcançando o bairro de Cedofeita, e a Ramada Alta, não houve d'ahi por diante logar seguro para pessoa alguma, e o mesmo D. Pedro esteve a ponto de mudar novamente de habitação. Quantas vezes as bombas daquellas

[1] Em 30 de março.

baterias, passado um certo silencio depois do seu tremendo estampido, não faziam sahir das casas em que cahiam, e arremessar para a rua as pessoas de um e outro sexo, que espavoridas, arrepelando os cabelos, e borbulhando-lhes as lagrimas pelos olhos fóra, gritavam pela falta de algum parente, que tinha ficado victima do terrivel projectil! Assim se annunciavam algumas vezes as mortes dos que succumbiam por semelhante fórma. Estas scenas não era raro repetirem-se a bem pequena distancia umas das outras, e posto que em grande numero tivessem logar na rua de Belmonte, e geralmente na encosta que olha para Villa Nova, desde a bateria da Victoria até ás praias do Douro, e desde a igreja da Sé até á de S. Pedro Gonsalves, comtudo os outros bairros da cidade começaram desde o mez de março a ser terrivelmente incommodados. No primeiro deste mesmo mez se assestou no Prado do Bispo uma bateria de duas peças e um morteiro contra a do alto de Gaia; mas não produzindo vantagem, e recorrendo-se ao estudo dos fogos cruzados sobre aquelle alto, teve de se construir a meia encosta sobre o caes de Maçarellos, e junto de S. Pedro Gonsalves, uma nova bateria, que junta com a das Virtudes, Victoria, e Prado do Bispo, cruzavam todas os seus fogos sobre a terrivel bateria de Gaia. Desde então os estragos nella causados foram tantos, e de tal ordem, que os realistas lhe pozeram o nome de *matadouro*, e de *açougue*, sendo depois disso necessario quintar até os soldados que a deviam ir guarnecer [1].

[1] Apesar deste cruel bombardeamento, nada fazia desanimar os defensores do Porto: conversas reciprocas entretinham elles com os seus inimigos durante as noites de inverno. Alli, sobre as alcantiladas ribanceiras, que deitam para o bello caminho da Foz, se ouviam gritar, no silencio das noites, para os seus contrarios, de piquete em Santo Antonio do Valle da Piedade: *ó corcundas! ó caipiras!* Outras vezes entabolando conversas e argumentações, levantavam os miguelistas a voz, e diziam: *ó malhados! o vosso rei sentado n'uma cadeira vê de um só golpe de vista todo o seu reino:* ao que os constitucionaes respondiam: *assim será; mas certo é que vocês ha nove mezes que andam a marchar por elle, e ainda não poderam entrar na sua capital.* Todo o mez de março foi neste anno de quaresma, e referindo-se a esta circumstancia disse uma vez um realista: *vocês são tão desgraçados, que nem padres tem para neste tempo se confessarem*: a que um dos soldados

Pela parte do Norte do Porto o inimigo procurava incessantemente estudar todas as elevações do terreno, onde podesse construir baterias, para não deixar ficar na cidade um só ponto morto, e com estas vistas se apressou com a construcção de uma dellas em frente de Campanhã, annuncio de outra que em breve teria provavelmente de apparecer na bella posição do monte das Antas, onde ameaçava ser tão terrivel como da parte do Sul o era a bateria de Gaia. Aquelle monte tinha sido até então occupado por um simples piquete constitucional; mas D. Pedro mandou na noite de 23 de março levantar nelle uma trincheira para começo de fortificações de mais vulto. Ao amanhecer do dia 24, vendo aquelles trabalhos os piquetes da descoberta dos realistas, entraram com caçadores n.° 5 n'um continuado tiroteio, que em breve foi auxiliado pela marcha de uma brigada. Corria um domingo no citado dia 24 de março, e D. Pedro dirigia-se, segundo o seu costume, á missa da igreja da Lapa com todo o seu estado maior [1], quando no caminho foi informado de que as tropas inimigas, sahindo dos seus entrincheiramentos em força de 2 a 3:000 homens, avançavam em atiradores sobre o monte das Antas. Os constitucionaes, atacados por força tão superior, tiveram de retirar sobre as suas reservas, vindo a tomar posição perto das suas linhas, o que dêo logar a que os atacantes podessem demolir as obras levantadas, derrubar a banqueta das pipas, que já lá havia, e entulhar finalmente um fosso que se tinha aberto na extensão de algumas braças. Feito isto os mesmos realistas deram em passar depois grandes forças para o lado da Foz, ameaçando por alli um ataque serio;

constitucionaes replicou: *de padres não temos nós cá falta; manda-nos de lá um boi, que nós te mandaremos um padre*. A estas conversas, que iam degenerando em pungentes satyras, fez D. Pedro pôr cobro.

[1] Solignac, depois da sua chegada ao Porto, foi quem resolvêo D. Pedro a assistir com apparato militar á missa na igreja da Lapa em todos os dias de preceito, collocando-se para esse fim na capella mór daquelle magnifico templo cadeiras razas de veludo vermelho, dispostas em fileira do lado da Epistola, no pavimento baixo do subpedaneo do altar, a primeira das quaes era destinada a D. Pedro, a segunda ao marechal Solignac, seguindo-se depois as outras para os mais generaes, e concorrentes.

mas chegando as tres horas da tarde sem apparecer semelhante ataque, o mesmo D. Pedro se resolveo a mandar retomar a posição do monte das Antas, occupada já por uma força inimiga, não inferior talvez a 6:000 homens. Para este effeito sahio pela estrada de Vallongo uma columna, que devia atacar a esquerda dos realistas: uma outra columna se destinou para os atacar na direita, commandada pelo coronel Francisco Xavier da Silva Pereira, que marchando corajosamente a occupar o disputado monte, vio fugir diante de si o inimigo, que apoiado nas suas reservas, voltou novamente ao ataque, e disputou teimosamente o terreno. Então foi gravemente ferido o bravo major *Sadler*, que mais tarde veio a succumbir das feridas que recebeo. O conflicto tornára-se bastante critico, e a confusão appareceo outra vez entre os constitucionaes, e particularmente entre os inglezes, que tiveram de abandonar por segunda vez o local das suas projectadas fortificações, de que já se achavam senhores. Foi neste momento que a columna, sahida pela estrada de Vallongo, dando animo e calor aos fugitivos, promptamente os fez tornar a si, e os levou com tal impeto contra o inimigo, que este teve de retirar-se precipitadamente, dando assim logar a que a posição disputada ficasse por terceira e ultima vez em poder dos constitucionaes, que desde então poderam definitivamente levantar sobre o monte das Antas o reducto do seu mesmo nome [1].

Continuava pois o Exercito Libertador coberto de gloria pelos seus recentes triumphos; mas os que nos reductos do Pasteleiro e Pinhal tinham sido alçançados pelo general Saldanha, em 4 de março, eram outros tantos motivos de dissabor e amargura para o ministerio, e os seus partidistas, que nas derrotas do inimigo viam o annuncio dos seus proprios desastres pela desmedida influencia de um rival, que de dia para dia se tornava cada vez mais poderoso pelas

[1] Os constitucionaes tiveram neste dia a perda de 21 mortos, 212 feridos, e 3 prisioneiros ou extraviados, comprehendendo ao todo 236 homens, dos quaes 29 eram officiaes: segundo uns mappas vindos de Lisboa, a perda do inimigo foi de 226 homens; mas no Porto computaram-na em não menos de 1:000, incluindo 186 mortos no campo.

suas victorias. Saldanha tinha organisado para a parte da Foz um *club*, em que entre muitos militares entravam tambem alguns officiaes superiores do Exercito, de muito bom nome e reputação. Pela sua parte o governo tambem tinha destas associações, a que naturalmente não podiam deixar de pertencer os aspirantes á magistratura, e aos mais empregos do Estado, e não será para accusar de temerarios os que a estas taes associações attribuirem o systema, que as de um e outro partido se propozeram seguir para o seu reciproco ataque e defeza, e donde por conseguinte partiram os planos com que os dois partidos, transpondo os limites do licito e justo, reciprocamente se tornaram cada vez mais inimigos. Nestes termos não admira que os meios de que o governo ultimamente se servira para manter o exercito, e conservar a esquadra, fossem transtornados pelos seus inimigos, e por elles olhados como outras tantas violencias e extorsões; a carta, diziam elles, acha-se infringida a cada passo, e o caminho para o absolutismo trilha-se assim a largos e seguros passos. Vê-se pois que no mesmo dia, em que os ministros mendigavam pelas portas dos capitalistas algumas quantias para custearem as mais urgentes despezas, varridos como estavam os cofres publicos de todo o numerario; no mesmo dia, em que no commissariado se ignorava pela tarde quaes seriam os generos, com que na manhã seguinte se havia de fornecer as tropas, esperando pelos desembarques da noite proxima, nesse mesmo se tramavam cada vez mais fortes as intrigas contra elle formadas. A Opposição olhou sempre para D. Pedro como necessitado a viver no Porto, quaesquer que fossem os desgostos por que o fizessem passar, não se lembrando que sem este centro forte, que de baixo do seu nome escudava a causa constitucional dentro e fóra do paiz, sem um certo freio, com que impunha respeito ás demasias de ambos os partidos, não era possivel conservarem-se por um só dia unidos os defensores do Porto. Entretanto a mesma Opposição passou de palavras a vias de facto, quando, para guerrear o ministerio, mandou da Foz em deputação ao Porto ao ministro da marinha, Bernardo de Sá Nogueira,

dois dos seus mais distinctos membros, para lhe sollicitar a queda dos seus collegas, exceptuado elle unicamente. Era muito exigir de um homem de honra, reduzil-o a fazer o papel de traidor para com os seus collegas. Bernardo de Sá, bem longe de annuir ao que delle se exigia, buscou socegar os da deputação, pintando-lhes a má situação, a que a causa constitucional se achava naquelle tempo reduzida; a penuria de dinheiro para custear as despezas de cada dia, a escacez das munições de guerra, e finalmente a falta de viveres, reunindo-se aínda a tudo isto a necessidade, que os ministros tinham, por maior desgraça sua, de se mostrarem alegres e prasenteiros no publico, para que se não desanimassem os amigos da causa, nem se dessem esperanças aos seus inimigos. A tudo isto lhes acrescentou mais, que esta penosa situação era tão conhecida de D. Pedro, que elle mesmo havia já escripto para sua esposa, dizendo-lhe que só por milagre se podia salvar a empreza, em que se tinha mettido: e se nesta confissão ingenua claramente se via que elle só por capricho continuava unido ao Exercito Libertador, não se iria com semelhante passo dar-lhe um pretexto honroso para se poder desligar da sua união com os defensores do Porto, vendo assim desacatada a sua authoridade, e coarctadas revolucionariamente as suas prerogativas constitucionaes? E se o seu capricho offendido o conduzira ultimamente a abdicar por caso analogo a corôa imperial do Brasil, não seria elle capaz de dar agora de mão á fantastica regencia de Portugal? E finalmente se indispensavel para a segurança da causa constitucional era a presença de D. Pedro no Porto, não se iria dar logar, quando elle se houvesse de retirar, a que D. Miguel entrasse triumphalmente naquella cidade, e mandasse de prompto executar a quantos Liberaes lhe parecesse conveniente sacrificar á segurança do seu triumpho? Eis-aqui pois a razão, com que pela negativa foi despedida a deputação da Foz, levando de mais a mais a certeza de que a demissão de qualquer dos ministros havia de necessariamente trazer comsigo a delle, Bernardo de Sá, porque com todos elles se achava em boa harmonia ligado.

Todas estas razões, ainda que fortes, e capazes de impressionar os homens não fanatisados pelo espirito de partido, não foram todavia bastantes, já não digo para desviar, mas nem ao menos para retardar projectos tão mal concebidos. Foi do mesmo lado da Foz que se continuaram a pôr em campo todos os possíveis manejos para derrubar os ministros dos seus logares, chegando até a formular-se uma petição com bem pouca honra para a disciplina militar, que devia ser assignada por todos os commandantes de divisão, e de brigada. Neste importante papel, que se deve considerar como um libello famoso contra os ministros do regente, se dizia 1.° que elles o tinham enganado, pintando-lhe com falsas côres o estado da nação. em 1832, e as difficuldades da empreza, a que se abalançára com a sua expedição sobre Portugal, por isso que dando-lhe todo o reino como sublevado só pelo credito e magia do seu nome, que valia mais do que quantas baionetas se podessem empregar, logo que a expedição assommasse no horisonte dos mares de Portugal, segundo as suas lisongeiras expressões, nada mais se tinha encontrado do que a firme e pertinaz resistencia da parte dos realistas: 2.° que haviam retardado as fortificações do Porto, e adoptada uma vez a sua defeza, se haviam esquecido não só de occupar as vantajosas posições da margem esquerda do Douro, mas até toda a porção de terreno, que desde Lordello vae até ao mar, expondo-se assim o Porto a não receber de fóra o mais pequeno soccorro, e por conseguinte o Exercito Libertador ou a morrer de fome. ou a atacar desesperadamente as tropas realistas, em força de 40:000 homens, defendidos pelas suas formidaveis linhas de circumvalação e contravalação: 3.° que se não procedera com franqueza e lealdade, não annunciando aos habitantes de Villa Nova a necessidade de se retirarem para o Porto com todos os seus effeitos e generos: 4.° que todo o ministerio, e não um só dos ministros, era responsavel de se não ter feito recolher para a cidade a grande riqueza dos vinhos e aguas ardentes, que a companhia do alto Douro tinha nos armazens de Villa Nova: 5.° que estreitando-se o cêrco, se

deixaram levantar ao inimigo quantas baterias lhe aprouve, e sobrevindo o bloqueio da barra, nem antes, nem depois se fizeram depositos de mantimentos, nem de munições de guerra, sendo por este modo os ministros os verdadeiramente culpados nos males, por que tinham passado, e estavam passando os habitantes e defensores do Porto: 6.° que não se tendo sustentado o principio da liberdade de commercio, teve de se recorrer depois ao violento systema restrictivo, e ás contradictorias medidas do ministerio a tal respeito, medidas que tão poderosamente haviam contribuido para a fome e miseria, que se soffrera, e continuava soffrendo: 7.° que os unicos recursos dos ministros só eram as execuções fiscaes, os emprestimos forçados, e as multas despoticamente impostas, vexando-se assim, por meios tão extraordinarios e violentos, um povo já espoliado por D. Miguel n'um milhão de cruzados, e agora mesmo sobrecarregado por tantas maneiras, quando se achava paralisado o commercio interno e externo, e quando mais necessidade havia de exaltar o patriotismo dos cidadãos abatidos por tantos trabalhos e sacrificios feitos: 8.° que em vez de se animar o valor, de se recrutarem soldados, e agenciarem munições para o exercito, se tinham creado tribunaes fantasticos, e nomeado juizes sem vara, além do aparato de repartições inuteis, tal como a de segurança publica: 9.° que não tendo o ministerio por si a opinião publica da cidade, do exercito, e dos governos da Europa; que havendo temido a urna eleitoral, pela não ter consultado para dar aos habitantes do Porto os seus magistrados municipaes, pedia-se em tal caso que, usando o regente do poder moderador, houvesse por bem demittir o seu ministerio, e nomear um presidente do conselho, que reunindo a confiança do publico, a do mesmo exercito, e a da Europa com a delle regente, lhe propozesse as pessoas, que déviam compôr e completar a nova administração. É bem facil de ver que o general Saldanha era nesta petição o indigitado para o logar de presidente do conselho, e é notavel que nem um só dos individuos lhe prestrasse o seu consenso com a sua assignatura,

sendo tantos os que o deviam fazer. Parece que uma vez approvada a materia do seu contheudo, com pressa se procedêo á sua redacção; mas o duque da Terceira, que primeiro a devia assignar, duvidou fazel-o, e a traz delle todos os generaes de divisão e brigada, desculpando-se em querer primeiro ver assignados os de mais antiga e elevada graduação. No meio desta indecisão alguem houve, que não querendo perder o trabalho de tal petição, não só a levou ao marechal Solignac, mas até o resolvêo a apresental-a a D. Pedro, que pela sua parte a entregou promptamente aos seus ministros, correndo então os fins do mez de fevereiro, ou principios de março. Solignac, que por este tempo tinha perdido completamente o prestigio do seu saber militar, e que nada mais fazia que conservar-se teimosamente no seu systema de inercia, resistindo sempre ás insinuações, que o governo lhe fazia para entrar em operações activas, como o unico meio de salvar a causa constitucional, forçosamente havia com este passo de rematar o seu total descredito, e chamar contra si a mais viva indisposição dos proprios ministros, intromettendo-se tão abertamente nas intrigas dos partidos contra elles dirigidas, e patrocinando a causa do general Saldanha. Em breve se verão os funestos effeitos de tão indiscreta conducta da parte deste general.

Por este tempo era chegado o dia 4 de abril, anniversario do nascimento da rainha, mas porque tinha cahido em quinta feira santa, fôra o recebimento da côrte transferido para a segunda feira da pascoa, em que se contavam 8 do referido mez. Tristes eram por certo as circumstancias do Porto para se festejar condignamente tão solemne anniversario: todavia fez-se o que se podia fazer. A salva real das seis horas da manhã, repetida ao meio dia, e á noite, chamou sobre a malfadada cidade do Porto todo o fogo das baterias inimigas da margem do Sul do Douro. D. Pedro, depois de assistir em grande uniforme ao solemne *Te Deum*, que a camara municipal fizera cantar na igreja da Lapa, veio receber n'uma sala do quartel militar do campo de Santo Ovidio, com mais ar de general que de imperante, o

cortejo proprio do dia, publicando-se alli por esta occasião a lista dos despachos, no primeiro dos quaes figurava o municipio do Porto com a honrosa commemoração dos sacrificios, por que se achava passando, ordenando D. Pedro que o segundo filho ou filha dos reis destes reinos tivesse o titulo de duque ou duqueza do Porto, e que o escudo municipal da cidade, não só fosse ornado em harmonia com aquella mercê, com a corôa ducal, mas que até fosse acrescentado com a insignia da grã-cruz da Torre-e-Espada, servindo o respectivo collar de orla ao mesmo escudo, tendo a medalha pendente[1]. Apesar do desagrado em que o marquez de Palmella incorrera para com D. Pedro, os seus valiosos serviços, tanto os que em 1828 prestára como embaixador em Londres, dando ás mais legações portuguezas o primeiro exemplo de corajosa opposição ás pertenções de D. Miguel, como os que igualmente prestára durante a emigração, particularmente na qualidade de presidente da regencia na ilha Terceira, não poderam ficar esquecidos neste dia, sendo-lhe como tal galardoados com o titulo de duque do Fayal de juro e herdade, commutado depois para o de Palmella, garantindo-se-lhe a par disto uma dotação perpetua, que se decretaria em tempo competente. Entre os restantes despachos notou-se que se muitos houve de justiça, outros podiam ficar omissos, servindo todavia de maior reparo que entre os agraciados nem um só se encontrasse de reconhecida desaffeição aos ministros. E com effeito os importantes serviços dos defensores da ilha Terceira ficariam em completo esquecimento, a não se ver na lista dos despachados um dos individuos, que nella mais se haviam distinguido; mas os da celebrada victoria da villa da Praia de 11 de agosto de 1829, e os da campanha dos Açores não tiveram por si a mais pequena commemoração. Pela noite a cidade illuminou-se como era possivel no meio das circumstancias de

[1] Quando no anno de 999 a cidade do Porto foi reedificada, e ampliada pelos fidalgos gascões, querendo-se elles mostrar agradecidos para com a Virgem Maria, tomaram para armas da cidade a imagem da mesma Virgem com o seu Unigenito Filho reclinado sobre o peito, collocada entre duas torres, com uma letra que diz: *Civitas Virginis*.

apuro, em que se achava. Em frente da casa da camara na Praça Nova, ou Praça de D. Pedro, levantára-se um bem desenhado obelisco, que com uma brilhante illuminação sustentava o retrato da joven rainha. A celebre Torre dos Clerigos, de um lançado elegante e delgado, que parece querer ir sumir-se na altura das nuvens, chamou sobre si, pela sua vistosa illuminação, os repetidos tiros das baterias inimigas, que desta vez a erraram, como sempre lhes succedera em todos os mais anniversarios, que alli se festejaram. O numero das bombas, que nesta noite cahiram na cidade, foi sobremaneira excessivo, havendo a desgraça de uma dellas matar na sua propria cama um dos mais entendidos facultativos da emigração, o medico Paulino de Nola Dias Carrêro, que victima das suas idéas politicas emigrára com a Divisão Leal por Galliza em 1828.

Em quanto o fogo do inimigo assim continuava activo por uma boa parte da noite, os ajudantes, e mais pessoas do estado maior do marechal Solignac, e dos commandantes de divisão, tiveram ordem de comparecer sobre a madrugada nos seus respectivos quartèis generaes: todos anteviam um ataque proximo no campo inimigo; mas por onde fosse não se sabia ao certo, posto que se suspeitasse. O monte Cobello tinha sobre si chamado a attenção do conde, de S. Lourenço: isolado e sobranceiro como aquelle monte está a um dos extremos da cidade pelo lado do Norte, nelle se podia construir uma bateria, que nas mãos dos realistas seria dos mais funestos effeitos para os constitucionaes. Este monte, apesar de muito avançado das fortificações inimigas, e de ser flanqueado por duas gargantas de terreno baixo, tendo sobre a sua direita o monte da Sêcca, que facilmente podia ser ganho por um precipitado arrojo, não só era a séde de um piquete miguelista, mas começára desde os fins de março a apresentar uma estacada, e depois della uma banqueta de pipas, que já no dia 8 de abril não bastava para encobrir a actividade dos trabalhos de fortificação, que á sombra della se faziam. Eram estes trabalhos os que com toda a razão affligiam os moradores do Porto, criminando o

desleixo de tão descançadamente se deixarem levantar fortificações inimigas dentro do alcance do ponto em branco das trincheiras constitucionaes. D. Pedro, que excessivamente activo, algumas vezes fez succeder a maior energia á grande apathia dos seus generaes, mandou finalmente atacar o monte Cobello pela tarde do dia 9 de abril, ataque que teve por si a fortuna de não ser pressentido pelo inimigo, em vista do segredo com que foi acompanhado desde a sua concepção até á sua execução. O coronel José Joaquim Pacheco, encarregado desta operação, pôz-se em campo pelas cinco horas e meia da tarde, com duas pequenas columnas, uma das quaes, sahindo pela estrada da Aguardente, ou Cruz da Regateira, tinha por fim marchar sobre a esquerda do monte em questão, em quanto a outra, largando pela estrada do Sério, devia assaltar a direita do mesmo monte. A marcha das tropas executou-se por caminhos encobertos, e cheios de muros, e com tanta presteza se fez, que os realistas foram completamente surprehendidos, tendo alli infanteria n.° 12 e 13, um regimento de milicias, e um batalhão de voluntarios. Neste ataque portaram-se os constitucionaes com a maior bravura e coragem, e a sua celeridade foi tal, que em sete minutos e meio pozeram os inimigos em fuga, e assenhoreando-se do disputado monte, demoliram as obras por elles começadas, e levantaram em sentido contrario as suas, favorecidas pelo material que alli acharam, e pela escuridão da noite, que sobreviera logo ao seu triumpho. Apesar disso os realistas ainda durante a noite se propozeram occupar o monte da Sêcca, sentidos pela perda da sua bella posição do Cobello, sendo todavia postos em completa debandada, e acabando pelas quatro horas da manhã do dia 10 o tiroteio, que se entretivera por toda a noite. Por segunda e terceira vez tornaram elles a tentar fortuna, vindo sobre o Cobello; mas os constitucionaes estavam já tão seguros da sua posse, que apesar de não terem alli mais de umas tres companhias de infanteria, nem as reforçaram, nem foram desalojados, porque em fim os miguelistas, depois de terem neste mesmo dia ameaçado infructuosamente as for-

tificações de Lordello, e o monte das Antas, achavam-se com bastante razão fatigados, os animos abatidos, e as esperanças acabadas quanto a recuperar o ponto, que anteriormente haviam occupado, vingando-se somente em empregar contra elle por muitos dias depois um activo tiroteio, mettidos por varias casas e muros, donde a seu salvo entretinham aquella fuzilaria. Esta operação sobre o Cobello foi com effeito uma das mais rapidas e brilhantes de quantas se fizeram no Porto, e da qual o mesmo D. Pedro por varias vezes se vangloriou depois [1]. Todas as baterias constitucionaes, que podiam alcançar as tropas realistas, desde a dos Congregados até á Ramada Alta, sustentaram sempre um bem dirigido fogo durante o ataque: da parte dos defensores do Porto nem um só deixou de cumprir com os seus deveres, em quanto que os realistas ficaram conhecendo por mais esta derrota a inefficacia dos seus esforços, e a irregularidade dos seus ataques, podendo afoutamente dizer-se que tão prolixo cêrco havia de continuar indefinidamente em quanto os sitiados alcançassem meios para entreter a lucta.

Tal era com effeito o estado do exercito sitiante, e sitiado, no fim de nove mezes de multiplicados combates, e extraordinaria perda de vidas de parte a parte, de modo que se os defensores do Porto eram insufficientes para vencer em campo os seus contrarios, tambem os miguelistas se mostravam impotentes para poderem entrar n'uma cidade, defendida n'algumas partes por acanhadas fortificações, mas em troca disso coberta de quando em quando por uma nuvem de bombas e balas, victima de duas graves epidemias, a *cholera* e o *typho*, e finalmente ameaçada de fome, como esteve por algum tempo. Os desembarques, effeituados na pequena praia dos Inglezes, eram por conseguinte a unica salvação do Porto. O coronel José da Fonseca, governador do castello da Foz, tinha já sido o alvo de desatinadas murmurações, por não ter devidamente obstado, nem destruido em tempo as terriveis trincheiras e baterias do Cabedello,

[1] A occupação do Cobello custou aos constitucionaes a perda de 31 mortos, 138 feridos, e 9 extraviados.

e malquistado depois disso com o piloto mór, authoridade para quem em taes circumstancias eram necessarias todas as attenções do governo pela sua influencia nos homens das catraias, e por conseguinte na maior copia, e boa direcção dos desembarques, e reunindo com tudo isto a qualidade de votado partidista de Saldanha, e de pronunciado inimigo dos ministros, nada o podia conservar em semelhante logar, para o qual de prompto se lhe designou substituto na pessoa do brigadeiro Diocleciano Leão Cabreira, que com o governo daquelle castello, teve, como o seu antecessor, de proteger igualmente os desembarques á custa de combates. A chegada da esquadra constitucional ás aguas do Porto, em 18 de abril, fizera desapparecer do mar as lanchas dos miguelistas, que armadas e guarnecidas se destinavam a embaraçar os barcos das descargas, algumas das quaes ainda neste mez foram tão escassas para o governo, que na falta de mantimentos teve elle de recorrer á distribuição de arroz e assucar á tropa, havendo igualmente dias em que por falta de meios se vio obrigado a lançar mão da odiosa medida de embargar o pão, que achou nos differentes fornos, para consumo da cidade. Foi neste apuro de meios que elle fez entrar no thesouro os dinheiros que achou no deposito publico, e no cofre dos orfãos, chegando até a aprehender nas mãos de um inglez uma letra de oito contos de réis, pertencente a pessoa que se achava no campo inimigo. Um fortuito caso lhe veio inesperadamente dar mais um pequeno auxilio, que nas suas circumstancias foi todavia de grande soccorro. O ministro da fazenda, mostrando dar-se mal na casa em que vivia na rua de Cedofeita, mudou de habitação para outra na rua de Santo Ovidio: a esta mudança se seguio o boato, e em seguida delle o achado de um thesouro escondido, que foi logo para casa do juiz do crime do bairro de Santa Catharina, e de lá em direitura para o thesouro, importando a quantia achada em trinta e sete contos de réis; mas que o povo elevára nas suas conjecturas a obra de mais vulto. Para tudo se tornar cuidadoso ao governo, até a falta de vinhos começava a merecer-lhe a sua attenção; mas elle

mais cauteloso agora do que o fôra no anno anterior, não só ordenou [1] que se procedesse a um embargo em todo o vinho de propriedade portugueza, existente nos limites das linhas de defeza; mas até decretou [2] permittida no Porto a entrada de vinhos nacionaes e estrangeiros, e a de licores, e mais bebidas espirituosas, á excepção da aguardente, debaixo de qualquer bandeira que fosse.

Os miguelistas pela sua parte a nada mais recorriam do que a bombear o Porto, esquecidos de que as victimas deste seu barbaro procedimento em nada concorriam para a entrega de uma cidade, cujos moradores, familiarisados já com as desgraças de tal bombardeamento, resignados se conformavam com a sua sorte, ao passo que os verdadeiros combatentes, em armas sempre junto das linhas, eram os que menos experimentavam o effeito destruidor de tantas balas, bombas, e granadas. Defronte da quinta da China, ou na Fonte da Pedrinha, e em frente do monte das Antas, ainda por este tempo os inimigos levantaram novas baterias. A sua raiva nem ao menos perdoava aos hospitaes, sendo necessario que o capitão Glascock, commandante da corveta ingleza Orestes, intercedesse para com o general Lemos, e livrasse os miseraveis doentes de semelhante flagello. As duas unicas escunas de guerra, que D. Pedro tinha ainda dentro do Douro, fizeram com que o mesmo general Lemos officiasse ao consul inglez para fazer desviar do pé daquelles navios as embarcações mercantes da sua nação, por ter de ir abrir o fogo contra elles. Este repentino movimento de semelhantes embarcações, largando do seu ancoradouro da margem direita para a esquerda do Douro, assustou a todos os proprietarios dos navios portuguezes, que immediatamente os pertenderam metter a pique. A confusão redobrou ainda mais quando no meio destas circumstancias correo que pelo rio abaixo devia descer uma flotilha de canhoneiras, contra a qual se projectou ainda o emprego de umas amarras de ferro, atravessadas de uma para outra margem. O tempo fez

[1] Portaria de 23 de março.
[2] Em 3 de abril.

em breve conhecer a falsidade destes boatos, e posto que contra o brigue-escuna Liberal rompesse effectivamente o fogo da bateria do Candal, todavia illudindo durante a noite de 17 de abril a vigilancia das baterias inimigas, o seu commandante pôde conduzil-o a remo até ao Cabedello, onde teve então contra si o fogo de mosquetaria, e o das baterias daquelle mesmo local, e a que elle respondêo sempre tiro por tiro, até que sahio a barra á espia pela volta da meia noite, com a perda de um guarda-marinha, e dois marinheiros a bordo [1]. Perdidas pois entre os miguelistas as idéas de que o Porto capitulasse, resolveram por mais outra vez seduzir ainda os seus defensores, introduzindo dentro da cidade por meio de mulheres e homens peitados, e até mesmo dentro das bombas, que contra ella empregavam, uma ordem do dia em francez, inglez, e portuguez, em que o general conde de S. Lourenço os convidava á deserção: esta ordem do dia a fez D. Pedro publicar logo na Chronica, nas mesmas tres linguas, em que vinha escripta, sem que depois disso as deserções se mostrassem mais copiosas do que d'antes eram [2].

Era exactamente no meio de tantos apuros, e grandes difficuldades, que o indocil espirito de partido entre os constitucionaes rebentou indiscretamente no Porto contra Solignac. Fôra o ministro da justiça o que mais particularmente tomou a seu cargo, como chefe de policia, vigiar de perto o marechal, e até mesmo haver á mão a correspondencia delle para França, receiando-se que por ella chegassem ao conhecimento da imperatriz do Brasil, D. Amelia Augusta, segunda esposa de D. Pedro, algumas queixas contra o ministerio. Para este fim se chegou a comprar até o secretario do mesmo Solignac, e se conseguio com effeito alcançar uma parte da sua desejada correspondencia, não sem que o marechal disso fosse informado algum tempo depois

[1] Era commandante desta escuna o segundo tenente Francisco Soares Franco Junior.

[2] No dia 11 de abril tinha D. Pedro mandado fuzilar nos campos de Cedofeita dois desertores e um alliciador, todos tres convencidos do seu crime.

pela confissão de um francez, que mandára prender, e se lhe tornára suspeito pelas continuadas visitas ao seu secretario. Colerico e abrasado na mais justa ira, Solignac foi de prompto queixar-se a D. Pedro, e depois de energicamente lhe expôr o delicto dos seus ministros, e de lhe pintar o descredito, que tinham fóra e dentro do paiz, e a necessidade de os substituir, concluio pedindo pelo menos a demissão do ministro da justiça, que tão gravemente o offendera, ou no caso contrario, a sua exoneração do commando do exercito. Pouca falta fazia quem a tal desconceito chegára, e D. Pedro, que o olhava já como um importuno, nem demittio o ministro, nem dêo a exoneração ao marechal, que continuando assim ludibriado, augmentára aos olhos de toda a gente o despreso, em que desde certo tempo havia entre todos cahido. D. Pedro, que tinha attribuido tudo isto ás intrigas e ambições de Saldanha [1], não podia já hesitar na opção; mas a questão, que se lhe antolhou a elle e aos seus ministros, era a da pessoa, que devia substituir Solignac. O duque da Terceira achava-se ainda debaixo do enorme pêso moral da vergonhosa debandada de Souto-Redondo. Stubbs, além de não ter por si reputação para general de plano, era por outro lado já bastante idoso, parecendo incapaz da actividade e fadigas, que em taes casos demandava o commando de um exercito, cousa para que tambem não concorria pouco o seu temperamento flegmatico. Restava, por exclusão de partes, sómente o general Saldanha, e ainda que rival poderoso, forçoso era transigir com elle, e com elle effectivamente se transigio, fazendo tentar a sua ambição [2]. Era pela tarde de 19 de abril, quando chegou á Foz um mensageiro, pessoa não desagradavel ao mesmo Saldanha, que da parte do governo lhe foi offerecer o commando do exercito, sob o especioso pretexto de o livrar do desaire de ser commandado por um estrangeiro. Ou fosse que Saldanha quizesse pagar a Solignac os bons officios da entrega

[1] Veja Memorias de José Liberato, vol. 4.°, pag. 58.

[2] Sobre este facto continúo a reportar-me ás já citadas Memorias de José Liberato.

da petição, em que já se fallou, ou fosse que semelhante convite, ainda que lisongeiro, lhe infundisse suspeitas da parte de quem lho fazia, a sua resposta foi pela negativa, allegando *que maior desaire era demittir sem causa um general estrangeiro do commando do exercito portuguez, do que conserval-o agora n'um logar para que tinha sido convidado.* Entretanto o ministerio, ou pelo menos o ministro da justiça, tinha decretado a demissão de Solignac: era-lhe forçoso leval-a a effeito, e se as vias legaes lhe não favoreciam os seus planos, as revolucionarias foram as que mais propicias se lhe antolharam. Não tem corrido no publico o fio dos escondidos trabalhos, que para tal fim se empregaram; mas pelo que então corrêo, e pelo que se tem já visto impresso, Saldanha devia pagar com a vida a recusa ou despreso do commando, que se lhe offerecera, em holocausto aos odios, que desde tanto tempo se lhe votavam. Alguem o foi avisar deste plano á Foz, prevenindo-o de que para dar logar á execução, e á destituição do general francez, as ruas do Porto deviam ser testemunhas, na noite de 20 para 21 de abril, de grupos de povo amotinado, gritando por toda a parte: *abaixo com Solignac, e viva Saldanha!* Eis-aqui pois como o partido ministerial tambem não quiz ficar a traz aos excessos do partido contrario, sacrificando com tanta sem razão e imprudencia a causa constitucional á vertigem dos seus loucos caprichos.

A premeditada revolta passou a mais de projecto: os commissarios, cabos, e mais agentes de policia, que já então andavam por numero bastante crescido, foram vocalmente instruidos pelo juiz do crime do bairro de Santa Catharina [1], que Solignac era traidor, que devia sahir do Porto, e que para se levar a effeito esta sahida, elles tinham de correr pelas praças e ruas da cidade, gritando *abaixo Solignac, e viva Saldanha!* Mais sizudo que quem dera taes

[1] O brigadeiro Cunha Mattos, nas suas Memorias da campanha de D. Pedro em Portugal, diz a pag. 306 do 2.° volume, que o ministro da justiça, Joaquim Antonio de Magalhães, fôra quem ordenára ao sobredito juiz, José Bernardo da Silva Cabral, que fizesse semelhante intimação aos cabos e agentes de policia.

ordens foi um dos mesmos commissarios, quando de prompto corrêo a pedir conselho a quem para tão arriscado lance lhe merecia mais confiança. Desde então o sigillo revelou-se, porque avisados os ministros da guerra e fazenda de tão loucos planos, a que se mostraram estranhos, não somente os reprovaram, mas conseguiram até contramandar as ordens já expedidas [1]. À vista disto a noite de 20 de abril passou-se tranquilla, e só na manhã seguinte corrêo definitivamente no publico a crise de que todos estiveram ameaçados, e á qual alguns commandantes de corpos se não diziam estranhos. Como em satisfação á moral publica Joaquim Antonio de Magalhães foi então demittido de ministro da justiça [2], e José da Silva Carvalho, que desde 26 de março havia interinamente substituido no ministerio da marinha a Bernardo de Sá Nogueira, pelo seu ferimento no combate das Antas, deixou esta repartição para ir interino para a da justiça, continuando effectivo na da fazenda: o marquez de Loulé passou por esta occasião a ministro interino da marinha, permanecendo nos estrangeiros, ficando como d'antes no ministerio do reino Candido José Xavier, e na guerra Agostinho José Freire. Com esta modificação ministerial veio igualmente a demissão do juiz do crime do bairro de Santa Catharina [3], e até a repartição da denominada segurança publica passou do ministerio da justiça para o do reino, com o nome de policia preventiva [4], a que por decreto de 29 de abril se deram as mesmas attribuições que o alvará de 25 de junho de 1760 marcára para a intendencia geral da policia: lembrança bem infeliz de um ministro, tal como Candido José Xavier, que contra si tinha a recordação do seu desastroso ministerio da guerra em 1827, e que neste tempo se tornára duplicadamente distincto, fazendo reviver no anniversario da outhorga da Carta Constitucional as leis e creações do tempo eminentemente

[1] Cunha Mattos, logar citado, e José Liberato, vol. 4.°, pag. 53 e 54.
[2] Decreto de 21 de abril.
[3] Decreto de 23 de abril.
[4] Decreto de 28 de abril.

despotico do marquez de Pombal. Entretanto os manejos contra Solignac e Saldanha não pararam com as demissões decretadas: á mais celebre folha do partido miguelista, a *Defeza de Portugal* [1], se foi buscar para se transcrever no periodico official do governo, a Chronica Constitucional do Porto, um famoso artigo contra Solignac, Saldanha, e Stubbs. Neste artigo, que pelo modo da sua publicação visivelmente importava o consentimento, e approvação tacita de algum, ou alguns dos ministros, se accusava o marechal de *fátuo, inepto, e tolo; de general dos cirios; de farfalhão, que fugira das milicias portuguezas*, e por fim *que já pelo governo francez tinha sido demittido por ladrão.* Saldanha e Stubbs pouco mais poupados eram, porque em quanto este se accusava de *ter já fugido do marquez de Chaves em* 1827, áquelle dava-se-lhe o epitheto de *general das archotadas!* Tido como um *libello famoso*, este artigo dêo desde logo penosa e afflictiva occupação a todas as intelligencias, porque correndo de mão em mão por todo o exercito, forçosamente acarretava o descredito para os seus generaes mais distinctos, e era até mesmo um passo para a indisciplina. O clamor publico foi por tanto geral contra elle, e fazendo o seu devido effeito, trouxe por conseguinte comsigo a suppressão do respectivo numero da Chronica [2], e a remessa para os tribunaes ordinarios dos cumplices na publicação de um artigo, em que com tão grave escandalo, e intoleravel abuso se ludibriavam personagens os mais respeitaveis, e que como taes mereciam toda a consideração ao governo nos importantes cargos de que se achavam revestidos. Apesar disto nunca uma tal linguagem os ministros a harmonisaram com os seus factos subsequentes.

Por esta fórma remittiram, mas não esqueceram de

[1] Esta folha era redigida por um exaltadissimo apostolo da usurpação, o famoso padre Alvito Buella, natural de Galliza, donde se passou para este reino em companhia do notorio marquez de Chaves, depois de lá ter sido membro de *la santa hermandad.*

[2] Esta suppressão foi todavia feita de tão má vontade, que n'algumas repartições publicas apenas se entregaram os novos numeros do periodico em questão, sem se pedir a restituição dos supprimidos.

todo as animosidades dos ministros contra Solignac, não concorrendo pouco para esta especie de tregoa as importunas requisições do coronel Bacon, o commandante de lanceiros, que chegou a ponto de pedir a sua demissão, na quasi absoluta carencia das cousas, que precisava para o seu regimento, requisições que o governo por falta de meios lhe não podia satisfazer. Por outro lado era este o tempo, em que as deserções e emigração de Lisboa para o Porto tinham chegado ao seu auge, e dia houve em que se apresentaram um major de engenheiros com 60 soldados de artilheria, e 4 paisanos. Com estes soccorros de gente, e o recrutamento estrangeiro, o Exercito Libertador contava em abril 18:011 homens, com 282 cavallos de fileira, e no mez de maio 17:857, com 296 cavallos, avultando naquelle numero uns 6:151 individuos de batalhões nacionaes. Deste modo a força de primeira linha do exercito de D. Pedro, depois de tantos combates e deserções, mais algum vulto fazia do que aquella com que desembarcára nas praias do Mindello; mas as esperanças, com que viera a Portugal, tinham já caducado, e tão diminuta força não era possivel poder ter vantagem em campo contra o numeroso exercito realista. Pela sua parte, este exercito, contaminado pela desconfiança, e propenso como tal a appellidar sempre de traição a derrota dos seus generaes, achava-se igualmente cançado de tão diuturna guerra, e de cêrco tão prolongado. O mesmo D. Miguel parecia augmentar mais esta desconfiança pela sua continuada nomeação de commandantes para o exercito, e até por fim com a destituição do marechal de campo, Joaquim Telles Jordão, que chamado novamente para o governo da Torre de S. Julião, veio espalhar em Lisboa a crença da impossibilidade do exercito realista poder levar de vencida as trincheiras dos constitucionaes do Porto. Desde então o descontentamento fez-se geralmente sentir no exercito, e o epitheto de *malhado* [1], que qualquer dos seus soldados proferia contra os seus officiaes, equivalia a uma proxima des-

[1] Palavra chula, com que os realistas costumavam denominar os constitucionaes.

ligação: finalmente em quanto muitos dos milicianos desertavam para suas casas, os voluntarios realistas vigiavam nos postos avançados, que os soldados de primeira linha não fugissem para os constitucionaes. Foi então que D. Miguel julgou necessario passar uma segunda revista ao seu exercito, que effectivamente teve logar no dia 10 de maio. Apesar disto, e dos vivas com que incessantemente o saudavam, a sua visita nem trouxe mais disciplina, nem mais coragem aos seus soldados, arreigando-se cada vez mais a crença, *que se os Liberaes não tinham força bastante para sahir das suas linhas, e bater os realistas em campo, tambem estes pela sua parte se achavam no mesmo caso para poder vencer as linhas do Porto.* O cêrco apertára-se; mas a porfia com que se pegára nas armas eternizava-se, tendo-se por esta causa tornado gloriosos os trabalhos de tal cêrco. E com effeito pela marcha dos successos claramente se mostrava que as tropas de D. Miguel nada mais faziam que desacreditar o prestigio, que até alli infundia o seu poder, honrar sobremaneira a constancia das tropas de D. Pedro, e tornar altamente celebre no mundo o valor e resolução do pequeno Exercito Libertador.

Nesta impossibilidade pois de terminar tão pesada e custosa guerra civil pelos imperiosos dictames da força, diligenciaram os inglezes ver se a acabavam por algum ajuste amigavel. Já em meiado de março procuraram elles facilitar entrevistas, e promover conferencias entre os generaes constitucionaes e os miguelistas; mas naquelle tempo os deste partido julgavam ainda o triumpho certo pelas armas, e difficilmente convinham em entrar em arranjos amigaveis com os seus contrarios. Em abril e maio as circumstancias tinham já mudado, e a bordo do brigue *Nautilus*, da marinha ingleza, compareceram n'um jantar os generaes Saldanha e Lemos. A conversa da mesa versou, como era bem natural, sobre as contendas politicas, e a situação reciproca dos dois partidos contendores; mas as esperanças de terminar a luta, a não ser pelas armas, acabaram logo nesta primeira conferencia, por não concordar nem um, nem outro dos dois

generaes em prescindir dos direitos á corôa dos seus respectivos soberanos. Todavia ainda se não desistio de novas conferencias, para que de parte a parte se prestaram, acrescentando Lemos que, para não infundir suspeitas entre os seus, algumas vezes viria em logar delle o barão de Haber, o visconde de Torre Bella, ou o da Bahia, cunhado do proprio Saldanha. Não é facil descobrir razão, que cabalmente defenda o procedimento deste ultimo general n'uma questão tão melindrosa e tão grave perante a disciplina militar, de que aliàs devia ser o primeiro e mais rigido mantenedor, pela sua eminente posição no exercito: aceitar com effeito, e entreter n'uma praça de guerra, e sitiada, como estava sendo o Porto, entrevistas e communicações com o inimigo, com a condição expressa de não serem sabidas nem pelo seu governo, de quem não tinha licença para tratar, nem pelo seu general em chefe, o proprio D. Pedro, que igualmente ignorava taes entrevistas, tão longe de lhes serem permittidas, seria isto motivo bastante para dar á disciplina mais um exemplo de severo castigo, e tanto mais digno de reparo se tornava este seu procedimento, quanto que no campo inimigo o sigillo, não sendo tão rigorosamente observado da parte do general Lemos, não era por conseguinte fundado em justa reciprocidade, nem podia ter por si boa fé. A fidelidade de Saldanha julgava-se por este tempo ao abrigo de todas as suspeitas; mas é neste caso fóra de duvida que o seu desmedido capricho o levou a arrogar-se uma importancia tal no acabamento da luta, que quando possa honrar as suas particulares intenções, não o póde de modo algum desculpar diante das leis militares, porque em fim com a mesma razão, com que elle só sobre si se prestára a taes negociações e ajustes, o podia fazer tambem qualquer outro general, e por conseguinte qualquer coronel, e correndo ainda pela escala militar descendente, qualquer capitão, ou mesmo um official subalterno. Tão natural era que o general Saldanha não acudisse a taes conferencias, sem ser de acôrdo com o seu governo, que o proprio capitão Glascock, commandante das forças navaes inglezas do Douro, não du-

vidou referir-se a ellas n'uma disputa, que teve no dia 30 de maio com o marechal Solignac. Desde então o negocio corrêo logo aos ouvidos de D. Pedro, que justamente irritado pela falta de consideração, que com elle se tinha, a alguem se queixou com amargura da irreflectida conducta de Saldanha: a estas queixas de D. Pedro se lhe respondêo, « que sendo absolutamente necessaria a sua presença no « Porto, podia sua magestade infligir affoito ao delinquente « as penas e castigos, que as leis militares lhe impunham, « na certeza de que elle e todos os mais militares, que se « presavam deste nome, sentindo em extremo as irreflexões « de um seu camarada, haviam de necessariamente confor- « mar-se com as disposições das mesmas leis. » Entretanto um negocio de tal magnitude tomou-se no publico como cousa de politica, porque em fim sendo este um passo, que podia franquear caminho ás desregradas ambições de partido, louvou-se como virtude na pessoa do general Saldanha o que por todos os modos era grave delicto. Triste condição de uma nação, quando os partidos não olham para as leis, mas para as suas proprias conveniencias, ou quando faltos de sinceridade, e de amor ao que é justo, ultrapassam os limites da moral, louvando muitas vezes o que só merecia a mais severa censura. Apesar dos preceitos da disciplina, os militares tambem não são isentos das paixões dos homens, e por conseguinte dos caprichos e vaidades dos partidos: nem podia ser de outro modo, por não mudar a natureza humana nas differentes classes e jerarchias sociaes, nem a nobre profissão das armas é por si só capaz de alterar a natureza moral do homem, por mais rigidos que sejam os seus preceitos e leis. Neste embate de partidos, e por deferencia com um dos mais distinctos generaes da emigração, D. Pedro entendêo finalmente por melhor relevar faltas de tão difficil perdão n'outros tempos, para não pôr em risco a causa de sua filha, sem que nada mais resultasse das conferencias de Lemos com Saldanha.

Um outro acontecimento inesperado tinha vindo interlaçar d'algum modo os nossos com os acontecimentos politicos

do reino visinho. A questão da successão na Hespanha continuava a agitar-se alli fortemente entre D. Carlos e a filha primogenita do decrepito rei Fernando: com a sorte desta innocente princeza tinham os Liberaes daquelle reino ligado a sua sorte politica, pelas boas disposições que na esposa do mesmo Fernando achavam em seu favor, não sendo já misterio fallar-se na convocação das antigas côrtes, particularmente depois que a *Revista de Hespanha* não duvidava já publicar sobre ellas alguns artigos e commentos. Á proporção pois que ia crescendo o partido da joven princeza das Asturias, tramava o de seu tio D. Carlos, com quem se ligára a princeza da Beira, D. Maria Thereza, e seu filho o infante D. Sebastião. Para desviar da Hespanha tão poderosos concorrentes, D. Maria Thereza recebêo ordem expressa de se pôr immediatamente a caminho de Portugal, e para levar a effeito tal ordem tomaram-se logo as adequadas providencias, decretando-se igualmente que na sua viagem fosse acompanhada pelo infante D. Carlos. Aos 26 de março chegára a real comitiva a Aldêa Gallega, e no mesmo dia descêra pelo Tejo abaixo, e se hospedára no palacio da Ajuda, donde se transferio depois para o do Ramalhão. Com a sua chegada a Portugal recebêo D. Carlos ordem para fazer uma viagem á Italia, á qual todavia se recusou; mas sendo depois procurado da parte de seu irmão Fernando pelo embaixador da Hespanha em Lisboa, para declarar se tinha ou não tenção de prestar juramento de obediencia á princeza das Asturias, D. Maria *Isabel* Luiza, que em 4 de abril fôra mandada jurar como presumptiva rainha reinante da Hespanha pelos prelados, grandes, titulos, e deputados das cidades e villas com voto em côrtes, reunidos como deviam ser para aquelle fim, no dia 20 de junho, no real mosteiro de S. Jeronimo de Madrid, abertamente se manifestou pela negativa, apparecendo logo em conformidade desta sua resolução, n'alguns jornaes do Meio-dia da França, um protesto com data de 22 de abril, em que declarava, que nem a sua consciencia, nem a sua honra lhe permittiam poder prescindir dos seus direitos á corôa da Hespanha, quando D. Fernando não

deixasse filho varão. Apresentado por esta maneira em publico como pretendente á corôa do reino visinho, D. Carlos ligou desde então a sua sorte com a de seu sobrinho, D. Miguel, e para que a tal respeito não restasse duvida alguma, de Lisboa se dirigio elle para Coimbra, onde o mesmo D. Miguel lhe foi sahir ao encontro com suas irmãs. De Coimbra passou D. Carlos a Braga, donde tornou para Coimbra, e depois foi para Lamego em consequencia dos extraordinarios acontecimentos que levaram D. Pedro a Lisboa.

Estavamos entrados no mez de junho; mas o futuro do Porto era ainda temeroso pelo seu estado de incerteza, e o presente estava tão cheio de perigos como no principio da luta. E com effeito os constitucionaes nada mais tinham por si do que o prestigio das suas armas, fundado n'um sem numero de combates, de modo que a recordação dos seus repetidos triumphos era quem assombrava os seus inimigos, e guardava os tenues muros do Porto. Alli velava dentro de taes muros o heroismo resignado, vivia o amor da Liberdade, e ardia finalmente o enthusiasmo da gloria, que como o sagrado fogo de Vesta nunca morrêra no peito dos fieis soldados do pequeno Exercito Libertador. A engenhosa esperança com a necessidade atrevida por vezes apresentava a muitos dos sitiados risonhos quadros de um lisongeiro porvir; mas para outros de mais rigido pensar a reflexão era verdugo que lhes amargurava o presente, e lhes denegria o futuro. A coragem, porém, e a perseverança do homem tem grande imperio ás vezes na marcha dos acontecimentos, e lh'a faz até mudar de aspecto, ao ponto de alcançar só com isto grandes resultados: e estas eminentes qualidades do Exercito Libertador deviam com effeito ser recompensadas com tão feliz desenlace. No principio da guerra todas as probabilidades colhiam a favor do exercito mais numeroso; mas como depois de tantos combates se conhecesse que semelhante vantagem de nada valia contra um punhado de bravos, fechados n'uma cidade, e alli perseguidos por quantos males a natureza humana conhece, ó resultado da luta veio desde então a considerar-se dependente

unicamènte de quem maiores recursos tivesse, devendo succumbir primeiro aquelle dos dois partidos a quem elles primeiramente faltassem. Desgraçadamente ainda as probabilidades estavam neste caso a favor de D. Miguel, porque além dos recursos que achava em todo o reino, em gente, em meios pecuniarios, e até nos chamados *dons voluntarios*, não duvidou recorrer tambem aos meios violentos, quando ordenou que os mercadores de lã e seda, da cidade de Lisboa, apresentassem por cada loja, dentro em 24 horas, no local que se lhes designasse, cem covados de panno das côres em uso no exercito, e que os mercadores de lençaria entrassem igualmente por cada loja com cento e cincoenta covados de panno de linho para fornecimento dos hospitaes, sob pena de serem uns e outros executados no dobro, quando se não verificasse a entrega pela maneira indicada. Por esta fórma ia D. Miguel custeando as enormes despezas do seu exercito; mas D. Pedro, depois das violencias ultimamente praticadas no Porto, para valer á esquadra, e fornecer o exercito, tinha esgotado no reino todos os possiveis recursos, e em Londres, depois da falta de confiança em que alli tinham cahido as suas armas, e da funesta sensação que causára a sublevação da esquadra em Vigo, já não podia achar quem lhe emprestasse a mais pequena quantia. Ainda assim a commissão dos aprestos pôde mandar para o Porto um navio carregado com differentes effeitos, enviou 160 marinheiros para compensar as deserções da esquadra, aprompton e remetteu £ 1:500 para do modo que lhe foi possivel satisfazer ás reclamações tanto della, como de dois navios em que tinha feito transportar 620 recrutas francezes, armados e esquipados. Esgotados por esta fórma todos os seus recursos, a mesma commissão só pôz as suas esperanças em negociar as £ 200:000 em *Bonds* do emprestimo suppletorio, que se achavam depositados no banco de Inglaterra; mas neste tempo era tal a desconfiança nas armas de D. Pedro, que não havia quem os aceitasse, dando dez libras por cada cem. O mesmo *Times* tinha já dado por duvidosa a conservação de D. Pedro no Porto, e quando uma folha de prin-

cipios tão liberaes, e defensora sempre da causa constitucional portugueza, se achava debaixo de tão tristes impressões, poderá bem colligir-se qual não seria o desconceito a que ella tinha chegado.

Com estes elementos facil é de antever que o estado fisico da tropa constitucional no Porto não podia ser lisongeiro: o seu muito trabalho e máo passadio, e a falta de provisões frescas, reunidos com as epidemias reinantes, continuavam a devasta-la, enchendo os hospitaes de doentes [1]. Quanto ao moral, nem o medo havia entrado dentro do peito dos defensores do Porto, nem o susto lhes havia tomado a ascendencia sobre as suas faculdades e acções, como claramente se via da pertinaz resistencia por elles opposta ao multiplicado numero de ataques, que os sitiantes tinham dirigido contra as suas tenues linhas de defeza. Os factos respondem pois pela verdade do que acabo de expôr, e sem contradicção demonstram que a grandeza dos perigos multiplicava alli as forças dos sitiados, cuja salutar energia sempre bem patente em todos, em todos reciprocamente inspirava a inflexivel coragem, que tão celebres tornou o cêrco e os constitucionaes do Porto. Entretanto posto que não faltasse valor, notava-se ainda assim um certo esmorecimento quanto ao definitivo triumpho da causa constitucional. Todavia nem os officiaes transigiam com o inimigo, nem queriam ouvir fallar em interferencia estrangeira; mas as repetidas deserções dos soldados, effeituadas não por máo espirito, pois as desta ordem haviam tido logar no principio da luta, mas pela falta de um passadio regular, attestavam o cançasso dos mesmos soldados, e a sua falta d'esperanças no acabamento de uma guerra, que, sem decidir, tanta gente matava quotidianamente. O estado dos arsenaes e armazens não podia ser abundante pelo consumo diario de munições, pela falta de meios para as comprar, e risco que havia nos seus desembarques. Era um facto demonstrado que as armas constitucionaes, aggressoras ou aggredidas, tinham sempre achado por si constante a fortuna dentro do

[1] Em abril eram os doentes nos hospitaes 1:934, e em maio 1:788.

Porto: combater e vencer fôra a sua sorte; mas as victorias alcançadas no campo não bastavam para destruir os serios apuros supervenientes á duração da guerra, nem as difficuldades de toda a natureza, que naquella cidade se oppunham á sua conservação, antes parecia que essas mesmas victorias destruiam os proprios vencedores, e lhes faziam escacear tudo o de que precisavam para sahir do Porto. Neste estado facil era conhecer que a não se arriscar algum lance de desesperação militar para com elle se mudar de posição, as victorias haviam de necessariamente acabar pelo definhamento do exercito, e mais que tudo pela falta de meios para custear as enormes despezas de tão prolongada luta. Neste apuro de circumstancias, e estando já em meio a primavera, o governo, e sobre tudo o ministro da guerra, manifestou cada vez mais os desejos d'entrar em operações activas, convencido de que se por este modo não podesse salvar a causa, pelo menos se collocaria em posição mais vantajosa do que presentemente estava: com esta crença insistia elle fortemente com o marechal Solignac para que, deixando a sua inacção, empregasse alguma operação decisiva, e sahindo da cidade com o seu exercito, procurasse o inimigo, e com elle aventurasse uma batalha. Tal era a posição desesperada do governo, não vendo que o exito de semelhante conflicto forçosamente lhe havia de ser adverso, subindo as forças realistas por este tempo a perto de 40:000 homens, occupando de mais a mais posições escolhidas, e nellas magnificamente entrincheiradas. Todavia ventilou-se como questão prévia saber qual a ordem por que se devia sahir, por onde, e qual o ponto que se devia atacar. Alguem julgou que um ataque pela retaguarda e frente era o mais proficuo de todos. Compostas como já estavam as dissidencias da esquadra, efficaz como devia ser a cooperação de Sartorius, nada mais facil do que receber elle na tranquillidade e socego de uma noite 2:000 homens de tropa expedicionaria, e fazendo-se com elles ao mar, vir no meio do maior sigillo deita-los na seguinte noite em Mathozinhos ou Leça, e a horas taes que podessem levar *á granadeira*, e ao romper o toque

de alvorada, o acampamento inimigo, que simultaneamente devia ser atacado pela frente com a maior força que podesse sahir da Foz. Se com este ataque o inimigo fosse surprehendido, levaria certamente o terror aos mais acampamentos, e o exercito miguelista podia neste caso expôr-se a uma derrota. Obrigado o governo a desistir da sua expedição longinqua, via-se agora necessitado a romper a linha inimiga, porque quaesquer que fossem os seus contras, (e não ha plano de guerra que os não tenha,) forçoso era deixar á fortuna o que por outro modo se não podia remediar. Entretanto a julgar por algumas disposições de Solignac, e pelas ordens dadas para se concertar e restabelecer a ponte de barcas sobre o Douro, o seu projectado ataque era sobre Villa Nova. Nunca se soube ao certo qual seria o seu plano: tres pontos na linha inimiga, e outras tantas maneiras de ataque tinha elle imaginado, expondo a relação das vantagens que havia em cada um delles; mas apesar disso talvez que um quarto fosse o preferido. O certo é que quando toda a cidade do Porto se achava alvoroçada, augurando o mais lisongeiro futuro do golpe decisivo, que assim se tentava, ficou este de nenhum effeito pelas noticias da proxima chegada de consideraveis reforços de gente, vindos d'Inglaterra, de alguns barcos de vapôr, e numerario sufficiente para se emprehender negocio de mais alta monta, e de mais feliz desenlace, á vista de tão importantes recursos.

O illustre emulo da gloria de Nelson, o novo heroe dos mares de S. Vicente, o celebre capitão Napier, que tanto simpathisára com a causa portugueza, desde que nos Açores presenciára o valor dos emigrados da Terceira na campanha daquelle archipelago, para onde fôra mandado d'observação pelo governo inglez, commandando a fragata Galathéa, tinha finalmente aceitado em Londres o commando da esquadra constitucional, e associado assim o seu nome aos illustres defensores da mais nobre causa, que por este tempo com tanta fama se litigava na Europa, e posto que persistente ainda na sua expedição do Tejo, não recusou todavia optar pela expedição do Algarve. Sartorius, prevenido por elle da sua proxima destituição,

parecêo resignado com a sua sorte, e nesta conformidade respondêra amigavelmente ao aviso de Napier, queixando-se-lhe todavia da ingratidão do governo portuguez, e não menos das intrigas contra elle promovidas pelos seus proprios officiaes. Desde então a expedição, addiada por falta de meios, começou a receber consideravel impulso: as idéas de terror, espalhadas em Londres sobre a quéda do Porto, tinham-se desvanecido, e a tenacidade da defeza dos constitucionaes, realçando em seu logar com admiração de toda a Europa, fez apparecer de novo o alento e a confiança entre os amigos da causa liberal da Peninsula. A commissão dos aprestos achava-se em principios de abril alcançada proximamente na quantia de £ 165:000; mas sem desesperar da sua melindrosa situação, resolvêo finalmente que a projectada expedição se preparasse, levando d'Inglaterra para o Porto 1:200 soldados, 200 marinheiros, e um numero de barcos de vapôr sufficiente para transportar de 2:500 a 3:000 homens a qualquer parte do reino, que mais vantajosa parecesse, antolhando-se-lhe tambem de preferencia as praias do Algarve. Corria de crença que a população maritima desta provincia era na sua maioria a favor da causa da rainha, e que desguarnecida de tropa, e difficil de ser promptamente soccorrida, tinha em si todos os elementos para um poderoso fóco de insurreição, que ganharia sem custo a provincia do Alemtejo, e particularmente Beja, cujo espirito era de reconhecida affeição ao systema liberal. Napier entendia pela sua parte que forçando a barra do Guadiana, e puchando os vapores até Mertola, podia a tropa de desembarque effeituar uma marcha rapida sobre Beja, e de lá estender a insurreição por todo o Alemtejo; mas como para isto era de necessidade empregar de preferencia as tropas portuguezas, que elle julgava não lhe poderem ser affeiçoadas pela sua qualidade de estrangeiro, mettêo em tal caso por condição o ser acompanhado, além de Mendizabal, pelo duque de Palmella, que em razão do desagrado de D. Pedro se achava de parte, e não consultado sobre estes projectos e arranjos. O duque, apesar dos motivos de quei-

xa e desgostos que o acompanhavam, não duvidou tomar parte na empreza para que o convidavam, e por esta causa deixou promptamente Paris, onde se achava com a sua familia, para se apresentar em Londres. Chegado o negocio a estes termos, a commissão dos aprestos cuidou então em negociar a venda de cem das duzentas mil libras em *Bonds*, que tinha em deposito no banco de Inglaterra, conseguindo com effeito vende-las pelo preço de 38 por cento, a saber 20 de contado, e 8 ao estabelecer-se o governo em Lisboa, ficando na mão dos emprestadores as 10 restantes como juro, que se devia vencer no 1.º de Junho de 1833. Este negocio, marchando todavia com lentidão, necessario foi que os amigos da causa do Porto fizessem algum avanço, que effectivamente realisaram com a condição de que os reforços que fossem d'Inglaterra não desembarcariam no Porto, e que Napier lhes garantiria effeituar immediatamente a expedição, para o bom resultado da qual sendo indispensavel o segredo, forçoso se tornou communicar ainda assim aos emprestadores o respectivo plano, cousa que todavia não prejudicou semelhante segredo pelos interesses que a todos elles o obrigavam a guardar.

O mez de abril consumira-se em Londres em todos os precedentes arranjos, aos quaes sobrevieram as satisfatorias noticias da tranquillidade da esquadra, da resignação de Sartorius em entregar o commando della, e finalmente de ter largado de Vigo, e ido já fundear em frente do Porto. Estas noticias, fazendo renascer as amortecidas esperanças nas armas de D. Pedro, trouxeram mais alguns especuladores á praça, e facilitaram as transacções da commissão dos aprestos, que achando mais commodamente os meios de que precisava para levar a effeito a expedição projectada, para ella pôde fretar cinco barcos de vapor, e ultimar as providencias já dadas para o alistamento dos 200 marinheiros, e de um batalhão de belgas, e outro de inglezes, que teve por commandante um antigo official da guerra peninsular, o coronel Dudegeon. Por esta mesma occasião se facilitaram tambem ao general Romarino os meios necessarios para re-

crutar um batalhão de 500 polacos e francezes, alistamento que não se levando a effeito, só servio de pretexto para o mesmo general vir mais adiante a Lisboa pedir em seu favor a execução dos artigos de um contracto, que não cumprio, e o pagamento de cousas que não apresentou. Infelizmente toda esta expedição, á semelhança do recrutamento anteriormente enviado para Portugal, nem teve ordem, nem detalhe algum regular, de que resultaram graves transtornos, muita perda de gente, e o peior foi muita outra de dinheiro, chegando quasi tudo a ponto de falhar por semelhante motivo. Não sendo possivel receber a gente alistada de uma só vez no Tamisa, necessario foi leva-la a pouco e pouco com enormes despezas para os pontos de reunião, Portsmouth e Falmouth. Algumas scenas de embriaguez se deram nestas viagens parciaes, rompendo os amotinados em actos de insubordinação e desordem, puchando por facas, e arreando finalmente escaleres e lanchas em que fugiram para terra, virando-se uma dellas com perda de vidas, pondo assim em risco de ser a expedição embargada pelas authoridades. Napier chegou a 22 de maio a Portsmouth em companhia do vapor Britannia, que transportava o batalhão do coronel Dudegeon, e no qual succedêra uma semelhante, porém menos violenta scena. Algumas precauções se tomaram em Falmouth para evitar a renovação de taes acontecimentos; mas os amotinados, depois de se lhes ter alli dado uma libra a cada um dos alistados, para os indemnisar dos seus suppostos prejuizos, conseguiram levar os segundos guardiães a apitar durante a noite = *toda a gente para terra* = de que resultou correrem todos impetuosamente á espia e aos aparelhos das lanchas, que cortaram, dirigindo-se para terra quantos nellas poderam caber. Por fortuna a pequenez das lanchas não lhes permittio levar muita gente, e a expedição dos cinco vapores, depois de terem chegado a Falmouth o duque de Palmella e Mendizabal, póde finalmente largar d'alli no dia 28 de maio, conduzindo 160 officiaes marinheiros, e umas 322 praças, pertencentes aos batalhões inglez e belga. Nestes termos a commissão dos

apreslos resolvêo finalmente vender as ultimas cem mil libras em *Bonds*, resto das que havia depositado no banco, e as negociou com effeito pelo mesmo preço e maneira das antecedentes, trazendo o mesmo Mendizabal para o Porto, para as pôr á disposição do governo, as vinte mil libras metalicas, que d'alli resultaram, á excepção de duas mil, que ficaram em Londres para os ajustes do general Romarino. Com esta negociação dêo a commissão dos aprestos por finda a sua missão, ficando as suas transacções com um alcance de £ 190:000, de que só verdadeiramente era responsavel para com os respectivos credores a casa de *Ramon y Carbonell.*

Pela noite do 1.° de junho surgio Napier em frente do Porto com o seu importante reforço, ultimo empenho das muitas esperanças e ardentes desejos até então não realisados, e annuncio feliz de uma nova época, destinada a coroar dos mais immarceciveis louros a pertinacia e inabalavel constancia, com que os defensores do Porto sustentavam por perto de um anno uma luta de tão desigual peleja, e tão cheia de perdas, lamentadas ainda hoje, de esforços e rasgos de patriotismo, que de modelo servirão na historia para feitos de igual valor. O activo fogo, occasionado pelos desembarques na Foz, foi tomado pelos recem-chegados como um rijo combate, de parte a parte com vigor sustentado. A esquadra constitucional achava-se fundeada em frente do Porto, e além della um numeroso comboi de navios mercantes, esperando pela descarga dos seus generos, ou das munições e petrechos de guerra, que a seu bordo conduziam para o exercito. Napier, Mendizabal, e Palmella, foram logo a bordo da fragata almirante, onde Sartorius lhes manifestou os pesados desgostos com que largava o serviço da rainha. A esquadra miguelista estava-se então aprromptando a toda a pressa, esperando-se que dentro em breves dias podesse sahir do Tejo. Napier conhecêo bem a inferioridade das forças navaes, que vinha commandar contra um inimigo proporcionalmente tão poderoso, e o que peor era contaminadas de insubordinação as guarnições de que dispunha:

todavia como genio forte e sobranceiro a todos os perigos, bem longe de perder a coragem, mais caprichou em levar por diante o seu desejado triumpho. Effeituado o seu desembarque durante a noite, na madrugada seguinte seguio toda a comitiva da Foz para a cidade: o tempo estava bello e risonho, o aspecto do paiz lindo, o golpe de vista summamente interessante, particularmente para quem vinha da atmosphera nublada de Londres. Sobre a margem esquerda do Douro, e no entrincheiramento inimigo ao Norte da cidade, viam-se nas suas baterias desenroladas as suas bandeiras, e até se lhes distinguiam as suas sentinellas: as alcantiladas ribanceiras do rio, os continuados tiros de artilheria, arremessados contra as linhas constitucionaes, distinctas das realistas pela sua bandeira azul e branca, o som dos tambores, clarins, e cornetas, os sarilhos d'armas com que de quando em quando se deparava, e finalmente a variedade dos fardamentos dos differentes corpos, forçosamente haviam de impressionar um genio marcial como o de Napier, e determinar nelle uma sensação, que bem facil será comprehende-la quem bem estiver acostumado ao confuso arruido da guerra e dos acampamentos. Soffrivelmente coberta, como naturalmente é, a estrada que vae da Foz para o Porto, e só em poucos sitios perigosa por aquelle tempo aos passageiros, Palmella, Napier, e Mendizabal chegaram sem inconveniente ao Porto, onde o ministerio, e sobre tudo o ministro da guerra, não teve pequena duvida em se conformar com a entrada do mesmo Palmella naquella cidade, ao qual nesta occasião certamente valêo de muito a companhia e protecção do novo almirante, porque em fim recusar a entrada ao duque, e excluil-o dos conselhos e debates, que iam ter logar, seria dar de mão aos importantes serviços, que do mesmo almirante se esperavam, e renunciar por conseguinte a todas e quaesquer idéas da projectada expedição.

A vinda do duque de Palmella tornára D. Pedro summamente frio, e até mesmo indisposto contra Napier, que apresentando-se-lhe pela primeira vez, dêo-se por muito offendido quando se vio recebido á porta de um quarto pelo

imperador, que estava de mãos cruzadas a traz das costas, e parecia muito enfadado, pelo modo aspero com que fallava. D. Pedro, reputando a expedição como destinada a prival-o da regencia, pela parte que nella se dera ao duque de Palmella, olhava decididamente para ella com viva indisposição, e até o mesmo Solignac se declarou seu adversario, não offerecendo a Napier uma recepção mais cortez do que lha fizera D. Pedro. Na manhã seguinte dirigio-se o marechal, e Napier ao quartel general do imperador: alli se representou a necessidade da prompta execução de uma operação decisiva, que salvasse a causa constitucional dos ameaços de depôr vergonhosamente as armas aos pés dos seus inimigos. O almirante insistio ainda nos seus planos de forçar a barra do Tejo n'uma noite de bom vento, ou então de fazer o desembarque entre Peniche e Lisboa, para n'uma marcha rapida se apresentar a tropa ás portas da capital. Tudo isto ficou para se tratar n'um subsequente conselho militar, e Napier retirou-se desta vez da presença de D. Pedro mais satisfeito do que se retirára da primeira. Os desgostos que por este tempo experimentára Palmella, e uma especie de repulsa, que entre os ministros achava, alguma voga e popularidade lhe principiaram a dar entre a Opposição, que já pela sua parte o não duvidava aceitar para chefe de uma nova administração, a qual se não pôde realisar, apesar das diligencias, que para esse fim se empregaram, inclusivamente da parte do marechal Solignac: tal é a sorte das Opposições aceitarem sempre os descontentes, ainda que lhe venham do partido contrario. Restituir ainda assim naquella occasião o duque de Palmella ás bôas graças de D. Pedro, e rehabilital-o a ponto tal de lhe confiar a formação de um novo ministerio, era empreza realmente difficil, quando aliàs o julgava disposto a prival-o da regencia, e a querel-o remover para fóra do reino.

Entretanto Mendizabal mostrava-se impaciente pela demora da expedição, para a qual, depois de um conselho de gabinete, se convocou um conselho militar [1], em que se agi-

[1] Neste consèlho se conhecêo que a força do exercito era neste mez

taram as quatro importantes questões: 1.ª será conveniente embarcar todas as tropas disponiveis, e fazer com ellas um decisivo ataque sobre Lisboa? 2.ª Será melhor embarcar 2 ou 3:000 homens, e fazer com elles um ataque sobre algum ponto distante da capital, e do Porto? 3.ª Deve ser Villa Nova atacada por um desembarque feito na retaguarda? 4.ª Deve effeituar-se um ataque na retaguarda das linhas inimigas, ao Norte da cidade? Solignac inclinou-se a mandar um exercito de 5:000 homens para ser lançado nas visinhanças de Lisboa, offerecendo-se elle ou para o commandar em pessoa, ou para ficar no Porto, por cuja conservação se responsabilisava neste caso. Napier entendia que se abandonasse a Foz, e se limitassem as linhas unicamente á defeza do Porto, que estava abastecido para tres mezes, e com a maxima porção de gente de que se podesse dispôr, se fosse com ella fazer um ataque repentino sobre Lisboa, projecto a que Solignac se oppôz, preferindo antes um ataque em força contra o campo inimigo pela parte do Norte ou do Sul do Douro. O ataque pela retaguarda era muito incerto pelas vicissitudes do desembarque, que era necessario fazer em qualquer ponto da costa: a probabilidade de bom exito era conseguintemente pequena, e se a força atacante ficasse cortada, a conservação do Porto arriscava-se em demasia: conseguintemente este plano olhou-se como arrojado e indiscreto. A maior parte do conselho optou pela opinião de Napier, que felizmente se não veio a seguir, aliás quando se tomasse Lisboa, hypothese do melhor resultado, o Porto cahiria em poder do inimigo, porque não tendo provisões para mais de tres mezes, e não se podendo antes disso arranjar na capital um exercito, capaz de fazer rosto aos miguelistas, e obriga-los a levantar o sitio, a fome havia-lhe de trazer uma capitulação, e quando para evitar isto se conservasse a Foz, as linhas do Porto seriam naturalmente

de 18:021 homens, dos quaes 10:439 eram de infanteria e caçadores, 1:125 de artilheria, 445 de cavallaria, e 6:012 de batalhões nacionaes fixos e moveis: abatendo desta força 1:607 doentes, e os corpos nacionaes fixos, apenas se podia contar com 10:000 homens promptos para manobrarem activamente no campo.

levadas por qualquer ataque sério, que contra ellas se fizesse, attenta a falta de baionetas constitucionaes para guarnecer tamanho espaço. Sartorius, tendo pedido a sua demissão [1], foi então substituido por Napier, que com a sua patente de vice-almirante da marinha portugueza, e commandante em chefe da esquadra, accumulou tambem as funcções de major general da armada. A sua força naval consistia nas tres fragatas D. Pedro (de 50 peças), Rainha de Portugal (de 46), e D. Maria 2.ª (de 42), na corveta Portuense (de 20), e no brigue Conde de Villa-Flôr (de 18): as guarnições consistiam em mil e tantas pessoas, entre officiaes e marinheiros. Com estes unicos meios, e no estado de indisciplina a que a esquadra se achava reduzida, tinha o novo almirante constitucional de conduzir ao campo da gloria uma expedição, que se destinava a libertar Portugal, a derrubar D. Miguel, e a collocar sobre o throno portuguez, por este usurpado, a joven rainha D. Maria 2.ª, e tudo isto feito em presença de um exercito de perto de 80:000 homens de todas as armas, e d'uma esquadra, que contava por si duas náos de linha, uma charrua armada, montando 50 peças, uma fragata de outras 50, tres corvetas, e quatro brigues, promptos a sahir do Tejo. Carlos Napier, trocando o seu verdadeiro pelo supposto nome de Carlos de Ponza, para commemorar o seu bello feito de armas por elle praticado na Italia, e sobre tudo para illudir as leis inglezas, que lhe vedavam, com pena de perda de patente, entrar no serviço estrangeiro, sem prévia permissão do seu governo, ao içar o seu pavilhão fallára ás suas guarnições pelo seguinte modo: « Companheiros! Temos batalhas a dar, e grandes es« forços a fazer: conservai a disciplina, respeitai os vossos « officiaes, e triumpharemos. Os olhos de toda a Europa « estão fitos sobre vós; os vossos patricios, e tambem as « vossas patricias, estão desejosos de vos dar as boas vindas « pela vossa feliz chegada a Inglaterra; e quando a batalha « estiver ganha, e voltardes para os vossos lares, sereis sau-

[1] Dêo-se-lhe por carta regia de 8 de junho, dia em que Napier tomou igualmente posse da esquadra.

«dados como homens que livraram o infeliz Portugal da ti-
«rannia e da oppressão.»

Quanto á expedição o conflicto das opiniões tornára os planos della cada vez mais incertos, porque em fim todos os grandes negocios têm sempre difficuldades grandes que vencer. Ao principio optára-se pela opinião de Solignac, quanto á sahida de uma divisão de 5:000 homens contra Lisboa; mas depois resolvêo-se que D. Pedro e Solignac ficassem no Porto, enviando-se para o Algarve uma expedição mais pequena, cujo embarque Solignac lhe tinha demorado, reprovando-a com todo o calor, como inefficaz e sem plausivel razão militar que a justificasse. Foi então que o almirante, desconfiando das dissenções do marechal com o governo, fez signal telegraphico para terra, dizendo que aquella não era certamente a maneira de ganhar a causa da rainha. *Vem soldados, ou não?* Perguntou elle. *Á vista da resposta obrarei conformemente.* Entretanto a demora continuava, e os dias 9 e 10 de junho passaram-se sem mais decisão de embarque. No dia 11 declarou o almirante para terra, *que se não embarcava a tropa, immediatamente arrearia a sua bandeira, e seguiria sem demora para Inglaterra.* Neste aperto convocou-se um novo conselho militar, e nelle se decidio finalmente, que não se podendo mandar para fóra do Porto, sem risco de perder esta cidade, uma divisão de 5:000 homens, forçoso era recorrer ao emprego de uma pequena expedição de 2:500 homens, que se destinaria ao Algarve, expedição que de nada valeria se lhe não viera em auxilio a memoravel victoria naval, que precedêo a sua marcha sobre Lisboa. Esta resolução foi promptamente participada a Napier por uma carta, que D. Pedro lhe escrevêo[1], na qual dizendo-lhe a força da expedição, e promettendo-lhe toda a sua possivel energia e actividade no embarque da tropa, se notavam as seguintes lisongeiras expressões: «ide, meu querido almirante. Eu vos sigo com os «meus votos, e espero vêr-vos voltar a mim coberto de «gloria, e com as bençãos de uma nação grata, a quem

[1] Era do mesmo dia 11 de junho.

« viestes com generosas intenções fazer brilhantes serviços. » Solignac, irado por vêr tão friamente rejeitada a sua opinião e conselho, pedio a sua demissão, que promptamente se lhe dêo por carta regia de 13 de junho. Na sua despedida ao exercito dizia elle « terei sempre presente na memoria a boa « disciplina, zelo, e valor, que constantemente observei da « parte do exercito, ao qual terei por ventura vêr-me outra « vez unido. Em toda a parte em que me achar poderei « afoutamente assegurar aos portuguezes fieis, que um tal « exercito é digno da justa causa que defende. » Em breves dias tentando o marechal sahir a barra para se dirigir a França, não o pôde fazer sem ser ferido n'um braço, levando assim uma perpetua memoria da sua estada no Porto, e sobre tudo o castigo de não ter feito todas as possiveis diligencias para conservar o monte do Castro. Solignac era todavia general de algum merito; mas os seus annos tinham-lhe cançado a sua actividade, e o constituiam incommodo pelo seu genio irascivel. No Porto fez o grande serviço de acabar com as malfadadas sortidas; mas a disciplina e administração do exercito em nada se resentiram do seu governo. Despido de credito, retirou-se a final sem deixar um só amigo, e nem dos seus mesmos patricios recebêo ao menos a mais pequena prova de sentimento. A demissão de Solignac trouxe para Saldanha a sua elevação ao importante logar de chefe do estado maior imperial, para o brigadeiro José Lucio Travassos Valdez a nomeação de ajudante general, e a de quartel mestre general para o major Balthazar de Almeida Pimentel, a quem para tal nomeação muito aproveitaram as intrigas de palacio, e sobre tudo a decidida influencia que Candido José Xavier alcançára no animo de D. Pedro, levando-o a mandar inutilisar o decreto, que para este logar de seu quartel mestre general se tinha já passado a favor do brigadeiro Bernardo Antonio Zagallo.

Soava finalmente a hora extrema para o reinado da usurpação miguelista: a tropa destinada á expedição do Sul do reino, começando o seu embarque no dia 12 de junho, estava toda ella a bordo no dia 14. O duque da Terceira

fôra o nomeado commandante da expedição [1], com amplos poderes para levar a effeito quaesquer medidas militares, que entendesse a proposito: nas suas respectivas instrucções se lhe dizia, que a divisão tinha de se dirigir ao ponto em que mais facil fosse o seu desembarque, fixado todavia esse ponto por um conselho militar, composto a bordo da esquadra delle duque da Terceira, do de Palmella, e do vice-almirante Carlos de Ponza. Desembarcadas as tropas, ficavam ellas desde então debaixo do seu immediato commando, e elle general revestido das prerogativas de dar execução ás sentenças dos conselhos de guerra; de punir os paisanos e ecclesiasticos, apanhados com armas na mão; de promover a alferes os cadetes e officiaes inferiores, que mais se distinguissem em acção; de receber todas as pessoas que se lhe apresentassem, quaesquer que fossem as suas opiniões, ou erros passados, podendo conceder aos militares os postos que tivessem adquirido, ainda mesmo durante a usurpação, sem que todavia os podesse empregar em serviço effectivo, a não ter a certeza da sua lealdade á causa constitucional, ou sufficiente garantia pela importancia dos serviços, que ultimamente lhe houvessèm prestado. O duque de Palmella recebêo na mesma data da do duque da Terceira a sua nomeação de governador civil provisorio, para nesta qualidade acompanhar tambem a expedição, para reger e governar os territorios, que necessariamente fossem entrando na obediencia do governo legitimo, para proclamar aos povos, e communicar-lhes a natureza da sua missão, para receber tambem todas as pessoas que se lhe apresentassem, quaesquer que fossem os seus erros e opiniões passadas, não podendo todavia emprega-las sem a convicção da sua fidelidade, ou a garantia dos seus récentes serviços: Palmella podia de mais a mais castigar militarmente os paisanos e ecclesiasticos, aprehendidos com armas na mão, nomear pessoas aptas para os cargos municipaes, officios de justiça e fazenda, cobrar os dinheiros publicos; prover a tropa expedicionaria do que lhe fosse necessario; captar a benevo-

[1] Por carta regia de 13 de junho.

lencia dos inimigos, conciliando-os quanto fosse possivel sem offensa da lei; prometter e conceder as recompensas que julgasse a proposito; e finalmente executar quaesquer outras medidas de administração politica, civil, e economica, que a sua discrição lhe sugerisse, dando de tudo conta ao governo.

Os duques foram no dia 15 de junho recebidos pelo almirante a bordo da fragata Rainha: as acommodações que alli acharam eram bem fracas para titulares de tão alta monta. Uma roda de tão bella gente, e d'officiaes tão promptos a se resignarem com as privações de tão apuradas circumstancias, surprehendêo Napier: nesta mesma viagem uma parte da companhia dos artilheiros academicos de Coimbra apenas alli achou, por toda a acommodação, uma vela estendida por baixo da meia coberta, com ração do porão para passadio. Só no dia 20 por noite pôde a expedição concluir todos os seus arranjos, não sem grandes esforços para se alcançar lenha e agua, que por descuido e outros inconvenientes se não tinham tomado em Vigo, sendo aliás cousa de summa difficuldade obter no Porto estes dois artigos a bordo, o primeiro pela sua raridade, e ambos elles pelas difficuldades do embarque. No mesmo dia 20 officiou o almirante para terra, communicando ao governo as suas ultimas providencias, e as ordens que dava ao official, que durante a sua ausencia ficava em frente do Porto, a bordo do navio *Edward*, official a quem igualmente confiava o brigue-escuna Liberal, e todos os mais hiates que se haviam apresado. Feito o signal telegraphico da despedida, os vapores começaram a levantar ferro pela noite, e a esquadra, que já no dia 19 tinha perdido alguns ferros em razão da resaca, fez-se finalmente de vela pelas sete horas da manhã do dia 21, e reunida com os vapores seguio o rumo do Sul, com vento bonança e mar de feição [1]. Apezar de tão consideravelmente desfalcada de gente, a guarnição do Porto, animada pela

[1] Esta expedição compunha-se de cinco barcos a vapor, Birmingham, Walerford, Britannia, Darmouth, e Pembroke, e das tres fragatas Rainha de Portugal (navio almirante), D. Pedro, e D. Maria 2.ª, bem como da corveta Portuense, e do brigue Conde de Villa-Flôr: a tropa de desembarque

presença e actividade de D. Pedro, sentia bater-lhe o coração de alegria pela esperançosa perspectiva que se lhe antolhava. O mesmo D. Pedro tinha feito preceder a sahida [illegible] força de uma proclamação, em que não somente an-
de[illegible]ue uma divisão expedicionaria do Exercito Liber-
nuncia[illegible] [illegible]djuvar o desenvolvimento dos sentimentos de
tador ia c[illegible]
fidelidade p[illegible]ra com a rainha e a Carta Constitucional; mas chamava os povos igualmente ás armas, e os convidava a auxiliarem-no na restauração do throno legitimo. «Contai, «dizia elle, que sereis recebidos com a generosidade, que é «propria de um governo justo e liberal, e que em breve «gozareis da paz domestica, de todas as felicidades sociaes, «e da Liberdade legal. Ás armas, portuguezes! Viva a rai-«nha e a Carta!»

---

comprehendia caçadores n.º 2 e 3, infanteria n.º 3 e 6, primeiro batalhão do primeiro regimento de infanteria ligeira da rainha (francezes), um destacamento de lanceiros apeados, e outro de artilheria de montanha, formado pelos academicos de Coimbra.

CAPITULO IV.

Em quanto o duque da Terceira se assenhorêa do Algarve, e o general miguelista, visconde de Mollelos, passa ao Alemtejo, e em quanto finalmente Napier ganha a famosa acção naval do cabo de S. Vicente, chega ao campo realista o marechal de França, Bourmont, que sem fructo acommette as linhas do Porto, onde depois de tal acommettimento chega a noticia daquella mesma acção naval. Napier apprompta-se pela sua parte para bloquear Lisboa, e o duque da Terceira, aproveitando-se da demora do visconde de Mollelos em Beja, marcha sobre o Alemtejo, entra em Setubal, donde afugenta uma divisão movel, que de Lisboa para alli mandára o duque de Cadaval, e vem a Cacilhas derrotar uma outra divisão inimiga, fazendo com a sua ousada marcha retirar da capital do reino o mesmo duque de Cadaval, que assim lhe facilita a sua entrada triumphal em Lisboa, para onde acode logo D. Pedro, retirando-se os realistas sobre Coimbra, o que tambem faz Bourmont, deixando o Porto, cujo sitio é definitivamente levantado por Saldanha, depois do inimigo ter incendiado os armazens de vinhos de Villa Nova: Bourmont finalmente, sahindo de Coimbra, marcha sobre as margens do Tejo para pôr o cêrco a Lisboa.

O reinado de D. Miguel estava já em via da sua total ruina e perdição, porque em fim, apezar de ter accumulado em volta do Porto a tropa, que de toda a parte do reino alli pôde fazer reunir; apezar dos postos, titulos, fóros de fidalgo, commendas, habitos, e alcaidarias móres com que a mãos generosas galardoava os brios militares de muitos do seu exercito; e apezar finalmente da distincção honorifica da cruz escarlate de panno, com a legenda de *valor e merito,* que mandára pôr sobre o braço direito das praças de *pret* mais distinctas por seus brilhantes feitos d'armas, nada podia levar as suas tropas a romper as invenciveis linhas do Porto. Quando muitos pareciam duvidar associar o seu nome ao dos illustres defensores desta heroica cidade, esgotados todos os seus recursos moraes e physicos; quando a causa liberal, olhada como tinha sido por muitos portuguezes como a da razão, da honra, e da justiça, parecia ter perdido todo o interesse e apêgo que inspirava uma grande

causa, era exactamente então que apparecia um ultimo esforço de reacção, por meio do qual muitas vezes um corpo doente recobra o seu antigo estado de saude. Se o Exercito Libertador nunca foi commandado por um official de grande genio, foi pelo menos dirigido com soffrivel bom senso, quanto á sua conservação e arranjo: a espectativa em que a necessidade o collocára, aguardando do tempo a marcha dos acontecimentos, a sua concentração no Porto, e o seu plano alli sustentado de guerra defensiva, cançou extremamente o exercito contrario, fatigou-o com a prolongação da luta, fez-lhe exhaurir de todo os seus recursos moraes e physicos, e foi finalmente quem coroou os esforços mais patrioticos do mais feliz resultado. Este plano não foi todavia insinuado *a priori* por uma intelligencia superior; mas foi imposto a D. Pedro pela ponderosa occorrencia das circumstancias, e impossibilidade de poder activamente manobrar em campo. Foi esta sua longa pertinacia quem para o mesmo D. Pedro constituio em prospera a sua adversa fortuna, e quem, além do descredito em que estava, tornou gasto, fastidioso, e incommodo o governo de seu irmão, nullificando-lhe a omnipotencia dos meios de que em todo o reino dispunha. Oito mil homens d'armas primitivamente, acrescentados depois com os batalhões nacionaes do Porto, tinham tornado impotente um exercito de quarenta mil, que naquella cidade os sitiavam, haviam feito perder a confiança dos mais distinctos e acreditados generaes realistas, tornado inutil o immenso material de campanha e de sitio, que se reunira em volta do Porto, repellido todos os ataques dos seus inimigos, e reduzido finalmente ao desprezo, ou pelo menos á indifferença o seu activo bombardeamento, arreigando por toda a parte a crença de que o maior numero nem sempre pode vencer o menor. Desde então nasceram os enfados com a prolongação de uma guerra, cuja prolixa indecisão fazia com toda a razão suppôr que o exercito constitucional não era tão desprezivel quanto se dizia: d'aqui nascêo a desmoralisação dos soldados miguelistas, amargurados pelos trabalhos e privações de um cêrco de que não viam fructo, faltos de vestuario, sem pagamento, e sempre

sujeitos a um serviço tão aturado e penoso, quanto cheio de perigos, e sem nenhuma gloria para elles. Todas as provincias, ainda as mais afastadas do theatro da guerra, se achavam igualmente fatigadas pelos vexames, que este estado de luta civil lhes occasionara: o tributo de sangue, dado em soldados para os corpos de linha, para os de milicias e voluntarios realistas, e até dado em guerrilhas e fachinas para os trabalhos das linhas realistas, reunido com a promptificação de transportes, e o peso dos chamados *dons voluntarios*, tinha finalmente esfriado o enthusiasmo dos mais ardentes e leaes á causa de D. Miguel, contido os indifferentes n'uma calculada espectativa, e dado mais realce á pericia e valor do exercito constitucional. Nestes termos, falto de confiança nos seus generaes, e movido pelos desejos de evitar as perniciosas consequencias de uma luta, que tão feio aspecto ia quotidianamente tomando para a sua causa, D. Miguel recorrêo finalmente a chamar tambem para o seu serviço um general estrangeiro de grande reputação, que lhe viesse coroar com os louros da mais assignalada victoria um exercito a quem somente parecia faltar um digno chefe para triumphar. O marechal de França, Bourmont, bem conhecido na Europa desde que na batalha de Waterlôo deixára traiçoeiramente as bandeiras de Napoleão para se passar para as dos alliados, e ultimamente ennobrecido pelo seu illustre feito da conquista de Argel em 1830, achando-se emigrado para pagar com a sua fidelidade ao decrepito Carlos 10.° o bastão de marechal de França, com que por aquelle feito o havia ennobrecido, foi o general que, como campeão da legitimidade franceza, o mesmo D. Miguel pôde com effeito chamar ao seu serviço, e por elle de dia para dia se esperava no acampamento realista como um valioso auxilio.

Em quanto D. Miguel assim providenciava sobre o commando em chefe do seu exercito, proseguia no rumo do Sul com que sahira do Porto a expedição constitucional: pelo meio dia de 21 de junho havia ella reconhecido a costa da Figueira, na manhã seguinte avistára Peniche, aproximára-se depois ao cabo da Roca para chamar sobre aquelle ponto

a attenção do governo de Lisboa, e o distrahir sobre o verdadeiro ponto do desembarque, e d'alli continuára ainda no rumo do Sul. No dia 23 dobrou pela noite o cabo de S. Vicente, e no seguinte dia foi a esquadra razando a costa do Algarve, donde alguns fortes, junto dos quaes passára, lhe fizeram alguns tiros soltos, de que não fez caso. Pelas tres horas da tarde estava ella em frente da praia escolhida para desembarque, a *praia da alagôa*, situada entre o forte de Cacella e o monte gordo, a legoa e meia ou duas distante de Tavira. D'alli se retirou o inimigo ao tomar terra a expedição, effeituando-se o desembarque sem o mais pequeno desastre ou contratempo. O governo de Lisboa, presidido pelo duque de Cadaval, e dominado pelo conde de Basto, só tinha cogitado em se defender no seu posto, pela convicção que tinha, que a expedição do Porto só procuraria a capital. O Algarve achava-se por conseguinte esquecido nas combinações militares dos que dirigiam os negocios da guerra, e o general daquella provincia, o visconde de Mollelos [1], tão desprevenido estava igualmente de ser alli atacado, que só na madrugada do dia 25 mandou reconhecer a força desembarcada: a tropa que para este fim empregára veio topar com os constitucionaes junto do pequeno rio do Almargem. Alli guarneceram os realistas a ponte com quatro bocas de fogo, e alguma gente bisonha de Tavira, Faro, e Beja, com um destacamento de cavallaria. A resistencia não foi grande, perdendo os mesmos realistas uma peça de calibre 6, e as munições de outra de calibre 3. Desde então Mollelos experimentou grande deserção nos seus batalhões de realistas, e retirando-se a final sobre S. Bartholomeu de Messines, dêo com esta sua marcha logar a que no dia 27 de junho entrasse o duque da Terceira triumphantemente em Faro, capital da provincia, pondo-se tambem a esquadra simultaneamente em movimento para aquelle ponto. Apezar disto, a acquisição de Faro, e a do arsenal, que alli se

[1] Este general apenas dispunha alli de quatro batalhões de realistas, de milicias de Lagos, de 150 cavallos de n.° 5, e de oito bacas de fogo, servidas por uns 200 artilheiros de n.° 2.

achára soffrivelmente provido de munições e petrechos, o resultado da expedição estava ainda muito longe de merecer confiança: a sua força era pequena para insurreccionar as provincias do Sul do Tejo, cujos habitantes, receiosos de tornarem a cahir debaixo do regimen da usurpação, não se atreviam a abraçar decididos a causa constitucional, e a fazer em favor della os sacrificios que delles se exigia, tendo por si tão pequeno apoio. Em Faro estabelecêo o duque de Palmella a séde do governo civil da provincia, e se procedêo á acclamação da rainha, de que se lavrou auto. As operações militares ainda não tinham plano fixo: na tarde do dia 28 de junho marchou uma das brigadas do duque da Terceira sobre Loulé, donde depois sahio em procura do inimigo, que a esse tempo continuava em retirada por S. Marcos da Serra para Santa Clara. Pela sua parte Napier, tendo recebido agua e mantimentos de refresco em Faro, fez seguir a esquadra para Lagos, conseguindo-se por esta fórma em seis dias a occupação de todo o Algarve. O inimigo, arrojado para além das serras de Monchique e Caldeirão, tinha abandonado todas as baterias do litoral, e o interior da provincia; as munições e todo o material de Faro tinham cahido em poder dos constitucionaes. Ainda assim no meio do geral enthusiasmo dos habitantes do litoral do Algarve, havia entre elles certa indisposição para receberem armas, e organisarem-se em corpos regulares, tanto para sua protecção e defeza, como para o andamento e progresso da causa constitucional, cuja situação era não obstante precaria pela falta de um combate, que decidisse e assegurasse a occupação da provincia, como bem se patenteava pelo estado de perplexidade em que o duque da Terceira se conservou em S. Bartholomeu de Messines, donde expedio ordem para se lhe reunir a artilheria de campanha, tomada ao inimigo, bem como a sua de montanha, e as reservas de polvora, que tinha deixado em Faro. Mollelos, ainda que em retirada por S. Martinho das Amoreiras até Garvão, tinha conseguido aprisionar um major e um alferes do duque da Terceira, que como exploradores haviam sido

mandados a S. Marcos da Serra. Esta circumstancia aggravou ainda mais os grandes receios do duque em perseguir o inimigo, e dominado por elles, desandou para a retaguarda, indo novamente occupar Loulé na manhã do dia 4 de julho, onde de novo se entregou á sua perplexidade e incerteza, com todas as mostras de se eternisar a guerra, tanto quanto succedia no Porto.

A opinião dos Liberaes em Lisboa com razão devia exaltar-se, esperançados na serie de todos estes acontecimentos. No dia 25 de junho participára o telegrapho do Sul o desembarque da expedição do Algarve, succedendo-lhe pouco depois a noticia de se ter levantado nas immediações de Thomar uma guerrilha, que correndo sobre aquella villa, alli se armára com armas dos milicianos e realistas, que achára em deposito, seguindo depois para a Barquinha, Alpiarça, e Almeirim. Tudo isto aterrára o governo de Lisboa, que no dia 9 de julho fez sahir uma força [1] para Aldêa-gallega, donde a final marchou a unir-se a Mollelos, que na sua retirada do Algarve com toda a instancia requisitára do seu governo a prompta remessa dos possiveis soccorros de gente, dinheiro, e polvora. Para este mesmo fim largou tambem do Porto uma brigada, commandada pelo brigadeiro Taborda, que em Coimbra reunio toda a sua força, composta de um batalhão de infanteria n.º 8, outro de infanteria n.º 17, milicias de Aveiro, realistas de Penafiel, um esquadrão de cavallaria n.º 4, e duas bôcas de fogo de calibre 3. Desde então o governo de Lisboa parecêo ter perdido o acerto, que tanto lhe convinha empregar em todas as suas medidas: em vez de conservar a esquadra no Tejo, para em caso de desastre nas provincias do Sul, se cobrir e abrigar com ella para a defeza da capital; em logar d'esperar pelos reforços maritimos, e por um official da marinha ingleza, que havia arranjado em Londres para a commandar, só cogitou em a fazer aprompta a toda a pressa, mandando-a largar a barra

[1] Foi commandante della o brigadeiro Raymundo José Pinheiro, que comsigo levava milicias de Thomar e de Tavira, caçadores n.º 1, um batalhão de infanteria n.º 14, e um esquadrão de cavallaria n.º 2.

no 1.° de julho, não obstante o miseravel estado em que se achava, quanto a material e pessoal. Ao passo que o duque da Terceira consumia apathico o tempo ou em S. Bartholomeu de Messines, ou na villa de Loulé, o almirante Napier sahia de Lagos no dia 2 de julho: da esquadra inimiga não tinha elle noticia alguma; mas na manhã do dia 3 daquelle mez, achando-se a esquadra na altura do cabo de S. Vicente, os officiaes de quarto deram-lhe parte de se avistarem duas velas, depois tres, quatro, e assim successivamente até se contarem nove embarcações, que eram as náos D. João 6.°, e Rainha, as fragatas Martim de Freitas, (ou charrua Maia e Cardoso,) e Princeza Real; as corvetas Isabel Maria, Princeza Real, e Cybelle, e os brigues Tejo, e Audaz. Napier navegava então com amura a estibordo, com as quatro mestras e joanetes, e o almirante miguelista, o chefe d'esquadra Antonio Corrêa Manoel Torres d'Aboim, seguia em gaveas, e mais em cheio para bombordo, e a sotavento da esquadra constitucional. Pelas duas horas da tarde Napier virou de bordo sobre o inimigo, que pela sua parte teve a indiscrição de voltar tambem, deixando assim desembaraçada a bahia de Lagos, sobre a qual devia aliás navegar, porque deste modo ou fazia com que os constitucionaes voltassem ao porto, onde ancorados teriam de dar uma acção, ou os obrigava antes disso a travar combate, tendo elles a desvantagem do vento. Pela tarde do mesmo dia 3 reuniram-se a Napier os vapores, e o brigue Conde de Villa-Flôr, que os tinha ido chamar a Lagos, tomando desde então a esquadra constitucional posição cousa de milha e meia a barlavento da do seu inimigo, e assim os veio apanhar a noite, estando o mar demasiadamente encapelado para tentar uma abordagem, plano de ataque por que o almirante constitucional se decidira, posto que indiscreto e temerario parecesse, pelo disparatado das forças inimigas, convencido como estava da necessidade de um desesperado esforço, para salvar ou acelerar a perda total da causa do Porto, e a sorte da expedição: « não havia meio termo, dizia aquelle almi- « rante, ou ganhar tudo, ou perder tudo; uma acção parcial

« apenas podia prolongar por algumas semanas a causa da « rainha, que só podia salvar-se por uma victoria, ao passo « que uma derrota acabava por uma vez com a guerra ci- « vil. » Oxalá este fôra o juizo e a resolução dos generaes de D. Pedro, quando desembarcados nas praias do Mindello, viram pela sua esquerda fugir o brigadeiro José Cardoso, e pela sua direita o general Santa-Martha, devendo diligenciar neste caso obrigar, e sobre tudo este ultimo, a aceitar uma acção decisiva, em vez de se conservarem em apathia no Porto.

Durante a noite ambas as esquadras se conservaram a tiro de fuzil uma da outra. No dia 4 o vento continuava aspero, e o mar encapelado não permittia ainda a execução do plano de abordagem; mas Napier conhecêo bem, durante este tempo, que o chefe d'esquadra Aboim não só hesitava, mas nem ao menos mostrava tenções de entrar brevemente em combate, o que o tornára a elle mais ousado, esperando pela occasião e tempo favoravel para a sua empreza. Veio a manhã do dia 5 de julho, serena e com todas as apparencias de calmaria proxima, que effectivamente sobreveio pelas 9 horas da manhã. Foi então que tornando-se os vapores necessarios para rebocarem as fragatas, e as collocarem em posição de ganharem facilmente a victoria sem grande derramamento de sangue, elles se recusaram faze-lo por cobardia. Pelo meio dia, estando as guarnições jantando, appareceram signaes de proxima viração: os differentes commandantes vieram então a bordo receber as ultimas instrucções de Napier, que se conservava a barlavento do seu inimigo, estando este formado em uma linha cerrada, navegando com pouco panno, apparecendo primeiro as duas náos, depois as duas fragatas, tendo as tres corvetas e os dois brigues um pouco para sotavento, mas nos intervallos dos navios grandes. As fragatas, Rainha e D. Pedro, foram destinadas por Napier para abordarem a náo Rainha; a D. Maria 2.ª teve a seu cargo acommetter a fragata Princeza Real; e a corveta Portuense, e o brigue Conde de Villa-Flôr eram contra a fragata Martim de Freitas, dei-

xando-se vogar á ventura a náo D. João 6.°, as tres corvetas, e os dois brigues. Pela uma hora da tarde começou a calar a viração fresca; as guarnições estavam a postos, determinadas a baterem-se até á ultima extremidade. Napier e alguns dos commandantes dos differentes navios da sua esquadra pozeram-se á mesa, conversando com a maior confiança na sua proxima batalha, bem longe de attenderem aos que deixariam de existir dentro em pouco tempo, ou aos que seriam mortalmente feridos. Pelas duas horas voltaram todos os commandantes aos seus respectivos navios: dêo-se o signal do combate, metter em linha, arrear escaleres, navegando toda a esquadra em mestras e joanetes, e tremulando-lhe nos topes de todos os mastros as bandeiras constitucionaes azues e brancas. Os realistas navegavam em gaveas, á excepção da Martim de Freitas, que levava largas as mestras e joanetes: os seus navios continuavam formando uma especie de columna dobrada, constituida uma das filas della pelas duas náos de linha e as duas fragatas, e a outra pelas tres corvetas e os dois brigues, como occupando os intervallos, que entre si deixavam os primeiros navios. O vento era bom, o mar chão, não se vendo no ceo uma só nuvem. Já se distinguia a bordo da esquadra realista escorvar as peças; mas as guarnições constitucionaes estavam tranquillas e resolutas, não desconhecendo todavia que o exito da empreza dependia todo elle do estado em que ficassem depois da primeira banda. Chegaram os contendores a tiro de fuzil, sem que de parte a parte se tivesse feito fogo até então, conservando-se os realistas em linha cerrada. Rompêo finalmente a banda de uma das fragatas inimigas, instantaneamente seguida por outra de toda a esquadra, á excepção da D. João 6.°, que só podia fazer mal com os seus guarda-lemes: e quando todos esperavam encontrar ao vae-vem os mastros da fragata Rainha, não foi de pequeno espanto verem-lhe tremular incolume a flamula do tope, e ella navegar altiva sobre as aguas de Nelson, e S. Vicente, depois de dissipado o fumo, occasionado por um fogo, que fizera borbulhar o mar em volta dos navios, e lhe dera o

aspecto das vagas de um temporal, que os açoitava. Poucos lhe foram mortos ou feridos no convez; porém as tres peças de prôa sobre o tombadilho ficaram-lhe quasi limpas de guarnição.

Respondêo pela sua parte a fragata Rainha ao fogo do inimigo, seguindo-se-lhe a fragata D. Pedro, e ao passarem estes vasos pela Martim de Freitas, que perdêra o seu mastaréo de velaxo, a náo Rainha mettêo então de ló, arribando nesta occasião os navios constitucionaes pela sua parte, para lhe evitarem uma banda das suas baterias. A náo D. João 6.° orçou toda, procurando metter Napier entre os fogos cruzados das duas náos, sendo isto exactamente o que elle desejava, por se achar a mesma náo D. João 6.° muito sotaventeada para poder tomar a tempo uma vantajosa posição a barlavento. O proprio Napier instantaneamente mettêo o leme de ló: a fragata obedecêo, e roçando quasi a pôpa da náo Rainha com o páo da giba, disparou-lhe os cachorros, e mais peças de prôa, carregadas quasi até á boca de balaraza e metralha. Desde então corrêo a prolongar-se com a mesma náo, debaixo de um fogo activissimo, e estes dois navios ficaram por conseguinte atracados, cruzando as vergas e as vélas grandes. O chefe de divisão Wilkinson, e o capitão Carlos Napier, commandando a gente de abordagem, saltaram de cima das ancoras para a amurada da náo, e levaram adiante de si aquella parte da guarnição ao longo dos bailéos de bombordo [1]. O mesmo almirante, seguindo o impulso dos seus subordinados, quasi sem o presentir, achou-se tambem no castello de prôa da náo. Saltou então mais gente para dentro do navio inimigo, e correndo a bordo delle para ré, ou passaram por meio da sua guarnição, ou a repelliram pela escotilha grande abaixo. Os invasores assenhorearam-se finalmente da tolda, custando-lhes esta importante conquista o grave ferimento de Wilkinson, e o do capitão Napier. O proprio almirante constitucional tinha levado sobre a cabeça uma forte pancada, dada com um pé de cabra, a que depois

[1] Toda a descripção desta famosa batalha foi geralmente tirada da Guerra da Successão em Portugal pelo almirante Carlos Napier, isto é, pelo proprio official que a ganhou.

se seguio uma bôa cutilada, que lhe foi descarregada pelo segundo commandante da náo. Desde então as cobertas não foram tão disputadas, e dentro em pouco se seguio a posse tranquilla de toda a náo, cujo commandante, o bravo e valente Manoel Antonio Barreiros, succumbio na luta, depois de se ter batido como um tigre. Ainda em confusão separaram-se os dois navios; mas a fragata Rainha, tendo mettido um velaxo novo, por estar o outro despedaçado, e cuidando tambem em metter uma véla nova, por se achar a outra inutilisada, vio-se quasi repentinamente junto da náo D. João 6.°, que para evitar combate mettêo de ló, e arreou bandeira [1], ameaçada como igualmente estava pela fragata D. Pedro. Seguio-se depois a posse da Martim de Freitas, cujo commandante, Manoel Pedro de Carvalho, se defendêo por tal modo, que o mesmo Napier lhe mandou por um seu ajudante d'ordens recommendar na noite da batalha, que no dia immediato se lhe apresentasse para lhe entregar com a sua espada o commando da náo Rainha. A corveta Princeza Real rendêo-se, e a fragata do mesmo nome foi corajosamente tomada pela D. Maria, que lhe passou pela pôpa, prolongou-se com ella, e orçou toda, dando-lhe algumas bandas. Assim terminou a famosa acção naval de 5 de julho, deixando em poder dos constitucionaes duas náos de linha, duas fragatas, e uma corveta, escapando-se duas outras corvetas, que se dirigiram para Lisboa, e os dois brigues, um dos quaes se foi depois unir aos vencedores, e o outro foi demandar a Madeira [2].

Nesta desigual peleja, o triumpho de Napier foi obra da perturbação de Barreiros, official que na occasião dos grandes perigos era inteiramente incapaz de achar recursos na sua propria capacidade e intelligencia, perdendo completamente a cabeça: este defeito, bem conhecido nelle por todos os officiaes de marinha, que com elle serviram, em tão

[1] É inutil commentar um acto de semelhante fraqueza, e tudo isto praticado por um navio almirante!

[2] Os constitucionaes perderam 90 homens, entre mortos e feridos, e os realistas de 200 a 300.

alto gráo o dominára ao vêr-se atracado pelo arrojado almirante Napier, que não tendo comsigo sobre a tolda mais do que as taifas della e do castello, compostas pela maior parte dos taifeiros pertencentes á guarnição, nem ao menos lhe occorrêo a idéa de chamar promptamente em seu auxilio, e em defeza da embarcação, que commandava, os reforços das baterias do convez, e da coberta, apezar de ser nestas baterias onde se deviam achar, além da maruja das guarnições das peças, os soldados do destacamento da náo, que das mesmas guarnições faziam parte. O proprio Napier confessou depois este consideravel erro do seu inimigo, dizendo que toda a sua gente corrêra armada sobre as escotilhas, para impedir que viessem em soccorro dos da tolda os reforços das citadas baterias, e por conseguinte que, se os soldados da brigada, em vez de se destinarem ás guarnições das peças, como determinava a lei da sua creação, fossem empregados como tropa de infanteria na defeza da primeira coberta dos navios de guerra, jámais poderia conseguir tão assignalada victoria. A tomada da náo Rainha determinou pois a entrega de todos os mais navios, devida em grande parte á fraqueza, com que a bordo da náo D. João 6.º se conduzira o commandante da esquadra miguelista. Entre tanto a famosa batalha naval de 5 de julho privou o governo de Lisboa dos poderosos auxilios, que até alli lhe offereciam as suas embarcações de guerra, e chamou a fortuna para as bandeiras constitucionaes, porque em fim este rasgo espantoso, e talvez unico, de coragem e pericia militar, não só lhes dêo o dominio dos mares, assegurando o de terra, mas até fez mais effeito na opinião publica, do que até alli o fizera o nome de D. Pedro, despido desta assignalada victoria. Tamanho é o prestigio, que por si tem sempre a espada do vencedor, ou mais propriamente o prestigio da força, sem a qual impossivel era que em tão crua luta a causa do mesmo D. Pedro podesse fazer proselitos, e em seu favor enthusiasmar os animos! Limitadas pois as forças realistas unicamente ás operações de terra, a barra do Tejo ficou desde então patente para qualquer golpe de

mão, com que Napier a quizesse ameaçar, e por conseguinte Lisboa ficou exposta aos ataques de um inimigo ousado e triumphante. Foi assim que este nobre feito militar rompêo todo o equilibrio da balança entre as forças belligerantes, feito tão incomparavelmente glorioso, por ser ganho com tal e tamanha desproporção de forças, que a propria verdade lhe tem dado apparencias de ficção, receiando-se que justamente duvide a posteridade se o successo passou como se escreve. Como quer que seja, certo é que os resultados moraes igualaram, se é que não excederam, as vantagens materiaes, que com elle vieram annexas, porque ao passo que os miguelistas se acobardaram, e particularmente o visconde de Mollelos, tambem os constitucionaes proporcionalmente se affoitaram a maiores e mais decididas emprezas em terra, e particularmente as forças do duque da Terceira. Este general, depois de ter atravassado o Algarve, nas vistas de penetrar no Alemtejo, havia retrogradado para Loulé, sem duvida pelos receios das forças de Mollelos, que corriam, ou no mesmo Alemtejo o esperavam. Foi a participação da brilhante victoria de Napier quem felizmente veio destruir todo o máo effeito moral de semelhante retirada, que aliàs se constituiria em obra de mais funesto agouro para as tropas constitucionaes, chamando com este passo, como necessariamente devia chamar, sobre o Algarve as tropas do mesmo Mollelos, a não lhes embargar esta marcha a prestigiosa acção naval do Cabo de S. Vicente. Muito póde o exemplo de um grande feito, e grande imperio tem elle no animo daquelles, que ardentemente buscam deixar de si um nome glorioso! Como quer que seja, certo é que desde este momento as forças da expedição do duque da Terceira, levadas de uma inspiração feliz, não só voltaram outra vez sobre seus passos, dirigindo-se novamente para o Alemtejo, mas até pozeram vistas sobre Lisboa, sem lhes embaraçar com o longo e difficil trajecto, que tinham a percorrer desde as praias meridionaes do Algarve até á capital, e vêr-se-ha dentro em pouco os portentosos effeitos de tão nobre e ousada resolução.

A fortuna quiz tornar duplicadamente historico o memoravel dia 5 de julho nos fastos da nossa guerra civil, pelo cúmulo de feitos e proezas militares, que nelle se praticaram: era assim que todas as cousas se iam por este tempo succedendo com a mais incrivel prosperidade. A noticia do favoravel desembarque da expedição no Algarve chegára ao Porto no dia 4, e durante a noite bandas de musica correram a annuncia-la por toda a cidade, que espontaneamente se illuminou, esperançada de que o bom successo desta empreza viria coroar do mais feliz resultado a heroica pertinacia dos bravos defensores do Porto. Para um exercito tão pequeno, como o de D. Pedro, qualquer desfalque de tropa forçosamente lhe havia de ser sensivel, e muito mais uma expedição, como a que sahira para o Sul, que apenas lhe deixou ficar promptos no campo uns 9 a 10:000 homens de todas as armas, para guarnecer as linhas da cidade, as da Foz, e o convento da Serra. Os realistas tinham feito correr entre os seus soldados, e por toda a parte dos seus acampamentos, que a expedição constitucional seguira viagem para os Açôres, levando comsigo a maior e melhor párte da sua tropa de linha, ficando por conseguinte o Porto e a Foz quasi desguarnecidos, e apenas defendidos pelos estrangeiros sem disciplina, e alguns voluntarios, e paisanos armados, que mal se poderiam bater com tropas regulares. Com estas noticias se reunia igualmente a de que o marechal Bourmont, aceitando effectivamente o commando em chefe do exercito realista, se achava já a caminho para Portugal, trazendo comsigo uma luzida e numerosa comitiva de officiaes francezes de distincção, para com elle virem associar tambem os seus nomes aos partidistas da velha monarchia portugueza. Os nomes valem ás vezes tanto como as cousas, porque a espada de Bourmont, reputada no seu tempo como uma das melhores da França, foi tomada sem mais averiguação como synonimo de victoria para o exercito, que vinha commandar, ao passo que os constitucionaes se encheram de cuidados, tendo por seu inimigo semelhante general. A desconfiança chegou mesmo a apossar-se de muitos dos

moradores do Porto, e avisos se passaram até aos negociantes estrangeiros, que alli ficaram, para que sahissem della, e acautelassem com a sua vida a sua fortuna, pela probabilidade da victoria de tão distincto general: entretanto pouco imperio tiveram estes primeiros avisos, e todos continuaram tão firmes, esperando pela sorte da luta, como os mais compromettidos emigrados. O momento era com effeito dos mais criticos e assustadores por que se tinha passado em todo o tempo do cêrco, e neste estado de fluctuação dos animos, todos os miguelistas se mostraram confiados no bom exito da sua causa, e assim se prepararam para um novo e decisivo ataque, que reputavam o ultimo, pela victoria, que proximamente agouravam, cuidando vencer dêsta vez um inimigo sempre apoucado, em relação ao seu exercito, e agora tão consideravelmente diminuido.

A tropa do Norte, que os realistas tinham feito passar para o Sul, em quanto cuidaram que Villa Nova seria o theatro de um novo ataque, feito pela frente e retaguarda, voltou novamente ao seu antigo acampamento, logo que o tempo lhes trouxe o desengano de que a expedição constitucional vogava para outra parte: esta prompta passagem de tropas de uma para outra margem do Douro tinha dado logar á crença de que os sitiadores haviam estabelecido uma ponte perto do convento de Oliveira, por meio da qual podiam de um para outro momento acudir com quaesquer reforços ao ponto, que julgassem necessario. Taes eram as circumstancias, em que de parte a parte se achavam os contendores, quando veio o dia 5 de julho; e ou fosse que um mero acaso désse logar a travar-se um reciproco tiroteio entre os postos avançados de Lordello, ou fosse tenção formada da parte do conde de S. Lourenço para reconhecer o estado das forças sitiadas, certo é que pouco tinha passado do meio dia quando os realistas, sahindo dos seus entrincheiramentos em duas columnas, e avançando repentinamente entre a quinta do Wanzeller e a casa do Placido, ameaçaram com a sua marcha cortar as communicações do Porto com a Foz. Uma das columnas realistas apoderou-se da casa

da fabrica do Antunes, a outra atacou a porção da linha, á esquerda da mesma fabrica; mas o fogo de uma peça de campanha, collocada no angulo esquerdo da quinta do Wanzeller, e a reserva, que se mandou sahir pelo Carvalhido em direitura á casa da Prelada, que occupou, bem como a Aldeia dos Francos, fez retirar os aggressores, sem esperanças de renovarem o ataque em frente de Lordello. O centro e a direita da linha constitucional foram ainda ameaçados pelos realistas, que a final se retiraram, sem ter feito mais do que um mero reconhecimento para examinarem as forças, que tinham ficado no Porto. Apezar disto, os constitucionaes tiveram ainda 150 homens fóra de combate, inclusos 15 officiaes, entre os quaes se comprehendêo o brigadeiro João Maria Amado Duvergier, que das suas feridas morrêo depois, com geral sentimento de todo o exercito, pela sua bravura e intelligencia, qualidades que o constituiram uma das melhores acquisições, que nos paizes estrangeiros se fizera para o Exercito Libertador.

Nada de notavel tinha de parte a parte occorrido em volta do Porto até ao dia 9 de julho, quando uma proclamação de D. Pedro veio annunciar ao seu exercito a brilhante victoria naval do cabo de S. Vicente. « Portuguezes, « lhes dizia elle, os vossos trabalhos estão acabados. O fru« cto de tantas fadigas e sacrificios está diante dos olhos. « Triumphou a nossa perseverança, e a grande causa da res« tauração portugueza. » Apos esta noticia veio o prazer, que assim se succedia aos agros e antigos dissabores do cêrco, extasiar o regente, os seus ministros, e os bravos defensores do Porto, acrescentando eu, como testemunha de vista, que elle trasbordou de tal fórma os corações de todos, que só este facto mostrou bem os cuidados que antes delle os opprimia. Napier foi justamente reputado como o salvador da causa constitucional portugueza, e o anniversario do desembarque do Mindello tornou-se duplicadamente fausto com a chegada de tão aprazivel e extraordinaria noticia. Pela tarde fez D. Pedro sahir um parlamentario para o campo inimigo, portador de uma carta para o conde de S. Lourenço,

na qual os membros do ministerio lhe communicavam o bom resultado da expedição do Algarve, e por fim a tomada da esquadra. A pacificação voluntaria, a que com esta carta se procurava chamar o partido realista, foi completamente rejeitada pelo general inimigo, que do seu campo fizera sahir o parlamentario constitucional, despedindo-o sem lhe receber a carta, e mandando-lhe dar em resposta, «*que elle nada tinha com o senhor D. Pedro, nem com os seus ministros.*» O partido realista, supponde que se verificasse a tomada da sua esquadra, de que provavelmente ainda nada sabia ao certo, tinha todavia ainda muitos recursos para continuar a luta por terra; era sua ainda a capital do reino, todo elle se lhe conservava em obediencia passiva, á excepção do Porto, e a segurança da tropa constitucional no Algarve era ephemera, ou pelo menos bastante problematica, em quanto por si não tivesse uma assignalada victoria. Entretanto o máo resultado da missão do parlamentario nada diminuio no publico o regosijo, que com tanta razão motivára a victoria naval do cabo de S. Vicente. Carlos de Ponza foi em virtude della promovido a almirante, e honrado com o titulo de visconde do cabo de S. Vicente: a fragata Rainha de Portugal foi mandada conservar armada, como monumento e brazão de tão assignalada victoria, devendo-se-lhe collocar na camara uma lamina de bronze, e imbutir-se-lhe outra no seu mastro grande, para em cada uma dellas se lhe gravar inscripto o respectivo decreto, e depois delle as denominações dos differentes navios, a força da esquadra apresada e apresadora, e finalmente o nome do almirante, dos officiaes, e dos individuos distinctos em tão memoravel feito d'armas [1]. Em quanto no Porto se dava assim tamanha im-

[1] Cara nos custou a paga deste serviço pelas avultadas indemnisações, que pelos navios apresados tiveram de se dar aos seus aventureiros apresadores, a quem necessario foi tambem satisfazer todas as suas avultadas reclamações, o que forçosamente lhes diminuio muito o merito de tão illustre feito. Esta é talvez uma das causas por que o decreto acima citado nunca passou do papel em que se escreveo, parecendo assim esquecerem-se os resultados de uma victoria, sem a qual era impossivel o triumpho da bandeira constitucional, em vista das insuperaveis difficuldades que teve sempre contra si.

portancia ao desbarate da força naval inimiga, os miguelistas pareceram tão indifferentes a elle, que o mesmo D. Pedro chegou a escrever a Napier, insinuando-lhe que se mostrasse nas aguas do Porto para convencer o exercito de seu irmão d'uma derrota, em que aliás se mostrava tão incredulo, pedido a que o almirante não pôde annuir por se achar envolvido em operações de maior consequencia, e ter de collaborar simultaneamente com o duque da Terceira.

O prazer que os constitucionaes desfructavam com a tomada da esquadra miguelista foi consideravelmente atenuado com a chegada do marechal Bourmont a Villa do Conde, no dia 10 de julho, acompanhado do general Clouet, e de outros mais officiaes francezes da Vandée, circumstancia que claramente fazia vêr aos do Porto, que ainda tinham contra si um exercito não somente superior em força, mas agora mesmo auxiliado pelos distinctos talentos, notoria reputação, e grande experiencia militar de um bravo e distincto marechal de França, que D. Miguel elevára ao importante logar de marechal general do seu exercito. O brilhante nome do conquistador de Argel, e o luzido numero dos officiaes veteranos que o acompanhava, por tal modo enthusiasmára os miguelistas, que todos acreditaram provavel o triumpho da realeza: a pericia deste general, e a sua grande pratica da guerra, coadjuvadas por tão boa gente, com razão fazia suppôr que elle acabaria por uma vez o máo systema dos ataques das tropas miguelistas, cujas testas de columna, em vez de se conservarem firmes, e occuparem os espaços vazios pelos mortos e feridos, rompiam sempre em escaramuças de nenhum proveito, desunindo-se, e apoiando-se nas eminencias que o terreno lhes offerecia, de que resultava exporem-se assim a um fogo mais variado, e provavelmente mais mortifero pela sua duração, do que aquelle que soffriam se viessem unidos, e atacassem á baioneta afoutos e decididos. Entretanto o marechal não só vinha tarde para desarreigar, com a promptidão que lhe convinha, os erros e os vicios, que os máos habitos tinham já introduzido no exercito do seu commando, mas até chegava com fracos auspicios para

poder triumphar. A perda da esquadra, ainda que não fosse sentida e pensada pelo exercito miguelista, era comtudo um golpe mortal para a sua causa, e necessariamente havia de dar logar a serias reflexões, a quem seriamente olhasse para o perigo a que desde então ficava exposta Lisboa, tanto pelo rigoroso bloqueio de que estava ameaçada, como pela probabilidade de poder ser forçada a barra do Tejo, e até mesmo bombeada a cidade. Os cuidados da expedição do Algarve, e o pouco credito militar de que gosava Mollelos, augmentando o perigo que corria a capital, infundia certo presagio de ruim agouro. Bourmont dêo entretanto a Clouet [1] o commando em chefe do exercito realista em operações em volta do Porto, por vêr neste official muita actividade, reunida a grande força de convicções politicas, ao passo que o conde de S. Lourenço foi outra vez collocado em ministro da guerra. Clouet, obstinado em superar obstaculos, e prompto sempre na execução dos planos que concebia, era com effeito um poderoso auxiliar para Bourmont, que pelo contrario era moroso nesta ultima parte, pondo toda a circumspecção e prudencia em amadurecer os seus. Um luzido estado maior, composto d'officiaes portuguezes, e de muitos dos recem-chegados, cercou logo o novo commandante em chefe do exercito realista, que julgando talvez popularisar-se, deixou crescer as barbas, seguindo o exemplo do que via no proprio infante D. Miguel. Foi então que um novo e inesperado perdão, ou decreto de amnistia para os constitucionaes, marcou a chegada de Bourmont ao campo inimigo: por este acto, que no Porto se publicou logo na Chronica Constitucional, promettia D. Miguel estender a sua real clemencia não só ás praças de *pret*, mas até aos officiaes do exercito de seu irmão, desde a patente de alferes até á de coronel inclusivamente. Tardio perdão era este, e dictado não por humanidade e desejo de congraçar partidos, mas pelo mal parado da causa miguelista: a inconstancia da fortuna principiava a ser-lhe adversa, e em tal estado mal podiam os constitucionaes acreditar agora n'um governo, que

[1] Em 16 de julho de 1833.

nunca lhes merecêra fé, ainda mesmo no estado em que os seus negocios mais arriscados se viram. É este facto uma clara prova de que as medidas de moderação, quando vem d'um governo cruel e despotico, são tidas d'ordinario como concessões de fraqueza, que aos seus inimigos dão mais exasperação e audacia. Tanto é verdade que para se ser moderado com fructo, até para isto mesmo se precisa ter força! Entretanto os effeitos de tal amnistia não podiam deixar de ser nullos com semelhantes auspicios. Quando a sorte começa a favorecer um partido, quando um grande feito d'armas prognostica o seu completo triumpho, não é esta por certo a melhor occasião de o chamar para o partido opposto, por ser então que não só os indifferentes sahem da sua estudada apathia para lisongearem os vencedores, mas até alguns dos alheios partidistas entram a vacillar, desertando para as bandeiras oppostas; desde este momento as paixões declinam e acalmam; muitos individuos começam então a mostrar-se não só trataveis, mas até officiosos para quem triumpha, e levados do desejo de lhes merecerem consideração, fazem-lhes até serviços tanto mais importantes, quanto maior era o compromettimento em que se julgavam para com elles. D'aqui vem a convergencia de todos os espiritos, não para crear obstaculos aos mesmos vencedores, mas para lhes aplanar as difficuldades, marchando tudo de concurso para lhes offerecer rendidos as mais brilhantes palmas da victoria: tal é a condição da mudança que o temor e os interesses fazem nas almas fracas e vacillantes, e tal era o estado em que os espiritos se mostravam já por toda a parte do reino para com os defensores do Porto.

O reconhecimento dos miguelistas, em 5 de julho, trouxera para o conde de Saldanha a sua promoção a tenente general, ao passo que o bom successo da expedição do Algarve despertou no governo a idéa de collocar perto de Lisboa um fóco de sublevação, que não só podesse servir de apoio aos constitucionaes da capital, mas até produzir uma diversão vantajosa nas forças sitiantes. Para este fim sahio do Porto para as Berlengas uma força de cem a duzentos

francezes incorrigiveis, dando-se ao commandante delles, o coronel de artilheria, Joaquim Pereira Marinho, a faculdade não só de os fazer instruir, mas até de os armar, á proporção que a sua conducta lhe fosse merecendo confiança. Desembarcada esta gente na maior das Berlengas em 22 de julho, o mesmo coronel Marinho cuidou logo em se pôr a coberto de qualquer golpe de mão, e começou a entreter correspondencias com a costa, e particularmente com a praça de Peniche, que mais tarde veio definitivamente a occupar sem o emprego de um só tiro.

Corriam entretanto algumas vozes de terror entre os defensores do Porto, cujas linhas se davam como incapazes de resistir ás invenciveis armas do conquistador d'Argel; familias houve, que foram procurar soccorro a bordo de alguns navios estrangeiros surtos no Douro, e até para os subditos inglezes se chegou a designar como ponto de reunião a sua respectiva igreja, e as suas immediações, para se salvarem da confusão de um assalto da parte de Bourmont, cujos ajudantes d'ordens e officiaes d'estado maior se tinham visto até andar investigando com o maior escrupulo as fortificações do Porto. Todavia o premeditado ataque da parte do inimigo corria com o maior segredo, e até o callado das suas baterias o tinham feito esquecer por tal modo, que as mesmas familias, que por cautela haviam ido para bordo de alguns navios, voltaram em breve para terra, não se lembrando que a traz das calmarias vem ás vezes as mais furiosas tormentas. Bourmont tinha resolvido separar o Porto das suas communicações com o mar, e firme neste seu plano, manifestara-o até ao seu exercito; mas esse exercito, indisciplinado, e desmoralisado por tantas derrotas anteriores, não era já para tão ardua empreza. Nos dias 23 e 24 de julho corrêo entre os constitucionaes, que forças de consideração passavam da margem do Sul para a do Norte do Douro: na noite de 24 sentio-se até rodar no campo inimigo muita artilheria, e a marcha de cavallaria para em frente do Carvalhido e Lordello manifestou com toda a probabilidade um ataque por aquelle lado. O mesmo Saldanha,

e todo o quartel general imperial, prevenidos por este acontecimento, correram tambem naquella noite toda a extensão da linha, indo pela madrugada postar-se na batéria da Glória, para melhor observarem os movimentos e as disposições do projectado ataque.

Amanhecia em 25 de julho o dia de S. Thiago, e Bourmont, querendo provavelmente solemnisar o anniversario das famosas Ordenanças, que em 1830 derrubaram do throno dos Capetos o proscripto Carlos X, resolvêo preferir este dia a qualquer outro para um serio ataque ás linhas do Porto. O reducto de Serralves, as baterias do Verdinho e da Furada, e outros mais pontos fortificados, romperam com effeito na manhã daquelle dia um activissimo fogo de artilheria contra o ponto do ataque: a chuva de balas, de bombas e granadas, que cahia sobre todos os caminhos, que da cidade conduzem para o sitio de Lordello e monte do Pasteleiro, evidentemente mostrou que aquelle era o ponto verdadeiramente atacado. Anniquiladas como se suppunham as fortificações daquelles pontos, Bourmont fez sahir das 6 para as 7 horas da manhã, dos seus acampamentos entre a Ariosa e Mattozinhos, umas oito pequenas columnas, fazendo ao todo de 11 para 12:000 homens. Uma pequena força marchou sobre o logar dos Francos e casa da Prelada; outra de maior vulto, trazendo em cada um dos flancos da sua columna do centro tres peças de campanha, se dirigio sobre o centro e direita da quinta do Wanzeller, tendo-se previamente emboscado nos pinhaes das suas proximidades dois esquadrões de cavallaria; uma outra força com um esquadrão de cavallaria veio sobre Lordello, apresentando-se finalmente sobre a esquerda e direita do Pasteleiro duas fortes columnas com mais tres esquadrões de cavallaria, e dez peças de artilheria volante, competentemente guarnecidas. Deste modo vieram os realistas a um ataque, empenhado desde o Carvalhido até á esquerda do Pasteleiro, e direita do reducto do Pinhal, já proximo da Foz. Do logar dos Francos não pôde o inimigo assenhorear-se. Sobre a quinta do Wanzeller veio elle com tanto maior arrojo a passo acc-

lerado, quanto mais lhe convinha occupar aquelle ponto. Tres columnas se aproximaram d'alli a tiro de fuzil, apoiadas em duas baterias de campanha, assestada uma em frente da dita quinta, e outra no flanco direito della. Tão perseguidos se viram os constitucionaes, que tiveram de sahir dos seus entrincheiramentos, e a peito descoberto ir carregar á bayoneta um inimigo ousado, que teve de recuar, apezar da superioridade do numero. Ordenando-se os fugidos em volta da sua columna do centro, que já para esse fim lhes ficára de reserva, os miguelistas tornaram a segundo assalto, a que os constitucionaes lhe foram pela sua parte sahir ao encontro, diligenciando por um movimento atrevido tomar-lhes uma das baterias de campanha, em que apoiavam os seus ataques. Foi então que deixaram os pinhaes os dois esquadrões de cavallaria, que nelles se tinham emboscado: bella apparencia de uma carga tão mal empregada contra trincheiras e mais obras de fortificação! A brigada estrangeira, formada pelo primeiro e segundo regimento de infanteria ligeira da rainha, que se tinha encarregado daquella sortida, da parte dos constitucionaes, debandou, e fugio com bastante pressa para dentro das suas respectivas fortificações: a cavallaria veio então por um terreno descoberto, que lhe favorecia a marcha, até junto das linhas, onde foi posta em confusa retirada, depois de repetir por tres vezes o seu ataque, sendo o ultimo o mais obstinado de todos. Contra as posições de Lordello, e reducto do Pasteleiro, os miguelistas não foram menos pertinazes: no primeiro acommettimento o terreno ficou logo em poder dos aggressores; mas a posse fôra-lhes disputada com todo o vigor, e até a celebre flexa dos mortos foi por tres vezes tomada e retomada pelo ousado regimento de infanteria de Cascaes, protegido pelos tres esquadrões de cavallaria, que tendo vindo ao ataque entre as columnas, e um pouco na retaguarda dellas, desenvolveram bastante atrevimento, conduzidos pelo general Larochejaquelin, que carregando com denodada bravura, não só teve dois cavallos mortos debaixo de si, mas até foi ferido por uma bala de fuzil, que lhe atravessou um pulso.

Entretanto o inimigo, depois de ser vantajosamente repellido em todos os pontos do seu ataque, tinha já soffrido consideraveis perdas: o coronel Proença, official de muita reputação no exercito miguelista, tinha sido morto logo no principio da acção; o tenente coronel do regimento de Cascaes, mr. Ferriet, recebera na testa uma larga ferida, feita por um estilhaço de obuz; um outro official francez, mr. Tannegui de Chatel, marchando á frente de um regimento de infanteria, cahira gravemente com quatro feridas. A todos estes desastres parece ter sobrevindo a recusa de ir o general João Galvão Mexia Orinhi substituir no commando da cavallaria o general Larochejaquelin. Todo o estado maior do proprio infante D. Miguel, inclusivamente o marquez de Bellas, e o duque de Lafões, fôra posto ás ordens de Bourmont, que infructuosamente dispôz neste dia de um exercito de 35:000 homens, chegando até a ser envolvido n'uma nuvem de terra, levantada por uma bomba, que rebentou perto delle. Das posições constitucionaes de Lordello, reducto do Pasteleiro, e obras fortificadas da quinta do Wanzeller, foram por conseguinte rechaçados os miguelistas, cujo fogo, começando a afrouxar pelas dez horas da manhã, cessou pelo meio dia. Pela uma hora da tarde foi ainda ameaçada a porção da direita da linha constitucional, comprehendida entre a quinta da China e o Bomfim: alguns dos piquetes constitucionaes tiveram de retirar dos postos avançados, que occupavam, e o proprio Saldanha, levado dos desejos de fazer recuperar os pontos abandonados, pôz-se á frente de uns vinte lanceiros, e com elles, e todos os seus officiaes d'estado maior, carregou por tal fórma o inimigo, que este se vio obrigado a ir buscar a protecção das suas columnas, collocando-se outra vez os piquetes nos pontos, que tinham abandonado. Foi nesta carga de Saldanha que foram feridos alguns officiaes do seu estado maior, acabando alli de uma ferida mortal, que recebera, o major D. Fernando Xavier de Almeida, com muita magoa dos seus camaradas, pelas excellentes qualidades, de que era dotado. Pelas duas horas da tarde toda a força inimiga se tinha retirado, desistindo

de uma luta, em que os constitucionaes tiveram de lamentar uma perda de bastante monta para as suas apoucadas circumstancias[1]. Assim acabou a acção de 25 de julho, em que os inimigos acommetteram o Porto com todo o heroismo da desesperação: nenhum ataque fôra durante este anno tão empenhado e terrivel como este; mas a pertinacia da defeza exigio o emprego de todos os recursos da sciencia e da coragem da parte dos aggredidos, que nos fóssos das suas trincheiras sepultaram finalmente a gloria de Bourmont.

Em quanto tão brilhante victoria se havia conseguido no Porto, outras maiores ainda se tinham tambem alcançado nas provincias do Sul, fazendo pender desde então com decidida vantagem a balança politica para o lado de D. Pedro, e mudar o principal theatro da guerra do Porto para os arredores de Lisboa: tal era o resultado da obstinada vontade, com que o mesmo D. Pedro conseguira chamar a si a fortuna, por isso que o grito do povo, pronunciado em Lisboa, começava já a decretar-lhe a victoria. Napier, conseguida que foi a acção notavel de 5 de julho, dêo-se logo a toda a pressa em devidamente guarnecer os navios apresados, e em segurar do melhor modo possivel as suas respectivas guarnições: feito isto, navegou para Lagos, onde o duque de Palmella, e Mendizabal o foram saudar, como a um novo Nelson. Não sendo possivel conservar prisioneiras todas as praças dos navios apresados, offerecêo-se-lhes a sua entrada no serviço da rainha, proposta que todas ellas aceitaram, e até muitos dos officiaes prestaram por esta occasião obediencia ao governo legitimo, e como taes se lhes confiou o commando de alguns navios da esquadra: desde então os constitucionaes e realistas rivalisaram em actividade e zelo uns com os outros em reparar as avarias da passada batalha, pondo as differentes embarcações promptas para navegarem breve. Por este tempo

[1] Foi esta perda de 67 mortos, 244 feridos, e 11 prisioneiros ou extraviados, ou 322 homens ao todo, dos quaes 39 eram officiaes. A Chronica do Porto avalia a perda do inimigo em 600 mortos, 70 cavallos, e 4:000 feridos, numero em que provavelmente ha bastante exageração.

o coronel das milicias de Beja, Domingos de Mello Breyner, tendo reunido a si alguns voluntarios nacionaes de Villa Real de Santo Antonio, e ajudado tambem por uns 50 atiradores francezes, que de Faro lhe mandára o duque de Palmella, não só se apoderára da villa de Alcoutim, mas d'alli seguio a Mertola, onde teve a noticia do levantamento de Serpa, e da villa de Moura, dispondo-se por conseguinte a marchar sobre Beja, que anciosamente esperava pelo apparecimento das tropas da rainha: esta cidade cahio effectivamente em poder de uns guerrilheiros constitucionaes no dia 9 de julho, tendo-lhes custado a perda de 12 homens mortos, e 5 feridos. Pela sua parte o duque da Terceira, tendo entrado em Loulé no dia 4 daquelle mez, alli se conservava apathico, como já se disse, até que no dia 7 o foi despertar a noticia da completa derrota e captura da esquadra miguelista. Em Lagos foi elle no dia 8 conferenciar com Napier, de quem recebêo um reforço de 200 homens, entre soldados da antiga brigada e marinhagem, que voluntariamente se alistaram na sua divisão. Postos então de parte todos os receios e perigos das operações de terra, o mesmo duque da Terceira ousado se entregou então aos mais arrojados e atrevidos planos da guerra, e como tal se resolvêo penetrar quanto antes no Alemtejo pela estrada de S. Marcos, e Santa Clara, fazendo para esse fim reunir em S. Bartholomeu de Messines todos os corpos da sua divisão, á excepção da força, que elle destinava á occupação do Algarve, e bem assim todos os meios de guerra e munições de bôca, indispensaveis para transpôr a serra de Monchique, e operar na provincia, a que se destinava. Combinadas assim as operações de terra, Napier entendêo pela sua parte fazer bloquear quanto antes a barra de Lisboa, e com essas vistas sahio então de Lagos para a foz do Tejo no dia 13 de julho, içando o seu pavilhão a bordo da náo D. João 6.º, trazendo, além desta, a náo Rainha, as fragatas D. Pedro e Princeza Real, as corvetas Portuense e Princeza Real, e o brigue Conde de Villa Flôr, sendo a maior parte destes navios guarnecidos com a mesma gente, que oito dias antes se havia combatido, e

obrigado a render á descripção. A confiança, que assim se depositou nos prisioneiros, ainda que arriscada, por poderem tentar alguma sublevação, ou apresentar-se ao governo de Lisboa, era filha da necessidade: deixa-los a traz era impossivel, pelo damno, que podiam causar á expedição, e sendo da maior urgencia apparecer quanto antes em frente de Lisboa, forçoso foi acreditar na sua fidelidade, e suppôr com bôa razão que não atraiçoariam uma bandeira, a favor da qual começava a declarar-se tão manifestamente a fortuna.

No mesmo dia 13 deixou o duque da Terceira S. Bartholomeu de Messines, chegando a Garvão no dia 15, onde se demorou por todo o dia 16 para reunir a si a artilheria de campanha, que vinha um dia de marcha á retaguarda. Para maior fortuna dos constitucionaes, o visconde de Mollelos já por este tempo lhes tinha desembaraçado a estrada sobre Lisboa, movimento o mais indiscreto, que podia praticar, por ser do seu rigoroso dever vigiar de perto o seu inimigo, e interpôr-se sempre entre elle e a capital do reino, prescindindo da questão secundaria da sublevação parcial de uma ou outra terra, cousa de muito pequena importancia, em relação á segurança de Lisboa. Entretanto Mollelos nada sabia do que se passava ao Norte do Tejo, e ignorando até os soccorros, que se lhes mandavam, as operações do seu exercito em volta do Porto, e por conseguinte a chegada de Bourmont, e dos mais officiaes francezes, para tomar o commando das tropas realistas, entendêo que abandonado inteiramente a si, como se suppunha, só lhe cumpria segurar Beja, para onde marchou com effeito, não só por haver alli entrado uma guerrilha constitucional, mas por ter interceptado nas serras do Algarve uma correspondencia do Porto para o duque da Terceira, na qual se encontrou uma carta de Bernardo de Sá Nogueira, recommendando-lhe a occupação de Beja, tanto pelo bom espirito dos seus habitantes, como pela vantagem estrategica, que de tal occupação resultava para as suas ulteriores operações militares no Alemtejo, e estabelecimento de um poderoso fóco de sublevação para os habitantes da provincia, e emigrados, que se

conservavam pela raia da Hespanha. Ignorando a par disto as operações do duque da Terceira, o mesmo Mollelos, querendo-se-lhe anticipar á sua supposta entrada em Beja, desta mesma cidade se apossou em 19 de julho, no meio das atrocidades, que podia commetter uma divisão insubordinada, e composta de muitos soldados avulsos de milicias, e realistas. Beja foi desde então a Capua do general miguelista, que alli se entregou a uma curta, mas bem fatal inacção para elle até quasi ao fim do mez, ignorando sempre tanto os movimentos do seu adversario, como as providencias e ordens do seu proprio governo.

Por este tempo já a guerrilha que se levantára em Punhete, e viera a Thomar, tinha sido dispersada, porque ameaçada por alguma força de Abrantes, e pela divisão do brigadeiro Taborda, que de Coimbra se dirigira a Ourem, vio-se obrigada a passar o Tejo, e chegou até Portalegre, onde os povos e as guerrilhas realistas, sabedores das forças sahidas de Lisboa ás ordens de Raymundo José Pinheiro, cahiram por tal modo sobre os guerrilheiros constitucionaes, que muitos delles foram logo presos e fuzilados, escapando-se poucos pela estrada de Marvão, até irem entrar em Hespanha por Valença de Alcantara, onde promptamente foram desarmados. Era então que a indisciplina da tropa de Mollelos, continuando cada vez a mais, dera logar a uma séria commoção militar em Beja, que tinha originariamente por fim depôr o seu mesmo general, em quem pelos seus actos suppunham traição e cobardia; mas apparecendo difficuldades sobre a escolha de quem o havia de substituir, viraram-se os amotinados contra os constitucionaes, que mataram em numero de umas vinte pessoas, além de saquearem tambem a cidade. Mais adiante iria talvez este motim, e mais funesto se tornaria tambem, se as forças de Raymundo José Pinheiro, e de Taborda, lhes não viessem opportunamente pôr côbro. Mollelos tinha já soffrido uma consideravel deserção na sua primitiva divisão; mas com estes soccorros a sua força fazia um total de 4 para 5:000 homens, inclusos 400 cavallos e dez bocas de fogo, ficando assim não só muito

superior ao duque da Terceira, mas até em estado de o perseguir por toda a parte, e facilmente derrota-lo no primeiro encontro, se o não tivesse já deixado adiantar dois dias de marcha sobre Lisboa, desviando-se da estrada da capital para se recolher a Beja, com que de mais a mais se impossibilitou de poder unir-se ás forças, que o duque de Cadaval tinha de novo mandado para o Sul do Tejo.

Foi no campo de Garvão que o duque da Terceira teve pela sua parte confirmada a noticia dos desastrosos acontecimentos de Beja; mas em troca disso vio-se com uma estrada limpa de inimigos para se poder dirigir a Lisboa, precedida a sua marcha das acclamações dos povos a favor do governo legitimo[1], e por conseguinte em circumstancias de poder sem grande risco correr parallelamente ao mar até ás portas da capital, apoiado para esse fim na esquadra e no immenso prestigio e fermentação, que por toda a parte espalhára a memoravel batalha naval de 5 de julho. Entretanto o duque, duvidando das circumstancias felizes, que a fortuna lhe punha diante, para afoutamente marchar sobre a capital, vacillou no meio da brilhante perspectiva de poder arvorar triumphante a bandeira bicolor nas fortalezas das margens do Tejo, e com estas vistas, ou iria em busca da divisão de Mollelos, para com ella se bater, ou, como alguem tem affirmado, retrogradaria de novo, para se ir fortificar em qualquer das terras da beira-mar do Algarve, esperando pela completa manifestação dos povos a favor da causa da rainha, se presentimentos de amigos, que formavam o seu quartel general, o não levassem a convocar em Messejana, em 17 de julho, um conselho militar[2], em virtude do qual se decidio marchar immediatamente para Lisboa, para não deixar resfriar a effervescencia e enthusiasmo,

[1] Tinha já sido acclamado em Villa Nova de Mil Fontes, Sines, S. Thiago de Cacem, e Alcacer do Sal, com muito boas esperanças de poder succeder o mesmo em Setubal.

[2] O tenente coronel José Jorge Loureiro, quartel-mestre general do duque da Terceira, e o capitão d'engenbeiros Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque, foram os que levaram o mesmo duque a reunir no seu proprio quartel este conselho, visto acharem-no tão persistente ou em procurar Mollelos, ou em se retirar para o Algarve.

que se ia desenvolvendo pelas differentes terras do Alemtejo. Não ha duvida que a marcha retrograda do duque para se ir fortificar em Faro, ou Lagos, não só havia de diminuir as tendencias dos povos a favor da causa constitucional, mas até desmoralisar d'algum modo a tropa, ao passo que mal succedido na sua tentativa sobre a capital, tinha por si a vantagem de se fortificar em Setubal. Entretanto os riscos de semelhante empreza eram ainda grandes, porque não só os constitucionaes iam achar na sua frente as forças muito superiores, que ultimamente haviam sahido de Lisboa ao seu encontro, mas até deixavam pela retaguarda uma divisão inimiga triplicadamente maior do que a sua, e demais a mais formidavel em cavallaria, em relação a 16 ou 18 homens, que traziam mal montados n'uns pequenos cavallos, que alguns particulares lhes tinham franqueado. Sobre tudo isto accrescia igualmente que o immenso fosso do Tejo se lhes apresentava diante, com as suas duas margens defendidas e guarnecidas por muita artilheria, oppondo-lhes por conseguinte serios embaraços para poderem entrar em Lisboa, onde 12 a 15:000 soldados realistas tratavam ainda de reprimir qualquer tentativa a favor da causa do Porto. Apezar de tudo isto no dia 18 de julho pôz-se a divisão a caminho, e apenas os soldados perceberam que á direita se deixava a estrada de Aljustrel, que vae a Beja, para se tomar a d'Alvalade, que se dirige a Lisboa, contentes e enthusiasmados romperam immediatamente em gritos *a Almada, a Lisboa!* Esta marcha, quando atrevida fosse, não era todavia temeraria: seguindo parallelos ao mar, os constitucionaes tinham por si o apoio da esquadra, o enthusiasmo dos povos, que successivamente se ia desenvolvendo, a vantagem de se fortificarem em Setubal, se necessario lhes fosse, o estado da indecisão de Mollelos, e finalmente o susto em que estava o governo de Lisboa, pela consideravel fermentação dos espiritos, que redobrou de intensidade quando um annuncio telegraphico de S. Thiago de Cacem participára ao duque de Cadaval, que uma divisão constitucional de 5 para 6:000 homens sahira do Algarve a marchas forçadas sobre Setubal.

Nesta agitação dos espiritos proclamou elle então aos habitantes da capital, e fez a toda a pressa sahir para o Sul do Tejo uma divisão movel, que devia occupar Setubal, e em todo o caso diligenciar fazer a sua juncção com Mollelos. Naquella sua proclamação o mesmo duque de Cadaval chamava ás armas os *fieis e honrados* para prestarem os seus serviços *á mais justa das causas*, com exclusão dos *cobardes e traidores:* Lisboa foi desde logo declarada em estado de sitio, devendo punir-se dentro em 24 horas com pena de morte todo o individuo, que por acções ou palavras sediciosas promovesse o desalento e a revolta.

Já proximo de Alcacer é que o duque da Terceira encontrou, no dia 21 de julho, uma pequena partida de voluntarios realistas, que prisioneiros uns, e dispersados outros, foram levar a Setubal o terror com a aproximação das tropas constitucionaes. No dia 22 achava-se a columna movel do inimigo em posição em frente de Setubal, disposta ao que parecia a entrar em batalha; mas tudo isto já não era mais do que o annuncio da total decadencia do governo miguelista, cujas forças, desproporcionadamente maiores que as dos constitucionaes, nem já tinham valor para atacar, e o que peor era, nem até mesmo coragem para se defender. E com effeito aquella gente, fazendo apenas alguns tiros de artilheria contra os constitucionaes, dêo-se logo em debandar, quando os viram marchar contra si a passo accelerado, e cobertos nos seus flancos por alguns atiradores. O castello de S. Filippe, e a torre de Outão abriram espontaneamente as portas aos vencedores, e arvoraram logo o estandarte constitucional; mas o duque da Terceira, atravessando Setubal, foi acampar á quinta do Esteval, sobre a estrada de Azeitão, destacando alguma gente para a estrada de Palmella. A chegada a Lisboa dos fugitivos de Setubal dêo logar a um ultimo esforço da parte do governo miguelista, cada vez mais cuidadoso com a rapidez e audacia das marchas forçadas, que os constitucionaes empregavam para chegarem ás margens do Tejo: neste aperto fez elle sahir na manhã de 23 de julho para a villa de Almada uma

parte da guarnição da capital, em força de 3:000 homens d'infanteria, além de tres esquadrões de cavallaria, dando o commando desta divisão ao marechal de campo Joaquim Telles Jordão, que ao mesmo tempo devia reunir a si os restos dispersos da columna movel, afugentada de Setubal, e cooperar quanto podesse com a divisão de Mollelos. Nestas circumstancias a posição do duque da Terceira tornou-se summamente arriscada; mas a gloria que o esperava era tambem proporcional: a sua força, depois de deixadas no Algarve as precisas guarnições de Faro, Lagos, e Olhão, constava apenas de 1:600 homens, tendo na sua frente a força de Telles Jordão, e na sua retaguarda a de Mollelos, sendo qualquer dellas numericamente dupla ou tripla da sua. Mollelos tinha finalmente sahido de Beja, vindo no dia 24 entrar em Setubal. Neste aperto os constitucionaes, em vez de perder a coragem, tornaram-se mais animosos, entendendo que os extremos de valor e audacia, com os prodigios da tactica, podem ser com successo aventurados, e algumas vezes tem effectivamente ganho grandes batalhas. O duque da Terceira, e o seu quartel mestre general, José Jorge Loureiro, não desprezando a situação arriscada em que se achavam, resolveram todavia marchar contra Telles Jordão, e cahir depois sobre Mollelos, se algum movimento popular em Lisboa lhes não franqueasse antes disso as portas da capital. Da esquadra não havia infelizmente noticia, porque victima da *cholera-morbus*, e falta de vento para poder chegar á foz do Tejo, só na manhã do dia 24 pôde ella mesma saber que a pequena divisão constitucional se dirigira a marchas forçadas no dia 23 sobre as visinhanças de Almada, depois de ter entrado victoriosamente em Setubal. Era com effeito nesta direcção que marchava o duque da Terceira em perseguição das reliquias da força, que batêra naquella villa. Tinham-se já atravessado as tres legoas de areal, que separam a villa de Azeitão do logar da Amora, divisando-se apenas neste ultimo ponto umas avançadas de cavallaria, que se retiraram logo que presentiram a vanguarda constitucional. Das colinas que dominam a baixa de Corroios se foram nova-

mente retirando os realistas de posição em posição, podendo o duque da Terceira penetrar finalmente na estrada escavada, que por entre as alturas do Alfeite vem desembocar no valle da Piedade. Era neste valle que o general miguelista concentrára todas as suas forças, talvez que nas vistas de tirar vantagem da sua cavallaria, deixando ao mesmo tempo em abandono a estrada de Almada pelo lado de S. Sebastião. A columna constitucional desembocava apenas no valle da Piedade pela estrada do Alfeite, quando dois esquadrões de cavallaria, vindos a galope da estrada de Cacilhas, a carregaram com todo o impeto. Todavia caçadores n.° 2 e 3 não só sustentaram valentemente a sua posição, mas até conseguiram pôr em debandada a cavallaria inimiga, que soffrendo grande perda, foi abrigar-se do fogo que lhe faziam por de traz dos armazens da cova da Piedade. Desde então a victoria pôde reputar-se ganha, porque mandadas cobrir as estradas do Pragal e Almada, seguio direito a Cacilhas o batalhão de caçadores n.° 2, levando na sua frente os realistas com baioneta sobre os rins até ás ruas da villa, depois de terem perdido duas peças de artilheria de campanha, que enfiavam a estrada da Mutella n'um dos ramaes, que para ella vae da parte de Almada. O valente Romão José Soares, commandante de caçadores n.° 2, entrando na rua direita de Cacilhas, foi por entre os inimigos até ao caes para lhes impedir o embarque para Lisboa. É impossivel descrever o desordenado espectaculo, que no mesmo caes se observava por esta occasião: a infanteria, cavallaria, artilheria, e bagagens; os generaes, officiaes, e soldados, todos n'um rodilhão, se viam alli concentrados, procurando precipitarem-se sobre os primeiros barcos, que a fortuna lhes deparava ás mãos. Nesta confusão foi reconhecido, e desde logo cruamente morto na praia, o marechal de campo Joaquim Telles Jordão, que affrontosamente feito em pedaços, pagou em justo castigo as barbaridades, que como governador da torre de S. Julião da barra havia praticado contra os infelizes constitucionaes, que nella se achavam prisioneiros. Na manhã do dia 24 de julho rendêo-se o castello d'Almada, de-

pondo a sua guarnição as armas diante do vencedor na respectiva explanada, tendo no dia anterior recusado receber a intimação, que da parte do duque da Terceira lhe fôra fazer um parlamentario, que para o seu campo se recolhêo mortalmente ferido. O inimigo perdêo toda a força com que viera ao ataque, calculando-se em mil os mortos e fugitivos, que durante a noite se poderam escapar para Lisboa, sendo por conseguinte o numero dos vencidos quasi o dobro do dos vencedores, sem que todavia se encontrasse differença entre uns e outros uma hora depois de acabado o fogo: a perda dos constitucionaes constou apenas em tres homens mortos, doze feridos, e tres extraviados, o que claramente demonstra a desordem, e a desmoralisação em que estava a tropa miguelista.

Os soldados, que poderam atravessar o Tejo, e particularmente o filho de Telles Jordão, acabaram de pôr termo á ansiedade e terror, de que o governo se achava possuido. Estas noticias, exageradas sempre por quem foge, para assim cohonestar a sua desairosa conducta, reunidas á illuminação de Cacilhas, tinham levado a fermentação da capital aos ultimos extremos. Pela meia noite reunio o duque de Cadaval um conselho militar, em que geralmente prevalecêo a idéa de se não poder conservar Lisboa: 1.° pela falta de confiança na tropa; 2.° pela facilidade, com que a esquadra constitucional podia entrar a barra ao abrigo das baterias da margem esquerda do Tejo; 3.° pela impossibilidade de se lhe poder resistir, e ao mesmo tempo conter qualquer sublevação em Lisboa. Nestes termos optou-se pela prompta evacuação da capital, e a pretexto de uma revista, foram reunir no Campo Grande, na madrugada do dia 24 de julho, as tropas do duque de Cadaval, em numero de 10 ou 12:000 homens de todas as armas. O governo miguelista, que tão ousado se mostrára na proclamação, que poucos dias antes fizera publicar, e sobre tudo na barbaridade, com que no dia 23 mandára executar no Caes do Sodré um infeliz preso politico [1], não teve agora coragem para encarar com os seus

[1] Além deste havia mais tres infelizes prêsos politicos, que teriam a mesma sorte daquelle, se a sublevação de Lisboa os não viera tirar do Oratorio.

adversarios, sem ao menos averiguar ao certo quaes fossem as forças, de que elles dispunham. Consideravel numero de frades e padres, quasi todos os empregados publicos, grande numero de nobres e de plebêos, ou todos os que se julgaram comprometidos, abandonaram finalmente Lisboa, que por esta maneira deixaram exposta a qualquer golpe de mão. Ainda que verdadeiras algumas das razões expostas no conselho militar, convocado pelo duque de Cadaval, todavia retirar, antes de vêr qual fosse a força dos seus inimigos, foi certamente um acto de não pequena cobardia: os montes, que dominam Lisboa pelo lado oriental, podiam ser fortificados, e occupados pelos voluntarios realistas, confiando-se á guarda da policia a guarnição e defeza do castello de S. Jorge. Por este modo, o duque de Cadaval tinha sempre uma retirada segura por aquella parte de Lisboa; nada lhe podia embaraçar a sua sahida do castello de S. Jorge, pela Graça, Penha de França, e Arroios, onde por conseguinte podia tomar a estrada de Sacavem, ou a de Loures, como mais conta lhe fizesse. Por outro lado nada se sabia da divisão de Mollelos, e achando-se intacta, e servindo de ponto de reunião aos fugitivos de Setubal e Cacilhas, tambem lhe havia de ser de grande auxilio, qualquer que fosse o ponto, em que ella viesse a passar o Tejo.

Como quer que seja, certo é que desde então por diante ninguem mais duvidou mostrar na capital do reino o cançasso, que já a todos os seus moradores causava a fastidiosa continuação de tantas lutas e guerras, de que nenhum bem havia resultado para a nação em geral, mas apenas para alguns partidistas do poder absoluto, que cercavam o usurpador da corôa portugueza, ou para alguns dos que com taes partidistas se achavam identificados. Aquella espantosa devoção, com que tantos milhares de individuos tinham militado, ou nas fileiras dos voluntarios realistas, ou no exercito de primeira linha, ia já na sua rapida decadencia, por tanta fé perdida na omnipotencia das suas armas, e no prestigio da sua força, resultado bem amargo do nenhum effeito de tantos e tão multiplicados combates, dados em volta das li-

nhas do Porto contra 7:500 bravos, a quem agora a fortuna tão decididamente parecia proteger. Deste modo as esperanças, que n'outr'ora se pozeram no maior numero, tinham por conseguinte acabado, e a confiança no governo do infante estava de todo perdida, pelos seus repetidos desacertos nas cousas militares e civis, e não menos pelas infructuosas perseguições, feitas contra o partido liberal, perseguições que, pelo sem numero de descontentes, que produzira, aborreciam até mesmo a muitos dos que tão acaloradamente as tinham promovido. Por conseguinte a inaptidão do governo miguelista e a dos seus generaes, exuberantemente demonstrada pelas vantagens alcançadas pelos constitucionaes desde os Açôres até ao seu desembarque no Porto, (não obstante os meios descommunaes, de que os seus contrarios dispunham), pela coragem, com que depois se defenderam durante o cêrco, e ultimamente pela importancia da memoravel batalha naval do cabo de S. Vicente, pela atrevida marcha do duque da Terceira desde o Algarve até Cacilhas, e pelo seu triumpho na acção da Piedade, havia com toda a razão esfriado os mais enthusiastas pela causa de D. Miguel, e enthusiasmado a todos os que propendiam para a do governo legitimo. Desde então começára-se a generalisar a crença de que o regimen constitucional, a julgar pelos homens, que no meio de tantas difficuldades se tinham sustentado, e sabido dominar a fortuna, era o unico capaz de tornar feliz a nação. Estabelecida pois a fé de que o governo representativo seria na verdade o da ordem, da moralidade, e justiça, e que traria comsigo a mais severa economia dos dinheiros publicos, attento o consideravel estado de pobreza, a que presentemente a nação estava reduzida, ninguem mais hesitou em abraçar em Lisboa, no meio de taes conjuncturas, a causa de semelhante governo.

Com effeito, mal raiava o dia 24 de julho, já as ruas de Lisboa começavam a encher-se de cidadãos armados, e em quanto uns iam correndo a soltar das cadeias as innumeraveis victimas da fidelidade, que nellas gemiam, outros marchavam affoitos a arvorar no castello de S. Jorge, e nos

differentes fortes, construidos pela margem do Tejo, e em varios logares da cidade, como simbolo da causa, por que se pugnava dentro dos muros do Porto, as bandeiras azues e brancas, que d'improviso appareceram feitas. No arsenal do exercito achou o povo bastante provimento d'armas, e em mais de cinco mil presos, sahidos das cadeias, um fiel e consideravel reforço para auxiliar a causa constitucional. Para dar aos sublevados um centro de reunião, collocou-se no Terreiro do Paço a brigada da marinha, e o batalhão d'artifices, cuidando-se desde logo na organisação dos antigos corpos do commercio, e dos mais batalhões de atiradores, e d'artilheiros nacionaes, que D. Miguel dissolvera na sua chegada a Lisboa em 1828. Até aqui fôra o baixo povo quem unicamente fizera o rompimento contra o governo usurpador; mas apenas se soube que o duque de Cadaval, allucinado pelo terror, não só abandonara vergonhosamente a capital, mas até retirava do Campo Grande para Loures, procurando a Cabeça de Montachique, o movimento revolucionario começou desde então a tornar-se mais geral, e a chamar a si os cidadãos de mais alta jerarchia, particularmente depois que viram saudada pelos navios de guerra inglezes e francezes a bandeira bicolor, içada no tope do mastro grande dos sobreditos navios. Toda a Lisboa, livre da compressão do governo usurpador, rebentára finalmente n'um vulcão de ira popular contra a tyrannia. As salvas e os vivas resoavam pois por toda ella ao vêr destruir os patibulos, fugir os verdugos, acabar a ignominiosa servidão, e cahirem aos pés dos desgraçados presos politicos os ferros, que até então lhe roxeavam os pulsos. Grande numero de embarcações apinhadas de gente remavam para o pontal de Cacilhas, para se anticiparem ao triumphal desembarque da pequena expedição do Algarve em Lisboa. O proprio duque da Terceira duvidara até então da sua mesma fortuna, parecendo-lhe incrivel que tivesse á sua disposição, como lhe diziam, a população inteira da capital, com todos os seus vastos recursos e arsenaes: o apparecimento da bandeira constitucional no castello de S. Jorge, e nos mais fortes da

margem direita do Tejo, fez-lhe até suspeitar alguma cillada da parte dos seus inimigos, sendo a final desenganado desta sua incredulidade pelos officios, que recebêo da propria commissão revolucionaria, que existia em Lisboa, e pela presença de pessoas, cuja fidelidade se lhes não podia contestar. Reunida pois com a immensa multidão de barcos, e de gente, que de toda a parte affluia ao caes de Cacilhas, a humilde expedição do Algarve desembarcou finalmente no Terreiro do Paço, das duas para as tres horas da tarde, depois de tantos annos de exilio, de tantas privações, e soffrimentos passados, e de tantos combates sustentados nos Açôres, no Porto, e ultimamente ao Sul do Tejo. É mais facil imaginar do que descrever qual fosse o enthusiasmo de uma populosa cidade, que por cinco annos tinha gemido debaixo dos mais pesados açoutes do despotismo: muitos milhares de pessoas impacientes acolheram naquella praça a divisão expedicionaria no meio da mais viva effusão de alegria. O duque da Terceira por muito tempo não pôde pizar o terreno, do que por tantos annos se achava auzente, e quasi que de braços para braços foi levado até ao paço do antigo senado da camara, onde desde o comêço do dia todas as classes de cidadãos tinham corrido a acclamar o governo legitimo, acclamação a que o mesmo duque da Terceira concorria tambem pela sua parte, no meio de muitos generaes, officiaes, e de immenso concurso de povo, que o acompanhava. Muitos motivos de vingança existiam gravados no coração dos habitantes da capital, não sendo por conseguinte possivel, que no meio de um governo, que se desorganisava, e d'outro, que ainda o não tinha bem substituido, deixassem de haver os resentimentos, que eram bem de receiar no meio de taes occorrencias. Para cohibir as escandalosas violencias e excessos, que se praticaram, dêo o duque da Terceira as ordens, que mais acertadas lhe pareceram, mandando além disto affixar uma proclamação, em que fazia vêr que o estandarte da rainha e da Liberdade, á sombra do qual os fieis á sua causa se tinham abrigado no meio das perseguições, dos exilios, e combates, não era emblema de guerra,

e ainda menos de vinganças, mas sim de paz e reconciliação de toda a familia portugueza.

Continuando os ventos escassos a esquadra constitucional só no dia 24 de julho pôde chegar á foz do Tejo, onde Napier foi com espanto seu informado do abandono de Lisboa pelos miguelistas, e da sua occupação pelas tropas do duque da Terceira. Não sabendo ainda do abandono das torres de S. Julião, e Bugio, o almirante lançou ferro fóra da barra, para em breve o suspender apenas lhe constou que aquella nova circumstancia tambem havia tido logar. Fundeado novamente defronte de S. Julião, de que logo tomou posse, reforçando-a com alguma gente, que mandou em auxilio dos presos politicos, d'alli seguio o mesmo Napier n'um escaler com o duque de Palmella pelo Tejo acima, deixando a esquadra, que não podia navegar por falta de vento. Ainda o escaler não tocava o ponto do desembarque no arsenal da marinha, e já pela beira-mar da cidade retumbavam as estrondosas acclamações de um infinito povo, que victoriava os recem-chegados. Recebidos n'uma esplendida equipagem do barão de Quintella, se foram depois hospedar no palacio do mesmo barão. Um movimento atrevido facilmente perderia ainda os constitucionaes, se o duque de Cadaval, em vez de proseguir na sua retirada, reunisse a si a divisão de Mollelos, e entrasse depois por Lisboa dentro, onde todos se achavam sem cuidar em defeza, mas entregues somente aos extasis do seu enthusiasmo. Na tarde do dia 25 a esquadra pôde finalmente entrar pelo Tejo acima, e em quanto as náos fundearam defronte do arsenal, a fragata D. Pedro teve ordem de ir postar-se defronte d'Aldêagallega para evitar que as tropas de Mollelos podessem d'alli passar para o Norte, mandando-se tambem alguns brigues estacionar em differentes pontos do rio. O resto da força naval seguio para o Porto, não só para ficar á disposição de D. Pedro, mas para bloquear tambem os differentes portos da costa.

Em quanto o duque de Palmella cuidava, como governador civil provisorio, na nomeação d'empregados, e em

proclamar aos habitantes de Lisboa, as medidas do duque da Terceira para a defeza da capital consistiam apenas em ultimar o armamento dos antigos corpos do commercio, e dos batalhões de atiradores e artilheiros nacionaes. Ninguem por conseguinte se lembrava da eminencia dos perigos, que podiam sobrevir, absortos todos na magnitude dos acontecimentos, que ultimamente se tinham succedido: tão verdade é que quem se acha vivamente impressionado n'um sentido, mal pode avaliar as circumstancias de outro inteiramente differente. Napier era talvez o unico militar, que antevia o mal que ainda lhe podia sobrevir, e para o remediar quanto possivel, fez levantar o vapor George 4.°, apresado dentro do Tejo, e seguir até ás alturas de Salvaterra, para vigiar o inimigo, e obstar igualmente alli á passagem de Mollelos para a margem do Norte. A tropa deste general, entrada em Setubal em 24 de julho, pretendêra tirar lá uma crua vingança da afortunada marcha dos constitucionaes sobre Almada, procurando assim repetir as escandalosas scenas do que praticára em Beja; mas sobrevindo-lhe a noticia da acção de Cacilhas no meio dos seus horrorosos planos, e pouco depois a da entrada do duque da Terceira em Lisboa, todas aquellas idéas cederam aos cuidados da propria conservação. Desde então a causa miguelista foi reputada perdida na opinião dos mais cordatos e entendidos dos seus partidistas, e o proprio chefe do estado maior de Mollelos, o tenente coronel Augusto Xavier Palmeirim, penetrado da necessidade de entrar n'alguma capitulação, por meio da qual os realistas podessem ainda conseguir algumas condições de vantagem, em vez de se sujeitarem ás de desaire, que a continuação da guerra forçosamente lhes havia de trazer comsigo, não duvidou aconselhar este passo ao seu general, que todavia lhe não pôde tomar o parecer [1], decidindo-se bem pelo contrario n'um conselho militar, por elle

[1] Mollelos teve a indiscripção de revelar ao seu barbeiro os planos do tenente coronel Palmeirim, donde resultou a impossibilidade de os poder levar a effeito, divulgados como desde então começaram a ser no publico, que desde logo lhe oppôz a mais viva e formal resistencia.

reunido, que as suas forças se dirigissem de Setubal para Aldêa-gallega, onde encontraram já a fragata D. Pedro, que alli lhes impedia a passagem para o Norte do Tejo. Ainda assim a divisão de Mollelos marchava já em tão completo estado de confusão, que nem se estabeleciam piquetes, nem postos avançados, e um só regimento, que de Lisboa se tivesse mandado contra ella, era bastante para a derrotar sem grande derramamento de sangue. O tenente coronel Palmeirim, e o brigadeiro Taborda vieram fazer a sua apresentação ao duque da Terceira, que os recebêo muito bem, e lhes garantio as patentes, que tinham adquirido no exercito de D. Miguel, na conformidade das Instrucções que no Porto recebêra [1]. Firme na causa da usurpação, Mollelos seguio d'Aldêa-gallega para Salvaterra, onde tambem não pôde passar o Tejo por causa do vapor George 4.º; mas podendo atravessa-lo mais adiante para Vallada, marchou de lá a reunir-se á divisão do duque de Cadaval, que da Cabeça de Montachique se tinha dirigido a Obidos, Caldas da Rainha, Alcobaça, e Leiria, logo que perdêo as esperanças de poder metter-se em Peniche, que o seu governador Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio, dominado por um terror panico, tinha já abandonado, depois de intimado para se render pelo commandante da expedição constitucional das Berlengas, não obstante as positivas ordens que tinha para resistir, e tomar todas as disposições convenientes para a sua defeza. Para Coimbra se dirigira pois Apparicio, e após

[1] A desconfiança no triumpho das armas de D. Miguel foi quem provavelmente levou o tenente coronel Palmeirim a procurar uma capitulação vantajosa em quanto julgava poder alcança-la, pois mais tarde teria de ficar sujeito á inteira descripção do vencedor. Este seu proceder, reunido com a sua apresentação ao duque da Terceira, foi quem naturalmente lhe acarretou entre os seus a reputação de traidor, com que o tem denegrido alguns escriptos do tempo. Entretanto o chefe do estado maior de D. Pedro, o proprio general Saldanha, positivamente affirmou, quando acabou a guerra, não ter tido noticia, nem saber que o mesmo Palmeirim servisse promiscuamente as duas bandeiras politicas, que se guerreavam; mas para ajudar mais a desvanecer taes imputações necessario era tambem, que deste official dissessem o mesmo que Saldanha tanto o duque da Terceira, como os ajudantes, e quarteis mestres generaes, que serviram com D. Pedro, e até mesmo os membros da junta revolucionaria, que por este tempo havia em Lisboa por parte do partido constitucional.

elle o duque de Cadaval com a divisão de Mollelos, ficando assim por algum tempo limpas de tropas miguelistas, a exceptuar-se unicamente a praça d'Elvas, as provincias do Algarve, Alemtejo, e Estremadura.

Poucas horas se haviam passado depois que em 25 de julho o vencedor d'Argel depozera aos pés do Exercito Libertador os louros, que lhe cingiam a frente, quando D. Pedro recebêo a extraordinaria noticia da occupação de Lisboa pelas tropas do duque da Terceira. Aos habitantes do Porto, e ao mesmo Exercito Libertador annunciou elle logo a sua prompta partida para a capital, deixando ao conde de Saldanha o commando das tropas que se achavam no Porto, e de todas as mais, que alli se podessem ir reunindo. Eram dez horas da noite de 26 de julho quando o mesmo D. Pedro, com mais sequito militar que cortezão, se dirigio para a Foz, acompanhado de todos os ministros d'estado, dos seus ajudantes de campo, e mais pessoas de familia, onde se embarcou para Lisboa a bordo do vapor Guilherme 4.º De balde procurou a commissão municipal do Porto, n'uma pequena allocução que dirigio ao regente, demorar-lhe por mais algum tempo a sua sahida para Lisboa: « Augusto se-« nhor, lhe dizia ella, ainda tudo não está concluido, em « quanto se acha sitiada a cidade do Porto, a qual por seus « longos e incalculaveis sacrificios para a consolidação da « grande causa da rainha, e da Carta, supplíca, e espera de « V. M. I. a continue ainda a honrar por alguns dias com « a sua presença, e lhe permitta, em remuneração de tantos « e tão longos sacrificios, a honra e prazer de felicitar pes-« soalmente a V. M. I. pelo triumpho final da grande causa « em que V. M. I. e a cidade se têm tão heroicamente « empenhado. » A esta supplica respondêo D. Pedro, que bem desejava permanecer por mais tempo entre os habitantes da leal cidade; mas que o amor que lhes tinha, e sobre tudo a nobre causa, que tão gloriosamente haviam defendido, o obrigavam a acudir a toda a parte onde as circumstancias o chamassem: « contem os illustres portuenses, accrescentou « elle, que no momento do perigo me acharão com elles, e

« que em breve voltarei a gozar do prazer, que deve cau-
« sar-lhes o inteiro restabelecimento da tranquillidade da
« patria. » Com esta despedida ficaram os habitantes do Porto entregues ainda a todo o vigor do sitio, que até então supportavam, e que pelo mesmo modo continuou, pois o exercito realista parecia conservar-se impassivel no meio dos grandes acontecimentos, que successivamente se iam passando.

Pela uma hora da tarde de 28 de julho entrou a barra do Tejo o vapor Guilherme 4.°, içando o pavilhão real, firmado por 21 tiros, a que tambem salvaram as fortalezas de S. Julião da barra, e do Bugio, rompendo as suas guarnições em vivas d'enthusiasmo ao augusto chefe da casa de Bragança. A presença do pavilhão içado, e as salvas das fortalezas da barra, espalhando por toda a Lisboa a noticia da chegada do regente, chamaram immediatamente ao Tejo grande numero d'embarcações, carregadas de gente de ambos os sexos, distinguindo-se as senhoras pela elegancia e esmero das suas vistosas galas azues e brancas. Este immenso concurso de botes no Tejo, e o da gente apinhada por toda a parte donde se avistava o rio, formou uma das mais bellas vistas de que a capital tem gozado. Todos os possiveis signaes de regosijo publico se manifestaram por esta occasião: os fogos de artificio, as salvas das baterias e navios de guerra, os innumeraveis lenços e bandeiras, que se agitavam no ar, no meio de um immenso concurso de povo, de tal modo impressionaram o mesmo D. Pedro, que as lagrimas lhe escaparam pelos olhos fóra ao presenciar tão vivo e interessante quadro. O almirante Parker, commandante das forças navaes inglezas surtas no Tejo, acompanhado dos officiaes superiores pertencentes ás mesmas forças, e lord William Russell, foram os primeiros a cumprimentar D. Pedro, que os recebêo com toda a polidez e urbanidade; mas o almirante Napier foi o que mais pomposa teve a sua recepção, vindo o mesmo D. Pedro, acompanhado de todos os ministros d'estado e do seu estado maior, toma-lo em braços ao portaló, e conduzi-lo pela mão

até ao tombadilho, onde lhe prodigalisou as mais lisongeiras expressões, e lhe attribuio a honra de ter collocado a sua augusta filha no throno dos seus maiores. Pelas duas horas e meia da tarde chegaram os duques de Palmella e Terceira, que D. Pedro veio tambem receber ao portaló, e a quem igualmente abraçou, e dêo os mais vivos agradecimentos pelos seus importantes serviços, fineza que os duques agradeceram, confessando a parte principal, que elle tinha tomado em taes feitos. De bordo do vapor se dirigio D. Pedro a bordo da náo D. João 6.º para visitar o almirante, e lhe agradecer, e com elle a todas as guarnições da esquadra, o seu nobre e arrojado feito d'armas de 5 de julho, confessando novamente, que a rainha de Portugal devia o seu throno aos importantes serviços, que a esquadra lhe acabava de prestar. Pelas tres horas da tarde desembarcou no arsenal da marinha, sendo tão extraordinario o concurso do povo, e tal o enthusiasmo de que estava possuido, que o regente julgou de todo terminada a luta, e chegou até a arremessar para longe de si a sua espada, entendendo que della não tornaria mais a precisar. D. Pedro não podia deixar de entrar em Lisboa no meio da geral expectação, filha do renome, que lhe grangeára o seu valor e coragem na defeza do Porto. Todos á porfia lhe tributaram as mais excessivas provas de gratidão. A commissão municipal, que poucos dias antes se installára, quando o veio cumprimentar, representou-lhe a ansiedade, que o povo tinha de o vêr, e a essa conta teve elle de passar por alguma das principaes ruas da cidade, cujas casas e janellas se lhe apresentaram ornadas de vistosas bandeiras azues e brancas, de ricos tapetes e colchas, entrando finalmente pelas cinco horas da tarde no palacio da Ajuda, onde um concurso de pessoas da maior distincção, e das mais altas jerarchias do estado, civis e ecclesiasticas, lhe apresentaram os seus respeitos, com os seus protestos de fidelidade á rainha e á Carta Constitucional. Correndo aquelle palacio n'um lançar d'olhos, o imperador dirigio-se depois á capella real, para assistir ao *Te Deum*, officiado por um principal, por se não aceitarem para isso

os serviços do patriarcha, D. frei Patricio, que tão celebre se tornára pelas suas pastoraes contra o governo do Porto. Concluido este acto, voltou para Lisboa, estabelecendo a sua residencia no palacio da Bemposta, onde despachou com os seus ministros, e recebêo muitas pessoas, que lhe foram apresentadas. Na manhã de 29 de julho foi visitar o jazigo dos reis da casa de Bragança, e depois de ouvida a missa, que mandára celebrar pelo eterno repouso de seus pais, veio junto do tumulo de D. João 6.º, onde, commovido pelos agros desgostos, e dura ingratidão, que este infeliz monarcha experimentára nos ultimos annos da sua vida, dos membros mais chegados da sua propria familia, pregou o seguinte rótulo = *Um filho te assassinou, outro filho te vingará.* — *29 de julho de* 1833. — *D. Pedro.* = No dia immediato mudou elle a sua residencia para o palacio das Necessidades. E para mostrar a franqueza, com que tratava os seus proprios subditos, desdenhoso da cortezã etiqueta dos seus antigos maiores, não só teve a delicadeza de ir em pessoa pagar algumas visitas, que se lhe tinham feito, mas até mandou declarar [1], que veria com satisfação prescindirem do incommodo de se apearem, como prova de respeito, as pessoas, que, indo a cavallo, o encontrassem no seu transito pelas ruas da cidade, ou por quaesquer outros sitios.

Ainda D. Pedro se achava no Porto, quando o ministro dos negocios estrangeiros, e interino da marinha, marquez de Loulé, foi encarregado de ir levar ao conhecimento da rainha, então residente na côrte de Paris, a noticia das victorias alcançadas sobre os miguelistas, e sobre tudo a feliz entrada das tropas constitucionaes em Lisboa. Desde então foi o expediente dos negocios estrangeiros confiado interinamente ao ministro do reino, Candido José Xavier, e o da marinha ao ministro da guerra, Agostinho José Freire, continuando José da Silva Carvalho pela sua parte nas repartições da fazenda e justiça: tal era o ministerio, com que D. Pedro entrára na capital. Alguns decretos dos que podiam grangear ao governo alguma popularidade se publicaram no-

[1] Portaria do ministerio do reino de 11 de agosto.

vamente em Lisboa, não obstante terem-no já sido na Terceira, ou no Porto, taes como o da extincção dos direitos do pescado, o da extincção das ordenanças e milicias, e o do acabamento do fôro ecclesiastico para os crimes civis. A instalação do governo legitimo foi no dia 29 de julho participada aos agentes consulares. O papa, ou o seu delegado nesta côrte de Lisboa, o cardeal Justiniani, que tão efficazmente protegêra a causa da usurpação, foi o que sobre si chamou as primeiras vistas e attenções do governo recentemente installado. A pretexto de evitar qualquer acto publico de animadversão dos portuguezes, foi aquelle delegado intimado para sahir de Lisboa dentro em tres dias, praso que todavia foi prorogado até 5 de agosto, permittindo-se que, em vez de seguir viagem para Cadiz a bordo da embarcação de guerra, que se lhe tinha mandado aprompt̃ar, podesse ser transportado para Genova a bordo do bergantim sardo, *L'Annuta*. O tribunal da legacia, cujo presidente era nomeado em Roma, sendo os restantes de seus membros escolhidos depois por este mesmo presidente, foi extincto como offensivo á dignidade nacional, aos direitos do episcopado, e á liberdade da igreja lusitana, passando o processo das habilitações dos nomeados para os bispados vagos para o metropolitano da provincia, e o deste para o bispo suffraganeo mais antigo, e para a secretaria dos negocios estrangeiros as dispensas *in forma pauperum*. Seguiram-se ao papa e ao seu delegado os ecclesiasticos seculares e regulares, que tão conspicuo papel tinham feito nos annaes da usurpação: uma vez mettidos nas contendas civis, era consequencia necessaria experimentarem as tristes consequencias dos vencidos. Por decreto de 31 de julho se creou uma commissão de reforma geral ecclesiastica, para conhecer do conventos, mosteiros, collegiadas, e parochias, que deviam supprimir-se ou conservar-se, commissão que depois foi elevada á cathegoria de *junta do exame do estado actual, e melhoramento temporal das ordens regulares*. Por um outro decreto de 5 de agosto se declararam rebeldes e traidores, devendo ser como taes processados e punidos, perdendo igualmente o di-

reito ás suas igrejas e beneficios, os ecclesiasticos seculares e regulares, que desampararam, ou desamparassem as suas parochias, capellas, conventos, e mosteiros, na occasião, em que se acclamou, ou viesse a acclamar o governo legitimo, comminando-se tambem penas aos conventos e mosteiros, que no seu seio recebessem taes ecclesiasticos. D. Pedro, fiel ao que promettêra ao papa Gregorio XVI na carta, que de Paris lhe dirigira em 12 de outubro de 1831, declarou vagos todos os bispados e arcebispados, que depois de apresentados pelo governo usurpador, tinham obtido a confirmação da Santa Sé, succedendo o mesmo a todas as mais dignidades ecclesiasticas pelo mesmo modo providas. A admissão a ordens sacras e a noviciados foi desde logo prohibida, mandando-se despedir dos mosteiros ou conventos todos os individuos ainda não professos. Todas estas medidas foram acompanhadas do prompto embarque para fóra do reino dos padres jesuitas, que D. Miguel tinha nelle admittido contra as expressas leis do reino, que novamente se mandaram vigorar. Os padroados ecclesiasticos de qualquer natureza ou denominação tambem por esta occasião se extinguiram, passando para o governo todas as apresentações ecclesisticas. Finalmente mandou-se que os ordinarios aceitassem á sua obediencia as communidades religiosas, ainda que militares fossem, que tivessem casa conventual nas respectivas dioceses. Em todos estes decretos foi notavel a linguagem nelles empregada contra uma classe, para quem até então pareciam poucas todas as attenções e deferencias.

Todas as scenas de terror, e o desordenado movimento do governo miguelista pararam, logo que lhes faltou o impulso de Lisboa: todavia a raiva dos seus partidistas, exacerbada pelas recentes victorias dos constitucionaes, não podia conter-se nos justos limites da moderação e paciencia. Um bando de amotinados e furiosos corrêo ás cadeias da villa de Estremôz, e arrombando as portas, assassinou a golpes de machado todos os infelizes presos politicos, que de baixo da mão alli lhes cahiram. Tão barbaro procedimento não podia deixar de trazer logo comsigo duras represalias da parte dos

constitucionaes, que em differentes praças e ruas de Lisboa se deram em tomar aquelle exemplo dos seus inimigos, vingando as perseguições e injurias, que delles tinham recebido: por esta occasião se commetteram então não poucos assassinatos, que mal podia cohibir um governo ainda não firmado no poder, e cujos delegados se achavam por conseguinte sem força para fazer respeitar as authoridades e a lei. Esta irritabilidade crescia na razão directa da prolongação da luta, ou da pertinacia, com que se queria fazer triumphar uma causa inteiramente perdida, e despida já do apoio das duas principaes cidades do reino, Lisboa e Porto, e sem um só navio de guerra, que lhe podesse defender a sua bandeira. Apezar desta barreira de sangue, com que o partido miguelista tão inutilmente se oppunha ainda á pacificação do reino, e ao estabelecimento do governo legitimo, D. Pedro tornou novamente a repetir o seu decreto de amnistia geral para todos os delictos politicos, exceptuados sómente os ministros d'estado de seu irmão, os duques de Cadaval e Lafões, o marquez de Olhão, o bispo de Vizeu, José Acurcio das Neves, e finalmente os membros das alçadas civis e militares. Esta amnistia não envolvia todavia restituição de empregos, a respeito dos quaes se tomou como regra demittir delles todos os individuos, que se alistaram em quaesquer corpos de voluntarios realistas, ou que por qualquer modo tomaram armas para sustentar a usurpação, os que foram nomeados pelo governo intruso, ou que por causa delle desampararam os seus logares. De baixo deste systema de politica, os constitucionaes demittidos ou perseguidos por aquelle governo não podiam deixar de entrar logo nos seus respectivos logares, mandando-se-lhes até contar a sua antiguidade e annos de serviço, como se tal privação ou perseguição não tivesse tido logar: os bens sequestrados ou confiscados foram-lhes igualmente restituidos, e com elles os seus rendimentos desde que sahiram do dominio ou posse de seus legitimos donos [1]. As pessoas a quem

[1] Neste mesmo decreto se consignava tambem a idéa da indemnisação dos ordenados aos empregados demittidos pelo governo miguelista, em refe-

a consciencia da sua anterior conducta levára a sahir para fóra de Lisboa, para evitar a presença de D. Pedro, e fugir ao estabelecimento do governo legitimo, foram por elle mandadas processar immediatamente, sequestrando-se-lhes os bens; as sentenças proferidas pelos tribunaes, conselhos de guerra, alçadas, e commissões, contra quaesquer portuguezes ou estrangeiros, por opiniões politicas, tambem por esta occasião se annullaram; o nome de D. Miguel foi mandado riscar de todos os documentos publicos, e até os livros de registo publico das differentes estações, que serviram durante o governo intruso, se fizeram recolher á Torre do Tombo, ou cancellar e aspar por maneira tal, que nunca mais podessem tornar a servir. Certo é que nas actuaes circumstancias muitas destas medidas eram filhas da necessidade, particularmente no que dizia respeito á escolha dos empregados publicos; porque estabelecer e crear um novo systema de governo, dar acção ou vigoroso impulso á Carta Constitucional com as velhas e caducas molas do regimen absoluto, não só era medida anti-politica, mas até impossivel de realisar no meio da irritabilidade geral dos partidos, e por mais fortes que pareçam as razões em contrario de alguns escriptos do tempo, não me convence a excellencia de taes doutrinas, 1.° porque a tolerancia absoluta, que apresentaram os governos liberaes de 1820 e 1826, nunca pôde conseguir dos empregados, que conservára, mais do que uma concatenação de perfidias, que tanto contrastára com a generosidade de semelhantes governos; 2.° porque, salvas as devidas excepções, o merecimento e capacidade não eram de ordinario o melhor titulo para o provimento dos empregos nos antigos tempos, e as repartições do Estado não eram por conseguinte mais do que um despejo para o patronato, e fóco de clientella, não inferior ao que nos nossos dias se tem visto praticado contra a geral espectativa do regimen constitucional; 3.° finalmente, porque a necessidade de crear interesses novos, para grangear ao novo systema o maior

rencia aos principios estabelecidos no decreto n.° 60 da regencia da Terceira, de 28 de novembro de 1831, medida evidentemente destinada a fazer clientella.

numero de leaes defensores, obrigava o governo a tomar aquelle arbitrio, aconselhado tanto pela razão, como pela experiencia do passado. Não era possivel que os sanguinarios juizes do tempo de D. Miguel podessem constituir um respeitavel corpo de magistratura constitucional, nem, quando taes juizes se conservassem, eram elles habeis para administrar justiça recta e imparcialmente, sem grave compromettimento seu, ou coacção, que as partes nelles determinassem. Semelhantemente os officiaes do exercito não infundiriam respeito, nem manteriam a disciplina nos seus subordinados, sendo muitos destes naturalmente tirados das fileiras leaes. O antigo magisterio, e os velhos professores de direito não pareciam certamente os mais aptos para leccionar as leis do novo systema de governo, nem o resto dos empregados, alistados nos corpos de urbanos, ou de voluntarios realistas, se podiam apresentar com dignidade diante dos emigrados, e praças do Exercito Libertador, pelo menos nos primeiros tempos. Foi com estas vistas, e fundado nestes principios, que o governo desmantelou os antigos tribunaes de justiça, para os substituir por outros de nova creação: cahiram assim os antigos juizes de fóra e corregedores, a antiga casa da supplicação, a mesa da consciencia e ordens, e o desembargo do paço, para virem em seu logar os novos juizes de direito, e relações, que determinára o decreto de 16 de maio de 1832, modificado depois pelo de 18 de abril, e 25 de maio de 1834. Para julgar verbal e summariamente os delictos e abusos, que perturbam a ordem publica, e atacam a segurança individual, crearam-se em Lisboa, como já se tinha feito no Porto, os juizes e tribunaes de policia correccional, continuando todavia nas terras, que successivamente se fossem libertando, os antigos juizes de fóra, e nas differentes comarcas os competentes corregedores, até que o governo legitimo se restabelecesse em todo o reino.

A administração da fazenda, confiada no Porto a uma commissão do thesouro, creada por decreto de 4 de dezembro de 1832, e que durante a calamitosa época do cêrco funccionára como tribunal do thesouro, prestando lá os mais

relevantes serviços á causa da legitimidade e da Carta Constitucional, no meio das mais difficeis e melindrosas conjuncturas em que se podiam vêr os gerentes da fazenda publica, continuou em Lisboa a cargo da mesma commissão, que definitivamente se constituio a final em tribunal do thesouro publico, extinguindo-se o antigo erario regio, e o conselho da fazenda. A escolha que dos membros de tal commissão se fez na capital para constituir semelhante tribunal, foi por conseguinte uma justa homenagem, que o governo por bem merecida gratidão entendêo tributar aos que com tão nobre dedicação civica se sacrificaram por aquella causa: explicita confissão, que por amor da verdade é de razão fazer neste logar, postos de parte despeitosos piques de partido, como em pontos desta natureza deve rigorosamente succeder. Com esta extincção do erario e conselho da fazenda, caducaram igualmente a junta da administração do tabaco, o conselho da real casa e estado da rainha, a junta da casa de Bragança, e a do infantado, passando para o mesmo thesouro a administração da primeira e terceira, e a da segunda para os seus respectivos proprietarios. A chancellaria mór do reino era uma repartição incompativel com o governo representativo: a pratica das glosas, que o chanceller mór podia oppôr ás leis, ainda mesmo as que não passavam por aquella repartição, era inadmissivel, segundo a actual formação das leis pelo systema representativo, e a publicação dellas pela mesma chancellaria, resultante daquella attribuição, que nada mais era do que a ultima sancção da lei, tornára-se um acto inalienavel do governo, desde que ao executivo se commettêra semelhante sancção. As attribuições que por outro lado tinha o mesmo chanceller em objectos de fazenda, todas se achavam a cargo do thesouro, e até o juramento que os empregados das diversas repartições prestavam perante aquella authoridade, só devia ter logar perante o chefe das mesmas repartições: por conseguinte, tendo caducado tudo quanto n'outro tempo dera logar á fundação da chancellaria mór do reino, a sua extincção era a consequencia necessaria da sua nullidade, passando a fa-

zer-se pelo periodico official do governo a publicação das leis. As attribuições judiciaes do chanceller foram para os respectivos juizes, as de administração geral, ou municipal, para as authoridades administrativas, e as de fazenda para o tribunal do thesouro: os novos e velhos direitos, que na chancellaria se pagavam, passaram a cobrar-se debaixo da inspecção do thesouro, n'uma simples mesa, denominada dos novos e velhos direitos. Finalmente as antigas authoridades de fazenda acabaram de ser abolidas com a extincção do dispendioso logar de corretor da fazenda, dos superintendentes geraes das alfandegas, e dos superintendentes das comarcas, e dos fóros d'Ajuda.

Assim se foram desmoronando os antigos tribunaes, e se levantaram outros de novo, correspondentes aos differentes ramos da administração constitucional. Entretanto a occupação da capital não tinha feito impressão notavel no paiz, nem no exercito miguelista em volta do Porto, onde por algum tempo se conservou n'um torpor, e indiscreta indifferença para tão extraordinario acontecimento. O governo constitucional em Lisboa achava-se ainda sobre um volcão, e por toda a parte cercado de grandes difficuldades; a força de que dispunha, composta apenas dos 1:600 homens da expedição do Algarve, acrescentados com os prisioneiros de Cacilhas, e as praças dos batalhões nacionaes, que se iam arregimentando em Lisboa, estava ainda muito áquem do que exigia a defeza de tão populosa cidade. Mal seguro pois na capital, e com a maior parte do seu exercito no Porto, apenas podia contar com firmeza com a sua antiga base de operações, entregue então aos cuidados do general Saldanha. A provincia do Algarve, coberta de guerrilhas, á excepção de Faro, Lagos, e Olhão, unicas terras para que pod'am chegar as guarnições constitucionaes, e as povoações do Alemtejo, tinham cahido outra vez em poder dos miguelistas, por isso que da guarnição d'Elvas qualquer pequena força, que se destacasse para percorrer as povoações do Sul do Tejo, era bastante para as subtrahir ao dominio constitucional. Na Estremadura não havia ainda uma só baioneta

inimiga; mas os seus habitantes, perplexos no meio do immenso poder e prestigio, que ainda tinha por si a causa da usurpação, hesitavam em tomar parte na luta. O activo Napier, que nada pudera conseguir de positivo, durante o curto governo dos duques de Palmella e Terceira, para a defeza de Lisboa, cidade que por este tempo começava de mais a mais a ser victima da maior intensidade e exacerbação da *cholera-morbus*, já então devastando o Algarve, Setubal, Coimbra, e Leiria, não cessava d'instar com D. Pedro para prestar toda a sua attenção a tão importante defe a. O governo, fundado no decreto de 10 de julho do anno anterior, chamára ao alistamento dos batalhões nacionaes todos os individuos de 18 a 50 annos de idade, e com esta medida pôde conseguir quatorze corpos desta arma, sendo sete moveis, e sete fixos. Além destes creou-se tambem o batalhão de empregados publicos, o do arsenal do exercito, do arsenal da marinha, das obras publicas, das obras militares, e do terreiro publico, corpos que tendo geralmente a natureza dos nacionaes fixos ou sedentarios, eram todavia importantes para a defeza da capital. O antigo corpo de Malta, mandou-se pegar em armas, e sendo empregado como corpo movel, prestou a favor da causa constitucional valiosos e importantes serviços durante o resto da guerra civil. Foi então que mais do que nunca se sentio em Lisboa a falta de officiaes: alguns tinham já chegado do Porto, e outros foram nomeados d'entre os que tinham sido presos e perseguidos por D. Miguel; mas destes, quebrantadas pelos seus soffrimentos às forças moraes e physicas, bem poucos mostravam a precisa energia em tão apertadas circumstancias. Além de gente, carecia-se tambem de armas, fardamentos, e cavallos; mas nada disto se podia arranjar, com a promptidão que convinha, dentro e fóra do paiz: nestes termos novas ordens se deram para arranjar mais gente na Inglaterra e na Belgica, mandaram-se vir mais armas e cavallos, sem que todavia lembrasse ao governo dar no paiz uma gratificação de quatro ou cinco moedas a cada um dos individuos, que se fosse alistar nos corpos de tropa de linha.

A estes se reduziram todavia os primeiros cuidados do governo para a defeza e conservação de Lisboa. D. Pedro, impressionado pelo seu brilhante desembarque na capital, e julgando que os ultimos acontecimentos politicos teriam desalentado o exercito de seu irmão, estava certamente convencido de que a luta não podia progredir, e que os miguelistas ou se entregariam, ou debandariam sem mais resistencia. As suas convicções a tal respeito cresciam á proporção dos festejos que recebia. Só n'uma tarde [1] se lhe vieram apresentar 1:163 presos politicos, sahidos das cadêas e das torres nos dias 23 e 24 de julho, e tão notavel se lhe tornou o relatorio dos seus padecimentos, que pessoalmente se resolvêo a ir examinar os subterraneos, calabouços, e enxovias da torre de S. Julião da barra. Estas apresentações continuaram ainda por algum tempo. Para o ultramar mandaram-se embarcações do Estado para conduzir os deportados politicos, que para lá tinham sido mandados pelo governo usurpador. O que com effeito acaba de provar a errada crença de D. Pedro, quanto á proximidade da terminação da luta, foi o seu decreto de 15 de agosto, pelo qual não só mandou convocar extraordinariamente as côrtes geraes da nação, mas até commettêo aos eleitos a obrigação de virem munidos dos poderes necessarios para decidirem as importantes questões da regencia do reino, e do casamento da rainha. Alguns antigos empregados do paço, ainda que aferrados á causa da usurpação, foram todavia bem acolhidos por D. Pedro, que não obstante demittio do mesmo paço todos os officiaes mores, e criados da casa, e os das cavallariças reaes, que estavam comprehendidos nas mesmas circumstancias d'exclusão, marcadas para os empregados civis das differentes repartições do Estado. A guarda real dos archeiros foi por esta occasião reformada, ordenando-se até que nella podessem ser admittidos os soldados e officiaes inferiores do exercito, que tivessem tido praça de voluntario. As côres azul e branca, decretadas como nacionaes pelas côrtes de 1821, e ultimamente pela regencia da

[1] A de 7 de agosto.

Terceira, foram mandadas trajar pelas damas e criadas do paço, ordenando-se que o seu uniforme fosse vestido de seda branca, e banda azul clara, com bordaduras, ou galões cosidos em ambas as cousas, expedindo-se ao mesmo tempo aviso á camareira mór para não considerar como criadas da rainha, qualquer que fosse a sua graduação, todas as que tinham sido chamadas durante a usurpação, ou que seguiram semelhante causa. A mesma igreja patriarchal não foi isempta das medidas demissorias, comprehendendo-se nellas não somente o vigario geral respectivo, mas até os proprios membros da congregação camararia, por haverem tido para a sua eleição o consenso do chefe do governo intruso. Consequentemente a separação politica dos partidistas de semelhante governo foi completa e radical, como as circumstancias o pediam, e por esta fórma abrangêo todos os empregados civis e ecclesiasticos, desde os umbraes do paço até á mais somenos repartição do Estado. Um grande acontecimento politico acabou d'enthusiasmar D. Pedro e os seus ministros, quando no dia 15 de agosto se apresentou no paço d'Ajuda lord William Russell, como ministro plenipotenciario de sua magestade britannica, e como tal encarregado da missão especial de reconhecer o governo legitimo da rainha: para este fim se achava elle já em Lisboa quasi desde que D. Pedro desembarcára no Porto, em julho do anno anterior.

Entretanto as consequencias da famosa victoria do cabo de S. Vicente, e da entrada dos constitucionaes em Lisboa, iam a pouco e pouco produzindo os seus devidos effeitos: só no dia 6 de agosto se tinham apresentado por uma occasião a D. Pedro 554 individuos, entre officiaes, officiaes inferiores, e soldados de differentes armas, que abandonaram as bandeiras de D. Miguel. No dia 11 daquelle mez espalharam-se em Lisboa as noticias de que Bourmont marchava sobre a capital, deixando ficar em volta do Porto um exercito de 10:000 homens para alli observar os constitucionaes, e para cobrir e defender Braga, no caso de necessidade. Estas noticias enfureceram novamente a população de Lisboa,

que arbitrariamente se deitou a prender, e a perseguir quantos individuos lhe cahião nas mãos com a mancha de miguelistas. Estes excessos deram logar a que o governo mandasse formar culpa aos seus perpetradores, e creasse igualmente uma authoridade militar para que, com o titulo de chefe superior da policia, auxiliasse com força armada as authoridades encarregadas da conservação da tranquillidade publica; aos ministros criminaes se recommendou finalmente que por todos os modos ao seu alcance fizessem cessar as prisões arbitrarias, que se praticavam, fazendo de uma vez para sempre acabar com tão criminosos excessos. No dia 12 começou então D. Pedro com a sua extraordinaria actividade no levantamento das linhas de Lisboa: elle mesmo foi pessoalmente dar principio á obra, havendo dias em que amanhecêo entre as fachinas e trabalhadores, e se recolhêo ao paço pelo sol posto. Alguns batalhões nacionaes tornaram-se por esta occasião distinctos na construcção da sua respectiva linha de defeza. e por tal fórma o fizeram o primeiro movel, e o primeiro fixo, que n'um só dia deixaram concluidas em grosso as suas fortificações do Arco do Cego, onde se collocaram logo tres peças em bateria. Deste modo se circumvalou Lisboa com fortificações e linhas, que começando em Alcantara, se prolongavam pelo terreno forte e facil de fortificar, que apresentam os altos que constituem as ribanceiras, que a prumo cahem sobre a margem esquerda da mesma ribeira d'Alcantara, desde a sua respectiva ponte junto do Tejo, até ao Arco do Carvalhão. D'alli seguiam, cortando este mesmo arco, a ganhar as alturas que vão para a entrada dos arcos das aguas livres; desciam depois, procurando a estrada de Campolide para Sete Rios, que atravessavam em direitura á parte externa da quinta dos marquezes do Louriçal, pelo lado de Oeste, e interna da dos viscondes da Bahia, até irem desembocar junto das portas de S. Sebastião da Pedreira. D'aqui seguiam por diante da travessa das Picôas, cortando as terras em frente do chafariz da Cruz do Taboado, e buscando depois o Arco do Cego, desciam para as hortas, que ficam por de traz do convento das freiras de Arroios: subiam pela quinta

do Alperce ao Alto do Pina, e ganhando assim as alturas em frente da Penha de França, que já ficava dentro das respectivas fortificações, iam pelo Alto de S. João ao do Varejão, descendo para a Madre de Deos, até firmarem o seu extremo flanco direito sobre a margem do Tejo. Pelos differentes cumes e alturas, que dentro deste espaço se encontravam perto das linhas, se levantaram reductos, e construiram baterias, á semelhança do que no anno anterior se tinha feito no Porto. A fragata Rainha de Portugal, fundeada no Beato Antonio, flanqueava a direita das linhas, um brigue achava-se estacionado mais acima, mandando-se até postar em Villa Franca o brigue-escuna Liberal. A náo D. João 6.° flanqueava a esquerda das fortificações, fundeada abaixo das Necessidades, enfiando a rua larga da Junqueira; a náo Rainha postou-se em Belem, e a fragata D. Pedro mais abaixo, para sustentarem ambas a respectiva torre, ponto importante, que por dominar o rio, necessario foi inclui-lo dentro das linhas de defeza. A fragata D. Maria 2.ª tinha sido mandada para Sines, a corveta Isabel Maria para Setubal, e o resto da esquadra vigiava ao longo da costa para evitar a introducção de petrechos e munições de guerra, e fazer quanto possivel effectivo o bloqueio dos differentes portos, sujeitos ainda ao governo de D. Miguel.

A organisação dos batalhões nacionaes progredia o mais activamente possivel, e como muitos individuos procurassem subtrahir-se ao seu respectivo alistamento, sahindo para fóra do reino, prohibio-se em tal caso a concessão de passaportes aos que não apresentassem uma justificação, em que provassem achar-se devidamente isemptos de tal alistamento. Todavia a necessidade de recrutar para tropa de linha era extrema, e a falta que havia de gente para este mister levou D. Pedro a passar uma revista a cada um dos corpos nacionaes, e a convidar a que pegassem em armas na tropa de linha os que estavam em circumstancias d'assim o dever fazer. Por este meio conseguio o regente um copioso e proficuo alistamento para o seu exercito, formando-se então por este tempo um deposito geral militar para todas as

praças avulsas, e officiaes de qualquer graduação, que não fossem officiaes generaes. Por outro lado o exercito achava-se quasi desprovido de cavallaria, arma de que os nossos infantes tem geralmente grande receio, quando em acto de campanha se não vêem pela sua parte apoiados em tanta quanta julgam necessaria para se poderem vantajosamente oppôr ao inimigo: remediar pois este grande mal moral e physico, era da maior urgencia, e foi para este fim que nos quarteis de Alcantara se mandou estabelecer uma commissão de remonta, encarregada de comprar e approvar cavallos e bestas muares para o serviço do exercito. Os trabalhos desta commissão pouco deram de si pelos meios ordinarios, de que resultou mandar o governo aprehender pelo Ribatejo os cavallos de marca, que por lá se encontrassem, o que tambem se fez depois extensivo a Lisboa. O resultado destas medidas foi que sendo a cavallaria do Exercito Libertador de 426 cavallos de fileira no mez de julho, em agosto era já de 782. A força total de primeira linha, que em julho era de 13:353 individuos, no mez do agosto era de 17:842, subindo neste mez a força total do exercito a 36:429 individuos de todas as armas, tendo sido no mez anterior de 19:492.

Os objectos de fazenda, ou os meios de custear tão crescido exercito, eram tambem obra de grande cuidado para o governo. As £ 190:000 em que ficára alcançada a commissão dos aprestos em Londres, e que pesavam sobre a casa de Carbonell, deram causa a crearem-se naquella mesma cidade *acções do thesouro de Portugal*, até á quantia de £ 200:000, com o juro de 5 por cento, e pagaveis a 6, 9, e 12 mezes depois de restaurado em Lisboa o governo legitimo. Por esta fórma, e pelos successos que ultimamente se tinham passado neste reino, não houve duvida em levar os credores do mesmo Carbonell a aceitarem as referidas acções em pagamento dos seus creditos, e a restabelecer-se em Londres o credito da sobredita casa, que por falta de meios se houvera transferido a Paris. As despezas da gloriosa empreza da expedição dos vapores ao Algarve tinham

avultado a um grosso cabedal, e a muito mais do que os calculos para ella feitos, de que resultou ter o governo de contractar com um negociante da praça do Porto um emprestimo de quarenta contos, ao preço de 50 por cento, e ao juro de 5, pelo qual se passaram apolices admissiveis em metade dos pagamentos nas estações publicas. O Porto tinha pois dado tudo quanto era possivel para occorrer ás despezas da guerra, e nestes termos as vistas do ministro da fazenda voltaram-se para Lisboa, onde então se mandou abrir um emprestimo patriotico de 800 contos de réis, que as subscripções particulares não puderam todavia preencher, apezar da clausula de serem as respectivas apolices recebidas como dinheiro em qualquer das repartições, ou casas de arrecadação publica, vendo-se por conseguinte o governo obrigado a negociar com o banco a quantia de 283:500$000 réis para preencher o total de semelhante emprestimo. Entretanto o ministro da fazenda tinha consideravelmente aggravado as despezas publicas, mandando pagar por inteiro desde o mez de agosto os soldos aos militares, e os ordenados aos empregados civis, dando-se-lhes metade em dinheiro, e metade em cedulas, que dentro em pouco chegaram quasi ao par, logo que se mandaram admittir em metade dos direitos d'alfandega.

A inesperada victoria do cabo de S. Vicente, e a brilhante marcha da expedição do Algarve até á sua definitiva entrada em Lisboa, tinha produzido nos habitantes do Porto bem fundadas esperanças de que os seus soffrimentos deviam acabar em breve: entretanto o bloqueio ou sitio continuava como d'antes em volta daquella cidade, e o exercito miguelista permanecia firme e teimosamente fiel á causa da usurpação, que abraçára. Era pois necessario sahir da especie de lethargia ou torpor, em que os sitiadores ficaram depois daquelles extraordinarios acontecimentos, que para não serem patentes aos soldados em toda a sua extensão, tiveram os seus chefes de os illudir, primeiro com as noticias da supposta victoria maritima, por D. Miguel ideada, e depois com a derrota da divisão expedicionaria do duque da Terceira,

quando elle já victorioso havia entrado em Lisboa. O tempo trouxe finalmente o cruel desengano para todo o exercito, que de balde estendia pela beira-mar os olhos para vêr a bandeira triumphante da sua esquadra. O correio de Lisboa já lhe não trazia novas da capital, e a convicção da sua má fortuna começava já a promover consideraveis e frequentes deserções na tropa de linha, continuando em maior escala nas milicias e voluntarios realistas. Foi então que D. Miguel teve de exhortar os seus mais fieis defensores com a sua proclamação de 29 de julho. Na vespera tinha desembarcado em Villa do Conde um outro reforço de officiaes francezes, chegados alli a bordo do vapor Lord das Ilhas, que para esse mesmo fim se tinha fretado em Londres. Entre os recem-chegados contava-se o capitão de fragata Eliot, da marinha ingleza, vindo a Portugal para saber ao certo dos progressos da expedição do Algarve, e certificar-se da noticia, que já tivera em Falmouth, da perda da esquadra miguelista, para que estava destinado commandante. No numero dos officiaes desembarcados contava-se igualmente os generaes *d'Almer* e *Grival*, e os coroneis *Breviel* e *Luiz de Bourmont*: o primeiro destes generaes foi immediatamente mandado para Coimbra, para reunir e ordenar as tropas da guarnição de Lisboa, e as do general Mollelos, sendo igualmente acompanhado pelo coronel Bourmont, destinado a commandar a guarda real da policia. Grival, como official de artilheria, foi encarregado de inspeccionar os petrechos e munições dos fortes e praças de guerra, e o coronel Dubreuil passou a chefe do estado maior.

Na difficil e melindrosa situação do marechal Bourmont, era-lhe necessario sahir quanto antes da sua perigosa apathia, de que parece ter sido despertado pelas quotidianas deserções, que tão consideravelmente lhe iam desfalcando o exercito. Bourmont ou devia atacar immediatamente o Porto, decidido a toma-lo a todo o risco, ou marchar sobre a capital no mesmo dia, em que recebêo a noticia da sua queda, movimento a que o convidava não só a pequena força regular, que D. Pedro alli tinha á sua disposição, como as

nenhumas defezas e obras de fortificação, que por aquelle tempo havia levantado, e finalmente o grande inconveniente de poder percorrer, tão de pressa como lhe convinha, a consideravel distancia de 50 legoas, que da mesma capital o separava. Em vez disto, o marechal consumio em volta do Porto os primeiros dias de agosto, já cansando as tropas com marchas e contramarchas para evitar deserções, e já debatendo em vacillantes conselhos militares operações, que aliás deviam rapidamente executar-se antes que a opinião moral dos seus soldados decahisse inteiramente. No dia 2 de agosto fez elle retirar a artilheria dos fortes do Castro, Ervilha, e Serralves; no dia seguinte reunio um conselho de generaes, e foi só no dia 6 que lentamente se começou a retirar sobre Coimbra, indo passar o Douro na ponte de barcas, construida no Gramil. No dia 9 é que se conhecêram no Porto os primeiros effeitos do levantamento do cêrco, e do abandono do terreno comprehendido entre Lordello e Mattozinhos: desde então começou a entrar na cidade por aquelle lado grande copia de gados e provisões. O general Clouet, destinado a ficar em frente do Porto, estabelecêo o seu quartel general em Rio Tinto, que se podia reputar como a extrema direita da sua linha provisoria, cuja esquerda era nos Carvalhos, e o centro em Avintes. Villa Nova apenas podia ter então 2:500 a 3:000 homens, e nas suas fortificações até o Cabedello pequenas guarnições havia, que as podessem defender. Finalmente uma revista, passada por D. Miguel ás tropas, que deixava em frente do Porto, acabou de certificar o publico da sua marcha sobre Coimbra, indo no dia 9 ficar effectivamente a Oliveira de Azemeis, e no dia 10 áquella mesma cidade.

Triste quadro apresentavam os soldados realistas na sua retirada do Porto para Coimbra! Os restos de um antigo e desbotado uniforme, um calçado, que já não resguardava do máo piso dos caminhos, uma physionomia queimada pelos ardores do sol, e amargurada pelas privações e fadigas de um enfadonho e prolixo cêrco, é o que se notava em quasi todos aquelles soldados em tão desanimadora marcha. A ca-

vallaria, ainda que mais apurada no seu aceio e garbo militar, resentia-se tambem muito do desarranjo dos seus uniformes, e dos arreios dos seus respectivos cavallos: uma bôa parte desta arma comprehendia ainda os soldados veteranos da guerra peninsular, sendo commandados por bravos e distinctos officiaes. Uma numerosa artilheria, mediocremente equipada, e misturada com um sem numero de mulheres, de creanças, cavallos, e bestas de carga, que seguiam o exercito, e lhe embaraçavam a marcha, punha remate a toda a divisão, destinada a ir retomar Lisboa. O terrivel flagello da *cholera-morbus*, que de vez em quando arrebatava algumas dezenas de soldados, que matava dentro em poucas horas, era um dos mais funestos companheiros de marcha, que igualmente perseguia o exercito. D. Miguel, trajado de uma simples sobrecasaca azul com abotoadura direita, sem mais distincção que uma banda á cinta, botas altas de montar, chapéo armado, atravessado sobre a cabeça, era, na sua passagem pelas differentes terras, recebido entre os grupos da gente mais ordinaria, que o esperavam e o saudavam com repetidos vivas, prostrando-se-lhe até algumas vezes de joelhos. Reduzido a este estado, o infante ostentava ainda assim o seu luxo e ardente paixão por cavallos, de que tinha grande copia; mas a sua bagagem era muito limitada, e conduzida apenas por uma mula da casa real, coberta com um panno escarlate com as armas reaes bordadas.

A falta de meios pecuniarios, para custear as enormes despezas do exercito realista, fez despertar em D. Miguel e nos seus conselheiros o desejo de alcançarem alguns milhões de cruzados, negociando o precioso deposito dos vinhos da companhia do Douro, recolhidos nos armazens de Villa Nova. Para este fim dêo-se como organisada no Porto uma companhia destinada a entrar em ajustes, e a offerecer dinheiro sobre aquelles vinhos, circumstancia que se por um lado apresentava alguma lisongeira perspectiva, por outro foi de perniciosa influencia nas operações do exercito realista, que por esta causa demorou consideravelmente a sua marcha, dando assim a D. Pedro o tempo necessario para na capital poder

levantar as suas linhas, guarnecer e artilhar do melhor modo possivel os seus reductos. D. Miguel, dando de mão a todas as idéas de interesse nacional, e sacrificando á fantastica segurança da sua causa a propriedade de tantas familias, que naquelles vinhos tinham a sua unica fortuna, e aguilhoado igualmente pelas rogativas de alguns estrangeiros, que por toda a fórma queriam recuperar o dinheiro, que a titulo de emprestimo lhe haviam anteriormente promptificado, entendêo ou destruir os armazens de Villa Nova, ou negociar sobre elles o dinheiro, de que carecia. Para este fim veio o duque de Lafões a Villa Nova, onde entregou ao barão d'Haber, agente do citado emprestimo miguelista, contrahido em França, e a um official do estado maior de Bourmont, plenos poderes para convidarem o general Saldanha a uma conferencia, que em 8 de agosto teve effectivamente logar a bordo da corveta ingleza Orestes. Saldanha foi então informado das ordens dadas por D. Miguel ao duque de Lafões, ou para a destruição dos vinhos, ou para a sua negociação, pedindo-se-lhe que pela sua parte annuisse á sua sahida pela foz do Douro, na certeza de que no banco de Inglaterra se havia de depositar o producto da compra até á final decisão da guerra. A intolerancia, ou antes má fé dos dois citados agentes, não lhes permittio entrar nos respectivos ajustes com a junta da companhia dos vinhos, que D. Pedro nomeára no Porto, como lhes propunha Saldanha, que á vista desta formal recusa, não quiz tomar sobre si a responsabilidade de tão grave materia, cuja decisão promettêo todavia dar por escripto dentro em poucas horas. Reunidos em casa do mesmo Saldanha os membros da citada junta, com audiencia do procurador geral da corôa, e de varias outras pessoas, unanimemente se decidio que, sendo a citada compra feita sem fiscalisação, nem interferencia da junta, legalmente nomeada no Porto, e só contractada com pessoas, que se achavam no campo inimigo, e não se dando além disto fiança, nem garantia de que semelhante compra fosse feita na bôa fé, nem de que o seu producto fosse religiosamente depositado no banco de Inglaterra, como se promet-

tia, não podia aceitar-se a proposta apresentada a tal respeito, e desta resolução se lavrou acta, em que todos os signatarios protestaram ao mesmo tempo pelas perdas e damnos, que resultassem da projectada destruição, contra todas as pessoas, que aconselhassem, ordenassem, auxiliassem, ou participassem d'uma acção tão injusta, quanto barbara, e destruidora de um rico deposito, que não pertencia a governo algum, mas aos accionistas da companhia dos vinhos, aos seus credores, e a grande numero de individuos, que alli tinham os seus fundos. O duque de Lafões foi avisado de que pela sua pessoa e bens ficaria responsavel pela premeditada violação do direito de propriedade, e até os consules inglez e francez protestaram por tão inaudito attentado, protestos a que o general Lemos respondêo, mostrando a sua viva repugnancia em atacar assim a propriedade e interesses de tantas familias innocentes; mas que em fim elle forçosamente havia de executar as ordens, que tinha a tal respeito, uma vez que se lhe não garantisse a sahida dos vinhos para Inglaterra. No dia 9 de agosto algumas conferencias se renovaram ainda sobre o mesmo assumpto, houveram até novas propostas; mas o resultado de tudo isto foi sempre nullo, colligindo-se que os agentes miguelistas nada mais queriam do que apossar-se dos vinhos, para delles disporem como lhes aprouvesse, sem a mais pequena ingerencia dos interessados. Entretanto foram passando os dias sem occorrencia notavel, mas tendo sido chamado a Coimbra o general Clouet, e sendo substituido no commando do exercito em volta do Porto pelo general conde d'Almer, foi a este que se commettêo o desempenho da destruição dos vinhos, obra para que se minaram os armazens, e se lançou fogo aos rastilhos, que os incendearam no dia 16 de agosto. A terrivel scena, que desta destruição se seguio, mostrou bem qual seria a sorte do Porto, caso de que alli entrassem as tropas miguelistas, e equiparou D. Miguel aos tyrannos do mais famigerado nome, não tendo pejo de mandar reduzir a cinzas as riquezas de tantas familias portuguezas, muitas dellas innocentes nas contendas civis, e outras muitas até

bastante distinctas pela extrema fidelidade, com que tinham abraçado e servido a causa da usurpação. Entre os rôlos de fogo e de fumo se presenciou pois a destruição de uma immensa riqueza de vinhos, que vieram tingir de vermelho as aguas do Douro: todo o povo do Porto, e mesmo os sectarios de D. Miguel olharam para tão atroz espectaculo, corridos de indignação e horror. Foi então que o capitão Glascock, commandante das forças navaes britannicas dentro do Douro, receioso pela segurança da propriedade dos subditos inglezes, não hesitou em mandar desembarcar alguma gente das suas guarnições, para impedir o progresso das chammas devastadoras. Enraivecido o conde d'Almer com a vista de alguns soldados armados da marinha britannica, que atrevidamente lutavam com o fogo, que buscavam apagar, não duvidou perguntar ao mesmo capitão Glascock com que direito pisavam os soldados inglezes o territorio portuguez; mas esta pergunta não embaraçou que aquelle capitão continuasse resoluto no seu proposito de atalhar os estragos, de que os armazens inglezes se achavam ameaçados, acrescentando-se até que por esta occasião salvára promiscuamente para a companhia cinco mil pipas, ameaçadas de uma proxima destruição. No dia 17 de agosto renovou o barão d'Haber para com Saldanha as suas propostas da negociação dos vinhos, que ainda restavam, mas com as mesmas clausulas, com que as tinha feito da primeira vez: todavia os membros da junta da companhia, reunidos novamente por Saldanha, corajosamente responderam que antes vissem estragadas nas mãos do inimigo as suas e as fortunas de tantas familias, do que fossem servir-lhe de auxilio, ou dar-lhe meios para continuar com tão barbara e destruidora guerra. Entretanto ou os novos ameaços não fossem sinceros da parte dos miguelistas, ou lhes faltasse tempo para os executar, ou fosse finalmente que os successos do seguinte dia os embaraçasse disso, certo é que o esperado incendio dos vinhos se não repetio, ficando a salvo os que tinham escapado da primeira destruição.

O abandono da extrema direita da linha sitiadora do

Porto não só pôz a cidade em livre communicação até Leça, mas fez até vêr a solidez e bom acabamento das fortificações miguelistas, a largura e profundidade dos seus fossos, a abundancia e apinhado das suas estacadas e paliçadas, em tudo superiores ás dos constitucionaes. Qualquer dos reductos abandonados era com effeito uma verdadeira fortaleza; mas o do monte do Castro, que podia considerar-se como uma perfeita praça d'armas, tendo todas as acommodações precisas para este mister, excedia a todos os mais no seu acabamento, sendo no seu genero uma rica peça de fortificação. Nestes reductos Saldanha não fez mais do que mudar as estacadas para a parte opposta em que até alli estavam; o forte do Queijo, que pela sua muita distancia não podia ficar comprehendido dentro do seu novo plano de fortificação, teve os seus parapeitos demolidos; o monte do Castro foi guarnecido pelos irlandezes; e o de Serralves pela guarnição de Lordello. Os realistas, limitados agora na sua extrema direita ao reducto chamado *real*, tinham abandonado toda a mais linha, que d'alli ia até ao mar; mas apezar da sua concentração, a sua atitude era de uma completa desorganisação pelo avultado numero dos seus desertores, havendo todos os indicios de que a sua estada no Porto, e em Villa Nova, não podia ser de muita duração. Entretanto a barra do Douro achava-se ainda fechada pelas suas baterias do Cabedello, e pelas mais da margem esquerda do rio. Para a desembaraçar definitivamente exigio o consul inglez do general miguelista, que os navios mercantes inglezes podessem affoutamente entrar pelo Douro acima, por se não poder julgar effectivo o bloqueio parcial da cidade, abastecida já de mantimentos, que lhe entravam desde Lordello até ao mar, e podendo receber tambem sem obstaculo junto da costa todos os materiaes de guerra de que precisasse. Apezar disto esse mesmo bloqueio continuava ainda, e as tropas miguelistas permaneciam no seu systema de incommodar quanto possivel os moradores do Porto. Neste aperto Saldanha resolvêo-se a passar da guerra defensiva á offensiva, procurando assignalar-se por algum novo feito d'armas,

por isso que as suas novas linhas, desde Serralves até ao monte do Castro, se achavam em soffrivel estado de defeza. As obras exteriores da cidade foram todas ellas guarnecidas no dia 17 de agosto: em Lordello collocou-se uma força para observar a margem esquerda do rio. O terreno comprehendido entre a aldeia dos Francos e a quinta da Prelada foi igualmente guarnecido, bem como as fortificações da quinta do Wanzeller. Entre esta mesma quinta e o Carvalhido postou-se pela meia noite toda a cavallaria constitucional, e uma brigada de artilheria, em quanto que a infanteria se dividio em duas columnas, marchando toda esta força pela uma hora da noite sobre o Padrão da Legoa. Pela manhã foram as linhas guarnecidas pelos tres batalhões provisorios da cidade, despertados, segundo o costume em taes casos, ao toque de rebate dos sinos da torre dos clerigos. Meia hora antes de amanhecer o dia 18 estava o mesmo Saldanha á frente da columna da direita, sobre S. Mamede da Infesta, na estrada de Braga, em quanto a da esquerda, sahindo pelo Carvalhido, devia dirigir-se igualmente ao mesmo ponto. As forças realistas soffreram uma consideravel derrota em S. Mamede da Infesta, porque os lanceiros carregaram por esta parte com tal impeto, que não houve obstaculo que não vencessem. Diante do *reducto real*, e de Contomil, é que a resistencia se antolhava mais pertinaz; mas uma terceira columna, que sahio mais pela direita da estrada de Braga, batendo de flanco os realistas, em quanto Saldanha os batia de frente, decidio a tomada daquelle reducto quasi sem se disparar um só tiro, tendo o inimigo de fugir, perseguido novamente pelos lanceiros, e cavallaria n.º 10, que nelle fizeram um consideravel destroço com a sua brilhante carga. A tropa realista foi então coroar as alturas de Vallongo, e o *reducto de D. Miguel*, que tinha ficado com guarnição inimiga, teve de se render dentro em breve sem fazer maior resistencia. O general miguelista, conde d'Almer, tinha pela sua parte a seu cargo a conservação de Villa Nova; mas vendo em fugida sobre Vallongo a força que guarnecia as linhas ao Norte do Porto, com-

mandada pelo general Pantaleão, bem lhe desejára valer, mas não o podia fazer, não só por que o seu antecessor, o general Clouet, havia destruido a ponte de barcas, que se achava no Gramil, mas tambem por que uma força constitucional se tinha ido postar na cabeça daquella ponte, e o embaraçou d'alli passar o Douro, o que só na noite de 18 para 19 pôde effeituar em Arnellas.

Forte como era a posição das alturas de Vallongo, que o inimigo tinha ido occupar na sua debandada, Saldanha não hesitou em se deitar contra ella. Deixada em frente de Avintes a força conveniente para obstar naquelle sitio á passagem, que a tropa realista da margem esquerda do Douro quizesse tentar para a outra margem, ao coronel Pacheco se confiou atacar aquella posição de frente, logo que a visse acommettida pelo flanco direito della. Contra este flanco marchou Saldanha com todas as tropas de que ainda dispunha [1], e chegando á altura, conhecida pelo nome de *mulher morta*, alli dividio aquellas mesmas tropas em tres columnas, e em quanto com ellas avançava sobre o flanco direito da posição inimiga, o coronel Pacheco a atacou de frente, como lhe fôra incumbido. Bello devia ter sido este espectaculo para os habitantes do Porto, que anciosos o disfructavam dos entrincheiramentos, que guarneciam, e que por tantas vezes tinham defendido. A resistencia que tão porfiada se julgou, tornou-se nulla, porque tamanha era a ordem e a rapidez com que os constitucionaes atacavam, quanta a precipitação e desordem com que debandaram os realistas, perseguidos por mais esta vez pelos lanceiros até ás alturas de Ponte Ferreira. Só em Penafiel é que o inimigo fez alto, e para mais longe se dispunha a partir o general Pantaleão quando no seguinte dia foi soccorrido pelo

[1] A força, que por este tempo existia ainda no Porto, consistia em toda a artilheria, cavallaria n.º 10 e lanceiros, infanteria n.º 9, 10, 15 e 18, caçadores n.º 5 e 12, o 1.º e o 2.º regimento d'infanteria ligeira da rainha (francezes), dois regimentos de escocezes, o corpo inglez do coronel Dudegeon, quatro companhias do regimento de marinha (tambem inglezes), quatro batalhões nacionaes moveis, incluindo o do Minho, dois fixos, e tres batalhões provisorios, que só guarneciam as linhas em occasião de ataque.

conde d'Almer, que ao mesmo tempo lhe retirou o commando, para o dar a quem com mais fortuna e acêrto o podesse desempenhar. A noticia desta derrota, conhecida entre os miguelistas pelo nome de *acção d'Avintes*, chegando a Coimbra, consternou sobremaneira o seu exercito, tendo por esta causa o marechal Bourmont de destacar de lá em reforço do exercito, que deixára em frente do Porto, a brigada commandada pelo brigadeiro Osorio. Uma peça de calibre 6 foi por esta occasião aprisionada pelos constitucionaes, ficando além della igualmente em seu poder um tenente coronel, um major, com mais seis officiaes, e 238 praças de *pret*: tres armazens de polvora, balas, granadas, muitos viveres, muitos utensilios, um grande numero de apresentados, e o completo abandono das linhas do inimigo, foram os immediatos resultados da brilhante victoria do dia 18 de agosto[1]. A derrota do inimigo seria ainda mais completa se a columna que sahio do Porto pelo Carvalhido, ás ordens do brigadeiro José Lucio Travassos Valdez, mais tarde conde de Bomfim, tivesse sido bem dirigida, e houvesse chegado a tempo ao logar que se lhe havia marcado: todavia por um extraordinario acaso, de bem poucos exemplos nos annaes da guerra, aquelle general, e o seu ajudante de ordens, perderam-se da columna que commandavam, tendo por esta razão o conde de Saldanha d'esperar por aquella força tres successivas horas[2]! Bem desejou Saldanha passar em acto continuo á margem do Sul do Douro, e fazer alli á divisão realista de Villa Nova o mesmo que acabava de fazer á do Norte; mas não se podendo lançar sobre o rio com a rapidez necessaria a respectiva ponte de barcas, vio-se obrigado a esperar occasião mais favoravel aos seus intentos. Entretanto a derrota do general Pantaleão trouxe comsigo o levantamento do bloqueio da barra no dia 19, depois de ter durado por 9 a 10 mezes continuos, entrando

[1] Os constitucionaes tiveram neste dia a perda de 16 mortos, 98 feridos, e 4 extraviados, sendo ao todo 118 homens, dos quaes 12 eram officiaes.

[2] Esta asserção não só é fundada no que então ouvi, mas igualmente no que se acha escripto nas Memorias de José Liberato, vol. 4.º, pag. 156.

pelo Douro acima, e indo ancorar diante da cidade, uma grande quantidade de navios. Este importante acontecimento, unido com a noticia que tinha chegado de Lisboa do reconhecimento da rainha por Inglaterra, foi solemnisado no Porto por uma salva geral, dada simultaneamente por todas as baterias da linha constitucional. A concorrencia de todas estas circumstancias desalentára em grão extremo todo o exercito realista, que no dia 20 abandonou completamente Villa Nova, não podendo já ser alcançado na madrugada do dia 21 pelo general Saldanha, apezar de lhe ir no alcance até além de Souto Redondo, e Arrifana. Deste modo chegou finalmente o dia da emancipação do terrivel captiveiro da heroica cidade do Porto, cujos moradores, dominados pela extrema alegria, que tão importante acontecimento lhes determinava, não poderam conter-se dentro da cidade, e avidos correram a contemplar as obras de fortificação do inimigo, e a admirar a superioridade das suas linhas de circumvalação e contravalação, e a inferioridade daquellas em que se tinham defendido. Juizes competentes na materia, a quem a pratica tinha feito adquirir bastante conhecimento sobre ella, concordes reconheceram todos a impossibilidade de se poderem romper, quando o Exercito Libertador se tivesse abalançado a tão ousado e imprudente passo. Corajosos e soffredores, como acabavam de ser durante o cerco, já cada um se ufanava do merito das suas proprias acções, ou das dos seus parentes e amigos, e olhando para o terreno, que acabava de ser o theatro das suas recentes glorias, quantas lembranças de saudade não tiveram nesta occasião por tantos bravos, que nelle tinham sido feridos, ou nelle terminado seus dias! Felizmente tudo isto eram recordações dos males passados, embora que recentes fossem; a penosa guerra, com que tinham lutado, as desgraças do activo bombardeamento, que os perseguira, as fomes, molestias, e miserias, que tão cruelmente os vexára, estavam por fortuna sua coroados pelos immarcesciveis louros de uma bem disputada victoria, cujos effeitos por essa mesma razão lhe davam dobrado realce, e esta só lembrança os ga-

lardoava das suas arduas fadigas, das privações, e trabalhos de tão prolongado cêrco, em que foram feridos 2:586 individuos, morrendo no campo 732.

Desorganisadas assim as forças inimigas ao Norte e ao Sul do Porto, depois de perdidos todos os seus reductos e linhas, os seus grandes depositos d'armas e munições, com todo o material de campanha, Saldanha começou desde então a olhar para os seus, e para os interesses do seu partido. Levado do ciume de não ser chamado a Lisboa, depois do levantamento do cêrco do Porto, e atrevido para com os seus adversarios, cujas maquinações pessoalmente queria desfazer, não escrupulisou partir quanto antes do Porto para junto de D. Pedro, ainda que sem prévia ordem para semelhante partida [1]. Esta nova falta de disciplina e subordinação militar foi por mais esta vez disfarçada por D. Pedro, que a relevou em Saldanha com uma ordem de chamamento, que se lhe expedio com antedata, para lhe cohonestar tal falta, e provavelmente pelas mesmas razões, que anteriormente o levaram a disfarçar-lhe as intelligencias, que a seu arbitrio tivera com os generaes miguelistas a bordo das embarcações de guerra inglezas, surtas no Douro. Do Porto sahio pois Saldanha para a capital no dia 23 de agosto, deixando encarregado do commando das forças do Norte o tenente general Thomaz Guilherme Stubbs, dando-lhe para seu chefe d'estado maior o tenente coronel José Joaquim Pacheco. Logo que no dia 25 se soube em Lisboa da chegada de Saldanha, e de que com elle vinha igualmente o batalhão de caçadores n.° 5, tão celebre pela sua fidelidade ás instituições liberaes desde 1821, e sobre tudo pelos seus relevantes serviços na defeza e sustentação da ilha Terceira em 1828, e não menos pelos seus gloriosos e subsequentes feitos d'armas, grande multidão de gente corrêo logo á praça do Pelourinho, para saudarem e verem com seus proprios olhos um corpo tão benemerito, e verdadeiramente historico por

[1] Ainda por mais esta vez me reporto ás asserções de José Liberato, vol. 4.°, pag. 169. Napier confirma tambem isto mesmo na sua *Guerra da Successão*.

todos aquelles titulos. Os vivas de um innumeravel concurso de povo atroavam por toda a parte os ares, durante a formatura e a marcha do citado batalhão para o seu quartel: o mesmo D. Pedro, vestido com a farda de coronel deste corpo, o foi receber em pessoa, e ao seu bravo commandante, o coronel Francisco Xavier da Silva Pereira, e o conduzio como em triumpho até ao quartel de Valle de Pereiro, logar que lhe estava destinado para o seu alojamento.

D. Miguel havia no dia 10 de agosto entrado em Coimbra, onde encontrou suas irmãs, inclusivamente a princeza da Beira e infanta de Hespanha, D. Maria Thereza, senhora que com o seu afferro ao systema absoluto juntava bastante espirito, muita actividade, e grande influencia, tanto em D. Miguel, como no proprio infante D. Carlos. Este illustre proscripto alli permanecia ainda com sua esposa, D. Francisca, e os seus tres filhos, tendo deixado o palacio do Ramalhão, não só pelos ultimos acontecimentos da capital, como para fugir aos furores e estragos da *cholera-morbus*. O general Cordova, que em Lisboa fôra posto em liberdade depois da acção de Cacilhas, onde ficára prisioneiro dos constitucionaes, em vez de sahir para fóra do reino, como promettêra, e se lhe ordenára, foi-se apresentar novamente em Coimbra, para alli continuar nas suas funcções de ministro de Hespanha junto a D. Miguel, a quem fazia os mais lisongeiros protestos por si, e da parte do seu governo, assegurando-lhe o vivo interesse, que tomava pelo bom successo das suas armas: Cordova, que tão distincto se tornára por miguelista em Portugal, pronunciou-se depois como um decidido constitucional em Hespanha, constituindo-se uma prova viva de que as virtudes politicas são obra dos tempos e das circumstancias, ou pelo menos negocio de geographia. Este ministro fingia observar, ou de facto observava de perto os passos e os movimentos do infante D. Carlos, de quem queria apressar o embarque para os estados pontificios, induzindo-o a que effeituasse semelhante viagem, em cumprimento das ordens de seu irmão. Não é facil decifrar a verdadeira politica do ministro Zêa-Bermudes, por esta occasião

em Madrid; ainda que D. Carlos tivesse constantemente recusado sahir de Portugal, e que D. Miguel não fizesse o mais pequeno esforço para o obrigar a isso, parecendo bem pelo contrario dar-lhe todas as possiveis largas para a continuação da sua residencia neste reino, o gabinete de Madrid persistia todavia em ter na côrte de D. Miguel um ministro acreditado. É evidente que Fernando 7.° nada gostava da Carta Constitucional portugueza, mas gostava ainda menos da presença de seu irmão na Peninsula, e por esta causa, com bons fundamentos se esperava que d'um para outro dia mandasse retirar da côrte de D. Miguel o agente, que junto delle tinha acreditado, medida com que a politica de Zêa-Bermudes se não conformava, chegando até a haver quem julgasse ter elle sido o proprio, que animasse D. Carlos a ficar em Portugal.

Entretanto o exercito de D. Miguel continuava apathico em Coimbra, e nem é facil explicar a demora, que o marechal Bourmont alli teve até ao dia 18 de agosto, em quanto D. Pedro tão energico e activo se entregava ao levantamento das suas linhas, e á defeza da capital. Ao estado de desorganisação deste exercito se attribue igualmente semelhante demora, e á grande indisciplina, que lhe contaminava as fileiras. As salas do quartel general do marechal apresentavam-se geralmente cheias de officiaes de todas as armas e graduações, que por seu proprio arbitrio abandonavam os seus corpos, para se dirigirem a Coimbra, que com muita difficuldade deixavam para nelles irem novamente occupar o seu antigo logar, depois de esgotadas em vão todas as suas relações e empenhos, e de levadas até ao ultimo apuro as diligencias para obterem mudança de posição, ou irem ganhando tempo. O melhor corpo de cavallaria do exercito achava-se consideravelmente reduzido, pelos abusos e desvios rediculos, que se davam a muitas das suas praças n'uma occasião, em que a sua presença era tão necessaria, e da maior urgencia nas fileiras. O menor empregado da casa real julgava-se com direito a uma ou mais ordenanças, todas as familias distinctas, que acabavam de deixar a ca-

pital, tal como a do duque do Cadaval, faziam-se escoltar por um immenso sequito de cavalleiros, e por modo tal, que o commandante da cavallaria da policia de Lisboa não pôde reunir a si mais de dois esquadrões. Em Coimbra foi que o marechal Bourmont se tornou em meiado de agosto o centro de todos os negocios publicos entre o partido realista, reunindo na sua mão as duplicadas funcções de marechal general, e as de ministro da guerra, pela doença que durante alguns dias desviou o conde de S. Lourenço da gerencia desta repartição. A morte do marquez de Tancos, ajudante general de D. Miguel, que a cholera tinha arrebatado, deixou vago mais este importante cargo[1]. A mesma falta de dinheiro tinha d'algum modo tornado tambem o marechal ministro da fazenda de facto, sendo a final aliviado em 25 do citado mez de agosto das funcções de ministro de guerra, pela nova entrada do conde de S. Lourenço no seu antigo logar. Desde então Bourmont pôde restringir-se mais ás obrigações do seu alto emprego, e apezar da sua experiencia, dos seus conselhos, e differentes medidas, o exercito não principiou a sahir de Coimbra senão em 14 daquelle mez. Foi então que a perda de Peniche se tornára bastante sensivel, amargurada ainda mais com a noticia da derrota experimentada pelos realistas em volta do Porto no dia 18. A brigada do brigadeiro Osorio, que se mandára para o Norte, recebêo nòva ordem, que a obrigou a se dirigir tambem para Lisboa, para onde effectivamente marchou toda a tropa, dividida em tres columnas[2]; a primeira, commandada pelo general Larochejaquelin, atravessou o Tejo para a Chamusca, foi occupar Salvaterra de Magos, para segurar a communicação com o Alemtejo, e receber d'alli os mantimentos, de

[1] Em Coimbra e outras terras falleceram por este tempo não poucas notabilidades do partido miguelista, entre as quaes se contou o celebre conde de Basto, e o ex-intendente geral da policia e chanceller da casa da supplicação, João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães.

[2] Bourmont retirou do Porto para Coimbra com 17:000 infantes, 1·200 cavallos, e 30 peças de artilheria de campanha: esta força, reunida nesta segunda cidade á divisão de Mollelos e Cadaval, dava um total, que não podia ser inferior a 22 ou 24:000 homens de todas as armas.

que carecesse para fornecimento do exercito; a segunda, ás ordens do general Lemos, dirigio-se á villa de Thomar, e de lá a Santarem; a terceira, onde ia D. Miguel, e o proprio Bourmont, com os seus respectivos estados maiores, era commandada pelo marechal de campo Nunes, e seguio direita a Leiria, indo como em reserva; a cavallaria precedia um dia de marcha o respectivo quartel general, que só no dia 18 de agosto largou de Coimbra. Em toda esta marcha alguns dias se consumiram tambem inutilmente em deliberações vacillantes, faltas de esclarecimentos sobre os movimentos da vanguarda, e sobre tudo pela extrema necessidade de fornecer o exercito de calçado. Deste modo se mudou do Porto para em volta de Lisboa o principal theatro da guerra civil, tendo-se a este tempo levantado já o cêrco do Porto, como se vio pela acção do citado dia 18 de agosto.

CAPITULO V.

Os miguelistas, tendo vindo sobre Lisboa, e debalde procurado entrar nesta cidade, onde finalmente desembarca a rainha, são depois obrigados a levantar o cêrco da capital, indo-se concentrar na villa de Santarem, levando sobre a sua retaguarda os constitucionaes, que por esta occasião foram estabelecer o seu quartel general no Cartaxo, e as suas linhas de campo por de traz da ponte da Assêca: posição de Santarem.

Que adoradores não tem sempre por si a victoria? Manter por mais de quatro annos de penosa emigração um continuado conflicto entre a legitimidade e a usurpação; entreter e animar por meio do fóco liberal da ilha Terceira, durante este longo espaço de tempo, o atribulado espirito dos constitucionaes portuguezes dentro e fóra do paiz; conquistar todas as restantes ilhas do archipelago dos Açores; vencer tantos e tão insuperaveis obstaculos até se arvorar em todas ellas o estandarte da fidelidade constitucional; alcançar por esta fórma os meios de poder vir ás praias portuguezas com uma expedição libertadora, bem disciplinada, e soffrivelmente provida, e com ella occupar depois uma cidade de 90:000 habitantes, defende-la pela força das armas por espaço de um anno inteiro contra um exercito sitiante de 40:000 homens, arrostando durante esta longa defeza com a morte, a incerteza, a penuria, o inverno, com inimigos poderosos, amigos refalsados, e até com negociações diplomaticas mal dirigidas, e peor succedidas; espreitar no meio de tamanhos perigos, e multiplicados contratempos a occasião mais opportuna de entrar em operações activas por mar e por terra, destacando uma pequena divisão expedicionaria, que desembarcando no Algarve, atravessára o Alemtejo, sem lhe embaraçar com o numero dos inimigos, que tinha pela sua frente e retaguarda, e entrar depois de tantos triumphos em Lisboa, para onde se começava a mu-

dar a base das ulteriores operações militares, por nella campear já como senhora a bandeira constitucional, eram outras tantas façanhas de immarcescivel gloria, que reunidas com a assignalada victoria naval do cabo de S. Vicente, se ouviam com espantosa veneração, e arrebatavam todos os espiritos, levando atraz de si os mais indifferentes e frouxos a favor da causa da Legitimidade! No meio de taes, e tão extraordinarias circumstancias quem podia resistir ao enthusiastico impulso, que a fortuna dera ultimamente na sua feliz carreira á restauração do governo legitimo? Todos queriam pois tomar parte nas proezas do pequeno Exercito Libertador, e entrar por este modo na liça para pertencer ao gremio do partido triumphante. A classe baixa, que sem lhe importar com a justiça da causa, canta sempre a victoria com qualquer que seja o partido vencedor, voluntariamente corria a alistar-se nos batalhões nacionaes, moveis e fixos, dando pela mesma fórma para tropa de linha um consideravel reforço, em observancia da lei, que chamára ás armas todos os cidadãos de 18 a 50 annos de idade. Os da classe media e opulenta, a quem a sua consciencia não accusava de inimigos da causa constitucional pelos serviços relevantes que houvessem prestado á do usurpador, não só acudiam igualmente ao alistamento pela sua parte, mas appareciam ora a subscrever com as avultadas quantias, que offereciam para o emprestimo dos oitocentos contos de réis, que o governo tinha aberto em Lisboa, ora a offerecer cavallos para a remonta do exercito, e ora finalmente a concorrer com todos os donativos de que podiam dispôr para as urgencias da guerra. Lisboa era por conseguinte um vasto acampamento militar, cercado por terra pelos entrincheiramentos e linhas, que no curto periodo de quinze dias se tinham levantado no extenso espaço, que corre por fóra da capital, desde a ponte de Alcantara, que lhe fica ao Ponente, até á Madre de Deos, que lhe fica ao Nascente: por mar viam-se os navios da esquadra flanqueando a esquerda e a direita das mesmas linhas, além dos que se empregavam de reforço á torre de Belem, que por modo algum se podia abandonar

por dominar o Tejo. Era por conseguinte no meio deste recinto, que se divisava um exercito de cidadãos, inquieto pelo enthusiasmo que lhe dava o prestigio das recentes victorias constitucionaes, e ambicionando medir quanto antes as suas com as forças do inimigo. D. Pedro era o idolo de todo este exercito, e o alvo de todas as attenções publicas: nunca houve principe para quem a opinião olhasse com maior, e mais justa deferencia, nem a gloria coroasse de mais bem merecidos louros. O periodico official do governo quotidianamente lhe prodigalisava incessantes elogios, que algumas vezes, passando as raias da exactidão, entravam no campo da adulação e lisonja. Esta sua posição, reunida com as extraordinarias demonstrações de alegria, que toda a população de Lisboa lhe consagrára no dia do seu desembarque, de tal modo o tinha embriagado, que não só se julgava invencivel, mas até lhe parecia ter já chegado a luta ao seu termo.

Entretanto a guerra estava ainda bem longe da sua final decisão: D. Miguel dispunha de todos os recursos do reino, exceptuando apenas o Porto, e Lisboa. Por toda a parte os frades e os padres tinham pregado uma nova cruzada contra os constitucionaes, e enthusiasmando os povos, poderam alcançar, ajudando assim as authoridades miguelistas, a formação de numerosos corpos de guerrilhas no Alemtejo, e sobre tudo no Algarve, onde os mesmos constitucionaes tiveram de abandonar todas as suas antigas posições, concentrando-se em Olhão, Faro, e Lagos. Aqui mesmo nesta ultima cidade tinham os guerrilhas fortemente sitiado os constitucionaes, que de certo succumbiriam, se não fossem promptamente soccorridos por um vapor, que em vez de seguir para Peniche, seu primitivo destino, largou de Lisboa para Lagos, onde deixou uma guarnição de uns 200 homens. As noticias da marcha do exercito miguelista sobre Lisboa, e o enthusiasmo que os povos do interior do paiz mostravam ainda pela causa da usurpação, fizeram bem conhecer que só a força, e a total destruição de todos os seus possiveis recursos, podia reduzir um partido á dura condição de ven-

cido, e leva-lo a conformar-se em tudo com a sorte, que a bel-prazer lhe destinasse o vencedor. Nestes termos, e com as felizes disposições da capital a favor de D. Pedro, não era impossivel aos constitucionaes collocoram-se dentro em breve em estado de resistir vantajosamente ao inimigo. Com o desengano de entrarem n'uma nova campanha se mandou então publicar o decreto, que ordenava a creação d'um conselho de guerra permanente para sentencear breve e summariamente os desertores, e com elles todos os agentes e cumplices de deserção, além de outros mais, que já se tinham publicado no Porto. A victoria que em 18 de agosto ganhára o marechal Saldanha, fazendo levantar o cêrco daquella cidade ao exercito miguelista, que afugentára para além de Vallongo, mais enthusiasmo veio dar aos defensores de Lisboa, derramando ao mesmo tempo, como era bem natural, profunda magoa naquelle mesmo exercito, cujo general ainda pensou em mandar um reforço ás suas tropas, batidas em frente do Porto. Tudo por conseguinte parecia correr de feição ao partido constitucional, porque esta ultima victoria do Norte se tornou para elle duplicadamente importante, habilitando o governo de Lisboa a mandar vir das margens do Douro para as do Tejo toda a tropa disponivel, que lá tinha, (lanceiros da rainha, e infanteria 9 e 15.) O elevado morro de Palmella havia sido fortificado, e guarnecido com 12 bocas de fogo, o que igualmente tinha succedido a Almada, e Cacilhas, onde se formára uma especie de isthmo por meio de uma linha, que corria do Pragal á Margueira, guarnecido tambem por 22 peças de artilheria. Em Lisboa creou-se um deposito militar para os officiaes e praças avulsas; as munições e polvora dos differentes reductos e baterias das linhas pozeram-se em segurança; estabeleceram-se hospitaes militares; fundaram-se os precisos estabelecimentos para a promptificação de armamento; fizeram-se apertadas requisições de cavallos e muares, dando-se com todas estas medidas tal actividade e impulso a todas as repartições militares, que em principios de setembro estavam, se não optimas, ao menos soffrivelmente guar-

necidas aquellas linhas, apresentando-se em bateria 182 bocas de fogo, que nem todas se encontravam muito bem servidas. A abertura dos seus differentes fossos estava já em grande andamento, bem como os seus multiplicados reductos, baterias, fortes, parapeitos, e mais obras de fortificação. Quanto ao pessoal achavam-se já equipados por todo este mez 37:847 homens, dos quaes 18:752 eram de primeira linha, comprehendendo 2:366 artilheiros, e 796 cavallos de fileira, havendo-se creado e preenchido um regimento de cavallaria, (formado pelos desertores miguelistas, e soldados de infanteria, que sabiam montar a cavallo,) tres corpos de infanteria, e vinte batalhões nacionaes, entre moveis e fixos. Tal foi para os constitucionaes o feliz resultado da demora, que o exercito miguelista pozera em marchar desde as margens do Mondego até ás do Tejo.

Pela lentidão que o marechal Bourmont tinha apresentado em sahir de Coimbra parece que elle antevia já os seus imminentes desastres em frente de Lisboa: desorganisadas como se achavam as forças do seu commando, e contagiadas pelo desalento, que forçosamente lhes havia de causar a serie de tantas derrotas, experimentadas em tão pouco tempo, as suas marchas redobravam em incertezas e morosidade, com a sua aproximação da capital. Em Leiria conseguira o mesmo Bourmont calçar á pressa, e como pôde ser, de çapatos e sandalhas a sua infanteria, e julgando indispensavel obter noticias seguras da vanguarda, e reconhecer convenientemente todos os logares e caminhos por onde tinha a marchar, organisou alli para lhe vir na frente do exercito uma columna movel, com a denominação de brigada da vanguarda, que confiou a um francez, que até então fôra o seu chefe d'estado maior, o coronel Dubreuil. Tudo isto, e a necessidade d'entrar em communicação com as duas outras columnas, que lhe ficavam pela sua esquerda, lhe fizeram perder alguns dias em Leiria, e alguns outros nas Caldas. Pela sua parte o general Clouet, encarregado especialmente do commando do exercito d'operações sobre Lisboa, para que fôra chamado do Porto, tendo chegado a Santarem, não

tinha sido alli mais activo do que o marechal Bourmont em Leiria: a pretexto de extirpar os abusos, que a relaxação dos officiaes, e a falta de disciplina introduzira no exercito, Clouet demorou igualmente alguns dias a segunda divisão em Santarem, passando-lhe revistas, e cuidando na sua melhor organisação e arranjo. Os desastres que o general d'Almer experimentára no dia 18 de agosto em frente do Porto tinham levado Bourmont a mandar-lhe de reforço a brigada do general Osorio, como já se disse; mas esta brigada retrogradou em breve, não só por desfalcar consideravelmente o exercito, já tão escasso para o seu futuro ataque sobre Lisboa, mas tambem pela inefficacia do auxilio, que ia levar ás forças do Norte, que por este tempo se tinham já retirado de Vallongo sobre Penafiel e Amarante, ao passo que os constitucionaes se achavam pela sua parte senhores de toda a margem esquerda do Douro, tendo-se já acclamado o governo legitimo em Oliveira de Azemeis, villa da Feira, e Ovar, guarnecidas assim estas terras por forças suas, (milicianos e voluntarios,) e regidas tambem por authoridades legitimas. Foi depois de todas estas demoras que o general Bourmont, tendo mandado sahir o seu exercito de Coimbra em 13 e 14 de agosto, só em 25 e 26 do mesmo mez o fez decididamente avançar das Caldas e Santarem sobre Lisboa.

O general Saldanha, como chefe do estado maior de D. Pedro, providenciára tudo quanto julgára necessario para a defeza regular de Lisboa depois da sua chegada do Porto, já activando os trabalhos de fortificação das linhas, já fazendo guarnecer os reductos e baterias da precisa artilheria, e já finalmente organisando e disciplinando do melhor modo possivel as recrutas, e os batalhões nacionaes, moveis e fixos. Junto das mesmas linhas, e n'uma grande casa ao alto de Campolide, donde se avistavam todas as ondulações do terreno, e as posições da tropa, estabelecêo D. Pedro o seu quartel general, para d'alli providenciar segundo as circumstancias occorrentes. Já no dia 21 de agosto tinha o duque da Terceira sahido de Lisboa á frente de uma divisão de

cinco para seis mil homens, que se dividira em duas columnas, uma das quaes tomou para Villa Franca pela estrada raza da margem do Tejo, e a outra foi pela da cabeça de Montachique até Torres Vedras, tendo ambas ellas em vista favorecer o enthusiasmo dos povos a favor do governo legitimo, observar ao mesmo tempo a aproximação do inimigo, sem que com elle se empenhassem em combate, e na sua retirada para dentro das linhas proteger a emigração de todas as pessoas fieis á causa liberal, que se julgassem compromettidas entre os realistas pelo seu espirito constitucional. Entretanto vinham em marcha sobre Lisboa as differentes columnas de Bourmont: a de Santarem, tendo vindo ao Cartaxo, entrára no dia 30 de agosto em Villa Nova, donde destacou uma força, que aproximando-se de Villa Franca, fez d'alli retirar o duque da Terceira, e obrigou tambem a levantar ferro a escuna de guerra Liberal, que em frente daquella villa se achava fundeada. De Torres Vedras recolhêo tambem a Lisboa a outra columna constitucional, que para alli tinha ido, com a aproximação da brigada da vanguarda miguelista, commandada por Dubreuil. Uma columna da divisão de Villa Nova seguio no dia 31 de agosto para Alemquer, e no dia 3 de setembro, chegando ao Lumiar e Campo Grande, obrigou a recolher ás linhas os postos avançados de D. Pedro. Em Loures fez a sua juncção com o corpo do exercito, tendo feito reconhecer previamente Sacavem, a outra columna, que ficára em Villa Nova. A divisão de Larochejaquelin, que tinha vindo á margem esquerda do Tejo, deixando uma força d'observação em Salvaterra, passou para a margem direita, seguindo tambem deste modo o movimento geral do seu exercito, que todo se concentrou sobre a estrada do Campo Grande, estendendo-se para Bemfica, e serra de Monsanto, com que por esta fórma ameaçava Belem e Alcantara. Foi na Luz que se aquartelou a cavallaria inimiga ás ordens do general Larochejaquelin, e no Lumiar estabelecêo D. Miguel o seu quartel general, bem como o marechal Bourmont o seu estado maior, e não longe delles, mas já perto do Campo Grande, foi tambem o quar-

tel do general Clouet. Nestas posições póde o mesmo D. Miguel reunir ainda o exercito com que sahira de Coimbra, em força de 22 a 24:000 homens de todas as armas, não sem o auxilio da propagação de falsas noticias, espalhadas para fazer acreditar aos seus soldados, que uma esquadra russa viria com tropas de desembarque fazer sahir D. Pedro de Portugal, já que o gabinete de Vienna tinha com o de Madrid concluido um tractado para o conservar no throno a elle D. Miguel, e já finalmente que no seu ataque sobre Lisboa, em vez de acharem resistencia, encontrariam nella uma sublevação geral a seu favor, ao abrigo da qual entrariam triumphantes na capital, pelas poucas forças que cá tinha seu irmão, e insignificancia das fortificações levantadas: para melhor conseguir a preconisada revolta tinha o mesmo D. Miguel dirigido aos habitantes de Lisboa, e seu termo, uma proclamação, datada da cabeça de Montachique em 2 de setembro, proclamação que segundo o costume foi promptamente mandada publicar por D. Pedro no periodico official do governo.

A chegada do inimigo ás visinhanças de Lisboa foi logo annunciada pelo córte das aguas, que conduz para ella o respectivo aqueducto, como quem, renovando assim os seculos da barbaridade, queria fazer a guerra a todos os sexos, e a todas as idades. Entretanto o governo promptamente cuidou em remediar a falta d'agua, não somente ordenando o emprego de barcas, que da Outrabanda a transportassem para Lisboa, e o de carroças e pipas, que pelas differentes ruas da cidade facilitassem este mesmo serviço, mas fazendo igualmente devassar ao publico todos os poços d'agua potavel e salobra [1], cisternas, ou bicas, que existissem nas casas e quintas de particulares, ou nos conventos de religiosos. Eram 5 horas da manhã de um bello dia, 5 de setembro, quando seis columnas do exercito miguelista, em força de 10 a 12:000 homens de armas, se destinaram ao primeiro

[1] A relação dos que foram examinados por ordem do governo póde vêr-se na Chronica Constitucional de Lisboa, N.° 48, de 19 de setembro de 1833.

ataque contra as linhas de Lisboa, desde o Arco do Cego até aos arcos das Aguas-Livres, em frente da Cruz das Almas, e da estrada de Campolide. Oito peças de artilheria, e alguns fortes esquadrões de cavallaria, apoiavam o grosso da força atacante. Quasi pelas seis horas da manhã duas daquellas columnas vieram até ao Campo Pequeno, ameaçando entrar pelo Arco do Cego, direitas ao cruzeiro de Arroios, em quanto que uma terceira, acobertando-se pelos caminhos de Palma, lançou-se com rapidez sobre o centro dos atacados, desde a frente de S. Sebastião da Pedreira, descendo pela encosta abaixo, que vem sobre as estradas da Luz, Sete-Rios, e Palhavã, até ao flanco esquerdo do reducto da Atalaia, que defendia a estrada do alto de Campolide, e a quinta dos antigos marquezes de Louriçal. Por este tempo as linhas dos constitucionaes estavam consideravelmente imperfeitas, muitos dos seus logares expostos em demasia, havendo até reductos, que apezar de artilhados, eram de mais aparato que de realidade, pela falta de munições, e mais ainda pela de artilheiros, que devidamente os guarnecessem, e nelles trabalhassem com a regularidade que aquella arma exigia. O palacio dos citados marquezes de Louriçal, situado na baixa de Palhavã, tem na sua respectiva quinta um jardim, e além delle um bosque, que vem quasi até ao reducto da Atalaia, prolonga-se com a grande quinta dos viscondes da Bahia, e vindo sobre a estrada de Palhavã, corre para Lisboa em fórma de lameda até quasi á porta de Oeste, no largo de S. Sebastião da Pedreira. Em volta desta quinta, o verdadeiro ponto atacado pelo inimigo, se tinham deixado em pé muitos muros, e casas das propriedades visinhas, fugindo de lhes causar estrago: ao abrigo delles vieram pois correndo os realistas, e abrindo seteiras, por ellas fizeram um terrivel fogo sobre os constitucionaes, que pela sua parte tiveram de largar as linhas para os vir desalojar, sahida esta que dêo logar a travar-se um rijo combate no jardim, e junto do palacio, onde o terreno foi tomado e retomado com todo o encarniçamento, e não pouca mortandade de parte a parte. Desde então começou a jogar

mais vigorosamente a artilheria inimiga, e ao abrigo della se tornou o ataque mais vivo e geral. Senhores, como em pouco se mostraram, da casa e da quinta do Louriçal, os voluntarios realistas do Fundão, Covilhã, e Lamego, com caçadores n.º 8, e infanteria de Bragança, penetrando no bosque da mesma quinta, acommetteram corajosamente com o reducto da Atalaia, que lhes ficava um pouco á direita, em quanto que pela esquerda o regimento de infanteria d'Estremoz, e o segundo d'Elvas, com parte do de Bragança, marcharam contra a flexa e o reducto da quinta dos viscondes da Bahia, onde o fogo dos constitucionaes chegou a afrouxar não pouco. Então se conhecêo a falta de artilheiros nos reductos atacados; pelas estradas e caminhos se andaram a mandar para elles quantos se encontravam capazes para semelhante serviço [1], e foi depois que elles alli chegaram que a artilheria constitucional se tornou mais animada, respondendo á de algumas peças, que o inimigo assestára na descida de Palma para Palhavã. Foi então que os constitucionaes tiveram de sahir novamente das suas linhas para repellirem os realistas, que com effeito bateram, e perseguiram pelas encostas, que descem até junto do palacio do Louriçal, fazendo-lhes por esta occasião consideravel numero de mortos. Dubreuil, commandante deste ataque, pedio ao general Clouet, e ao marechal Bourmont, reforço de tropas frescas para renovar o ataque. Meia hora depois o general Larochejaquelin, cedendo ás repetidas instancias de seu sobrinho, Luiz Larochejaquelin, que neste dia ardentemente desejára distinguir-se, concedêo-lhe marchar com um esquadrão ao ataque. Este bravo francez, sequioso de gloria, e communicando aos seus subordinados o enthusiasmo de que elle mesmo estava possuido, temerario avançou a todo o galope na frente delles em direcção ao reducto da Atalaia, até chegar perto do fosso, que na frente delle se abria. Julgando-se seguido pela força do seu commando, tão cego

[1] Eu fui um dos academicos a quem se dêo aquelle destino, correndo para o reducto da quinta dos viscondes da Bahia, commandado pelo bravo capitão d'artilheria, Manoel Thomás dos Santos,

corria na sua marcha, que aos proprios constitucionaes lhes parecêo que elle buscava passar-se para as suas fileiras, illusão de que elle em breve os tirou, quando distante delles meio tiro de pistola, empunhando a espada, bradou aos que o seguiam que avançassem affoutos, apontando-lhes o sitio por onde podiam penetrar nas trincheiras constitucionaes. Tentativa desesperada foi a deste bravo mancebo, que digno de melhor sorte, alli cahio atravessado de balas perto do já citado fosso, com alguns outros cavalleiros da sua comitiva, que lá ficaram tambem sobre a explanada do reducto, que tão ousadamente pretendiam tomar. Os constitucionaes tambem pela sua parte tiveram sentidas perdas, sendo a mais notavel de todas a do brigadeiro, D. Thomás Mascarenhas, que acabou tão honradamente quanto o pedia a elevada jerarchia do seu nascimento: o tenente coronel, Luiz Teixeira Homem de Brederode, tambem neste dia perdêo a vida em consequencia de uma bala de artilheria lhe levar um braço, quando do quartel general imperial em Campolide observava os movimentos do inimigo[1]. O duque da Terceira, além de uma ligeira contusão de bala de fuzil no lado direito, teve um cavallo morto debaixo de si, e o proprio D. Pedro, estando com grande actividade dirigindo os trabalhos da abertura de uma canhoneira no reducto da Cova da Onça, atrahio para aquelle sitio um vivo fogo de artilheria inimiga, que por bem pouco lhe não acertou com uma bala de calibre 9, que dêo fim aos trabalhos de um pobre fachina, que lhe ficava alguns passos pela retaguarda.

Era uma hora da tarde, e os realistas, que até então tinham combatido corajosamente contra forças protegidas por entrincheiramentos, estavam extenuados de fadiga. Bourmont, que das alturas de Palma observára com os seus proprios olhos o ataque das suas tropas, tinha inactivamente prolongada com o aqueducto das aguas-livres a divisão do

[1] Alem dos officiaes que acima se apontam, morreram tambem mais tres capitães e tres alferes, contando-se entre estes D. Alexandre de Sousa Coutinho, filho do marquez de Santa Iria, que com este era já o segundo filho que perdia nesta desastrosa guerra.

general Lemos, que apenas entreteve por alli um tiroteio com o piquete constitucional do moinho de vento, sobre as alturas dos arcos. A acção empenhada, posto que mais frouxa, durava ainda pelas tres horas da tarde. Bourmont puchou então sobre a sua direita, e por de traz da serra de Monsanto, tres esquadrões de cavallaria com algumas tropas ligeiras. Clouet recebêo ordem para avançar com as tres brigadas da reserva; mas conhecedor do máo resultado, que alcançaria da renovação de um segundo ataque, ponderou os perigos e as difficuldades delle, aconselhando que se transferisse para o dia seguinte. Apezar da bravura e lealdade do general Clouet, diz-se que D. Miguel, acreditando menos nelle do que na victoria, que o enthusiasmo dos seus soldados lhe parecêra prometter, se mostrára remisso em condescender com as suas observações[1]: todavia cedendo ás instancias, que por aquelle general lhe foram feitas, dêo finalmente ordem para diminuir o ardor do ataque, cessando o fogo com a aproximação da noite. Para evitar que no dia seguinte o inimigo renovasse a terrivel fuzilaria, que fizera em todo o dia 5 pelas seteiras do muro da quinta de Louriçal, duas columnas de constitucionaes o fizeram definitivamente desalojar pelas seis horas da tarde da posição, que tão vantajosamente tinha até alli occupado, e já fortificado: a confusão e a desordem, com que fugira, permittio então que os constitucionaes podessem effectivamente demolir os muros e as casas das quintas adjacentes, que lhes tinham servido de abrigo. O fogo dirigido pelo inimigo foi neste dia activissimo[2]: para o lado de S. Sebastião da Pedreira o terreno ficou juncado de bala-raza, metralha, e mosquetaria. Um voto militar de pêso[3] affirma que o general Bourmont devêra ter feito um ataque simultaneo pelas estradas,

[1] Assim o affirma o barão de S. Pardoux nas suas *Campanhas de Portugal em* 1833.

[2] Os realistas confessam pela sua parte uma perda de 300 a 400 homens fóra de combate, perda que os constitucionaes lhes fazem para cima de mil, em quanto que a destes foi de 71 mortos e 249 feridos.

[3] O conde do cabo de S. Vicente na sua *Guerra da Succesão em Portugal.*

que do largo de S. Sebastião divergem para Sete Rios, e para as freiras do Rego: para se levar a effeito, se teria de postar em cada uma dellas uma forte columna, acobertada pelos muros, que orlam as ditas estradas por um e outro lado. Pelo espaço aberto entre uma e outra das mesmas estradas se faria avançar de frente uma terceira columna, que dividindo-se em atiradores, segundo o costume das suas tropas, attrahiria a maior attenção dos constitucionaes, em quanto que as duas outras columnas, conduzidas por valentes officiaes, marchariam ao ataque serio, e não lhes seria difficil penetrar dentro da cidade. Conduzir os soldados a uma acção, por veredas e caminhos cobertos, é leva-los sempre á tentação de nunca deixarem os abrigos, para se exporem ao perigo das balas a descoberto. Parece por tanto fóra de duvida que, se o inimigo avançasse denodadamente em columna cerrada pelas estradas, que acima se indicam, a sua victoria podia tornar-se provavel; mas para estes ataques a descoberto nunca os miguelistas tinham tido coragem, não podendo resistir jámais á tentação de abandonarem a ordem cerrada das suas fileiras para se espalharem em linha singella de atiradores. Por outro lado difficil é explicar como é que os realistas buscavam levar trincheiras, atacando-as de frente com cavallaria, sem apoio de infanteria. D. Pedro e os seus generaes, desenvolvendo neste dia a sua habitual actividade, conseguiram vêr coroados de gloria os seus esforços, e familiarisando pelo seu valor e coragem as tropas bisonhas de Lisboa com os perigos da guerra, desde então as constituiram rivaes das que se tinham aguerrido por meio de tantos combates no Porto. Os habitantes da capital, confiando pela sua parte nas providencias do governo, ou tranquillos se empregaram nas suas occupações ordinarias, ou se offereceram aos ministros dos bairros para policiar a cidade, ou finalmente tomaram sobre si a officiosa conducção dos feridos para os hospitaes.

Se a victoria do dia 5 de setembro mostrou inuteis todas as tentativas dos miguelistas sobre Lisboa, a sua moral devia ficar necessariamente estragada pelo desmancho da

illusão, que até alli os acompanhava, de que a bravura e os talentos militares do seu novo general em chefe não os tirava do seu ordinario campo das derrotas; de que Lisboa estava longe do espirito de sublevação, que nella se dizia existir a favor de D. Miguel, e elles por conseguinte impossibilitados de saciar odios, ou realisar as esperanças de saque. No dia seguinte o exercito miguelista, longe de vir ao seu promettido ataque, conservou-se inactivo contra a espectação de todos. Crê-se que um conselho militar se convocára em casa do general em chefe, e nelle se decidira que o ataque fosse demorado indefinidamente. Como quer que fosse, certo é que por muitos dias cessaram completamente os reciprocos movimentos de tropas, e as escaramuças entre os dois exercitos, salvo o fogo de fuzilaria, que sempre ha nos postos avançados, e o de artilheria, que as baterias constitucionaes jogaram mui vivamente contra o campo inimigo, e a quem não incommodaram pouco as suas balas, bombas, e granadas. Pertinazes nos seus planos de sitio, os miguelistas perderam a idéa de levar Lisboa de assalto, esperando consegui-lo por meio de um bloqueio; mas para isto precisava Bourmont ter á sua disposição forças muito mais avultadas do que tinha, pois que do Sul, e pelo Tejo dentro podia a capital ser abundantemente aprovisionada. Se o inimigo tivesse por si a artilheria grossa, que abandonára em volta do Porto, e nas proprias fortificações, que levantára ao longo da margem do Tejo, e se a podesse vantajosamente assestar contra as torres de S. Julião e Belem, e leva-las por este meio de assalto, a posição dos constitucionaes ainda se tornaria melindrosa e difficil, posto que não arriscada, porque tendo por si a esquadra, e a torre do Bugio, e desembaraçada a margem do Sul do Tejo, as suas provisões nunca lhe poderiam faltar. Todavia os miguelistas começaram a delinear as suas novas linhas de cêrco desde o alto de Monsanto até á Portella, estrada de Sacavem; impediram quanto poderam as communicações do interior da provincia com a capital, e por este modo lhe fizeram todas as possiveis hostilidades. Entretanto este systema de guerra, desacreditado

já pela nenhuma vantagem, que delle se tirára em frente do Porto, fazia perder aos generaes francezes o prestigio do seu saber militar, e a fama das suas assignaladas victorias, arruinando-os inteiramente na opinião dos seus subditos. E com effeito os seus soldados já começavam delles a murmurar, e os seus officiaes tinham cada vez maior difficuldade em os manter no meio de taes circumstancias debaixo de uma rigida disciplina, sendo esta a occasião em que tanto della se precisava. Desde então a deserção começou-se a fazer em maior escala, ganhando especialmente os corpos de milicias, e os de voluntarios realistas. Todos abandonam uma causa, que está proxima da sua total perdição: apezar disto o geral dos desertores, deixando as incertezas da guerra, e temendo a má recepção, que podiam ter entre os constitucionaes, sem duvida pelo muito que tinham feito a favor de D. Miguel, procuravam a sua salvação ao abrigo da paz domestica no centro das suas familias, enfadados já de uma guerra civil tão desastrosa e prolongada, tendo aliás pensado que ella se acabaria de prompto com o seu apparecimento em frente de Lisboa.

Pela sua parte os constitucionaes, aproveitando-se novamente da apathia do inimigo, não perderam tempo em se preparar habilmente para um novo ataque. Todos os muros das quintas em frente das linhas, e com elles todas as casas de campo a distancia de tiro de fuzil, foram demolidos, e ellas incendiadas. Renovaram-se as plataformas dos fortes damnificados pelo ataque do dia 5; artilharam-se e guarneceram-se devidamente os differentes reductos e baterias; cavaram-se-lhes pela frente mais largos e profundos fossos, pondo-se pela parte externa tranqueiras e abatizes; estudaram-se melhor os fracos e os fortes; abriram-se canhoneiras em melhores direcções, com que se emendaram os defeitos e imperfeições, que a experiencia daquelle ataque tinha feito reconhecer no centro das linhas; e finalmente tal pressa se dèo desde então em pôr Lisboa completamente a coberto de qualquer ulterior tentativa da parte do inimigo, que todas as attenções do governo se dirigiram para este

lado, e as requisições de fachinas, para o andamento dos respectivos trabalhos, cahiam todos os dias em pêso sobre os habitantes não armados da capital. Os generaes miguelistas tranquillos viram por muitos dias a olho nú, sem pela sua parte lhe oppôr o mais pequeno obstaculo, a actividade dos trabalhadores, e das fachinas, que a descoberto eram pelos constitucionaes empregados no aperfeiçoamento das suas linhas e obras de fortificação. A constancia da victoria é da parte de um partido muito caminho vencido para superar quaesquer obstaculos, que se lhe opponham ao seu completo triumpho, e fortes pela convicção de que a tinham por si, não é para admirar que da parte dos defensores de Lisboa apparecessem de prompto todas as providencias, reclamadas pelo aperto das circumstancias. As suas tropas iam todos os dias adquirindo melhor organisação e disciplina, em quanto as do campo inimigo se desmoralisavam, e os inconvenientes do projectado cêrco miguelista procuraram-se evitar por todos os modos possiveis. A torre de Belem, melhoradas as fortificações do Bom-successo, e a de S. Julião, protegida por um forte reducto, levantado no Padrasto, sendo ambas ellas devidamente guarnecidas, tornaram-se dentro em pouco tempo inexpugnaveis, e por seu mutuo auxilio se segurava o livre accesso da barra, e a entrada dos navios pelo Tejo dentro. Para aprovisionamento de cereaes, e abastecimento da cidade em farinhas, trigo, azeite, carnes, combustivel, e outros mais objectos de absoluta necessidade, providenciou o governo com a diminuição dos direitos, e a permissão de poderem entrar alguns destes generos em navios estrangeiros. A Samora e Benevente se mandou até uma força, destinada a apprehender os trigos, que alli se encontrassem armazenados: a expedição surprehendêo e expulsou o destacamento inimigo, que lá estava estacionado; houveram alguns mortos e feridos, fizeram-se alguns prisioneiros, que se trouxeram para a cidade com alguns barcos carregados de grão. Deste pequeno desar tambem o inimigo se vingou dentro em poucos dias, indo igualmente surprehender alli mesmo um destacamento constitucional, a quem tomou os barcos, que tinha, e fez re-

troceder precipitadamente para a Barroca d'Alva, para onde aquelle destacamento veio em tal confusão, que facilmente se póde acreditar não ter tido tempo bastante para observar a cara aos seus contrarios, e nem ao menos para avaliar com aproximação o seu numero. Por este mesmo tempo as operações militares dos constitucionaes no Porto não eram menos felizes, que as que se tinham tentado em Lisboa. Na madrugada do dia 3 de setembro sahiram do Porto tres columnas, uma em direcção a Penafiel, onde entrou sem disparar um só tiro, retirando-se o inimigo pela estrada de Amarante e Canavezes, abandonando todas as rações, que alli tinha, e o deposito de armamento, pertencente a quasi todos os corpos do exercito; outra, seguindo pela estrada de Braga, foi até á Barca da Trofa, e sabendo alli que em Villa do Conde só ficára o regimento de milicias daquella villa, veio repentinamente sobre ella, onde surprehendêo aquelle corpo, fazendo-lhe perto de 200 prisioneiros, além de grande numero de mortos, e alguns apresentados. A terceira daquellas columnas foi até Melres, d'onde mandou para o Porto as munições e petrechos, que pôde tirar do Douro, para onde tinham sido arrojados pelo inimigo na sua retirada, e levante das linhas em frente daquella cidade. Apezar destes contratempos, os miguelistas, conhecendo a importancia de conservar debaixo do seu dominio as provincias do Norte por meio da força, que alli tinham, retrocederam de Coimbra sobre o Porto, entrando em Oliveira de Azemeis e Ovar com dois batalhões de linha, e 40 cavallos do regimento n.º 1 desta arma.

A desmoralisação das tropas miguelistas, crescendo na razão directa da sua apathia em frente de Lisboa, era obra de bastante cuidado para os seus generaes: neste estado de cousas differentes planos foram entre elles propostos e discutidos; mas com os seus soldados pouco podiam contar para combinações serias e muito arriscadas. Bourmont, tendo visto no Porto em 25 de julho, e acabando igualmente de vêr no ataque de Lisboa, que só a cavallaria, vencendo os maiores obstaculos, resoluta acommettia de frente os redu-

ctos, ou os flanqueava, procurando entrar nelles pela garganta ou gola, ao passo que a infanteria não era possivel tira-la dos abrigos, e evitar, no caso de empenhada no fogo, que debandasse em linha de atiradores, com bôas razões entendia, pela experiencia do passado, ser-lhe summamente difficil poder tomar com ella fortificações de vulto, quando demandassem o emprego de massas, e ataques á bayoneta. Nestes termos propôz então o marechal um ataque nocturno [1]: para elle destinava 3:000 infantes em columna cerrada, que apoiados na competente artilheria, e n'alguns esquadrões de cavallaria, teriam por especial incumbencia penetrar unidos dentro de Lisboa, empreza para que alguns officiaes francezes se offereciam a marchar na frente. Todavia nada disto se effectuou, por não ser aceito o plano, e os miguelistas, continuando apenas a entreter-se com os seus trabalhos de fortificação das linhas, julgaram a final que deviam tentar fortuna pela sua esquerda, fazendo marchar para a Portella uma brigada, com que não só ameaçavam a direita dos constitucionaes, mas observavam igualmente a borda do Tejo, pelo seu receio de que algumas das tropas de D. Pedro podessem ir para Sacavem, e acommettessem pela retaguarda os seus entrincheiramentos. Mas isto não era por si só bastante para entreter a imaginação dos soldados desalentados, e para supprir esta falta intentou-se então mais outro ataque de novo: dois officiaes vieram reconhecer previamente as linhas constitucionaes pela sua direita e esquerda. A idéa principal deste ataque foi ameaçar seriamente a direita constitucional, attrahir sobre ella as suas principaes forças, em quanto que a reserva miguelista, postada no Campo Grande, e a sua cavallaria, aquartelada na Luz, penetrariam a todo o custo pelo centro da cidade. Este projecto, desapprovado pelo general Clouet, que da sua execução não quiz tomar sobre si a devida responsabilidade,

[1] Quanto ás operações do exercito de D. Miguel, fique dito de uma vez, para que o mesmo se entenda nos mais logares adiante, que me reporto sempre ao escripto já citado do barão de S. Pardoux, por ser testemunha ocular do que em taes operações se passou, como um dos officiaes francezes ao serviço daquelle exercito.

levou-o a dar desde logo a sua demissão, encarregando-se neste caso da direcção do ataque o general João de Gouveia Osorio. Duas brigadas foram as mais especialmente destinadas a esta empreza, e ambas ellas se começaram a mover de vespera, pelas 11 horas da noite de 14 de setembro. Entendêo-se pois necessario surprehender pela madrugada os constitucionaes no mesmo local, em que se lhes destinava o combate. Marchou-se toda a noite; mas como os caminhos, que por aquelle lado cercam Lisboa, isto é, os que da Portella vem até Chellas, são estreitos, tortuosos, mal calçados, e com elevações e descidas em muitas partes, a marcha da artilheria foi lenta, pelos obstaculos que o terreno lhe oppunha, toda a columna retardou por conseguinte os seus movimentos, e os seus atiradores só pelas 5 horas da manhã poderam acommetter a força constitucional do alto de S. João, avisinhando-se bastante das respectivas trincheiras, ao abrigo das elevações e sinuosidades, que por alli offerece em toda a sua extensão o valle de Chellas. Seis peças de artilheria se collocaram em posição eminente para fazer callar o reducto do alto de S. João, que as flanqueava. O choque foi curto, porém animado. Uma casa fortificada em frente da linha atacada foi impetuosamente acommettida e levada de assalto pelos aggressores; mas expostos alli ao intenso fogo de mosquetaria, que se lhes fazia das barricadas, e da quinta dos Appostolos, e demorados tambem pela artilheria, que contra elles jogava, tanto dos reductos e baterias de terra, como da parte do mar, d'onde fazia alvo delles a fragata D. Pedro, fundeada de fronte de Xabregas, não poderam avançar mais para diante, sendo a final desalojados á bayoneta, e postos em fugida pelos constitucionaes. Quatro esquadrões de cavallaria, com dois batalhões de infanteria, postados todos em columna cerrada n'um estreito espaço, que ficava por de traz da artilheria miguelista, não só receberam pela sua parte todo o intenso fogo das baterias fronteiras, mas nem ao menos poderam ir sustentar os seus atiradores, empenhados no combate, pelo risco que corriam de atravessar o terreno a descoberto, que entre uns e outros

se interpunha, batido pcr aquelle fogo. Pelas dez horas da manhã o general Osorio dêo ordem para retirar, e o fez tão precipitadamente, que a tropa, que tinha de reserva pela sua retaguarda, teve de ir em seu soccorro, depois de uma perda calculada em mais de 100 homens, não sendo a dos constitucionaes senão de 8 mortos, e 13 feridos.

Desde este momento os generaes miguelistas deram effectivamente de mão a todas as suas idéas de tomar Lisboa. Os seus infructuosos ataques, e as esperanças mallogradas de uma sublevação no interior da capital, produziam cada dia os mais funestos effeitos na moral dos soldados: aborrecidos desta guerra, em que tão inutilmente perdiam, além da reputação, as suas proprias vidas contra reductos, baterias, e trincheiras, que nunca podiam ganhar, as deserções tinham consideravel augmento, pondo-lhes por algum tempo côbro, e aos murmurios levantados contra este estado de cousas, o pagamento que por este tempo se lhes fez d'um mez dos seus atrazados vencimentos. Todavia o desengano contra os proprios desejos e caprichos é d'ordinario mal cabido, e de difficil accesso, e esta circumstancia era a que levava os soldados, ainda que remissos e de má vontade, a continuar no serviço, ao passo que os seus officiaes se viam obrigados a desculpar-lhes muitas irregularidades, porque em fim nas guerras civis nem sempre se podem seguir á risca as estrictas maximas da disciplina, que pela sua parte não poucas vezes são obrigadas a ceder o campo ás considerações da politica. Neste estado de fluctuação e incerteza se foram pois consumindo os dias, não se atrevendo os miguelistas a levantar o cêrco de Lisboa pelo receio de occasionarem com isto maior desmoralisação no seu exercito. Continuas escaramuças se entretinham quotidianamente nos postos avançados entre uns e outros soldados, alguns dos quaes succumbiam nestes infructuosos tiroteios, e a artilheria de D. Pedro, pelo repetido fogo que fazia, no mesmo Campo Grande foi ainda incommodar o inimigo, que em tal caso teve de se retirar para a entrada do Lumiar, onde algumas bombas ainda de vez em quando chegavam. Faltos

de meios, e perseguidos assim dos revezes em todas as suas emprezas, era bem d'esperar que o desalento contagiasse cada vez mais os partidarios de D. Miguel: com o desalento vem d'ordinario os murmurios, e atraz dos murmurios o descredito dos generaes, sobre quem finalmente vem a cahir todo o peso das accusações, e origens de desgraça, ainda mesmo aquellas que só são filhas das circumstancias, taes como as provenientes da falta de pagamento, da indisciplina da tropa, da sua falta de coragem, e espirito de insubordinação, que determina semelhante estado de cousas. Tinha já chegado o dia 20 de setembro, e forçoso era tomar quanto antes um partido. Á pequena bahia de S. Martinho havia recentemente chegado o vapor Lord das Ilhas com alguns novos soccorros, que os agentes de D. Miguel poderam arranjar-lhe em Londres. A bordo do citado vapor vinham igualmente alguns officiaes inglezes, entre os quaes sobresahia como mais notavel o general Reinaldo Macdonell, official da guerra peninsular ao serviço da Hespanha. Este individuo chegára ao campo de D. Miguel na occasião do maior descredito dos generaes francezes, e estando vago o logar de commandante do exercito de operações, que exercêra Clouet, facil era de vêr que elle seria o apontado para a sua substituição, como effectivamente succedêo, e que as suas opiniões, como homem ainda não conhecido e estudado, e nem experimentado nesta nossa guerra, e como tal tendo por si todo o prestigio da esperança, fossem as de maior cabimento junto de D. Miguel.

Desde este momento estava proxima a total ruina do marechal Bourmont, que por estas, e outras mais circumstancias occorrentes na politica, como em pouco se verá, não podia conservar-se por muito tempo no exercito, e nem até era conveniente conserva-lo no meio da impaciencia geral dos soldados, determinada pela sua baldada esperança da entrada em Lisboa. Todavia Bourmont ainda pela sua parte se atrevêo a propôr a D. Miguel um novo plano de guerra, cortando de uma vez pelas difficuldades, que se oppunham aos seus intentos, tendentes a arrancar as tropas do estado

da offensiva, que não era possivel manter-se por muito tempo no meio dos apertos a que estavam reduzidas. Era pois da sua mente concentrar todas as forças realistas uma legoa atraz de Loures, nas vistas de atrahir alli os constitucionaes, e bate-los fóra dos seus entrincheiramentos, quando quizessem vir a uma acção no campo. Se esta sua espectativa falhasse, tinha em tal caso em vista deixar em frente de Lisboa d'observação a D. Pedro um troço bastante forte de tropas, e cuidar quanto antes em aprovisionar e fortificar Santarem, para onde tinha já feito partir um official general, encarregado de traçar alli a direcção e esboço das suas respectivas linhas de defeza. A villa de Santarem era pois a escolhida por elle para base das suas operações ulteriores, e por conseguinte o ponto de reunião, e centro de todos os seus possiveis recursos de campanha, particularmente do pessoal, em vista do recrutamento a que em todas as provincias se devia mandar proceder para tornar o exercito o mais numeroso possivel. Fortificar Obidos e Leiria, pondo estas duas terras a coberto de qualquer golpe de mão, era cousa que igualmente tinha por necessaria, para com ellas sustentar a direita das suas projectadas linhas. Proximo como já se achava o inverno, e paralisadas como durante elle se deviam suppôr as grandes operações de campanha, a execução dos respectivos trabalhos de defeza naquella villa não podia ter difficuldade. D. Pedro só tinha por si as terras da beira-mar, Porto, Peniche, Lisboa, e Setubal precariamente, conservando apenas, e com não pequeno custo, no Algarve Lagos, Faro, e Olhão. Deste modo se vê que não tendo ainda penetrado no interior das provincias a bandeira bicolor, não se exigia do governo do infante mais do que uma boa direcção para realisar semelhantes projectos, aliás muito facilitados pela boa vontade dos seus habitantes, e pelo zelo e dedicação das authoridades locaes. Este plano, adoptado depois, como se verá da marcha dos subsequentes acontecimentos, tinha com tudo bastante de imaginario: ainda que Bourmont chamasse os constitucionaes a uma acção fóra das respectivas linhas, a sua

victoria era tão incerta como o fôra nos ataques, que contra ellas tinha até então dirigido. Bem longe de empregar estratagemas para chamar ao campo os seus contrarios, foram estes mesmo os que dentro em pouco, desprezando o abrigo das suas trincheiras, marcharam contra as dos realistas, que em vez de lhes fazerem frente pela sua parte, só cuidaram em se retirar, fugindo de lhes aceitar o combate nessas suas posições escolhidas atraz de Loures. Por outro lado a escacez de meios pecuniarios, e o cançasso dos povos com a prolongação da guerra, não permittiam que por muito mais tempo se pozessem em apuro os seus extremos de fidelidade a D. Miguel, nem era d'esperar que o recrutamento se fizesse tão amplo, quanto se precisava para taes projectos, nem que os tributos, que se recebiam por parte das authoridades locaes, podessem custear as equivalentes despezas de tal exercito, e finalmente era muito incerto o estado inactivo em que no meio de todas estas combinações se suppôz D. Pedro, estado com que se não devia contar com segurança, podendo occasionar fallencia em todos os projectados intentos, apenas da defensiva o mesmo D. Pedro passasse á guerra offensiva.

Desgostos de uma nova especie vieram todavia tirar Bourmont dos grandes apertos em que o collocára a luta civil de Portugal. Os murmurios já da pobre barraca do soldado tinham passado para a elevada tenda dos generaes e ministros de D. Miguel, e entre elles originado discordias e intrigas, que tão poderosamente concorreram para a destruição total do seu partido. Apezar da perda da sua esquadra, e de ter contra si as cidades de Lisboa e Porto, a usurpação contava ainda pela sua parte com todo o resto do reino, onde era cegamente obedecida. As allegações de direito e os manifestos, publicados de parte a parte entre o mesmo D. Miguel e D. Pedro sobre a successão deste reino, tinham ainda a favor do primeiro fortes e poderosos exercitos para lhe sustentar as suas pretenções, fundadas assim na força, a ultima razão das cousas, depois de se haver dado ás armas com tanto afinco a prerogativa de jui-

zes nestas acaloradas disputas, olhando-se para a prolongação da guerra como para o tribunal mais competente, em que taes allegações definitivamente se tinham de sentencear. Pertinazes pois como ainda estavam os dois partidos contendores, e dispondo ambos elles de consideraveis recursos para a continuação da guerra, a luta promettia ainda longa duração, e foi para lhe pôr côbro que os dictames da humanidade chamaram a interferencia estrangeira, que veio offerecer a D. Miguel proposições vantajosas, que segundo a penetração dos politicos, caprichosos sempre em descobrir os intentos mais occultos, e as resoluções mais secretas dos Estados, (mas que nem sempre as formulam com verdade), se diziam baseadas na sahida do infante para fóra do paiz por espaço de alguns annos. Uma avultada pensão para a sua pessoa, além da casa do infantado, a garantia, (acrescentavam ainda), da mão de sua sobrinha [1], e uma ampla amnistia para todos os seus partidistas, com a fruição de honras, postos, empregos, e pensões, alcançadas durante o governo legitimo, constituiam os principaes capitulos de uma proposta, que um agente especial por parte de Inglaterra lhe foi levar ainda ao Lumiar. Bourmont, com todos os officiaes mais prudentes do exercito de D. Miguel, optavam de todo o coração pela aceitação da proposta, como cousa da maior vantagem no meio do desmancho geral de que estava ameaçado o partido realista; mas vencidos por uma roda d'aulicos, que atraz de si levára a opinião do infante, ficaram desde então mal vistos, prevalecendo finalmente a idéa de continuar-se a guerra a todo o custo, com desprezo das praticas da paz. Foi então que se levantou contra Bourmont, que d'ahi por diante se teve como suspeitoso, um formidavel partido, que arrastou D. Miguel a desdenhar dos conselhos de um marechal de França, e a trocar as utilidades da paz pelos trabalhos da guerra. E bem natural era que esta gente, humilhada pode ser, pela privança dos estrangeiros com seu amo, e pela nullidade a que ficava reduzida

[1] Corrêo esta noticia entre os miguelistas; mas não é crivel que D. Pedro annuisse a tão abjecta e degradante proposição.

com a sahida de D. Miguel para fóra de Portugal, procurasse esta facil occasião de manter ambiciosa a integridade dos seus interesses, e o valimento da sua especial privança, confundindo tudo isto com o bem estar da causa que defendia. Todos estes homens eram dos da primeira plana entre os miguelistas, e as suas razões poderam valer tanto diante de D. Miguel, que a victoria lhes ficou nas mãos, com a humilhação dos seus contrarios. Foram os deste partido vencedor os que pintaram ao infante o marechal Bourmont como ambicioso, e o deram como prolongando arteiramente a guerra para seus fins, quando ella aliás se podia ter já decidido, dirigindo-a sobre outras bases, segundo o que elles a tal respeito entendiam. Além disto accusaram-no tambem d'intelligencias com os constitucionaes, já pelas correspondencias que delles recebêra, e já pelos agentes secretos que lhes enviára, no intento de terminar a guerra pelo casamento de D. Miguel com sua sobrinha [1]. A todas estas accusações se juntavam, como é bem natural, boatos equivocos, que nunca em taes occasiões esquecem ao partido que, com verdade ou sem ella, os quer irrogar, para mais surdamente minar a ruina do seu contrario, manchando-lhe a honra e a reputação. Outra gente houve, e de não menos vulto, que a do partido da roda privada do infante, que bastante se indignára pelo máo caminho que via levar a sua causa, e sobre tudo pelas intrigas e manejos, que altamente reprovava, por empregados contra Bourmont com

[1] Dêo motivo a esta accusação contra Bourmont umas duas cartas, que o almirante conde do Cabo de S. Vicente lhe dirigira em 18 e 20 de setembro, convidando-o a fazer por humanidade quanto estivesse ao seu alcance para pôr termo a uma luta fratercida, tão desastrosa para Portugal, convite a que elle se recusou por ter por base, *sine qua non*, a sahida de D. Miguel para fóra do reino. Estas cartas de Napier para o campo inimigo, e o fallar-se tambem muito por este tempo entre os constitucionaes da interferencia estrangeira, de que igualmente faz especial menção o barão de S. Pardoux entre os realistas, são outras tantas circumstancias, que não deixam a menor duvida de que ella com effeito já neste tempo existisse, ainda que possam variar as bases da proposta feita a D. Miguel. Napier dizia nas suas cartas, que uma vez admittida a condição, *sine qua non*, da sahida do infante para fóra do paiz, *todas as mais difficuldades desappareceriam immediatamente*, o que demonstra que todas as mais condições se accitariam, admittida esta.

tamanha injustiça; mas o marechal, não podendo resistir á guerra que tão activa se lhe fazia, pedio a final a sua demissão, que promptamente se lhe dêo. Uma grande parte dos officiaes francezes o acompanhou tambem neste passo, bem natural entre elles para se subtrahirem ao desaire, que lhes devia causar a demissão de um general seu compatriota, e o passarem depois a servir debaixo das ordens de um official inglez, tal como Macdonell, que com as de Clouet passou a reunir as altas funcções do commando geral de todo o exercito, que até alli desempenhára Bourmont. Este general sahio pois de Portugal para Hespanha, e foi desembarcar depois em Italia, levando comsigo a maior parte dos officiaes vandeanos com que viera para este reino, taes como Clouet, e Larochejaquelin, que delle se não quizeram separar, julgando-se effectivamente offendidos na pessoa do seu antigo general. Bourmont teve todavia o bom senso de desviar de si toda a imputação de pundonor, ou de amor proprio offendido, deixando ficar ainda dois filhos seus no exercito de D. Miguel.

Ardua e bem difficil tarefa tomava sobre seus hombros o general inglez, aceitando em frente de Lisboa o commando de um exercito, desmoralisado pelas suas constantes derrotas, que nelle deviam produzir o effeito de outras tantas provas da sua total impotencia, e certa destruição, principalmente depois da sahida de um homem de tamanhos creditos como o marechal Bourmont, cuja capacidade militar era reconhecida e louvada pela Europa inteira, sem distincção de partido. Estranho se suppôz o general Macdonell ás intrigas que determinaram a queda do seu antecessor, e a sua propria elevação ao commando, que se lhe confiára: e se com effeito assim succedêo por um lado, é certo que por outro se não pôde abster, já no exercicio das funcções do seu cargo, de censurar em documentos officiaes as posições que occupára Bourmont: « o exercito, dizia elle, achava-se « occupando posições escolhidas pelo meu antecessor, posi- « ções que n'um sentido militar não podiam ser peores. A « direita sobre Monsanto, occupando S. Domingos de Bem-

«fica; a cavallaria na retaguarda do logar da Luz; deste «modo prolongava-se de Monsanto para a frente n'uma «curva pelos logares de Palma de cima, e de baixo, até ao «Campo Grande, o qual, assim como o Campo Pequeno, se «achavam occupados. A posição d'alli cahia para a reta«guarda, e esquerda do Campo Grande, e d'alli seguia em «*potence* até á Portella, tanto que em salientes e reintran«tes produzia uma extensão de quatro a cinco milhas. O «terreno era de natureza a impedir communicações, e cen«tro de movimentos, pela maior parte vinhas avalladadas, «que na estação da vindima são as que mais impedimentos «offerecem. Mas posto que a posição do Lumiar fosse tão «má e viciosa, existiam fortes motivos, tanto moraes como «politicos, que obstavam a que nella se fizesse mudança «alguma.» Eis-aqui pois como discorria Macdonell, criminando a escolha das posições tomadas pelo seu antecessor, ao mesmo tempo que para se desculpar de nellas não innovar cousa alguma, concluia recorrendo a motivos moraes e politicos, mas sem dizer quaes fossem, para acobertar tambem a sua inacção. Ou este general aceitasse ou não o commando do exercito com a expressa condição d'atacar as linhas de Lisboa, como alguem pretende, certo é que a mudança de generaes não trouxe para o campo inimigo sensivel mudança nas suas operações militares. Macdonell só pareceo occupado em fechar os caminhos e atalhos por onde podesse ser surprehendido, e querendo conservar os soldados nos seus respectivos acampamentos, e impedir-lhes quanto fosse possivel a dispersão pelas vinhas e logares proximos, tratou de organisar uma policia de campo, que mal póde levar a effeito, vindo a ser surprehendido pelas operações dos constitucionaes, quando elle mais cuidava em guardar-se delles. Todavia este mesmo general, querendo desviar de si a accusação de inactivo, officiava em 26 de outubro para o ajudante general de D. Miguel [1], dizendo «desta maneira «collocado, (fallava em relação ás posições que acima se «descrevem), só me restava estudar bem as linhas do ini-

[1] João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas.

«migo, unir á força o estratagema, pois certo estava, que
«uma vez que conseguisse lançar em Lisboa um corpo de
«dois ou tres mil homens, era tal o estado de fermentação
«em que se achava, que uma revolução a pró da causa de
«sua magestade haveria tido prompto logar: não falhei em
«descobrir um ponto fraco, e tinha em consequencia de-
«terminado o meu ataque para a noite de 11 do corrente;
«porém o inimigo, impellido sem duvida pelo estado vio-
«lento em que se achava, relativamente ao seu interior e
«exterior, atacou a nossa linha na madrugada do dia 10.»
Diga-se o que se quizer, aventurem-se á larga crenças da imaginação, certo é que Lisboa estava por este tempo bem longe de poder offerecer a mais pequena idéa de reacção miguelista: tudo nella era enthusiasmo a favor de D. Pedro, de quem tudo se esperava, e a quem tudo respeitava pelos seus extraordinarios triumphos. O governo de D. Miguel, que tanto pela sua intolerancia exacerbára cada vez mais os espiritos, e dividira os partidos, tinha acabado de facto e de direito para a capital, onde as proclamações do infante, e os boletins, que no seu exercito se publicavam, eram lidos com a maior indifferença. Além do que a tal respeito dizia sem maior fundamento o general Macdonell, sem duvida para não esfriar a fé dos seus soldados, cumpria-lhe apresentar igualmente por outro lado todas as provas da sinceridade das suas allegações, e para esse fim devêra ter apontado qual fosse o ponto fraco por elle descoberto nas linhas constitucionaes, para não ter, como ainda hoje tem, contra si todas as suspeitas de inexacto.

Fosse como fosse, o facto é que o general Macdonell foi o general menos aggressor que contra si teve D. Pedro, cujas tropas poderam, mesmo com o inimigo em frente de Lisboa, pacificamente disciplinar-se, e as obras das suas linhas aperfeiçoarem-se sem o apparecimento de uma só tentativa dos miguelistas contra ellas. Entretanto a urgencia das circumstancias não era de menor peso, para que os constitucionaes tambem pela sua parte se entregassem á inacção; os recursos do paiz, ou os que podiam ter pela

occupação de Lisboa e Porto, a nada chegavam para a sustentação do seu exercito. O escasso numero dos concorrentes para o preenchimento do emprestimo dos oitocentos contos de réis, que se abrira em Lisboa, não dava esperanças de na capital se poderem por este meio levantar novos recursos pecuniarios, e para por semelhante fórma se conseguirem outros em Londres eram necessarias novas gentilezas de armas, e passando-se á offensiva, tentar-se por mais este lado a fortuna, que tão propicia se lhes tornára nos ultimos tempos. Nestes termos todos os planos de D. Pedro deviam necessariamente ter por objecto avançar seriamente contra os sitiantes, atacando-os de frente, e ameaçar-lhes tambem se fosse possivel a retaguarda, obrigando-os assim a levantar o cêrco. Com estes lisongeiros projectos se começou a olhar para a praça de Peniche, cujo governo se dêo a um dos officiaes mais valentes do exercito, o tenente coronel barão de Sá da Bandeira, que em meados de setembro fez d'alli uma sortida na direcção de Obidos, encontrando-se na serra d'el-rei com as tropas inimigas, da guarnição desta villa, que batêo e pôz em fugida. Nas praias de S. Martinho se fez então desembarcar uma pequena expedição, mandada vir do Porto, para reforçar a guarnição de Peniche, que diariamente era incommodada pelas tropas miguelistas d'Obidos, do commando de mr. de la Houssauye. Chegado o tempo de fazer acabar com as correrias deste aventureiro, e de abrir caminho para que os constitucionaes podessem daquelle ponto vir sem receio até ás proximidades de Lisboa, o governador da praça de Peniche marchou no dia 29 de setembro contra Obidos, que nesse mesmo dia lhe ficou nas mãos, apezar de fortificada, com toda a sua artilheria e munições, depois de algum fogo, pondo assim em vergonhosa fuga a respectiva guarnição, cujo commandante, o mesmo de la Houssauye, foi feito prisioneiro no momento em que retrocedia a procurar sua esposa.

Estava por este tempo chegada a época em que depois de tantas e tão multiplicadas vicissitudes por que a causa constitucional passára, se devia succeder aos antigos e agros

dissabores, que tão fortemente pungiram os seus partidistas, o enthusiasmo geral e arrebatamento de espirito, que a prospera marcha dos successos da guerra em todos elles com sobeja razão promovia: contraste bem singular de uma luta civil, que aos miguelistas occasionava agora a mais profunda magoa pelos seus incessantes desastres. Já se vio pois como aquelle enthusiasmo geral tinha igualmente arrebatado o proprio D. Pedro, e fazendo-lhe acreditar como decidida semelhante luta, depois da entrada do duque da Terceira em Lisboa, o levára a enviar promptamente da mesma cidade do Porto o marquez de Loulé a Paris, para alli convidar a rainha a vir para Portugal, julgando talvez que com a sua presença a guerra se acabaria de todo, e a tranquillidade do paiz se succederia á desinquietação dos espiritos e partidos, que por toda a fórma o agitavam. Com estas vistas sahio effectivamente de Paris para o Havre de Grace a joven rainha fidelissima com a sua comitiva, em que entrava a imperatriz D. Amelia Augusta, sua madrasta, e sua irmã mais pequena, a princeza D. Maria Amelia. Vistas e interesses de familia levaram o rei dos francezes, Luiz Filippe, a pretender a mão da soberana de Portugal para um dos seus filhos, o duque de Nemours; mas illudido na sua espectativa pela decidida preferencia, que D. Pedro dava para tal enlace a seu cunhado, irmão de sua esposa, o duque de Leuctemberg, com quem depois a casou, o gabinete das Tuilherias não escrupulisou descer á desairosa represalia de mandar sahir dos Estados da França o dito duque, e até faltar ás devidas honras, que no acto da despedida tinha a praticar com a real hospeda, que até então havia tratado com tanta attenção e deferencia. Desta falta foi todavia a rainha sobejamente indemnisada pelo gabinete de S. James, que desde a sua chegada a Portsmouth (em 10 de setembro) a mandou receber com todo o ceremonial de respeito usado para com a sua elevada jerarchia. No palacio real de Windsor, onde a mesma rainha fôra convidada a passar alguns dias, teve ella um aparatoso acolhimento, bem proprio da grandeza da nação quo a recebia:

um destacamento de cavallaria das guardas a acompanhava, e a sua entrada naquelle palacio executou-se ao som das bandas de musica pertencentes aos corpos alli estacionados. Todos os officiaes maiores da real casa se lhe apresentaram, e o proprio rei e rainha d'Inglaterra lhe tributaram por esta occasião o acolhimento mais cordeal, convidando-a, e a toda a sua comitiva, em numero de mais de 60 pessoas, a um esplendido banquete em S. Georg's Hall. Cavallos de posta se fizeram depois apresentar na estrada, que tinha a seguir de Londres até ao porto do embarque: as duquezas de Palmella e Terceira, e a condessa do cabo de S. Vicente, esposa do almirante Napier, foram pela mesma rainha convidadas a acompanha-la a Lisboa. Finalmente esta nova visita da rainha de Portugal a Inglaterra foi tanto mais festejada, quanto maior era o respeito e a veneração, que o povo inglez lhe tributára desde que pelo seu infortunio de cinco annos atraz ella alli passára uma porção dos seus dias da infancia. O vapor *Soho*, magnificamente esquipado, foi receber a rainha a Portsmouth, donde largou no dia 17 de setembro, debaixo da conserva de um vapor de guerra inglez, além de mais dois, que lhe transportavam a sua comitiva.

Era perto do meio dia de um domingo, em que se contava 22 de setembro, quando as salvas das torres de S. Julião e Bugio, annunciando a chegada da rainha ao Tejo, pozeram em activo movimento toda a população de Lisboa para lhe abrilhantar a entrada. Por duas consecutivas horas se ouviram os tiros dos navios de guerra portuguezes e estrangeiros surtos no porto. D. Pedro sahio precipitadamente do paço, e largando do arsenal da marinha n'uma galeota de 24 remos por banda, corrêo ao encontro de sua esposa e suas filhas, atracando ao vapor *Soho*, collocado um pouco acima da torre de Belem. Reciprocas finezas de familia, como se podiam esperar entre pessoas, que extremosamente se amavam, e se viam agora depois de vinte mezes de ausencia, se passaram entre elle e as recem-chegadas. Napier foi apresentado a suas magestades como o salvador da causa constitucional pela sua brilhante acção naval do cabo de

S. Vicente. O povo da capital dirigio-se em tropel ás praias do Tejo, e particularmente ao caes da Ribeira Nova, defronte do qual o vapor fundeára. Toda a pequena côrte constitucional, (que pequena era ella ainda pelo limitado numero de pessoas a que as vicissitudes da guerra reduziam por ora os que tinham a apresentar-se no paço), os grandes do reino, a camara municipal de Lisboa, a officialidade da esquadra ingleza, e consideravel numero de outros individuos, se dirigiram igualmente a bordo para tributar os seus respeitos á real familia. O Tejo estava por este tempo coalhado de botes e escaleres, que tornavam o acto da chegada da rainha o mais aparatoso possivel. Pelo meio dia de 23, vindo acompanhada de seu pae, madrasta, e sua pequena irmã, foi ella recebida a bordo de uma galeota, ricamente aparelhada, atraz da qual iam depois successivamente desfilando todas as mais galeotas e escaleres, á proporção que aquella, que fazia o objecto da attenção geral, passava por entre as alas, que se lhe tinham feito. Toda esta vistosa e multiplicada esquadrilha de differentes galeotas, escaleres, e botes, endireitou com o caes das columnas no Terreiro do Paço, que de antemão se tinha alcatifado desde o seu primeiro degráo, junto do rio e ao lume d'agua, até se chegar a uma barraca, que se armára entre o mesmo caes e o pedestal da estatua equestre. Em quanto os membros da commissão municipal recebiam debaixo do palio a rainha no acto do seu desembarque, o seu presidente lhe punha nas mãos as chaves da cidade, promettendo-lhe a mais inabalavel fidelidade á sua augusta pessoa, e á Carta Constitucional. Chegada que foi á barraca, D. Pedro lhe apresentou alli o tenente general, conde de Saldanha, que delicadamente promovêra nesta occasião a marechal do exercito, dizendo-lhe: « não apresento hoje a vossa magestade o « conde de Saldanha nesta sua qualidade; mas na de mare« chal do exercito, e na de homem distincto, pelos seus re« levantes serviços ao throno de vossa magestade. » Um magnifico coche, puchado a oito cavallos, ricamente ajaezados, recebêo a rainha, que no meio de uma ala de archeiros se dirigio á cathedral para alli assistir ao solemne *Te Deum*,

que em acção de graças officiava o patriarcha de Lisboa. Rompia a marcha uma partida de cavallaria, e após ella seguiam-se a cavallo os reis d'armas, os arautos, e passavantes, o antigo corregedor da côrte e casa, os *porteiros da camara do numero*, e depois delles os coches da rainha, dos camaristas e camareiras mores, e mais officiaes mores da real casa.

Foi este um dos maiores dias de gala nacional, que Lisboa tem visto e desfructado. O mais vivo enthusiasmo, e natural alegria brilhava no semblante de todos os espectadores; as senhoras, vestidas das côres nacionaes azul e branca, e apinhadas por todas as janellas do transito, davam ao prestito o mais vistoso realce; as salvas de artilheria, as repetidas girandolas de foguetes, e os multiplicados vivas á rainha e á Carta Constitucional resoavam por toda a parte. Finalisado o *Te Deum*, o mesmo prestito, indo dar volta ao Rocio, descêo pela rua do Ouro, e seguio para as Necessidades, sempre atravez de um immenso concurso de povo, que se não fartava de contemplar as pessoas recem-chegadas. O exercito, que por este tempo se achava ainda concentrado em Lisboa, tirando alguns batalhões destinados a formar as alas, permanecêo todo nas linhas debaixo d'armas para evitar alguma surpreza do inimigo, ao passo que os officiaes tiveram as mais apertadas ordens para não largarem os seus respectivos postos; mas no seguinte dia (24) foi a rainha, com seu pae e sua madrasta, passar-lhe revista, apresentando-se em frente das tropas n'um carrinho a quatro. Por esta occasião lhe dirigiram então os seus cumprimentos, e lhe protestaram os seus respeitos, todos os generaes, commandantes de corpos, e de districto nas linhas, e com elles os seus respectivos estados maiores, e mais officiaes seus subordinados. Apezar da chuva, que neste dia cahia, o aparato da revista era esplendido; as tropas mostravam uma excellente aparencia militar, e as musicas marciaes dos corpos tocavam incessantemente o hymno constitucional. O dia 25 de setembro foi destinado a receber a côrte em solemne pompa no paço da Bemposta, por não poder a este tempo

receber-se ainda no da Ajuda, em razão do cêrco da capital. A rainha, sentada pela primeira vez no throno, que lhe fôra usurpado, com sua madrasta á direita dentro da grade delle, e com seu pae á esquerda, mas pela parte externa á dita grade, fazendo-lhe parede por este mesmo lado os conselheiros d'estado, e pelo lado direito os ministros d'estado, e os grandes do reino, alli dêo o seu primeiro beijamão. A sala do throno abrio-se pelas duas horas e meia da tarde, e nella foram introduzidos o corpo diplomatico, os officiaes estrangeiros, uma deputação da commissão municipal da heroica cidade do Porto, seguindo-se-lhe depois a commissão municipal de Lisboa, uma deputação da companhia dos vinhos do Alto Douro, os tribunaes, as corporações publicas, e ultimamente a côrte, os generaes, os officiaes do exercito e armada, e todas as mais pessoas de distincção. Extremos foram os actos de regosijo, que manifestára durante estes tres dias toda a população de Lisboa, cujo enthusiasmo não é possivel descrever; as illuminações foram geraes e espontaneas; alguns batalhões nacionaes fizeram-nas esplendidas, levantando ás portas dos seus respectivos quarteis magnificos arcos triumphaes, com grande abundancia de luzes, e musicas em todas as tres noites de festejo. D. Pedro pela generosa deferencia, que em todos os actos publicos mostrou para com sua filha, (posto que no seu particular a tratasse com a ascendencia propria de pae), e pelas suas maneiras afaveis e singelas para com toda a gente, mais conformes ao caracter militar, que affectava, que aos antigos estilos da côrte, foi em todos estes dias um verdadeiro heroe popular, e deste modo recompensou, quanto em si cabia, todos os sacrificios publicos, feitos pela sua causa. Quando a rainha entrava na barraca do Terreiro do Paço, no meio dos vivas e saudações de milhares de cidadãos, bradou elle em altas vozes, *a rainha dá vivas á Carta Constitucional*. Quando foi a revista do exercito, junto das linhas, elle proprio apresentou a sua filha os officiaes, que tinham sido feridos em diversos combates, e lhe mostrou a justiça das condecorações, que lhes adornavam o peito, pela sua bravura e relevantes serviços. No acto do

beijamão, no paço da Bemposta, foi o mesmo D. Pedro quem em nome da rainha respondêo a todas as felicitações, dirigidas a sua augusta filha, e com tamanha franqueza o fez, que dêo a tudo isto uma aparencia de reciproca congratulação de familia. Finalmente nunca D. Pedro teve época na sua vida em que pela sua parte mostrasse mais elevação e grandeza d'alma, nem mais credor se fizesse da estima e consideração, que com tanta justiça lhe tributaram por esta occasião os seus subditos.

No meio de tão extraordinarios acontecimentos não podiam todavia esquecer as operações militares, tão essencialmente necessarias para o completo triumpho do governo legitimo, sitiado, como na capital ainda estava sendo, pelos seus inimigos. No desalento, em que o exercito miguelista se suppunha, attenta a sua habitual apathia, D. Pedro tornou-se proporcionalmente confiado, e estendendo a esphera das suas pretenções, cuidou por mais uma vez em sahir da defensiva para entrar na guerra offensiva. Desde então o levante do cêrco de Lisboa foi com effeito a principal idéa, a que subordinára todas as mais, e com estas vistas procurou ameaçar a retaguarda do campo inimigo, fazendo sahir da praça de Peniche para Torres-Vedras, onde devia tomar posições, toda a força, de que naquella mesma praça se podesse dispôr. Todavia a guarnição de Peniche mal podia chegar para tão atrevida empreza, particularmente depois de desfalcada pela gente, que já conservava de guarnição em Obidos, e ao Porto se fizeram em tal caso novas e repetidas requisições de tropa para as subsequentes operações de Lisboa. Daquella cidade sahiram com effeito para Peniche, a bordo dos respectivos vapores, tres batalhões de linha [1], ficando assim limitada a guarnição do Porto a dois regimentos de infanteria, ao batalhão de voluntarios da rainha, com 12 peças de artilheria de campanha, além dos batalhões nacionaes, moveis e fixos, podendo fazer ao todo de 2:600 a 3:000 homens, promptos para entrarem em acção

[1] O 12 de caçadores, um inglez, e o terceiro escocez.

no campo. Por este mesmo tempo se suppunha que a força inimiga em frente de Lisboa andava por 12 a 13:000 homens, incluindo 1:000 de cavallaria, attenta a prodigiosa deserção, que diariamente soffria, pela falta de pagamentos e desalento geral a que estava reduzida. Os constitucionaes tinham já por si no mez de outubro um exercito de 38:526 homens de todas as armas, a saber 11:577 de batalhões nacionaes fixos, 7:793 de batalhões nacionaes moveis, e o resto tropa de linha, incluindo 786 cavallos de fileira, e 2:430 artilheiros; mas a força da guarnição de Lisboa e Peniche poderia comprehender em campo uns 10 ou 12:000 homens de tropa de linha, com 4:800 de batalhões moveis, e 6:000 de batalhões fixos. Eis-aqui pois os meios de que o chefe do estado maior de D. Pedro, o general conde de Saldanha, dispunha, quando do citado mez de outubro ia já correndo uma terça parte delle. Estes meios, salva a tropa de cavallaria, podiam com pequena differença reputar-se iguaes aos do inimigo, e se por outro lado se olhar ao extraordinario impulso da força moral, que a causa constitucional por si contava por este tempo, e á quebra que acompanhava a da usurpação, não se poderá arguir de temerario o mesmo general Saldanha em premeditar com taes meios a destruição do exercito contrario, ou pelo menos em o pretender obrigar a levantar o cêrco de Lisboa. Os miguelistas, ainda que tranquillos nas suas operações de offensiva, tinham-se desde o mez de outubro tornado activos na defensiva, escolhendo posições, construindo reductos, assestando artilheria, transportando madeiras e vigamentos para ultimar todas estas obras, e finalmente recorrendo diligentes a tudo quanto lhes podia servir para se entrincheirarem. As suas fortificações começadas, não só tinham em vista acautelarem-se pela frente dos seus aggressores de Lisboa, mas igualmente pela retaguarda, em virtude das noticias, que tinham, da reunião de forças constitucionaes em Torres Vedras, e do receio de que estes os acommettessem, vindos pela Cabeça de Montachique.

Effectivamente a força constitucional de Torres Vedras,

em numero de 2 a 3:000 homens, commandados pelo brigadeiro João Nepomuceno de Macedo, e pelo barão de Sá da Bandeira, tinha ordem para cooperar com Saldanha, e com elle perseguir vivamente o inimigo, quando este se conseguisse desalojar das suas posições em frente de Lisboa. Pela manhã do dia 10 de outubro subiram pelo Tejo acima até Sacavem, e alli se postaram d'observação varias lanchas do arsenal da marinha, e os escaleres dos navios de guerra, conduzindo alguma porção de tropa da guarnição d'Almada, comboiando toda esta esquadrilha uma lancha canhoneira, e um brigue-escuna. Eram nove horas daquelle mesmo dia quando pela parte de terra o exercito constitucional, deixando as suas fortificações sufficientemente guarnecidas, sahio a campo contra os sitiadores em differentes columnas, uma das quaes seguio o caminho da Portella, outra foi por Arroios e estrada da Charneca, e duas pela estrada do Rego, destinadas a marchar sobre Tilheiras. Foi aqui que o ataque se tornou mais porfioso e decisivo, porque a força miguelista da Portella, atacada de frente e ameaçada sobre os flancos, e receando até ser acommettida pela retaguarda pela força constitucional de Sacavem, julgou mais acertado abandonar a peleja e retirar-se, apezar de dois esquadrões de cavallaria, que lhe tinham mandado de reforço. Da Portella se dirigio esta força sobre a Charneca e Ameixoeira, em quanto que o reforço dos dois esquadrões de cavallaria foi d'observação para Sacavem. O inimigo fôra completamente surprehendido neste ataque, ouvindo com todo o alvoroço e estranheza o começo delle, annunciado pelo fogo da artilheria e mosquetaria dos constitucionaes. Por toda a parte do seu campo se chamára ás armas; mas os corpos estavam dispersos, porque os soldados, passada a revista da manhã, tinham debandado, procurando, segundo o seu costume, pelas casas e vinhas o seu quotidiano sustento. Das dez horas por diante o combate tinha-se tornado geral por toda a parte: os commandantes de brigada tiveram nos primeiros momentos de operar de seu motu proprio, segundo a natureza do terreno que defendiam, e a força de que

em tal conjunctura dispunham. Os miguelistas, depois de duas horas de bom combate, receando ser cortados na sua direita, retiraram de Bemfica, e até mesmo de Palma de cima, e de baixo, concentrando-se sobre Tilheiras. Aqui assestaram elles duas peças de artilheria, com que incommodaram consideravelmente os atacantes, e desordenaram até os batalhões inglezes de D. Pedro, impossibilitando-lhes o transito na direcção do Campo Grande. O bravo brigadeiro realista, Luiz G. Coelho, que neste ponto commandava a artilheria, recebêo uma ferida grave, sendo no seu commando substituido por um coronel francez. Os realistas, apezar de apresentarem nas alturas de Tilheiras e Campo Grande uma força de 7:000 homens, foram pelos constitucionaes atacados com tal impeto, que chegaram a dispersar sobre o Lumiar, onde o mesmo D. Miguel em pessoa os teve de reunir para não vêr inteiramente roto o centro da sua linha. A brigada do commando de Luiz de Bourmont atrevêo-se a muito, diligenciando somente pela sua parte fazer mudar a face do combate, que tão propicio se mostrava aos constitucionaes. Atacado pelas alturas, que dominam o Campo Grande e o Campo Pequeno, e sobre as quaes corre a estrada da Charneca, o mesmo Luiz de Bourmont chegára a repellir as tropas de D. Pedro, e a perseguir-lhes os atiradores na direcção dos reductos da Penha de França, e Alto do Pina. Todavia indecisa como por algum tempo esteve a victoria, em virtude desta circumstancia, necessario foi carregar em tal caso o inimigo com mais energia e mais força, de modo que despido Bourmont do apoio dos seus, teve de retroceder a final, e d'entrar novamente no Campo Grande, quasi d'envolta com os atacantes, perdendo por esta occasião a vida o coronel miguelista, Oliveira, d'infanteria n.° 14. As balas da fuzilaria cruzavam em todas as direcções; os dois flancos realistas tinham sido completamente desalojados, e postos em retirada, e perdendo as suas tropas do centro as posições do Campo Grande, e occupadas as primeiras casas do Lumiar pelos constitucionaes, que nellas estabeleceram os seus postos avançados, todo o exercito de D. Miguel se concentrou desde

então sobre o mesmo Lumiar, vindo a noite pôr termo a uma renhida acção, que sem interrupção alguma tinha por todo o dia aturado.

Toda a noite esteve o inimigo em armas para não ser impedido no movimento da sua retirada. Pela meia noite D. Miguel sahio do Paço do Lumiar para Loures, em quanto que as bagagens e o material do seu exercito seguiram para Villa-Franca. Uma hora depois effeituou igualmente a sua retirada aquelle mesmo exercito, com toda a sua artilheria de campanha, de que nem uma só peça lhe ficou á retaguarda. Este movimento operou-se com tal segredo e resguardo, que só na manhã do seguinte dia (11 de outubro) pôde ser presentido pelo general Saldanha. Setenta e cinco doentes, sem enfermeiros, nem subsistencia, se encontraram no hospital do Lumiar ao desamparo, além de muitos feridos, deixados por casas particulares sem curativo, e como despojos de batalha de maior vulto ficaram neste mesmo dia em poder dos constitucionaes muitos armamentos, uma grande e importante porção de bagagens, grossa artilheria, palamentas e plataformas, reparos construidos e em construcção, avultada quantidade de munições, e grande abundancia de madeiras de todos os generos. Em Loures collocaram-se logo os realistas em posição; na planicie estavam as suas brigadas e reservas, compostas de cavallaria e infanteria, em quanto que a artilheria occupava diversas eminencias separadas por de traz daquelle logar, constituindo assim uma curva em fórma de coração, cujo apice existia na respectiva igreja, guarnecida por uma das suas ditas brigadas. Por este modo postados esperavam elles os constitucionaes, que pelas dez horas da manhã appareceram com um esquadrão de lanceiros por guarda avançada, que contra os realistas dirigio algumas cargas. Pelo meio dia as forças de D. Pedro, desenvolvidas sobre as alturas, que cobrem Odivellas, destacaram os seus atiradores, esperando pela sua artilheria, que lhes vinha muito pela sua retaguarda. Occupadas assim algumas das eminencias adiante de Loures, tiroteava-se de parte a parte, quando pelas tres horas da

tarde chegou finalmente a artilheria. Pelas quatro horas o fogo tornára-se cada vez mais energico: uma colina, cuja summidade era occupada pelos constitucionaes, formava em angulo a parte saliente da sua linha; um moinho de vento arruinado, e algumas ondulações do terreno, davam abrigo aos seus atiradores. Contra este ponto marchou pois uma força de cavallaria inimiga, reforçada dentro em pouco por algumas companhias de caçadores; mas não podendo desalojar os constitucionaes, nem supportar a intensidade do fogo, que estes lhe dirigiam, teve de recolher em retirada ás suas primitivas posições. Desde então apresentou o general inimigo todas as mostras de levantar o campo, tanto pelo movimento, em que pôz as suas bagagens, como pela collocação, que dêo á sua cavallaria, disposta na planicie em acto de proteger a sua retirada. Neste estado tornou tambem a noite a vir por mais outra vez pôr termo a um combate, em que os constitucionaes, apezar de vencedores, foram todavia obrigados a respeitar a manobra do general seu inimigo, sem que o general Saldanha se atrevesse a acommetter com elle, não fazendo mais do que ostentar como de observação toda a sua força pelas alturas d'Odivellas, e defender estas mesmas alturas.

A perda experimentada pelos miguelistas durante estes dois dias de combate foi por elles mesmo computada em 1:500 homens entre mortos, feridos, e extraviados. Semelhante perda, reunida ás precedentes deserções, reduziramlhes por tal fórma o exercito, que difficultosamente poderiam pôr em campo mais de 10:000 combatentes. A necessidade de se recomporem era por tanto extrema, e com estas vistas, aproveitando-se do silencio da noite, continuaram na sua retirada uma ou duas horas antes de amanhecer, seguindo pela estrada de Santo Antonio do Tojal, e Vialonga, até Villa Franca, onde ficaram no dia 12. O general Saldanha nada mais fez pela sua parte do que destacar alguns esquadrões de lanceiros em observação aos realistas, cuja retirada foi sempre na melhor ordem, e em xadrez, tanto quanto a natureza do terreno o permittia. A confusão de

semelhante retirada [1] manifestou-se finalmente em Villa Franca, onde os homens e as mulheres, as carretas, as bestas, e as bagagens de toda a especie, envolvidas com a artilheria, obstruiam as avenidas, e embaraçavam a marcha regular das tropas. Por fortuna do inimigo, e fatalidade para os constitucionaes, a esquadrilha, que do arsenal da marinha tinha sahido em direcção a Alhandra para lhe flanquear a estrada, tendo desembarcado alguma gente em terra, e alli permanecido, retirou-se a final, voltando para o mesmo arsenal com todas as lanchas artilhadas, e tropas de desembarque, que conduzira. Por outro lado a divisão de Peniche, que devia achar-se pela retaguarda dos miguelistas, quando estes occupavam Loures, não tinha a este tempo sahido de Torres Vedras, por lhe ter chegado a ordem de marcha um dia mais tarde do que devia ser. Foi assim que o inimigo teve a passagem franca para todo o seu pessoal e bagagens, porque os constitucionaes, pretextando a necessidade de esperar em Santo Antonio do Tojal por noticias da sua divisão de Torres Vedras, o deixaram ir em socego, sem por modo algum o incommodarem pela retaguarda. A ordem restabelecêo-se novamente entre os miguelistas depois que chegaram a Villa Nova, onde para guarda da retaguarda destinaram tres brigadas de infanteria, e uma bateria de artilheria, com alguns esquadrões de cavallaria. Por este modo atravessou o exercito realista a villa d'Azambuja, passou a noite no Cartaxo, e quando na manhã de 15 foi alcançado pelas avançadas dos constitucionaes, fez marchar a sua infanteria para Santarem, e ao abrigo dos seus esquadrões, que desenvolvêo, operando o resto da sua retirada em xadrez, sem por fórma alguma ser incommodado. Da parte dos constitucionaes a sua divisão de Torres Vedras chegou finalmente no dia 12 a Bucellas, indo no dia 13 ao Sobral de Montagraço. Na tarde deste mesmo dia fez o general Saldanha alto em

[1] Muito elogiada tem ella sido, e muito credito ganhou ao general Macdonell; mas eu estou que o acerto, e a ordem que se lhe atribue, proveio unicamente da demasiada prudencia de Saldanha, não empregando contra elle um só movimento com que o obrigasse a combate, apezar das suas forças se poderem reputar iguaes ás contrarias.

Villa Franca, destacando as suas avançadas sobre Rio Maior, e Azambuja. No dia 15 occupava elle Alemquer, Castanheira, Carregado, e Villa Nova da Rainha, e no dia 16 a sua esquerda ficou na Azambugeira, e Atalaia, communicando-se com o Cartaxo, onde estabelecêo o seu quartel general. Os seus postos avançados foram até á ponte da Assêca, por de traz da qual começou a levantar o seu campo entrincheirado, occupando Vallada pela sua direita, fazendo apoiar esta mesma direita ao longo do Tejo sobre as pequenas alturas, que por aquelles logares dominam a margem deste mesmo rio. Todo o exercito miguelista se concentrou desde então em Santarem, tendo um dos seus postos avançados, em força de uns 50 cavallos com alguma infanteria de reforço, defronte da ponte da Assêca, e outro de não menos força no Grainho, e ponte do Selleiro, para observar a esquerda constitucional. Para a margem esquerda do Tejo destacou uma força de infanteria e cavallaria, com tres peças de artilheria: esta pequena columna, ganhando Almeirim, descêo em 18 de outubro até ás immediações de Salvaterra, onde se achavam fundeadas algumas canhoneiras constitucionaes, que d'alli obrigou a retirar pelo fogo que contra ellas dirigira, podendo ainda alcançar duas, que foram varar em terra. Esta força continuou a permanecer ao Sul do Tejo, onde mais tarde foi reforçada, tanto para segurar as communicações de Santarem com o Alemtejo e Algarve, e receber d'alli os viveres necessarios á sua manutenção, como para se collocar d'observação a Lisboa. Além destas disposições o general Macdonell não só cuidou em fortificar Santarem, cavando-lhe fossos, que pozessem esta villa ao abrigo de um golpe de mão nas partes do Norte e Ponente, onde o terreno é mais accessivel, mas guarnecêo igualmente de tropas os estreitos desfiladeiros, que naturalmente a protegem pelas outras differentes partes, chegando de mais a mais a destacar sobre a importante posição militar de Leiria um corpo de 3:000 homens, com que julgou necessario cobrir a sua direita, e embaraçar aos constitucionaes a marcha sobre Coimbra. Foi assim que a villa de Santarem se constituio o

centro de todas as novas operações militares do exercito realista; para alli se transferio a côrte de D. Miguel, e para lá se mandou por conseguinte todo o dinheiro, que as suas authoridades podiam ainda colher no interior das provincias, bem como os viveres, as munições de guerra, e as recrutas, que lhes era possivel alcançar. Por esta arte o seu exercito alli chegou a contar novamente de 12 a 15:000 combatentes, restabelecendo-se nelle a ordem e a disciplina, tanto quanto se podia esperar no meio das difficeis e apuradas circumstancias, a que se vio reduzido.

Expulsar um exercito regular e bastante numeroso das posições, que escolhêra e começára a fortificar em volta de Lisboa, foi certamente uma das operações militares mais affoutas e brilhantes, que Saldanha emprehendêra em toda a campanha civil, e da qual resultou desde logo ao governo a vantagem de poder levantar em Londres novos recursos pecuniarios para o custeamento da guerra [1]. É necessario ser justo para ser acreditado: um escriptor contemporaneo [2] attribue a um mero acaso o exito de tão feliz tentativa, com que nada mais se tinha em vista, diz elle, do que fazer um mero reconhecimento ao campo inimigo. Todavia a ajuizar pelas prevenções, que este mesmo escriptor menciona, tomadas por parte do general Saldanha para o ataque do dia 10 de outubro, claramente se vê, que se não era do plano fixo deste general fazer com que o inimigo levantasse a todo o custo o cêrco da capital, pelo menos previa proxima a possibilidade de conseguir tão importante resultado, e neste sentido dirigio os seus movimentos de tentativa. E com effeito um simples reconhecimento não exigia que desde tanto tempo se sacrificasse o Porto, desfalcando tão consideravelmente a sua guarnição, como se desfalcou, para augmentar a guarnição de uma praça, tal como Peniche, e que a força para ella destacada se chamasse a consenso das operações de Lisboa, fazendo-a sahir d'alli contra Obidos, e

[1] A perda dos constitucionaes nesta empreza foi de 993 homens fóra do combate, incluindo 143 mortos no campo.

[2] Carlos Napier na sua *Guerra da Succcssão em Portugal.*

depois sobre Torres-Vedras, para ameaçar a retaguarda do inimigo, no caso de ser desalojado das suas posições em frente da capital. Um simples reconhecimento, digo ainda mais, muito menos exigia que a bordo de lanchas e escaleres dos navios de guerra, comboiados por canhoneiras, se fizesse embarcar a guarnição d'Almada, e se mandasse collocar em frente de Sacavem, para embaraçar a retirada do inimigo por aquelle lado. Estes factos, aliás confessados pelo proprio escriptor, a que me refiro, são sobejas provas de que o ataque operado pelo general Saldanha no dia 10 de outubro não foi concebido, nem executado para se limitar sómente a um simples reconhecimento, mas pelos meios, que para elle empregou, entrava nos seus planos, pelo menos a possibilidade do inimigo se vêr forçado a levantar o cêrco de Lisboa, como effectivamente succedêo. Tão assignalado feito d'armas D. Pedro o commemorou como empreza d'alto merito, dando ao general Saldanha um rico carachá da ordem da Torre-e-Espada, e entregando-lhe igualmente com elle um exemplar do decreto de 12 de outubro, pelo qual mandava restituir ao pedestal da estatua equestre do Terreiro do Paço o busto em baixo relevo de bronze de seu avô por linha materna, o primeiro marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, busto que a ingratidão e injustiça dos homens, contemporaneos do mesmo marquez, d'alli fizera arrancar, para lhe substituir as armas da cidade de Lisboa.

Ainda que Saldanha concebesse realmente a possibilidade de obrigar o inimigo a levantar o cêrco de Lisboa, justo é confessar que a guerra se protrahio muito por sua culpa, não tomando em semelhante empreza as medidas, que lhe convinha para alcançar a destruição total do exercito contrario, no caso de se verificar a sua retirada em frente da capital. A falta da cooperação da divisão de Torres-Vedras mostra bem quanto Saldanha se descuidou em confiar, n'uma operação militar da primeira importancia, as suas ordens d'um simples officio, quando aliás devêra ter para este fim empregado um seu ajudante d'ordens de reconhecido merito.

Se a divisão de Peniche, prevenida a tempo, comparecesse no local aprasado, e picasse seriamente a retaguarda do inimigo, quando acommettido pela frente, a confusão dos atacados havia de necessariamente ser grande, e a sua total destruição obra não inteiramente difficil. No emprego da esquadrilha, que subio pelo Tejo acima, os defeitos não foram de menor monta; em vez de se entregar o commando della a um official de credito, confiou-se a uma pessoa, que ainda hoje mesmo se não sabe bem quem fosse, e o resultado foi abandonar esta mesma esquadrilha o seu posto de honra, com grande presumpção de nem até ter visto o inimigo. Por outro lado todos os navios da esquadra, que podessem subir pelo Tejo acima, deveriam ir flanquear a estrada de Villa Franca, e até mandar-se alli collocar em posição escolhida uma força respeitavel, que podia ser fornecida pelos batalhões do arsenal militar, e naval, e do das obras publicas. Os miguelistas, desanimados pelos seus anteriores revezes, e desmoralisados pela retirada, a que eram obrigados, logo que de veras se vissem perseguidos de flanco pela divisão de Peniche, flanqueada a estrada do Riba-Tejo pelos brigues de guerra, que para esse fim se tivessem empregado, e obstruida a sua passagem para Santarem pela força collocada em posição, ou haviam de largar as armas, ou fazer a sua retirada com tal precipitação, que perderiam provavelmente toda a sua artilheria e bagagens. E se no meio destes contratempos tivessem ainda acêrto para procurar a estrada de Bucellas, um aviso mandado a tempo ao commandante da mesma esquadrilha, e da força postada na margem do Tejo, levaria uns e outros até Santarem, e apoderando-se desta villa, acabariam de um só golpe de mão a guerra, que por tantos mezes se prolongou ainda. Tão desconcertados marchavam os miguelistas na sua retirada para Santarem, que nem ao menos se formaram em linha de batalha nas planicies de Villa Nova e Azambuja, devendo alli empenhar uma acção, pela superioridade da sua cavallaria. Se mais coragem tivessem nesta sua retirada, logo que no segundo dia de marcha deixaram de ser incommodados

pelos constitucionaes, uma operação atrevida os poderia ainda salvar, retrogradando sobre Lisboa pela estrada de Sacavem: uma marcha de noite os poria ás portas da capital, que mal guarnecida, como então se achava, não era provavel que por muito tempo lhes resistisse, defendida apenas pelos batalhões nacionaes fixos. Retomada Lisboa, apresionada a rainha e a sua côrte, e senhores de todos os arsenaes e munições, os miguelistas haviam de por força incutir tal gráo de terror nas tropas de D. Pedro, que difficultosamente se poderiam manter no estado de superioridade e disciplina, que até então levavam. O passo era com effeito arriscado, e a causa de D. Miguel podia succumbir desde logo, se o exercito realista chegasse a vêr-se entalado entre as linhas de Lisboa e as forças de Saldanha; mas em todo o caso era esta a mesma sorte, que os miguelistas tinham a esperar, recolhendo-se ao abrigo dos muros de Santarem, como effectivamente fizeram. Entretanto justo é confessar, para credito do general Macdonell, que em tão boa ordem fez a sua retirada, tão rapida a executou, e tão acertadas foram durante ella as suas disposições, que nem um só homem lhe ficou á retaguarda, contendo por tudo isto em tal respeito o exercito, que o perseguia, que nem ao menos se atrevêo este a picar-lhe a retaguarda, levado provavelmente da idéa de não querer arriscar n'um só dia de combate o precioso fructo de tanto sangue ate então derramado, tantos sacrificios feitos, e tamanha gloria alcançada. O mais seguro de todos os planos da parte dos constitucionaes era sem duvida o preferir uma victoria tardia, mas certa, a um prompto, mas arriscado exito; porém os males da guerra eram tão funestos na sua prolongação, e tão desmoralisado se achava o inimigo, que era da boa razão militar arriscar-se alguma cousa mais do que então se fez para se acabar desde logo a contenda. Estes males os mesmos constitucionaes amargamente os sentiram pela sua parte, porque forçados á continuação da luta, tiveram de fazer, além de novos empenhos, novos alistamentos de gente em paiz estrangeiro, alistamentos que subiram a 3:000 homens de guerra, não fallando em 600 cavallos. A par desta pro-

videncia necessario foi mandar igualmente vir novos armamentos e equipamentos; continuar com actividade no reino com o recrutamento nacional; organisar batalhões de patriotas em cada uma das terras, que do jugo do usurpador se foram successivamente libertando; edificar importantes obras nas poucas terras, que a tanto custo se mantinham fieis no Algarve; tomar algumas outras por força, e fortifica-las, para seguros poderem dominar nas differentes provincias, que só palmo a palmo se foram conquistando. Todas estas circumstancias foram por conseguinte outros tantos motivos de onus para os cofres publicos, que deste modo tiveram de sobrecarregar com a enorme despeza, que exigia a manutenção de um exercito, que no fim do anno de 1833 contava 48:398 praças de todas as armas e denominações.

A escolha feita pelo inimigo da villa de Santarem para nova base das suas operações ulteriores, na falta de Lisboa e do Porto, prova certamente quanto uma intelligencia acertada, quanta rectidão, e bom senso o guiava agora em todos os seus passos. O extenso paul da Assêca, que corre pela direita e esquerda da ponte deste mesmo nome, para quem vae de Lisboa, e as terras baixas, que de Santarem se approximam pelo lado do Sul, retalhadas por grande numero de quintas, que para alli vão correndo para a parte do Tejo, fazem um consideravel contraste com as grandes alturas daquella villa, que não só pelo S. E. dominam aquelles campos, mas flanqueiam igualmente um tortuoso caminho, ramo da estrada de Lisboa, que na dita ponte da Assêca se bifurca. Um destes dois ramaes, (o do lado esquerdo para quem vae do Cartaxo), e o frequentado em todo o tempo do anno, procura entrar em Santarem pela porta de Mansos, ao S. O., em quanto o outro, que é o tortuoso de que acima se trata, segue para a parte do S. E. sobre uma alcantilada ribanceira, ou profundo barrocal, sobranceiro ao Tejo, até ir ganhar a baixa da mesma villa, nos districtos do Alfange e da Ribeira, ficando este ultimo já perto do N. E. Este caminho, enterrado pela fralda do monte, a que, por assim dizer, está sotoposto, é de mais a mais intranzitavel no

tempo do inverno, porque aparando as aguas das chuvas, que por elle se derramam nas enxurradas, que lhe vem das vertentes do mesmo monte, fazem de quasi todo elle nesta estação um verdadeiro lodaçal, ou continuado atoleiro. Todavia é deste mesmo caminho que se dirigem para as alturas de Santarem as calçadas, que vão da parte das *Omnias*, a da Senhora de Vallada, e a da fonte da Junqueira; mas ambas ellas são tão asperas e alcantiladas, que se podem reputar inexpugnaveis, quando convenientemente cortadas e vigiadas. É por esta mesma parte do S. E. que o terreno cahe com tal precipitação a prumo sobre o rio, que chega a infundir terror em quem o observa, d'onde veio chamarem-lhe os mouros *Alhafa (timor)*, sendo d'alli abaixo que precipitavam os condemnados a pena capital, espedaçando-lhes assim a cabeça e os ossos do corpo por aquella alta ribanceira, até irem parar ao Tejo. Por este mesmo lado lá offerece mais adiante a villa um valle apertadissimo, o do districto do Alfange, que mais é um estreito desfiladeiro, do que caminho para gente, e todavia o viajante o póde subir, mas em torcicolos de fórma colobrina, d'onde lhe veio chamarem-lhe igualmente os mouros *Alhance (colober)*, a que o vulgo, por corrupção da palavra, tem denominado Alfange. Da parte do N. E., districto da Ribeira, e junto do Tejo, ha um outro valle, semelhante ao antecedente, e tão aspero e inexpugnavel como elle, ainda que mais largo. Por aqui se sobe igualmente para o alto da villa pelas ingremes calçadas de Santa Clara, Atmarma, e Alcaçova, que tambem fazem suas voltas. Pelo N. e O., estradas de Leiria e Riomaior, onde a terra é mais chã e accessivel, a arte fortificou o terreno no tempo dos arabes, que o guarneceram com muros e antemuros, com baluartes e torres. É deste logar que as antigas fortificações se vão estendendo para o Sul e Nascente, onde tomam o nome de Alcaçova, bairro de bastante praça dentro, com uma boa igreja, e algumas casas nobres. O monte, em que este bairro assenta, vae beber sobre o Tejo pelo grande barrocal, que alli cahe a prumo sobre o rio, como já disse, parecendo ser aqui que se

levantava a parte principal do antigo castello da villa. A um lado deste bairro se observa tambem um cêrro, ou tumulo de terra redondo, que parece ser feito pela mão dos homens, e que crescendo em boa altura, offerece no seu cume uma atalaia, ou antiga torre, d'onde em tempo claro e sereno se diz avistar o castello de Lisboa, e d'onde em occasião de guerra se podem com effeito fazer signaes por meio de fogueiras e fachos para a capital, como é de fama que os arabes faziam. Á entrada da estrada de Lisboa se apresentam ainda grossas muralhas, que tinham pela frente uma ponte levadiça, que no tempo de agora communica com a villa por um espaço terraplanado. A parte alta de Santarem, bem conhecida pelo nome de Marvilla, é cheia de casas e conventos, e por isso o bairro mais antigo e principal da terra: acha-se elle no ultimo remate do monte, que lhe dá assento, o qual, em razão dos valles, em que já se fallou, e das quebradas, que nelle se encontram, parece ser um aggregado de outeiros, em que effectivamente se contam sete. A estrada de Lisboa, que vae ao S. O. da villa, atravessando Marvilla, desce para a Ribeira, e segue para o N. E. a ganhar o fertilissimo campo de *Alvisquer*, bem conhecido pelo nome de campo de Santarem, com uma legoa de comprido, e meia de largo n'algumas partes, campo tão celebrado desde a mais remota antiguidade pela abundancia e variedade das suas producções agriculas: alli se encontram no tempo proprio tão longas searas, quantas se podem comprehender com um golpe de vista, grande quantidade de vinhataria, e seguindo mais para o Norte, variadas encostas, cobertas de olivêdos e arvores de fructa. É por esta parte do Norte que se estende o deleitoso valle, denominado *Asacaya*, que principiando na planicie da Ribeira, junto á fonte de Palhaes, por alli vae correndo por uma comprida estrada, orlada de hortas e arvoredos por ambos os lados. Para a parte do Sul, ou da ponte da Assêca, as terras baixas, em que já se fallou, constituem um outro campo, cujo terreno não o ha entre nós mais fertil, povoado de quintas, rico de hortas e pomares, que se denomina *Omnias*, pela sua muita aptidão e

bondade para toda a especie de cultura. Estendendo por alli os olhos ao longo do alvêo do Tejo, como quem busca Lisboa, seguem-se as vinhas de Vallada e Gallega, que todas estão misticas, offerecendo por aqui igualmente este campo quasi a extensão de uma legoa em comprido, e meia na largura. Santarem, reunindo assim as delicias e abundancia do Egypto, com o amêno e fertilidade do paiz da Apulia, apresenta de mais a mais grande copia de gados, e não pouca creação de cavallos. Desta fórma se vê que esta fortissima posição militar, inexpugnavel pela reunião da arte com a natureza, dominando o vasto panorama dos terrenos, que lhe ficam em volta, tem em si tudo quanto se precisa para a manutenção de um exercito, favorecendo igualmente quantas correrias se queiram d'alli fazer sobre o Alemtejo, e Estremadura: pena é ser d'ares tão suspeitos no tempo do estio, e por então mui sujeita a febres intermittentes.

Para Santarem, e para as suas immediações se transferio pois em meado de outubro de 1833, como se acaba de vêr, o theatro da guerra civil, que estabelecido primitivamente no Porto, de lá viera para Lisboa, e d'aqui levantára para aquella villa pela superioridade das forças constitucionaes, que desde então passaram decididamente da guerra defensiva para a offensiva. A fortuna, que por tanto tempo se mostrára contraria á causa da legitimidade, depois da victoria naval do cabo de S. Vicente, e da entrada de D. Pedro em Lisboa, decidio-se finalmente, á semelhança dos homens, pelo partido mais arrojado e mais forte, que neste caso era o constitucional, depois das vantagens que por aquella fórma alcançára. Todavia o partido miguelista contava ainda pelo interior do reino com extraordinario prestigio. No Algarve as terras que os constitucionaes alli tinham podido conservar eram diariamente incommodadas pelos miguelistas, contra os quaes os aggredidos tambem diariamente se viam obrigados a fazer repetidas sortidas, já para seu proprio abastecimento, e já para desmancharem aos sitiadores os seus respectivos trabalhos de sitio. Desgraçadamente as sortidas, de tão funestos effeitos no Porto, apezar de te-

rem contra si a reprovação dos mais acreditados officiaes do exercito, e de se não conseguir com ellas mais que precarias e momentaneas vantagens, foram da parte dos constitucionaes o seu mais favorito e desastroso systema de guerra em todo este tempo. No meio destas difficuldades a cidade de Lagos, abandonada como tinha sido pelo governo de Lisboa aos seus proprios recursos, fizera prodigios de valor para se defender desde os principios de outubro: provisões e soccorros se tinham de lá pedido ao governo; mas este, que não queria desfalcar as tropas, que destinava á sua grande empreza de fazer levantar o cêrco da capital, nada lhe tinha enviado para a livrar do extraordinario aperto a que se via reduzida. Faro não se achava pela sua parte em menor risco de perder-se por este mesmo tempo. Todavia as authoridades d'uma e outra cidade poderam-se ir alli defendendo pelo lado de terra, chegando mesmo a armar em guerra dois cahiques para pelo lado do mar facilitar as suas communicações pelo litoral, que não podiam estabelecer pelo interior, attento o rigoroso sitio em que o inimigo as pozera. Apertados pois os constitucionaes no Algarve, o governador de Lagos foi por necessidade levado a um estratagema, para por meio delle ir respirando entre as difficuldades em que se via mettido: nas vistas de atrahir o inimigo, fez por espias suas constar ao chefe das guerrilhas, que a tropa se lhe entregaria, quando em força superior á da guarnição da cidade se aproximasse a certa hora de certo logar indicado. A communicação foi bem recebida e aceita, e o resultado foi tal como se desejava. Por uma feliz coincidencia uma fragata de guerra, que sahira de Lisboa para soccorrer os pontos da costa ameaçados pelo inimigo, levando em sua conserva o vapor Jorge 4.º, com gente de desembarque, tinha chegado a Lagos por occasião de todos estes ajustes, e retirando-se ao mar durante o dia, para não desmanchar as negociações pendentes, voltou pela noite ao ancoradouro. De bordo do vapor e dos cahiques de guerra guarda-costas desembarcaram então pela madrugada 100 homens da antiga brigada, com 60 marinheiros das respectivas tripula-

ções. Feito o signal convencionado, e sendo este correspondido, todos os guerrilhas se aproximaram atrevidamente das muralhas a tiro de pistola. A guarnição estava em armas, e nos respectivos baluartes reinava o mais profundo silencio; mas ao aproximar-se o inimigo das portas, rompêo contra elle uma descarga geral, que desde logo lhe matou bastante gente, ferindo outra em proporção. A tão má e inesperada recepção os guerrilhas viraram promptamente as costas; mas os constitucionaes, sahindo repentinamente da praça neste mesmo momento com todo o impeto, e auxiliados nesta sortida pela marinhagem da fragata, e pelo fogo das suas bandas, que flanqueava a estrada aos fugitivos, fizeram sobre elles um consideravel destroço, montando a perda, segundo o calculo feito, a 400 ou 500 homens. A incursão que por esta occasião se fez pelo interior da provincia dêo logar a entrar em Lagos grande quantidade de lenhas, e de muitos outros artigos de primeira necessidade, que pozeram a cidade em estado de poder resistir a um outro cêrco, de que estava ameaçada com a aproximação do inverno.

Na posição em que os constitucionaes se achavam, senhores de todas as forças maritimas do reino, e sem inimigo algum a combater por mar, os seus navios, e as suas respectivas guarnições, além do bloqueio em que alguns delles se empregavam nos portos do Norte, começaram a dedicar-se, e permitta-se-me a expressão, ao officioso serviço de soccorrer os pontos mais ameaçados da costa. O almirante Napier tinha por conseguinte á sua disposição um corpo consideravel de marinhagem portugueza e ingleza, da que se alistára ao serviço do governo legitimo; com ella podia igualmente dispôr de dois vapores, e com todos estes recursos marchar a qualquer empreza a que pela sua parte se quizesse aventurar. Elle não era para estar ocioso no remanso da capital em tempo de crua guerra, feito espectador tranquillo, e com este seu genio activo, e eminentemente emprehendedor, facil é de antever de quanto auxilio se não tornaria ainda nesta occasião para D. Pedro um militar tão bravo como Napier, podendo operar com toda a sua gente

onde bem lhe parecesse, e por assim dizer sem sujeição aos planos e ordens do governo, com quem elle andava desavindo, e particularmente com o ministro da guerra. Por este tempo a villa de Sines tinha já sido tomada pelos constitucionaes, que a fortificaram bem, segundo a natureza do terreno lh'o permittia, e d'alli algumas incursões se fizeram sobre Santiago de Cacem, nas vistas de penetrar no Alemtejo, e cortar ao inimigo todos os recursos, que d'alli tirava, chamando á obediencia do governo legitimo os povos desta provincia, e particularmente os de Beja, onde contavam com um avantajado numero de partidistas. A villa de Santiago de Cacem foi com effeito occupada; mas apenas se retirou d'alli a marinhagem com que aquella terra se tomára, tão crescido veio logo sobre ella o numero dos guerrilhas, que os constitucionaes, não só tiveram de lhes abandonar a conquista, mas até de perder a esperança de fazer fortuna no interior da provincia, apezar dos corpos francos que conseguiram levantar n'alguns pontos, limitando-se assim novamente a Sines, onde lhes não foi de pouca ventura continuarem na difficil empreza de lá se sustentarem. Para o Alemtejo se destacára de Santarem uma nova divisão, ás ordens do general Lemos, para continuar a manter obedientes a D. Miguel os povos daquella mesma provincia, e da do Algarve. Uma parte desta força destacára alguma cavallaria sobre Palma e Aguas de Moura, para ameaçar Setubal. A acquisição desta villa era para os miguelistas da maior importancia, na falta de Lisboa e do Porto; e com as idéas que ainda então tinham de arranjar uma nova esquadra, e de receber d'Inglaterra petrechos e munições de guerra, parece incrivel que tanto se tivessem esquecido de uma terra, cujo porto era capaz de abrigar facilmente os seus navios, mesmo durante o inverno, e de lhes segurar em todo o tempo do anno as suas communicações com o mar. Verdade é que os constitucionaes estavam senhores da villa; mas o seu desleixo em seriamente a fortificar e guarnecer era igual ao descuido do inimigo em a não ter occupado. Napier foi pessoalmente examinar Setubal, e vendo alli o

segundo porto do reino, mandou desde logo estacionar nelle uma corveta, e pouco depois a fragata D. Maria, guarnecendo com marinhagem o forte de S. Filippe, cuja artilheria se montou novamente. Estudando-se convenientemente o terreno, foi então que alli se abriram trincheiras, e sobre um morro, que ao Sul da villa domina o ancoradouro, se construio um reducto, pondo-se assim a terra em soffrivel estado de defeza. Reconhecida por este modo a importancia de Setubal, e com as idéas de operarem no Alemtejo, e se assenhorearem de Alcacer do Sal, como effectivamente fizeram os constitucionaes em 26 de outubro, D. Pedro mandou então para aquella mesma villa de Setubal uma pequena força de tropa regular, com um batalhão de voluntarios de Lisboa, organisando-se tambem, para alli se conservar, uma pequena esquadrilha, ao abrigo da qual se resguardava o porto, e se lhe protegia o commercio. Uma força de maior vulto, contando mil infantes e duzentos cavallos, atravessou igualmente o Tejo para Aldea-gallega, e provavelmente nas vistas de se dirigir a Samora, e cortar as communicações de Santarem com o Alemtejo, o que bem podéra ter feito, apoiando-se para esse fim na guarnição de Setubal; mas demorada alli inactiva por algum tempo, ou por ordem do governo, ou pela falta de resolução, que sempre em toda a guerra civil mostrára o official que a commandava, certo é que tornou para a direita do Tejo, sem nada ter conseguido do muito que della se esperava.

Na Estremadura o governo da rainha ia sendo acclamado nas terras, que successivamente se iam libertando, taes como Villa Franca, Alemquer, Torres Vedras, Caldas, e Alcobaça. Corpos nacionaes de infanteria com alguma cavallaria se foram igualmente organisando em cada uma dellas, para defender a bandeira da legitimidade, e por este modo se crearam os batalhões do Ribatejo, Torres Vedras, e Alcobaça. As operações militares do Porto achavam-se por este mesmo tempo paralisadas: o velho general Stubbs, consumida já pelos annos a sua actividade, e desfalcado tambem pelas continuas requisições de gente, que se lhe tinham feito

para guarnecer Peniche, por quasi todo o mez de outubro se conservára no estado de apathia, com que o natural do seu genio já tanto se conformava. Os miguelistas, estabelecidos ao Norte do Porto, em Santo Thyrso, e ao Sul, em Oliveira de Azemeis, dominavam assim quasi toda a provincia do Minho, a totalidade da de Traz-os-Montes, da Beira Alta, e Baixa, communicando livremente com o seu exercito de Santarem por meio de Lamego, Vizeu, e Coimbra; Castello Branco, e Abrantes. Mais affoutos e resolutos, não lhes seria muito difficil levar agora aquella mesma cidade do Porto, contra a qual nada tinha podido fazer o seu exercito de 40:000 homens, e com a sua acquisição fazer inteiramente mudar a face da guerra. E estes seriam talvez os seus planos; mas o desastre de Villa do Conde, experimentado em principios de setembro, os tinha soçobrado não pouco, levando-os á apathia, e a observarem unicamente de longe aquella heroica cidade. Resolvido finalmente em 31 de outubro a ir procurar noticias do inimigo, que não podia haver mettido dentro do Porto, por lhe constar que alguma força miguelista do Norte passára em Carvoeiro para o Sul do Douro, o general Stubbs mandou sahir para esta parte uma pequena columna das suas tropas, que se dividio pela estrada de Crestuma, Grijó, e Ovar. Oitocentos homens, entre tropa de linha e voluntarios, com obra de vinte cavallos, e duas bocas de fogo, foram sem inconveniente algum até Grijó, encontrando um piquete do inimigo na Venda Nova, donde promptamente retirou com a aproximação dos constitucionaes. Eram tres horas da tarde quando á sombra de uns pinhaes os realistas appareceram em força para surprehender os contrarios, a quem diligenciaram flanquear e cortar as communicações com o Porto. Por este tempo já o general Stubbs se tinha recolhido á cidade; e deixando a sua tropa em descanço, foi esta repentinamente atacada, e obrigada a retirar a toda a pressa para os Carvalhos, soffrendo então a perda de 20 homens. Tal é pois o quadro das operações militares, e a situação dos dois partidos contendores, constitucional e realista, até ao fim de outubro de 1833, a que esta ultima narração se refere.

CAPITULO VI.

A morte de Fernando 7.° acabára de mudar a politica do gabinete de Madrid a favor da causa constitucional portugueza, cujos partidistas, subdivididos em ministeriaes e Opposição, incessantemente se guerreavam, tornando-se ambos estes partidos cada vez mais intolerantes contra os miguelistas, a favor dos quaes reclamaram os inglezes, distinguindo-se por esta occasião o conde da Taipa pelas suas queixas contra o ministerio, não obstante as difficuldades e a falta de meios, com que o via a braços na prolongação da guerra. Contrabalançadas as forças belligerantes, o ministerio não só foi accusado de protrahir a luta, mas teve até contra si uma Opposição aristocratica, diante da qual perdêo terreno, sendo por fim obrigado a decretar a eleição das camaras municipaes; mas os miguelistas tambem pela sua parte se não mostraram mais unidos, chegando por esta causa não só a recusar a medeação estrangeira, que se lhes offerecêra, mas até a dimittir do commando do exercito o general Macdonell.

Julgára D. Pedro que com a presença de sua filha neste reino a guerra civil acabaria em breve, dando-lhe para este juizo plausivel motivo o vêr por este mesmo tempo reconhecido o seu governo pelas duas mais poderosas nações dó meio-dia da Europa, a Inglaterra e a França, e depois dellas pela Suecia, que para Lisboa enviaram os seus respectivos agentes diplomaticos. A escolha que o governo inglez fizera de lord William Russel para seu enviado extraordinario junto á côrte de Lisboa, comprovada algum tempo depois com as credenciaes, que recebêra de ministro ordinario, foi um duplicado motivo de satisfação para os constitucionaes, que nelle tinham sempre achado um decidido protector e amigo da causa da legitimidade. Por parte da França mr. de Lourde fôra o seú encarregado de negocios. Por outro lado o gabinete de Madrid começava tambem a declinar do seu antigo caracter, altamente hostil á causa da legitimidade neste reino, em vista dos extraordinarios acontecimentos, que successivamente alli foram mudando a face dos negocios politicos. O infante D. Carlos continuava des-

obediente a seu irmão, residindo na côrte de D. Miguel, por quem decididamente era protegido na sua recusa em sahir de Portugal para a Italia, na conformidade das ordens, que para esse fim recebêra de Madrid. D. Pedro, desejando pela sua parte que seu tio, o mesmo infante D. Carlos, e a sua familia sahissem quanto antes para fóra deste reino, tinha-lhes offerecido uma fragata ingleza para os conduzir á peninsula italiana, favor que elles não tinham querido aceitar. Não obstante isto o governo hespanhol continuava ainda a manter um ministro acreditado junto de D. Miguel, sem duvida para de mais perto espreitar a conducta do pretendente D. Carlos; mas D. Pedro, não lhe importando a causal de semelhante procedimento, estava no mais alto gráo indisposto contra o gabinete de Madrid, a quem tinha já embaraçado o tranzito de dois correios, cousa com que o governo hespanhol muito se tinha aggravado, protestando tomar o negocio a serio, quando por ventura se lhe não desse de prompto uma satisfação condigna. No meio destas circumstancias teve effectivamente logar a morte de Fernando 7.º aos 29 de setembro, e sua filha, ainda de tão tenra idade, lhe succedêo desde logo com o nome de D. Isabel II, assummindo sua mãe, D. Maria Christina, a regencia do reino. D. Carlos tomou tambem para si o titulo de rei da Hespanha, com o nome de Carlos V, e dirigindo-se nesta qualidade á fronteira, para sublevar os povos a favor das suas pretenções, nada pôde conseguir do que intentava, pelas providencias, que promptamente alli se tomaram contra elle. Desde então appareceram na Peninsula duas rainhas menores, cada uma das quaes tinha contra si um tio, que lhe pretendia o throno, e lh'o buscava usurpar pelo emprego das armas. E se em Portugal governava D. Pedro como regente do reino, pelos titulos mais sagrados, que para tão altas funcções lhe podia dar a sua qualidade de pae, tutor, e natural defensor de sua filha menor, em Hespanha desempenhava, pelos mesmos titulos, uma igual regencia D. Maria Christina, em relação a sua filha D. Isabel II. A necessidade obrigou por tanto as duas regencias a auxiliarem-se mutua-

mente, d'onde por conseguinte nascêo a reciproca harmonia, que começou a apparecer entre o gabinete de Madrid e o de Lisboa.

A noticia da morte de Fernando 7.º chegára a este reino em principios de outubro, e um tão notavel acontecimento, enchendo de alegria todos os constitucionaes portuguezes, foi mais um novo golpe de consequencias funestas para a causa de D. Miguel, pela protecção leal e decidida, que até este tempo recebêra do gabinete de Madrid. Desde então, vendo-se este gabinete illudido pelo infante de Portugal nas repetidas instancias, que lhe dirigira para fazer sahir deste reino o infante de Hespanha, D. Carlos, com quem na sua rebellião passou aliás a identificar a sua propria causa, não podia deixar de hostilisar D. Miguel. Era junto delle que os carlistas da Hespanha começavam a achar toda a possivel protecção e apoio, chegando effectivamente a formar-se delles um corpo militar de algum vulto, uniformisado, e commandado por um tal coronel Serrêdo. Fortes representações se fizeram a D. Miguel sobre este assumpto; mas dellas não se conseguira effeito algum plausivel, porque em vez de sahirem para fóra do paiz, continuavam a fazer causa commum com o exercito de D. Miguel os hespanhoes rebellados contra a rainha Isabel. Deste modo se constituio Portugal o theatro das pretenções dos absolutistas das differentes nações do meio-dia da Europa. Nas bandeiras de D. Miguel tinham com effeito vindo militar muitos officiaes vandeanos d'além dos Perynéos, não tanto para sustentar a causa do infante portuguez, como para á sombra della guerrearem a elevação de Luiz-Filippe ao throno da França, e defender cá entre nós a primeira linha dos Bourbons, que lá entre elles se achava proscripta na pessoa do duque de Bordeos, com o nome de Henrique V, desde a revolução de Paris nos ultimos dias de julho de 1830. Por conseguinte o gabinete das Tuilherias, popular como aquella revolução o tinha feito, e de tal origem resentido ainda o proprio Luiz Filippe, a quem ella com tanto enthusiasmo elevára ao throno, fazia com que este soberano e o seu governo instassem pela

sua parte na sahida dos officiaes francezes ao serviço de D. Miguel, cuja causa, tornando-se assim inimiga da dynastia reinante da França, e da tranquillidade daquelle paiz, não podia deixar de ter contra si as vistas e interesses reaes do governo francez. Agora a elevação de D. Isabel II ao throno da Hespanha tambem forçosamente se lhe havia de declarar contraria, vendo no mesmo D. Miguel o maior protector dos carlistas, e do infante D. Carlos, seu chefe, que procurando entrar na Hespanha de mão armada por Tinha, se retirára a Marvão, onde se dizia soccorrido por Badajoz com armas e munições de guerra. Finalmente o gabinete de S. James, ligado e uniformisado em politica, como naquelle tempo se achava com o das Tuilherias, em virtude da reacção popular, que naquelle mesmo anno de 1830 havia produzido em Londres a famosa queda do ministerio *tory*, simbolisado na pessoa do duque de Wellington, e a elevação do ministerio *wig*, representado por lord Grey, que lhe succedêra, apressára-se em reconhecer, com o governo de Luiz-Filippe, o governo da rainha de Hespanha, para que com este passo mais prompta e opportunamente o chamasse tambem a consenso contra D. Miguel, que assim se tornára o alvo da politica europea.

O exercito do infante de Portugal, posto que desmoralisado, e em desorganisação, era todavia consideravel, e para seu sustento contava ainda com os immensos recursos das ricas provincias do Norte, e os que lhe vinham tambem das do Sul do reino, como já se vio, sem que os constitucionaes tivessem pela sua parte força bastante para o debellar e vencer, como convinha ao socego do meio-dia da Europa, mas dispondo estes de uma esquadra, geralmente ociosa quanto ao seu paiz, não lhes era todavia difficultoso apparecer com ella em Cadiz, e capitaneada pelo arrojado Napier, fazer rebentar alli o grito da Liberdade, sublevando a Hespanha em favor da sua antiga Constituição. Eis-aqui mais um outro motivo por que o gabinete de Madrid se vio obrigado a accelerar a sua mudança de politica, e a lançar-se na vereda constitucional, já para segurar no throno a joven rainha Isa-

bel, identificando-se com o gabinete das Tuilherias e S. James, de quem para tal fim dependia, já para evitar tambem as hostilidades, que lhe podia fazer D. Pedro com a sua esquadra, e já finalmente para fazer partido, e chamar a si os constitucionaes da Hespanha, por não ter a esperar cousa alguma da obediencia dos absolutistas, que quasi na totalidade propendiam ou defendiam a causa do infante D. Carlos, a favor de quem se tinham já por este tempo insurreccionado Logronho, Bilbáo, Victoria, e alguns outros pontos nas provincias de Alava e Navarra. Todas estas circumstancias levaram pois a rainha de Hespanha a mandar proceder ao desarmamento e dissolução dos corpos de voluntarios realistas, e a substitui-los por outros de milicia civica, ou guardas nacionaes, medida com que o partido liberal daquelle paiz muito se enthusiasmára. Quanto á politica externa, o novo governo da Hespanha não só mandou retirar a sua legação junto de D. Miguel, mas até manifestou, por meio do ministro inglez em Madrid, os seus desejos de vêr terminada quanto antes a luta de Portugal, não duvidando entrar para este fim n'alguma negociação ou ajuste. Com esta communicação se enchêo D. Pedro de enthusiasmo, e não só respondêo desde logo que aceitaria contente qualquer proposta de Madrid a tal respeito, quando esta não fosse contraria á Carta Constitucional, com a qual julgava identificada a honra, a tranquillidade, e a fortuna do reino, mas até escrevêo por sua propria mão uma extensa carta á regente de Hespanha, para lhe ser entregue por mão do mesmo ministro inglez, que todavia a não fez chegar ao seu destino, porque censurando a conducta de Fernando 7.°, posto que cheia de louvores para com a mesma regente, era possivel offender a caprichosa susceptibilidade de sua esposa. Desde então estava franqueado o passo para o reconhecimento do governo da rainha de Portugal por parte do da Hespanha, sendo este acto apressado mais particularmente pela conducta do infante D. Carlos, que tendo passado de Marvão a Castello Branco, para por mais outra vêz tentar por alli fortuna na Estremadura hespanhola, e recusando sahir de Por-

tugal, em conformidade das ordens, que de novo recebêra de Madrid por meio de um enviado, que lhas veio trazer á mesma cidade de Castello Branco, dêo então logar a formar-se na fronteira do reino visinho um exercito de observação, commandado pelo general Rodil, que mais tarde se verá figurar tão conspicua e activamente na luta civil deste nosso paiz.

Forçado a entrar agora na marcha interna, que levavam os negocios politicos deste reino, confesso que muito triste e penosa me é para mim a tarefa do restricto dever de historiador, tendo de relatar cousas, que por pouco lisongeiras, tão de perto vão contender ainda com a recente sanha dos partidos, offender o seu amor proprio, contrariar as suas caprichosas crenças, e pela censura feita á sua conducta, chamar até contra o escriptor imparcial a acrimoniosa indisposição de muita gente, que tomará como suas as accusações do seu proprio partido em geral, porque em fim a verdade offende sempre os partidos e os partidistas, que por si querem ter sempre o exclusivo da melhor politica. Entretanto devo com a maior lisura acrescentar que quanto a mim estou hoje muito longe de aspirar ao papel de innovador n'um paiz, que, como o nosso, tem passado por tantas calamidades, e tão repetidas vicissitudes politicas, durante este ultimo meio seculo. Se n'algum dia houve em mim pretenções de tão insensato arrojo foi durante o regimen da velha monarchia, o restabelecimento do governo absoluto de 1823 a 1826, e a época da usurpação desde 1828 até 1834. Actualmente porém, vendo mallogradas todas as promessas de felicidade publica, feitas por cada uma das revoluções politicas, que entre nós se tem succedido, e dos differentes ministerios, que durante o regimen de cada uma dellas tem conseguido ás mãos o poder, cahi no mais profundo septecismo politico, conservando-me incredulo para com todos os partidos, de cuja sinceridade duvido. Á vista pois da pureza das intenções, que n'outr'ora me animava, e que com a melhor fé suppunha igualmente inherente em todo o individuo de idéas liberaes, não admira que então propendesse, muito mais do

que hoje o permitte o conhecimento que tenho dos homens e das cousas, para que a sociedade marchasse sempre accelerada na carreira do seu aperfeiçoamento politico; agora porém, depois de enganado em todas as minhas idéas, pensamentos, e desejos, se não sou dos mais oppostos á crença de que este seja com effeito o verdadeiro caminho para a mais solida e duradoura fortuna do paiz, hesito certamente em tomar como o melhor dos governos possiveis o da mais ampla Liberdade politica, contentando-me sómente com o que tiver por si a maior somma de ordem e moralidade publica, de coherencia administrativa e justiça. Ligadas a todas as differentes fórmas de governo conheço hoje que andam indispensavelmente sempre as fragilidades, que lhe são proprias, sem que em cada uma dellas deixe de haver quem adule, e por conseguinte quem corrompa e preverta o seu chefe, ou aquelle em cujas mãos pára o poder. E como nos governos representativos a origem de semelhante poder nunca sobe tanto acima, quanto nas monarchias absolutas, tira-se disto como consequencia que todas as lisonjas são naquelle caso empregadas n'uma esphera tanto mais lata, quanto mais inferior se torna. Eis-aqui pois como em taes governos muitissimos se deitam a lisongear o povo, por ser delle que as eleições dependem, e delle se buscam alcançar favoraveis, como porta que se quer franquear para haver ás mãos o poder, o unico pensamento, que a taes aduladores domina no meio das suas desregradas ambições. É pois neste trabalho de successivas pretenções que a desinquietação dos espiritos é levada pelos ambiciosos até ás mais affastadas classes sociaes, procurando arrastar todas estas ás agitações politicas com a promessa de melhoramento de fortuna, e de partilha na gerencia dos negocios publicos, marcha em que de ordinario vae d'envolta a boa fé de uns com a hypocrisia e corrupção de outros, por serem estas commummente as fieis companheiras da alma dos ambiciosos. Por conseguinte forçado pelo dever de historiador a entrar agora mais particularmente nas differentes lutas dos partidos, em que os constitucionaes se achavam divididos, irei apresentar a frente e o reverso de cada

um delles, sem que todavia me declare abertamente como pertencendo antes a um do que a outro.

A entrada do governo legitimo em Lisboa já comsigo trazia todos os germes da sua caducidade, e futuras discordias civis, como já se tem visto. D. Pedro, ainda que liberal, mas não tanto que as circumstancias politicas do Brasil e Portugal lhe não tivessem mais de pressa extorquido, do que elle dado por vontade propria, as Constituições, que outorgára a estes dois paizes, era todavia homem, tinha nascido principe, e por ambos estes titulos bem se póde suppôr, que elle gostava de vêr a sua vontade acatada, e superior a todas as cousas. E quem ha que o não imite, ainda mesmo desses mais exaltados tribunos, a quem o vortice das revoluções põe sobre as aras do poder? Com semelhantes elementos bem se póde já vêr, que nos seus proprios ministros, conselheiros, e validos não desejára achar censores, e que estes mesmo, para se conservarem nas suas boas graças e valimento, procurassem não o contrariar, e submissos se conformassem sempre com as suas determinações e desejos, particularmente por verem nelle um principe tão cheio de nome e serviços á Liberdade, e que tanto a peito tomára fazê-la triumphar em Portugal. Bem sabido é por outro lado que a verdade singella e sem atavios difficultosamente se escuta, e mais difficultosamente se ouve no palacio dos reis, e uma vez que ante elles á procurou levar S. João Baptista, foi condemnado a perder a cabeça. Este terrivel exemplo nunca desde aquelle tempo até hoje tem sido esquecido pelos aulicos e validos dos principes. D. Pedro era amante da gloria ao mais alto gráo. Cheio da maior actividade e energia, e unindo a estas virtudes a elevação da sua alta estirpe, elle devia ser olhado com a maior admiração e reverencia pela mais remota posteridade, e associando assim o seu nome ao dos grandes homens, subir ao templo da gloria e immortalidade: elle ardentemente o desejava, e effectivamente o merecia; mas a verdade, sempre difficil em achar quem de coração a estime, difficultosamente penetra no palacio dos reis.

Já se tem visto como D. Pedro na sua chegada á Europa se rodeára de homens, que fazendo-lhe perder o seu natural caracter de principe singelo e franco, o levaram a lançar-se no espirito de partido, e a animar pela sua conducta cada vez mais as discordias, que dividindo os portuguezes na sua emigração, os conservára cada vez mais divididos durante o cêrco do Porto. Fôra desta roda de homens que elle mesmo formára o seu governo, estabelecendo por conseguinte um partido, em cujo gremio entraram logo como principaes caudilhos todos aquelles individuos a quem as differentes vicissitudes politicas tinham nobilitado, ou tornado distinctos pela sua partilha no poder desde as côrtes de 1821 até áquelles tempos. Contra os abusos, que todos estes homens se haviam arrogado na sua mór, ou menor gerencia governativa, se formára igualmente um partido forte e energico, que cheio cada vez de novas e mais fortes razões contra semelhantes homens, a quem aliás atribuia todos os erros politicos, commettidos desde aquelle anno, tinha tomado successivamente mais corpo, e uma opinião irresistivel em quasi todas as classes da sociedade, depois da restauração de Lisboa. Eis-aqui pois o partido da Opposição, combatendo o regente e os seus ministros, contrariando-lhe as suas crenças, e prevertendo-lhe até a marcha do seu governo, ainda nas suas mais somenos tendencias. A falta de confiança e prestigio n'um governo, que começa, é um dos peores males que elle pode ter contra si na missão que tem a seu cargo. D. Pedro, ainda que coberto de gloria pelos seus longos e honrosos soffrimentos durante o cêrco do Porto, sempre no particular de muitos individuos era olhado como tendo desmembrado, por motivos da sua individual e indiscreta ambição, a parte mais consideravel da monarchia, sublevando o Brasil contra a mãi patria, separando-o della, e constituindo-se como rei estrangeiro á frente dos sublevados. As pessoas de que elle se rodeára, quando assumira de facto a regencia de Portugal, os seus ministros e validos, muitos dos quaes, (e os mais notaveis), pertenciam á época constitucional de 1821, aspirando pela sua parte a levantar o

decahido partido daquelle tempo, cujos excessos tamanha e tão geral reprovação tinham então chamado contra si, nem podiam dar passo na opinião publica, que tudo lhes tinha na conta de mão, nem reunir a si a confiança dos homens honestos e moderados dos differentes partidos. Semelhante governo, parecendo querer prolongar os erros governativos dos ministros de 1826 a 1828, e por conseguinte todos os abusos do antigo governo despotico, debaixo das fórmas do governo representativo, não podia deixar de estar em permanente luta contra os seus governados, e só os extraordinarios acontecimentos, que tinha a seu cargo gerir e governar durante a sanguinolenta luta por que se estava passando, seriam capazes de os deixar em paz guiar por mais algum tempo os negocios publicos.

Se destas generalidades se passar agora a uma miuda analyse das murmurações e queixas, que a Opposição levantava contra o governo do regente, vêr-se-ha que umas e outras não estavam tão longe da verdade, quanto os ministeriaes as suppunham. A organisação constitucional do paiz, se assim se lhe pode chamar, decretada em 16 de maio de 1832, para os importantes ramos de fazenda, de administração, e justiça, destruindo nestes pontos a organisação da velha monarchia, abrira vasto campo de especulação aos candidatos a empregos publicos, uma boa parte dos quaes se ligou á strenua e systematica defeza do chamado partido ministerial, que assim lhes offerecia uma especie de lotaria para todas as ambições e em todas as carreiras. Toda esta gente, capitaneada desde então pelos proprios ministros, resignada offerecêo a sua submissão aos dictames do poder, que em tal caso lhe devia dar pela sua parte toda a preferencia e possivel protecção, como resarcimento condigno daquella abnegação. D'aqui nasceu pois descobrir a Opposição na conducta dos ministros um certo espirito de isempção e arbitrio, desprezador das conveniencias constitucionaes: desta crença se passou a tomar como escandalosa semelhante conducta, e deste escandalo se seguio a desconfiança de cousas mais feias ainda, donde se origi-

naram os odios, as publicas accusações, e divergencias dos partidos, que tão apressadamente cresceram, e após de si levaram os animos ou para uns, ou para outros partidistas. Boa copia de pretendentes se deviam forçosamente alistar ou n'uma, ou n'outra bandeira politica, segundo as naturaes propensões da sua ambição, e o modo de a saciar, achando-se da parte dos ministros os menos em numero, mas os mais poderosos em opulencia de nome, e da parte da Opposição ao governo os mais, numericamente fallando, mas os menos considerados ou nobilitados, donde vinha esta consideravel differença, que em quanto os ministeriaes obravam nas suas cousas com todo o poder e authoridade, que os ministros lhes communicavam, os da Opposição tomavam para si a marcha de reagir com tanta mais audacia e unidade de systema, quanto mais acanhada era a sua authoridade e poder. Deste modo a maioria dos votos do conselho, e os das authoridades das espheras inferiores, e com estes os dos mais empregados publicos, eram a favor dos ministros, parecendo-lhes que esta sua approvação e assenso era da vontade de D. Pedro, a quem aliás queriam agradar, pelo muito respeito, que lhes mereciam os seus importantes serviços e elevada jerarchia, e a quem, ou por estas, ou por quaesquer outras causas, não só haviam entregado a sua voz, mas igualmente o seu espirito. A Opposição, pelo contrario, contendia sempre por tudo, e por tudo e por toda a fórma incessantemente murmurava, e com desmedida acrimonia. A extincção dos dizimos, dizia ella, aconselhada pelas luzes do seculo, e reclamada pela necessidade da agricultura, perdêo na mão dos ministros todo o seu benefico influxo, porque além de extemporanea, destruio todas as fontes da subsistencia e educação do clero[1], cortou a ma-

[1] Todos sabem que os seminarios, onde o clero se educava, subsistiam geralmente, na falta de bens proprios, das quotas ou encargos que os prelados diocesanos, pela authorisação do Concilio Tridentino, impunham nos preventos dos differentes beneficios da sua diocese, e por conseguinte eram tambem os dizimos os que rigorosamente custeavam mais esta despeza. Vê-se pois que esta imprudente extincção affectou gravemente todos os differentes ramos da publica administração. A sciencia e a politica dos ministros do re-

nutenção a muitos estabelecimentos pios e litterarios, e não provêo finalmente os cofres publicos com a equivalente dotação para supprirem os encargos legaes, a que elles até então serviam. A extincção das sizas, deixando ao desamparo os expostos, tirando os reditos aos partidos dos medicos e cirurgiões, e geralmente a todas as obrigações e despezas municipaes, tornou-se de nenhum proveito por levar em vista disto as camaras a recorrer ao odioso systema das fintas e derramas. Depois destes seguio-se ainda o famoso decreto das indemnisações, de 31 de agosto de 1833, que será sempre olhado como medida de immoralidade, e dos mais funestos effeitos para o paiz, pela tortuosa applicação que os mesmos interessados lhe deram. A pertinaz resistencia dos miguelistas, e a destruição lenta e gradual com que ameaçaram a cidade do Porto, pelo aturado fogo das suas multiplicadas baterias, fôra a primaria origem das indemnisações dos prejuizos causados aos proprietarios pelo inimigo. Foi com effeito o principio de resarcir os males alheios pe-

gente não devia consistir em demolir e arrazar a eito todas as antigas fontes de receita, mas em destruir tão somente com a mais estudada prudencia e cautela, levantando immediatamente o que em semelhante ramo lhes convinha para poderem viver. Só nisto facil será conhecer a differença do tacto governativo dos nossos aos reformadores da França. Quando a deputação dos redactores dos differentes jornaes de Paris foi, em principios de março de 1848, reclamar perante o *governo provisorio* da republica franceza contra a continuação do direito do *timbre*, imposto nos mesmos jornaes, mr. Garnier Pagés lhe respondêo, que se este direito era vexatorio e penoso, varios outros o eram igualmente; mas que a difficil situação do momento, e a necessidade de salvar a republica, tinham produzido uma crise financeira, a que era preciso fazer face. «Se tocamos nas receitas, dizia elle, sem poder com« binar a suppressão dellas com os outros impostos, daremos um golpe mor«tal no credito: ora é necessario que o credito e a confiança se restabeleçam «o mais depressa possivel.» N'um outro relatorio dizia mais o *governo provisorio*, fallando ainda da abolição do direito do *timbre*: «resolvido como o «governo está a sustentar todos os tributos para satisfazer os contractos, e «assegurar o serviço do Estado, etc.» Eis-aqui pois o que é ser governo no meio de uma revolução tão extraordinaria como foi a da França no anno de 1848: eis-aqui o que é sensato e altamente governativo, e o que os nossos homens d'estado infelizmente não viram, nem poderam comprehender, sem lhes embaraçar ao menos com as difficuldades que sobreviriam, no intervallo das suas destruições, ao pleno andamento das edificações que projectavam levantar. Era muito bom para a nação que ella não pagasse tributos; mas para isto succeder era igualmente necessario que o governo não tivesse sobre si as mais urgentes despezas a satisfazer.

la pessoa e bens de quem os occasionára, quem levou naquella cidade o governo, á imitação do que já na Terceira tinha feito a regencia, a proceder ao sequestro nos bens dos miguelistas para, a expensas suas, se custearem as despezas da guerra, e a nomear uma commissão para liquidar as perdas e damnos causados alli pelo inimigo. D'aqui se seguio mais tarde o principio da desmoralisação, que fomentou as denuncias, alimentadas pelo espirito de interesse dos que se procuravam indemnisar á custa do partido vencido. Aquella medida de partido declarou sujeitos á pena de sequestro, para indemnisação dos lesados, os bens dos fautores, agentes, e cumplices da usurpação, sendo por conseguinte destinada a espoliar dos seus bens, para locupletar os constitucionaes, uma grande parte dos antigos proprietarios do reino, por se envolverem nella todos os officiaes de milicias, que foram obrigados a combater pela usurpação, sob pena de se verem perseguidos e arruinados em toda a sua fortuna, e de comsigo reduzirem as suas mesmas familias á desgraça. E todavia o ministerio tomou esta medida para si como um tropheo de gloria, e como tal a mandou remetter impressa a todas as camaras municipaes do reino, para a executarem na parte que lhes dizia respeito. Acobertados assim pela avidez de grande numero de individuos, os ministros só verdadeiramente tiveram em vista os seus proprios e particulares interesses, quando envolvendo as suas com as indemnisações em geral, e indo para esse fim procurar aresto nos decretos da regencia da Terceira, generalisaram o principio de taes indemnisações aos empregados publicos, a quem fizeram contar as suas graduações, honras, e proventos desde o dia em que por fieis á causa do governo legitimo tivessem sido perseguidos pelo governo usurpador, e por elle privados dos seus ditos empregos, para dos seus ordenados suspensos, ou interrompidos, serem no seu devido tempo resarcidos. Estas imprudentes medidas forçosamente haviam de arraigar mais o partido contrario no heroismo da desesperação e resistencia, dictadas mais pelo terror que infundiram, do que pela realidade que podessem ter algumas das disposições do

decreto de taes indemnisações. Foi assim que contra o governo legitimo se indispozeram, além do clero pela extincção dos dizimos, além dos nobres e donatarios pela extincção dos bens da corôa, commendas, e foros, uma immensidade de população e familias poderosas, que naquelle mesmo decreto viram a sua total ruina e perdição.

Certo é que a guerra d'exterminio, feita aos constitucionaes pelo partido miguelista, tornára quasi necessarias muitas das medidas contra elle empregadas, exasperando pela sua contumacia o governo do regente, que como levado á força teve de destruir todos os antigos elementos sociaes, de que resultou para o paiz uma outra origem de calamidades, pela confusão e anarchia em que isto veio lançar todos os ramos da publica administração, com a pretenção de querer tudo edificar pela mania de tudo querer destruir. Planos sobre planos se succederam então uns atraz de outros, e se alguns delles foram mal concebidos, e pouco acommodados ás circumstancias do paiz, a sua execução ainda foi desgraçadamente peor. Assim appareceram, para se verem durar tão pouco, muitas creações fantasticas; mas os males que comsigo nos trouxeram d'envolta, pela desordem annexa a este ruim estado de cousas, por muitos annos se hão de ainda fazer sentir, quaes estragos determinados pelos pesados abalos de um violento terremoto, que só com o decurso dos tempos se podem vir a reparar. A necessidade de destruir era na verdade extrema a muitos respeitos; mas destruir para edificar mal, foi multiplicar a desordem. Infelizmente os odios de um insuportavel jugo de seis annos, atiçados sempre pelo despotismo com que a usurpação opprimira e enluctára milhares de familias neste reino, não podiam esquecer a um ponto tal, que ainda no meio da guerra se abraçassem como amigos os inimigos. A encarniçada luta, que ainda se pelejava, bem longe de amortecer, despertava cada vez mais esses odios, sempre inherentes ás guerras civis: em cada batalha gotejava o sangue dos mais fieis defensores da legitimidade, e irados como os espiritos se achavam pela mutua desconfiança da victoria, era um

impossivel moral exigir, ainda no meio do conflicto da guerra, o esquecimento de tantos males preteritos, e daquelles por que se estava passando no meio de tão pungentes soffrimentos. Assim discorriam então muitos dos defensores dos ministros, sem que os seus argumentos se possam com effeito dizer faltos de senso. Quasi todos os constitucionaes partilhavam este arrebatamento de idéas, e o facto era que mal se libertava uma terra, as paixões de partido, ebrias pela victoria, e cegas pelo espirito de represalia e vindicta, descarregavam logo sobre os vencidos todos os males com que os vencedores tinham por aquelles sido até alli opprimidos. Despidas assim as terras conquistadas de authoridades protectoras, ou partilhando estas mesmas todo o espirito de intolerancia de partido, viram-se nos primeiros tempos correr sobre ellas bandos de homens resentidos, que assaltando as casas, levavam a devastação e pilhagem ao centro das familias consternadas pela perda, ou perseguição do seu chefe. A Opposição, em logar de serenar as paixões, cada vez mais as atiçava pelas suas vehementes accusações contra o governo, que dava como protector dos miguelistas, porque n'um ou n'outro empregado antigo o seu espirito de clientella ou de partido o levava a respeitar annos, gastos em util e bom serviço do Estado, ainda que despido ou da emigração, ou do soffrimento das cadeias. Deste modo a persistencia da guerra, e as queixas da Opposição, ajudadas pelos proprios resentimentos dos ministros, levaram o espirito de intolerancia ao seio da administração. Os sequestros, mandados fazer nos bens dos denominados fautores, agentes, ou cumplices da usurpação, offendendo a moral pela medida em si mesma, foram além disso uma arma de parcialidade nas mãos de quem os dera á execução, ou uma verdadeira rapina, tanto pela injustiça com que sobre alguns recahia a medida, como pelo escandalo com que se absolvia outros: sequestros houve que fazendo-se pela noite, só dias depois se dava ao inventario o que se tinha achado. Por esta fórma se viram certos depositarios rodar em carroagens alheias, aposentar-se em bons palacios, servir-se com ricas mobilias,

e ostentar finalmente com a grandeza e fausto de outrem a pequenez de quem mal tinha ainda para trajar limpamente. As muitas vendas, que por este tempo se fizeram illegaes, dos objectos sequestrados, tambem não concorreram pouco para mais se desmoralisar o paiz, pela rapacidade que em tudo isto andou, e desairosas historias, que por então se contaram sobre este mesmo assumpto.

Algumas das innovações, que se tinham feito no paiz, não eram mais do que retalhos informes dos codigos e das leis francezas, que mal copiadas umas, e peor acommodadas outras ás circumstancias do reino, pela sua ambiguidade, e obscuro sentido de muitos dos seus artigos, mais promoveram entre nós a desordem e a confusão, do que a uniformidade e systema nos differentes ramos de administração publica. Setenta foram os julgados em que ao principio se dividira o reino; mas bem depressa se duplicou este numero: crearam-se relações de novo para depois se extinguirem, e taes variantes vieram umas atraz das outras, que a primitiva reforma judicial se desmoronou em breve no meio das repetidas accusações, que contra ella se fez, de augmento de despeza, de dobrada extensão do processo, e do inextricavel dedalo que apresentava á pratica forense. Os prefeitos, pela omnipotencia de que se revestiram, pelo magestoso sequito de que se acompanharam, com conselhos de prefeitura, secretarios, sub-prefeitos, e provedores, tal sanha levantaram contra si, que os ataques da Opposição redobraram, e tão fortes foram elles, e tão multiplicados, que a lei da administração cahio promptamente no odioso de toda a gente: e todavia foi no auge deste mesmo odioso, que os prefeitos se mandaram installar no exercicio das suas altas funcções! Por todas estas causas a violencia da Opposição recrescêo em audacia, e os seus atrevidos ataques, tomando cada vez mais corpo, moveram o governo a despenhar-se pela sua parte cada vez mais de precipicio em precipicio. Desde este momento os ministros procuraram reforçar-se a todo o custo, para com os seus novos reforços contrabalançar o prestigio da Opposição: foi assim que ao merito real se começou

então a antepôr a exclusiva qualidade de partidista, sobresahindo só por si a todas as mais, para assegurar a victoria ao governo. Os ministros, aventurando-se a tudo, quizeram identificar comsigo o bem do paiz; mas o seu systema, perdendo-os a elles, de necessidade havia de perder igualmente o mesmo paiz. Longas listas de nomeações se fizeram anticipadamente á victoria constitucional para todas as terras e provincias do reino, desde o prefeito até ao mais somenos empregado; deram-se os logares de homens, que por fieis á causa da legitimidade pejavam ainda as cadeias das provincias debaixo das authoridades miguelistas, não tendo ordinariamente por si os nomeados mais do que o merito de serem fieis ao governo, ou de como taes se supporem. O escandalo de preferir os homens de partido aggravou-se mais particularmente com a escolha, que d'alguns delles se fez para comporem a junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens religiosas. Por meio desta junta se extinguiram e profanaram muitos conventos, e se lhes tomou a renda para o Estado, privando os seus moradores da necessaria subsistencia, a que tinham todo o direito pelas quotas da entrada, que para esse fim lhes tinham exigido para a sua profissão. A falta de letras appostolicas, que authorisasse semelhantes reformas e suppressões, foi o principio do scisma religioso, que mais tarde appareceo no paiz. A Opposição de tudo isto se aproveitou habilmente para indispôr cada vez mais o governo, acoimando a dita junta de se arrogar indevidamente a supremacia no governo da igreja lusitana, de falta de conhecimento dos sagrados canones, e das doutrinas dos santos padres, que não fazia respeitar, e finalmente de não publicar uma só provisão de reforma e melhoramento, na parte moral e intellectual do clero secular e regular. A todas estas queixas se reuniram tambem as que se levantavam contra os logares novos, que o ministerio creára, e sobre tudo contra o estabelecimento dos seus grossos e pingues ordenados, multiplicando assim uns, e augmentando outros, sem que para isto se podesse recorrer ao principio da salvação publica, e das circumstancias ex-

traordinarias em que se achava o paiz, principio que, justificando algumas das medidas do governo, não se coadunava todavia com outras, evidentemente destinadas a fazer partido, e a grangear popularidade pela vasta clientella que desenvolviam.

É por conseguinte fóra de duvida que se a resistencia dos miguelistas desculpava muitas das medidas do governo, muitas outras não podiam achar nella cabal e justificado motivo, sendo em tal caso obra de puro arbitrio do mesmo governo, que assim exorbitava, diziam os seus adversarios, da sua missão constitucional para a transformar em arena de partido. A Opposição, aproveitando-se tambem da exacerbação geral contra os miguelistas, della se servia para invectivar o governo, e com ella o levava aos seus actos de intolerancia politica, e confundindo as boas com as suas más provisões, envolvia todas ellas no campo da sua geral proscripção. Foi assim que o ministerio se dêo como envolvido na culpa de prestar a sua protecção aos miguelistas, de legislar nas suas differentes repartições sem a devida connexão, nem systematica unidade; de sacrificar aos seus caprichos todos os interesses moraes e materiaes do paiz; de não representar pela sua parte nenhuma bandeira ou partido politico; e finalmente de semear a discordia e a confusão em todos os ramos da publica administração, auxiliando-se para esse fim de subalternos sem merito moral, nem reputação intellectual, ao passo que a authoridade destes taes individuos se tornára tão reprehensivel, quanto escandalosa e vexatoria para todos os seus governados. O marquez de Loulé, vendo, depois da sua chegada a Lisboa, a vehemencia das queixas empregadas contra os seus collegas, e não querendo partilhar a responsabilidade dos seus actos, pedio e obteve a sua demissão de ministro dos negocios estrangeiros em 3 de outubro. Esta alteração ministerial foi bem depressa seguida de outra, que occasionára a morte de Candido José Xavier, succedida em 15 daquelle mez. Para a repartição dos negocios do reino foi então nomeado Joaquim Antonio de Aguiar, para a da marinha Francisco Simões

Margiochi, ficando na da guerra e estrangeiros Agostinho José Freire, e na da justiça e fazenda José da Silva Carvalho. Aguiar emigrára, sendo professor de direito na universidade de Coimbra, e voltando ao reino, trocára a sua antiga carreira do magisterio pela da magistratura, dando-lhe o governo o logar de procurador geral da corôa, passando-o mais tarde a membro do supremo tribunal de justiça. Em tão elevados empregos se mostrou sempre limpo de mãos, e integro como o podem ser os homens, que se mettem nas lidas dos partidos; mas como politico accusavam-no de demasiado afferro ás suas opiniões, e de grande intolerancia para todos os que não partilhassem as suas crenças. Com esta qualidade já se vê que a acquisição ministerial de Aguiar só servio de prejudicar mais a reputação dos seus novos collegas, que ás antigas queixas tiveram agora contra si a murmuração de deixarem commetter impunes quantos assassinios se quizeram perpetrar contra os miguelistas, particularmente depois que do reino o mesmo Aguiar passou mais tarde para ministro da justiça. Francisco Simões Margiochi, além de bastante litteratura, tinha grande celebridade como mathematico e astronomo, desde os seus primeiros annos de estudo em Coimbra, e as suas differentes memorias e escriptos confirmam a justiça do seu conceito nestes importantes ramos das sciencias exactas; mas a crença arraigada, de que um bom mathematico não é d'ordinario o melhor politico, não se desmentio na escolha, que delle se fizera para o ministerio. Margiochi alcançára grandes creditos de liberal pelos seus discursos nas côrtes de 1821 a 1823, por um logar de presidente, que nas mesmas côrtes desempenhára, e pela emigração que depois soffrêra, protestando contra o restabelecimento do absolutismo. Ligado durante a sua emigração de 1828 a 1832 com os mais conspicuos membros da Opposição, o seu nome era entre elles ouvido com toda a veneração e respeito: e todavia a sua natural indolencia e muita bondade pareciam dar-lhe uma inteira negação para a politica, ou pelo menos tornavam-no improprio para defender com ardor as crenças de qualquer partido. Entretanto

se não foi esta qualidade de partidista a que lhe grangeára a sua elevação ao ministerio, foi de certo a de particular amigo do general Saldanha, cujas iras se queriam desarmar contra o governo. Apezar disso de nada valêo tambem aos ministros semelhante acquisição, porque nimiamente frouxo, como era Margiochi, para chamar contra si grandes odios, a sua habilidade para conciliar partidos não era mais decisiva. Finalmente a nomeação deste individuo para ministro d'estado, prova que a elevação dos homens aos mais altos cargos depende mais depressa das circumstancias em que a fortuna os colloca, do que da sua verdadeira vocação para semelhantes empregos.

Esta politica do ministerio tinha até desagradado ao governo inglez, que em termos bastante fortes chegára a representar contra o seu systema de perseguição, e a ameaçar a par disto de retirar-lhe a sua cooperação, quando se não adoptasse uma marcha mais moderada. O governo conhecêo a severidade da queixa, quanto aos sequestros, e ao rigor da sua execução; mas allegou para se desculpar a imperiosa lei da necessidade, que o obrigava a recorrer a este meio de alcançar mais algum dinheiro para custear as despezas da guerra. Silva Carvalho expôz, para justificação da medida, que ella nada mais era do que a pena de Talião, e a esperança de que o sequestro iria desarmar os sequazes da usurpação, e os obrigaria quanto antes a apresentar-se em Lisboa para salvação das suas propriedades. Deste modo se collocaram os miguelistas no mais terrivel dilema; porque ausentes de Lisboa tinham os seus predios urbanos sequestrados pelo governo de D. Pedro, e fugidos de Santarem, ou das provincias, eram-lhes confiscadas por D. Miguel as suas propriedades rusticas. Entretanto a tempestade politica, contra elles levantada, serenou mais algum tanto da parte dos constitucionaes, que attentas as energicas representações do governo inglez, tiveram de mandar suspender a venda dos bens sequestrados, e permittir a soltura de todos aquelles prêsos, que não tivessem contra si sufficiente prova para se reterem nas cadeias. Effectivamente destes

alguns tinha havido, que arrastados ao Limoeiro pela população, alli se conservavam ainda sem ordem da authoridade competente, e unicamente a pretexto de os salvarem da furia e exasperação dos seus inimigos. Já de tudo isto se vê que o cuidado quasi exclusivo do governo fôra o agenciar partido, e o sustentar a guerra: a vida aventureira, que por causa desta passava, tinham-no desorientado na politica, e o peor era reflectido tambem não pequeno desaire no credito do proprio D. Pedro, que de dia para dia soffria consideravel quebra na opinião publica. Para avisar o regente da conducta injusta dos seus proprios ministros na errada marcha da administração da fazenda, e sobre outros mais pontos, lhe dirigio o conde da Taipa uma carta, em que lhe procurou demonstrar a irregularidade, com que o contracto do tabaco fôra dado ao conde de Farrobo pelo baixo preço de 1:200 contos de réis annuaes, durante o longo praso de doze annos, havendo em Lisboa quem offerecesse 1:400. Nesta mesma queixa involvêo igualmente o author da carta a grande injustiça de se obrigarem os antigos contractadores a entrarem sem perda de tempo no thesouro, sob pena de sequestro em tabacos, machinas, e utensilios, com a avultada quantia de 508 contos de réis, total das sommas devidas, segundo a respectiva liquidação, no caso de estar livre o commercio do continente do reino e ilhas adjacentes. « Nem « nestas medidas, acrescentava mais o conde da Taipa, existe « o *summum jus, summa injuria*, porque quem póde exigir « direito, sem cumprir deveres? Se elles devem pagar, o « governo deve-lhes apresentar desembaraçados os meios de « praticar a industria, que emprehenderam, e esses meios « não estão desembaraçados pela occupação das tropas re- « beldes. » O proprio ministro inglez trabalhou tambem para se modificar semelhante medida; mas nem por elle, nem pela carta do conde da Taipa se alcançou o que se tinha em vista. Entretanto as accusações levantadas sobre este ponto fizeram tão pouca impressão no publico, que até o proprio governo, tendo captiva a imprensa, pela censura previa, que ainda em fins de novembro lhe impozera, publicou

no seu periodico official a integra da carta em questão. A verdade era que quando em novembro de 1832 os constitucionaes no Porto se achavam abandonados por todos, e em perigo de perderem na primavera do anno seguinte a sua esquadra, por falta de pagamento ás tripulações inglezas, que a guarneciam, e sem recurso algum para o effeituarem, o conde de Farrobo, além dos avultados soccorros, que lhes mandou, não teve nessa occasião um só concorrente, que como elle se quizesse abalançar aos grandes riscos, não só do seu lanço, mas dos importantes adiantamentos, que sobre elle fez, no valor total de 65:000 libras sterlinas, com as quaes se poderam pagar os atrazados da esquadra, e conserva-la ao serviço da rainha: se depois do perigo passado houve quem offerecesse mais, as circumstancias eram já outras, os adiantamentos tinham-se feito e consummido, sem que o governo os podesse embolsar ao seu credor, quando isso lhe fosse licito, pois a boa fé dos contractos exigia em tal caso que estes se mantivessem na sua integridade. Quanto ás suppostas violencias contra os antigos contractadores do tabaco, a exageração tambem não figurava pouco neste ponto: estes contractadores tinham sido o mais poderoso auxiliar da usurpação, e como taes sobrecarregavam com o odio de toda a gente. Mas pondo ainda de parte esta circumstancia, elles tinham feito a portas fechadas o seu contracto com o governo usurpador, já entre as agitações da guerra civil, e o seu lanço devêra por conseguinte resentir-se dos riscos e incertezas da luta, que se pelejava. Elles contavam sem duvida com o decidido triumpho da causa, que abraçaram; mas o seu engano nesta parte não os dispensava do cumprimento dos deveres, que ainda no caso de precalso sobre si tomaram: quem joga a sua fortuna em tão difficeis conjuncturas, tanto se aventura aos ganhos, como se expõe ás perdas. Contractar com um dos partidos contendores, e darlhe quanto podiam, deixando as reclamações para o outro partido, era passo demasiadamente arriscado para solução favoravel, e com a qual certamente não deviam contar. Esta energia do governo, no meio do consideravel apuro,

em que se achava collocado, valêo-lhe o embolso, que os mesmos contractadores lhe fizeram de 479 contos, embolso de que depois lhes resultou entrarem na sua respectiva administração, cessando em tal caso de funccionarem as commissões administrativas, que o mesmo governo lhes havia nomeado para Lisboa e para o Porto. Á vista desta energia, os antigos contractadores, pondo desculpas e allegações de parte, vieram a satisfazer a final toda a importancia da sua respectiva liquidação, e a saldar definitivamente as suas contas com a fazenda publica.

Entretanto a entrada dos constitucionaes em Lisboa marca, e marcará sempre nos fastos da historia portugueza, o comêço de uma calamitosa época, sem duvida a mais desastrosa e funesta para a administração da sua fazenda publica. A extincção dos dizimos, a suppressão de alguns outros tributos, e a impossivel cobrança dos não abolidos, limitado como apenas se achava o governo a Lisboa e ao Porto, e além destas duas cidades a uma pequena porção da Estremadura, tinham certamente collocado o thesouro em consideravel desfalque dos rendimentos publicos. Por outro lado a immensa clientella do governo para pouco mais lhe servia do que para lhe devorar a substancia, e todavia para fazer partido, e para o generalisar na massa do povo, quiz adular este, não lhe exigindo tributos, e tornar mais fieis os seus clientes, promovendo-lhes quanto possivel era os seus interesses, garantindo-lhes indemnisações, e decretando-lhes avultados ordenados. Eis-aqui pois as duas principaes fontes de penuria para o governo, mas de maior desgraça ainda para o paiz, pelas calamidades por que o tem feito passar, e pela miseria, que as repetidas reformas lhe tem successivamente trazido, e crises revolucionarias, de que tem sido victima. Os anteriores emprestimos estrangeiros, os levantados nos Açôres, no Porto, e ultimamente em Lisboa, não fallando nos dinheiros entrados nos cofres publicos por differentes origens, tinham-se de todo exhaurido com as incessantes despezas do exercito, da armada, e repartições civis e militares. O antigo erario, ainda que extincto, reduzira-se a

uma meza de liquidação, fazendo-se abrir uma conta nova, a começar do 1.º de agosto de 1833, no recente tribunal do thesouro publico, onde foram successivamente entrando os saldos das antigas contas, ao passo que iam sendo liquidadas. Destes, e dos mais empregados das repartições extinctas, se provêo á sua subsistencia para não morrerem á mingua [1]; mas esta salutar medida, ainda que adulterada pelo arbitrio dos soccorros prestados a quem bem aprouve, e com a quantia que bem parecêo ao governo, retirando-se aos que por si não tinham recommendação bastante forte para alcançar a mesma graça, foi todavia uma fonte mais de consideravel despeza publica. Os vencimentos dos empregados civis e militares tinham-se mandado pagar por inteiro [2]. Justo era que tão aprimorados esforços, e diuturnas privações do exercito, e o rigoroso desempenho dos deveres dos empregados publicos, fossem recompensados ao menos com a remuneração pecuniaria, determinada para o seu trabalho; mas a imperiosa lei da necessidade, filha das privações do thesouro, não permittia ainda augmento maior que o da metade dos seus respectivos vencimentos, e tudo quanto d'aqui passou foi falta de attenção no governo, e foi levantar graciosamente as difficuldades pecuniarias, com que andava a braços. Estas verbas de despeza, sobrecarregadas igualmente com a dos hospitaes militares e civis, para onde se tinham mandado tambem os feridos, pela insufficiencia dos primeiros, reunida com a das viuvas e orfãs, que recebiam montepio, e a quem aliás se não pagava havia mais de seis annos [3], e finalmente com a das antigas pensões, em que umas familias se contemplaram, excluindo outras, difficultaram cada vez mais os apuros do thesouro, ainda tão inefficaz para qualquer administração, que adoptasse a mais restricta economia, que por si só não bastava em circumstancias tão graves, quanto mais despendendo-se á larga, sem consideração ao miseravel estado dos cofres publicos. A tudo isto se

[1] Decretos de 8 de agosto de 1833 e 16 de janeiro de 1834.
[2] Decreto de 8 de setembro de 1833.
[3] Desde 1 de abril de 1827 até 31 de julho de 1833.

veio ainda juntar a satisfação de antigos creditos, particularmente os do tempo do cêrco do Porto, que não podendo ser pagos a dinheiro de contado pela prolongação da guerra, foram satisfeitos por meio de titulos admissiveis em metade dos direitos das alfandegas; mas este meio servio apenas para demorar ou espaçar o prompto pagamento, que nem por isso deixou de auferir pela sua parte os recursos do governo, pesando sobre os cofres publicos, e produzindo-lhes desde logo uma consideravel quebra na totalidade dos seus respectivos rendimentos.

Foi assim que o proprio governo chamou sobre si difficuldades sobre difficuldades: elle queria pór força viver, e da maneira que bem lhe parecia; mas não tinha de que. No meio deste apuro mandava o bom senso, que se creasse a receita compativel com as forças dos contribuintes, e se restringissem as despezas ao absolutamente indispensavel, conservando quanto possivel no mesmo pé o proprio juro da divida publica, pelo firme proposito de não augmentar sem grandissima urgencia os encargos do Estado com novos emprestimos; mas este meio, fazendo descontentes, prejudicava as idéas de agenciar partido, e o systema de taes emprestimos parecêo em tal caso mais adequado aos fins, que se tinha em vista. Todavia na falta de concorrentes para o emprestimo de oitocentos contos de réis, que na capital se tinha aberto, falta occasionada pelos emprestimos forçados do usurpador, e pelos funestos effeitos da guerra civil do paiz, era evidente que nenhum dinheiro se poderia alcançar dos commerciantes e capitalistas de Lisboa, sem animo, nem forças para no meio de taes circumstancias entrarem no arriscado jogo dos seus fundos com o governo. Arrastados assim pelo golfo da despeza crescente, e mettidos na mingua dos rendimentos publicos, e dominados igualmente pelos desejos de se quererem pagar de prompto, e aos seus proprios clientes e amigos, os ministros voltaram-se então para o paiz estrangeiro, onde continuaram na sua marcha de levantar emprestimos sobre emprestimos, sacrificando a esta pratica toda a idéa de publica prosperidade, e de interesse material deste

reino. Nestes termos appareceo o decreto e instrucções de 16 de agosto de 1833, que authorisavam o hespanhol J. A. y Mendizabal a negociar um novo emprestimo de £ 300:000 para com ellas se capitalisar a importancia dos juros vencidos do emprestimo de 1823, e diligenciar entrar em negociações sobre a reducção dos juros do de £ 2.000:000, contrahido em 23 de setembro de 1831, por terem sido muito onerosas as suas condições. Apezar dos subidos elogios, com que o ministro da fazenda quiz honrar nos documentos publicos, (e os de caracter mais official), a pessoa do agente, que commissionára para semelhante emprestimo, vê-se que elle, em vez de se limitar á sua stricta obrigação, transcursou totalmente do que lhe impunham as suas instrucções, tomando sobre si a officiosa negociação de contrahir em 14 de setembro um avultado emprestimo de £ 2.000:000, com desprezo da reducção do juro, que se lhe commettêra, sendo este aliás o principal objecto da sua missão, desculpando-se com a allegação de que, *vistos os embaraços achados no mercado de Londres, entendêra que era prudente tomar uma medida em ponto grande para o governo ter sempre dinheiro sufficiente á sua disposição, a fim de occorrer á despeza, que tivesse a fazer*. E todavia em vez de se reprovar a irregular conducta de tão máo agente, e annullar-se-lhe ao primeiro annuncio semelhante emprestimo, foi esta mesma irregularidade de conducta a que dêo causa aos já citados elogios, approvando-se semelhante emprestimo por decreto de 5 de novembro de 1833. É fóra do meu proposito entrar aqui na miuda analyse das irregularidades, ou mais propriamente delapidações da fazenda, observadas em tão ruinosa operação: a este respeito reporto-me aos escriptos do tempo, tendo sómente a dizer pela minha parte, que semelhante emprestimo foi contrahido ao juro de 5 % ao anno, com a commissão de 2 $\frac{1}{2}$, sem amortisação fixa, mas de 1 % para a emissão, que se fosse fazendo. Deste emprestimo apenas recebêo o governo o producto liquido de £ 1.396:756»15 s [1].

[1] Veja o exame feito pelo conselheiro Luiz José Ribeiro ao relatorio,

Para cabal conhecimento do publico, e ministrar alguns dados para a famosa historia dos nossos emprestimos, não me posso dispensar de mencionar aqui a seguinte circumstancia. A pratica entre as outras nações, quando alguma dellas pretendia levantar um emprestimo na praça de Londres, era ajustar-se com o respectivo banqueiro pelo preço que podia, e lhe convinha. Pela sua parte o banqueiro, dando todo, ou parte do dinheiro ajustado, e obrigando-se ao resto nos prasos convencionados, quando não satisfazia logo toda a quantia ajustada, punha os *bonds* na praça por sua propria conta, sujeitando-se assim ás eventualidades do mercado com a sua transacção. Era o mesmo banqueiro quem assignava os *bonds*, para tomar sobre si a responsabilidade primaria da satisfação dos juros, ficando a segunda para o governo, que contractava por meio de uma letra, passada á mão do banqueiro, e assignada pelo embaixador respectivo. Nos nossos emprestimos porém adoptou-se outra marcha: querendo o governo um emprestimo, o seu chamado agente corria á porta do banqueiro a convida-lo para a transacção, e com elle se entendia sobre o preço da sua especial agencia, que o banqueiro lhe pagava por uns tantos por cento, além da commissão permittida pelo governo sobre o total nominal, que por essa causa a recebia de menos na quantia, que se lhe entregava. Consistia aquella agencia em assignar os *bonds* como testemunha, não valendo para mais nada o nome de tal agente, por falta de sufficiente garantia para a transacção, que só a recebia com a assignatura do embaixador portuguez, que por ella chamava sobre o seu governo a responsabilidade do pagamento do capital e juros. Finda a assignatura, o banqueiro só ficava com uma pequena parte dos respectivos *bonds* pelo preço que tinha ajustado, em quanto que o resto delles, ou a maior parte, era posta na praça por conta do governo, que assim se sujeitava ás eventua-

que o ministro da fazenda apresentára ás côrtes em agosto de 1834, e mais particularmente o relatorio e documentos da commissão, incumbida de tomar conhecimento do estado da divida externa consolidada, impresso, aquelle em 1835, e este em 1839.

lidades do mercado, sem que o banqueiro corresse mais risco do que aquelle, que lhe podia occasionar a porção de *bonds* com que ficára. Eis-aqui pois as duas principaes origens da consideravel perda, que todos os nossos emprestimos tiveram desde o primeiro momento, em que se contrahiram, e de que aliás se podia bem prescindir, particularmente quanto á commissão, que tão sem proveito se dava ao chamado agente, que tractava da transacção. Por conseguinte póde já tirar-se por corolario do que fica exposto, que os ministros de D. Pedro, mal aconselhados em politica, obraram imprudentemente nas finanças; que em vista dos seus desacertos não lhes era possivel ganhar terreno sobre os seus adversarios, por verem na sua marcha a inevitavel e completa ruina do paiz. Deste modo se esfriou o espirito patriotico de muitos cidadãos honestos, e sinceramente liberaes, conhecendo o mallogro das suas esperanças, quanto á justiça e rectidão, que cuidavam achar no governo constitucional; e assim se dêo armas ao partido da Opposição, que tornando odiado cada vez mais o governo, energica e victoriosamente o combatia, levando já comsigo no vigor dos seus ataques a simpathia de muitos, que deixando a sua habitual indifferença, viam tão mal empregada a magnitude dos sacrificios feitos. Este governo pois, desdenhado por aquelles mesmos, que na boa fé simpathisavam com os principios da monarchia moderada, principios de que elle se dizia sustentaculo, achou-se a final condemnado por todos, exceptuando os da sua clientella, na má applicação, que na pratica fazia de semelhante doutrina, e não menos na sua estranhavel gerencia financeira.

Por este tempo a maior parte da espectação publica era ainda fortemente attrahida pelo estado da crua guerra, que se observava entre os dois partidos, constitucional e realista. O maior numero, ou o estado da força physica do paiz, inquestionavelmente pertencia ainda ao partido de D. Miguel, de modo que, á excepção de Lisboa, do Porto, Palmella, Setubal, Peniche, Lagos, Faro, e Olhão, com a parte da Estremadura, que vae até Santarem, todo o mais resto do

reino muito do coração abraçava, e ardentemente defendia a causa da usurpação. Entretanto os seus recursos tinham-se-lhe já exhaurido, e mal pagos os seus soldados, a nudez e a fome das suas tropas quotidianamente esfriavam nellas quanto era possivel o fervor e a devoção, com que tão pertinazmente tinham até então combatido; mas isto não quer dizer que o afferro dos soldados realistas para com o infante não fosse ainda extremo. Em quanto as forças regulares dos constitucionaes em frente de Santarem se calculavam em 12:000 homens, as de Peniche em 500, as do Algarve em 1:200, e as do Porto em 3:000; as forças miguelistas de Salvaterra, Santarem, e suas immediações, reputavam-se em 12 a 13:000 homens; as que tinham ao Norte de observação ao Porto em 7:000; em Coimbra, Figueira, e Leiria 3:000, e em differentes outros logares 3:000. O recrutamento miguelista progredia com toda a actividade e bom exito, e posto que pequeno fosse, contrabalançava por certo as perdas, que o seu exercito experimentava pelas deserções. Pela sua parte Saldanha não dava esperanças algumas de poder atacar Santarem, nem esta posição era para tão facil ataque. No Porto nada se podia fazer; em Peniche e Setubal pela mesma fórma; e no Algarve os guerrilhas, que estavam em campo, e os que successivamente se iam organisando, davam muitas esperanças de mal se poderem segurar Faro, Lagos, e Olhão. Por conseguinte nem um, nem outro partido estavam em estado de poderem decididamente obrar na offensiva. D. Pedro tinha pela sua parte enormes estabelecimentos a manter; um exercito, uma armada, e todas as repartições publicas a custear. Apezar das suas victorias, os repetidos emprestimos, que contrahira dentro e fóra do paiz, tinham-lhe feito perder consideravelmente o credito: em Londres o enthusiasmo pela sua causa esfriára bastante pela continuação da guerra, e em Lisboa não podia alcançar provisões sem prompto pagamento, e todos os seus fornecimentos eram por conseguinte feitos com dinheiro á vista.

Entretanto a força moral, que tamanho realce dá á

força physica, não podia deixar de estar consideravelmente decahida no exercito de D. Miguel, e posto que os seus defensores estivessem fortemente votados aos ultimos extremos pela sua causa, todavia as suas convicções achavam-se extremamente abaladas pela desconfiança, d'onde vinha o estado de abatimento, que inevitavelmente determina a idéa de vencidos. No meio da politica adversa, que lhes apresentava já o gabinete de Madrid, os miguelistas, ainda que abrigados a uma posição tão forte, como a de Santarem, viam-se não obstante em consideraveis sobresaltos, e entregues aos mais serios cuidados sobre o seu futuro. Saldanha, commandante em chefe do exercito constitucional em frente de Santarem, e que os observava de perto desde o Valle até á Azambujeira, posto lhe não fosse dado fazer um só movimento, com que descobrisse Lisboa, nem podesse levar de assalto a posição inimiga, tinha todavia uma melhor prespectiva para a sua causa, e ufano pelas suas victorias, não só observava attento os miguelistas pelo lado do Cartaxo, mas até seriamente os ameaçava sobre o seu flanco direito pelo lado de Alcobaça, manifestando vivos desejos de alcançar Leiria, e de lhes sublevar quanto possivel os povos, tanto por aquelle lado, como pelo Norte do reino. Em Villa-Franca achava-se estacionado um brigue de guerra, e uma canhoneira nas proximidades de Villa Nova; mas D. Pedro tinha sido descuidado em não tomar Salvaterra, que os realistas occuparam promptamente, para conservarem livres as suas communicações com o Sul, descuido em que lord Wellington não cahira na guerra peninsular, embaraçando sempre aos francezes a sua passagem para o Alemtejo, quando em 1811 se foram igualmente abrigar em Santarem. Era assim que a guerra ameaçava protrahir-se ainda por largo espaço, porque em fim D. Miguel estava resolvido a mostrar tanta pertinacia na sua adversidade, quanta fôra a heroicidade da defeza, que em muito peor estado de circumstancias haviam apresentado no Porto os partidistas de seu irmão. No meio de tantos obstaculos o general Macdonell, aproveitando-se da inactividade do general Saldanha, applicava-se

a elevar o seu exercito de Santarem a 15:000 combatentes, e procurando restabelecer nelle a ordem e a disciplina, cousa que necessariamente lhe devia demorar as suas operações de campanha, era entre os seus mesmos disvellos acremente censurado por muitos dos seus proprios officiaes, que o criminavam de inactivo, o que certamente não admira, porque em fim é na desgraça que os soffrimentos se apuram, e a impaciencia encontra sempre motivos de censura, onde algumas vezes só acharia causa para deferir louvores. No auge das mais difficeis circumstancias nunca falta quem queira caprichar de avisado, ou para mostrar superioridade de intelligencia, ou para fazer sentir os seus bons desejos em evitar os males de que cada um é ameaçado, d'onde resulta aggravarem-se de ordinario muito mais semelhantes difficuldades pela multiplicidade de censores, que em vista das suas queixas cada vez mais enfraquecem a acção dos governantes pela mutua desconfiança e indocilidade, que nos governados promovem. Como quer que seja, foi por esta occasião que muitos e diversos planos se apresentaram ao general miguelista, que depois da discussão de cada um delles achava sempre maior motivo de preferencia para os que elle proprio meditava fazer, e a seu tempo esperava poder levar a effeito. Macdonell queria por conseguinte ganhar tempo para refazer o seu exercito, e fortificar por todo o modo possivel a sua posição de Santarem, e como por outro lado fosse voz constante entre os miguelistas, que uma grande porção de diamantes da rainha D. Carlota Joaquina, calculada em muitos milhões de cruzados, tinha sido entregue ao capitão Elliot para a compra e arranjos de uma esquadra, bastantemente forte para lutar com a constitucional, esquadra de que todavia não chegava noticia, e nem mesmo do inglez, a quem se confiára o riquissimo thesouro, com que se devia comprar, o proprio Macdonell via-se em tal caso obrigado a ir sempre espaçando o tempo, e a esperar que a tão desejada esquadra apparecesse á embocadura do Tejo, para com o seu auxilio poder adequadamente operar. Seria desculpa; mas esta era com effeito a razão, que os seus defen-

sores apresentavam no publico. Cuidava elle que, deixando em tempo opportuno na villa de Santarem uma divisão de 5:000 homens, não lhe seria difficil fazer com 10:000 disponiveis, e com viveres para cinco dias, uma marcha rapida sobre Lisboa, torneando para esse fim a direita do exercito constitucional; mas as suas forças nunca poderam chegar ao estado effectivo, a que as projectava levar, ao passo que a concentração de tão crescido numero de tropas em Santarem fez alli apparecer em breve uma terrivel molestia tiphoide, que no curto espaço de tres mezes lhe arrebatou talvez 5:000 soldados, e mais de 300 officiaes[1]. Todos estes contratempos, aggravados em alto grão pela estação invernosa, que obrigava as mesmas tropas a tomarem quarteis, e a paralisarem as suas operações militares, reunidos com o progresso e vantagem das armas constitucionaes, e não menos com as intrigas e mutuas desintelligencias, que entre os proprios miguelistas se levantaram, reduziam á inacção o seu exercito, com grave quebra do credito e reputação do general Macdonell, que em taes circumstancias não podia escapar á sorte do seu antecessor, o marechal Bourmont. Deste modo se achavam os dois exercitos em frente um do outro durante o inverno de 1833 para 1834, occupando pouco mais ou menos as mesmas posições, que em 1811 tinham tomado as forças de lord Wellington, e e as do marechal Massena.

Cheios de esperanças, e dominados já pelo arrojo, que produz a consciencia de uma antecipada victoria, os constitucionaes premeditavam novas diversões sobre o Alemtejo e Algarve, d'onde a actividade do general Lemos, que governava a primeira destas duas provincias, fazia remetter para Santarem todos os possiveis reforços, e particularmente os generos destinados á subsistencia do seu exercito. As forças de Lemos, depois de terem promptamente abandonado Alcacer, e tomado a estrada do Torrão, parecendo seguir para Evora, voltaram todavia sobre os seus proprios passos no dia 3 de novembro, e posto que os constitucionaes tivessem

[1] Saint Pardoux, *Campanhas de Portugal.*

já então algumas fortificações em Alcacer, indo formar-se n'uma planicie debaixo do commando do coronel Florencio José da Silva, que tão pouca attenção prestára ao terreno coberto, que tinha nos seus flancos, alli experimentaram um dos maiores revezes, por que as suas armas passaram durante toda a luta civil. A força miguelista, muito superior á constitucional, particularmente em cavallaria, acommettendo os seus contrarios de frente e de flanco, brevemente os pôz em completa debandada, obrigando-os a procurar na fuga a sua salvação, á sombra do terror, que entre elles espalharam três esquadrões de cavallaria inimiga. Esta fuga teve logar para os pantanos, que alli apresenta o Sado, e recrescendo a traz della a confusão, aquella mesma cavallaria pôde a seu salvo correr então em todas as direcções, acutilando os fugidos. Alguns destes, alcançando as lanchas da fragata D. Maria 2.ª, que para Setubal se tinha mandado, comsigo as levaram pelo rio abaixo, ficando depois a marinja, que as guarnecia, exposta a ser quasi de todo aniquilada pelos vencedores, por se ter empenhado igualmente no combate de terra. Os poucos soldados, que ou se escaparam nas lanchas, ou se salvaram a nado, foram levar a Setubal a triste noticia da sua vergonhosa derrota, em que houve a perda de 436 homens, entre mortos, feridos, e prisioneiros, além de grande numero de armas e munições de guerra, que ficaram em poder dos realistas, que tiveram a barbaridade de assassinar muitos dos prisioneiros, entregues aos guerrilhas pelo general Lemos [1], que por esta victoria teve a sua promoção a tenente general, com a remuneração de uma commenda da ordem de Christo. Com este infeliz successo de Alcacer mais algum animo cobraram os miguelistas, que exagerando a perda dos constitucionaes, e afeiando quanto era possivel os seus resultados, não tiveram todavia coragem para perseguir os fugidos até Setubal, sendo aliás

[1] Pelo desar desta derrota respondêo a conselho de guerra o commandante das forças constitucionaes; mas se o dito conselho o absolvêo da culpa, a opinião publica é que ainda até hoje o não dêo por justificado dos seus descuidos.

este o ponto, em que mais attentos haviam posto os olhos, e onde com effeito lhes não era difficil entrar d'envolta com os derrotados, que pelo seu terror quasi desalentaram todos os da guarnição, que alli havia. Desde este momento a villa de Setubal foi mais seriamente reforçada, tanto pela gente, que se retirára de Sines, como por uns 200 belgas, chegados recentemente a Lisboa, d'onde debaixo das ordens do almirante Napier sahiram para restabelecer a ordem e a confiança entre os defensores daquella villa. Com este se reunio igualmente o desastre da Barroca d'Alva, onde o ajudante de campo do proprio Macdonell, o major Kervenó, pôde fazer 30 prisioneiros, no dia 11 de novembro, sobre um corpo destacado de Lisboa, que pretendia entrar no Alemtejo. Deste modo continuou esta provincia a ficar em poder do inimigo, que communicando della livremente com Santarem por Salvaterra, observava de mais a mais Lisboa por Aldeagallega, e estendia as suas avançadas até perto de Setubal.

Pelo Norte, e em frente do Porto, a guerra ameaçava ser de tão longa duração, como se observava em frente de Santarem, e nas duas provincias ao Sul do Tejo. O Porto, cuja defeza tão seriamente occupára as vistas e a attenção do governo, em quanto não alcançou Lisboa, pouco cuidado parecia agora offerecer-lhe, pelas continuas remessas de gente, que de lá lhe vieram para a capital, para Peniche, e ultimamente para as praias da Nazareth, onde com effeito chegaram a bordo do vapor *Superb* uns 900 homens, desembarcando alli a salvamento em principios de novembro, o que não foi pequena fortuna na estação invernosa do anno, podendo por conseguinte entrar em operações por aquella parte da Estremadura de combinação com o exercito, que cercava Santarem. Este passo era com effeito muito vantajoso para qualquer empreza, que quizesse tentar o general Saldanha; mas o velho general Stubbs, a quem aliás se ensinuava para o Porto que entrasse em operações de guerra offensiva, mal se podia manter na defensiva, tendo apenas por si uns 3:000 homens disponiveis de tropa regular para

poder sahir a campo, ainda que a guarnição daquella cidade se podesse reputar em 10:000, dos quaes a maior parte eram voluntarios. Este successivo desfalque das tropas do Porto dêo asos ao general d'Almer, que alli tinha ficado de observação por parte de D. Miguel, para seriamente ameaçar aquella cidade, e em volta della tinha tão habil e vantajosamente estabelecido as suas linhas, que sem difficuldade alguma recebia informações do mais pequeno movimento dos constitucionaes. Estabelecido o seu quartel general em Santo Thyrso, a sua direita apoiava-se no rio Ave, ao passo que a sua esquerda, passando por Balthar, vinha apoiar-se em Arnellas, sobre o Douro. Os seus postos avançados occupavam a serra da Agrella pela sua direita, estendendo-se pela sua esquerda até Vallongo, além de uma brigada, que tinha de observação á margem esquerda do Douro. Por este modo pôde o conde d'Almer, não sómente frustrar as projectadas sortidas do general Stubbs, mas estabelecer até um systema d'alfandegas, com que extorquia repetidas quantias aos paizanos, que traziam generos ao Porto, ou desta cidade os levavam para as provincias. Semelhantes extorsões eram de ordinario praticadas pelos commandantes dos destacamentos, que vigiavam as avenidas e atalhos, por onde passavam os almocreves e recoveiros, que nas respectivas estações tinham a pagar a importancia de uma licença, sem a qual não podiam transitar livremente. Tão grandes foram as violencias por esta fórma praticadas, que o proprio padre Alvito Buela contra ellas clamou em varios dos seus impressos, contribuindo assim mais para o total descredito da causa da usurpação. Neste apuro de circumstancias, e attentos os avisos, que de Lisboa tinha recebido, resolvêo o general Stubbs fazer no dia 5 de novembro uma sortida sobre S. Mamede da Infesta, com uma columna de 2:000 infantes, e dois esquadrões de cavallaria, entrando 50 lanceiros. D'Almer, estando preparado para receber o seu contrario, não só o repellio de frente, mas até o ameaçou de flanco, obrigando-o a ganhar o Porto com mais pressa do que desejára. Desde então o general realista não só ameaçou o Porto pelo lado do Norte,

vindo no dia 20 de novembro até ao districto da Maia, d'onde levou algum gado, e tres officiaes do batalhão provisorio daquelle mesmo districto, mas chegou até no dia 22 a vir pelo Sul do Douro com uma força desde Souto Redondo até aos Carvalhos, d'onde todavia teve de retirar em presença da gente que lhe sahira do Porto. No dia 26 ainda Stubbs tentou outra sortida, mandando alguma força pela estrada de S. Cosme sobre Carvoeiro, e outra na direcção de Vallongo, sem mais resultado de que afugentar uns guerrilhas, que se pozeram em retirada, logo que as vigias, que tinham em Arnellas, lhes deram signal para isso, disparando algumas armas, e tocando o sino da igreja.

A posição de Stubbs no Porto tornou-se realmente critica, não só pelo mal succedido das suas operações, mas pela sua pouca actividade e energia no governo, que lhe fôra confiado. O inimigo tinha perfeitamente conhecido o melindre da situação de Stubbs, a quem mais decididamente, e com mais vantagem atacaria talvez, senão fosse desfalcado de uma brigada, que de Coimbra fôra chamada ás immediações de Santarem para guarnecer Pernes. Esta povoação fôra entrada pelos constitucionaes em 11 de novembro, cujas tropas, destruidos os moinhos e o açude, que forneciam de farinhas o exercito de D. Miguel, d'alli retiraram depois, por lhes ficar tal ponto longe das suas linhas; mas para os realistas era de grande importancia a sua conservação, por lhes facilitar o fornecimento do seu exercito, e lhes auxiliar igualmente as suas communicações com Leiria. Desde então o ministerio cuidou em substituir Stubbs, convidando para commandante das tropas do Porto o duque da Terceira, que todavia se recusou ao convite, sendo em tal caso necessario tirar do commando da torre de Belem, para se dirigir áquella cidade, o velho general Torres, ou barão do Pico do Celleiro, que depois foi visconde da Serra do Pilar. Protegido como era Stubbs no mais alto gráo pelo general Saldanha, a quem aliás muito se fugia de descontentar, pelo seu grande prestigio entre a Opposição, o governo só muito de rodeio procurou demittir o mesmo Stubbs, levando Torres a

exigir delle por seu arbitrio a entrega do commando das tropas do Porto, a que elle todavia se recusou, em quanto para esse fim não recebêo ordem expressa, que a final se lhe expedio, dando-se-lhe com a exoneração o titulo de barão de Villa Nova de Gaia, e mais tarde o de visconde do mesmo titulo. Desde este momento a substituição de Stubbs foi tomada pela Opposição na mais dura represalia, accusada de manobra de partido, e destinada a tirar do Porto, antes do acto das eleições, um inimigo politico, que naquella cidade tinha uma decidida influencia. Entretanto certo é que Stubbs, ou pelos seus annos e padecimentos, ou pela indole pacifica do seu genio, era tão pouco para temer como inimigo politico, quanto era de pouca monta o respeito, que durante o seu governo no Porto havia imposto aos miguelistas. A substituição de Stubbs teve mais nobre fundamento, dando-lhe mais particularmente logar a magoa, que entre os constitucionaes produzira o funesto recontro do dia 1 de dezembro, quando duas columnas de realistas se aproximaram do Porto pelo lado do Norte, e estrada de Rio Tinto. Uma força constitucional, protegida pela artilheria das suas linhas, sahio ao encontro do inimigo na baixa da Areosa, junto do Porto; mas sendo carregada pela cavallaria do general d'Almer, teve de retirar com a perda de 31 homens fóra de combate, entre os quaes se contára mortalmente ferido o bravo e distincto coronel de infanteria n.º 10, José Joaquim Pacheco, que tendo sido conduzido para a cidade debaixo de um vivissimo fogo dos miguelistas até á distancia de trezentos passos, onde se achava a primeira tropa constitucional, expirou pelas nove horas da noite do seguinte dia, (2 de dezembro), lamentado com o maior sentimento por todo o Exercito Libertador, de quem fôra um dos seus mais notaveis ornamentos, e mais particularmente lamentado ainda pelos moradores e guarnição do Porto, onde o dia do seu enterro em 3 de dezembro foi o de um verdadeiro luto nacional. Pacheco fôra militarmente educado, se assim se póde dizer, pelo celebre brigadeiro Claudino, servindo constantemente no seu regimento desde cadete até capitão, pa-

tente em que veio de Montevidêo na divisão de voluntarios reaes. Na guerra civil de 1826, sendo major de infanteria n.º 23, Pacheco adquirira bastante renome, por livrar de uma completa derrota a força constitucional, que, debaixo das ordens do irresoluto e frouxo coronel Zagallo, se achava postada na ponte de Mizarella [1]. Estes serviços, reunidos com os que praticára nos Açores, e ultimamente depois da sua chegada ao Porto, tinham grangeado a Pacheco uma das maiores reputações militares. Apezar disso elle mostrou-se sempre no campo muito melhor commandante de corpo, do que fôra chefe de estado maior de Stubbs, qualidade em que Saldanha o deixára ficar junto daquelle general, quando do Douro sahio para Lisboa. Como cidadão, Pacheco era modesto e singelo nos seus costumes, pouco apto para cortezão, parecendo até de difficil accesso no seu trato familiar. Um dos mais conspicuos membros do partido da Opposição, de caracter pausado, de uma razão fria e presistente, o coronel Pacheco, alguns tempos antes do seu ultimo fim, tornára-se cada vez mais sombrio e melancolico, talvez que pela sua apprehensão e desconfiança de que os homens, que rodeavam D. Pedro, não eram os da melhor escolha para a direcção dos negocios publicos. Foi na igreja de Nossa Senhora da Lapa que se depositou o seu cadaver, e os habitantes do Porto lhe honraram a sua memoria, dando o nome delle a uma das praças da cidade.

A impaciencia pela prolongação da guerra cada vez mais se manifestava em todos; mas o inverno, que até este tempo se mostrára benigno, principiava com mais força, tornando por conseguinte ainda mais morosas as operações militares, em razão das chuvas, e do máo estado dos caminhos. O povo desejava pois a terminação da luta, por ser elle quem mais do que as outras classes soffria, posto que resignado, todos os males inseparaveis de tão violento estado de cousas.

[1] Não se deve esquecer que nesta occasião foram prestados por João Nepomuceno de Macedo, mais tarde barão de S. Cosme, serviços de não menor importancia que os de Pacheco, a quem de certo não era inferior em bravura militar.

Apezar disto era no meio dos seus soffrimentos que se não esqueciam de especular os dois grandes partidos, em que os constitucionaes se achavam divididos. Muito tempo se ha de passar antes que o imperio da lei e do bem geral do paiz tenha entre nós mais poder, que o das questões pessoaes, que desgraçadamente tomam sempre differentes nomes para desconcertarem toda a fórma de governo, e a reduzirem sempre aos caprichos dos governantes. A Opposição continuava desapiedadamente a hostilisar o governo, que por ella era tido na conta de prolongar muito de proposito a luta, e tudo isto, segundo se dizia, para não vêr livre o reino, e não affrontar as accusações, que sem duvida tinha de experimentar nas côrtes. A convocação destas, espaçada pelo estado da guerra, em que o paiz se achava, tinha fornecido contra o governo acrimoniosas increpações por parte da Opposição, pela circumstancia de se ordenar que os deputados viessem munidos dos poderes necessarios para decidir, com a do casamento da rainha, a importante questão da regencia do reino, recommendação ociosa, dizia a mesma Opposição, em vista das disposições da Carta Constitucional, e destinada evidentemente a prevenir a decisão dos deputados em favor de D. Pedro. Algumas contrariedades legaes tinha contra si D. Pedro para o seu alto cargo de regente; mas não se tendo podido prescindir da sua pessoa na arriscada empreza da restauração do reino, a que fizera tão relevantes serviços pela sua arrojada perseverança, e magnitude dos seus multiplicados triumphos, era da gratidão nacional deferir-lhe tão importante cargo, não obstante aquellas contrariedades.

Por este tempo o partido anti-ministerial, ou da Opposição, ia desmedidamente crescido, tanto em numero, como na importancia dos membros, que para o seu gremio adquirira. Dos poucos pares nomeados em 1826, e emigrados em 1828 pelos seus principios politicos, quasi todos elles eram contrarios ao ministerio de D. Pedro, talvez que pelas innovações legislativas, a que o ministerio chamava reformas, as quaes, sendo coordenadas sem nexo e vantagem alguma para o paiz, eram-lhes por outro lado algumas dellas con-

trarias aos seus particulares interesses. Possivel é que as classes por ellas prejudicadas entrassem na liga opposicionista pelas idéas dos seus interesses lesados; mas se esta não foi a causa, pelo menos a imprensa do governo accusava fortemente alguns dos individuos daquellas classes, não só de lamentarem, mas até de pretenderem com a sua opposição o restabelecimento dos dizimos, dos fóros, censos, e bens da corôa, e finalmente de aspirarem a que sobre os miguelistas se estendesse o manto da mais ampla clemencia, para com elle augmentarem partido, e abrigarem á sombra delle muitos dos seus proprios parentes e amigos, que como membros da nobreza, tanto tinham trabalhado para o complemento da usurpação. Saldanha, o chefe do estado maior de D. Pedro, era o mais poderoso e temivel inimigo, que contra si tinha o ministerio, pela sua elevada jerarchia, pelo seu eminente logar no exercito, que lhe franqueava o accesso junto do duque de Bragança, pela ousadia, que lhe dava a sua posição, e consciencia dos seus recentes serviços de campanha, pelo consideravel numero dos seus partidistas na classe militar, e finalmente pela popularidade, que desde 1826 lhe tributava por toda a fórma a gente da Opposição, de que elle era por este tempo o chefe, e a quem elle dava extraordinaria força e prestigio, pelas peculiares circumstancias, que o acompanhavam nesta sua especie de omnipotencia politica, com que assoberbava a todos. Palmella, não se podendo conformar com o papel de secundario, que forçosamente havia de fazer, quando abertamente abraçasse a causa da Opposição, nem partilhando as idéas excessivas, que alguns dos seus membros professavam em politica, fazia todavia entre os Liberaes uma especie de terceiro partido, que tambem hostilisava o governo, e lhe não fazia pequeno abalo pela sua reputação de nobreza, pela eminencia dos seus serviços, prestados durante a emigração, pelo seu alto credito de homem d'estado, e bom nome, que tinha na carreira diplomatica. A fama e reputação do duque de Palmella era de grande prestigio entre os nobres, muitos dos quaes movia a seu arbitrio. Nesta opposição commedida ou disfar-

çadà de Palmella tomava igualmente parte um notavel individuo, membro que tambem fôra da regencia da Terceira, José Antonio Guerreiro, a quem a sua alta fama de jurisconsulto, reunida com o excellente logar de deputado, e de ministro da justiça, que em 1826 fizera, e o que acabára de fazer naquélla mesma regencia, que o elevára ao cargo de conselheiro d'estado, davam grande e bem fundado renome entre as pessoas desapaixonadas, e presadoras do merito, sem influencia dos piques de partido. Por tanto, ou fosse que José Antonio Guerreiro se resentisse do injusto abandono, em que fôra posto, desde a chegada de D. Pedro aos Açores, e que elle o attribuisse aos ministros do regente, em quem suppôz tambem tenções de o espionarem, ou fosse por deferencia com o seu antigo collega na regencia, o duque de Palmella, ou fosse finalmente porque na realidade lhe desagradasse a marcha governativa, adoptada pelos mesmos ministros, o que parece mais provavel pela sisudez e caracter de honra de que era dotado, certo era que Guerreiro tambem pela sua parte achava razão nas queixas contra o governo. Ligado igualmente com Palmella e Guerreiro appareceo tambem um outro conselheiro d'estado, o celebre Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato, pessoa de muita fama litteraria, e sobre tudo de muitos creditos na sciencia juridica, e além disso notavel desde as côrtes de 1821 pelos seus discursos de moderação, no meio da exaltação politica daquelle tempo, pelas suas votações do mesmo genero, e finalmente pelo seu logar de ministro do reino em 1826, em que tão infesto se tornára ao regimen da Carta Constitucional. Com estes elementos era pois evidente que além da Opposição popular, de que era chefe Saldanha, e que tendia a um regimen mais liberal do que a Carta, havia igualmente uma Opposição aristocratica, que separada daquella, por sua conta trabalhava tão sómente para a queda do ministerio, a que as suas pretenções se reduziam. Deste modo se achou o governo da restauração n'uma singular e equivoca posição politica, porque não sendo moderado, como provava pelo desmancho de todas as antigas instituições sociaes, e do seu

pouco respeito para com a aristocracia, reformára e destruira muito mais do que ella podia tolerar. Por outro lado, pugnando pela regencia de D. Pedro, e sendo tão submisso e condescendente com elle, quanto se mostrava pelos seus actos, e accusado igualmente de decretar a censura previa [1], quando tanto se precisava de liberdade de imprensa, forçosamente havia de ter contra si o partido popular, que strenua e violentamente cada vez mais o combatia por toda a fórma e maneira possivel.

De tantas accusações, e de tantos inimigos que os ministros tinham contra si levantado, os procurava acaloradamente defender o periodico official do governo, dizendo «que «elles só tinham contra si accusações vagas, desmentidas «triumphalmente pelos seus actos, refutadas pelos seus pre-«cedentes, repellidas pela experiencia, e finalmente não «filhas da boa fé, nem do sincero amor da patria. O mi-«nisterio não pode agradar, nem aos miguelistas, que elle «tem debellado, nem aos que da usurpação querem tudo, «menos o usurpador, nem aos que com a mascara do puri-«tanismo só miram aos empregos, e ao seu interesse: cha-«mam-lhe jacobino os miguelistas, e os moderados; cha-«mam-lhe miguelista os puritanos. Differentes e repetidas «medidas do governo attestam o seu illustrado zêlo pelo «bem publico: exigir que tudo se faça de repente é de-«mencia ou má fé. O credito nacional tem melhorado; pa-«ga-se a quem serve, e ha de pagar-se a quem se dever: «um systema geral de administração mais perfeito está or-«ganisado, e já parte em andamento; mas para poder oc-«correr a tudo faltam ainda recursos, e braços principal-«mente, que estão occupados na luta contra a usurpação. «Entretanto deve attender-se que com os mingoados recur-«sos de uma terça parte do reino, que se achou assolado, «com um diminuto emprestimo apenas, para o qual imme-«diata e espontaneamente concorreram ao par os capitalis-«tas de Lisboa, tem o governo sustentado um luzido e nu-

[1] Decreto de 21 de novembro.

« meroso exercito, mandado pagar os soldos por inteiro,
« abrir pagamentos aos reformados, e aos credores do mon-
« te-pio, satisfazer os empregados civis, soccorrer os estabe-
« lecimentos de piedade, manter os presos, e rejeitar até
« com heroica dignidade, fazendo-os restituir a seus donos,
« os dinheiros que se achavam nos cofres de algumas terras,
« arrecadados pelo governo transacto, em virtude do tributo
« imposto sobre as janellas. Tudo isto são factos, e qualquer
« cousa que depois delles se queira dizer é menos do que
« elles dizem: bem desejavamos nós que todos devidamente
« os pesassem, para acabarem de uma vez entre nós os de-
« clamadores. Congratulem-se pois os amigos da patria, e os
« cegos olhem, e vejam. » Todavia eram estas mesmas alle-
gações de credito as que tinham reduzido o governo ao
consideravel apuro de meios em que se via, porque estan-
cadas, como estavam, todas as fontes de receita publica, a
continuação da guerra o obrigava por outro lado a extraor-
dinarios e multiplicados esforços para aprromptar fundos, no
meio das mais crescidas difficuldades. Com a obrigação de
satisfazer os juros da divida externa e interna, vinha a ne-
cessidade de fazer face ás enormes despezas do fornecimento
e municiamento do exercito, do recrutamento nacional e
estrangeiro, sendo este ultimo o que, além das despezas
de avanço, que se dava aos soldados no acto do seu alis-
tamento, exigia igualmente consideraveis sommas para o
seu transporte e fardamento, não fallando nos pesados sa-
crificios, que igualmente demandava a compra de mais
cavallos, e dos respectivos arreios. Foi por esta occasião
que o governo denegou [1] o curso legal aos soberanos, e
patacas hespanholas e brasileiras, medida de que a Op-
posição promptamente se queixou, attribuindo-a de má fé
ao governo, para com ella favorecer os interesses do banco
de Lisboa, que anticipadamente se desfez da moeda es-
trangeira, que nos seus cofres havia, por ser o preço legal,
que ella até alli tinha, superior ao do mercado. Apertados
pois por tão consideraveis apuros, os ministros lembraram-

[1] Em 16 de novembro.

se então de recorrer á convocação de um conselho d'Estado [1] para lhe propôr a derrama de um novo tributo, como o unico meio de remediar as faltas do thesouro. Foi neste conselho que o duque de Palmella, secundado por José Antonio Guerreiro, descrevêo o máo estado em que se achava o paiz, e censurou, posto que sem idéas fixas de uma formal accusação, o errado systema do governo, e a sua politica. Com estas censuras se affligio logo D. Pedro, que cego defensor dos seus ministros, francamente declarou, no meio da viva discussão que isto trouxe comsigo, a sua firme tenção de os conservar no conselho, acrescentando, *que em tudo e por tudo partilhava a sua politica.* Tambem por esta occasião manifestou Trigoso as suas vistas hostis ao ministerio, a quem formalmente foi recusado o tributo, com o fundamento de não poder ser votado, sem a apresentação de um relatorio sobre o estado da fazenda publica, o que todavia se não fez, chegando o mesmo ministerio, em vez delle, a manifestar até intenções de replicar ás accusações, que lhe foram feitas, tomando-as como um ataque directo, ou usurpação de poder, a que aspirava o conselho d'Estado, que por semelhante fórma tão seriamente attentava contra o executivo, na opinião dos ministros.

O assalto contra o ministerio tornou-se por este tempo geral, porque em quanto era assim combatido, e fortemente censurado nos conselhos do regente, apparecêo igualmente em publico, formulada n'uma ardente lingoagem pelo conde da Taipa, uma virulenta accusação contra elle n'uma segunda carta, dirigida a D. Pedro. Este fulminante escripto, não só excitou vivamente a attenção do publico, mas até pôz o mesmo ministerio em imminente risco da sua total dissolução. Ousado, e d'uma locução mordaz e arrebatada, como era o conde da Taipa, pena era que por outro lado não fosse dos que mais a seu salvo se podesse apresentar na liça, combatendo os desvarios do ministerio, sem receios de retribuição pungente, tanto pelos graves motivos que lhe

[1] Em 23 de novembro.

occasionaram a sua demissão de commandante de um corpo de cavallaria, como pela carga que lhe faziam os esforços, que em 1823 empregára para a queda da Constituição, e o restabelecimento do absolutismo, que por este motivo o honrou então com o titulo de conde. Homem dado a partidos extremos, e um dos mais notaveis agitadores do seu tempo, o mesmo conde da Taipa acaloradamente se pronunciára pela Carta Constitucional em 1826, que não só então defendêo na camara dos pares, mas igualmente sustentou no campo, associando-se como voluntario á divisão d'operações, do commando do conde de Villa Flôr, contra os realistas. Veio o anno de 1827, e quando em fins de julho appareceram no Terreiro do Paço os grupos dos Liberaes, pedindo a reintegração de Saldanha no ministerio da guerra, o mesmo conde da Taipa, cheio de grande enthusiasmo, se aggregou ás forças militares, que se empregaram contra elles, e carregando com ellas o povo, appellidou de *canalhocratas* os amotinados. Desta sua volubilidade de crenças e opiniões politicas, provinha que o seu zêlo pela causa publica, o respeito que ostentava professar pela Liberdade, e finalmente o esmero com que de viva voz, e por escripto advogava a necessidade de uma austera moral em todos os actos do governo, esfriavam sensivelmente os animos, e levavam muitos a attribuir a particulares motivos a violenta opposição, que o mesmo conde fazia ao ministerio. Dedicada quasi exclusivamente á defeza dos contractadores do tabaco, do tempo de D. Miguel, cuja causa tanto do coração abraçaram, e tanto tinham defendido, a primeira carta do conde da Taipa perdêra quasi todo o seu interesse politico, desde o primeiro dia da sua apparição em publico. Effeito de mais consideravel momento produzio todavia a segunda, já pela importancia das accusações, que contra o ministerio continha, e já pelas consequencias que da sua publicação resultaram. O ministerio era por tanto accusado neste fulminante escripto, verdadeiro libello famoso, não só de collocar em falsa posição a causa da rainha e da Carta, e de impedir que os governos estrangeiros interpozessem os seus bons officios para

o acabamento da guerra, e restituição da tranquillidade ao paiz; mas até de ter perdido a opinião publica, de legislar e providenciar, ou superfluamente, ou com toda a falta de conhecimento de causa, reunindo ao escandalo de todos os seus actos o que tambem provinha das suas nomeações para os empregos publicos. Pintados alli como homens sem principios, os ministros eram de mais a mais reputados como constituindo uma facção, como sendo pessoas sem nome, sem propriedade, serviços, e talentos, e finalmente como pertencendo a Portugal pela unica circumstancia de terem nascido dentro do seu territorio, não tendo mais nada em vista do que monopolisar as pingues provisões do Estado. Queixando-se dos sequestros, feitos nos bens dos miguelistas; do principio das indemnisações, sanccionadas por decreto de 31 de agosto de 1833; da creação dos logares novos, e sobre tudo de se confiar a reforma geral ecclesiastica á pessoa, que elle julgava a mais impropria para tão altas funcções, o author desta celebre carta clamava igualmente contra o grande numero de empregados fiscaes, e os seus ordenados, contra os muitos milhões de divida, e os multiplicados emprestimos, donde vinha em grande parte a penuria do thesouro. Pelo lado civil bradava elle contra a confusão, que se via em todas as terras, libertadas do jugo da usurpação; estranhava severamente a existencia das novas authoridades administrativas, (os prefeitos,) funccionando simultaneamente com os antigos corregedores, e juizes de fóra, ou a coexistencia da antiga, e a da nova lei, confundindo-se assim « Babylonia com Sião, Sextos e Setimos, indo tudo dançando « como doidos ao som da rebeca destes senhores. Cada mi-« nistro dá as suas ordens, sem connexão com os outros, « cada subalterno em authoridade faz o que quer: o povo « grita, mas ninguem faz caso dos seus gritos. » Para remediar pois todos estes males o mesmo conde da Taipa concluia pedindo: 1.° que se concedesse uma ampla amnistia, exceptuando nella unicamente D. Miguel; 2.° que se annullassem todos os sequestros por causas politicas; 3.° que se demitissem os ministros, e se nomeassem outros de confiança

nacional; e finalmente, 4.° que se pozesse em execução o projecto de lei, relativo á liberdade da imprensa, que tendo passado na legislatura de 1827, nada mais lhe faltava para ser lei do paiz do que o exame da camara dos pares, e a sancção real.

No vago de todas estas accusações sobresahiam muitas, que apezar de destituidas da evidencia da lei, e prova material dos factos, para se fazer obra por ellas perante as justiças ordinarias, tinham-se todavia reputado procedentes no tribunal da opinião publica, que na sua qualidade de juiz inteiro e consciencioso, muitas vezes julga e condemna unicamente pelas provas moraes dos mesmos factos. Se por um lado nada fazia para o acabamento da guerra a amnistia geral, que se exigia na carta acima citada, e se o seu author parecêo a alguns escrupulosos exceder-se em demasia, pedindo a demissão do ministerio, que só legalmente entendiam poder cahir, em presença das côrtes, em quanto tivesse por si o apoio do regente; por outro lado, com a exigencia da annullação dos sequestros, e a justa reclamação da lei para a liberdade da imprensa, appareciam em grande realce muitas queixas, feitas contra o governo, que vendo já neste ousado procedimento um plano systematico de ataque á sua administração e poder, resolvêo em tal caso, em vez de dar ao publico uma plena justificação dos seus actos, perseguir com demasiado acinte, tanto o escripto, como o respectivo escriptor. Não se deve aqui esquecer que a intima consciencia e a fama são entre si cousas inteiramente distinctas, porque em quanto a primeira diz somente respeito ao individuo, a segunda pertence absolutamente ao publico. O ministerio podia pois ter por si a convicção do seu justo procedimento, mas o publico tinha pela sua parte direito a ser plenamente illustrado sobre os máos juizos que a tal respeito fazia. Muito ruins eram com effeito estes juizos, (e todos elles de muita ponderação para a boa reputação do ministerio), os quaes todavia este parecêo confirmar pelo grande escandalo e viva offensa que tomou do author do escripto, porque apprehendidos na imprensa quantos exemplares exis-

tiam, e preso igualmente o impressor, (posto que na carta se achasse o nome do seu author, que por este facto chamava sobre si toda a responsabilidade do seu escripto), o conde da Taipa teve em seguida contra si as iras do governo, e as da imprensa ministerial, que sobre elle se desencadeou com descomedidos artigos. Ameaçado de ser agarrado na rua, depois da resistencia que oppozera ao acto da sua prisão, teve de procurar asylo em casas de amigos, onde alli mesmo foi ameaçado. Destes factos resultou que os odios contra o ministerio se tornaram cada vez mais geraes, e em quanto o publico altamente clamava contra o governo, por infringir tão sem escrupulo a Carta Constitucional, que tão positivamente determinava não poder ser preso nenhum par do reino sem ordem expressa da sua respectiva camara, *salvo em flagrante delicto de pena capital*, caso que aqui se não dava, todos os nove pares, que se achavam em Lisboa, e tinham seguido a causa da emigração, sollicitaram que se lhes fizesse boa a immunidade da camara dos pares, e se lhes declarasse se o decreto de 10 de julho de 1832, que suspendêra as garantias constitucionaes, alterava ou não os artigos da Carta no que dizia respeito á inviolabilidade dos pares. A esta representação, que o ministerio tomou como requerimento, respondêo elle com todo o descomedimento por meio de um despacho, publicado na Chronica Constitucional, ou periodico official do governo, pelo qual se declarava, que o par procurado pela justiça tivera contra si pronuncia, e que o decreto de 10 de julho não fazia nas suas disposições excepção alguma para ninguem. Contra a doutrina, e o texto de semelhante despacho, apparecêo logo em seguida um energico protesto dos mesmos nove pares do reino, que por meio de uma commissão fizeram delle entrega a D. Pedro, como chefe do poder moderador na sua qualidade de regente, protesto em que não só pugnavam pela defeza da lei, mas tambem pela independencia do poder legislativo, e por conseguinte dos pares, consignada nas prerogativas que a mesma lei lhes facultára.

Como consequencia de todos estes actos do governo, a

luta entre elle e os seus adversarios politicos animou-se cada vez mais. Se os pares reclamassem a destituição dos ministros, a sua supplica teria certamente apoio no exercito, na armada, e sobre tudo nas classes independentes da nação. A deputação, que nas mãos de D. Pedro pozera o protesto dos pares, foi todavia mais moderada, limitando-se apenas a dizer-lhe que, se tinham combatido pela legitimidade da rainha, tambem o não tinham feito menos pela exacta observancia da lei, e pelas prerogativas, que nella se lhes consignára, acrescentando que no caso de repulsa ás suas representações, elles se veriam forçados a metter a espada na bainha, e a se retirar da luta. Ainda que com geral desconceito, os ministros progrediam na sua resistencia contra á representação dos pares, e destas mutuas hostilidades facil era resultar uma crise popular, se o mesmo conde da Taipa, em vez de procurar refugio a bordo de um navio de guerra inglez, se deixasse agarrar e conduzir á prisão, o que não fez, ou por temor, ou prudencia, ou finalmente por outras quaesquer considerações. Nesta atitude de guerra em que se achava o paiz, a opinião do exercito não era para desprezar, e em seu apoio a inculcaram ter os ministros, declarando em favor dos seus actos a opinião de Saldanha [1]. A irascibilidade deste general chegou então ao seu auge, e para a serenar algum tanto, e destruir o espontaneo acôrdo, que para a queda do ministerio se ia manifestando entre a aristocracia e a democracia, julgou o proprio D. Pedro dever ir pessoalmente ao Cartaxo para se assegurar da boa affeição do exercito [2]. Saldanha era bastante cortezão para poder resistir ás instantes rogativas, que o regente seriamente lhe fizesse em favor dos seus ministros, donde vinha ser de tanto respeito aquelle mesmo general, quando á frente de um exercito batalhava os seus inimigos em campo, como era de temer pouco quando se trazia a questões de politica

[1] Escreve José Liberato que por esta occasião enviára Saldanha cartas suas a uma boa parte dos ministros, queixando-se da injuria, que por aquella fórma lhe faziam, e declarando-lhes que em vez de apoio, combateria as suas medidas com o mais vivo encarniçamento.

[2] Alli chegou pela tarde do dia 12 de dezembro.

e gabinete, pela sua extrema docilidade de caracter, sempre tão sujeito ás impressões das circumstancias. Os *clubs*, que a Opposição mantinha nas proprias fileiras do exercito, e o vivo desgosto experimentado por muitos dos seus officiaes com as injustas preterições, que nas recentes promoções tinham soffrido, faziam com que todas as queixas, levantadas contra o governo, achassem nos acampamentos militares o mais decidido apoio, bafejadas particularmente pelo proprio general Saldanha, que por fortuna dos ministros não hesitou em se mostrar accessivel ás razões, que o mesmo D. Pedro lhe apresentou, moderando assim, ou reprimindo-lhe as iras, pelo que a seu respeito se havia espalhado em Lisboa. Francas e positivas explicações houveram de parte a parte entre Saldanha e D. Pedro, que ainda assim o não póde levar a aceitar o logar de presidente do conselho, que lhe offerecêra, ouvindo-lhe ate bons argumentos em favor do protesto dos nove pares, quando o rogava para que os reconciliasse comsigo. Saldanha parece que chegára mesmo a insistir na formação de um novo ministerio, para que indigitava Palmella, e Guerreiro. D. Pedro, que para muito tempo reputava talvez a duração da guerra, e não julgava poder arranjar dinheiro para ella, despido da energica actividade de José da Silva Carvalho, não lhe foi difficil acalmar as antipathias pessoaes de Saldanha contra este ministro, de que resultou a conservação delle, e de todos os mais no governo, dando-se por outro lado aos pares, com o total esquecimento do procedimento do conde da Taipa, uma decente satisfação por meio de um aviso, que pelo ministerio do reino se expedio ao duque da Terceira [1], dizendo-lhe que ao poder moderador não competia, ainda mesmo na ausencia forçada do poder legislativo, interpretar a Carta Constitucional; mas que levado o regente dos desejos de conciliar a independencia dos poderes politicos do Estado com os interesses da camara dos pares, faria presente ás côrtes, logo que reunidas estivessem, o respectivo protesto, para á vista delle decidirem se a Carta fôra ou não violada. Ainda que

[1] Em 16 de dezembro.

neste mesmo aviso expressamente se prestasse o devido respeito aos sentimentos dos pares signatarios, nem elles se satisfizeram com isto, nem podiam ficar satisfeitos por outro modo, que não fosse a demissão total do ministerio, como reparo condigno ao insulto, que delle julgavam ter recebido.

Entre as pessoas de posição elevada, que mais se distinguiam por suas hostilidades contra o ministerio, figurava tambem o almirante Carlos Napier, ou conde do cabo de S. Vicente. De todos os estrangeiros ao serviço de D. Pedro foi este o que certamente prestou mais importantes e efficazes serviços á causa da Liberdade em Portugal, e o que effectivamente decidio o seu triumpho pela sua celebre acção naval de 5 de julho. Napier, seguindo os exemplos de Solignac, tambem se mostrava indocil, e impaciente com a marcha e a politica do governo, particularmente nas cousas militares [1]. Em contacto especial com os ministros da guerra e marinha, as suas indisposições com Agostinho José Freire são algumas vezes injustas, como bem se pode vêr em muitas das tiradas, que contra elle se encontram na sua *Guerra da Successão em Portugal.* Agostinho José Freire não era para com verdade se poder taxar de indolente, e muito menos d'incapacissimo, como elle o quer apresentar. Homem de talento já acima do commum, e excellente orador, mas sêco, e desabrido no seu trato, reunindo com isto, sobre muita presumpção, desmedido orgulho, e como tal muito afferro ás suas proprias opiniões, qualidades que lhe suscitaram muitas antipathias e inimizades, é bem natural que Agostinho José Freire, impacientado como desde o Porto se via pelo máo serviço do geral dos estrangeiros, e pelas suas desmedidas exigencias e injustas reclamações, se mostrasse igualmente pouco condescendente com as de Napier, e que este,

[1] Os estrangeiros são aquelles que, como mais imparciaes nas nossas contendas de partido, se podem chamar para decidirem da justiça das queixas entre os ministeriaes e os da opposição: neste caso parece estar ainda a razão da parte dos ultimos, porque não só Solignac, e Napier olharão como errada a marcha dos ministros, mas igualmente o proprio mr. Julio de Lasteirye, no seu excellente artigo *Portugal depois da revolução de* 1820, publicado depois de ter estado ao serviço do regente, não fallando na obra do coronel Hodges, que por exagerada não merece fé.

tendo a consciencia da sua proficiencia militar, da sua grande e proficua actividade, ainda no meio das mais arriscadas crises, de máo grado se conformasse com o seu papel de secundario, a que estava reduzido, e com a rispidez e desdem com que era tratado por aquelle ministro. Por todas estas causas, e porque não podia dispôr de tudo como entendia, Napier era levado tambem a guerrear o ministerio, vindo dar mais realce a esta sua tendencia a affeição que consagrava ao duque de Palmella, com quem travára relações, desde que em 1831 fôra á Terceira commandante de uma fragata, que o governo inglez alli mandára para observar as operações militares dos constitucionaes nos Açores. É pois fóra de duvida que Napier, indo representar pessoalmente a D. Pedro sobre cousas de marinha, e contra o respectivo ministro, tomou a liberdade de por esta occasião se abrir com elle em objectos de politica ministerial, referindo-se particularmente ao caso do conde da Taipa [1], e não só fez isto, mas até projectou dirigir-lhe uma carta, em que lhe queria mostrar, tanto as faltas do ministerio, que então existia, como a necessidade da formação de um outro, que conciliasse os differentes partidos, inclusivamente os miguelistas, e ganhasse a confiança do publico. Ousado e indiscreto era este passo na pessoa de um estrangeiro, que nada tinha com a gerencia dos negocios do paiz, podendo quando muito intrometter-se nos militares para que fôra chamado, e tanto conhecêo elle a indiscrição desta sua conducta, quando viesse a entregar semelhante carta, que por conselho de alguns dos seus proprios amigos se absteve de a fazer chegar ás mãos de D. Pedro, fugindo desde então de comparecer no paço, é procurando restringir-se unicamente aos deveres do seu cargo.

É por tanto claro que a fermentação contra o ministe-

[1] Foi este mesmo conde o que mais tarde propôz, e obteve, que os agradecimentos, votados pela camara dos pares ao almirante Napier, lhe fossem mandados em carta de pergaminho com o sello da camara gravado em ouro, e pendente de um cordão das côres nacionaes, o que servio de aresto para tambem se praticar o mesmo a respeito dos marechaes do exercito, Saldanha, e Terceira.

rio era quasi geral em todos aquelles, que delle não tinham immediata dependencia. Para o tornar ainda mais odioso, a sanha do partido da Opposição o levava a attribuir-lhe, ou com razão ou sem ella, todos os actos estranhos á sua mesma politica. O doutor Bernardo José d'Abrantes e Castro, cuja ambição de grandezas o arredára da sua profissão de medico, para o entregar ás especulações da politica, em que teve de cortejar o throno, e de se vergar ante os aulicos, propendendo nas suas desigualdades de conducta umas vezes para a aristocracia, outras para o partido popular, recolhêra da sua emigração a Lisboa no mais alto gráo de desagrado de D. Pedro. Apezar dos seus importantes serviços, prestados em 1826 para o juramento da Carta Constitucional, apezar dos seus grandes esforços, e multiplicadas diligencias para de novo se tornar bemquisto ao mesmo D. Pedro, nada pôde conseguir, acabando finalmente os seus dias, ralado pelas amarguras do terrivel effeito moral, que sobre os seus padecimentos fisicos lhe acarretára o vêr-se não somente excluido do logar de conselheiro d'estado, para que em 1827 o nomeára D. Pedro, mas até privado dos seus antigos empregos, que o ministerio começou logo a dar a outros individuos. Deste acto d'ingratidão para com o doutor Abrantes nem por isso deixou de tirar partido a Opposição, attribuindo a morte delle á indisposição do regente, e por conseguinte á nimia condescendencia, que os seus ministros tinham para com as suas vontades e caprichos. D. Leonor da Camara, que de Lisboa fôra expressamente chamada, em 1828, pelo duque de Palmella para aia e mestra da rainha, depois da sua chegada a Inglaterra, e que voluntariamente accedêra ao convite, que para tal fim se lhe fez, escapando á vigilancia das authoridades miguelistas, acabava de ser por D. Pedro despedida do paço, e privada igualmente do seu alto emprego, não obstante ter constantemente acompanhado a sua joven pupila desde aquelle anno. Esta revolução de palacio a explicarão uns, criminando em D. Leonor os perigosos principios, que inspirava á sua real educanda, tanto em religião, como em politica; mas outros olharão a

medida como filha da viva indisposição, que tinha causado em D. Pedro a conducta de D. Leonor, quando, acompanhando a rainha na sua ultima volta do Rio de Janeiro para a Europa em 1831, (em que então seguio viagem separada de seu pae), e passando pela altura dos Açores se lembrára, de concurso com o conde de Sabugal, que por esta causa ficou tambem no desagrado, de a fazer desembarcar na Terceira, em vez de a conduzir para França; desembarque que não pôde ter logar, por lhes dizer o commandante da embarcação em que vinham, ter por escripto recebido ordem de D. Pedro para não permittir o desembarque de sua filha em dominio algum portuguez. Este facto, reunido com os injustos rumores, que por aquelle tempo correram entre a Opposição, de que D. Pedro pretendia outra vez retomar sobre sua cabeça a corôa de Portugal [1], dêo logar a illações, que não só por então adquiriram grande voga entre a gente da Opposição, mas até mesmo se exageraram consideravelmente por occasião da sahida de D. Leonor do paço, olhando-a como victima da sua extrema fidelidade á joven rainha, pelos esforços que tão nobremente empregára para que nesta qualidade fosse sempre tida e mantida por seu pae. Seja como fôr, certo é que a Opposição pretendêo deduzir dos dois precedentes casos, novos e ponderosos argumentos para accumular aos que já tinha no seu systema de guerra ao ministerio, vindo dar mais calor a tudo isto a recusa, que o capricho offendido da mesma D. Leonor da Camara fizera da pensão de um conto de réis annual, que D. Pedro lhe decretára, para lhe disfarçar a affronta, que lhe acabava de fazer com a sua exoneração do paço.

No meio das multiplicadas accusações da Opposição contra o governo encontrava-se, como a mais grave de todas, a falta da lei da liberdade de imprensa, que os ministros effectivamente monopolisaram por algum tempo nas mãos do seu

[1] Parece-me que estas accusações devem reputar-se inteiramente faltas de verdade, quanto ás suppostas pretenções de D. Pedro, depois do que a tal respeito se diz no n.º 23 da 2.ª serie de notas ao 1.º volume desta historia.

partido, até que no meio do seu furor de legislar sobre todos os ramos da publica administração, appareceram finalmente decretando uma commissão de censura para a revisão e exame de todos os papeis e escriptos, que pela imprensa se houvessem de publicar. Tão generosas se mostraram estas commissões de censura com os authores e redactores dos differentes jornaes, deixando-lhes tão soltamente expressar as suas idéas, como se tal censura não houvesse, quanto neste importante ponto se mostrava remisso o governo, apresentando pela sua parte os mais vehementes desejos de levar outra vez a imprensa ao mesquinho estado de acanhamento e incertezas, em que sempre estivera na época constitucional de 1826 a 1828, d'onde lhe resultou, com a illusão dos seus intentos, o labéo de inimigo da mais salutar garantia dos governos livres. Os prefeitos, ou supremos magistrados administrativos, que no exercicio das suas altas funcções se tinham mandado installar em Lisboa e no Porto, não obstante a indisposição, que por toda a parte se manifestava cada vez mais energica contra a omnipotencia de tão altos magistrados, e dos seus subalternos, eram olhados como outros tantos agentes, que segurassem aos amigos do governo as cadeiras da camara electiva. Vinham depois dos prefeitos, olhados, pela sua desmedida authoridade, como outros tantos intendentes de policia, as commissões municipaes, que compostas de homens, todos elles escolhidos pelos ministros, forçosamente se haviam de applicar aos trabalhos eleitoraes com a mais escrupulosa fidelidade a quem alli os mantinha, qualidade que as tornava preferiveis ás respectivas camaras, a cuja eleição se não mandava proceder por esta causa. Era assim que o governo se mostrava desconfiado em consultar, sem intervenção da sua influencia, o suffragio publico, particularmente nas duas primeiras cidades do reino, onde a escolha das suas respectivas municipalidades se tornava urgente, pela importancia, que a lei lhes dá nas suas attribuições economicas sobre o municipio. O que até aqui não conseguira, nem o exemplo fornecido pela regencia da Terceira, quando em 1830 alli mandou proceder á elei-

ção das camaras municipaes, nem as reclamações da opinião publica a tal respeito, o veio alcançar um motim popular, que em meiados de dezembro de 1833 teve logar na cidade do Porto, onde a respectiva commissão municipal, tendo absolvido da pena de sequestro, (a que a authorisava o decreto de 31 de agosto daquelle mesmo anno), os bens de um individuo de notavel reputação entre os miguelistas, dêo logar a que o povo forçasse a casa da camara, e nos excessos da sua violencia maltratasse alguns dos membros da dita commissão. Perdido assim o respeito á authoridade publica, o prefeito teve de dissolver a antiga commissão municipal para a substituir por outra, composta de pessoas de toda a confiança no publico, e o ministerio, avaliando como devia a seriedade do tumulto, e receando que outro igual podesse rebentar em Lisboa, cuidou em apresentar então a lei das camaras municipaes, conforme pouco mais ou menos com a que em 1826 se discutira e approvára na camara dos deputados. E não se contentou sómente em publicar esta lei em acto continuo áquelle mesmo tumulto; mas ordenou desde logo a eleição das camaras municipaes do Porto e Lisboa, posto que só mais tarde se levasse a eleição desta segunda cidade a effeito, pelas difficuldades do recenseamento n'algumas das mais populosas freguezias da capital, como se pretextou. Tal é a summa das accusações, que até ao fim de 1833 se foram agglomerando contra o governo, e de que mais tarde a Opposição se servio para o acommetter nas côrtes, onde, posto que antigas, se reproduziram de novo semelhantes accusações, e em quasi todas as discussões, em que podiam dar alguma força ás hostilidades, que contra elle incessantemente empregava.

Se a desunião grassava assim em tão grande escala nas fileiras de D. Pedro, subdividindo-as nos dois grandes partidos, ministerial e Opposição, cada um dos quaes, julgando-se mais apto, e com melhores serviços que o outro, era sem duvida arrastado a querer dispôr do poder, e das vantagens, que elle dá, como de um despojo de victoria em campo de batalha, tambem nas proprias fileiras de D. Mi-

guel a confiança e acôrdo se tinham rompido entre o governo e os seus subordinados, não só por occasião da sahida de Bourmont, como já se vio, como pela fermentação, que depois daquelle tempo ficou, azedada cada vez mais pelas circumstancias de apuro, a que tinha chegado o exercito e o partido miguelista. A teima de D. Miguel em proteger D. Carlos fizera com que o general Saaresfield, que pelas fronteiras da Hespanha tinha n'outro tempo vindo para ameaçar D. Pedro, tivesse depois ordem do gabinete de Madrid para repellir D. Carlos. As pretenções do infante de Hespanha foram as que certamente mais concorreram para chamar a Portugal o marechal Bourmont, olhado como o Warwich da Peninsula por todos os legitimistas da Europa. Todavia as provincias occidentaes da Hespanha, não abraçando a causa da revolta, nem se identificando com ella o exercito, que na fronteira daquelle reino lhe observava a marcha, e lhe obstruia os seus movimentos, o proprio infante D. Carlos achou-se em Portugal separado dos seus partidistas, e até mesmo collocado entre as armas de D. Pedro, e as bayonetas do governo da regente, D. Maria Christina. Apezar disto o emulo da joven rainha Isabel, não querendo dar de mão ás suas altas pretenções, não tinha duvida em aventurar as suas propriedades da Hespanha para ganhar um reino, a que se reputava legitimo successor; mas suppondo que realmente assim fosse, a legitimidade dos reis era nesta época cousa já muito precaria no meio de uma bem pronunciada animadversão popular, como já se tinha visto do infortunio e abandono, a que se achava reduzido em Praga o proscripto Carlos X.

Nesta pertinacia de D. Carlos de sublevar em seu favor a Hespanha, e no estado a que em Portugal estavam reduzidas as forças dos dois partidos, constitucional e realista, não se podendo decididamente debellar um ao outro, era de razão, pedia-o o bem da humanidade, e convinha aos interesses da politica, para o socego da Peninsula, e para a tranquillidade da Europa, que os gabinetes estrangeiros interpozessem a sua officiosa mediação para o acabamento da

guerra civil neste reino, propondo condições, que os partidos belligerantes podessem sem nenhum desaire aceitar. Foi pois o gabinete de Madrid o que, conjunctamente com o de S. James, se offerecêo para medianeiro das nossas dissenções, authorisando-se para este fim lord William Russell, que propondo a D. Pedro os seus bons officios, foram por elle aceitos com a condição expressa de que a paz se não poderia negociar, a não ter por base 1.° a prompta sahida de D. Miguel para fóra da Peninsula; 2.° a conservação do throno da rainha sua filha, e a das instituições por elle outorgadas aos portuguezes. O coronel Hare, commissionado por lord William Russell para ir ao campo inimigo, entendendo-se previamente com o agente hespanhol, o barão de Ramefort, com quem entrou em communicações do quartel general de Saldanha, dêo tres dias a D. Miguel para aceitar, ou recusar a proposta mediação. Por uma das singularidades da nova administração da Hespanha, dirigida por Zêa-Bermudes [1], e apezar das suas declarações ao ministro inglez em Madrid, mr. Villards, o barão de Ramefort não tinha instrucções algumas do seu governo para insistir na sahida de D. Miguel para fóra da Peninsula, e tão longe estava elle de semelhante insistencia, que até chegou a propôr ao mesmo coronel Hare o casamento do infante de Portugal com a rainha sua sobrinha. Por outro lado o proprio conde de S. Lourenço, ministro da guerra de D. Miguel, não se atrevendo a rejeitar inteiramente por parte de seu amo a mediação offerecida, quiz desde logo saber as bases, sobre que se devia tratar; mas o coronel Hare teve a final de se retirar sem resposta alguma, apezar de esperar por ella cousa de cinco horas fóra de Santarem, onde se lhe não permittio entrar, despedido com o frivolo pretexto de que havia fogo nos piquetes. No fim de tres dias a mediação foi definiti-

[1] Este ministro estava bem certo das desinquietações, que o systema liberal havia de trazer á sua patria, não se esquecendo do dito de Fernando 7.°, que comparava a Hespanha a uma garrafa de cerveja, da qual elle se dizia a rolha, certo de que, apenas esta se lhe tirasse do gargalo, entraria em agitação a cerveja.

vamente rejeitada pòr D. Miguel, por julgar offensivas á sua dignidade as bases, que se lhe apresentaram, de que por conseguinte resultou retirar-se tambem de Santarem o barão de Ramefort. Sem embargo disto ainda o interesse do acabamento da luta em Portugal levou lord William Russell a conseguir que o marquez de Olhão, que se achava escondido em Lisboa, (onde era presidente do antigo senado da camara, quando em 1828 teve logar a acclamação de D. Miguel como rei de Portugal), sahisse da capital para Santarem, a fim de com a sua influencia induzir o mesmo infante a que desistisse dos seus suppostos direitos á corôa deste reino. Esta nova diligencia não teve melhor effeito que a primeira, mallogrando-se tão completamente como ella, porque D. Miguel, obstinado como estava com os seus presumidos direitos, não admittia proposição alguma, que tivesse por base o privar-se da corôa, que uma vez pozera sobre a sua cabeça.

A dar-se credito a um escriptor estrangeiro, que militou nas fileiras do partido miguelista [1], claramente se infere do que elle escreve, que D. Miguel pouca censura merecia pela rejeição da mediação, que se lhe acabava de offerecer, porque em fim, ou não entendendo, ou não querendo prestar attenção alguma aos negocios publicos, aos seus proprios amigos e validos commettia elle a sua direcção e manejo, para pela sua parte continuar com mais descanço na vida aventureira, que desde a sua infancia passava, e para que a sua indole e os seus habitos inveterados o chamavam com irresistivel força. No meio pois da peste, da fome, e das miserias, de que o seu exercito era uma afflictiva victima, nunca lhe foi possivel perder as frivolidades da sua educação solta e desregrada, e a sua antiga tendencia para o barbaro divertimento dos combates de touros em Santarem, e nas suas visinhanças a continuava elle a manter energica. Nesta actividade da vida, que alli passava, o que nelle mais sobresahia era a formalidade de rodear continuamente as linhas,

[1] O barão de S. Pardoux, *Campanhas de Portugal em 1833 e 1834.*

de correr pelos campos, e ir pela queda das tardes até á ponte da Assêca, para observar o campo dos seus adversarios. Sem horas fixas para a sua meza, em toda a parte comia, sem predilecção por lautas iguarias, parecendo antes preferir as mais simples. Os perigos e as incertezas da guerra não produziam nelle maior abalo, ou pela pouca attenção que lhes dava, ou pelas idéas que tinha de que delles sahiria a salvo. Só, ou com o seu ajudante de campo de serviço, frequentes vezes se via passar a cavallo pela frente dos soldados, ou por entre os da multidão, que sempre o cercavam e applaudiam, esquecidos dos pesados sacrificios, a que a guerra os obrigava. João Galvão de Sousa Mexia Mascarenhas, que fôra nomeado ajudante general de D. Miguel, e João Gaudencio Torres, o commissario em chefe, e intendente geral da policia do exercito, abraçando ambos elles a causa ultra-realista, que ardentemente defendiam, e provavelmente por se achar ligada com ella toda a sua representação e influencia, declararam-se determinados, com todos os mais do seu partido, que era o que dominava o infante, a sustenta-lo nas suas pretenções até á ultima extremidade, sem lhes embaraçar com a escacez de meios, que para tão ardua empreza tinham naquelle tempo á sua disposição. A estes taes se devêo por conseguinte a rejeição da mediação offerecida. O partido moderado porém, aquelle que não via apparencia alguma de poder manter, com esperança de bom resultado, tão arduas pretenções, e que sobre os seus proprios males lhe penalisavam igualmente os do paiz, pela inefficacia da prolongação da luta, ficou altamente descontente com aquella rejeição, e este seu descontentamento, sendo um verdadeiro voto de censura, feita á conducta da parte mais exaltada do partido realista, necessariamente devia entreter e activar cada vez mais as reciprocas hostilidades, que desde a sahida do marechal Bourmont começaram a notar-se nestes dois partidos. E todavia era debaixo da direcção e auspicios daquelles dois individuos, cuja privança com D. Miguel augmentava de dia para dia, que se organisaram e marcharam todos os ramos do serviço publico.

Durante a sua administração a escacez de meios reduzio o exercito ás mais duras privações, chegando até a sua ingerencia a intermetter-se nos movimentos dos differentes corpos, e nos planos de campanha do proprio general Macdonell, a quem embaraçavam nas suas operações, e nullificavam na efficacia das suas diligencias para a terminação da luta. Nesta sua apertada e melindrosa situação o mesmo general Macdonell fôra levado ao extremo de pedir por vezes a sua demissão, que todavia se lhe tinha recusado: queixava-se elle da falta de concurso, que experimentava em Galvão e Torres, homens com quem não podia entender-se; mas levado ao lance de obter, ou a sua demissão, ou a delles, só alcançou a sua, que se lhe dêo em 20 de dezembro. Neste general perdêo D. Miguel um dos seus mais fieis e zelosos servidores, que de muito proveito lhe poderia ser, senão fosse o miseravel estado de desmoralisação, e as difficeis circumstancias, em que achára o exercito miguelista, quando aceitou delle o commando. A sahida de Macdonell levou ainda a maior auge aquella desmoralisação, porque em fim, perdendo-se o respeito, que na opinião de muitos militares merecia a discripção e fidelidade daquelle general, reunidos com a sua severidade, é espirito de disciplina, deram os amigos do mesmo Macdonell em attribuir aos seus antagonistas, o ajudante general, e o commissario em chefe, todos os males de que o exercito era victima. Foi o general Povoas quem substituio o general Macdonell. Com grandes auspicios de melhoramento futuro, e no meio das esperanças e demonstrações de uma geral alegria de quasi todos os miguelistas, recebêo o novo commandante em chefe a honra da sua recente nomeação; mas se a tarefa fôra ardua para os seus antecessores, era para si de muito mais difficil desempenho, e até elle mesmo, apezar dos seus conhecimentos militares, da sua instrucção, e larga experiencia da guerra, se tornava de algum modo improprio para as circumstancias, que exigiam um espirito vigoroso, activo, e affouto, ao passo que elle, quebrantado pelos annos, tinha já perdido uma boa parte do

vigor e decisão, de que tanto se precisava, qualidades estas para que aliás a sua inherente e habitual prudencia o arrastavam, como se tinha já visto do nenhum proveito, que tirára da vantagem, em que o collocára à derrota, que aos constitucionaes tinha occasionado em Souto Redondo em agosto do anno anterior.

Tal era definitivamente a situação militar e politica dos dois partidos contendores, constitucional e realista, quando acabou o anno de 1833.

CAPITULO VII.

Em quanto por um lado se effeituava a surpreza de Marvão, por outro cahia o general Saldanha sobre Leiria, indo derrotar depois a cavallaria de Chaves em Torres Novas, e ganhar por fim a batalha de Pernes, tendo sido forçado a abandonar o seu plano de marcha sobre o Porto: é então que D. Miguel offerece uma nova e mais ampla amnistia aos constitucionaes, que desprezando-lh'a, alcançam sobre os realistas a batalha de Almoster, dando assim logar á nomeação de um novo general em Santarem. No meio de tão prosperos successos a Opposição levanta por meio da imprensa ingleza queixas contra D. Pedro, e os seus ministros, o que naturalmente foi causa do gabinete de S. James offerecer aos mesmos realistas a sua medeação sobre bases não approvadas por D. Pedro, medeação que D. Miguel todavia lhe rejeita, depois de exauthorado pelos constitucionaes de todas as suas honrás e cargos, e d'extincta igualmente por elles a casa do infantado.

Cheio d'esperanças, e dos mais favoraveis auspicios entrava para a causa constitucional o anno de 1834. A guerra, que tão absortas tinha por este tempo todas as attenções, e constantemente fixadas sobre os acampamentos de Santarem, não podia deixar de terminar-se de um modo favoravel áquella mesma causa, já pela attitude de medianeiras, que a Inglaterra e a Hespanha tomavam para o seu acabamento, e já pelos consideraveis reforços do exercito de D. Pedro, que no mez de janeiro contava 50:596 homens de todas as armas, sendo 20:382 de primeira linha, além de 1:523 cavallos de fileira. A França não offerecia com menos sinceridade e firmeza o seu apoio á causa liberal da Peninsula, e finalmente a politica de resistencia, que ás idéas liberaes tinham constantemente opposto os gabinetes das potencias do Norte, estava bem longe de poder reproduzir agora pela sua funesta influencia as scenas de 1823 e 1828, reduzida como tinha sido á nullidade, quanto ao meio dia da Europa, pela famosa revolução de Paris dos fins de julho de 1830. Ao passo que o exercito constitucional era assim reforçado, o miguelista perdia com a opinião moral consi-

deravel numero de combatentes pelos terriveis tiphos, que n'um só dia arrebataram para mais de noventa pessoas. A nudez, a miseria, e a fome, predispunham sobre modo as victimas para tão grave e devastadora molestia, que nem por isso poupava pela sua parte as pessoas da mais alta jerarchia, entre as quaes se contára a infanta D. Maria d'Assumpção. Deste estado geral de abatimento dos animos manifestaram-se até os seus effeitos nos mesmos corpos de cavallaria, que reduzidos pelo máo trato a mais acanhado numero de cavallos, e esses mesmos ao estado de se não temerem muito n'uma carga, pela magreza a que estavam reduzidos, dêo azos a perder-se-lhe aquelle grande receio, que até então infundira esta arma. Sobre tão favoraveis auspicios para as armas de D. Pedro rebentou em Lisboa a noticia da feliz surpreza, que sobre a praça de Marvão fizera no dia 12 de dezembro uma partida de constitucionaes, que debaixo do nome de Legião Patriotica do Alemtejo, e comprehendendo individuos de todas as classes, militares e paisanos, tanto dos emigrados pela causa constitucional, como dos fugidos das bandeiras do usurpador, se organisára em meados de novembro na villa de S. Vicente, na Estremadura hespanhola. Situada como está Marvão no alto cume de um monte, esta praça foi em todo o tempo das nossas passadas guerras um ponto militar de bastante importancia, pela sua posição e fortaleza: cercada por algumas vezes, da sua conquista desistiram os cercadores, pela difficuldade de poderem levar a effeito semelhante empreza. Adoptados os principios da moderna tactica, Marvão decahio consideravelmente da sua antiga importancia militar, como succedêo a varias outras praças de não menos fama, e reduzida ao abandono e desprezo, os seus muros apenas lhe serviam para despertar a lembrança da sua passada gloria. Fronteira á Hespanha, e distando apenas dez legoas de S. Vicente, esta praça, cuja cidadella é naturalmente inaccessivel, reunindo com a vantagem da sua posição topographica a da riqueza dos seus armazens, e munições de guerra, fôra escolhida pelo infante D. Carlos para della se corresponder para o interior da mesma Hes-

panha, e d'alli agenciar armas e munições, e para finalmente as distribuir aos seus adherentes, preparando assim a guerra civil com que pretendia disputar a corôa á joven D. Maria *Isabel*, á augusta neta da rainha catholica, a famosa Isabel de Castella.

Se os emigrados hespanhoes poderam escolher Marvão, para d'alli aggredirem o legitimo governo da rainha de Hespanha, pela mesma razão os emigrados portuguezes se podiam preparar em S. Vicente para de lá acommetter o governo de D. Miguel. Como quer que seja, certo é que a pequena força portugueza, sahindo do seu asylo da Hespanha, dividida em duas columnas, e vencendo difficuldades e obstaculos, que pareciam insuperaveis, subio arrojadamente a escarpada encosta do monte sobre que assenta Marvão, e desta praça se assenhoreou com incrivel celeridade, ao romper da manhã do dia 12 de dezembro. Tomada com effeito a cidadella, a praça rendêo-se immediatamente sem a menor effusão de sangue, arvorando-se logo sobre as suas muralhas a bandeira azul e branca. Convocado um conselho militar, por meio delle se nomeou para governar as armas, e commandar as forças do alto Alemtejo, o brigadeiro Antonio Pinto Alvares Pereira, que arrancado do meio das enxovias, recebêo a maior commoção ao vêr-se escolhido para tão alto cargo pelos seus proprios libertadores, que não contentes em lhe entregar a espada, lhe confiaram tambem a defeza e a conservação de tão importante ponto militar. Bem merecedor de semelhante escolha era este official, aliás um dos mais distinctos do exercito portuguez, não só pelo credito com que recolhêra da passada guerra contra os françezes, mas igualmente pela actividade, que em 1826 desenvolvêra na defeza de Coimbra contra as forças dos rebellados Silveiras, que naquelle mesmo anno tinham invadido a Beira alta. Aperfeiçoadas quanto era possivel as fortificações de Marvão, os seus novos defensores cuidadosos buscaram a toda a prêssa apresentar esta praça em estado de poder soffrer um cêrco regular, particularmente depois que com aquelles trabalhos procuraram agenciar viveres por

meio de algumas sortidas, que dirigiram contra Portalegre, e Castello de Vide. No dia 23 de dezembro apparecêo pela primeira vez em frente de Marvão a força miguelista, destinada a levar comsigo as farinhas, que pelos moinhos visinhos podesse encontrar, e a arrasar igualmente os mesmos moinhos, o que todavia não pôde conseguir, retirando-se sobre Portalegre, sem motivo plausivel que a este passo a obrigasse. Os sitiados correram no dia 29 sobre Castello de Vide, que surprehenderam, fazendo lá cincoenta prisioneiros. Segunda surpreza pretenderam fazer igualmente sobre aquella mesma terra no dia immediato; mas tendo o inimigo acudido de Portalegre com quarenta cavallos e duas companhias de milicias de Evora, pela estrada da Escusa, necessario foi que os aggressores retrocedessem para Marvão, procurando terrenos montuosos para evitarem um conflicto com a cavallaria miguelista, perdendo por esta occasião um sargento e tres soldados. Desde então o inimigo deixou sem guarnição Castello de Vide; mas para alli dirigia as suas requisições de viveres, alguns dos quaes foram apprehendidos no dia 30 do citado mez de dezembro pelos constitucionaes, assenhoreando-se de algumas carretas com cereaes, e varias cavalgaduras, que serviram para aprovisionar Marvão, para onde já começava a affluir grande numero de defensores, entre os quaes se contavam alguns soldados desertores do mesmo exercito inimigo, e constitucionaes que se tinham refugiado em Hespanha. Poucos, mas bons officiaes alli se foram igualmente acolher, e até algumas familias distinctas de Portalegre e Castello de Vide, attenta a tranquillidade e segurança, que lhes constava reinar dentro da praça. O brigadeiro Antonio Pinto, considerando Marvão como base ou apoio de ulteriores operações, da parte dos constitucionaes no Alemtejo, ou como deposito de munições, que augmentando as reservas do exercito de D. Pedro, diminuisse ao mesmo tempo os meios de que o inimigo podia naquella mesma provincia dispôr, protestava para Lisboa defender tenazmente tão importante ponto, particularmente se o governo se não descuidasse em o auxiliar com os meios pecu-

niarios de que muito precisava. Esta promessa a realisou elle d'uma maneira tão gloriosa para o seu nome, quanto de grande vantagem para a causa constitucional, porque situada Marvão na retaguarda dos miguelistas, não só os conservava em continuada vigilancia e receio, distrahindo-lhes perto de mil infantes com cincoenta cavallos, que em meado de janeiro se empregavam no seu cêrco, mas até servia de ponto de reunião para todos os constitucionaes dispersos, que desde então acharam naquella praça um logar seguro para centro de refugio, e augmento de combatentes nas fileiras de D. Pedro.

Dominadores do Tejo, como os constitucionaes se achavam, até Salvaterra por meio da sua esquadrilha, facil lhes era passar para a margem do Sul qualquer porção de tropa, e com ella manobrar de tal modo, que não só difficultassem o aprovisionamento de Santarem, mas até cortassem as communicações desta villa com o Alemtejo. Todavia os miguelistas, conhecendo bem toda a importancia da conservação daquella provincia, para ella tinham mandado, com força de bastante vulto, para governador das armas o general Lemos, que fixando nas Vendas Novas o seu quartel general, tinha as tres brigadas da sua divisão collocadas pela seguinte maneira: com a primeira occupava Evora, e Monte Mór o Novo, estendendo avançadas até ás Vendas Novas. A segunda era destinada a observar Setubal, e o paiz adjacente, que corre sobre o Algarve, incluindo o pequeno forte de Sines, sem que pela sua direita deixasse de communicar tambem com as Vendas Novas, onde tinha um batalhão e dois esquadrões de cavallaria, que iam até Salvaterra. Finalmente a terceira era destinada a observar, ou a sitiar Marvão, onde as consequencias funestas de um longo cêrco, passado no rigor do inverno, e os combates, fadigas, e molestias, que alli teve de soffrer, lhe reduziram consideravelmente o numero, sem embaraçar aos cercados o aprovisionarem-se, e abastecerem a praça, e até mesmo augmentarem consideravelmente a sua guarnição. Deste modo se via o general Lemos occupado em vigiar com o maior resguar-

do tres pontos da maior importancia para a conservação da provincia, que lhe fôra confiada, a saber Setubal, Marvão, e as terras que olham para Lisboa e Cartaxo, por onde podia ser atacado, e as suas communicações cortadas com Santarem. Entretanto a sua actividade soube manter sempre em respeito os constitucionaes, chegando até a recorrer á organisação de um novo corpo de infanteria, denominado *batalhão de D. Miguel* 1.°, que, exercitado e disciplinado debaixo das suas ordens, fez importantes serviços á causa que abraçára. Nesta mesma attitude se conservou Lemos por todo o mez de janeiro, sem successo digno de maior memoria, a não ser ou os reconhecimentos, que fizera ás linhas de Setubal, ou as ligeiras escaramuças, que havia entre os guerrilhas constitucionaes e os realistas, que debaixo de uma e d'outra bandeira tantas desolações commetteram pelo Alemtejo.

Em quanto o general Lemos conservava assim obedientes a D. Miguel o Alemtejo e Algarve, onde os constitucionaes continuavam a ser incommodados, reduzidos unicamente a Lagos, Faro, e Olhão, donde não podiam sahir para fóra, o general d'Almer, do seu quartel general em Santo Thirso, observava no Minho attentamente o Porto, a cujo districto conservava restrictos os seus adversarios, sem lhes permittir estender os seus movimentos, quer sobre a margem direita, ou quer sobre a esquerda do Douro. Aos guerrilhas daquella mesma provincia dêo elle um commandante especial, organisando além disto um corpo de lanceiros, cuja instrucção confiou ao seu chefe d'estado maior, o marquez de Puisseux. Este official, dotado de muita bravura, habilidade, e conhecimentos militares, foi quem do regimento de cavallaria do Fundão formou dois esquadrões de lanceiros, de que elle ao depois foi coronel. Esta arma, desconhecida por então no exercito de D. Miguel, tinha apparecido pela primeira vez entre os constitucionaes durante o cêrco do Porto, onde D. Pedro fizera organisar com recrutas inglêzas um esquadrão de lanceiros, que tanto terror causou aos miguelistas: todavia o marquez de Puisseux,

familiarisando os seus soldados com o manejo da lança, fez conhecer dentro em pouco, que a cavallaria do Fundão podia bem rivalisar com os lanceiros de D. Pedro. Foi por esta maneira que o general d'Almer conservou adstrictas e fieis ao governo de Santarem as duas provincias do Norte, o Minho e Traz-os-Montes, e por meio das forças, que ainda tinha na Figueira e Coimbra, manteve tambem naquelle mesmo estado de obediencia a provincia da Beira alta. Desde então a reputação deste general crescêo desmedidamente, não só entre os seus, mas até entre os constitucionaes, de quem assim se tornára um terrivel adversario. Neste estado de cousas era pois necessario romper quanto antes as communicações de Santarem com Coimbra, e a essa conta forçoso era adquirir Leiria; mas este movimento, feito á custa de um consideravel desfalque das tropas do Cartaxo, era de bastante risco para os constitucionaes, que de certo não attenderam ao que após elle poderia fazer um inimigo tão numeroso, e concentrado como estava dentro dos muros de Santarem. Entretanto foi por este modo que a operação se emprehendêo, e á qual se destinou Saldanha, que não só entregou o commando interino das tropas do Cartaxo ao duque da Terceira, no dia 12 de janeiro, mas até se dirigio em pessoa sobre Rio Maior, para onde na vespera tinha feito marchar uma pequena força, que junta com a que alli existia, e a que estava em Alcobaça, constituio uma soffrivel divisão de operações sobre Leiria, em força de 4:500 infantes, com cavallaria n.º 10, 11, e lanceiros da rainha. No dia 13 a cavallaria occupou os Carvalhos, e a infanteria os Molianos, e aldêas visinhas, marchando ao mesmo tempo para Cós o regimento de infanteria ligeira da rainha, em quanto o mesmo Saldanha se dirigio para a Batalha. Uma copiosa chuva, que sem interrupção cahira por mais de quarenta e oito horas, tinha tornado intransitavel o terreno: apezar disso os soldados pediram continuar a marcha sobre Leiria, receando que o inimigo se escapasse, pedido a que o general não annuio, tanto porque tinha já feito um reconhecimento sobre elle, como pelas

difficuldades que os caminhos apresentavam para uma marcha nocturna, e finalmente pelas idéas de que os contrarios, em força de 1:476 bayonetas e 47 cavallos, não abandonariam a cidade. No dia seguinte foi que teve logar o ataque, ao qual marchou uma das columnas com 50 cavallos, e toda a artilheria pela estrada real, dirigindo-se a segunda columna pela estrada da Batalha, e indo finalmente a terceira passar o Liz na ponte do Cavalleiro, para ganhar Vidigal, e entrar na estrada, que vem de Coimbra para Leiria. Logo que a columna da estrada da Batalha se avisinhou de Leiria, os atacados formaram fóra dos seus entrincheiramentos, para onde promptamente recolheram, apenas se viram ameaçados por duas companhias de caçadores n.° 5, que contra elles marcharam, seguindo-se depois o abandono total da mesma cidade de Leiria, que sem maior resistencia deixaram em poder dos constitucionaes, não obstante a excellente posição do castello, que já se achava ligado com o paço do bispo por meio de um parapeito continuado, e onde se encontrou assestada alguma artilheria de grosso calibre. Da aldêa dos Poisos se via a retirada, que os miguelistas faziam pela estrada de Coimbra, sobre a qual deitára em sua perseguição a trote o valente brigadeiro Bacon, com dois esquadrões do regimento de cavallaria n.° 10, e um esquadrão de lanceiros, força esta que, alcançando os fugidos, fez nelles uma completa derrota, estendendo-se a perseguição até uma legoa além dos Machados, de que resultou escaparem poucos, por ficar a maior parte dos inimigos ou mortos, ou prisioneiros. Quasi todos os officiaes do estado maior acompanharam a cavallaria nesta corrida, gloriando-se muito de tingir as espadas no sangue dos seus adversarios: assim arrasta a guerra civil os espiritos de uns e outros partidistas á destruição dos seus concidadãos. A raiva dos constitucionaes, exacerbada pela pertinaz resistencia dos seus adversarios, não lhes permittia perdão no meio de tal conflicto, de que resultou acutilarem e matarem quasi todos os que encontraram, fazendo poucos prisioneiros.

Guarnecido devidamente o castello de Leiria, destacou-

se uma força sobre a estrada da Figueira. Os habitantes daquella cidade, geralmente adversos á causa da usurpação, correram a congratular-se com os vencedores, em poder dos quaes tinham ficado perto de 200 prisioneiros, além de alguns apresentados. O terrivel effeito desta operação entre os miguelistas não foi tanto pela perda da gente, como pelo funesto effeito moral, que lhe determinou, vendo interrompidas pela estrada nova as suas communicações com Coimbra, que por esta causa só para Santarem podiam continuar pela estrada velha. Leiria começou a ser desde então activamente fortificada pelos constitucionaes, que dentro em pouco a pozeram como uma praça de guerra, guarnecendo-a com 18 bôcas de fogo, e 1:500 homens de boa gente, resolvidos assim a conserva-la por sua a todo o custo, para a pouco e pouco irem fechando o cêrco de Santarem, e constituirem por esta fórma um seguro plano de operações definitivas. Feitas estas disposições, Saldanha voltou rapido sobre a aldêa da Cruz, e castello de Ourem, onde já estava no dia 24 de janeiro, chegando no dia immediato á frente de Torres Novas. O terreno é por alli favoravel para uma surpreza, e Saldanha, que tinha tido a cautela de fazer retirar os piquetes do inimigo, sem lhe mostrar mais do que um meio esquadrão, teve de esperar pelo resto da sua força, por saber que a do inimigo se compunha, além de 200 infantes de batalhões de realistas, de 220 cavallos do celebre regimento de cavallaria de Chaves, a tropa mais fiel de todo o exercito miguelista, e o unico corpo, que ainda não tinha dado um só soldado desertor para o exercito constitucional. Chegada a infanteria, Saldanha dividio então a sua cavallaria de modo que podesse seguir pelos dois ramaes, que alli apresenta o caminho. Os esquadrões da direita entraram em Torres Novas, d'onde o inimigo tinha já feito sahir com prevenção a sua infanteria, mostrando apenas no rocio da villa uns 40 cavallos em linha, e o resto delles formado em columna pela estrada fóra. Nada pôde moderar o impeto dos atacantes: a sua carga foi dada sem hesitação, e a bravura, com que a fizeram, foi tal, qual se podia esperar da rivali-

dade e ciume, que desde muito tempo lhes causava a conducta fiel da cavallaria de Chaves, com quem tão ardentemente desejavam encontrar-se para medir as espadas. A perseguição durou por espaço de duas legoas, e a severidade da peleja foi tal, que pretendendo por duas vezes formarem-se os fugitivos, por outras tantas foram derrotados, sem o poderem fazer, soffrendo consideravel perda de mortos, além de 78 prisioneiros. Os constitucionaes nem um só homem, ou cavallo tiveram de perda, e apenas o ajudante de cavallaria n.º 10, que por alguns instantes cahira em poder do inimigo, ficou ligeiramente contuso. Setenta e dois cavallos, apparelhados e promptos para o serviço, foi a façanha, que de mais alta monta se podia obter de um corpo de tamanhos creditos, como tinha o regimento de cavallaria de Chaves. Todos esperavam que este corpo fiel se batesse denodadamente; mas o valor de tão bravos homens, dos quaes poucos chegaram ao seu quartel general em Santarem para lamentar a desgraça da sua derrota, tinha succumbido no meio de tantos infortunios dos seus, e pintava já bem o funesto effeito da terrivel impressão moral, que dominava em todo o exercito miguelista, cujos esforços não podiam já embaraçar o progresso das armas dos constitucionaes, entre os quaes com a superioridade da força fisica, em que principiavam a avultar, se dava tambem a grande força da opinião, que por si tem sempre qualquer causa politica, proxima do seu triumpho. Saldanha, que na sua jornada de Leiria se tinha até distinguido como combatente, collocando-se á frente da sua propria cavallaria, quiz agora fazer completo o seu reconhecimento sobre todo o circuito de Santarem, mandando para esse fim uma pequena força á Golegã, e a Pernes, onde apprehendêu ao inimigo grande quantidade de farinhas, de gados, mulas, e até algumas praças de cavallaria de Chaves, que foram encontradas feridas.

Coroada dos mais felizes resultados tinha com effeito sido a ousada e perigosa marcha do general Saldanha sobre Leiria, e a desmoralisação, que ella ia levar ao centro do exercito miguelista, necessariamente se havia de sentir com

todas as suas funestas consequencias. Se o general Povoas, apenas conhecêo a falta de Saldanha no Cartaxo, d'onde comsigo levára as suas melhores tropas, cahisse de improviso com toda a sua força disponivel sobre o duque da Terceira, em vez de se conservar apathico, não lhe seria de grande difficuldade forçar por alli as posições constitucionaes, empregando para esse fim todas as possiveis diligencias, e até mesmo cortar as communicações do mesmo duque com Saldanha. Mas o tempo mais adequado para uma tal empreza, de que aliás se poderiam seguir os mais terriveis effeitos para a causa da legitimidade, tinha já passado, quando o mesmo Povoas, reconhecendo o seu erro, procurou remedia-lo, mandando no dia 28 de janeiro pela estrada de Pernes um corpo de 5:000 homens para cortar a retaguarda de Saldanha, que a esse tempo se achava sobre a ponte de Alviela, d'onde promptamente retrogradou sobre Torres Novas. Uma brigada de tropa miguelista, que existia em Coimbra, teve ordem de marchar sobre Leiria, para diligenciar retomar esta mesma cidade. As forças, que Saldanha tinha em Pernes, foram no dia 29 reconhecidas pelas do inimigo, o que fez com que o mesmo Saldanha, abandonando as villas, de que se tinha apossado, corresse com toda a sua gente sobre aquelle ponto, onde já estava pouco antes do amanhecer daquelle mesmo dia. Era por este mesmo tempo que um corpo de infanteria e cavallaria inimiga, atravessando o Tejo, se apresentava em Vallada, para ameaçar a communicação do duque da Terceira com Lisboa, além da que tambem sahira de Santarem para se ir postar em frente da ponte d'Assêca. Contra os que se apresentaram em Vallada marchou o brigadeiro João Nepomuceno, que com a sua cavallaria os fez apressadamente retirar, podendo-se embarcar ainda a tempo de não serem incommodados ao abrigo da artilheria, que na margem esquerda do Tejo tinham collocado. Quanto ás tropas da ponte d'Assêca nada mais fizeram que disparar alguns tiros, ostentando-se por alli vãmente. Eram já tres horas da tarde do dia 30 de janeiro, quando o duque da Terceira, sentindo o estrondo da arti-

lheria na direcção de Pernes, julgou que o marechal Saldanha dirigia por alli o seu ataque contra o inimigo; mas uma hora depois recebêo por um ajudante d'ordens do proprio Saldanha a participação de que o mesmo inimigo era o que tinha provocado o ataque por meio da columna, que contra Pernes havia dirigido. Nesta acção mostraram bem os miguelistas a tibieza do seu antigo ardor, e quanto o seu estado moral estava terrivelmente affectado, presentindo proxima a sua total derrota, porque não se resolvendo ao ataque, forçoso lhes foi aceita-lo, quando no meio da sua irresolução se viram acommettidos pelas dez horas da manhã do mesmo dia 30, depois de lhes terem sido cortados os seus piquetes. A cavallaria n.° 10, commandada pelo bravo tenente coronel, Simão da Costa Pessoa, mais tarde conde de Vinhaes, corrêo sobre os regimentos contrarios, n.° 1, 17, e 20 de infanteria, que se viram obrigados a formar dois quadrados, que immediatamente foram cercados pela cavallaria constitucional. Uma companhia de caçadores, postada n'uma pequena elevação do terreno, proximo ao logar em que o inimigo tinha formado os seus quadrados, causou n'um delles, pelo seu bem dirigido fogo, tanta vascillação, quanta era necessaria para ser roto e acutilado pela cavallaria n.° 10, e um destacamento de 11. Ao mesmo tempo os lanceiros cahiram pela sua parte sobre o outro quadrado, que teve a mesma sorte do primeiro. Foi então que a cavallaria inimiga, carregando em força, veio em soccorro da sua infanteria, para lhe favorecer a evasão para Santarem. O choque tornou-se nesta occasião violento, tendo os miguelistas, apezar do seu duplicado numero de cavallos, de retirar dentro em breve, receiando ser cortados por uma partida de cavallaria n.° 10, que diligenciava ganhar a estrada, por onde elles tinham de fazer a sua marcha retrograda. Desde este momento nada mais houve a fazer: o inimigo estava em completa retirada, sendo perseguido até á sua entrada na villa de Santarem, deixando em poder dos vencedores a bandeira do batalhão n.° 1, ambas as do regimento n.° 17, 709 prisioneiros, incluindo 21 officiaes, todos

de tropa de linha, um grande numero de armas e armamentos, e alguns cavallos do regimento de Chaves, além de muitos mortos sobre o campo. A perda dos constitucionaes consistio em 3 soldados, e 8 cavallos mortos, e em 4 officiaes, 13 soldados, e 2 cavallos feridos.

Á brigada do commando do general Brassaget, e á presença de espirito deste official deveram os miguelistas a salvação da gente, com que ainda poderam recolher; mas esta brigada, que a muito custo se pôde depois salvar a si propria, deixou no campo, ou morta ou prisioneira, mais de metade da força de que se compunha. Ao brigadeiro Canavarro, que commandava toda a divisão realista, enviada contra Pernes, attribuiram os de Santarem todos os funestos desastres de semelhante acção, porque depois de ter reconhecido a posição e a força dos constitucionaes naquelle ponto, como effectivamente fez pela tarde do dia 29, não só deixou então de os atacar, mas retirou até para uma legoa atraz, onde tomou uma pessima posição. Foi assim que elle permittio ao general Saldanha o tempo necessario para commodamente reunir em Pernes toda a sua divisão, commettendo de mais a mais no dia 30 a indisculpavel falta de se deixar surprehender d'uma maneira tal, que quando no meio do almoço lhe vieram dar parte do ataque, feito pelos constitucionaes, da sua barraca sahio com o garfo na mão, para se vêr cercado por alguns da cavallaria contraria, a quem, segundo se disse, apresentára a sua espada, que todavia lhe fôra recusada com desdem. Não ha duvida que aos descuidos do general Canavarro devêo o general Saldanha a sua brilhante victoria de Pernes, sendo aliás aquella que mais do que todas lhe devêra ser funesta, se o inimigo, menos possuido da desmoralisação, em que já estava, e adquirindo mais alguma coragem e acerto nos seus movimentos, não desprezasse uma das melhores occasiões, que teve para castigar Saldanha da sua tão audaz, quanto temeraria operação de Leiria, e surpreza de Torres Novas. Foi necessaria, acrescentam ainda os proprios miguelistas, a demora e a imperícia do general Canavarro para falhar uma

victoria, que de tão importantes resultados lhes podera ser. Canavarro foi ao principio julgado traidor, quando no meio da sua confusão e vergonha pôde recolher-se aos muros de Santarem; mas conhecendo-se melhor a verdade, por verem que tudo isto provinha da sua inexperiencia militar, contentaram-se em lhe tirar um commando, que tão superior se mostrava ás suas forças. A brigada, que de Coimbra avançou para retomar Leiria, nada podendo conseguir, retrocedêo para a sua antiga posição; mas os miguelistas nem por isso deixaram de apresentar nos seus boletins do exercito o seu infeliz acontecimento de Pernes como uma assignalada victoria [1], por verem que Saldanha retomára as mesmas posições, que tinha antes da sua jornada a Leiria, unica terra, que ficou debaixo da guarnição das suas tropas, tendo abandonado todas as mais, que por occasião de semelhante jornada occupára.

Saldanha foi, pela sua victoria de Pernes, galardoado com a grã-cruz da ordem de Christo, que D. Pedro lhe mandou com um dos mais honrosos diplomas, que se lhe podia expedir por uma carta regia, redigida com as mais lisongeiras expressões. E todavia Saldanha é, no auge da sua mesma gloria, com não pouca razão accusado das mais graves faltas, que no meio dos seus feitos militares podia commetter [2], porque em fim os resultados devidos a um feliz acaso não são para honrar como concepções da mais superior intelligencia. E com effeito é cousa da mais grave estranheza a falta de communicação, que se dêo entre os dois marechaes Saldanha e Terceira, por occasião da batalha de Pernes. Saldanha presentio um ataque proximo no dia 28 de janeiro, as suas forças foram alli reconhecidas no dia 29, e elle mesmo para lá se pôz em marcha á meia noite deste ultimo dia: e todavia o duque da Terceira de nada disto

[1] É curiosa a emphase com que esta supposta victoria foi annunciada pelo conde d'Almer ao exercito do seu commando em frente do Porto, na sua ordem do dia de 5 de fevereiro de 1834! (Veja o n.° 45 da Chronica Constitucional de Lisboa de 1834.)

[2] Napier assim o apresenta na sua *Guerra da Successão*, apezar de se lhe não mostrar nella desaffeiçoado.

teve conhecimento official, senão pelas quatro horas da tarde do dia 30, quando já cousa alguma podia emprehender contra o inimigo. Se o duque da Terceira fosse previamente avisado dos movimentos, que a tropa miguelista e Saldanha pretendiam fazer sobre Pernes, necessariamente havia de conhecer como falsos os ataques, com que em Vallada e na ponte da Assêca o illudiram, e affouto cahiria em tal caso sobre Santarem, aventurando-se a terminar desde logo a guerra pela tomada daquella villa, que tendo uma grande força destacada no Alemtejo, e outra de não menos vulto, empenhada nas operações de Pernes, não poderia oppôr porfiada resistencia a qualquer assalto, que contra ella seriamente se dirigisse em força. É possivel que esta falta de combinação entre os dois marechaes proviesse dos seus antigos ciumes, e mutuas rivalidades; mas quando isto assim succedesse, semelhante phenomeno não era mais do que a repetição do que já em julho e agosto de 1832 se tinha dado igualmente no exercito miguelista em frente do Porto, quando no meio dos ataques feitos contra aquella cidade pelo general Santa-Martha sobresahia a inactividade do general Povoas, ou *vice-versa.* O que já então por aquella occasião se disse, aqui novamente o repito, e vem a ser, que é sempre para se evitar com cuidado o empregar dois homens de igual cathegoria em commandos independentes, particularmente quando entre elles se deram, ou dão ainda reciprocas desintelligencias, e motivos de rivalidade, reunindo-se de mais a mais com isto a circumstancia de terem de manobrar tão perto um do outro, como aos miguelistas succedêo no Porto em julho e agosto de 1832, e aos constitucionaes succedia em volta de Santarem em 1834. Ao mesmo duque da Terceira se podia tambem irrogar não pequena censura, porque tendo de Vallada repellido o inimigo para a margem do Sul do Tejo, e vendo por outro lado a pequenez da força, com que elle se lhe apresentára em frente da ponte d'Assêca, devia presumir, pelo fogo que ouvia para a parte de Pernes, que o verdadeiro ataque era por aquelle lado, e por conseguinte que, sendo mera ostentação de tropa o que via diante de

si, tinha a obrigação restricta de auxiliar Saldanha, pelo seu prompto e immediato assalto aos muros de Santarem.

D. Pedro, informado dos movimentos do seu exercito, ou por outros motivos de não menos ponderação, que abaixo se verão, acudio promptamente ao Cartaxo no dia 31 de janeiro, não obstante o precario estado da sua saude, consideravelmente deteriorada por este tempo, e já de bastante cuidado para os que sabiam ser elle victima de uma grave molestia do peito, que por algumas vezes o levava a cuspir sangue. Na mesma villa do Cartaxo se apresentou Saldanha no dia 1 de fevereiro, retomando o commando do exercito de operações em frente de Santarem, recolhendo-se a Lisboa o duque da Terceira, que, por ser mais antigo que Saldanha, não podia ficar debaixo das suas ordens, entrando então em logar delle o tenente general Stubbs: pelo que respeita ás suas posições ficaram ellas sendo as mesmas, que tinha antes da sua jornada a Leiria. Brilhante, e cheia de immarcescivel gloria havia com effeito sido esta sua curta jornada de uns dezoito dias; derrotando na mesma cidade de Leiria 1:400 homens, quasi por uma surpreza, de que poucos se escaparam para o inimigo; fazendo em Torres Novas o mesmo ao celebre regimento de cavallaria de Chaves, e ultimamente ganhando em Pernes a sua assignalada victoria. Mas se por outro lado se attende aos pequenos resultados, que de tão brilhantes feitos se recolheram, e ao perigo de tão audaz, quanto atrevida jornada, certamente que o seu alto gráo de gloria ficará muito atenuado, quando com mais pausa e reflexão della se consideram as vantagens e os riscos. Com a sua digressão a Leiria, Saldanha desfalcou o exercito constitucional do Cartaxo da sua maior e melhor força, que assim ficou consideravelmente reduzida, e se o inimigo, mais avisado e previsto do que nesta occasião andou, e apenas soube de semelhante digressão, se voltasse rapido contra o duque da Terceira, com toda a sua força disponivel de Santarem, e a que tinha na margem esquerda do Tejo, era muito d'esperar que o obrigasse a levantar as suas linhas, e o pozesse em imminente risco de uma completa derrota, fazendo-o retirar pela

estrada real em procura de novas posições, algumas legoas mais para a retaguarda. Com este passo não só faria desapparecer o espirito abatido do seu exercito, mas até se collocava em estado de poder fazer depois o mesmo a Saldanha, quer elle retrogradasse para o Cartaxo, ou quer se deixasse ficar em Leiria, ou quer finalmente se adiantasse para Coimbra, e por conseguinte é fóra de toda a duvida que Saldanha se expôz naquelle seu movimento, tanto a si, como ao seu exercito, a uma completa derrota. Todavia Saldanha pode bem defender-se, allegando que no estado de abatimento em que o inimigo existia, e na falta de um marechal Bourmont, que o soubesse atacar com energia, ou de um general Macdonell, que constantemente o contivesse em respeito, como succedêo na retirada que este effeituára de Lisboa para Santarem, seria talvez atrevida, porém não imprudente, nem temeraria a sua expedição a Leiria. É nestas occasiões de crise que se fórma a reputação dos grandes genios militares, porque avaliando adequadamente as circumstancias occorrentes, por uma idéa luminosa conhecem ás vezes a grande probabilidade de no meio dellas obterem os mais felizes resultados. Saldanha, pela sua experiencia da guerra, estava talvez convencido de que no meio da luta civil em que se achava empenhado, a repetição de um outro movimento atrevido, igual ao da expedição do Algarve, executado com toda a promptidão e energia, devia trazer comsigo os mais salutares effeitos para a terminação de tal luta, porque em fim nas altas operações militares foi muitas vezes util tomar uma resolução arriscada.

Esta poderia ser com effeito a justa defeza de Saldanha, 1.° se um general de tanto nome militar, como era Povoas, não fosse o commandante do exercito miguelista; 2.° se o seu movimento sobre Leiria, acrescido com as inesperadas victorias de Torres Novas e Pernes, fosse acompanhado de resultados tão brilhantes, quanto os que se seguiram á expedição do Algarve, por isso que aquelles feitos de Torres Novas e Pernes foram meramente devidos ao acaso, pois que Saldanha em vez de tornar de Leiria para o Cartaxo, como

lhe succedêo, queria continuar na sua marcha para Coimbra, e de lá para o Porto, onde projectava reunir-se com a sua guarnição para anniquilar as forças do general d'Almer, expurgar as provincias do Norte de tropas inimigas, e vir cahir depois triumphalmente sobre Santarem. Todavia os miguelistas, apezar de tantos desastres, dentro dos muros desta ultima villa se mantinham ainda tão firmes na continuação da guerra, e tão sem receio de ser alli atacados, quanto se mostravam antes de terem perdido Leiria, ficando o seu exercito proporcionalmente no mesmo numero, e no mesmo pé, que d'antes tinha, em relação ás forças constitucionaes. Estas pela sua parte, limitando-se no Cartaxo ás suas antigas posições, depois de terem deixado em Leiria uma guarnição de 1:500 homens, numero pouco mais ou menos igual ao que o inimigo alli tinha perdido, e em Torres Novas e Pernes, e não tendo meios de guarnecer nem a mesma villa de Torres Novas, nem a da Golegã, para seriamente apertarem os de Santarem, nada mais tinham conseguido com as suas victorias do que a esteril vantagem de alargar algum tanto mais o seu terreno com a acquisição de Leiria, e a interrupção da communicação dos miguelistas pela estrada nova, que aliás a podiam affoutamente fazer pela estrada velha. A marcha que Saldanha queria emprehender de Leiria para Coimbra, de todos os seus planos era certamente o mais arriscado, 1.° por deixar o duque da Terceira, e a capital, expostos ás contingencias dos ataques, que deviam esperar-se das consideraveis forças, que D. Miguel tinha ainda em Santarem e no Alemtejo, donde estas facilmente podiam ser chamadas; 2.° pela difficuldade que lhe offerecia a tomada de Coimbra na passagem do Mondego, que nem dava váo, nem permittia ponte volante no tempo do inverno em occasiões de grande chuva; 3.° pelas probabilidades de não poder fazer sem algum revez tão longa marcha, como seria a de Leiria ao Porto, tendo além do Mondego, de vadear o Vouga, o que lhe não seria muito facil, quando um inimigo activo e intelligente lhe disputasse a passagem; 4.° finalmente por que ainda que vencidas todas estas difficuldades, e dado o

caso de não haver contratempo nas forças do duque da Terceira em frente de Santarem, Saldanha tinha ainda contra si um habil e terrivel adversario, como era o conde d'Almer, que no Minho podia ainda entreter por muito tempo a guerra, retirando-se sobre Braga, e em caso de maior apuro, e depois da defeza das pontes do Prado e da Barca, podia recolher-se a Vianna, a Caminha, e Valença, terreno forte para se defender, achando-se collocado no meio da mais populosa e agricola provincia do reino.

De tudo isto se vê que se o risco da tomada de Leiria não foi proporcional ás vantagens, que da sua acquisição resultaram, o que havia de seguir-se da marcha de Saldanha para o Norte do reino era forçosamente muito maior e mais grave. E todavia Saldanha ficou tão descontentadiço em receber em Leiria ordem de voltar para o Cartaxo, que o seu máo humor se exacerbou a ponto tal, de pedir a sua demissão do commando, ou pelo menos que se lhe concedesse licença para desta villa vir para Lisboa, a pretexto de negocios particulares, mas na verdade para dar largas ao acerbo resentimento, que o dominava pelo pungente desgosto, que lhe causára o não poder realisar o plano das operações que ideára. A vinda de Saldanha para Lisboa, ainda que temporaria fosse, era uma verdadeira catastrophe politica, pelas gravissimas occorrencias que podia trazer comsigo. O grande partido militar, que tinha no exercito, dêo-se logo a murmurar com tal vigor e tal asco, quando antes da batalha de Pernes entre elle corrêo a noticia da sahida de Saldanha para a capital, que a sensação de desgosto, occasionada por semelhante noticia, levou até o duque da Terceira a mandar á capital um dos seus ajudantes d'ordens para expôr a D. Pedro o imminente perigo, que podia resultar de no meio de taes occorrencias se conceder ao general Saldanha, tanto a demissão, como a licença que pedia. Não era possivel que no auge desta allucinação do marechal a gente da Opposição deixasse de tirar em Lisboa todo o partido, que d'alli lhe podia vir para debellar um ministerio, que tanto a peito tinha fazer cahir, e não lhe pesando

muito o alterar para tal fim a verdade, de prompto se fez correr, que o ministerio chamára com effeito o marechal Saldanha a Lisboa para lhe tirar o commando do exercito de operações, não só para acabar com os receios, que lhe causava a popularidade e o credito com que tão grandemente era offuscado por elle; mas sobre tudo para tirar do exercito um general, que pelo seu saber militar ameaçava acabar promptamente a guerra, que o mesmo ministerio não quéria vêr concluida, por ser a retardação da luta a base principal da sua conservação no poder. Entretanto as circumstancias em que tudo isto occorria eram realmente graves, e D. Pedro, que tanto estimava o triumpho da sua causa, como a conservação do seu ministerio, particularmente pela convicção que tinha de não poder achar pessoa, que na repartição da fazenda lhe podesse devidamente pagar e manter o seu numeroso exercito, corrêo promptamente ao Cartaxo, como já se vio, no dia immediato áquelle em que recebêra o ajudante d'ordens do duque da Terceira, já para serenar a irascibilidade de Saldanha, já para valer á inevitavel queda de que eram ameaçados os seus ministros, e já finalmente para pôr côbro, quanto possivel fosse, aos motivos de desintelligencia, que entre elles e aquelle general se levantavam. A presença de D. Pedro no Cartaxo, e a gloria que occasionára a Saldanha a sua entrada triumphal em Torres Novas, e a sua victoria de Pernes, que não podiam ter logar a não ter sido interrompido na sua projectada marcha de Leiria para o Norte, desarmaram temporariamente as suas iras, de modo que dando tregoas á sua insistencia na demissão do ministerio, e abandonando a idéa da sua exoneração, e mesmo a da licença que pedira, conformou-se por fim em ficar na sua antiga posição de commandante do exercito, não resultando d'aqui maior inconveniente do que proporcionarem-se a D. Pedro, cujos serviços no meio destas ambições desregradas pareciam desconhecidos pela Opposição, novas occasiões de exacerbação da molestia que padecia, e que por esta vez o obrigou já no Cartaxo a ficar um dia de cama. A chegada do imperador a Lisboa só teve

logar pela tarde do dia 4 de fevereiro, e o ministerio, que no meio das suas contestações com Saldanha se via obrigado a passar por baixo das forcas caudinas, como lhe devia succeder diante do prestigio de um general victorioso, e chefe de partido em tempos de revolução [1], quiz recompensar-lhe agora a fineza de não ter insistido sobre a sua demissão, redigindo-lhe a carta regia da grã-cruz de Christo, em que já se fallou, com as mais lisongeiras expressões.

Depois da perda de Leiria, do desbarate de Torres Novas, e da extraordinaria derrota de Pernes, a causa miguelista parecia marchar a passos de gigante no seu rapido movimento descendente. O desalento, occasionado por todos estes acontecimentos, devia necessariamente augmentar a terrivel impressão moral, que levava atraz de si os officiaes e soldados realistas, arraigando-lhes cada vez mais a triste aprehensão da sua total e proxima ruina, porque em fim os seus desastres lhes quebrantavam com tanta mais razão a sua coragem, quanto maiores iam sendo os apertos a que estavam reduzidos. Só a prosperidade dos successos é capaz de infundir a confiança no bom resultado de uma causa por que se combate, e ainda que a desesperação determine algumas vezes façanhas do mais alto renome, todavia é só da confiança que ellas com mais certeza provém, por ser a mesma confiança a que com a força fisica faz cimentar a moral. Parecia pois que a causa de D. Miguel tinha com effeito chegado aos seus ultimos paroxismos de desalento, e que só a desesperação e a raiva podia levar alguns dos seus encarniçados partidistas a prolonga-la por mais algum tempo. A mesma natureza se conspirava contra os seus defensores, os quaes, apezar de acampados geralmente nas visinhanças de Santarem, ahi mesmo, faltos de facultativos, e

[1] Quem lêr as *Memorias* de José Liberato (vol. 4.º) verá que nellas se invoca em mais de uma parte a insubordinação do exercito cont a o ministerio, e até se diz, (pag. 277 e 278), que alguns officiaes se foram offerecer a Saldanha para do Cartaxo virem a Lisboa, com tres ou quatro companhias de granadeiros, dar uma lição ao ministerio. É difficil de crêr que officiaes subordinados dessem semelhante passo, levados só do espirito de partido, e que Saldanha lhes ouvisse tranquillo semelhantes proposições.

até de alguns dos remedios mais communs, continuavam em grande numero a ser arrebatados pela terrivel epidemia, que tão funesta apparecêra dentro daquella villa, e que por esta occasião chegára ao mais alto gráo da sua exacerbação, pelo estado da immundicie das ruas e das exhalações putridas, que sahiam dos seus fossos e cortaduras, para os quaes se lançavam os cadaveres da gente e dos animaes, que ou por desmazelo, ou por falta de tempo se não enterravam. Excepto o bombardeamento com que os miguelistas tinham n'outro tempo perseguido os defensores do Porto, durante o cêrco, todos os mais horrores, que alli tiveram logar, elles os soffreram depois a seu turno durante a sua residencia em Santarem, cujas ruas se apresentavam quasi desertas, e nas poucas pessoas, que transitavam por ellas, se via a palidez do rosto accusar as suas mais acerbas privações, ou a triste falta de algum parente proximo, denunciada igualmente pelo som lugubre dos sinos, que quotidianamente se ouvia. A este grupo de causas se vinham igualmente reunir outras de não menos efficaz predisposição para os ataques daquella epidemia, taes como as fadigas e cançasso dos corpos, e o abatimento geral dos espiritos, que a todos apalpava em maior ou menor gráo.

Por outro lado D. Miguel tinha feito uma mudança no seu ministerio, e esta nova occorrencia demonstrava do mesmo modo, que na parte civil, como na militar, a falta de confiança estava tão manifesta, quanto era por todos sentida. Já se fallava em abandonar Santarem, para nas provincias do Sul se conservar a todo o custo a posse do Alemtejo, donde todos tiravam a sua subsistencia, quando a noticia das desintelligencias entre os Liberaes fez tão erradamente conceber aos miguelistas, que no meio de taes desuniões podia apparecer a probabilidade do seu triumpho, conduzindo-se com moderação e brandura. Os pares, e toda a aristocracia, tinham-se com effeito declarado em hostilidade aberta ao ministerio de D. Pedro; Saldanha, á testa da Opposição, tambem por mais de uma vez trabalhára para derrubar semelhante ministerio, despertando por este modo

cada vez mais a scissão, que havia entre os partidistas do governo constitucional. No publico, arrastados uns por boa fé, outros por espirito de partido, e muitos fatigados especialmente pela continuação da guerra, clamavam todos contra os ministros, porque a tal guerra se lhe não via termo, porque na prolongação della eram os mesmos ministros interessados, e porque finalmente eram elles os que tinham mallogrado a ultima tentativa, que o general Saldanha fizera para o seu acabamento; mas se tudo isto patenteava o summo desgosto, que em muitos determinava a errada conducta dos ministros, nada exprimia ainda assim no meio de semelhante desgosto a mais pequena idéa de voltar outra vez ao regimen despotico de D. Miguel. Entretanto apenas constou ao infante a noticia da divisão, que reinava, tanto no povo de Lisboa, como entre as pessoas da mais alta jerarchia, e até mesmo entre os generaes constitucionaes, apressou-se elle em apresentar no publico uma nova proclamação, ou amnistia, pela qual promettia um immediato perdão a todos os individuos, sem excepção de pessoa, de classe, ou de crime politico, com tanto que espontaneamente se entregassem ás authoridades por elle estabelecidas. Não contente ainda com isto mandou ordem ao general Lemos para que, correndo pela margem esquerda do Tejo, viesse apresentar-se em frente de Lisboa, para com a sua presença nella promover alguma sublevação, o que elle fez com effeito, sahindo das Vendas Novas com 2:000 infantes, 200 cavallos, e quatro peças de artilheria, força a que ainda assim se reunio depois parte de uma brigada, que estava em Alcacer do Sal. Entrando em Aldêa-gallega, alli publicou o mesmo general Lemos a amnistia de seu amo; mas seguindo para Alcochete, e depois para as planicies do Montijo, onde apenas collocou as suas vedetas, não se atrevêo a passar para diante, apezar de não ter contra si mais do que um brigue de guerra, que de Lisboa sahira para aquellas paragens do Tejo. Deste movimento nada mais resultou aos miguelistas do que estenderem a vista pela ultima vez sobre a capital, que na sua frente se lhes levantava em

amphitheatro, e observarem no seu porto a multiplicidade dos navios que nelle havia. E todavia nem este mesmo prazer foi de longa duração, porque tendo chegado a D. Pedro novas recrutas belgas, inglezas, e irlandezas, que no mez de janeiro e fevereiro passaram de 1:500 homens e 238 cavallos, e continuando elle diligente no armamento dos batalhões nacionaes, nas terras que successivamente se iam resgatando, ou iam abraçando a sua causa, facil era prever a propinquidade de algum ataque, para o qual D. Miguel se quiz preparar, chamando o general Lemos a Santarem, quando elle concebia a idéa de ir atacar Setubal, e todo o littoral limitrophe. Desde então tornaram para Alcacer do Sal todas as forças que de lá tinham sahido, em quanto Lemos seguio por Canha e Salvaterra a sua marcha para Almeirim, para depois ir entrar nos muros de Santarem.

Entretanto as definitivas operações do exercito de D. Pedro achavam-se retardadas pelos multiplicados planos, que ora se discutiam e approvavam, ora se rejeitavam para logo se ventilarem outros de novo. Saldanha, apprehensivo como estava de que as operações se deviam começar pelo Norte, por haver já alli com a posse do Porto uma grande base de operações, com a qual muito se podiam vantajosamente adiantar, tinha acordado com o ministro da guerra o seu plano de campanha, em consequencia do qual se propozera tomar Leiria, para em seguida se dirigir para o Norte, intento de que com grande magoa sua fôra distrahido, porque em fim o plano era consideravelmente arriscado, tanto por expôr o duque da Terceira ás contingencias de ser desalojado das suas posições no Cartaxo, attenta a pequenez da força, de que alli ficára dispondo, como porque não seria muito difficil ao inimigo apanhar quantos barcos podesse pelo rio abaixo, e sobre elles estabelecer uma ponte para atravessar o Tejo onde melhor lhe parecesse, para vir depois pela retaguarda do duque fazer um ataque de surpreza sobre Lisboa, cuja resistencia não podia neste tempo infundir muito medo de pertinacia, sendo apenas guarnecida pelos batalhões nacionaes fixos, homens de vida sedentaria, e d'uma disci-

plina e valor de não infundir grandes receios ás tropas regulares de primeira linha. Napier, expondo, com a vehemencia e energia proprias do seu genio, o imminente risco do plano das operações de Saldanha, quando se executasse pela maneira que ideára, e com a gente que pretendia levar do Cartaxo para o Norte do reino[1], não só tinha conseguido faze-lo retrogadar para a aldêa da Cruz, trazendo-o a uma marcha de flanco sobre Santarem, com que alcançára as victorias de Torres Novas e Pernes; mas propunha até como o mais importante de todos os movimentos, que se podiam emprehender, a organisação de uma forte divisão, para com ella se cahir sobre o Alemtejo, e tirar aos miguelistas toda a esperança de obterem d'alli a sua subsistencia. O mesmo Napier, tendo-se assim constituido a primaria causa de que Saldanha tornasse sobre as suas antigas posições do Cartaxo, pôde até levar o marechal a abraçar, ou pelo menos a condescender com o seu plano da expedição do Sul, para a qual se chegou, em consequencia disto, a designar uma força de 3:000 homens, com a conveniente artilheria e cavallaria, que devia ter por commandante o duque da Terceira. O inimigo foi provavelmente avisado deste projectado movimento, que tão funesto lhe podia ser para a sua conservação em Santarem, e ainda que muitos planos se tinham tambem discutido entre elle para acommetter com o campo entrincheirado do Cartaxo, e vir depois sobre Lisboa, todavia o ajudante general Galvão e o general Lemos poderam fazer prevalecer e approvar um, ideado já do tempo de Mac-

[1] Verdade é que a este plano se recorrêo mais tarde, commettendo-se a execução delle ao duque da Terceira; mas as circumstancias eram já inteiramente differentes daquellas em que Saldanha o pretendia levar a effeito, 1.° por ser executado já em meio da primavera, e não ser necessario fazer a marcha do Sul para o Norte, que elle pretendia fazer; 2.° porque o exercito do Cartaxo não soffrêo com as operações do duque o mesmo desfalque de gente, que tinha a soffrêr quando o mesmo Saldanha o pretendia executar; 3.° porque o exercito miguelista em frente do Porto, quando no Norte operou o duque da Terceira em meado de abril de 1834, não só tinha já perdido o seu antigo commandante, o habil general d'Almer, por ter sido nomeado para governar o Alemtejo; mas estava até muito desfalcado de gente, por terem mandado retirar successivamente de lá as tres brigadas de Rebocho, Pigot, e Mauriti.

donell, para atacar Saldanha, apezar de ter contra si o voto e a opinião do general Povoas, que por isso mesmo se não quiz encarregarda sua execução. Para este ataque se chamaram das immediações do Porto e Coimbra, de reforço ao exercito de Santarem, as forças commandadas pelo brigadeiro Rebôcho, ao passo que da margem do Sul do Tejo a propria divisão do commando do general Lemos, em força de 2:500 a 3:000 homens, atravessando aquelle rio na noite de 16 de fevereiro, veio collocar-se na Portella, uma legoa para a direita de Santarem. O acampamento de Saldanha, que os miguelistas projectavam atacar, era situado a uma legoa de distancia do Cartaxo, e outra de Santarem. A esta distancia, e na extrema direita dos constitucionaes, se encontrava uma pequena povoação de casas soltas, a que chamam o Valle, que ao N. E. tem a ponte d'Assêca. Quem da povoação do Valle se dirigir para a parte do N. O. vae encontrar a uma pequena legoa de distancia o logar da Atalaia, e a L. deste logar, e a distancia delle meia legoa, a ponte do Celleiro, lançada sobre a mesma ribeira ou valla, em que igualmente o está a ponte d'Assêca. Continuando da Atalaia para diante, caminho de um quarto de legoa, vae-se ter a Almoster, que para o N. E., e a distancia tambem de um quarto de legoa, tem o casal do Paul: é ao N. deste casal, e do mesmo logar de Almoster, que está a povoação da Azambujeira, onde se apoiava a extrema esquerda dos constitucionaes. Na retaguarda de Almoster, ou para o S. O., acham-se a uma boa meia legoa de distancia as poucas casas da ponte de Santa Maria, ao N. da qual fica a uma outra meia legoa a Villa Nova do Outeiro: entre esta povoação e a Azambujeira, da qual já fica muito perto, está a ponte do Calhariz. Tal era pois a serie das povoações do campo entrincheirado de Saldanha.

Eram cinco horas da manhã do dia 18 de fevereiro, quando uma força inimiga, emboscada desde a ponte do Celleiro até á da Assêca, e rompendo o fogo, ameaçou a direita constitucional, em quanto as columnas do verdadeiro ataque procuravam passar a ribeira, ou valla de separação

dos dois exercitos. Estas columnas, em força de quasi 5:000 homens, dirigiram-se ao logar da Azambujeira, para onde igualmente marchou o general Lemos, com a divisão que trouxera do Alemtejo, e onde tomou o commando de toda a força, pois que os postos avançados de Saldanha, collocados sobre as alturas escarpadas do outro lado da ribeira, que servia como de fosso ás suas linhas, promptamente retiraram d'alli, sem sustentarem o terreno. Pelas sete horas da manhã resoaram na Azambujeira os altos vivas, levantados a D. Miguel pelos realistas, ao terminar a leitura de uma ordem do dia, em que manifestamente se procuravam dar á realidade os antigos planos do inimigo, persuadido da facilidade com que podia tornear a direita do acampamento de Saldanha, e vir assim bater ás portas da capital. Com esta persuasão se marcava na mesma ordem do dia a rapida e triumphal marcha do seu exercito desde Santarem até Lisboa, promettendo-lhe ir no dia 18 ficar ao Cartaxo, no dia 19 a Villa-Franca, e no dia 22 a Lisboa. Perto das oito horas do dia, oito esquadrões de cavallaria sahiram daquelle mesmo logar a galope, em columna por tres de fila, vindo atravessar a ribeira na ponte do Calhariz, e formar-se depois em columna cerrada por esquadrões adiante da ponte de Almoster. Sobre as eminencias fronteiras a este mesmo logar de Almoster se postou a infanteria inimiga, que contra elle destacou os seus atiradores, auxiliados por 10 peças de artilheria, e 3 obuzes, convenientemente assestados, procurando assim passar o casal do Paul, que das alturas da Azambujeira separava o entrincheiramento constitucional. Desde então facil foi ao general Saldanha vêr que por aquella parte era o verdadeiro ponto do ataque. Deixando no outeiro de Almedelim, que domina a ponte do Celleiro, duas peças de artilheria para reforçar aquella posição, e havendo nas fortificações do Valle, em frente da ponte d'Asséca, a artilheria necessaria para sua efficaz defeza, o mesmo Saldanha mandou logo correr, para o casal do Paul oito peças de artilheria, além dos foguetes de congreve. Toda a força disponivel da sua infanteria, depois de guarnecidas

convenientemente as pontes d'Asséca e do Celleiro, marchou para a Atalaia, e alturas que dominam o mesmo casal do Paul e Almoster. Está esté logar de Almoster situado n'uma garganta estreita, e é cercado de pequenos montes, cobertos de estêvas, e de alguns pequenos arvoredos: foi neste ingrato terreno que se empenhou a principal força da batalha, que por isso mesmo se denominou d'Almoster. Um vivissimo fogo de artilheria inimiga tinha já aturado por espaço de duas a tres horas, sem fructo algum contra as posições constitucionaes, quando o general Lemos resolvêo pelas onze horas do dia fazer pela sua direita um movimento na direcção do Cartaxo, endireitando com a Villa Nova do Outeiro, e casaes da ponte de Santa Maria. Este movimento o seguio parallelamente Saldanha sobre as alturas, que dominavam a esquerda inimiga, empregando nesta marcha, tanto a sua infanteria e corpos de ligeiros, como a brigada de artilheria, precedida toda esta força do regimento de lanceiros da rainha, cavallaria n.º 11, e um destacamento de 10, com ordem de se empenharem em combate, logo que o terreno e as circumstancias o permittissem. Os corpos da maior confiança do exercito de Santarem, reunidos com os da divisão, que viera do Alemtejo, e as forças que se tinham chamado do Porto e Coimbra, eram as que se destinavam á passagem da ponte de Santa Maria, entre Villa Nova e Alforgemel, enthusiasmadas pela segurança, que lhes davam, de que os constitucionaes retirariam, apenas fossem seriamente atacados. Em cada um dos pontos, em que o inimigo se apresentava em força, se repetiam os seus brados de *viva D. Miguel* 1.º Na frente da sua infanteria atravessava o general Santa-Clara aquella ponte debaixo de um chuveiro de balas, quando por muitas dellas cahio mortalmente ferido. O brigadeiro Brassaget tomou então o commando, para se não affrouxar a intrepidez do ataque. Já o inimigo tinha descido sem maior resistencia a ladeira, opposta á das posições constitucionaes, e vinha até subindo a que já estava do lado destas, depois de atravessar a citada ponte de Santa Maria, quando Saldanha resolvêo cahir sobre elle com todo o impeto,

seriam então quatro horas da tarde. Eis-aqui pois os dois exercitos contendores, ambos fóra das suas linhas, e quasi na mesma força, batendo-se em campo aberto com toda a decisão e coragem, cada um pela sua causa. Dois corpos de ligeiros, formando em linha, foram por ordem de Saldanha cahir de flanco sobre os miguelistas, destacando para a ponte duas companhias, nas vistas de lhes cortarem a retirada. Dois regimentos de infanteria marcharam em columna ao ataque da frente, ficando um terceiro em reserva, e formado em linha a menos de meio tiro de fuzil dos inimigos, conservando-se sempre assim na maior firmeza, não obstante o terrivel fogo, a que estava exposto. Desde então os miguelistas demoraram mais a carreira, e vendo-se vigorosamente repellidos, precipitaram-se das alturas, que já occupavam, até se irem amontoar junto á ponte, onde a carnagem se se tornou então espantosa, porque ficando n'uma funesta indecisão, nem desistiam da peleja, nem se atreviam a render-se. Assim de rodilhão uns sobre os outros, foram os constitucionaes occupar as alturas de Villa Nova, succumbindo nesta mortifera retirada o brigadeiro miguelista Brassaget, e o seu ajudante de campo, o tenente Dubreil. Era chegado o momento do general Lemos mandar a sua cavallaria ao ataque para soccorrer a sua infanteria: e com effeito a dois de fundo, porque os caminhos estreitos dos montes, que alli havia, não permittiam differente marcha, vinha ella descendo para o valle, que fica entre o monte de Santa Maria e Villa Nova, nas vistas de flanquear a esquerda dos constitucionaes, quando recebêo ordem de correr a galope, para valer ao desbarate, em que por este tempo tinha já sido posta a infanteria. Á pequena planicie de Villa Nova, d'onde em virtude de outros planos tinham uma hora antes tão affoutamente sahido, chegaram os oito esquadrões da cavallaria inimiga em ordem de carregar, quando alli encontraram em quadrado alguns dos batalhões constitucionaes, que junto á ponte lhes tinham derrotado a infanteria, soccorridos de mais a mais por uns 80 cavallos de lanceiros, que tão opportunamente Saldanha tinha mandado debaixo do commando do briga-

deiro Bacon. Desta carga dependia a salvação da batalha para qualquer dos partidos, que della se sahisse bem. Formados em linha, avançavam os cavallos inimigos, quando sobre elles cahio o valente brigadeiro Bacon. O combate foi de pouca duração, porque sendo difficil ao primeiro esquadrão soportar o choque dos constitucionaes, os sete restantes esquadrões fizeram tres meia volta, retrocedendo todos espantados. Desde então a victoria cahio nas mãos dos mesmos constitucionaes, que por espaço de meia hora perseguiram ainda os realistas por meio de um combate de bastante carnagem, sustentado na retaguarda dos vencidos, onde cada soldado se batêo até corpo a corpo.

O dia estava quasi a findar, vindo a noite acabar de separar os dois exercitos, e foi esta a salvação do general Lemos, e do seu exercito, que tendo atravessado um barranco, pôde dar alguma formatura á sua força, abrigada por tres peças de artilheria, e tres batalhões de reserva, marchando todos na obscuridade da noite a fazer a sua entrada em Santarem. Em frente de Almoster, da ponte do Celleiro, e da ponte da Asseca, alguns ameaços fizeram os miguelistas, mas sem nenhum resultado, acabando assim uma das mais sanguinolentas batalhas, que se pelejou na nossa guerra civil, sem que todavia della se obtivesse a mais pequena vantagem, quer para um, quer para outro partido. O terreno foi de parte a parte bravamente disputado, comportando-se os miguelistas não só com muito acerto, mas até com muita bravura, porque avaliando elles a sua perda em 800 a 1:000 homens, e deixando apenas prisioneiros de 200 a 300, todos os mais deviam ficar mortos e extraviados. Saldanha affirmou na sua parte official não ter nunca visto, na sua longa carreira militar, desenvolver maior valor e sangue frio do que nesta batalha, cuja carnagem tanto lhe recordára a que tivera logar na guerra peninsular sobre a brecha de S. Sebastião[1]. Entre

[1] A perda dos constitucionaes foi de 374 homens ao todo, sendo 42 mortos, 321 feridos, e 11 extraviados.

os mortos da parte dos constitucionaes contou-se com grande magoa de todo o Exercito Libertador o bravo tenente coronel Francisco de Paula de Miranda, que ao seu muito valor, juntava a muita disciplina a que tinha levado o corpo do seu commando, o primeiro regimento de infanteria ligeira da rainha, ou corpo de belgas e francezes, d'entre os quaes se julgou que sahira o tiro que atravessou este official, em vingança da severidade com que elle os tratava. Entre os miguelistas a morte dos brigadeiros Santa Clara, e Brassaget, não foi menos sentida, nem fez menos cruel impressão. No dia immediato o general Povoas dêo-se por demittido, vendo como foram desprezados os seus conselhos, contrarios á adopção de um plano de batalha, de que elle previa todos os funestos resultados. Foi o general Lemos quem, pela sua submissão ao ajudante general Galvão, o substituio no commando. O primeiro cuidado deste novo commandante foi organizar dois esquadrões de lanceiros, para dar aos seus as vantagens, que com a acquisição desta arma julgavam alcançar, e á qual em muita parte attribuiam as victorias dos constitucionaes. Além disto estabelecêo um campo na direita de Santarem, com o duplicado fim d'observar o exercito de Saldanha, e evitar as grandes reuniões de tropa dentro daquella villa, para diminuir quanto possivel os estragos, que no seu exercito fazia a terrivel epidemia tiphoide. Finalmente para maior segurança do Alemtejo, e defeza daquella provincia, pela parte das Vendas Novas, para alli mandou tambem um batalhão com dois esquadrões de cavallaria. Mas em quanto estas eram as providencias e cautelas do novo general inimigo, Saldanha conservava-se na mais completa inacção, e nem ao menos no dia immediato ao desta batalha d'Almoster destacou um pequeno corpo de tropas, que percorrendo o terreno em que ella se dera, e os logares a elle contiguos, recolhesse os armamentos e soldados, que d'extravio por alli deviam ter ficado ao inimigo. Desde então alguns dos desaffeiçoados a Saldanha espalharam contra elle suspeitas de não ter muito a peito o acabamento da luta, tirando-se até d'aqui as mais

desairosas illações, que os seus contrarios partidistas iam encabeçar, como mais cabal explicação do facto, em motivos de particular interesse do marechal, porque em fim se pela sua parte elle não difficultava a paz, é certo que pela sua cautelosa prudencia parecia querer eternisar a guerra.

As alternativas da luta, ainda que tão desfavoraveis parecessem ao exercito de D. Miguel, e tão vantajosas ás armas de D. Pedro, não tinham todavia mudado sensivelmente de face, depois da batalha de Almoster. E posto que de semelhante batalha os constitucionaes ficassem vencedores, todo o seu acampamento do Cartaxo continuou sem nenhuma differença nas suas antigas posições. Entretanto a batalha de Almoster, disputada como foi, havia de cada vez mais arraigar entre os realistas a triste convicção da sua impotencia para debellar os seus adversarios, e augmentar-lhes por conseguinte a desmoralisação, que de semelhante crença havia de por força seguir-se. Apezar de tudo isto pessoa alguma podia ainda antever a época em que a luta acabaria ao certo; todos os espiritos andavam mais ou menos agitados sobre tão importante ponto, e o ministerio, que tão accusado se via de querer indefinidamente protrahir a guerra, teve de recorrer humilde á sollicitação da intervenção armada do gabinete inglez, para conseguir a qual a Opposição lhe não levantava pequenos obstaculos. Entre a fantasia de tantos caprichos humanos, o prazer da vingança é o que mais ebrio torna o coração do homem; mas por semelhante prazer, e meios de o alcançar, raras vezes deixa de merecer censura, e este era exactamente o caso da Opposição. As reciprocas hostilidades, que entre este e o partido ministerial ressumbravam em todos os pontos da politica e governança, não podiam deixar de reflectir nos paizes estrangeiros, e particularmente em Londres, onde as accusações manifestadas se podiam tornar tão fataes ao proprio D. Pedro, quanto aos seus ministros. Muitos dos artigos, e das multiplicadas correspondencias, que por esta occasião appareceram nas differentes folhas inglezas sobre os negocios

de Portugal, davam D. Pedro como inimigo da Liberdade, tanto pelo seu decreto da suspensão das garantias, como pelo sequestro a que mandára proceder nos bens dos miguelistas, e não só assim o pintavam como um tyranno, impopular, e odiado de toda a gente portugueza, mas até como aspirando a retomar novamente a corôa deste reino, em prejuizo dos direitos de sua filha, cuja causa por este modo se dava como querendo atraiçoar. Os ministros do regente não eram mais poupados do que elle, pois os punham na conta de homens proletarios, sem interesses vinculados com os da nação, despidos do talento necessario para o desempenho das altas funcções que exerciam, faltos da probidade e moral, que sempre deve andar inherente a qualquer governo, e por fim sem seguros principios constitucionaes, sem firmeza, nem coherencia na sua politica. No meio da sua funesta administração, a fazenda publica reputava-se sobre um sorvedouro, pela multiplicidade dos emprestimos que se contrahiam, da enormissima despeza que diariamente se augmentava, e da que inutilmente se fazia, particularmente com a esquadra, que sem nenhum proveito se conservava em estado de completo armamento. Com todas estas accusações apparecêo tambem uma outra, fundada na recusa de um emprestimo de £ 200:000, proposto por Henrique José da Silva, e Isaac Goldsmith, emprestimo que tão vantajoso se olhava, e que o governo desprezava, só para não tirar das mãos de Mendizabal, seu agente financeiro em Londres, os avultados ganhos, que dos nossos emprestimos naquella capital lhe provinham. A toda esta serie de correspondencias veio por ultimo dar muito mais corpo, dentro e fóra do paiz, uma carta, que D. Francisco d'Almeida, depois conde de Lavradio, dirigira a D. Pedro, pedindo-lhe a demissão dos seus ministros, 1.° pela lesão enorme dos emprestimos por elles contrahidos em Londres; 2.° pelo não cumprimento da promessa conciliatoria, que o regente fizera no seu respectivo manifesto em Belle-Isle; 3.° pela invasão que em todos os poderes politicos do Estado commettiam os ministros, violando a Carta Constitucional, e

arrogando-se sem necessidade a prerogativa de fazer e derogar leis, e a de destruir as antigas fórmas administrativas e judiciaes do reino; 4.º finalmente pelos seus repetidos ataques aos direitos legitimamente adquiridos de muitas pessoas e corporações inteiras.

A luva, que tão ousadamente assim se arremessava ao chão diante do ministerio, forçosamente havia de ser por elle e pelos seus partidistas levantada, com a mesma ou superior ousadia. Para isto diziam elles: 1.º que as garantias constitucionaes se não coadunavam com o estado violento e de crua guerra em que ainda estava o paiz, e com a maior parte delle levantada contra si, porque em fim *silent inter arma leges;* 2.º que o sequestro nos bens dos miguelistas era o effeito da justa reparação dos damnos por elles causados a muita gente, lesada com as suas perseguições, e particularmente ao governo, pela avultada despeza a que o estado da guerra o obrigava; 3.º que desde que D. Pedro se apresentára neste reino, em nenhum dos seus actos publicos e privados deixára de reconhecer sua filha como rainha de Portugal, argumento que devia desvanecer a mais pequena idéa de que elle aspirava a retomar a corôa portugueza; 4.º que a maneira franca e singela, com que elle recebia e tratava sem resguardo algum todas as pessoas, que no seu proprio palacio o procuravam, a simplicidade com que elle andava e apparecia por toda a parte de Lisboa, unicamente acompanhado por um dos seus ajudantes de campo, e a affabilidade e respeitosa deferencia com que todos os moradores da capital geralmente o acolhiam e comprimentavam, eram outras tantas provas da sua popularidade e bom governo. Quanto aos ministros, além da eminencia dos serviços, que por elles se diziam feitos á causa constitucional, apresentavam-se tambem como homens de todo o respeito, por terem sido membros das côrtes em differentes épocas, demonstração sem replica do bom conceito, que aos seus concidadãos tinham merecido. Pelo que dizia respeito aos emprestimos, era fóra de duvida que elles se tornavam necessarios para acudir ás enormes despezas

da guerra, e que se a esquadra não navegava toda fóra do Tejo, nem por isso deixava uma boa parte della de se empregar no bloqueio dos portos do reino, no soccorro dos differentes pontos maritimos, occupados pelos constitucionaes no Algarve, e Setubal, e finalmente pelas tenções que havia d'entrar com ella, e a gente que a tripolava, em ulteriores operações militares. O emprestimo de Henrique José da Silva dava-se como uma manifesta decepção, reduzindo-se a um emprestimo sobre que elle queria depois negociar, adiantando sobre elle uma certa porção de dinheiro a cinco por cento de juro, e a dois e meio de commissão, quando aliás havia quem fizesse semelhante adiantamento pelo interesse de quatro por cento, e sem commissão alguma. A tudo isto se juntavam tambem outras accusações contra o mesmo Henrique José da Silva, que se algumas pessoas olhavam como patriota decidido, pelos adiantamentos que em occasião de crise fizera á causa constitucional, desde o governo da Terceira em 1829, e particularmente no seu emprestimo de £ 25:000, que tanta ruina causou a quem lh'o recebêo, outras lhe diziam sobejamente pagos semelhantes adiantamentos, pelas usuras com que foram feitos, e por ser tambem um dos agentes do desastroso emprestimo de Maberley, que em recompensa de tal negociação lhe dera por seus serviços a avultada quantia de £ 12:000 em dinheiro, e em letras aceitas, o que todavia o não dispensava de ter sobre tudo isto affectas ao governo injustas reclamações, allegando agencia de emprestimos para que não concorrêra, nem trabalhára. Estes factos constituiam pois o citado Henrique José da Silva na opinião de ter consideravelmente augmentado a sua propria fortuna, no meio das perdas e das lagrimas de uma emigração tão prolongada, quanto trabalhosa para muitos dos seus concidadãos, para quem elle olhára com todo o desdem em Londres. O proprio D. Francisco d'Almeida não podia ser esquecido nesta distribuição de censuras: as doutrinas e accusações contidas na sua carta, tiveram-se em conta igual ás do conde da Taipa, isto é, tomaram-se como um libello famoso contra

D. Pedro, e os seus ministros e conselheiros, suppondo-se além disto como destinadas a proteger os inimigos da causa constitucional, e á continuação dos abusos do antigo regimen. O seu author foi então acremente accusado pelo seu ministerio de 1826, e porque na sua qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, que então fôra, diariamente recebia o funesto ministro inglez, sir William A'Court, de quem tomára e fizera adoptar os perfidos conselhos, que comsigo trouxeram a prompta queda do regimen constitucional daquelle tempo. A encarniçada perseguição que então se fez aos hespanhoes liberaes, que por suas opiniões politicas emigraram para este reino, áquelle mesmo ministro foi attribuida na sua maxima parte, e a elle se lhe lançou igualmente em culpa, para atenuar o respeito que allegava pela rigorosa observancia da Carta, o ter protestado perseguir naquella mesma época um deputado, pelas opiniões que emittira dentro da camara, e finalmente o ter até hesitado em aceitar o despacho da regencia da Terceira, que lhe conferia o logar de seu representante junto á côrte de França.

Os artigos e correspondencias, que por este modo tão indiscretamente se fizeram publicar nas differentes folhas inglezas, accusando e desacreditando tão descommedidamente o regente, devem sem duvida attribuir-se aos manejos da gente da Opposição, que para debellar e conseguir a queda de um ministerio, que por toda a fórma guerreava, sem lhe embaraçar com os meios de alcançar o seu fim, misturava nas suas graves accusações contra os ministros outras de não menor gravidade contra D. Pedro, e da mais flagrante ingratidão para com os seus importantes serviços, desde que ostensivamente tomára sobre si a causa de sua filha. Deste modo se tornou a Opposição digna de reprovação e censura neste seu procedimento, não só pela falta, que algumas das suas queixas tinham de mais solido e plausivel fundamento, mas porque de semelhante conducta só podia resultar vantagem para os miguelistas, e grave damno para a causa constitucional, já pelas esperanças, que as suas queixas lhes davam,

e já porque o mesmo D. Pedro, tão arrebatado como era nos impetos do seu genio, facilmente podia ser levado a abandonar a causa constitucional, que com tanta heroicidade defendia. Desta responsabilidade moral ninguem de bom senso pode certamente absolver o partido da Opposição, que assim com tanta imprudencia expunha ainda á sua total perdição a causa da legitimidade e da Carta Constitucional; mas as graves accusações, que por semelhante motivo se podem fazer a este partido, não absolvem os ministros de levarem os seus adversarios ao extremo da desesperação, continuando a ter com censura a imprensa, medida com que os arrastavam a recorrer ao auxilio das folhas de Londres, (onde estas publicações tanto damno faziam ao seu mesmo credito, e não menos ao do regente), para a publicação de todas as suas queixas, fundadas e infundadas. Entretanto devem estas publicações reputar-se como uma das mais poderosas causas, que levaram o gabinete britannico a recusar a D. Pedro a mediação armada de semelhante gabinete, fundando-se os que votaram pela recusa della em mostrar que a presença das tropas inglezas em Lisboa podia em 1834 dar logar aos mesmos abusos, que dellas se tinha feito em 1828. Todavia isto não impedio que o novo ministro inglez em Lisboa, lord Howard de Walden, que em meiados de fevereiro substituira lord William Russell, deixasse de intermetter-se nos negocios politicos do paiz, instando por uma amnistia geral, e pela permissão de que os miguelistas, que assim o quizessem, podessem sahir para fóra do reino, a bordo de um navio de guerra inglez, cousa a que D. Pedro se oppôz, pela inutilidade de semelhantes medidas, que de certo não produziriam os effeitos, que dellas se esperavam. A pouca delicadeza do ministro inglez ainda subio mais de ponto, quando no ultimo dia de fevereiro propôz a mediação para o acabamento da guerra, deixando ao arbitrio da Inglaterra e da França as condições da negociação com os miguelistas, allegando a pouca confiança, que elles tinham no governo do regente. A ousadia de semelhante proposta necessariamente devia de escandalisar D. Pedro, não só pela

injusta desconfiança, que se punha na pontualidade do cumprimento da sua palavra, mas até pela ingratidão, em que era tida a generosidade, com que tratára todos os miguelistas, que confiadamente a elle se tinham vindo entregar. Na apresentação de lord Howard na côrte, o seu discurso foi inteiramente dirigido á rainha, sem nelle se empregar uma só expressão de attenciosa deferencia para com o regente, apezar de ser elle quem governava o paiz, na menoridade de sua filha. Estas e outras mais circumstancias fizeram com que em D. Pedro se augmentasse cada vez mais a indisposição, que concebêra contra o novo ministro inglez, suppondo-lhe até instrucções não só para o hostilisar, e aos seus ministros, mas até para se oppôr ao casamento da rainha com o principe, com quem o premeditava fazer.

Por este tempo as noticias da Hespanha começavam a ser cada vez mais satisfatorias. O ministro D. Francisco Zêa Bermudes mostrára-se decidido a suplantar a mais pequena tendencia para as idéas liberaes, declarando-se por conseguinte contrario aos seus dois collegas, Encima y Piedra, e Ullôa. O commandante da guarda real, D. Vicente Quesada, que tão energica levára aos pés do throno a mais franca exposição dos seus sentimentos, e da necessidade da convocação das côrtes, fôra demittido daquelle commando, ainda que com a destituição lhe viesse annexo o titulo de Castella. O general Llander, que commandava na Catalunha, collocando-se á testa do movimento progressivo, pedio á rainha governadora, em nome das tropas, municipalidades, e povo de toda aquella provincia, que affastasse dos seus conselhos a D. Francisco Zêa Bermudes, e as suas creaturas, e que convocasse immediatamente côrtes. Estas supplicas, reunidas com as dos outros generaes, e pessoas influentes, fizeram finalmente apparecer a demissão daquelle ministro, e a nomeação de D. Francisco Martinez de la Rosa, que desde 1812 se havia tornado distincto pelos seus elevados talentos, e integridade dos seus principios politicos, que em 1823 o levaram a emigrar para França. Desde este momento facil era

de ver, que a causa constitucional em Hespanha tinha decididamente triumphado, como effectivamente succedêo em breve, decretando-se em 10 de abril o *Estatuto Real* para a convocação das côrtes geraes, medida que a rainha governadora approvára desde 4 do referido mez. D. Pedro tinha por conseguinte tudo a esperar da nova ordem de cousas, que a pouco e pouco ia tendo logar no reino visinho, e que tamanho desastre promettia á causa de D. Miguel. E com effeito a Hespanha começou então a manifestar tenções de enviar algumas tropas para Portugal para fazer sahir D. Carlos da Peninsula: por duas vezes tinham ellas atravessado já a fronteira para o surprehender; mas perdidas as esperanças de o conseguir com estas correrias, as vistas do governo de Madrid voltaram-se desde então para se entender com o governo de D. Pedro, ainda que com todo o receio, pela idéa de que o partido democratico em Portugal se podia por esta fórma entender melhor com o republicano da Hespanha, e derramar-se assim a anarchia e a confusão desde uma até á outra extremidade da Peninsula.

Todas estas notaveis occorrencias do reino visinho augmentavam pois as probabilidades de que as communicações de D. Pedro com o governo da regente, D. Maria Christina, não podiam deixar de ser em Hespanha bem recebidas, e com estas vistas sahio de Lisboa para Cadiz, no dia 19 de fevereiro, o desembargador Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, como portador de uma carta do mesmo D. Pedro para a rainha governadora, levando ao mesmo tempo comsigo as credenciaes de ministro plenipotenciario em missão extraordinaria junto áquella côrte. Sarmento só no dia 21 de março foi recebido pela rainha regente no real sitio de Aranjuez, sendo o seu reconhecimento como ministro demorado ainda para um mez depois, porque só em fins de abril é que as suas credenciaes lhe foram aceitas, mandando-se em missão extraordinaria, por parte da Hespanha, junto á côrte de Lisboa, a D. Evaristo Peres de Castro. A chegada do nosso ministro a Madrid fôra desde o seu primeiro mo-

mento bem acolhida alli pelo governo; mas a sua apresentação na côrte, e reconhecimento, fôra negocio mais demorado, pretextando-se a necessidade de esperar primeiro pelo reconhecimento da joven rainha de Hespanha por parte da côrte de Roma, a quem era necessario não dar motivo para maior desconfiança em objectos politicos. Entretanto o ministro inglez em Madrid participára para Lisboa, em meiado de março, que um corpo de tropas hespanholas entraria em Portugal, logo que para isso fosse requisitado; mas lord Howard, communicando isto a D. Pedro, lhe acrescentou tambem que taes tropas não ultrapassariam a fronteira do reino, em quanto primeiramente se não perdessem as esperanças de serem por D. Miguel aceitas as condições da mediação ingleza. D. Pedro não podia por modo algum consentir em tal mediação, quando não tivesse por base a prompta sahida de seu irmão para fóra da Peninsula, como já se tinha proposto ao infante sem resultado algum vantajoso, e para prova da firme resolução, em que estava a tal respeito, e não menos para desvanecer as noticias, que os miguelistas espalhavam, de que o casamento da rainha com D. Miguel era uma daquellas condições, noticias em que alguns dos proprios constitucionaes chegaram até a acreditar, temerosos da insidiosa diplomacia ingleza, apressou-se em publicar, com a data de 18 de março, um energico relatorio, assignado por todos os ministros, em que se recopilavam todos os crimes do infante D. Miguel com as mais negras côres, e se concluia a necessidade de o exhautorar de todas as honras, privilegios, e regalias, que como tal lhe competiam, o que com effeito teve logar por decreto da mesma data, acrescentado com outro, que declarou extincta a casa do infantado, e os seus bens incorporados nos proprios bens da nação.

Ainda que lord Howard ficasse altamente indisposto com a publicacão de semelhante decreto, e abertamente declarasse os ministros incursos nas accusações, que contra elles se faziam de procurarem prolongar a guerra, nem por isso desistio de negociar com D. Miguel sobre as condições de

um projecto, que por escripto apresentára ao ministro da guerra em Lisboa. Bem longe de Agostinho José Freire se conformar com semelhante projecto, procurou substitui-lo por outro, que ainda que justo fosse, era bem de esperar que em represalia soffresse da parte do ministro inglez, como realmente soffrêo, uma completa rejeição. Apezar disto, lord Howard nenhuma duvida teve em se dirigir ao Cartaxo para abrir as suas negociações com o governo de Santarem; mas sobre as bases do seu mesmo projecto, no qual apenas consignava a sahida temporaria de D. Miguel para fóra de Portugal, não admittindo, sem repugnancia pela sua parte, que o infante não podesse voltar ao reino sem licença prévia do governo, pois era da sua mente que elle o podesse fazer logo que findasse o praso marcado para a sua sahida. Postas de parte as expressões offensivas de usurpador, e outras semelhantes, que em muitas das peças officiaes se empregavam contra o mesmo infante, lord Howard exigia tambem que com elle se usasse de uma linguagem de mais polidez e respeito, conservando-se-lhe, além disto, com todos os seus titulos e honras, as suas propriedades da casa do infantado. Quanto ás nomeações ecclesiasticas, civis, e militares por elle feitas, algumas garantias de favor exigia igualmente para ellas, particularmente no que dizia respeito aos militares, e aos seus vencimentos. Na sua chegada ao Cartaxo lord Howard escrevêo particularmente para Santarem ao ministro da guerra, conde de S. Lourenço, que se recusou logo a toda a correspondencia, que não tivesse por si um caracter francamente official, exigencia a que o ministro britannico immediatamente satisfez. A meia legoa dos postos avançados sobre a ponte d'Assêca se viram e reuniram pois com o general Lemes, e o ministro inglez, o marechal Saldanha, e o almirante Parker, com mais dois officiaes de marinha inglezes, os quaes, depois de feitos os comprimentos, que a civilidade exigia, se affastaram do logar da conferencia, em que só ficaram os primeiros dois, para entre si regularem as bases do concerto, ou negociação projectada. Logo na primeira abertura o general Lemes com toda a

franqueza expôz não ter esperança alguma de corresponder a pratica á espectativa, quanto á conciliação, uma vez que esta tivesse por base a sahida de D. Miguel para fóra de Portugal, porque em fim nem elle general, nem algum dos que militavam debaixo das bandeiras realistas, estavam resolvidos a abandonar o seu rei, qualquer que fosse a gravidade e magnitude dos sacrificios, que para isso houvessem de fazer. Além disto, acrescentou mais, que as circumstancias da sua causa tinham sensivelmente melhorado, pelo melhoramento dos seus recursos, pela moderação do ministerio, que ultimamente dirigia os negocios em Santarem, e finalmente porque, sendo-lhes favoraveis as operações militares no Norte e no Sul do reino, não era de esperar que, apenas lhes chegasse a esquadra, que cedo lhes devia vir de Inglaterra, o seu triumpho fosse por muito tempo duvidoso. Ninguem, com apparencia de melhor fé, figurava em tão prospera situação uma causa, chegada quasi aos seus ultimos extremos. Nestas circumstancias lord Howard replicou ao general Lemos, que o partido realista em nada se deshonrava, submettendo-se á sorte, a que as circumstancias da guerra o tinham reduzido, por haver semelhante partido feito já tudo quanto delle se podia exigir por dever de honrá e de lealdade. Além disto, representou-lhe mais que a nova politica dos gabinetes das Tuilherias e S. James, depois da desthronação de Carlos X em Paris, e da queda do duque de Wellington em Londres, não permittia a estes dois gabinetes reconhecer jámais D. Miguel como rei de Portugal, ainda mesmo que a sorte das armas lhe tivesse sido propicia: que esta mesma politica tinha já sido abraçada pelo gabinete de Madrid, o qual, em consequencia della, fizera approximar da fronteira uma forte divisão de tropas hespanholas. Nestes termos toda a razão havia para se convencer, quanto á politica externa, que o gabinete inglez nada mais podia fazer do que já tinha feito a favor do infante, a quem pela ultima vez aconselhava a accitar as bases da conciliação proposta, de que a Inglaterra ficaria por garante, por serem estas as que, com mais vantagem, elle e todos os seus par-

tidistas podiam obter nas circumstancias a que estavam reduzidos, na certeza de que, perdida uma vez esta occasião, não se lhes proporcionaria outra de negociar para o futuro, e que em fim as esperanças da sua esquadra eram inteiramente chimericas, e bem longe da melhor situação, em que suppunham a sua causa, ella tinha contra si os peores auspicios com a abertura das operações militares da primavera, tanto ao Sul, como ao Norte do reino, pois em quanto o barão de Sá da Bandeira dava no Algarve consideravel impulso ás armas constitucionaes, penetrando no Alemtejo com a sua entrada em Beja, o almirante Napier tinha já pelo Minho surprehendido Caminha e Vianna.

Pela exposição de todas estas razões terminou lord Howard a sua conferencia, de que a final se retirou, recolhendo-se a Lisboa, onde poucos dias depois recebêo do conde de S. Lourenço a definitiva resposta official, contendo a rejeição das condições offerecidas, porque em fim, posto que os successos das armas tivessem já, como juizes, pronunciado em primeira instancia a sentença a favor da causa de D. Pedro, todavia os odios de partido, ainda que fatigados os animos com a prolongação da guerra, não se podiam resolver a uma definitiva paz, por meio de ajustes ou convenções, a que a sorte das armas os não arrastasse. Tão dura é a condição de vencido, que ninguem se póde resolver a ella, senão em presença da mais manifesta coacção da força! Tinham decorrido alguns dias, sem que nada transpirasse no exercito de Santarem ácerca de semelhante negociação; mas apenas foi conhecida do publico, não se levantaram pequenos clamores, da parte dos mais prudentes e moderados, contra quem levára D. Miguel a rejeitar, com tanta sem razão, a unica maneira de terminar a luta com a maior vantagem possivel para elle, e para os seus partidistas, posto que os mais exaltados louvassem a sua resolução e firmeza, e approvassem a sua constancia em encarar com o negro futuro, que os esperava, despresando as condições de um tratado, em que se não olhava D. Miguel como rei. Este foi pois dos ultimos e indisculpaveis desacer-

tos, commettidos pelas altas summidades do partido miguelista, porque em fim se é da boa politica ceder muitas vezes ás circumstancias, para nas cousas da mais reconhecida justiça se conseguir, não tanta quanta se tem, mas tanta quanta é possivel, por ser melhor alguma cousa que nada, não ha duvida que no meio das contrariedades, que por si tinha a supposta legitimidade de D. Miguel, a boa politica aconselhava aos seus partidistas a prompta aceitação das unicas vantagens, que no meio das suas circumstancias podiam alcançar. Conservando parte da sua antiga influencia e organisação politica, o partido realista, apoiado pelo gabinete inglez, devia necessariamente contrabalançar muitos dos desmanchos governativos, que vieram depois da guerra acabada, e por conseguinte a recusa da mediação estrangeira não só foi funesta a semelhante partido, mas até ao bem geral do paiz. Entretanto é fóra de toda a duvida que a Inglaterra fez a favor de D. Miguel tudo quanto lhe era possivel, como bem se tem visto pelos esforços empregados por lord Howard, a despeito mesmo da consideração, que lhe deviam merecer D. Pedro, e os seus importantes serviços, e os de todos os seus partidistas. Este mesmo empenho, que houve em levar os miguelistas á negociação da conciliação proposta, foi por elles olhado como prova da fraqueza, a que D. Pedro e os seus estavam reduzidos, de modo que poderam mais as suspeitas nos conselheiros de D. Miguel, do que a evidencia das razões expostas e a realidade dos factos, que por toda a fórma e maneira se patenteavam. Todavia esta rejeição foi um dos maiores triumphos para a causa constitucional, e D. Pedro, que queria ver rendidos a seus pés, depondo submissamente as armas liberticidas, todos os partidistas de seu irmão, para ter occasião de exaltar mais o seu nome, estendendo sobre elles o manto da sua alta generosidade e clemencia, pôde ver realisados os seus desejos, e dar com effeito ao seu nome a reputação de magnanimo, que por semelhante motivo merece. Por conseguinte, appellando-se novamente para a sorte das armas, os preparativos da guerra deviam continuar activos de parte a parte. E com effeito,

em quanto as fortificações de Santarem eram levadas a um ponto, a que nunca tinham chegado, D. Pedro e os seus generaes cuidavam diligentes no seu plano de ataque, em relação a toda extensão do paiz, empregando para esse fim os seus navios, que d'uma a outra extremidade do reino sulcavam os mares, levando reforços, e auxiliando, quanto possivel era, as operações militares de terra.

CAPITULO VIII.

A energia do novo governador constitucional do Algarve faz com que D. Miguel destaque forças de alguma monta para aquella provincia, tendo por êste tempo as suas tropas abandonado o cêrco de Marvão, e em quanto por esta occasião um dos seus generaes dirige sem fructo um ataque contra Setubal, aquellas mesmas forças seguem depois marcha para o Algarve, onde conseguem reduzir os constitucionaes á defensiva das terras que guarneciam. Entretanto Napier surprehende Caminha, entra em Vianna, e depois em Valença, auxiliado tambem pelas operações das tropas do Porto, e é no meio destes auspicios que o duque da Terceira, organisando uma divisão naquella cidade, passa o Tamega, e apoiando-se na divisão hespanhola do general Rodil, segue marcha para Coimbra, vae depois sobre Thomar, e ganha a celebrada batalha d'Asseiceira, que obriga os miguelistas a evacuar Santarem, até irem depôr as armas nos campos d'Evora-Monte, embarcando D. Miguel para fóra do reino, e dispersando-se finalmente o seu exercito, na conformidade dos artigos de uma capitulação, que D. Pedro generosamente lhes outorga.

A campanha da primavera tinha sido emprehendida com os mais felizes auspicios, tanto no Sul, como no Norte do reino. Fôra da maior urgencia que o governo fizesse todos os possiveis esforços para acudir ao desgraçado Algarve, cujos campos eram continuamente talados por numerosos bandos de guerrilhas, commandados uns delles por officiaes, enviados do exercito miguelista, e outros por certos homens do povo, que influentes nas differentes terras da provincia, por essa sua mesma influencia obrigavam muita gente do campo, e da serra, a vir militar debaixo das suas bandeiras, intimação a que tal gente com toda a docilidade obedecia, levada d'ordinario a esse passo para evitar as devastações, que nas suas propriedades experimentavam os que tinham comportamento diverso, porque em fim foi no Algarve, mais do que em outra provincia, onde se observou á risca o principio de que quem não era por D. Miguel, era decididamente contra elle. Os roubos, a pilhagem, e os actos de atrocidade eram por conseguinte frequentes, por-

que as mesmas guarnições constitucionaes, que depois da marcha do duque da Terceira para Lisboa, em julho de 1833, ficaram limitadas a Lagos, Faro, e Olhão, eram de tão pouca gente, que mal bastavam ellas para se defender a si proprias naquellas tres terras, por se achar desde então levantado em chusma contra o governo legitimo todo o resto da provincia. D'aqui se seguio que, abandonando os mesmos constitucionaes as suas antigas sortidas, viram-se depois reduzidos ao mais rigoroso bloqueio, feito pelo lado de terra pelos mesmos guerrilhas, e ameaçados até de fome pela falta de provisões, que só da capital lhes podiam ser por mar enviadas. Conservarem-se assim aquellas tres povoações por todo um inverno, que mal lhes permittia receber de Lisboa soccorros de tropa e de mantimentos em tal estação, foi certamente um feito da maior gloria para os seus defensores, e de grande vantagem para as armas de D. Pedro. Se para libertar aquellas guarnições, e restituir o socego e a tranquillidade ao desgraçado Algarve, se tornavam de grande vantagem quaesquer operações militares, que por alli se emprehendessem, por outro lado não se tornavam ellas menos importantes, por ameaçarem tambem o Alemtejo, base do fornecimento do exercito de Santarem, que ou havia de ser desfalcado de novas forças, que em tal caso tinha de mandar d'alli para o Sul do Tejo, ou estas forças haviam de ser destacadas do exercito que D. Miguel ainda tinha no Minho, e deste modo se facilitava ou a tomada daquella villa, ou a expulsão do inimigo das provincias do Norte. Com umas e outras vistas se destinou pois o governo de Lisboa ás operações do Algarve, ás quaes podiam servir de apoio a praça de Marvão, defendida por 800 a 1:000 infantes, e a villa de Setubal, cuja guarnição se foi successivamente elevando até chegar a 1:500 homens de diversas armas. A falta d'operações activas para sustentar a linha do Guadiana em poder dos constitucionaes, e a apathia do antigo governador do Algarve, limitado constantemente á defensiva, e desleixado até na organisação dos possiveis batalhões nacionaes, tinham naquella provincia reduzido as armas de D. Pe-

dro aos ultimos apertos, cousa para que tambem não concorrêra pouco a pessima conducta de um batalhão de belgas e francezes, de guarnição no Algarve, onde a sua indisciplina, as suas violencias, e roubos, igualando os dos proprios guerrilhas realistas, tinham levado os povos á desesperação de pegar em armas para os rebater, unico meio que lhes restava de defeza propria. Foi para remediar todos estes inconvenientes que se nomeou um novo governador das armas para o Algarve, o coronel barão de Sá da Bandeira, que em 19 de fevereiro largou de Lisboa para aquella provincia, sem levar comsigo um só soldado de reforço.

Antes da chegada do barão de Sá ao Algarve achava-se estabelecida a pratica d'uma guerra feroz e destruidora, sendo muitas vezes mortos os prisioneiros, especialmente os que cahiam nas mãos dos guerrilhas[1]. Apertados eram os extremos do novo governador em tal caso; mas julgou elle que o melhor meio de acabar com semelhante systema de guerra, era o soltar todos os presos politicos, que havia nas cadêas, e assim effectivamente o executou, dando-lhes rações, e mandando-os para suas casas, fazendo tambem o mesmo a quantos paisanos encontrou com armas na mão, porque tiradas estas, todos poderam ir em paz para onde mais conta lhes fez. Era idéa fixa de Sá da Bandeira procurar todos os possiveis meios de dar tal latitude ás suas operações no Algarve, que o exercito de Santarem se desfalcasse de qualquer porção de tropas, que para aquella provincia o inimigo se visse forçado a mandar; mas para esta empreza não tinha elle mais do que as antigas e acanhadas guarnições de Lagos, Faro, e Olhão, e além dellas o seu arrojado e corajoso espirito, que era o seu mais verdadeiro reforço. Chegando a Lagos, a 20 de fevereiro, e não tendo esperanças de soccorros, que se lhe podessem mandar de Lisboa, alli tomou parte da sua guarnição, e com ella foi desembarcar em Faro, no dia 21, resoluto a

[1] Destes guerrilhas o mais notavel era um celebre Remechido, homem a quem a opinião publica accusava de apunhalar os prisioneiros, de os queimar vivos, ou de os arrastar á cauda do seu proprio cavallo.

affrontar todos os riscos da sua espinhosa commissão. Logo no dia seguinte foram os guerrilhas desbaratados e dispersos em S. Bartholomeu do Pexão, onde um malvado velho, depois de ser prisioneiro dos constitucionaes, atirou por terra com um alferes, que o aprisionára, disparando-lhe á falsa fé pelas costas um tiro de pistola á queima roupa, de que resultou pôrem os circumstantes espingardas ao rosto, e desfecharem com tão fanatico assassino. Tavira já no dia 23 de fevereiro cahira em poder dos constitucionaes, que além de algumas peças de posição, acharam naquella cidade quarenta e um barris de polvora, numerosas munições, seis mil rações de mantimento, um cahique de guerra, e uma canhoneira. A esta empreza se seguio depois a posse de Castro Marim, que se achava abandonada, podendo desde então entrar a flotilha constitucional pelo Guadiana acima. Por esta fórma ficou a navegação deste rio impedida aos realistas, e elles impossibilitados de receberem por alli os soccorros de munições, tabaco, e outros generos de que precisavam. Derrotados novamente os guerrilhas na serra d'Alportel, e em Loulé, o mesmo Sá da Bandeira voltou no dia 2 de março para Faro, depois de ter corrido e limpado de inimigos toda a parte oriental do Algarve, donde tinha posto em fuga para o Alemtejo o general realista Bandeira.

Amargurado pela má conducta do batalhão de francezes, que foi achar no Algarve, e certo de que nada podia fazer delles como soldados, nem cohibir-lhes os roubos e violencias, que já por habito perpetravam, Sá da Bandeira tinha por mais de uma vez requisitado que lhe fizessem substituir aquella por outra gente de melhor indole. Chegára por este tempo a Lisboa um batalhão de belgas, que tendo ao principio ordem de se dirigir ao Cartaxo, deo-se-lhe todavia melhor destino, enviando-se para Faro, onde desembarcou no dia 4 de março. Foi este um excellente reforço para um militar tão bravo e distincto, como era o barão de Sá da Bandeira, que dando-lhe alguns dias de descanço, com elle entrou logo em operações no dia 10 do mesmo mez. Em S. Braz se reunira toda a gente realista

do Algarve, commandada por um tal Sebastião Martins Mestre, o novo general das armas, que por ordem de D. Miguel substituira o general Bandeira. Apezar da posição que occupavam, os miguelistas a abandonaram com a aproximação das bayonetas constitucionaes, fugindo para a serra com tal impeto, que mal poderam ser perseguidos por uns 30 lanceiros, e outros tantos voluntarios de cavallo, que atraz delles correram a todo o galope por montes quasi intransitaveis, pelo seu máo piso e aspereza, por serem cobertos de elevados matos. Tinha a pequena divisão constitucional chegado no dia 13 de março á serra de Penafines, e no dia immediato a Alte, quando a soltura de costumes, que tanto a seu salvo grassára no batalhão francez, que formava a antiga guarnição do Algarve, se manifestou tambem nos novos reforços, que da capital se tinham mandado a Sá da Bandeira; mas o severo exemplo de se fuzilarem dois dos amotinadores lhe fez pôr côbro, proseguindo-se a marcha no dia 15 para S. Bartholomeu de Messines. Almodovar, villa já situada na fronteira do Alemtejo, era a terra que os constitucionaes se propunham alcançar; mas chegando ao desfiladeiro do Valle da Matta, sobre elles lhes cahio alli por surpreza um corpo de guerrilhas inimigos, que lhes aprisionou 64 homens, a quem o proprio Remechido salvou a vida, não querendo ser para com elles menos generoso do que o fôra Sá da Bandeira para com os seus prisioneiros. Atravessadas as alcantiladas gargantas das montanhas do Algarve, os constitucionaes chegaram com effeito a Almodovar no dia 17 de março. Eis-aqui pois como Sá da Bandeira, tendo apenas comsigo uma força de 1:000 homens escassos, incluindo 40 lanceiros, limpou de guerrilhas e campeou na sua segunda incursão por toda a provincia do Algarve, já tão assolada pelos multiplicados assassinios e roubos, commettidos por uma gente, que mais lhe importava a pilhagem, do que a defeza da causa de D. Miguel.

Era chegado pois o momento do governo de Santarem procurar remediar os desastres, que a sua causa acabava d'experimentar no Algarve, e de que ao mesmo tempo es-

tava ameaçada no Alemtejo. Para o governo desta ultima provincia tinha elle chamado do Norte o general, conde d'Almer, que nos primeiros dias de março viera com effeito substituir no Alemtejo o general Lemos, estabelecendo em Evora o seu quartel general, como as suas instrucções lhe prescreviam. Alli achou elle apenas os depositos de cavallaria, e um batalhão, chamado de D. Miguel 1.º, porque todas as mais forças estavam divididas por muitas mais partes da provincia, a saber uma consideravel porção dellas fazendo o cêrco da praça de Marvão, outra observando Lisboa, e outra finalmente empregando-se contra Setubal, donde no dia 2 de março, e com o apoio de Palmella, se tinha já feito uma sortida em direitura á ponte das Rilvas, sem nenhum resultado para os constitucionaes, que entre os feridos contaram o proprio commandante da mesma sortida, que logo no principio do conflicto recebêo um golpe de sabre sobre a cabeça, que o fez cahir do cavallo abaixo. O conde d'Almer propôz concentrar n'uma só divisão todas as suas tropas, tão retalhadas como estavam pelos differentes pontos da fronteira, para que em corpo cerrado melhor podesse acudir a qualquer ponto que necessario lhe fosse; todavia preferio-se o antigo systema, conservando-lhe essas mesmas tropas dispersas em pequenos grupos, cujos chefes davam contas das suas operações parciaes ao general da provincia, de quem recebiam ordens, e a quem estavam inteiramente sujeitos. Além da marcha do general d'Almer para o Alemtejo, uma força para mais de 2:000 homens, composta dos regimentos d'infanteria n.º 2 e 14, caçadores n.º 4, e alguns batalhões de voluntarios realistas, e corpos de milicias, com 200 cavallos, e 8 bocas de fogo, se destacou tambem para o Algarve, debaixo do commando do brigadeiro Cabreira, acompanhado igualmente do brigadeiro Luiz de Bourmont, dois officiaes dos mais bravos do exercito de D. Miguel. Saldanha, tendo com anticipação recebido aviso destes reforços, mandados de Santarem para as provincias do Sul, representára para Lisboa a necessidade de quanto antes se enviar alguma gente ao barão de Sá da Bandeira,

e posto que nenhum receio houvesse de novos ataques dos miguelistas sobre as linhas do Cartaxo, todavia nem uma só bayoneta se tornou a mandar de soccorro para o desgraçado Algarve, cujo governador das armas assim se deixou exposto a todo o risco, que ia correr debaixo de forças tão superiores, e tão habilmente commandadas. Entretanto o barão de Sá da Bandeira tinha, no dia 19 de março, mandado o coronel Le Charlier para Mertola com metade da sua pequena divisão, para surprehender naquelle ponto um consideravel corpo de guerrilhas, que o occupava, em quanto elle mesmo ficou em Almodovar com a outra metade, para cobrir o Algarve, e evitar uma nova irrupção daquella gente na referida provincia. Os miguelistas, retirando-se de Mertola com a noticia da aproximação dos constitucionaes, deram logar a que estes, reunindo as suas forças no dia 21, podessem no dia 22 fazer caminho para a cidade de Beja, onde entraram no dia immediato sem resistencia alguma, por se achar abandonada pelo inimigo, sendo os recem-chegados alli recebidos com o maior e mais vivo enthusiasmo dos seus habitantes, que ardentemente partilhavam as opiniões liberaes.

Por este mesmo tempo os defensores de Marvão, apertados pela fome, e faltos de combustivel, haviam chegado em meiados de março ao maior apuro e desalento. O brigadeiro Antonio Pinto Alvares Pereira, não só para divergir o espirito abatido dos seus subordinados, mas levado tambem a isso pela necessidade, fizera no dia 15 de março uma vigorosa sortida, que lhe permittira a entrada de algumas lenhas e madeiras para dentro da praça, o que no dia 19 lhe dera occasião a manifestar á sua guarnição, por uma ordem do dia, a satisfação que tinha pela heroica conducta, e distinctos feitos, praticados no dia 15 no campo da batalha, affiançando ao mesmo tempo aos seus soldados, que em poucos dias o inimigo seria arrojado para longe das muralhas daquella heroica fortaleza. « Soldados, lhes dizia elle, « as armas constitucionaes triumpham em todos os pontos de « Portugal, e em breve tereis a gloria de terminar a luta,

« que dando a liberdade á vossa patria, vos collocará tran-
« quillos no seio das vossas familias, repousando sobre os
« louros, que já ornam vossas frentes, e premeiam vosso va-
« lor e constancia. As operações militares nesta provincia
« vão a tomar um caracter novo, e em poucos dias as forças
« constitucionaes farão tremular triumphante a bandeira bi-
« color nas margens do Tejo e Guadiana, e vós, soldados,
« sereis abençoados pelos povos, que esperam anciosos, que
« vosso valor lhes vá quebrar os ferros, que os tem curvado
« ao peso da mais insuportavel escravidão. » No dia 22 fez-
se de Marvão uma nova sortida para metter na praça um
crescido comboi de mantimentos, que das fronteiras da Hes-
panha largára com aquelle destino. Este comboi entrou sem
maior risco naquelle mesmo dia, e sahio na manhã do se-
guinte, porque os da praça de Marvão, deitando-se com todo
o vigor ás linhas inimigas, desde a Maceira até á ermida
de S. Pedro, obrigaram os sitiantes a abandona-las, dando
assim logar a que os hespanhoes se podessem retirar a seu
salvo com todos os seus meios de transporte. Neste dia de
gloria o general Antonio Pinto, manobrando corajosamente
com as suas tropas, batêo com ellas a força sitiante, e a
obrigou a levantar o cêrco desde o Arieiro até ao valle do
Alcaide. Avançando depois com o maior arrojo até ás altu-
ras, que dominam a aldêa da Escusa, pôde destruir então
todas as baterias inimigas, que se encontraram durante o
transito, e continuando-se a marcha sobre aquella mesma
aldêa, os constitucionaes fizeram com que os miguelistas
abandonassem o Salvador, dando a final logar a que os cer-
cados podessem vir livremente observar em todas as direc-
ções os estragos, a que um sitio tão devastador reduzira as
suas casas e campos da visinhança. As operações deste dia
23 de março, e as do immediato, obrigaram os sitiantes a
largar definitivamente o cêrco, retirando-se nas direcções de
Portalegre e Castello de Vide, onde se começaram a forti-
tificar. Foi nesta ultima terra que o brigadeiro Antonio
Pinto os atacou de viva força no dia 26, mas sem resultado
de maior vantagem, tendo de retirar-se novamente a Mar-

vão com alguma perda, porque alem das forças do general Doutel, que o pôz em retirada, foi de mais a mais ameaçado pela guarnição de Portalegre, que se destinára a cortar-lhe a passagem para Marvão, buscando interpôr-se entre elle e esta mesma praça. Todavia na sua ordem do dia de 28 daquelle mez com bastante ufania fallou elle ás suas tropas, asseverando-lhes que as suas operações iam começar activas contra o inimigo, o qual já se não atrevia a esperalas em campo, encerrando-se dentro dos muros de Castello de Vide, por não poder aterrado soportar por mais tempo o impeto das suas bayonetas. Mais tarde porém os de Marvão, penetrando em Portalegre, surprehenderam e bateram alli o inimigo, levando comsigo presas todas as authoridades, e na mesma villa de Castello de Vide o não encommodaram pouco até á sua final capitulação pelos acontecimentos de Evora-Monte.

Entretanto achava-se o barão de Sá da Bandeira com a sua pequena divisão no coração do Alemtejo, inteiramente despido de auxilios, e apenas, sem o saber, favorecido pelas operações da guarnição de Marvão. Falto pois de communicações, e sem noticia de que os defensores de Setubal tentassem empreza alguma, que lhe facilitasse os seus movimentos, Sá da Bandeira vio-se por esta occasião ameaçado sobre o seu flanco direito pelas forças do brigadeiro Luiz de Bourmont, que passando para a margem esquerda do Guadiana, tentára por alli involvê-lo, e cortar-lhe até se podesse a retirada para o Algarve. Á vista disto os constitucionaes tiveram de dirigir-se, no dia 24 de março, sobre a villa de Serpa, que o conde de Bourmont evacuára com o grosso das suas tropas, para se retirar para Moura, deixando todavia uma guarnição para defender o castello de Serpa até á ultima extremidade. Sá da Bandeira encontrou fóra da fortaleza uma parte daquella guarnição, que sendo immediatamente atacada, de prompto se recolhêo ao castello. De balde se lhe pretenderam arrombar as portas, e forçar as muralhas, porque os aggredidos não só se defenderam bem, mas injuriaram até os aggressores, dando repetidos vivas a D.

Miguel, a que os constitucionaes responderam com as suas descargas de mosquetaria, e gritos de *viva D. Maria!* Não sendo possivel tomar de repellão o castello de Serpa, nem valendo a pena de com elle se consumir tempo, sitiando-o regularmente, Sá da Bandeira voltou sobre Beja, depois da perda de 19 homens mortos, e 13 feridos, que experimentou sem fructo. Na tarde de 25 de março interceptou elle em Beja um correio do inimigo, por onde foi informado, por fortuna sua, de que duas columnas em força se dirigiam contra elle, uma vinda de Alcacer do Sal, e outra d'Evora, o que promptamente o levou a retrogradar sobre Mertola, e depois sobre o Algarve, onde sem maior desastre entrou no dia 31 daquelle mez. Desde então os guerrilhas penetraram novamente em força por aquella provincia; e em quanto Sá da Bandeira se dirigia a Faro, e mandava recolher a sua divisão a Loulé, os mesmos guerrilhas cahiram sobre esta villa, e acommettendo-a affoutos, della foram repellidos, com a perda de 40 mortos, e 10 prisioneiros.

Por este tempo o conde Luiz de Bourmont, tendo derrotado um pequeno corpo de tropas constitucionaes no valle de Barrancos, obrigando-o a retirar para Hespanha, veio outra vez sobre Serpa, julgando surprehender Sá da Bandeira, a quem já não pôde apanhar, pela antecipação com que retiráre para o Algarve. Bourmont teve bem de pressa de retroceder para o Norte, porque os constitucionaes de Setubal, presentindo mais fraca a guarnição de Alcacer, cahiram sobre esta villa, e a tomaram sem nenhuma perda, retirando-se o inimigo para Evora. Apezar disto, a posse de Alcacer foi de pequena duração entre os constitucionaes, porque Bourmont, reunindo-se com o brigadeiro Cabreira, que de Santarem sahira expressamente para operar no Algarve com a columna movel, em que já se fallou, não só retomou Alcacer, mas recebêo até ordem de atacar Setubal, cuja posse tão importante se tornava para as armas miguelistas. Para sempre se ir revezando a fortuna com a desgraça, Setubal por bem pouco não foi desta vez presa do inimigo, que depois do meio dia de 12 de abril apparecêo quasi inopinadamente pela estrada

das Aguas de Moura sobre o Moinho de Páo, que constituia já um reducto exterior na direita da respectiva linha. Desta marcha havia sido o governador de Setubal devidamente avisado por alguns paisanos, que daquellas partes se tinham recolhido á villa; mas não acreditando em tal, coube ao capitão da 2.ª campanhia de infanteria n.º 21, Nuno Brandão de Castro, que já tão distincto se tornára na defeza da villa da Praia, em 11 de agosto de 1829, a gloria de salvar Setubal. Este bravo official, informado casualmente de que o inimigo estava já de posse do reducto do Moinho de Páo, vergonhosamente abandonado pelo seu commandante, um alferes do terceiro batalhão movel de Lisboa, que dois dias depois foi demittido por indigno do serviço do exercito, promptamente corrêo por seu proprio arbitrio sobre o ponto atacado, conseguindo desalojar delle os miguelistas, e sustentar-se depois contra forças, compostas de mais de 150 homens de cavallaria, e 1:800 infantes, com oito peças de artilheria de campanha [1]. Desde então toda a mais guarnição acudio com a maior presteza ás linhas, e depois de umas tres horas de continuado fogo, o inimigo abandonou o ataque, com que tão arrojadamente levára as fortificações da direita de Setubal, de que já estava senhor, tendo a perda de 16 a 20 mortos, e entre estes dois officiaes, alem de muitos feridos. Bourmont retirou-se mortificado pelo vivo fogo, que pelas costas lhe faziam os defensores de Setubal, perdidas as esperanças de uma victoria, que já começára a crer como sua. Do logar da Cascalheira, já meia legoa distante de Setubal, seguio novamente para Aguas de Moura, e de lá para Alcacer do Sal, accusando fortemente o brigadeiro Cabreira de o abandonar no auge da sua empreza, retirando-se para uma legoa á retaguarda, quando os seus soldados, já meios vencedores, julgavam em seu favor a victoria; mas Cabreira, qualquer que fosse o fundamento desta accusação, parecia querer de prompto fazer uma surpreza sobre o Algarve, em quanto as attenções dos

[1] Assim o confirma a ordem do dia do exercito n.º 194, de 14 de abril de 1834, onde se acha narrado este nobre feito.

constitucionaes se achavam distrahidas com o ataque de Setubal.

Por este tempo tinha Sá da Bandeira recebido no Algarve um novo e pequeno reforço de um batalhão do regimento 4 de infanteria, e mais 30 lanceiros. Com esta gente, e a tropa de que anteriormente dispunha, se dêo elle ao cuidado de guarnecer desde logo todas as terras do litoral da provincia, ficando assim definitivamente occupadas pelas tropas leaes Faro, Lagos, Castro-Marim, Villa Nova de Portimão, Olhão, e Sagres. Sá da Bandeira, sabendo que o brigadeiro Cabreira, depois do infructuoso ataque de Setubal, marchava contra o Algarve com a divisão movel, que em Santarem se lhe confiára, foi logo occupar Silves, d'onde no dia 10 de abril passou a S. Bartholomeu de Messines, unico ponto por onde o inimigo se podia dirigir ao Algarve. Entretanto as operações militares de Sá da Bandeira não lhe corriam tão prosperas, quanto a seu sabor desejára, e os desastres para a causa constitucional não estavam de todo acabados. Cabreira, com toda a ufania, se jactára em Santarem de que dentro em oito dias expulsaria os constitucionaes do Algarve, e posto que a sua retirada de Setubal não fosse de muito bom agouro para as suas operações naquella provincia, todavia affouto marchou ao destino, que se lhe dera, indo no dia 23 do citado mez de abril ficar a S. Marcos da Serra. Os miguelistas tinham reunido a si toda a força de guerrilhas, que andava dispersa pelas montanhas, e com ella, e as tropas regulares, que lhe vieram de fresco, fizeram um total de 3 a 4:000 homens, com os quaes se dirigiram no dia 24 ao acommettimento das alturas de S. Bartholomeu de Messines, occupadas por Sá da Bandeira apenas com 1:500 homens. Um longo e porfiado combate, que durou perto de dez horas, se travou rijamente entre as forças de Cabreira e as de Sá da Bandeira. Aos atiradores de guerrilhas, com que o inimigo começára esta acção, se seguio depois o ataque do seu batalhão de caçadores n.º 4, reforçado por cavallaria, e uma bôca de fogo: em presença desta força, o batalhão belga foi da parte dos constitucionaes

obrigado a retroceder sobre o grosso da sua respectiva divisão, empenhando-se desde então um renhido choque, de que resultou serem os miguelistas repellidos sobre a sua reserva, que neste aperto se começou então a desenvolver. No meio do conflicto uma importante collina foi tomada e retomada por tres vezes, chegando os miguelistas a repassarem até a ribeira d'Arade, obrigados a deixar o terreno, que d'antes tinham occupado. Eram quatro horas da tarde quando esta mesma ribeira foi com effeito atravessada por um forte batalhão de infanteria, e um esquadrão de cavallaria inimiga. Já longe da sua reserva foi esta força acommettida pelo proprio Sá da Bandeira, que a carregou com dois esquadrões de lanceiros. Era este o momento critico do ataque, mas os lanceiros retrocederam pela fragosidade dos caminhos, e difficuldade do terreno para manobrar cavallaria, circumstancia de que o inimigo habilmente se aproveitou, atacando em força a ala esquerda dos constitucionaes, formada pelo batalhão belga. Repellido este batalhão das suas posições, foi desde logo soccorrido por uma nova carga de lanceiros, que com tal denodo a desempenharam, que tiveram mortos todos os seus officiaes, e bastantes soldados. A este tempo o inimigo tinha atacado com igual vigor a ala direita de Sá da Bandeira, que sendo demasiadamente fraca para soportar o ataque, teve de se retirar, dando assim logar a que o resto da sua linha, (a esquerda e o centro), abandonasse tambem a posição, que occupava, por isso que marchando em soccorro da mesma direita um destacamento, estacionado n'um barranco ou desfiladeiro, que ficava situado entre as alturas da esquerda e do centro, por esta passagem penetrou o inimigo, separou a linha constitucional em fracções, e as obrigou finalmente a retirar para uma cordilheira de montanhas, que ficava já na retaguarda do campo da batalha. Pelas seis horas da tarde o mesmo Sá da Bandeira procurou ganhar Silves, onde entrou bastante incommodado pelos guerrilhas, tendo perdido durante o combate 35 mortos, e 70 feridos, alem de bastantes bagagens, artilheria, e alguns lanceiros prisioneiros, e outros extraviados. Apresen-

tados em Santarem estes tropheos da victoria, valerám elles ao brigadeiro Cabreira a sua promoção a marechal de campo. De muita censura tem esta batalha servido ao barão de Sá da Bandeira, criminando-se-lhe a temeridade, não só de arrostar com 1:500 homens o peso de 4:000 inimigos, mas até de querer tirar vantagem das cargas de cavallaria n'um terreno montuoso, cortado por desfiladeiros, e inteiramente improprio para semelhante arma. Como quer que seja, certo é que depois deste desar a sua ousadia quebrou consideravelmente, limitando-se apenas á defensiva das terras anteriormente occupadas pelas suas tropas, onde até ao fim da guerra soffrêo alguns ataques; mas sem resultado algum para os aggressores, que tendo ficado em descanço, repousando tranquillos no campo da sua gloria em S. Bartholomeu de Messines, e depois em Loulé, tarde, e a más horas acommetteram com Faro e Olhão, nos dias 5 e 9 de maio, retirando-se outra vez para Loulé, muito longe de realisarem a promessa de deitarem os constitucionaes para fóra do Algarve.

De muito maior fortuna e gloria, do que até aqui tinham sido nas provincias do Sul, eram por este mesmo tempo para os constitucionaes as suas operações nas do Norte do reino, que tão mortalmente feriram o inimigo, e o levaram pouco depois ao acabamento da luta. Napier, obtendo a faculdade de poder operar livremente nos portos do mar, foi-se no dia 16 de março a Setubal, donde, tomando a marinhagem e os soldados das guarnições dos navios de guerra, endireitou prôa para o Norte até ir parar junto do cabo Mondego. Impossibilitado d'acommetter alli a Figueira, pela difficuldade que a resaca lhe oppunha a effeituar em qualquer parte da costa o desembarque da mais pequena porção de gente, o mesmo Napier continuou viagem para a foz do Minho. Chegado alli, os seus desejos tiveram logo por alvo a posse da villa de Caminha, e a do forte da Insua, ou castello levantado no meio de uma pequena ilha, que no centro do rio existe junto daquella villa, ministrando assim duas passagens aos barcos, uma da parte

do Norte, que pertence á Hespanha, e outra da do Sul, que com o dito forte é dominio de Portugal. É este forte da Insua, cercado por altas muralhas de difficil accesso, pela continua resaca das aguas, que contra ellas batem, monumento de gloria, com que os nossos maiores sustentaram e conservaram por aquella parte da fronteira a independencia e a nacionalidade portugueza. Em razão disto, entendêo Napier, que se lhe não era facil o assalto daquelle forte, por se prestar tão pouco a um golpe de mão, já não succedia assim á villa, que apezar de cercada tambem de muralhas, com seu fosso da parte da terra, não se lhe antolhou pelo lado do mar de impraticavel escalada, particularmente em razão de uns armazens, que arrumados junto das respectivas muralhas, facilmente podiam servir de base para sobre elles se collocarem as escadas. Mas no meio destes projectos a barra ainda não tinha sido sondada, e quando o foi, o mesmo Napier julgou arriscado poder entrar por ella dentro com barcos carregados de gente, valendo-lhe para a sua projectada empreza a protecção e auxilio, que felizmente encontrou no governador, no magistrado, e no agente consular portuguez da villa da Guardia, povoação que já fica na Galliza, e por conseguinte na margem direita do Minho. O juiz e o governador hespanhol consentiram em que Napier desembarcasse no territorio da sua jurisdicção, pela alta noite, e quando todos os habitantes da Guardia descançadamente dormissem nas suas camas, a gente destinada ao assalto de Caminha, effeituando-se o respectivo desembarque pela uma hora da manhã de 23 de março, marchando immediatamente sobre a villa de Caminha, defronte da qual os constitucionaes chegaram, mas ainda sobre a margem direita do Minho, pelas duas horas. Tudo se observava tranquillo, e nem por parte alguma do rio abaixo ou acima se descobria se quer um só escaler de vigia. Quanto á sua passagem, os mesmos constitucionaes a effeituaram para o outro lado por meio de dois unicos barcos, que alli casualmente encontraram, e o que tão difficil fôra para o general Soult, quando em 1809 quiz tambem passar o Minho para Portugal, agora

tão facil se tornára a Napier, que nem ao menos chegou a ser presentido pelos seus contrarios. Na distancia de uma milha de Caminha surprehendêo elle os piquetes do inimigo, que estavam dormindo, e posto que apparecessem fechadas as portas da villa, nem uma só sentinella se lhe via *álerta* pelos baluartes. O perito guia, que o almirante comsigo levava, o conduzio pelo lado do mar, e sempre junto da respectiva muralha, costeando assim no meio do mais profundo silencio todo o comprimento da villa até se chegar ao caes. Por alli se descobrio então aberto um postigo, destinado ás sortidas, e penetrando por elle as forças de Napier, uma parte dellas foi apoderar-se da guarda, outra dos quarteis da tropa, e a terceira dirigio-se á casa do governador, que era um Antonio Augusto, a quem tres tiros de fuzil tiraram a vida, quando fóra da janella deitava a cabeça para gritar ás armas, mandar carregar, e fazer fogo. Igual sorte experimentou um padre, que com elle estava na mesma casa, chegando tambem á janella. Desde então tudo se entregou sem maior resistencia aos vencedores, que de mais a mais apprehenderam no rio o cuter Escorpião, pequena embarcação de magnifico pé, por ter infringido as leis do bloqueio. A villa de Caminha, posto que fortificada e murada, achava-se todavia desconsiderada com as suas muralhas em ruina, tendo apenas tres peças de artilheria, e a sua guarnição reduzida, quando muito, a 70 milicianos, que depozeram as armas sem resistencia, fazendo o mesmo, pelas duas horas da tarde, a guarnição do forte da Insua, em força de 40 homens com 14 bôcas de fogo, á primeira intimação, que lhes fez Napier, quando lhes mandou dizer que se rendessem, para sahirem com as honras militares, conservarem os postos que tivessem, e evitarem um assalto, em que irremediavelmente seriam então passados pelas armas.

Eis-aqui pois como Caminha cahio por surpreza em poder dos constitucionaes, que nella tinham um magnifico ponto de apoio para, d'acôrdo com o Porto, expellirem os miguelistas da provincia do Minho. Napier, recebendo por esta occasião um reforço de 200 homens de bordo da fra-

gata D. Pedro, que voltava de Inglaterra, póde mais tranquillo cogitar nos meios de segurar Caminha, e até de se preparar para ulteriores operações militares. Apezar disso, elle via-se collocado entre tres focos de inimigos, que lhe obstavam a semelhante empreza, tendo pelo seu lado esquerdo a praça de Valença, a quatro legoas de caminho, pela sua direita a villa de Vianna, em igual distancia, e pela sua frente a de Ponte de Lima, quando de Caminha se resolvesse a marchar para Braga. Por fortuna sua, todas estas terras, ainda que fortificadas, eram guarnecidas por milicias, cuja disciplina, e decisão dos officiaes, que as commandavam, não promettiam longa resistencia em occasião de ataque. Uma outra circumstancia favorecia tambem as operações de Napier, e era o ter-se desfalcado a força regular inimiga, que até então defendia o Minho, de tres brigadas, que todas foram para Santarem, ficando o resto daquella mesma força desmoralisada pela remoção do commando, que se dera ao general conde d'Almer, em quem toda ella tinha posto a mais illimitada confiança, e particularmente alguns coroneis, e outros officiaes superiores, que desgostosos por esta remoção, e sem esperanças de triumpho para a sua causa, se retiraram desde logo da luta, dandolhes para este passo o primeiro exemplo o proprio visconde d'Azenha, ajudante d'ordens de D. Miguel. Foi o brigadeiro José Cardoso quem succedêra ao conde d'Almer no commando do exercito de operações em volta do Porto, cuja força ainda na margem do Norte do Douro se compunha de uns 3:000 homens, incluindo 200 lanceiros da cavallaria do Fundão. Este pequeno exercito tinha de mais a mais destacado um esquadrão desta arma, como guarda de honra, junto do infante D. Carlos, que por este tempo estava em Villa Real, e por conseguinte era de reconhecida insufficiencia para defender uma extensa linha, tal como aquella, que desde o Douro ia até ao mar, e da qual a povoação de Santo Thyrso, sobre o rio Ave, era o seu ponto central. Deste modo era impossivel vigiar devidamente os infinitos caminhos de um semicirculo de quasi nove legoas, que desde

Balthar se estendia até Villa do Conde, e José Cardoso, reconhecendo bem o precario da conservação do Minho, foi o proprio que manifestou idéas do seu receio, indo para o Sul do Douro estabelecer o seu quartel general em Oliveira d'Azemeis, ponto que se lhe trazia a desvantagem de deixar a descoberto a cidade de Braga, tambem por outro lado o collocava em estado, não sómente de cobrir a estrada de Coimbra, mas de se poder retirar tambem para esta cidade, e de lá para Santarem, quando pelas circumstancias occorrentes fosse obrigado a dar semelhante passo. O brigadeiro Quinhones era quem, na ausencia de José Cardoso, commandava as forças realistas no Norte do Douro, conservando-se em Santo Thyrso; mas os povos, mostrando-se impacientes, pelos roubos, que quotidianamente experimentavam dos seus soldados, e dos guerrilhas, commandados pelo brigadeiro Raymundo José Pinheiro, que nada poupavam ás suas devastações, entretinham com uns e outros continuados tiroteios, que frequentes vezes lhes punham em sobresalto os acampamentos, julgando-se pela retaguarda atacados pelos constitucionaes. Em quanto pois Santo Thyrso era o quartel general do brigadeiro Quinhones, Braga o era tambem do brigadeiro Raymundo, na sua qualidade de governador das armas da provincia do Minho. Mas tanto um, como outro, estavam em continuado receio, sem força moral por si, e faltos igualmente de força fisica, que os defendesse dos constitucionaes do Porto e de Caminha.

Valença é a praça mais regular da nossa fronteira da Galliza: é unicamente accessivel pelo lado do Ponente; mas por alli mesmo tem uma obra exterior de fortificação, totalmente independente da fortaleza, com quem communica por meio de uma ponte, que lhe atravessa o fôsso. Toda a mole desta fortaleza se vê construida a pequena distancia do rio Minho, sobre o qual lhe fica pendente: é de muralhas altas, e cercadas por um caminho coberto para a mosquetaria, que corre por baixo das baterias, e o terreno, sobre que assenta, é quasi prependicular, excepto da parte do Ponente. Para esta praça tinham pois fugido alguns dos da guarnição de Caminha, de que resultou passar desde logo esta villa no dia 24 de março

a ser observada por uns 100 homens de milicias de Basto, que de Valença partiram para diante de Villa Nova da Cerveira, collocando-se tambem alguma força em Ancêra. Da villa de Vianna, situada na bôca do rio Lima, e onde tambem ha uma cidadella para sua defeza, sahio igualmente uma força de milicias da Barca contra Caminha, vindo postar-se em Affife. Vianna ficára então guarnecida pelo resto das milicias da Barca, e por 300 homens do seu mesmo regimento de milicias, todo elle de espirito liberal. Deste mesmo regimento marchou a reunir-se ás bandeiras constitucionaes, na manhã de 27 de março, um official com 30 soldados, e o almirante, que não era para perder a opportunidade da mais pequena occasião favoravel, deixando guarnição em Caminha, corrêo logo sobre Vianna, acompanhado pelo lado do mar pela fragata D. Pedro, e vapor Jorge 4.°, que tiveram ordem de seguir ao longo da costa. Em quanto a força de Affife abandonava a sua posição, deixando livre o flanco esquerdo de Napier, este aproximava-se de Vianna, onde o coronel de milicias desta villa o veio receber fóra della com a maior parte do seu corpo, fugindo os milicianos da Barca, que não quizeram fazer a sua submissão ao regimen da Carta Constitucional, que desde logo se acclamou em Vianna, sem o emprego de um só tiro, promettendo-se aos seus moradores, que nem um só delles seria perseguido pelas suas anteriores opiniões politicas, uma vez que tranquillamente voltassem para os seus lares. Para este bom resultado deviam necessariamente concorrer muito as operações, que do Porto se tinham emprehendido no dia 25 de março contra as linhas miguelistas de Santo Thyrso. Guarnecida convenientemente a linha de Villa Nova de Gaia, que pelo lado do Sul do Douro defendia o Porto, o barão do Pico do Celleiro dirigio-se contra os seus inimigos do Norte, dividindo as suas forças, de uns 4 a 5:000 homens, em tres columnas, pondo-se com todas ellas em marcha pela estrada de Santo Thyrso pelas oito horas da noite do mesmo dia 25 de março. Passado o logar de Alfena, encontraram-se as primeiras vedetas inimigas no principio da

serra do Carneiro, pois que o brigadeiro Quinhones alli se tinha postado com a sua força a meia legoa do seu acampamento entrincheirado, estendendo a sua direita sobre a estrada do Carneiro, e a sua esquerda sobre o pequeno valle, em que fica a estrada para o Porto. Na pequena aldêa do Carneiro se achavam emboscados dois batalhões de realistas: esta força, sendo logo acommettida, retirára promptamente, indo toda a divisão de Quinhones postar-se em frente do seu acampamento de Santo Thyrso, que se apresentou defendido por uma linha de atiradores, protegidos estes por um extenso muro, que circumdava o dito acampamento. Entretido alli o inimigo pelos fogos da frente, duas columnas do barão do Pico do Celleiro marcharam a flanquea-lo pela sua direita e esquerda; mas elle, abrindo apenas o fogo, retirou-se sobre a ponte de Santo Thyrso, que parecia querer defender por meio de um esquadrão de lanceiros do Fundão, commandado pelo coronel Puisseux. Dois esquadrões completos de cavallaria n.° 6, tropa por então bisonha, e em que mais póde o valor do que a experiencia, pelo recente da organisação, que no Porto tinha recebido, carregando a força daquelle commandante, a pozeram em fuga, ficando elle mesmo ferido, tendo além disso a perda de dois soldados mortos no campo, dois prisioneiros, e tres cavallos, soffrendo os constitucionaes a de dois mortos, e seis feridos. Os miguelistas, deitando fogo ao seu acampamento, retiraram-se de Santo Thyrso para Santa Christina, onde alli mesmo foram no dia 26 acommettidos e repellidos depois para Guimarães. Abandonada por elles esta villa na manhã do dia 27, o barão do Pico do Celleiro alli entrou naquelle mesmo dia, marchando os seus contrarios em retirada pela estrada da Lixa, em quanto alguns soldados do inimigo, que pela debandada se tinham desviado do grosso da sua força, foram assim desordenados levar a Villa Real a confusão e o terror.

Pela sua parte Napier, tendo-se demorado ainda no dia 28 de março em Vianna, para fazer os arranjos necessarios aos fins que premeditava, marchou na madrugada do imme-

diato sobre Ponte de Lima, onde entrou pelas quatro horas da tarde no meio do regosijo geral dos seus moradores, que já antes delle entrar tinham espontaneamente procedido ao auto da acclamação do governo legitimo. Alli soube o almirante que, á excepção de alguns guerrilhas, e da força, que occupava Valença, nenhuma outra tropa inimiga pisava a provincia do Minho até Amarante. Valença era por tanto o ponto, que devia chamar-lhe a sua immediata attenção, e contra esta praça se dirigio com effeito, chegando defronte della pela tarde de 31 daquelle mez. O governador não só recusou receber o parlamentario, que lhe levou a intimação para se render a praça, mas nem até dêo resposta á carta, que Napier lhe enviára por um paisano. Nestes termos nada mais restava aos constitucionaes do que disporem-se para sitiar Valença, e a essa conta mandaram elles vir de Caminha algumas peças, e de Vianna dois morteiros. O inimigo ainda chegou a fazer uma sortida; mas foi repellido, e Napier, tendo no 1.° de abril recebido de Caminha um destacamento da brigada da marinha, e uns 280 hespanhoes, que o governador de Tuy ao principio pozera á sua disposição, mas que depois mandou retirar, distribuio a sua força como julgou conveniente para um cêrco regular. Na tarde do dia 2 de abril Napier recebêo do major de milicias de Basto um bilhete, pedindo-lhe que demorasse qualquer tentativa militar sobre Valença até á noite do dia 3, em que a praça de certo se lhe entregaria voluntariamente; mas o intrepido visconde do Cabo de S. Vicente não conveio tratar, a não ser desde logo. No dia 3 um parlamentario do governador de Valença veio pedir-lhe capitulação, com a garantia da vida e da propriedade para a guarnição e habitantes da praça, ficando tambem livre a uns e a outros, ou servir a rainha, ou tornar para suas casas, com a expressa condição de não tornar mais a pegar em armas contra ella, devendo cessar a par disto toda a perseguição por opiniões politicas. Napier assim lho garantio pela sua parte, e no mesmo dia 3 de abril, depois de vencidas algumas hesitações, com que lutava o governador inimigo, entrou com a sua gente em

Valença, onde encontrou 50 peças montadas, e mais 60 em estado de servir, alem de 15 morteiros, dos quaes 4 se achavam montados. No dia 4 de abril formou elle em parada a guarnição miguelista, composta de 400 a 500 homens de milicias de Basto e de Vianna, e em quanto aquelles preferiram ir para suas casas, e depôr as armas, a defender o governo legitimo, estes reuniram alli mesmo ao seu corpo, cujos feitos D. Pedro elogiára officialmente, conservando-lhe as bandeiras, e a sua antiga organisação, mas debaixo do nome de batalhão nacional movel de Vianna.

Assim se reduzio á obediencia do regimen constitucional, no curto espaço de dez dias, a mais populosa, rica, e laboriosa provincia do reino, mediante o poderoso auxilio, que para tão importante fim prestou igualmente pela sua parte o barão do Pico do Celleiro. Este general, tendo entrado em Guimarães no dia 27 de março, como já se disse, e sabendo alli que o brigadeiro Raymundo José Pinheiro com todo o cuidado diligenciava reunir a si em Carvalho d'Este o maior numero possivel de guerrilhas e milicias, para incommodar as operações de Napier, destacou no dia 30 daquelle mez uma força de 1:400 homens para occupar Braga, o que fez com que o dito brigadeiro se pozesse logo em retirada para Salamonde. A este tempo tinha o brigadeiro José Cardoso levado comsigo alguma força de Oliveira d'Azemeis para Penafiel, onde chegára no dia 27, quando as suas tropas, batidas em Santo Thyrso, entravam em Amarante. Reunindo pois a si a gente, que ainda tinha em Balthar, foi com ella, e o resto da força de Santo Thyrso, e o reforço, que trouxera de Oliveira d'Azemeis, postar-se nas alturas da Lixa, onde no dia 2 de abril se vio atacado pelo barão do Pico do Celleiro, que de Braga fez chamar para Guimarães a força, que para alli destacára. O combate durou por umas duas horas e meia; mas não sem algum desar para os constitucionaes, cuja cavallaria, composta dos soldados inexperientes, que á pressa se fizeram montar nos cavallos, que d'Inglaterra se mandaram desembacar no Porto, e dos voluntarios nacionaes daquella cidade, formando

um pequeno esquadrão, não pôde soportar a carga dada pelos lanceiros inimigos: voltadas as costas com alguma confusão, os fugitivos vieram parar á reserva, onde recuperando valor e esforço, e ajuntando-se-lhes mais alguns officiaes, tornaram todos ao ataque, que promptamente se decidio pela cooperação das columnas de infanteria, retirando os miguelistas, mas em boa ordem, de posição em posição, até se irem estabelecer para alem do Tamega, que passaram em Amarante [1]. O combate da Lixa foi notavel, por ter sido dado entre dois antigos camaradas, e ambos elles capitães na guerra peninsular, que fizeram com reputação de bons subalternos, um na arma de cavallaria, (o barão do Pico do Celleiro), e outro na de infanteria, (o brigadeiro José Cardoso). Ambos estes officiaes tinham desde 1820 adoptado com a maior firmeza principios politicos inteiramente oppostos, e agora, sendo ambos brigadeiros, cada um delles se batia com a maior decisão debaixo da bandeira, que abraçára, e no mesmo terreno onde com tanto denodo haviam n'outro tempo combatido pela defeza da patria. Como quer que seja, certo era que o Minho estava já livre de perigo, entrado na obediencia do governo legitimo, e Napier, julgando-se perfeitamente ocioso naquella provincia, depois do combate da Lixa, voltou immediatamente para o Porto. Chegado áquella cidade, foi durante a noite recebido no theatro pelos espectadores com o mais vivo enthusiasmo, saudando-o pela sua celebre acção naval do Cabo de S. Vicente, e pelos seus recentes feitos do Minho: d'alli conseguio elle fazer sahir para Valença um dos batalhões nacionaes, e reunindo a si a gente, que naquella praça deixára, pertencente á esquadra, e mandando os vasos de guerra continuar no bloqueio d'Aveiro e da Figueira, pôz-se desde então prompto para novas, e não menos gloriosas emprezas.

Ditosos quanto possivel tinham com effeito sido para D. Pedro os inesperados successos do Minho, pois que Napier os tinha emprehendido, sem communicar ao governo,

[1] Os constitucionaes tiveram neste combate a perda de 20 mortos, 71 feridos, e 8 extraviados.

quando para lá sahio, quaes fossem ao certo as suas vistas, que elle mesmo pela sua parte ainda não tinha bem fixado, nem quaes os portos do reino em que ia determinadamente operar. O mesmo barão do Pico do Celleiro, que tão poderosamente concorrêra para taes successos, pois sem a sua cooperação nem Napier tomaria Vianna, e muito menos Valença, e nem provavelmente conservaria Caminha por muito tempo, em vez dos elogios, que com certa frieza se lhe deram em publico, ficaria pode ser reduzido ás censuras, que segundo se disse no particular recebêo, por d'algum modo ter operado por sua propria conta, e sem previamente ter pedido e alcançado o beneplacito do governo, se os ministros, surprehendidos pela magnitude de semelhantes successos, não se vissem forçados a condescender sobre este ponto com a opinião publica. Estas, e outras circumstancias de igual natureza, foram a verdadeira origem da vehemencia com que se accusavam os ministros de quererem indefinidamente prolongar a guerra por sua propria conta; mas os ministros eram homens, e querendo pela sua elevada posição vêr-se acatados, desejavam até ter para si a gloria de dirigir, ou pelo menos de auxiliar pelo concurso da sua approvação, as operações militares, que por esta causa procuravam vêr sempre submettidas ás suas deliberações em conselho. Começada com tão bons auspicios a restauração das provincias do Norte, as mais ricas e populosas do reino, e aquellas que mais recursos davam ao inimigo em numerario e em gente, forçoso era levar por diante semelhante empreza, e fazer desde então entrar nas regras da combinação e dos calculos, o que só começára por obra de um puro acaso. Nestes termos as primeiras noticias, que chegaram a Lisboa da restauração do Minho, fizeram desde logo apparecer um vasto plano de operações, que depois do mallogro dos projectos de Saldanha, ou havia esquecido aos militares mais peritos, ou a estes se não tinha apresentado como de facil execução, não obstante a pequenez a que a força inimiga fôra depois reduzida naquella provincia, e a desmoralisação a que ultimamente estava reduzida. Este plano, de tanta

importancia para o acabamento da guerra, quanto n'outro tempo o fôra para a melhor situação da causa constitucional, encerrada dentro dos muros do Porto, a expedição do Algarve, consistio na formação de um exercito de operações no Norte, cujo commando se confiou ao marechal duque da Terceira. Pelas instrucções, que este general recebêo, foi elle authorisado a conceder uma ampla amnistia a todos os implicados em assumptos politicos, com a unica excepção do infante D. Miguel, podendo os amnistiados não sómente sahir livremente do reino, mas até entrar na fruição de seus bens, porém não aliena-los, em quanto as côrtes não decidissem sobre tal objecto, ficando assim suspensas as determinações do decreto de 31 de agosto de 1833. Esta amnistia não envolvia ainda assim a restituição de bens da corôa e ordens, a das commendas e pensões, nem tão pouco a dos empregos ecclesiasticos, civis, e politicos; mas aos officiaes militares garantia-se-lhes metade do soldo das suas patentes legaes, uma vez que se submettessem ao governo legitimo, e lhe prestassem fidelidade. Pelo que dizia respeito ás operações militares o mesmo marechal teve liberdade ampla não só para compôr o seu exercito como julgasse conveniente, mas até para adoptar e seguir o plano de campanha, que melhor lhe parecesse, com tanto que deixada no Porto uma guarnição sufficiente para pôr esta cidade a coberto de qualquer golpe de mão, elle tratasse de debellar o inimigo nas provincias do Norte, nunca perdendo de vista traze-lo sobre Santarem, e ameaça-lo de lhe envolver o exercito de maneira tal, que pela privação dos recursos em homens, em viveres, dinheiro, e cavallos, e pelo receio de ser atacado por todos os lados, elle se decidisse a largar finalmente aquella importante posição. Em breve veremos como esta brilhante operação se fez, e como é que os inimigos foram de rodilhão das margens do Tamega passar o alto Douro, e vieram depois ás do Mondego, até chegarem aos memoraveis campos da Asseiceira.

Desembarcado no Porto, no dia 3 d'abril, com algum reforço de tropas, o duque da Terceira proclamou logo aos

habitantes das provincias do Norte, annunciando-lhes o seu caracter de commandante em chefe do exercito de operações, e convidando-os a entrar espontaneamente na obediencia do governo legitimo, para de uma vez se acabar com as desgraçadas dissenções politicas, que assolavam o paiz, e pôr finalmente um termo ao inutil derramamento de sangue, de que tanto havia já corrido nos multiplicados combates e batalhas, que os portuguezes tão pertinazmente tinham sustentado contra portuguezes. Posto em communicação com o barão do Pico do Celleiro, o mesmo duque da Terceira dêo começo ás suas operações, indo no dia 5 pre-noitar com alguma tropa a Balthar. No dia immediato tomou o commando do exercito em Amarante, onde a parte principal delle se achava acampada n'uma posição junto da villa, para defender a margem direita do Tamega, e observar a respectiva ponte, que já se tinha fortificado, e a par della observar tambem alguns váos, que naquelle tempo offerecia o rio. Em Canavezes estava igualmente um batalhão movel do Porto, de vigia á ponte daquelle mesmo nome, por causa da força que o inimigo tinha na margem opposta: em Penafiel alguma tropa constitucional se fizera alli aquartelar, para conservar os povos na obediencia do governo legitimo, e em Braga achava-se um batalhão movel do Minho, e de observação á ponte de Cavez uma fracção d'outro batalhão movel, recentemente organisado em Guimarães. Pela sua parte os miguelistas estavam senhores de toda a margem esquerda do Tamega, com piquetes ao longo deste rio, separação das duas forças contendoras, apresentando além disso uma duplicada barricada na ponte de Amarante, e alguma tropa na ponte de Canavezes. Demorado pela espera das bagagens e mochilas dos soldados, que o barão do Pico do Celleiro deixára ficar no Porto, por não poder affastar-se para muito longe desta cidade no decurso das suas operações, o duque da Terceira aquartelou no entanto o grosso das suas tropas em Amarante, e n'algumas quintas immediatas, ao longo do Tamega, em quanto que o inimigo fixava toda a sua attenção na defeza da ponte de Amarante,

que quanto possivel procurou obstruir, fiado na fortaleza da posição, que occupava, e na difficuldade dos vaos, que offerecia o rio, e que por isso guardava com pequena força. Tal era a situação relativa dos dois exercitos, quando na madrugada do dia 11 de abril, divididos os constitucionaes em duas columnas, foi uma dellas sobre o váo do Paul, á direita da citada ponte de Amarante, e outra teve o destino do ataque da frente desta mesma ponte, acompanhada da competente artilheria, que não podia seguir o movimento da primeira columna. Ao romper d'alva estava com effeito atravessado o Tamega no váo do Paul, e surprehendidos os postos avançados do inimigo, cujos atiradores repellidos de cume em cume, deram logar a que os atacantes podessem afoutos ir contra a posição inimiga, e ameaçar os realistas de lhes cortar a estrada sobre Mezãofrio. Foi neste momento que se effeituou o ataque da frente sobre a ponte, e se começou com o fogo de artilheria, e o de mosquetaria, estabelecida aquella no convento de Amarante. Com tal rapidez e firmeza se effeituou o acommettimento da segunda columna, que forçada a barricada inimiga, de prompto se seguio a retirada da tropa miguelista, que não se podendo já reunir toda, pelo sobranceiro em que por este tempo se achava a primeira columna constitucional á estrada de Mezãofrio, só por esta pôde retirar a sua cavallaria e artilheria, procurando a infanteria escapar-se pela do Marão. O ataque fôra conduzido pelo duque com tanta decisão e acêrto, que pelas oito horas e meia da manhã vio elle que toda a sua força se achava reunida nas alturas sobranceiras ao rio Ovelha, no alto da margem esquerda do Tamega: e a derrota foi tão completa nos inimigos, pelos mortos e prisioneiros que tiveram, e pelo abandono que experimentaram nos corpos de milicias e voluntarios realistas, que o mesmo duque da Terceira pôde muito a seu salvo continuar nas suas operações ulteriores.

Monotona e arida, como á primeira vista parece a marcha da divisão constitucional desde o Tamega até ao Mondego, é todavia necessario entrar nos seus respectivos detalhes, pela grande importancia que teve no acabamento da

luta. Desprezada a força, que o inimigo tinha na ponte de Canavezes, e levado dos desejos de chegar ao Peso da Regoa, antes de que alli chegassem os fugitivos da estrada do Marão, o duque da Terceira avançou pela estrada de Mezãofrio, indo no mesmo dia 11 d'abril ficar ao Peso da Regoa. Entretanto a cavallaria inimiga, separada como havia sido da sua infanteria, e cheia de terror, tinha a toda a pressa corrido sobre Villa Real, para onde no dia 12 se dirigio tambem o duque da Terceira em sua perseguição, indo ficar ao Valle da Nogueira, depois de ter deixado na Regoa o segundo batalhão movel do Porto, e mandado o primeiro para Lamego, por isso que os presos politicos, coadjuvados por alguns dos moradores daquella cidade, nella tinham espontaneamente acclamado o governo legitimo. Era em Villa Real que o infante D. Carlos assentára a sua ultima morada; mas receoso da irrupção feita pelas tropas do Porto na provincia do Minho, daquella villa se retirára, acompanhado pela sua familia e por alguns dos seus adherentes, indo passar o Douro perto de Lamego, até conseguir estabelecer-se na cidade de Viseu. Entretanto a força fugida do Tamega, abandonando tambem Villa Real, procurára alcançar Murça, e apezar da resistencia, que vantajosamente alli podia oppôr, de lá se retirou igualmente no dia 14, quando descobrio pelas alturas fronteiras os constitucionaes, abandonando assim a formidavel posição, que lhe apresentava a ponte, situada adiante daquella villa, não só pelo temor de ser cortado pelas pequenas forças, que o duque da Terceira fizera passar acima e abaixo da mesma ponte, mas tambem pela insubordinação que em grande escala se ia desenvolvendo nos povos contra os realistas. Tomando pois José Cardoso a estrada da ponte d'Abreiro, que conduz a Villa Flôr, ficaram desde então manifestas as suas intenções de ir passar o Douro no Pocinho. O duque da Terceira, que no dia 15 prenoitára em Villa Flôr, seguio no immediato para Moncorvo, tendo já o inimigo passado para a margem esquerda do Douro toda a sua força, soffrendo alli alguma perda de gente, bagagens, e effeitos militares, além de al-

guns carros e polvora, abandonados pela estrada de Mezão-frio. A marcha dos realistas foi na direcção de Trancoso, continuando a perder durante ella o resto das milicias, voluntarios, e guerrilhas, que até áquelle ponto tinham podido levar comsigo, ficando por conseguinte inteiramente livres das suas tropas as provincias do Minho e Tras-os-Montes, cujos povos, mais apetitosos da paz para poderem lavrar os seus campos, do que da guerra, que de ha tanto tempo lh'os devastava, pareciam finalmente dispostos a abandonar as armas, e effectivamente assim o faziam. Para este bom resultado concorrêo tambem a cooperação das pequenas forças do general Jorge de Avilez, que escapando-se em Bragança á vigilancia dos carcereiros miguelistas, conseguira passar-se a Hespanha, e fazer d'Alcaniças o ponto de reunião de muitos portuguezes emigrados, que debaixo do seu commando se arregimentaram, e pozeram em receio as tropas irregulares, que a favor de D. Miguel haviam levantadas em Traz-os-Montes, vindo no dia 18 de abril, auxiliado tambem por um troço de hespanhoes, occupar definitivamente Bragança, donde obrigára a fugir aquellas mesmas tropas, até á sua total dispersão. Os constitucionaes, passando pela sua parte o Douro no dia 18, dirigiram a sua marcha para Lamego, que desde então olharam como ponto de reunião das suas tropas, e base das suas ulteriores operações na provincia da Beira, deixando ficar em Traz-os-Montes, ás ordens do respectivo general da provincia, dois batalhões nacionaes.

No dia 22 d'abril entraram os constitucionaes effectivamente em Lamego, onde se demoraram alguns dias, não só para descançar das suas continuadas marchas, mas para igualmente receberem calçado, e as mochilas e bagagens, que do Porto para alli tinham ido pelo Peso da Regoa. O inimigo, depois de repellido para a margem esquerda do Douro, tinha-se retirado por Celorico da Beira para Vizeu, com todo o resto da força com que evacuára o Minho e Traz-os-Montes, reforçado agora pela guarnição d'Almeida, que aterrada pela aproximação do duque da Terceira a La-

mego, e receando-se da visinhança do exercito hespanhol na fronteira, abandonára aquella praça, onde os numerosos presos politicos, que nas suas cadêas retinha D. Miguel, para mais de 1:100 individuos, se insurreccionaram no dia 18 d'abril, e debaixo das ordens do coronel Antonio de Sousa de Araujo Valdez organisaram dois batalhões, que depois vieram a prestar alguns serviços ao Norte da provincia da Beira. Por este mesmo tempo a praça d'Almeida tinha sido seriamente ameaçada pelo exercito do general Rodil, por isso que o infante D. Carlos se havia de Vizeu dirigido para aquella praça, e d'alli procurado penetrar na Hespanha pela cidade de Rodrigo, abalançando-se até ao arriscado passo de se apresentar com cincoenta dos seus partidistas nos postos avançados do sobredito exercito, que debalde intentára chamar a favor da sua causa. Rodil corrêo então a pôr cêrco ás muralhas da praça d'Almeida, donde o infante hespanhol teve por esta causa de se evadir a toda a pressa, podendo a muito custo escapar-se por tortuosos caminhos para a cidade da Guarda, seguido sempre de perto pelos seus adversarios, e perdendo bagagens, e 46 prisioneiros, que entraram em Almeida. Da cidade da Guarda foi o mesmo D. Carlos obrigado ainda a retirar-se para a Chamusca, e de lá finalmente para Evora, depois que as tropas miguelistas evacuaram Santarem.

A diplomacia estrangeira tinha por este tempo conseguido grandes vantagens para os dois pretendentes das corôas de Hespanha e Portugal, procurando intervir nos negocios da Peninsula. Quando a causa constitucional se achava nos maiores apertos, e reduzida quasi aos seus ultimos paroxismos no Porto, nunca os gabinetes de S. James e Tuilherias entenderam intervir activamente em seu favor; e quando a Hespanha procurára introduzir tropas em Portugal, para apprehender o infante D. Carlos, d'acôrdo com o governo portuguez, a esta introducção se oppôz sempre o ministro inglez em Lisboa, que queria vêr a interferencia hespanhola dependente previamente de uma convenção militar, consentida e approvada pelo seu respectivo governo. Mudaram as

circumstancias, e apenas a causa de D. Miguel declinou a passos largos para a sua total ruina, procurou logo a Inglaterra intervir a favor do infante de Portugal, diligenciando chama-lo a uma convenção em que lhe assegurava as maiores vantagens possiveis, para elle e para os seus partidistas. A estas diligencias se seguio depois a negociação de um tratado, chamado da *quadrupla alliança*, por figurarem nelle a Inglaterra, a França, a Hespanha, e Portugal, por meio do qual evidentemente se investiam as primeiras duas nações do direito d'intervir nos arranjos finaes da luta civil deste reino, e de subtrahir D. Miguel á justa punição, a que a intolerante rebeldia e crueldade do seu governo o tinham conduzido. Effectivamente as negociações, que andavam entre mãos para semelhante tratado, foram ultimadas em Londres no dia 22 d'abril, e pelas suas disposições se obrigava o governo portuguez a fazer sahir o infante D. Carlos para fóra do seu territorio, e o governo de Madrid a mandar á sua custa um corpo de tropas a Portugal, para auxiliar a sahida do dito infante, e a do proprio D. Miguel. A Inglaterra tinha pela sua parte a enviar uma força naval para cooperar no mar, no mesmo sentido das operações do exercito portuguez e hespanhol, ficando incumbido á França o prestar-se tambem com aquelles auxilios, que pelas altas partes contratantes se julgassem necessarios, e segundo o subsequente acôrdo em que entre si conviessem. Por uma declaração, feita immediatamente á nação portugueza, se lhe annunciaram os principios, e o objecto das estipulações deste tratado, devendo publicar-se ao mesmo tempo com isto uma amnistia geral e completa, para todos os individuos que se submettessem ao governo legitimo, dentro de um praso de tempo, que seria especificado. D. Miguel tinha por este tratado, depois da sua sahida da Peninsula, uma pensão adequada ao seu nascimento e graduação, por parte de Portugal, e D. Carlos outra que tal, por parte do governo hespanhol, logo que effeituasse tambem uma igual sahida. Este tratado recebêo a final a sua ratificação e confirmação em Lisboa, no dia 10 de maio; mas já antes

deste acto os ministros inglez e francez exigiam a observancia das suas estipulações, e instavam pela sua intervenção, querendo que desde logo se offerecessem estipulações a D. Miguel!

Ou fosse porque as negociações deste tratado não admittissem já duvida, quanto ao seu desenlace, ou fosse porque o general Rodil se quizesse esmerar em perseguir D. Carlos no territorio portuguez, com annuencia das authoridades deste reino, conservado o devido respeito á independencia delle, certo é que da Guarda escrevêo elle para Lamego ao duque da Terceira, prestando-se a entrar em communicações com elle, e a operar d'acôrdo com o exercito constitucional, offerta que o mesmo duque aceitou promptamente, sem lhe importar com a diplomacia estrangeira, enviando-lhe um seu ajudante de ordens, não só para lhe agradecer os mantimentos e dinheiro com que soccorrêra Almeida, mas até para lhe encarregar o cuidado d'observar com as tropas hespanholas o flanco esquerdo da sua divisão, em quanto se dirigia a Vizeu, pedindo-lhe ao mesmo tempo, que na mesma praça d'Almeida pozesse alguma gente sua, para se poder chamar a Lamego um dos batalhões, que se formára dos presos politicos, e se achava alli falto de vestuario, e exhausto de todo o necessario. Eis-aqui pois o duque da Terceira descançado inteiramente pelo seu flanco esquerdo, e por conseguinte destinado a marchar contra Vizeu, onde o brigadeiro José Cardoso se achava, com o resto da força que trouxera do Minho e Traz-os-Montes, e com a guarnição d'Almeida, observando Lamego com alguma tropa, que mandára para Villa Nova a Coelheira, e outra para Castro d'Aire. A força inimiga, que na margem do Sul do Douro se conservava em Souto Redondo e suas immediações, havia sido reforçada por uma brigada, que fez retroceder para o Porto o barão do Pico do Celleiro, que apenas tinha comsigo alguns voluntarios fixos e provisorios, com alguns cavalleiros montados de muito poucos dias. Deixado pois em Lamego o batalhão de voluntarios, denominado da Beira, que dentro em pouco devia ser re-

forçado pelo dos presos d'Almeida, o duque da Terceira dirigio a sua marcha sobre Castro d'Aire, onde foi surprehendida a força miguelista, enchendo-se de um terror tal, que nem teve animo para defender seriamente uma das mais bellas posições militares da Beira, que na ponte da Pedrinha sobre o rio Paiva se apresenta, já na descida da villa, por ser esta ponte dominada por um e outro lado de alcantis e penedias, com muros e arvoredos, indo serpejando a estrada por entre estas defezas naturaes. As chuvas tinham posto as armas fóra do estado de fazerem fogo, o que foi causa da posição inimiga ser atacada á bayoneta, não obstante a multiplicada e repetida fuzilaria, que contra os aggressores se empregava. Os caminhos estavam de mais a mais de difficultosa marcha, e attenta a fadiga em que se achavam as tropas, necessario foi que a infanteria descançasse em Castro d'Aire, em quanto a cavallaria perseguia os fugitivos pela estrada de Vizeu, que dentro em pouco foi tambem abandonada por elles, acoitando-se pelas differentes veredas e serranias. Impossibilitados de conservarem Vizeu, e querendo ganhar o Vouga, os miguelistas retiraram então por Tondella para Mortagoa, indo o duque da Terceira occupar no dia 2 de maio aquella cidade, onde novamente se pôz em communicação com o general Rodil, o qual, segundo a sua promessa, descêra pela estrada da ponte da Murcella, e naquelle mesmo dia se achava em Gouveia, tendo alli batido e dispersado uma guerrilha inimiga. Em Mangualde tiveram estes dois generaes a sua respectiva entrevista, e nella combinaram, para o proseguimento das suas operações, que em quanto o exercito hespanhol se tinha a dirigir sobre a ponte da Murcella, o constitucional marcharia direito a Coimbra, para assim ameaçar a linha das communicações inimigas, para cobrir o valle do Mondego, e o accesso da vertente occidental da serra da Estrella, sem diminuição alguma da força constitucional.

Deixado em Vizeu o primeiro batalhão movel do Porto, para com os dois que tinham ficado em Lamego manterem o socego da Beira, o duque da Terceira foi no dia 5 de

maio a Tondella, *bivoacando* no immediato em Mortagoa e Santa Comba-Dão, donde o inimigo retirára pela estrada do Botão, na direcção de Coimbra. As tropas do general Rodil dividiram-se em tres columnas, uma seguio por Castello Branco para a Beira Baixa, outra veio ás fraldas da serra da Estrella, e occupando Gouveia, Villa-Pouca da Beira, Gallizes, e Louroza, seguio para Mangualde, e depois para o Fundão, em quanto a terceira se dirigio á ponte da Murcella. No dia 7 atravessou o duque da Terceira a serra do Bussaco, e veio á Mealhada, retirando-se os miguelistas a toda a pressa das margens do Vouga para as do Mondego. Em Coimbra tomou o general João de Gouveia Osorio o commando de todas as forças realistas do Norte, que já no dia 2 de maio tinham abandonado Souto Redondo, Feira, e S. João da Madeira, conduzidas pelo brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura: a estas se reuniram por conseguinte as que vinham em retirada de Vizeu, além da brigada do general Guedes, que occupava Soure, e tinha debaixo das suas ordens o brigadeiro Ricardo, estabelecido em Pombal com uma outra brigada. Da Mealhada abrio o duque da Terceira a sua correspondencia com o Porto pela estrada do Sardão, sobre a qual se achava já o barão do Pico do Celleiro, em consequencia das ordens que de Vizeu se lhe tinham mandado para este fim. No dia 8 de maio entraram os constitucionaes em Coimbra, abandonada pelo general Osorio na noite antecedente, apezar de ser uma das principaes cidades do reino, que lhe cumpria defender ao abrigo das fortificações, que alli tinha levantado, além da sua força ser por então superior á do duque da Terceira. O Mondego offerece na sua margem esquerda, junto daquella cidade, magnificas posições para uma longa e gloriosa defeza, e era alli que o general Osorio podia bem litigar o terreno, não só para que as tropas do seu partido podessem conservar Santarem pelo maior espaço de tempo possivel, mas até para impedir a communicação e juncção das forças do duque da Terceira com as de Saldanha. Entretanto Coimbra foi promptamente abandonada pelos realistas, que com

a mesma rapidez evacuaram igualmente a villa da Figueira, occupada desde logo por uma força constitucional, destacada de Leiria. Napier tinha chamado sobre os mares daquella villa uma fragata, tres corvetas, e um brigue; mas as suas tentativas de desembarque haviam sido frustradas pela resaca da costa, até que a final o pôde fazer, enviando-se-lhe algumas lanchas de Buarcos. Mal dirigida, e peor executada foi certamente a empreza dos de Leiria sobre a Figueira, pois d'outro modo não seria possivel escapar-se, a guarnição miguelista daquella villa, que não só muito a seu salvo pôde na manhã do dia 8 atravessar o Mondego, para ganhar a margem direita deste rio, mas até, sem ser incommodada pela retaguarda, conseguio effeituar a sua marcha para Soure, onde foi reunir-se ás forças do general Ricardo, que se retirava para Pombal. D'alli seguiram os miguelistas a sua marcha na direcção de Thomar, que desde então foi o ponto de concentração de todas as suas tropas do Norte, e das que de Santarem se lhe mandaram de reforço.

Era forçoso que o duque da Terceira seguisse esta mesma direcção, marchando sempre na retaguarda de um inimigo, incapaz já d'esforço algum, que infundisse serio receio. Todavia necessario lhe foi consumir em Coimbra os dias 9 e 10 de maio, não só para dar descanço á tropa, mas para d'algum modo organizar tambem a nova administração das differentes terras, que successivamente iam entrando na obediencia do governo legitimo, e estabelecer até alguns depositos, para nelles recolher o consideravel numero de praças, que diariamente abandonavam as fileiras realistas. Entretanto o governador militar de Leiria teve ordem de occupar a villa da Redinha, ou a de Pombal, para deste modo se abrir a correspondencia directa com a capital pela estrada nova. No dia 10 foi o mesmo duque da Terceira ao Senhor da Serra, para alli ter uma segunda conferencia com o general Rodil, e nella se assentou, que em quanto o exercito portuguez marchava direito a Thomar, sobre a margem direita do Tejo, o hespanhol se dirigiria atravez da serra da Estrella sobre Castello Branco, ameaçando assim Abrantes.

Com esta marcha podia elle de prompto atravessar o Tejo em Villa Velha, ou mesmo em Alcantara, para ir reforçar em Marvão o brigadeiro Antonio Pinto Alvares Pereira, e com elle vir depois sobre a esquerda do mesmo Tejo, para estreitar os realistas em Santarem, ao tempo em que o duque da Terceira se tivesse já reunido ao marechal Saldanha, plano que tinha a duplicada vantagem de poupar o sangue hespanhol nas contendas civis deste reino, e de dar ao mesmo tempo ás armas constitucionaés todo o brilho e gloria de que se tornavam dignas, pelos seus feitos d'armas. Adoptado este plano, cada um dos generaes o passou a executar na parte que lhe era relativa. As forças de Leiria, em numero de 2 a 3:000 homens, reforçadas com o efficaz contingente do almirante Napier, depois de ter deixado uma pequena guarnição na Figueira, estavam no dia 11 em Pombal, indo o duque da Terceira nesse mesmo dia a Condeixa, depois de deixar tambem pela sua parte em Coimbra o batalhão movel do Minho, e ter ordenado ao barão do Pico do Celleiro, que lhe enviasse toda a cavallaria, que comsigo tinha, fazendo occupar Aveiro com uma pequena força, e recolhendo ao Porto os batalhões fixos e provisorios com que de lá sahira. De Condeixa ordenou o duque que as forças de Pombal se dirigissem por Ourem sobre Torres Novas, em quanto elle mesmo seguia a sua marcha pela estrada velha sobre Thomar. No dia 12 foi occupar Ancião, e no immediato a Perucha, pondo-se logo em communicação com o tenente coronel José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, commandante das forças de Leiria, o qual pela tarde do mesmo dia 12 surprehendêra com a sua columna o inimigo em Aldêa da Cruz, forçando-o a recolher-se ao abrigo do antigo castello de Ourem, apezar da falta de provisões, que nelle havia, para se poder manter alli por algum tempo. Todas as tropas inimigas do Norte, reunidas em Coimbra, haviam com effeito seguido a sua marcha para Thomar, e naquella villa se tinham reforçado com uma brigada mais, que de Santarem marchára para esse fim, dando-se o commando de toda esta força ao brigadeiro Antonio

Joaquim Guedes. Era por tanto forçoso prescindir em tal conjunctura do sitio regular de Ourem, attento o consideravel numero de tropas realistas, accumuladas em Thomar; mas ainda assim o duque da Terceira officiosamente o quiz commetter ao bravo Napier, que recentemente tinha sido elevado do titulo de visconde ao de conde do cabo de S. Vicente, pelos seus importantes serviços, prestados ao restabelecimento do governo legitimo na provincia do Minho. O almirante, além do seu contingente de marinheiros e soldados de marinha, teve á sua disposição o batalhão escocez do tenente coronel Shaw, e o batalhão movel de Alcobaça, com uns 80 voluntarios de Porto de Moz, e uns 50 soldados do regimento n.º 10, prefazendo ao todo uns 1:400 homens, numero bastantemente diminuto para poder sitiar uma fortaleza, que ainda que desmantelada, achava-se todavia guarnecida nesta occasião por uns 1:000 infantes, e 50 cavallos. Em quanto pois o duque da Terceira fazia em Chão de Maçãs, no dia 14 de maio, a sua juncção com o tenente coronel Vasconcellos, e pela tarde daquelle mesmo dia occupava Thomar, que o inimigo evacuára, quando se aproximava das alturas, que dominam aquella villa, e almirante Napier distribuia a sua gente para o projectado cêrco, e mandava intimar para se render o governador d'Ourem, que todavia recusára capitular. O dia 14 foi pois consumido em preparativos para o respectivo assalto; mas no dia 15 os sitiados pediram capitulação, que lhes foi concedida com as honras da guerra, depondo assim as armas, e marchando para as suas casas, em quanto os constitucionaes occuparam o castello e a villa de Ourem.

Ainda assim as noticias de tantos e tamanhos desastres não tinham quebrantado em Santarem o espirito atrevido do incredulo general Galvão, o celebre ajudante e valido do infante D. Miguel. Segundo o seu systema alli fez circular no exercito as mais absurdas fabulas, e os boatos espalhados com a maior sem razão. Illuminou-se a villa, festejaram-se as suppostas victorias de Beja e de Silves, e finalmente annunciou-se por uma maneira official a tomada

de Faro e Lagos pelo general Cabreira. Ninguem fallára com menos segurança do que a tal respeito se dizia; mas nisto se fazia acreditar o publico por meio de cartas falsas, que andavam correndo para merecerem credito. Para cumulo de tão desacertada conducta annunciaram-se tambem ao exercito, n'uma seductora e capciosa ordem do dia, as exageradas victorias de Cabreira, acrescentadas ainda mais com as esperanças daquella famosa esquadra, que desde tanto tempo desejada, agora se dava como definitivamente chegada á barra do Tejo. Entretanto o drama desta longa guerra civil aproximava-se do seu final desenlace. A demissão do commando da cavallaria, dada em Santarem ao brigadeiro Galvão, tinha chamado a attenção de todo o exercito realista, que a explicava pelo boato, que corria, de ter sido interceptada pelo proprio D. Miguel uma correspondencia entre aquelle brigadeiro e o marechal Saldanha, tendo por fim a entrega de Santarem. Como quer que seja, certo é que Galvão foi por esta occasião substituido por José Urbano, a quem os mesmos realistas tem igualmente accusado de haver trahido a generosidade do principe, que em tão difficeis conjuncturas lhe confiára tão importante commando, faltando á fidelidade, que os seus deveres lhe impunham: é a marcha do espirito humano attribuir sempre aos homens do governo a causa dos seus proprios infortunios. Foi por este tempo que D. Miguel mandou sua irmã, a infanta D. Isabel Maria, para Elvas, onde a reputava com mais segurança do que em Santarem, pelos arriscados combates de que esta villa estava ameaçada, ou como outros dizem pelas relações que suppunha existirem entre ella e seu irmão D. Pedro. Os realistas, vendo que o marechal Saldanha nada tinha já a observar pelo lado de Leiria, sobre o seu flanco esquerdo, em consequencia da felicidade e rapidez da marcha do duque da Terceira sobre Thomar, com toda a razão cuidavam que elle passasse á margem esquerda do Tejo, e lhes tomasse Salvaterra, defendida por uma pequena guarnição, do commando do brigadeiro Spring. Nestes termos assentou-se da parte dos mi-

guelistas reforçar a margem opposta do Tejo com mais dois esquadrões de cavallaria, que foram occupar Almeirim, collocando-se postos e vedetas ao longo do rio, desde aquelle ponto até Muge. Noticias as mais sinistras principiaram então a correr por toda a parte, e em todas as direcções, e com ellas veio o temor e espanto para toda a gente interessada na causa de D. Miguel. Era o cruel desengano que agora começava a torturar com os mais pungentes dissabores as imaginações, até alli offuscadas pelo momentaneo prazer dos anteriores boatos e illusorias crenças, acabando de certificar a todos da sua proxima perdição. A certeza de que o duque da Terceira, sustentado pelo exercito hespanhol de Rodil, se achava em Thomar, para onde tinha igualmente chamado o almirante Napier, que effectivamente se lhe reunio na noite de 15, a grande e bem merecida fama que trazia adiante da sua brilhante marcha, e o desalento que produzio a retirada, que o brigadeiro Antonio Joaquim Guedes effeituára daquella villa para as immediações da Asseiceira, onde veio tomar posição, tinham acabado de descorçoar os animos mais resolutos. Clamava-se para que um corpo de tropas mais numerosas marchasse a sustentar o general Guedes, e até se esperava que o proprio Lemos fosse ao encontro do duque da Terceira, pela necessidade de se tentarem os azares de um decisivo combate, que impedisse aos constitucionaes o assalto da forte posição de Santarem, occupada com tanta pertinacia, e á custa dos maiores sacrificios, pela parte mais acrisolada do exercito miguelista. Debalde porém se esperaram estas e outras que taes providencias, tudo paralisou uma indecisão funesta para D. Miguel, a que veio pôr termo a mais celebrada batalha, que houve em toda a nossa guerra civil, sustentada pelo brigadeiro Guedes, com tropas inteiramente desmoralisadas, pela longa retirada, ou antes verdadeira fuga, por ellas effeituada, sem offerecerem um só combate serio, desde o Minho e Traz-os-Montes até aos memoraveis campos da Asseiceira.

No dia 15 de maio procurou o duque da Terceira communicar-se com o marechal Saldanha, e indagar, alem disso,

o que lhe fosse possivel sobre a posição, e intenções do inimigo, de quem pelos transfugas estava a cada passo recebendo as mais encontradas noticias. A certeza, que pela tarde daquelle mesmo dia teve, da entrega da guarnição de Ourem, o habilitou a reforçar-se com os 1:400 homens, que lá tinham ficado empregados em sitiar o castello daquella villa. Uma carta interceptada ao general Guedes lhe veio finalmente annunciar, que elle se achava acampado nas proximidades da Asseiceira; mas com indicios de querer d'alli retirar, por mandar fazer alto na Golegã a alguma artilheria, que lhe vinha de Santarem. Para evitar esta retirada, quanto lhe fosse possivel, e traze-lo a uma acção decisiva, quando em tal posição se demorasse, ou finalmente para o perseguir, no caso de a abandonar, o mesmo duque da Terceira se pôz em marcha, na manhã do dia 16, pela estrada da Atalaia, observando bem de pressa o exercito contrario nas alturas por cima do logar da Asseiceira, que fica já a legoa e meia de distancia de Thomar, caminho de Santarem. Pelas 7 horas da manhã, quando a vanguarda constitucional chegava a Santa Cita, onde topára com as avançadas inimigas, estas annunciaram pelo seu tiroteio, e pela retirada effeituada sobre o grosso da sua força, que as tropas do duque da Terceira se aproximavam, precedidas dos seus atiradores, sustentados nas suas respectivas reservas. Chegando á baixa das alturas da Asseiceira, vio-se que o brigadeiro Guedes esperava effectivamente os constitucionaes nas posições, que tinha tomado, depois de ter confiado o commando da sua ala direita ao brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura, o centro ao brigadeiro Ricardo Paulo Soares, e a ala esquerda, onde estava collocada a maior parte da artilheria, ao coronel de infanteria n.º 21, J. de A. Corvo de Camões. A força miguelista andava de 5 a 6:000 infantes, com 400 a 500 cavallos, e 11 bôcas de fogo; as posições, que occupava pelos cumes e vertentes das differentes alturas, formavam para o centro um angulo reintrante, e deixavam descobertas as estradas da Golegã e da Barquinha. O duque da Terceira, cuja força era inferior á contraria, formou tres

columnas das tres brigadas do seu pequeno exercito, dando o commando da da direita ao coronel Antonio Vicente de Queiroz, a do centro ao brigadeiro João Nepomuceno de Macedo, e a da esquerda ao tenente coronel José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, sendo o commandante geral da cavallaria o coronel José da Fonseca.

O fogo dos atiradores constitucionaes repellira em pouco tempo sobre as suas reservas os atiradores realistas, cuja posição da esquerda, apezar de forte, se mandou logo reforçar pelo batalhão de voluntarios realistas d'Arganil, para assim se oppôr com mais vantagem ao reconhecimento, que por aquelle lado faziam as tropas do duque da Terceira. Pelas nove horas toda a linha constitucional marchava com as suas competentes reservas sobre as posições dos realistas, os quaes, favorecidos pelas vantagens do terreno, e pelo fogo da sua artilheria, resistiram teimosamente ao ataque, e sustentaram bem, e por muito tempo, as posições, que occupavam, empregando em todas as circumstancias favoraveis a sua cavallaria. O fogo tinha-se tornado activo de parte a parte; a artilheria realista, collocada vantajosamente, causára algum abalo na direita e no centro das forças do duque da Terceira, obrigando a sua infanteria a formar-se com promptidão para conservar a segurança e firmeza, que tão necessarias se lhe tornavam em tão apurada conjunctura. A este tempo a esquerda realista era fortemente atacada pelos constitucionaes, e o general Guedes, desejoso de sustentar aquella importante parte da sua linha, ordenou que o brigadeiro Puisseux, que n'um valle adiante da sua esquerda se achava postado com dois esquadrões de cavallaria, carregasse seriamente os atiradores constitucionaes, as suas reservas, e os lanceiros, que com elles vinham para os proteger. Esta carga dêo-se com a maior bravura e galhardia, vindo na frente da cavallaria inimiga o seu bravo commandante Puisseux, e o coronel Clacy, que com elle partilhava o commando desta arma. Os atiradores constitucionaes retrocederam com effeito sobre as suas reservas, e a cavallaria realista, arrebatada pelo grito geral de *victoria, victoria,*

que por esta occasião resoava em toda a sua linha, subindo a passo de carga, e com a maior firmeza, uma colina, que lhe ficava na frente, achou já na sua crista postado o batalhão de caçadores n.º 12, commandado pelo bravo coronel Queiroz. Este official, ainda que surprehendido pelo inopinado apparecimento dos esquadrões inimigos, não desanimou em tão critica situação, formando a testa da columna, que commandava. Os grandes feitos, e obras dos bons soldados, de que o Exercito Libertador se compunha, em vez de desmerecerem, adquiriram nesta occasião consideravel realce: uma descarga geral, ainda antes de formar quadrado, foi bastante para obrigar os contrarios a retroceder. Esta terrivel descarga fez cahir mortalmente ferido o brigadeiro Puisseux ao lado do coronel Clacy. Com a vista dos seus dois chefes ambos estendidos por terra, a cavallaria realista perdêo inteiramente a coragem, e dêo promptamente costas aos constitucionaes, indo levar a desordem e a confusão a todas as suas fileiras. A este tempo chegava o resto da columna do coronel Queiroz, que aproveitando-se habilmente do estado de desalento, em que ficaram as forças inimigas, pela morte daquelles dois distinctos officiaes, redobrou com toda a bravura os seus ataques, auxiliado pela sua artilheria, que desapiedadamente metralhava os seus adversarios, que ainda se defendiam com o regimento de infanteria n.º 16, e voluntarios realistas de Lamego. Nestas circumstancias o duque da Terceira ordenou acommetter o inimigo sobre o centro, que vendo rotas todas as suas fileiras, principiava a retirar na maior desordem na direcção da Barquinha, levando tambem comsigo as tropas encarregadas de defender as posições da direita. Esta fuga precipitada acabou de desorganisar todos os elementos de resistencia, que podia haver na esquerda dos realistas, que não só perderam desde então todas as suas posições, mas deram em debandar em todas as direcções, procurando a estrada de Constancia, Barquinha, Torres Novas, e Golegã. De tal ordem foi o terror e a confusão do exercito do general Guedes, que a sua artilheria e cavallaria chegou mesmo a cahir de rodilhão so-

bre á sua infanteria. Nada foi capaz de fazer reunir os soldados atemorisados, sem que ao menos a cavallaria se atrevesse a proteger a precipitada fuga da sua infanteria. Alguns batalhões, que ainda quizeram resistir, formados em quadrado, tiveram de depôr as armas, perdendo os realistas, alem de mortos e feridos, mais de 1:400 prisioneiros, inclusos 64 officiaes, quatro bandeiras, e toda a sua artilheria com parelhas, munições, e reservas [1]. As gentilezas dos vencedores da Asseiceira, e a immarcescivel gloria do seu general duque da Terceira, são dignas da mais distincta menção historica; os seus brios rivalisaram no calor da acção com tudo o que de mais nome se praticou nesta porfiada luta, e os talentos militares de José Jorge Loureiro, o chefe do estado maior do mesmo duque, a quem sempre acompanhou na sua brilhante marcha do Norte para o Sul do reino, adquiriram todo o renome, de que se tornaram dignos pelo efficaz auxilio, que prestára a tão decisiva victoria em tão assignalado dia. Foi assim que os constitucionaes assentaram sobre o exercito realista os seus ultimos fios de espada durante esta custosa e lastimada guerra civil.

O brigadeiro Guedes tinha dirigido a sua marcha sobre a Barquinha, indo depois para Santarem; mas uma parte da sua força, abandonada e dispersa, passou o Tejo em differentes pontos, debaixo das ordens dos brigadeiros Bernardino, e Ricardo, que no dia 17 de maio entraram na Chamusca apenas com 1:500 infantes, e 100 cavallos. O duque da Terceira occupára naquelle mesmo dia a Golegã, e Napier a villa de Torres Novas, esperando um e outro pelas determinações de D. Pedro, por ter assummido o commando em chefe do exercito com a sua chegada ao Cartaxo. Entretanto os fugitivos realistas da batalha da Asseiceira, levando a Santarem a noticia do seu grande desastre, tornaram summamente difficil a possibilidade de continuar por mais tempo a occupar a fortissima posição daquella villa, ultimo posto, que lhes prolongava a existencia. Cortados de medo, e perdidas todas as esperanças, com a perda da força de Ourem, e occupação de Torres

[1] A perda dos constitucionaes foi de 34 mortos, 288 feridos, e 22 extraviados, ou 384 homens ao todo.

Novas pelos constitucionaes, depois daquella batalha, e finalmente ameaçados tambem de perder Abrantes, pela aproximação das tropas hespanholas, que por este tempo desciam pela Beira Baixa, necessario foi aos miguelistas renunciarem a esperança de se conservarem por mais tempo na Estremadura, e por conseguinte entenderam dever reforçar na Chamusca com a sua cavallaria, commandada pelo general Urbano, as reliquias das suas tropas, escapadas pelo brigadeiro Bernardino, não só para deste modo se assegurarem da passagem do Tejo, quando necessario lhes fosse leva-la a effeito, mas particularmente para se oppôrem aos progressos do duque da Terceira, que com boas razões suppunham que atravessaria o rio, em perseguição daquellas mesmas reliquias. Todavia o general Urbano, vendo inteiramente perdida a causa de D. Miguel, e esquecendo-se dos beneficios, que delle tinha recebido, resolvêo deixar o lado vencido para se passar para o do vencedor. Com estas vistas fallou a dois esquadrões de cavallaria, que tinha debaixo do seu commando, e fazendo-lhes vêr a necessidade de repassarem para a margem direita do Tejo, para libertar o infante, que dizia envolvido, e já proximo a succumbir debaixo das forças constitucionaes, junto da Golegã, os induzio áquelle passo, e formando-os logo depois de effeituada a passagem, os foi metter no centro das forças do duque da Terceira, a quem em tal caso tiveram de se entregar, correndo para elle o proprio José Urbano, e o coronel de cavallaria de Chaves, Antonio Cardoso de Albuquerque, aos gritos de *viva a Carta Constitucional*, *viva D. Maria* 2.ª [1]. Pouco tempo depois mais de 60 soldados de cavallaria, levados tambem a isso pelos seus officiaes, deixaram as fileiras de D. Miguel para se apresentarem ao proprio D. Pedro, sem que por isso o espirito de fraqueza, ou traição, que a este passo trouxera alguns dos apresentados, lhes grangeasse melhor nome entre

[1] O barão de S. Pardoux pinta a cavallaria de Chaves como arrastada a este passo pela traição, que lhe armára o brigadeiro José Urbano; mas a desmoralisação do exercito miguelista era tal neste tempo, que me não parece crivel, que por engano, e não voluntariamente, os officiaes e soldados daquelle corpo effeituassem semelhante entrega.

aquelles, que os recebiam, do que entre os que abandonavam. Assim acabou o celebre regimento de Chaves, o mais fiel de todos os corpos, que D. Miguel teve por si durante toda a luta civil, aquelle que nem uma só deserção contára para os constitucionaes, e o que sempre se batera como quem queria fazer decididamente triumphar a causa, que tinha abraçado. Os officiaes deste corpo, membros das familias nobres e abastadas de Tras-os-Montes, pela sua firmeza de caracter serviam de exemplo aos seus soldados, naturaes daquella mesma provincia, á qual desde 1820 tão celebre se tinha tornado, pelo calor e energia, com que uns dos seus habitantes seguiram desde então a causa constitucional, e outros a realista, emigrando aquelles, e ficando estes nas bandeiras da usurpação, quando em 1828 os constitucionaes tiveram de se retirar deste paiz, pela sua dedicação á legitima successão de D. Pedro. Entre os partidistas de uma e outra causa a fidelidade brilhou sempre entre os naturaes de Tras-os-Montes, e no longo espaço de seis annos, tão notaveis pelas alternativas de fortuna e desgraça para os dois partidos contendores, nunca entre elles se vio o mais pequeno indicio de arrependimento, de fraqueza, ou de tergiversação. Os soldados das fileiras, rudes companheiros dos seus officiaes, foram sempre tão firmes e honrados como elles, e estas suas qualidades os fizeram mesmo respeitar no auge da sua propria desgraça.

Certo de que a cavallaria de Chaves se tinha com effeito passado para as bandeiras constitucionaes, o brigadeiro Bernardino, transmittindo esta noticia para Santarem, dirigio depois a sua marcha para Evora, onde por conseguinte se reuniram os desmantelados restos do exercito miguelista do Norte, e uma boa parte dos feridos da batalha da Asseiceira. Pela sua parte a guarnição d'Abrantes, atemorisada pela perda desta celebrada batalha, resolvêo abandonar tambem aquella praça, e passar para o outro lado do Tejo, para alcançar Estremôz, em quanto o exercito do general Rodil se dirigia a marchas forçadas para Portalegre, para lhe cortar as communicações com Elvas. Entretanto a marcha do brigadeiro

Bernardino descobrio inteiramente a direita da posição, que as forças realistas occupavam em Almeirim, e desde então podiam os constitucionaes, passando para a margem esquerda do Tejo, dirigir-se rapidamente sobre aquella villa, e deste modo cortarem ás tropas de Santarem a unica retirada possivel em tão melindrosas circumstancias, e no meio dos successivos revezes, que punham em imminente risco o ponto central das suas operações militares. A villa de Santarem não só desde então se vio ameaçada de um completo cêrco, mas até exposta a uma grande fome, carecendo de viveres e mantimentos, que até então recebia do Alemtejo. As villas de Alpiarça e Chamusca apresentavam o mais lamentavel quadro com os destroços de um exercito, reduzido á mais completa desorganisação, a que as suas continuas derrotas o levaram. Neste estado de confusão e desordem mandou-se que todos os soldados dispersos, dos quaes uns eram feridos, outros cançados pelas fadigas das marchas, e muitos delles extenuados pela fome, que então se começava mais fortemente a sentir, se dirigissem para Coruche, em quanto os corpos, que tinham ficado em Santarem e Almeirim, tratavam de sustentar uma retirada geral para o Alemtejo. A este passo se viram pois reduzidos os miguelistas, abandonando na noite de 17 de maio uma posição tão importante como Santarem, base central das suas operações, e que jámais pôde ser atacada pelos constitucionaes por espaço de sete mezes devolutos. Encravadas as peças, que não poderam levar comsigo, e incendiado o arsenal, as tropas realistas passaram o Tejo em tal silencio e recato, que nem o estrondo da artilheria e bagagens, nem a confusão com que tal retirada devia ser operada por um exercito em tamanho estado de desmoralisação e desordem, foi bastante para despertar Saldanha do profundo lethargo a que se tinha entregado, para atacar o inimigo. E é com effeito bem digno de reparo que este general, sabedor do aperto a que os seus contrarios estavam reduzidos, depois da batalha da Asseiceira, não previsse semelhante successo da parte delles, attenta a impossibilidade de se continuarem a manter em

Santarem. Os seus espias, quando alguns tivesse dignos deste nome, deviam-no sem duvida servir com descuido igual ao delle, se é que de proposito não foi levado a este passo por motivos talvez de humanidade, mas certamente sem nenhuma desculpa perante as suas obrigações militares. Seja porem como fôr, não ha duvida que isto foi uma grande fortuna para o exercito de D. Miguel, pois a não ser o segredo com que evacuou Santarem, a sua retirada jámais podia ser effeituada, sem se expôr a uma formal e completa derrota.

Em quanto as tropas de D. Miguel, com alguma gente dispersa da batalha da Asseiceira, deixavam a margem direita do Tejo para se dirigirem ás villas de Coruche e Monte Mór o Novo, as tropas constitucionaes faziam no dia 18 a sua entrada em Santarem, que por conseguinte acharam deserta, procurando a toda a pressa atacar a retaguarda dos miguelistas, que ainda por este tempo ia atravessando para a margem esquerda: o fogo que então se fez foi o ultimo que houve nesta prolongada guerra. Dez peças e tres obuzes, immensa quantidade de munições e bagagens, e além disto um hospital com mais de 100 doentes, foram os despojos que se encontraram naquella villa, não fallando ainda em 250 soldados de infanteria, que abandonando os fugitivos, se vieram apresentar ás bandeiras constitucionaes. D. Pedro, que pelas quatro horas da tarde do dia 17 de maio tinha chegado ao Cartaxo, vio reunidas em Santarem todas as suas tropas, e á testa dellas ambos os marechaes, a cada um dos quaes commettêo, com independencia um do outro, para os tirar de piques de competencias, o commando de uma divisão, para irem em perseguição do inimigo. D. Pedro não se queria dispensar dos serviços de qualquer destes generaes: se a gravidade da molestia de que era victima lhe permittisse acompanhar o seu exercito, ambos elles serviriam de bom grado debaixo das suas ordens, e as rivalidades que entretinham desappareceriam diante delle, que como commandante em chefe dirigiria nominalmente as operações de campanha; mas falto já de forças fisicas para poder emprehender novas marchas, e condescendendo

com os caprichos de Saldanha, que tanta repugnancia mostrava em se collocar como mais moderno debaixo das ordens do duque da Terceira, optou pela conservação dos marechaes nos seus respectivos commandos. A docilidade de caracter do duque da Terceira, a quem inquestionavelmente se devia a evacuação de Santarem, aquelle que pelas suas ultimas operações militares tinha levado o exercito inimigo ás proximidades da sua total ruina, não adquirio nesta occasião pequeno realce, aceitando no auge dos seus gloriosos triumphos o commando de uma parte das tropas constitucionaes, quando mais do que nunca tinha toda a razão de aspirar ao commando em chefe de todas ellas. No meio das suas repugnancias, o duque pôz-se finalmente á testa da sua divisão, em força de uns 10:000 homens, e atravessou o Tejo em Santarem, em quanto Saldanha, voltando ao Cartaxo, o atravessou tambem em Salvaterra, no dia 21 de maio, com igual numero de tropas. Pela sua parte D. Miguel tinha naquelle mesmo dia 17 entrado em Evora, sendo alli recebido por seu tio, o infante D. Carlos, que com a sua familia e os seus adherentes hespanhoes, em numero de uns 700 infantes, e uns 200 officiaes a cavallo, de todas as graduações, partira da Chamusca para aquella cidade. As duas divisões constitucionaes, que consumiram dois dias em atravessar o Tejo, seguiram a sua marcha em direcções quasi parallelas, a saber a do duque da Terceira tomou por Coruche a via d'Estremoz, para obstar á entrada dos realistas em Elvas, e cortar-lhes as communicações com aquella valiosa praça, a mais importante do reino, e onde haviam ainda numerosas provisões, e a de Saldanha seguio a estrada de Arraiollos sobre Evora-Monte. Para Elvas tinha igualmente convergido o exercito de Rodil, costeando a fronteira, ao passo que outro corpo de tropas hespanholas, commandadas pelo general Serrano, marchava de Andaluzia sobre o Algarve. Deste modo se achavam novamente encerradas em Evora as reliquias do exercito inimigo, que entre as forças do Algarve e as que tinha em Elvas, contava ainda para mais de 16:000 infantes, com 1:400 cavallos e

trinta e cinco peças de artilheria de campanha de differentes calibres.

A guerra tinha por conseguinte chegado ao seu termo. Sobre a desmoralisação de um exercito, cheio das maiores privações, amargurado pelas suas proprias derrotas, e cercado agora por todas as partes n'uma posição tão differente da que tinha deixado em Santarem, pois Evora tem grandes planicies em volta por onde pode ser atacada, se veio reunir o tratado da quadrupla alliança, que consignava para as potencias signatarias a expressa obrigação de fazerem sahir da Peninsula os infantes de Hespanha e Portugal. Entretanto os realistas ainda se lembraram de tentar a sorte de uma nova batalha nos campos de Evora. Todas as suas forças estavam na impossibilidade moral de poderem levar ávante semelhante empreza; a sua infanteria achava-se desmoralisada no ultimo ponto, e a sua cavallaria apresentava-se em não menos lastimoso estado, resultando por conseguinte quasi a certeza de não ser a projectada batalha mais do que um inutil sacrificio de gente. A occupação d'Elvas era-lhes por certo muito importante; mas para ganharem esta praça, onde podiam capitular com mais alguma vantagem, fôra-lhes necessario bater primeiro o duque da Terceira, que com a força do seu commando lhes vinha obstruir a passagem. Em tal aperto o brigadeiro Luiz de Bourmont propôz atacar isoladamente e d'improviso uma das divisões constitucionaes com 8:000 homens, escolhidos em todos os corpos do exercito, attenta a distancia a que aquellas divisões se achavam uma da outra, e a falta de cautela em que naturalmente estariam, julgando já os seus contrarios em completa debandada. Este plano, o melhor que em taes circumstancias se podia talvez adoptar, era ainda assim inexequivel pela falta de soldados, e até dos officiaes, capazes de se abalançarem a tão arrojada empreza. E com effeito sendo semelhante plano levado a um conselho militar, todos os seus membros votaram pela negativa, á excepção do coronel Corvo de Camões, tomando isto como uma esteril perda de vidas, depois de terem praticado tudo quanto po-

diam fazer para o triumpho da causa realista. Desde então só restava aos miguelistas ou uma prompta retirada sobre o paiz montuoso do Algarve, onde a guerra se poderia ainda prolongar por mais algum tempo, ou immediatamente sobre a Hespanha, para tentarem fortuna a favor da causa de D. Carlos. Qualquer destes dois planos era atrevido e romanesco; mas o seu resultado não podia deixar de ser lastimoso, tendo os realistas contra si tão de perto duas fortes divisões do exercito portuguez, e outras duas do exercito hespanhol sobre a fronteira, que não só lhes tomariam a passagem, mas até os obrigariam a um combate, em que D. Miguel e D. Carlos tudo tinham a perder. Era por conseguinte forçoso tomar quanto antes um partido, e no meio da indisposição que havia para continuar a guerra, julgou-se por mais acertado pedir uma suspensão d'armas, como preambulo de ulteriores negociações, e para este fim se foi encontrar no dia 23 de maio com o marechal Saldanha, em Monte Mór o Novo, o general miguelista, Antonio Joaquim Guedes. Uma segunda communicação se remettêo igualmente ao duque da Terceira, que com todo o acerto recusou responder a ella, antes de chegar a Estremoz, ao passo que Saldanha immediatamente fez alto ao receber a carta, que o general Lemos para semelhante fim lhe dirigira, consentindo em Monte Mór o Novo n'uma suspensão d'armas por quarenta e oito horas. Entretanto a noticia desta suspensão, chegando a Lisboa, não só irritou com manifesta justiça a opinião publica contra Saldanha, mas o proprio governo se enchêo tambem de desgosto, por vêr desobedecidas as ordens, ou instrucções, que prescreviam aos marechaes proseguir sempre nas suas operações, até pela força compellirem o inimigo a depôr as armas. Nesta conformidade fez-se desde logo sahir de Lisboa para o exercito o ajudante de ordens, que o mesmo Saldanha mandára a D. Pedro, ordenando-se que immediatamente despedisse e fizesse saber ao agente miguelista, que ao exercito inimigo só lhe cumpria depôr sem condição as armas, para depois disso contar com a clemencia do regente. Querer Saldanha privar o

Exercito Libertador da gloria, que já tinha ganho, de levar á condição de vencido um inimigo, que depois de esgotar todos os recursos da guerra, só podia achar salvação nas negociações diplomaticas, para que o general Lemos arteiramente appellava, querendo que as ulteriores negociações se concluissem, não entre os generaes de um e outro exercito, mas entre o governo de D. Miguel e o de D. Pedro, por meio do ministro inglez em Lisboa, é passo da mais singular estranheza n'um militar da ordem de Saldanha. Muito mais avisado andou certamente o duque da Terceira, dando de mão a todas as propostas de negociação em quanto não tivesse alcançado a posição que lhe convinha, buscando primeiro interpôr-se entre Elvas e Evora, e occupar o Vimieiro, não só para impedir a juncção das forças miguelistas naquella praça, mas até para desde logo lhes obstar ao seu aprovisionamento de viveres. Só por esta diversidade de conducta, observada nestes dois generaes, se pode bem avaliar a firmeza e decisão com que cada um delles proseguia nas operações que tinha a seu cargo.

D. Pedro havia munido os seus dois generaes d'uma generosa e ampla amnistia para outorgar aos seus inimigos, logo que submissos, e sem mais condição, depozessem as armas, confiados unicamente na sua clemencia. Os marechaes continuaram pois a sua marcha, indo o duque da Terceira sobre Evora-Monte, e Saldanha sobre Arraiollos, convergindo ambos elles sobre a cidade d'Evora. O aperto dos realistas tinha chegado ao seu auge. O general Lemos, tendo recebido do duque da Terceira a communicação, de que só uma entrega pura e simples lhe podia suspender as suas operações militares, vio-se forçado, para evitar a marcha dos constitucionaes sobre Evora, a enviar ao mesmo duque um mensageiro, dizendo-lhe «estou authorisado para «propôr uma suspensão d'armas, a fim d'entrar em nego-«ciações para se não derramar mais sangue portuguez, e se «V. Ex.ª convém nisso, será necessario que os dois exer-«citos se não aproximem mais.» A isto se seguio depois em Evora-Monte, na tarde de 26 de maio, uma entrevista

do mesmo Lemos com os dois marechaes, os quaes, depois de o terem ouvido, lhe significaram não poderem assignar convenio algum condicional, ou capitulação, sendo-lhes unicamente permittido aceitar a sua immediata submissão, a de D. Miguel, e a das suas tropas e authoridades. Com esta circumstancia lhe entregaram pois o transumpto das concessões, que D. Pedro lhes outorgava, convindo a par disto nos artigos necessarios para a execução da submissão feita, e das concessões outorgadas. Lemos partio pela meia noite para Evora, levando comsigo um dos assignados, ficando outro em poder dos marechaes, que pela sua parte permaneceram nos seus acantonamentos, para prover na execução do ajustado. Pelo primeiro artigo das referidas concessões se garantia uma amnistia geral para todos os delictos politicos, commettidos desde 31 de julho de 1826, podendo os amnistiados entrar na posse dos seus bens, que todavia não poderiam alienar sem decisão das côrtes; mas a dita amnistia não envolvia restituição d'empregos ecclesiasticos, civis, e politicos, nem os bens da corôa e ordens, commendas, e pensões. Aos amnistiados permittia-se-lhes sahirem livremente do paiz, promettendo elles não tornarem mais a tomar parte por nenhum modo nos assumptos politicos deste reino. Aos militares conservavam-se os postos legaes, obrigando-se o governo a prover á sua subsistencia na proporção das suas graduações, e os empregados ecclesiasticos e civis seriam pelo mesmo governo contemplados segundo o seu serviço e merecimento. Quanto a D. Miguel, assegurava-se-lhe uma pensão annual de sessenta contos de réis, e permittia-se-lhe dispôr livremente da sua propriedade particular e pessoal, devendo todavia restituir as joias e quaesquer artigos pertencentes á corôa, ou aos particulares: a sua sahida para fóra de Portugal podia ser a bordo de qualquer navio das potencias signatarias do tratado da quadrupla alliança, devendo a dita sahida effeituar-se no prazo de quinze dias, com a declaração de nunca mais voltar a parte alguma da Peninsula, ou dos dominios portuguezes, nem por modo algum concorrer para perturbar a tranquil-

lidade destes reinos, sob pena de perder o direito á estipulada pensão, e ficar sujeito ás demais consequencias do seu procedimento. Ás tropas incumbia entregarem as armas nos depositos, que lhes fossem indicados, e uma vez restituidas as armas, cavallos, e munições, todos os corpos seriam dissolvidos, voltando cada uma das suas praças aos seus domicilios, sob pena de renunciarem aos beneficios da amnistia.

Da cidade d'Evora declarou finalmente o general Lemos a aceitação das concessões de que os marechaes lhe deram copia, sendo esta aceitação feita no dia 27 de maio, em nome de todas as pessoas a quem as ditas concessões diziam respeito. Para conclusão final de todo este arranjo se pactuaram tambem alguns outros artigos addicionaes, em que se assentou expedirem-se immediatamente as convenientes ordens a todas as authoridades, que ainda reconheciam o governo do infante D. Miguel, para se submetterem desde logo ao governo da rainha, com a fruição das condições acima declaradas, especificando-se que D. Miguel sahiria no dia 30 de maio para a villa de Sines, onde effeituaria o seu embarque, e as pessoas da sua comitiva, das quaes se daria aos marechaes uma relação nominal. No dia 31 de maio deviam largar as armas as tropas miguelistas, no edificio do seminario da cidade d'Evora, dividindo-se depois segundo a naturalidade das suas respectivas praças, e seguindo marcha para as terras, que se lhes designára em cada uma das differentes provincias, onde a final receberiam guias para os seus domicilios. Concluido este arranjo pelo que dizia respeito a D. Miguel, e havendo o general Lemos declarado que nada tinha com os negocios do infante D. Carlos, foi o secretario da legação britannica, que fôra presente a todos estes ajustes, quem em tal caso tomou sobre si o representar este ultimo principe, e os seus interesses, para com os marechaes, com quem se estipulou que o mesmo infante D. Carlos sahiria de Evora com a sua comitiva, no dia 30 de maio, para Aldêa-gallega, onde deveria embarcar, fornecendo-se-lhe para a sua segurança a escolta que se julgasse necessaria. Quanto aos subditos hespanhoes, que

se achavam em Portugal, compromettidos pela causa do mesmo infante, seriam elles recebidos n'um deposito provisional, e ahi sustentados pelo governo portuguez, até que d'alli podessem sahir sem perigo para outro qualquer domicilio.

Publicadas em Evora as concessões, que se acabam de conhecer, D. Miguel dirigio ao seu exercito, no mesmo dia 27 de maio, uma proclamação, na qual confessava digno dos maiores elogios, e da sua particular gratidão, o valor que os seus soldados haviam mostrado em todas as occasiões de combate, e a sua extrema fidelidade para com a sua pessoa, durante a pertinaz luta, que acabavam de sustentar. Demonstrando inutil o derramamento de mais sangue portuguez, pela impossibilidade de poder alcançar victoria, em presença do tratado da quadrupla alliança, aos mesmos soldados recommendava elle, em vista da disciplina e obediencia, que delles esperava á pessoa do seu rei, a maior tranquillidade possivel, fazendo por ella responsaveis os chefes, e os officiaes de todas as classes. « Não exijo de vós, « dizia elle, um acto de fraqueza, mas um acto de resigna- « ção ás forças desproporcionadas, que em virtude do sobre- « dito tratado deveriam cahir sobre este reino: a pruden- « cia nos dicta esta conducta, para evitar os males que « anniquilariam inteiramente este paiz. De novo vos recom- « mendo tranquillidade e resignação, e estai certos que « sempre me lembrarei da vossa constancia, do vosso valor, « e fidelidade, e pela vossa conducta contribuireis para a « felicidade da nossa amada patria. » Em quanto D. Miguel assim procedia, D. Pedro cuidava pela sua parte com o maior esmero em lhe salvar a vida, attentas as denuncias, que teve, de que alguns emissarios partiam de Lisboa para o exercito, com o positivo fim de assaltarem a força que conduzisse o infante para Sines, e d'acôrdo com alguns officiaes da mesma força, rouba-lo d'entre ella, para desde logo o exterminarem [1]. Os ministros da França, da Ingla-

[1] O plano era o encaminharem-se os conjurados por um lado da estrada, e a força dirigir-se em perseguição delles para o lado opposto áquelle por onde fosse o acommettimento, para que a seu salvo podessem fazer o roubo e o assassinato que premeditavam.

terra, e Suecia, sabedores deste projecto, chegaram a representar ao governo a necessidade de se darem as mais activas e promptas providencias, para se evitar uma acção, que tamanha mancha e deslustre viria pôr, tanto em D. Pedro, como no partido liberal. O ministro da guerra, Agostinho José Freire, foi então commissionado, por carta regia de 27 de maio, para ir pessoalmente ao exercito encontrar-se com os marechaes, e providenciar por todos os modos ao seu alcance tudo o que entendesse adequado para a pacificação do reino em geral, e particularmente para se conseguir o mallogro de tão desarrazoado projecto, e cohibir geralmente o mais pequeno excesso, que contra os vencidos se premeditasse fazer. Chegado no dia 23 ao quartel general de Saldanha, em Arraiollos, o mesmo ministro da guerra partio com elle no dia 29 para o do duque da Terceira, estabelecido na Azaruja, a tres legoas de Evora. Foi de lá que elles intimaram ao commandante das forças inimigas, concentradas nesta cidade, 1.° que D. Pedro approvára plenamente os artigos da concessão d'Evora-Monte, a qual para se concluir dependia do conhecimento da pessoa, que lhes devia fazer a entrega das joias da corôa, e riquezas da fazenda publica, ou de particulares e corporações religiosas, existentes em poder de D. Miguel; 2.° que no dia 31 deveria uma força constitucional occupar Evora, para tomar conta dos cavallos e mais objectos alli existentes; 3.° que promptamente se lhes remettesse a solemne declaração de que o infante jámais se intrometteria, directa ou indirectamente, para o futuro nos negocios politicos do reino e seus dominios. Esta intimação foi satisfeita em todas as suas partes, recebendo-se a declaração original, pela qual o infante D. Miguel promettia com effeito não se intrometter jámais nos negocios politicos deste reino e seus dominios.

Entretanto o thesoureiro do infante, encarregado de fazer a entrega das joias e brilhantes da corôa, incluindo com estas as da propriedade particular do mesmo infante, que se lhe tomaram a titulo de indemnisar as que faltassem pertencentes á corôa, officiando ao duque da Terceira, com viva

instancia lhe pedia e rogava, que attenta a insubordinação do exercito miguelista, proximo a ser desarmado, houvesse de providenciar como entendesse conveniente, a fim de que durante a noite de 29 de maio se aproximassem d'Evora as tropas constitucionaes, as quaes, depois da sahida de D. Miguel, se teriam de dirigir, para maior segurança das mesmas joias, á casa fronteira ao paço do arcebispo, onde ellas se achavam. Desde este momento estavam preenchidas todas as condições, exigidas da parte do partido vencido, e nestes termos determinou-se que as tropas do marechal Saldanha occupassem Evora no dia 30 de maio, entrando igualmente em Elvas no dia 31 uma força do duque da Terceira. A praça de Castello de Vide rendêo-se ao general Rodil por capitulação, que não pôde ser ratificada por excessiva das condições authorisadas. Ao amanhecer do dia 30 de maio D. Miguel sahio d'Evora para Sines com as pessoas do seu sequito, sendo escoltado durante o seu transito pelo regimento de lanceiros da rainha. As suas tropas já na vespera tinham começado a depôr as armas, e no dia 31 estava concluido o desarmamento de todos os corpos inimigos, incluindo o de 670 hespanhoes, em que se contavam 138 officiaes, que andavam ao serviço de D. Carlos: esta gente, tendo por dois ou tres dias servido de nucleo na Vidigueira a um corpo de desertores armados, que no dia 30 se tinha escapado d'Evora, d'alli enviára a sua submissão ao governo. As forças constitucionaes, entrando com effeito em Evora com a maior regularidade, mostraram a sua rigorosa disciplina, com que inspiraram, não sómente aos povos, mas até mesmo aos vencidos, a mais inteira confiança, não obstante as affrontas anteriormente recebidas. A dispersão do exercito inimigo fez-se na melhor ordem, divisando-se a cada momento pelas differentes estradas immensas partidas de soldados de todas as armas e denominações, ordenanças, e paisanos, que ou iam para suas casas, ou se recolhiam aos diversos depositos, que nas provincias lhes eram indicados. Evora tinha sido o ponto destinado para o deposito da cavallaria, e lá se tinham reunido as cavalgaduras de toda a

especie, e até mesmo os gados da corôa, infantado, e particulares. O marechal Saldanha, mandando proceder á entrega dos diversos artigos militares, de que se fizera inventario, recebêo logo 35 bocas de fogo dos calibres 12 a 4; 1:300 cavallos de cavallaria, sendo uma terça parte delles incapazes para o serviço; 144 parelhas de muares, e 56 cavallos de trem de artilheria; 1:200 soldados de cavallaria, e grande numero de conductores, unica gente, que ainda se não tinha desarmado; mas a quem se começou desde então a dar guias, dispersando-se para as terras da sua naturalidade. O trem de armamento, arreios, e equipamento, assim como de munições de guerra, era ainda muito consideravel, o que bem prova os recursos, de que os vencidos ainda podiam dispôr, depois de tantos e tão multiplicados revezes: em Elvas, e nas demais praças, e na divisão de Cabreira, que perseguido pelas tropas de Sá da Bandeira, viera depôr as armas em Castro Verde, havia alem disto 2:000 homens de linha, e 200 cavallos. A entrada em Elvas das tropas constitucionaes da divisão do marechal duque da Terceira dêo logar a fazer-se alli a acclamação do governo legitimo com a maior solemnidade, o que já em Campo Maior havia tambem succedido, retirando-se para Lisboa a infanta D. Isabel Maria, em virtude da declaração prévia, que para esse fim tinha feito. Entre os signatarios do auto da camara d'Elvas contou-se o duque de Cadaval, seu irmão, (o duque de Lafões), e toda a mais nobreza, que dentro da praça se achava.

Em quanto isto se passava em Evora e Elvas, D. Miguel marchava obscuramente para Sines, onde chegára pelas cinco horas da tarde do dia 1.° de junho. Bandos de povo exasperado, e naturalmente guiados pelos amotinadores, que de Lisboa tinham ido para attentarem contra a vida do infante, lhe levantaram, na sua passagem, brados de *morra D. Miguel*, e lhe atiraram pedradas, que se não foram offender os da comitiva, chegaram pelo menos a maltratar alguns dos officiaes da tropa, que escoltava este desgraçado principe. Foi por conseguinte necessario que elle embarcasse quanto

antes, e a fragata ingleza *Stag*, que de Lisboa sahira com o expresso fim de o ir a Sines receber a seu bordo, o acolhêo com effeito pelas seis horas da tarde do mesmo dia 1 de junho. As ruas do transito foram tomadas por alas de soldados de lanceiros apeados, por não poderem ir a cavallo até ao logar do embarque, que D. Miguel effeituou, ouvindo pelas costas incessantes vivas á Carta Constitucional, a D. Maria 2.ª, a D. Pedro, duque de Bragança, ao Exercito Libertador, e morras ao tyranno. A bordo da mesma fragata *Stag* se recolheram igualmente 36 criados do infante, e das pessoas, que o acompanhavam, entrando no numero destas o conde de Soure, João Gaudencio Torres, João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas, José Antonio de Azevedo Lemos, e Antonio José Guião. O infante de Hespanha, D. Carlos, que de Montemor tinha sido acompanhado com toda a segurança por uma guarda de honra até Aldêa-gallega, no citado dia 1 de junho embarcou nesta villa n'um dos escaleres da esquadra ingleza, sendo recebido a bordo da náo *Donegal* com uma salva real, prestando-se-lhe com esta todas as mais attenções devidas á sua alta jerarchia. O governo britannico não impôz a D. Carlos a mais pequena restricção, que o inhibisse de se intrometter para o futuro nos negocios politicos da Hespanha, o que certamente demonstra o pouco que á diplomacia estrangeira importava o estado da luta civil daquelle reino. Póde acreditar-se que os marechaes Saldanha e Terceira não tinham instrucções algumas quanto a D. Carlos, quando com mr. Grant, secretario da legação britannica em Lisboa, assignaram as estipulações, que por este lhe foram propostas sobre o mesmo infante, e até ha quem duvide que o proprio ministro inglez, junto á côrte de Portugal, tivesse tambem do seu governo authorisação alguma para tão activamente intervir em semelhante negocio. Debalde reclamou o general Rodil a entrega de D. Carlos, porque surda ás suas vozes a omnipotencia ingleza, não só lhe recusou a entrega, sem condição alguma, que garantisse o futuro socego da Hespanha, mas até menospresou a dignidade da nação portugueza, a quem o mesmo infante devêra

aliás ter sido confiado, até que decidissem da sua sorte as potencias signatarias do tratado da quadrupla alliança. Entretanto a fragata ingleza *Stag*, acompanhada pela *Nimrod*, levantou ferro de Sines para a bahia de Cascaes com o infante D. Miguel, d'onde depois foi surgir em Genova, logar que elle tinha escolhido para sua futura residencia. Apenas chegado alli, o mesmo D. Miguel publicou logo no dia 20 de junho o seu protesto, dando por nullas todas as estipulações da concessão d'Evora-Monte, á qual dizia ter adherido, por lhe ter sido imposta pela força, e por conseguinte que a sua submissão fôra provisoria, e destinada unicamente a poupar o sangue de seus subditos. Quanto a D. Carlos, tendo-se demorado por dois dias no Tejo, dêo no fim delles á vela para Portsmouth, onde chegou no dia 12 de junho. Foi então que o governo inglez lhe propôz que renunciasse ás suas pretenções á corôa da Hespanha, ao que não annuio. De Portsmouth se dirigio depois para as visinhanças de Londres, e passados quinze dias foi apparecer entre os seus partidistas da Navarra, animando com a sua presença a encarniçada guerra civil, que por tanto tempo depois veio enlutar a Hespanha.

Desde este momento começou a dispersar-se igualmente o exercito constitucional, sendo os batalhões nacionaes mandados para os seus respectivos quarteis, e os corpos de linha para os diversos acantonamentos, que se entendêo conveniente. Cada general fez a sua despedida á divisão do seu commando, por meio de ordens do dia, destinadas a commemorar os brilhantes feitos d'armas de cada uma das mesmas divisões. « A funesta guerra civil, que assolava a nossa patria, dizia «o duque da Terceira, terminou finalmente: a usurpação « cahio perante a legitimidade, e a tyrannia perante a liber« dade legal. A submissão completa, o abandono dos antes « rebeldes á clemencia do governo, poupou um ultimo con« flicto de horror, choque sem gloria contra soldados ater« rados por constantes derrotas, que houvera deixado á pa« tria a triste herança de mais orfãos e viuvas, sobre as que « tem produzido a guerra civil. O vosso valor, a vossa pre-

« serverança, o vosso sem par patriotismo produziram taes « resultados. » Eis-aqui pois finalisada a difficultosa missão do pequeno Exercito Libertador, que desembarcando no dia 8 de julho de 1832 nas praias do Mindello com 8:219 praças, das quaes 1:062 eram estrangeiras, formando um corpo de francezes, e outro de inglezes, em janeiro do anno seguinte contava 17:668, em março do mesmo anno 18:224, em setembro 37:847, em janeiro de 1834 50:596, e finalmente em maio do referido anno apresentava 60:119 homens, entre portuguezes e estrangeiros, entre tropa de linha e batalhões nacionaes, sendo da primeira especie seis regimentos de cavallaria com 2:148 cavallos de fileira; dezesete de infanteria (inclusos seis de estrangeiros), e cinco batalhões de caçadores, com 19:049 homens, e 172 cavallos; tres batalhões de artilheria, e uma companhia de academicos da mesma arma, que tinham ao todo 3:282 individuos, 159 cavallos, e 494 muares; um corpo de engenheiros, um batalhão de artifices, e um corpo telegrafico com 728 individuos. A força da segunda especie consistia em trinta batalhões nacionaes moveis com 10:182 homens, e 93 cavallos; trinta e sete fixos, alem de treze companhias avulsas, e tres esquadrões de cavallaria, tendo 22:914 homens, e 237 cavallos. De paizes estrangeiros receberam-se 6:624 homens, e 842 cavallos. No decurso da guerra perderam-se em combate, de feridas, e de enfermidades provenientes das fadigas da guerra, e por deserções e extravios, 17:529 individuos, dos quaes 756 eram officiaes, morrendo destes no campo 104, nos hospitaes 83, tendo sido feridos 513. Os inferiores e soldados mortos no campo foram 1:114, e nos hospitaes 3:054, sendo feridos em combate 4:588 praças, ficando o resto da perda pertencendo á classe dos prisioneiros e desertores. As fortificações do Porto, Lisboa, e suas dependencias; as de Almada, Setubal, Palmella, Obidos, Leiria, Lagos, Faro, e Olhão; as munições de 611 bôcas de fogo nellas assestadas; e finalmente o municiamento, vestuario, e pagamento de todo o exercito, occasionaram as despezas de 6.059:612$462 réis, satisfeitas pe-

la repartição da guerra desde março de 1832 até junho de 1834.

Assim acabou uma luta das mais celebres nos modernos annaes dos povos civilisados da Europa, ateada com armas na mão neste infeliz paiz, e nelle pelejada mui valorosa e porfiadamente no mar e na terra, pelo longo espaço de quasi dois annos de continuas e regulares fadigas da guerra, ou mais propriamente ateada semelhante luta entre o partido constitucional e o realista desde o dia da memoravel revolução do Porto de 24 de agosto de 1820, e o da chegada de D. João 6.° a Lisboa em 3 de julho de 1821. O temperamento flegmatico deste desditoso soberano fizera-o mais proprio para ser governado, do que para governar os seus subditos, ou mais adequado para receber as determinações dos mais, do que para dar as leis aos outros. Falto de grandeza de animo, nem tinha generosidade de fins, nem o sentimento das proprias offensas, que se lhe faziam, e nem finalmente o conveniente descernimento no meio dos negocios publicos, e o vigor de resolução propriamente sua, e muito menos o espirito de executar qualquer daquellas medidas, que demandasse o mais pequeno grão de energia, olhando para os seus conselheiros e validos, não como pessoas, que o ajudassem a governar, mas que o ensinassem a reinar. Obrando mais por acaso, do que por eleição profunda e acertadamente meditada, o seu animo andava sempre como anuviado, e cheio das mais sinistras suspeitas, que não só o tornaram algumas vezes ingrato para com os seus amigos, mas que até incessantemente o arrastaram á sua habitual timidez. Foi com effeito o temor quem o levára a não contender com os Liberaes, durante a época de 1821 a 1823, pela lembrança, que continuamente o assaltava, do desastroso fim do infeliz Luiz 16 em França; mas por isso mesmo é que sua esposa e seu filho, D. Miguel, ardendo de ambição, que os fazia tanto mais ousados, quanto mais fraco conheciam o animo d'el-rei, se lançaram nos braços do partido realista, e produziram a liberticida jornada de Villa Franca de Xira de 27 de maio de 1823, a queda da Constituição de 1822,

e a acclamação do governo absoluto. As reacções politicas não pararam todavia com este acontecimento, porque os ambiciosos e discolos do partido realista, postos em campo, tramaram successivamente, desacataram a authoridade real no famoso dia 30 de abril de 1824, nullificaram todas as tentativas, que havia entre mãos para trazer o Brasil a conceder a Portugal as vantagens commerciaes, que daquelle imperio se tinham a exigir, para obter a sancção da sua independencia, e foram finalmente a causa do imperante se vêr forçado a mandar sahir do reino para Vienna d'Austria um filho desobediente, e um vassallo conspirador, em 13 de maio daquelle mesmo anno. O fogo ardia occultamente debaixo das cinzas: os realistas queriam o completo extreminio do partido constitucional; e a morte do rei, succedida em principio de março de 1826 [1], lhes veio dar armas para novamente se pôrem em campo, e recomeçarem a luta, que desde 1823 se achava suspensa pela força das circumstancias occorrentes. Os constitucionaes abraçaram então a successão do filho mais velho de D. João 6.º, o principe real, D. Pedro de Alcantara, e os realistas a do filho segundo, o infante D. Miguel, arrastando mais os espiritos, cada um para seu lado, a outorga da Carta Constitucional, com que o mesmo D. Pedro, no momento da sua elevação ao throno portuguez, entendêra felicitar a nação, que era chamado a reger, ou mais propriamente com que procurára convidar o partido liberal á defeza de uma corôa desvalida, que abdicára na pessoa de sua filha primeira, offertando assim áquelle mesmo partido condições, que elle aceitou com semelhante Carta. Não foi por conseguinte esta Carta a causa determinante, mas a occasional da nova luta civil, que os mais exaltados do partido realista fizeram de novo apparecer neste reino em 1826 e 1827: a verdadeira causa de semelhante phenomeno foram os ardentes desejos, que incessantemente dominavam os mesmos realistas, de supplantarem

[1] Bastantes pessoas houve que naquelle tempo acreditaram ter el-rei succumbido, por effeitos de um veneno, que alguem dos realistas lhe propinára em Mafra.

de uma vez para sempre o partido constitucional, e de mais affoutos, e sem receio da concorrencia de poderes rivaes, disporem a seu sabor da governação deste reino, á sombra do regimen despotico, que a outorga da Carta Constitucional destruia. A sorte das armas trouxera á dura condição de vencidos em 1827 todos aquelles, que rebellados contra o governo, haviam pegado em armas para derrubar o regimen dessa mesma Carta, contra a qual tanto por aquelle tempo se conspirava; mas a diplomacia estrangeira, e particularmente a do gabinete de Vienna, intervindo desde logo a favor dos vencidos, não duvidou sollicitar de D. Pedro a funesta nomeação de seu irmão D. Miguel para seu logar tenente, sollicitação a que elle se recusára, mas a que depois assentio por arbitrio seu, levado a isso sómente por um acto inqualificavel do seu genio arrebatado e inconstante. D. Miguel desembarcára em Lisboa aos 22 de fevereiro de 1828, para de prompto se pôr novamente á testa da premeditada e antiga conspiração do partido realista, de que elle mesmo se constituira fautor, dando-lhe abertamente todas as armas, e franqueando-lhe todos os meios ao seu alcance, para a seu salvo se realisar a cruel perseguição do partido constitucional, que desde 1823 tão ardentemente se desejava. Foi esta dura perseguição quem fez apparecer a infeliz revolução do Porto de 16 de maio de 1828, a que seguidamente trouxe a penosa emigração de milhares de individuos para fóra do paiz, a prisão e desterro de milhares de outros, e por conseguinte a desgraça de um sem numero de familias, que desde então só nos illustres defensores da ilha Terceira, onde muitos dos mesmos emigrados se haviam recolhido, começaram a achar, ainda que precarias, algumas escaças esperanças de salvação, lembrando-se que se a causa dos realistas era a mais poderosa, a dos constitucionaes era inquestionavelmente a mais justa, ou pelo menos a que mais se fundava nas illustradas exigencias do seculo.

Não obstante isto, por toda a parte se antolhava um futuro eminentemente calamitoso para os amigos da causa constitucional portugueza, ainda que reforçada tivesse esta

sido pela brilhante victoria alcançada na villa da Praia aos 11 de agosto de 1829; mas a revolução de Paris em 1830, a queda do ministerio *tory* em Londres, succedida no mesmo anno, e os felizes successos da campanha dos Açores em 1831, acompanhados do inesperado apparecimento de D. Pedro na Europa, olharam-se, quando mais apurados se achavam os desgraçados proscriptos, e as victimas da perseguição miguelista, como outros tantos acontecimentos de extraordinario prestigio, que os vieram abalançar á sua arriscada, mas bem succedida empreza da expedição do Mindello, e occupação do Porto. Foi alli que por espaço de um anno devoluto elles tiveram de lutar contra a lastimosa porfia dos maiores tres inimigos da geração humana, até que finalmente a temeraria expedição do Algarve, a portentosa victoria naval do cabo de S. Vicente, e a derrota das forças realistas em Cacilhas, lhes franquearam a sua feliz entrada na capital do reino. Tão prudente foi sempre, quando a favoravel marcha dos successos se póde por qualquer accidente tornar dependente do tempo, esperar por occasião propicia com a mais resignada perseverança, ainda mesmo a despeito das mais adversas contrariedades! Só a prosperidade dos successos infunde a geral e precisa confiança nas armas dos que denodada e valorosamente triumpham, e os constitucionaes, adquirindo por fim esta convicção de prosperidade, conseguiram pela sua inabalavel firmeza e perseverança, attrahir a Lisboa o exercito realista, obrigando-o ao levante do cêrco do Porto. Batendo-o igualmente em volta da capital, como o tinham já feito em frente daquella cidade, não só o forçaram a desistir do projectado cêrco de Lisboa, mas até o levaram a refugiar-se na formidavel posição de Santarem, que entre nós a não ha mais forte, pela facil defeza dos que a ella se abrigam, e difficil accesso de quem a busca assaltar. Entretanto a feliz marcha do duque da Terceira do Norte para o Sul do reino, coroada pela feliz batalha dos campos da Asseiceira, da mesma villa de Santarem fez desalojar os miguelistas, até irem depôr as armas aos pés dos seus vencedores nos historicos campos d'Evora-

Monte. Feliz resultado, alcançado por um pequeno exercito, para quem os realistas haviam olhado com mofador desprezo, e insultuosa vaidade, fundada no grande poder das suas numerosas tropas. É por conseguinte fóra de duvida que ao partido realista se deve attribuir, não só a luta civil por que fez passar Portugal desde 1823 até 1834, mas igualmente as desgraças annexas a tão violento estado de cousas. Se tão longa e diuturna luta fez morrer valorosa e gloriosamente no campo da peleja, como bons e fieis amigos da causa constitucional, grande numero de guerreiros distinctos, que nos combates de tão crua guerra civil se finaram, perdendo uma existencia bem digna de outra sorte, a perseguição miguelista não foi menos funesta para outros de inestimavel perda para a nação, que miseravelmente acabaram a vida nas enxovias, encontrando-se entre estes alguns nomes illustres na paz e na guerra, varios oradores, que tanto a peito tomaram proclamar na tribuna os direitos do povo, e a causa da civilisação, notaveis homens d'estado, e abalisados escriptores, que áquelle mesmo assumpto haviam consagrado os esforços da sua intelligencia, e os trabalhos da sua acreditada penna. A crueldade do partido miguelista denotava bem que só pela força se podia sustentar no paiz; mas esta sua marcha foi a que mais efficazmente concorrêo para o precipitar, erigindo em systema a sua mutua desconfiança. Por conseguinte os errados e injustos actos da sua administração e gerencia governativa, ou antes os odios, que com tanta cegueira o dominava contra os Liberaes, mereceram justamente o humiliante vencimento, a que o forçára a felicidade dos successos, com que a Providencia Divina acudio a final pela causa dos constitucionaes. Foi do seu errado systema governativo, da sua mutua e constante desconfiança, que nasceram as suas medidas vacillantes, as suas continuas nomeações e desnomeações de commandos, e com ellas a paralisação das operações de campanha nas mãos de militares, aliás de bastante reputação, depois dos desconcertos do governo em não fazer sahir do Tejo a esquadra, para derrotar a frota constitucional, quando ainda vinha dos

Açores, e em ter entregado a um completo desprezo as fortificações do Porto, cidade que inteiramente abandonada pelos miguelistas, cahio nas mãos de D. Pedro, sem o emprego de um só tiro! E na verdade esta desconfiança não parou só nos chefes, mas estendêo-se tambem aos pequenos, passou aos subditos, e abrangêo até mesmo alguns corpos, d'onde proveio a mistura, com que os commandantes detalhavam o serviço, intercallando os soldados de linha com os voluntarios realistas e milicianos. É desta mesma fonte que igualmente se ha de ir dirivar o receio, que houve tambem a respeito de alguns corpos, e a numerosa deserção dos de segunda linha, chegando até a mandarem-se vigiar os soldados de varios regimentos, quando entravam de serviço.

É por este modo que cabalmente se póde explicar como é que um partido, dispondo dos recursos do todo o reino, tendo á sua disposição uma esquadra descommunal, em relação á dos constitucionaes, e um exercito de quasi 80:000 homens, e a affeição desse mesmo exercito, e d'uma grande parte da nação, se pôde deixar vencer por uma força de 8:000 individuos apenas na sua primitiva origem, faltos de recursos de toda a especie, e contando tão sómente por si com o precario apoio da cidade do Porto, onde foram sitiados por um exercito de quasi 40:000 na sua maior força, e experimentaram todos os males da peste, da fome, e da guerra. Depois dos desacertos militares, foi sem duvida alguma a crueldade quem com o descredito trouxe a desconfiança para entre os miguelistas, e esta a que nas suas tropas produzira a falta de coragem, e nellas cimentára a indisciplina com a insubordinação, vendo entregues ao desprezo muitos dos seus generaes, que victimas da intriga, mal podiam fazer renascer no exercito os dotes marciaes, de que tanto precisava, e sem os quaes se não podem rasoavelmente pelejar batalhas. O indifferentismo, um outro mal de não menor gravidade, nascêo igualmente daquellas duas origens, levando alguns dos seus mais votados partidistas a propender por fim para o triumpho das armas de D. Pedro. Pelo contrario os constitucionaes, purificados pela emigração, compromettidos

no mais alto extremo pela causa, a que tanto de coração se votaram, e unidos debaixo do general, que na pessoa do mesmo D. Pedro poderam alcançar, para d'entre si banirem por algum tempo durante a luta das armas competencias e piques de partido, conseguiram com este passo chamar a confiança para as suas fileiras, e com ella adquirir a energia d'acção, que nas mais arriscádas crises os tornára invenciveis. D'aqui se seguio a prosperidade dos seus successos, a não interrompida serie das suas victorias, e um estado inteiramente differente daquelle, que em 1828 os fizera retirar do Porto para Galliza diante das tropas miguelistas, quasi que sem haver um só combate, tendo aliás o exercito constitucional, depois da emigração, não sómente os mesmos generaes, mas até menos força do que antes della tivera.

Destroçado pois, e vencido como foi o partido miguelista, é todavia de razão dizer-se que se os seus infortunios nos não commovem pela sua crueldade, e a do seu mesmo governo, que tanto se esmerára em sustentar intactas as prerogativas despoticas da velha monarchia, pelo menos o seu bem pronunciado espirito patriotico torna-se aqui digno de especial menção. D. Miguel e toda a sua côrte nunca se pejaram de trajar os productos da industria nacional, preferindo tudo quanto era portuguez ao que de mais bem acabado vinha de paiz estrangeiro. Ainda mais: todos os seus ministros serviram sempre com exemplar limpeza de mãos. No meio dos apuros financeiros, com que se viram a braços, a divida publica pouco foi sobrecarregada com o pagamento de novos juros, que absorvessem os escaços réditos de um Estado tão pobre, como já então estava Portugal, e que mal podia custear, ainda mesmo com consideravel atrazo dos seus pagamentos, muitas das suas mais urgentes despezas. Exige pois a verdade, e o reclama o amor da justiça, confessar neste logar que se aquelles ministros pobres entraram para os seus altos logares, pobres sahiram tambem, quando, forçados pelas circumstancias, tiveram de abandonar aos constitucionaes a gerencia dos negocios publicos. Foram estes os que pela sua parte, fascinados com as brilhantes victorias

do Exercito Libertador, não attendendo aos apuros da fazenda, compromettendo o futuro, para se manterem no presente, desprezando as idéas de economia e decencia publica, pela immoralidade dos sequestros, e sobre tudo pela das indemnisações, que para si decretaram á custa do Estado, arrebatados por systemas, que ou não entenderam, ou não souberam acommodar entre nós, e finalmente cogitando pouco em congraçar toda a familia portugueza, como quem só procurava fazer partidistas em apoio das suas caprichosas fantazias, não só se lançaram no ruinoso caminho dos emprestimos, a que sacrificaram o bem estar da nação, pelo pagamento dos enormes juros, a que a obrigaram em paiz estrangeiro, mas até deram logar ao apparecimento de facções, á desmoralisação geral de todas as classes, e por fim á espantosa serie de reacções, que depois do triumpho do Exercito Libertador se seguiram, como consequencia necessaria do seu desgoverno, e do desmancho geral, que sem nenhum estudo fizeram de todo o antigo systema social portuguez. Finalmente se nas obras se retrata sempre todo o saber do operario, e se elle delinia nellas as mais secretas e aprimoradas feições da sua intelligencia, forçoso é confessar que, por esta regra, os homens, que tem governado durante o regimen constitucional, não se tem mostrado até hoje os mais peritos e patrioticos na gerencia dos negocios publicos, e particularmente nos de fazenda, attenta a grande imperfeição das obras, que se tem visto sahir-lhes das mãos, e tempo virá, em que a historia comprove todas estas asserções tão exuberantemente, quanto se acham já comprovadas as que dizem respeito ao partido miguelista, tendo todavia de acrescentar mais, que as extorsões, os vexames, e prevaricações da classe media para com a nação, cujos destinos lhe tem sido confiados, particularmente durante o regimen constitucional, não são no seu genero de menor gravidade que as antigamente attribuidas á classe aristocratica, e ao governo absoluto, desde os mais affastados tempos até aos nossos dias. E seria este o desejado systema representativo, por que tantos e tão desmedidos sacrificios se fizeram, tan-

tas fortunas se arruinaram, e tão grande numero de vidas se perdêra? Será este o governo, em que só a justiça devia ser ouvida, acatado o merito, e observada a lei, dando ao paiz os ministros da corôa, e os eleitos do povo, os mais irrefragaveis exemplos de moralidade publica, e não interrompido amor da patria? Quando virá o tempo em que todos reconheçam, como com tanta verdade o dizia um dos santos padres mais venerandos da igreja latina, *ubi justitiæ locus non est, ibi nulla respublica esse potest?*

CAPITULO IX.

A concessão d'Evora-Monte dá causa a que no theatro de S. Carlos appareçam tumultos, de que a Opposição se aproveita para os seus fins, sendo ella reforçada nas suas queixas pelas camaras municipaes do Porto e Lisboa, que o governo indiscretamente offendêra, vendo-se depois obrigado a recorrer á adopção de medidas, que o popularisassem, figurando entre ellas a da extincção das ordens regulares, e a da convocação das côrtes. Para a liça eleitoral se transferio depois a sanha dos partidos, que nem abrandaram com a ida de D. Pedro ao Porto, nem com a extincção da moeda-papel, que o governo decretára, apparecendo por conseguinte nas côrtes grande numero de membros da Opposição, por alguns dos quaes foi vigorosamente combatida a proposta da continuação da regencia nas mãos de D. Pedro, e a do casamento da rainha, e quando nas camaras se achavam mal serenados os partidos contendores com a questão da elegibilidade do coronel Pizarro, é então que o regente lhes participa não poder continuar a tomar conhecimento dos negocios publicos, e as côrtes declaram a rainha maior, succedendo-se a este acto o fallecimento de D. Pedro, e a pompa funebre do seu enterro.

Acabava a guerra civil pela concessão d'Evora-Monte, pelo embarque e proscripção do infante D. Miguel para fóra do paiz, e a dispersão do exercito realista; mas a luta dos partidos, ministerial e Opposição, em que os Liberaes se tinham dividido, ia começar terrivel, e abrir um novo germe de discordias e futuras calamidades para este reino. Em quanto as fadigas da guerra absorviam todas as attenções, pelo perigo commum, que estes dois partidos corriam em presença das forças do governo miguelista, as duas fracções do partido liberal, salvo alguns symptomas de pequeno rompimento ou excesso d'uma e outra parte, tiveram de militar submissas debaixo da influencia e prestigio de D. Pedro, seu commandante em chefe; mas apenas desapparecêo, com o triumpho alcançado, a imminencia desse perigo geral, a verdadeira causa desta forçada união, os odios, que até então se haviam reprimido, manifestaram-se em publico com todos aquelles excessos, dictados pela desmedida ambição dos que

só procuram triumphar, seja como fôr. D. Pedro, educado com todos os velhos preconceitos dos principes absolutos, e arrastado igualmente pelas tendencias da natureza humana, aspirava a dominar com influencia bem pronunciada sobre todos os poderes politicos do Estado. Verdade é que o seu caracter singular, a sua ardente ambição, e desmedido amor da gloria, reunidos com as circumstancias politicas de Portugal e Brasil, o tinham constituido decidido enthusiasta pelas maximas da Liberdade politica; mas este seu enthusiasmo não era tal, que lhe podesse vencer a sua natural propensão para dominar, e com ella os prejuizos da sua educação a tal respeito. Durante a luta civil, que acabava entre os constitucionaes e os realistas, a Carta Constitucional não pôde religiosamente ser executada, e o regimen dictatorial da sua regencia havia-se tornado necessario, porque em fim calam-se as leis durante o arruido das armas. Esta circumstancia tinha pois favorecido as tendencias de D. Pedro para o arbitrario, ainda depois da terminação da luta, de modo que a sua regencia teve mais em vista respeitar as fórmas, do que manter a essencia do governo representativo, havendo uma como falta de harmonia entre a sua conducta e o seu enthusiasmo pela Liberdade. Já no Brasil uma igual pretenção o forçára a abdicar a corôa daquelle Estado; mas entre nós a sua vontade foi muito mais bem succedida, achando cá muito maior numero de partidistas, que lh'a acatassem, do que lá tivera, pelo favoravel das circumstancias occorrentes, ou antes pelas pretenções, que muitos tiveram á nomeação e distribuição dos altos logares, que em todas as differentes carreiras publicas elle teve a prover até á definitiva entrada do governo no andamento regular do systema representativo. Todavia o regente, principe como era, difficilmente podia annuir á partilha do poder, e até bem pouca ou nenhuma censura merece no meio das suas tendencias para o arbitrario; porque se é verdade que nunca as lisonjas faltam aos que vivem junto dos principes, D. Pedro, desvanecido com os desmedidos elogios dos que o rodeavam, julgára-se apto para exer-

cer e concentrar nas suas mãos todos os poderes do Estado, e montar toda a governação do reino debaixo do plano, que elle e os seus ministros bem ou mal idearam. Mas o que realmente admira é que assim o desvanecessem, e ás suas caprichosas vistas lhe sacrificassem a sua propria opinião por logares, aquelles mesmos homens, que haviam tomado para si o exclusivo attributo de Liberaes decididos, por terem pretencido ao gremio dos governantes e influentes na época constitucional de 1821, e como taes guerreado os abusos, que agora tanto pareciam querer respeitar, debaixo de outras formulas. Seria mudança, e maior experiencia dos annos; mas o mais provavel era ser já entre nós o visivel começo do desfallecimento do imperio das opiniões, e dos sentimentos generosos e elevados, para ceder o campo ao grande predominio dos interesses individuaes, que os bons portuguezes tanto n'outro tempo desprezavam pelos do bem commum. Quando os homens mais notaveis da restauração se viam sacrificar assim a sua antiga e bem conhecida opinião ás vantagens da sua collocação; quando aquelles, que davam e recebiam honras e empregos, faziam tudo isto, sem lhes embaraçar as censuras, que sobre si tão justamente chamavam, podia bem antever-se que a degradação moral entre nós ia manifestamente chegando ao seu auge.

Bem sabido é por outro lado que as prerogativas da corôa vantagens são dos seus ministros, os quaes, quanto mais influencia adquirem sobre os outros poderes do Estado, tanto mais augmentam a sua propria importancia e ascendencia, e tanto mais podem, com a parte pesada, reunir tambem a util do seu cargo. De tudo isto estavam bem certos os ministros do regente, porque tomando para si, durante a sua dictadura, o caracter de reformadores do Estado, não procuraram organisa-lo pelo modêlo, que a Inglaterra lhes dava, onde a indole do seu governo propende mais para o municipal do que para o militar; mas sim pelo que tinham visto em França, onde a centralisação dos negocios, e o grande numero de empregados, que este systema demanda, juntos á grande importancia de classe militar, davam o mais

decidido ascendente aos membros da administração. Com estas ideas trabalhou pois entre nós o ministerio para crear uma igual centralisação, e suprir a falta de uma aristocracia poderosa e influente pela clientela, que buscava ter no grande numero de empregados, como quem evidentemente aspirava a reunir nas suas mãos um poder forte, que assoberbasse todos os outros, e lhe desse a faculdade de obrar mais por authoridade propria, do que pela influencia moral e dictames da lei, ou mais por vontade sua, do que por condescendencia com a opinião publica, de modo que para se evitar a extrema debilidade do governo, cahio-se no extremo opposto, propendendo-se, no desmantelamento geral das antigas instituições, mais para o regimen arbitrario, do que para o constitucional. Eis-aqui pois outros novos motivos, que alem dos de interesse individual, levaram tambem os ministros de D. Pedro a condescenderem com elle no predominio, que tanto procurava alcançar em todos os differentes ramos da publica administração e governo do reino. Mas se com esta marcha os mesmos ministros se constituiram de facto arbitros dos destinos do paiz, se com a sua vasta clientela reforçaram largamente o numero dos seus partidistas, pela multiplicidade dos seus empregados e dependentes, tambem por outro lado augmentaram o dos seus antagonistas em não menor escala, de modo que quanto mais systema procuraram dar á centralisação, especialmente com o estabelecimento das prefeituras, tanto mais os guerreavam os seus inimigos, levantando-lhes difficuldades de toda a ordem, e accusando-os de sinistras intenções, ainda nas medidas mais innocentes, sem se pejarem de chamar em seu apoio o reforço dos *clubs*, e o concurso da plebe, cujas opiniões e tendencias por toda a maneira desvaneciam, embora lhe despertassem a idéa da sua soberania. Uma destas opiniões em voga, e que por toda a parte apparecia, era a grande intolerancia, que se queria vêr empregada contra os miguelistas, consequencia bem natural do enthusiasmo dos espiritos no momento da victoria, achando para esta conducta plausivel desculpa na desmedida perseguição, que dos

vencidos tinham n'outro tempo soffrido, e da pertinaz resistencia, que tanto ao governo legitimo haviam opposto. No auge pois desta effervescencia geral, deste receio, por certo mal entendido, de que se não queria entrar no regimen legal, chegou a Lisboa em 27 de maio, e no mesmo momento em que D. Pedro assistia com sua esposa, e a rainha sua filha, á representação do theatro de S. Carlos, a noticia da concessão d'Evora-Monte, datada daquelle mesmo dia, pela qual se promettia a D. Miguel, alem d'uma avultada pensão, a sua livre sahida para fóra do reino, e se afiançava uma ampla amnistia a todos os seus partidistas. Semelhante noticia foi logo acolhida com os mais vivos signaes de reprovação, de que os descontentes do governo não podiam deixar de se aproveitar contra o ministerio.

Dava Lisboa por este mesmo tempo quartel a muita gente ociosa e turbulenta, que por varias causas tinha para ella affluido, comprehendendo 1.º grande numero de emigrados, recolhidos de paizes estrangeiros, que ou por negocios seus, ou por se não terem podido ainda recolher a suas casas, vagueavam pela capital, espreitando a marcha dos acontecimentos politicos com toda a consciencia e orgulho de vencedores; 2.º quasi todos os presos politiços, que tendo sahido das cadêas, victimas do partido miguelista, eram dominados pela represalia e vindicta contra os seus oppressores, não admittindo a mais pequena modificação nas suas idéas a tal respeito; 3.º as praças dos differentes batalhões nacionaes, que nas linhas do Porto, ou nas de Lisboa, oppozeram viva e corajosa resistencia ao exercito de D. Miguel; e 4.º finalmente muitos especuladores, e sobre tudo extraordinario numero de pretendentes desattendidos, homens sempre de todos os partidos, e sem verdadeira crença em nenhum delles, que para si tomavam como a melhor de todas as habilitações possiveis, para os logares a que aspiravam, declararem-se, por despeitosos, em perpetua insurreição contra todas as idéas de ordem, e em encarniçados inimigos do partido vencido, a quem por toda a fórma e maneira queriam vêr anniquilado para lhe succeder nos

empregos. De todos estes elementos de insofrida e indocil desinquietação publica se formaram, para desafogo dos mais excessivos, multiplicados *clubs*, uma boa parte dos quaes tomára por alvo seguir a marcha do chamado *progresso*, e procurar por toda a fórma e maneira a queda do ministerio, sem escrupulo de o derrubarem na presença de qualquer pequeno successo, que aos seus fins parecesse propicio, ainda que contrario á ordem e tranquillidade publica. Nestes mesmos *clubs*, dirigidos muitos pela Opposição, planeava-se, como alguem affirmou, uma conspiração para alcançar aquillo que tanto se tinha em vista. Seja porém como fôr não ha duvida que ao desgosto geral, produzido pela noticia da concessão d'Evora-Monte, se pretendêo dar direcção, encaminhando-o para a projectada conspiração, que a final não passou de uma mera assuada, ou demonstração solemne de descontentamento contra o regente. Mesmo no theatro e em presença de D. Pedro começaram os exaltados em descompostos clamores e vozerias contra os ministros da corôa, por terem aconselhado semelhante amnistia, sem pouparem até a pessoa do mesmo regente, em quem o frenezi das paixões desregradas queria vêr um fratricida, derramando em holocausto da Liberdade, e manchando o throno de uma innocente rainha, o sangue de um tio, que supposto fosse um usurpador, achava-se com tudo em desgraça, e como tal digno de respeito no auge do seu infortunio. Dar uma ampla amnistia no momento do completo triumpho do Exercito Libertador, não só era realçar o brilho das suas multiplicadas victorias, mas ennobrecer igualmente a magnanimidade do seu commandante em chefe: todavia tão alta elevação de sentimentos não se podia esperar da maior parte das victimas da perseguição miguelista, segundo a natureza das paixões humanas, que jámais podem ser desprezadas nos calculos do verdadeiro estadista, e não contemporisar com ellas foi desconhecer certamente o melindre das circumstancias occorrentes, e não ostentar grandes provas de tino governativo. Não se podia rasoavelmente exigir que D. Pedro fizesse processar seu irmão,

nem que o triumpho da Liberdade se denegrisse com o sangue dos mais notaveis partidistas do infante D. Miguel: semelhante procedimento proscrevia-o a humanidade, e condemnava-o o espirito do seculo, e não menos a politica dos principaes gabinetes da Europa; mas entre esta conducta e a que se teve com elles havia um certo meio termo, de que se podia, e com effeito devia lançar mão. A detenção por algum tempo, ou n'uma fortaleza do reino, ou das ilhas dos Açores, evitava de certo, tanto a D. Pedro, como aos seus ministros, o desgosto, que forçosamente lhes occasionára o rompimento popular, que contra elles apparecêo em publico. Confiar nas promessas de D. Miguel de não inquietar jámais Portugal, depois que sem nenhum escrupulo violára as que mais solemnemente se podiam fazer em publico, foi sem duvida ultrapassar as raias de uma bem entendida generosidade, a unica que se tinha a adoptar para com elle e os seus partidistas.

Fica por tanto fóra de duvida que D. Pedro, amnistiando seu irmão, e com elle o seu partido, no maior auge de exaltação e effervescencia popular no momento da victoria, commettêo certamente uma grande imprudencia politica, porque em fim semelhante amnistia foi olhada pelos ultraliberaes, ou como um acto de vergonhosa cobardia da parte do regente, ou como uma concessão de indigna transigencia para os vencedores na mesma occasião, em que a força das suas armas havia posto, tanto o mesmo infante, como o seu partido, á inteira disposição dos constitucionaes. O espirito publico, ébrio como se achava pelo que se ia passando, e entregue aos extasis de tão extraordinarios triumphos, com razão exigia alguma satisfação pelos males, que D. Miguel tão pertinaz e graciosamente havia causado ao paiz. O desprezo desta exigencia, justa até certo ponto, recahio immediatamente sobre D. Pedro, em quem os descontentes reputavam tenções fixas de só querer satisfazer as suas vontades e caprichos, seguindo-se por conseguinte d'aqui o grande desconceito do seu nome. A consciencia da necessidade da pessoa do regente tinha já desapparecido, depois de alcan-

çado o completo triumpho da causa constitucional, e o povo, conscio da sua efficaz cooperação para tão feliz resultado, e da importancia que devia ter na decisão dos negocios publicos, depois de tão extraordinarios acontecimentos, entendêo que nada lhe devia importar com homens, quando lhe não desvaneciam as suas idéas e crenças. E effectivamente os homens, desde que o seu nome deixa de ser o simbolo das doutrinas de um partido, valem bem pouco no meio das desregradas commoções politicas, particularmente quando ellas revolvem do alto a baixo todas as differentes classes e jerárchias sociaes. Entre semelhantes agitações os proprios chefes de partido se chegam a esquecer pelos principios politicos, que se abraçaram, por ser no meio desta effervescencia geral dos espiritos que todos aspiram a muito, e se servem deste meio para saciar ambições, e quem, durante a corrente de tão impetuosos acontecimentos, não se quer vêr condemnado á irrisão e desprezo, dictados pela ingratidão dos seus antigos correligionarios, é preciso nunca deixar de fielmente os servir, ou não lhes contrariar os desejos e a marcha governativa, que entendem se deve adoptar, conforme á sua politica. Alem de tudo isto, não se deve igualmente esquecer que momentos ha durante as revoluções, em que se póde ter a iniciativa sobre a marcha e exigencias dos partidos; mas ha outros, em que se não póde ter mais do que o merito da submissa aceitação de taes exigencias, como neste caso parecia succeder. E é muito necessario que os respectivos chefes conheçam bem estas differenças, para, segundo as circumstancias, regularisarem a sua conducta, porque em fim uma vez chamado o povo a concurso dos negocios politicos, é difficil licencia-lo no meio das suas grandes agitações, e prescindir de repente da sua intervenção e acôrdo: neste caso o mais prudente não será contestar-lhe, mas dirigir-lhe tão sómente as suas inclinações e desejos. D. Pedro, pelo seu alto nascimento, pela reputação do seu nome, e a dos seus altos serviços á causa da Liberdade, tinha-se constituido um perfeito heroe popular; mas D. Pedro devia conhecer melhor o povo, pela experiencia do que no Brasil

lhe succedêra, e lembrar-se de que, quando os seus heroes chegam ao apogêo da sua mais subida gloria e fama, é então exactamente que elle capricha em lhes derrubar as estatuas, que com tanto enthusiasmo lhes levantára outr'ora.

Em quanto pois as vozes de reprovação contra a concessão d'Evora-Monte passavam do salão da entrada do theatro para a platéa, a irritação da grande maioria dos espectadores crescia cada vez mais, pela distribuição de muitos impressos do decreto de amnistia, com que, para maior indiscripção, se julgára que ella fosse acalmada. Aos clamores do publico respondêo D. Pedro, que o processo de seu irmão, por elle mesmo ordenado, alem de repugnante á natureza, e improprio na sua pessoa, não podia ser tolerado aos olhos da Europa civilisada, muito mais reunindo-se com estes, outros motivos de não menor ponderação, que a seu tempo se fariam publicos, para mostrar a injustiça das accusações contra elle dirigidas. Por mais plausiveis que fossem todas estas razões, não podiam acalmar-se, e ceder diante dellas terreno as paixões contrarias a tão nobres sentimentos, no auge de uma desenfreada ira popular, porque esta scena damagogica, tão altamente offensiva á pessoa daquelle, que acabava de libertar a nação do pesado jugo da tyrannia, não parou com a resposta do regente. A palavra *canalha*, que alguem disse ter-lhe ouvido do alto do camarote, ainda exacerbou mais a desinquietação publica, como era bem de esperar das expressões imprudentes, de que o throno se devêra recatar, proferindo-as em presença da cegueira das paixões exasperadas, ou alli mesmo lançando-lhas em rosto. Atraz de umas, outras vozes se levantaram ainda mais descompostas da parte do povo, d'onde nasceram os receios pela vida do regente, e ordenar-se immediatamente o reforço da guarda do theatro. Uma proclamação, cheia do mais amargoso fel da ingratidão para com D. Pedro, começou a espalhar-se por esta occasião. Dois ajudantes de ordens do mesmo D. Pedro, e o general da força armada, appareceram no salão do theatro para socegar os turbulentos; mas todos tres foram não só desattendidos por palavras,

e escarnecidos do povo, mas até desobedecidos da tropa, que se recusára a carregar as armas, e a prender alguns individuos. Felizmente os tumultos, tão indiscretamente provocados, não foram mais adiante, não só por se não terem estendido fóra do theatro, mas particularmente pela prudente conducta da tropa em não carregar o povo. Muito depois desta época ainda um official, admirador do duque de Bragança, se referia á concessão d'Evora-Monte, escrevendo as seguintes expressões: « a sempre fatal convenção « d'Evora-Monte, parto abortado dos degenerados portuguezes estrangeirados, suffocou nossas operações guerreiras! « O mais execravel dos tyrannos existe ainda! Mas saiba o « mundo que o nosso valor não foi suffocado, foi sim trahido! « A nação, tão atrozmente tyrannisada, tinha e tem jus sa« grado a vingar-se do monstro, que tanto a flagellou! Odio « eterno ao degenerado portuguez, que foi o conselheiro de « tal convenção! Odio sempre eterno ao chefe, que demorou « a marcha triumphante dos nossos bravos, e que por tal « modo dêo logar a que o tyranno não fosse punido. » Quando depois de serenados os animos, ainda assim se escrevia com tanta acrimonia contra o acto da maior generosidade de D. Pedro, e que mais honrava o triumpho da Liberdade, facil é de ajuizar que tal seria a ira das paixões, no auge da sua effervescencia e irascibilidade! Verdade é que muito fez o Exercito Libertador para o acabamento da guerra civil neste reino; mas a marcha do duque da Terceira, desde as provincias do Norte até aos famosos campos da Asseiceira, não seria tão rapida, nem o seu triumpho tão completo, se não fôra a poderosa coadjuvação do general Rodil, e o mesmo abandono da formidavel posição daquella villa não seria tão promptamente effeituado pelo exercito miguelista até ir capitular em Evora-Monte, se não tivesse conhecimento do tratado da quadrupla alliança, o qual pela sua parte não permittia execuções politicas, e muito menos a do infante D. Miguel, que as iras dos partidos tanto pareciam ter em vista.

O descontentamento geral, que manifestára Lisboa in-

teira pela concessão d'Evora-Monte, não era só filho desta concessão, tinha origens muito mais remotas, e o seu alvo era verdadeiramente a queda do ministerio, a quem os da Opposição faziam uma guerra demasiadamente crua e systematica, procurando ataca-lo por toda a fórma e maneira, e até levantar-lhe serias sedições populares, como se acaba de vêr, sem lhes embaraçar com a gravidade das consequencias de semelhante meio. A guerra civil, por que o paiz passára desde 1832 a 1834, não permittia mais do que o regimen dictatorial do commandante em chefe do exercito; mas se o governo se limitasse unicamente á não execução da Carta Constitucional, os clamores levantados contra elle não teriam tão plausiveis fundamentos, como tiveram desde que os ministros se lançaram, como d'empreitada, a desmoronar todo o antigo edificio social, legislando, sem necessidade, para todos os ramos de serviço publico, destruindo todas as antigas leis de justiça, administração, e fazenda, e uma boa parte até das militares, só porque lhes appetecia substituil-as por outras, importadas a esmo de paiz estrangeiro, e em que só figurava a paixão da novidade. Semelhantes leis, pelo inadequado das suas determinações, nada mais fizeram do que lançar a perturbação e desordem em toda a administração publica do paiz. Os ministros, demasiadamente confiados na sua sciencia, e desdenhosos para com a das côrtes, a quem nada quizeram deixar para legislar, eram á vista disto accusados de arbitrarios, de fazer as leis a seu sabor, de as accommodar á fieira do poder, de publicar tão sómente as que davam força ao governo, e de se acautelar das que podiam garantir o povo contra as invasões do arbitrio, como succedera á lei da eleição das camaras municipaes, que só muito tarde publicaram, e á da liberdade de imprensa, que nunca lhes sahio das mãos, e finalmente de obrar em tudo com espirito de partido, rodeando-se d'uma immensa clientela, pela extincção de todas as antigas repartições do Estado, e creação d'outras novas, com novos empregados, e nova dotação d'ordenados. Quando tanto se precisava de economia, como bem se conhece hoje, foi então

que o governo se lançou no caminho das prodigalidades, sem lhe embaraçar com os sacrificios da nação. Da bondade de tão errado systema quiz elle convencer o publico pela pontualidade dos seus pagamentos em dia ás classes activas e inactivas, pela immoral lei das indemnisações, e á custa do Estado assim adquirir proselitos, que só as suas liberalidades sustentavam. Ainda mais. Os negocios de fazenda foram postos em não interrompido movimento e giro, pela multiplicidade das transacções, que sobre elles quotidianamente se fazia. Na falta dos capitalistas do paiz, rocorrêo-se para este fim aos d'Inglaterra, a quem aliás se attrahio a semelhantes transacções com o deslumbramento dos triumphos do Exercito Libertador, a fallaz pontualidade do pagamento dos juros da divida externa e interna, os illusorios protestos de respeito ao credito publico, e á fé dos contractos. Debaixo deste systema se continuára depois da paz com a longa serie dos multiplicados emprestimos, cujo começo só a guerra havia justificado, mas que já não podia desculpar depois do acabamento da luta. Para que legalmente o ministerio podesse lançar mão de tributos, com que supprir a despeza publica, e deixar-se de tão ruinoso systema, precisava recorrer ás camaras, e este recurso trazia annexo comsigo a analyse da sua gerencia, e por conseguinte a necessidade de pôr côbro á marcha da dessipação adoptada, com que se havia seduzido a côrte, e arrastado atraz do governo o funccionalismo, e a sua immensa clientela, que costumada como já estava a tão largas prodigalidades, já não podia accommodar-se com a idéa das reformas; convinha, alem disto, acabar por uma vez com o cahos, dar de mão ao arbitrio, e fazer apparecer finalmente a ordem e a regularidade com a apresentação das contas; mas esta marcha repugnava altamente ao systema dos ministros: nem elles podiam rasoavelmente pedir, havendo tomado para si a norma de sustentar-se no poder á sombra das liberalidades do thesouro, que em tal caso teve de continuar a viver sempre aventureiramente á custa dos emprestimos. Deste modo as precisões do governo augmentaram, e as resistencias cresceram tambem na mesma proporção contra elle.

De todas estas accusações, que o tempo já tem apresentado sobejamente verdadeiras, se vê bem que os ministros eram com effeito arrastados pelas idéas de fazer partido, seguiam para isso um systema, e adoptavam uma politica, evidentemente destinada aos interesses individuaes, com pouco respeito aos geraes. Todos sabem que sobre a politica dos partidos se deve sempre levantar, como superior, a verdadeira politica do paiz, aquella que jámais póde ser desprezada pelos verdadeiros estadistas, e que consiste em sentir acaloradamente o mal, e sabe-lo corrigir a tempo. A isto é que o partido ministerial não prestou a sua mais prespicaz attenção. E assim convinha que o fizesse, porque n'um governo constitucional os ministros, em vez de representarem a vontade do monarcha, como nos governos despoticos, nada mais devem exprimir do que as necessidades dos povos, e da sua politica; porém, a fallar a verdade, entre nós o chamado ministerio de D. Pedro, composto das reliquias dos partidos, que já não havia, e de homens isolados, tirados pela maior parte dos influentes da época constitucional de 1821, nada representava já em 1834, pretencia ao tempo passado, sem se saber apropriar daquelle em que vivia, sentia necessidades e crenças, que tinham já caducado pelas circumstancias supervenientes, mas que nelle tinham ainda todo o imperio da sua primitiva existencia politica, como affeiçoado ao que passára, e tomando um caracter intermedio entre a monarchia absoluta e a representativa, nem tinha animo para deixar de acatar, como superior a todas, a vontade do imperante, nem se queria despir da sua antiga missão revolucionaria, a que aliás dava grande importancia. E todavia não sendo democrata, era altamente odeado pelos realistas, que nelle viam como em triumpho os principios populares, proclamados em 1820, e procurando, quanto lhe era possivel, reforçar o poder da corôa, chamára contra si a viva indisposição, e os violentos ataques da parte mais activa e determinada do partido popular. Deste modo a sua escolha fôra com effeito ante-politica a todos os respeitos, porque não sabendo corrigir os males, que não sentia, e in-

teiramente despido das idéas da época, por não representar a politica reclamada pelas circumstancias, tinha cahido no grande excesso das suas intempestivas e inadequadas reformas, e levantado contra si as mais energicas increpações. A presença da Carta Constitucional annullava em grande parte a legislação do paiz; mas esta legislação não precisava ser inteiramente destruida, bastava harmonizal-a com a mesma Carta, não podendo tambem haver inconveniente em se deixar para as côrtes uma grande parte desta tarefa. O pessoal das velhas repartições do Estado forçosamente havia de ser substituido por outro, que perdesse inteiramente a idéa de poder identificar os seus interesses com a existencia das antigas instituições; mas entre este proceder, e o da exclusiva nomeação de partidistas, votados unicamente aos ministros, havia uma marcha muito differente a seguir. Desconhecer pois a sua verdadeira missão, com desprezo da opinião publica, ir alem das suas exigencias a certos respeitos, e ficar áquem dellas a outros, só para fazer partidistas, e se conservar no mando, foi a feição caracteristica do ministerio de D. Pedro, e aquella que necessariamente lhe havia de acarretar as mais serias provocações da parte de todos os outros partidos. Eis-aqui pois a causa por que um sisudo escriptor estrangeiro lhe chamára ministerio de cunho democrata, transformado em despota pelo poder [1].

Já se vê pois que a Opposição, ainda que com desabrimento maior do que o bem commum exigia, estava em melhor terreno do que o partido ministerial, era mais patriotica e nacional do que elle, e se no seu systema de hostilisar o governo se mostrou pertinazmente excessiva, transpondo as raias do commedimento publico, a sua conducta a tal respeito era uma consequencia necessaria das provocações e excessos do proprio governo. Se por conseguinte o ministerio, inclinando-se mais ás prerogativas da corôa, que á democracia, adoptou uma politica e systema de partido, a Opposição, abraçando doutrinas mais populares, podia com o

[1] Mr. Julio de Lasteirye no seu excellente artigo *Portugal depois da revolução de* 1820, pag. 57 da traducção do francez.

mesmo direito abraçar tambem a politica, que lhe era mais propria, e arvorar como tal um estandarte de partido, de modo que quanto mais o governo procurava systematisar e centralisar o poder, tanto mais a Opposição lhe reagia contra, levantando-lhe embaraços de toda a especie, e procurando em represalia leval-o de passo critico em passo critico, até o despenhar no abismo, em que o quizera vêr submergido, não escrupulisando, na falta de apoio no regente, solicitar o concurso das classes mais inferiores da sociedade, despertar perigosas ambições nos individuos da fez do povo, e finalmente fazer passar a nação por baixo do jugo popular, facil de sopear, ou dirigir, no seu entender. Verdade é que para as fileiras da Opposição muitos foram arrastados a guerrear o ministerio, porque este lhes não dera a collocação a que aspiravam, porque queriam enfraquecer o poder, pela nullidade a que estavam reduzidos, e propendendo para a aristocracia, mostravam-se ardentes populares no meio das tendencias democraticas do partido exaltado. Mas se entre este partido muitos tomavam parte na luta, quando nada tinham que perder, para entrarem nos despojos da victoria, quando viesse o momento do triumpho, outros havia que, arrebatados por sentimentos generosos, que uma ardente convicção lhes dictára, queriam vêr cahido um ministerio, que não só reputavam perdulario, mas até mesmo contrario aos desejos que tinham de vêr prevalecer uma melhor politica, a da preferencia do elemento popular sobre os mais poderes do Estado. Se a estes porém era dada a honra de se guiarem pelas suas proprias opiniões e sentimentos, independente de vistas individuaes, tambem entre os ministeriaes, posta de parte a classe do funccionalismo, a quem tamanha somma de interesses ligava com os ministros, se contavam alguns, que com a mesma boa fé se oppunham á acceleração do rapido aperfeiçoamento politico, porque não acreditando na sinceridade das promessas dos innovadores, temendo muito das agitações e anarchia popular, ligadas com semelhante systema, e cançados finalmente de tantas revoluções, que fóra e dentro do paiz tinham visto, sem nenhum proveito

dos povos, eram decididos partidistas da resistencia a tamanha pressa, ou a tão rapido movimento, como quem, alem de incredulos, amava sobre tudo a estabilidade, muito mais conforme com a sua experiencia dos annos, com a sua propria fortuna e posição social. E razão tinham estes para duvidar da excellencia das doutrinas dos mais excessivos da Opposição, porque em fim não se coadunavam os conselhos do bem commum, dados em boa fé, com tamanho despejo de argumentações, e tão desmedido furor nas paixões manifestadas em publico.

Terminada por conseguinte a luta entre os realistas e os constitucionaes, suppunha-se que o paiz deveria entrar em breve no regimen da ordem e da legalidade; mas como os ministros de D. Pedro jámais poderam adoptar uma politica de conciliação, pela decidida preferencia que sempre deram ao seu arbitrio sobre as exigencias da opinião publica, diante da qual não quizeram ceder do seu systema um só apice, os seus inimigos, aproveitando-se habilmente destes descuidos, poderam chamar a si um partido forte pelo seu numero, e audaz pela convicção que todos tinham de guerrear os abusos do poder, de representar as verdadeiras necessidades da nação, e a politica que nas suas circumstancias mais lhe convinha. Deste estado de cousas se seguiram os odios, as recrescentes murmurações, e por fim a irreconciliação dos partidos em que os constitucionaes se achavam divididos, donde nascêo o systematico espirito de cada um aggredir sempre por todo o modo o seu adversario, espirito tão consideravelmente infesto ao bem commum, e que só trouxe comsigo a permanente serie de reacções, ou agitações revolucionarias por que o paiz tem desde então até hoje passado. Desta desinquietação dos espiritos se seguio como consequencia não só perder o governo toda aquella força, que elle tanto procurava alcançar, mas até chamar para o campo da politica todos os especuladores e descontentes, desde a mais somenos até á mais elevada classe social, por entenderem que facilmente achariam nesta carreira os meios rapidos de adquirir fortuna, que com mais credito e pro-

veito seu e da sociedade aliás poderiam ir achar n'outras, que se lh'os não dessem tão promptos, davam-lh'os por certo mais solidos e duradouros. Esta serie de reacções, e de males a ella inherentes, é o que a nossa historia nos vae d'aqui por diante apresentar.

O ministerio, tendo-se mostrado pouco condescendente com as reclamações do publico sobre a lei para as eleições das camaras municipaes, não pôde a final recusar-se á sua publicação, depois que o prefeito do Douro dissolvêra, em meado de dezembro de 1833, a commissão municipal do Porto, pela insurreição que contra ella mostrára o povo daquella cidade, pelo modo e razões que já se apontaram. Em vista pois da lei a tal respeito, procedêo-se alli aos trabalhos da eleição da respectiva camara, empregando logo cada partido todos os meios de que podia dispôr para vencer semelhante eleição. Pelas ligações tidas com os batalhões de voluntarios do Minho e Traz-os-Montes, de guarnição no Porto, conseguiram os partidistas da Opposição que alguns dos officiaes e praças de taes batalhões se dirigissem em assuada, no dia 21 de fevereiro, á respectiva camara municipal, com o fim de alcançarem della a sua admissão á votação, não obstante violarem com isto as disposições da lei, que lhes vedava semelhante faculdade, por falta de residencia constituida, ou de possibilidade d'alli residirem por tempo determinado, e por não terem naquelle concelho interesses alguns, ou necessidades locaes a representar. A commissão, sossobrando todavia no meio do apparato marcial dos peticionarios, admittio-os a votar, o que dêo logar a serem reprehendidos publicamente em ordem do dia pela sua falta de subordinação, devendo para seu castigo ser presos por quinze dias no castello da Foz, e os seus nomes publicados n'uma outra ordem do dia. Como quer que seja, certo é que ou por este motivo, ou pela simpathia que os da Opposição começavam a ter decididamente entre os moradores do Porto, a lista dos seus escolhidos vencêo a dos seus contrarios por grande maioria de votos, e o dia 4 de março, em que decididamente se reconhecêo o seu pleno

triumpho, foi naquella mesma cidade um dia de regosijo publico, dando-se um jantar patriotico á officialidade da guarnição do Porto, havendo á noite grande concorrencia d'espectadores no theatro, onde solemnemente se expôz o retrato do general Saldanha, e se lhe cantou o hymno do seu mesmo nome, acompanhado de muitos vivas, a pretexto de lhe commemorar a victoria, que no anno antecedente alli ganhára naquelle mesmo dia contra o exercito miguelista. Saldanha era por então o idolo da Opposição, e honrar tão assignaladamente o seu chefe era realmente aproveitar a occasião propicia de tributar publicas ovações aos principios politicos por ella mesma professados, porque em fim é no meio destes enthusiasmos que as pessoas significam tudo, em quanto com ellas andam identificados os interesses e as doutrinas dos partidos, sendo por conseguinte necessario não confundir taes pessoas com semelhantes interesses e doutrinas, donde vem vituperar algumas vezes um partido no mais alto gráo de excesso os mesmos homens, a quem elle n'outro tempo prodigalisára com a mais excessiva profusão as honras e as corôas civicas, em quanto nelles vio personalisadas todas as suas crenças e opiniões politicas. É por conseguinte claro que esta mudança de conducta da parte dos partidos muitas vezes não nasce tanto da sua natural inconstancia, como da volubilidade das opiniões abraçadas pelos seus proprios chefes, que nem sempre pela sua parte se mostram os mais fieis e mais firmes ao partido, que uma vez seguiram, ou representaram, porque em fim, collocados uma vez no poder, as cousas nem sempre se lhes antolham então, como antes de lá chegarem.

O triumpho eleitoral da camara municipal do Porto foi o presagio de outros, que a Opposição ainda se propunha alcançar, dêo-lhe mais audacia e consistencia nas suas tenções hostis, e por meio della obteve já um orgão legal para representar as suas doutrinas politicas, a sua profissão e crenças. Esta camara constituio-se e dêo juramento no dia 12 de março, e nelle publicou logo uma proclamação, ou verdadeira exposição dos principios, que se propunha seguir,

durante a sua gerencia municipal. A sua administração começou por um solemne auto de acclamação da rainha, obra muito censurada pelos periodicos do ministerio como cousa futil, ou de nenhuma importancia, depois de um cêrco, sustentado tão porfiadamente no Porto pela causa da legitimidade. Este auto o pretenderam dar os vereadores á luz, mas ou fosse mal entendido capricho do governo em querer graciosamente medir com elles piques de authoridade, ou fosse que em semelhante auto se achassem expressões, que pareciam offender a susceptibilidade dos ministros, certo é que o prefeito do Douro não só obstou á sua publicação pela imprensa, mas até dêo ordem para arrancar e rasgar, onde se achassem, os editaes que o continham, mandados affixar pela camara nos logares mais publicos da cidade. Desde então forçosamente havia de estabelecer-se um conflicto reciproco entre o prefeito e a authoridade municipal, ou mais propriamente entre esta e o ministerio, de quem o mesmo prefeito era o immediato representante. Além das queixas e reclamações, que a camara dirigio ao prefeito, accusando-o d'inconstitucional pelos seus actos, ao proprio governo enviou tambem algumas supplicas, tendentes todas ellas a popularisar os vereadores, sendo as mais notaveis 1.ª a da liberdade da imprensa, como unico meio de manifestação das differentes opiniões e necessidades; 2.ª a da isempção dos aboletamentos para a cidade do Porto, pela violação que traziam ao asilo da casa do cidadão; 3.ª a da revisão do decreto de 31 de agosto de 1833, que determinava a marcha inconstitucional das causas sobre indemnisações, por ser o julgado dellas commettido aos municipios, cujas funcções eram meramente administrativas, sem nada poderem ter de judicial [1]. Estas supplicas, sendo pelo ministerio olhadas como obra do partido contrario, e uma verdadeira aggressão á sua authoridade, pela inconstitucionalidade de que era accusado nas suas medidas, ou não

[1] Segundo o artigo 4.° do citado decreto de 31 de agosto de 1833 commettia-se ás camaras municipaes a faculdade de ratificar a pronuncia das pessoas, que aos constitucionaes deviam pagar indemnisações, e a de julgar se os respectivos sequestros se achavam legalmente feitos.

mereceram resposta, ou se lhes dêo por modo tal, que os da camara do Porto a tiveram como um aggregado de insultos e injurias pessoaes, contra elles dirigidas. É que a verdade punge sempre os individuos a quem ella pode ir irrogar censura, e é isto o que effectivamente succedêo no meio destas contendas, em que ambos os partidos dissidentes se offenderam, lançando-a em rosto um ao outro. Era pois evidente que, chegadas as cousas a este extremo, ou o ministerio se havia de demittir, ou tinha de dissolver a camara recem-eleita no Porto. A opção não era difficil de antever, e a dissolução foi com effeito decretada em 4 de abril, sem se apresentar um só motivo que justificasse semelhante medida. Este arbitrio ministerial, reunido ás antigas razões de queixa, que sobre si tinha o governo, tornára mais implacaveis as iras da Opposição contra elle, aggravando-se aquella medida com a de se mudar no Porto o general das armas, e a de se desviarem d'alli alguns batalhões de voluntarios, a pretexto de o exigirem assim as operações militares. Certo é que a camara demittio-se, sem oppôr difficuldade alguma ás determinações do executivo; mas a irreconciliação dos partidos tornou-se cada vez maior, a popularidade da Opposição crescêo desmedidamente no Porto, e a causa do ministerio perdêo proporcionalmente nas classes independentes do governo.

Foi assim que o frenezi dos partidos, absortos sempre com os seus proprios interesses, confundidos constantemente com os communs do reino, fez desconhecer a verdade aos ministros de D. Pedro, porque effectivamente por muitas vezes fallou a Opposição a verdade ao governo; mas como lh'a disse com insolita insistencia, e desmedido espirito de rivalidade e acinte, o governo, despeitoso pela sua parte, e arrastado tambem por outros que taes motivos, nunca lh'a quiz acreditar, quando o devera ter feito. Desde então a sua queda cada vez se havia de tornar mais provavel, como sempre succede a todo o governo, que não quer ceder á razão, ou que dominado por tendencias insensatas, e dando de mão a justas exigencias, para somente attender aos seus

e aos interesses dos seus partidistas, se constitue odioso e oppressivo. Confiados pois os ministros nas forças de que dispunham, e incredulos nas palavras da Opposição, de cujos conselhos aliás desconfiavam, tão longe de cerrarem a porta aos abusos, cada vez se mostravam mais dispostos a garantir a sua duração. Não sendo por conseguinte possivel faze-los entrar franca e lisamente na vereda constitucional, a nação necessariamente se havia de sacrificar com esta errada marcha, e as mudanças, que a opinião publica exigia, passaram a tentar-se por meio de revoluções, de que o mesmo governo se constituio simultaneamente o alvo e o cumplice, cimentando cada vez mais a sua impopularidade, e arraigando a odiosa crença de que só pela oppressão se podiam conservar no poder os homens que á frente delle se achavam.

Estas idéas, acreditadas e espalhadas no Porto já desde o tempo do cêrco, e conservadas alli sempre firmes, depois da restauração do governo legitimo, tinham ganhado igualmente a capital, desde que para ella affluiram as pessoas, que de paiz estrangeiro recolheram da emigração, as que das provincias fugiram á perseguição miguelista, e finalmente as que, por mal succedidas nas suas pretenções, se foram successivamente alistar entre os que aspiravam a derrubar os ministros. Com estes elementos o espirito publico de Lisboa começára por conseguinte a manifestar-se igualmente hostil á causa do ministerio. A camara municipal desta cidade, eleita em meado de março, sahira composta de homens, que se não eram decididamente favoraveis, tambem não aggrediam por certo o partido da Opposição. Os seus membros, apenas entrados na respectiva gerencia municipal, começaram a representar igualmente ao governo sobre cousas do municipio, em conformidade do que o mesmo governo lhes ordenára por portaria de 29 de março. A camara não era todavia tão docil, quanto era necessario, para que como subserviente orgão de partido approvasse cegamente aos ministros todas as suas medidas e actos governativos. Em 2 de abril pedio ella ao governo a exacta observancia do artigo 133 da Carta Constitucional, que re-

putava violado, em vista da desmedida ingerencia, que nas suas attribuições municipaes se commettia aos prefeitos e provedores, delegados da suprema authoridade administrativa nas provincias e concelhos, segundo o prescrevia o decreto de 16 de maio de 1832. Não se tendo dado uma definitiva solução a esta supplica, a mesma camara tornou a representar sobre a mesma materia em 15 do dito mez de abril, propondo simultaneamente a creação de commissarios municipaes, pela impropriedade que julgava haver nos provedores para a execução das posturas, e aos quaes as respectivas municipalidades não podiam impôr responsabilidade alguma, pela sujeição em que a elles se tinham posto as mesmas camaras. Apenas ao governo se reclamava a observancia da Carta Constitucional, a sua irritabilidade crescia desmedidamente, ou como quem tinha a sua propria consciencia gravada com o peso moral, que lhe fazia a verdade de uma justa queixa, ou como quem desprezava toda a occasião de escutar e seguir um bom conselho, para emendar o que necessario lhe fosse. Esta circumstancia, e a idéa fixa de centralizar nas suas mãos o poder, fizeram-lhe vêr affrontas onde não havia mais do que justas reclamações contra a indiscreta ordenação de medidas, que tão mal se casavam com os usos e circumstancias peculiares do paiz. Nestes termos a resposta que se dêo á camara não só teve por fim apontar-lhe o equivoco dos fundamentos em que baseára as suas representações, mas até o de a desconceituar no publico, irrogando-lhe pretenções de querer fundar um Estado no meio do Estado, censurando-a de ter confundido as idéas, e abusado das palavras, quando se servia das expressões de *poder municipal*, e *poder administrativo*, não consignado na Carta Constitucional, accusando-a de intenções de aspirar ás funcções politicas e judiciaes das antigas camaras, de empecer e difficultar a laboriosa marcha do executivo, e finalmente advertindo-a de que tinha a limitar-se somente aos objectos da sua competencia [1]. Deste modo

[1] Veja a portaria de 22 de maio de 1834, na Chronica Constitucional de Lisboa n.° 125 do dito anno.

julgavam os ministros fazer respeitar a sua authoridade, rebatendo com tanta altivez e azedume a da primeira municipalidade do reino, e attribuindo assim as mais sinistras e subversivas intenções a uma corporação, que collectivamente fallando representava na sua verdadeira origem a opinião da capital, e individualmente olhada achavam-se em todos os seus membros outras tantas victimas de uma diuturna perseguição pela causa constitucional, além da independencia pessoal, que os punha completamente ao abrigo da mais pequena arguição de perturbadores da ordem publica.

O governo, não contente com a resposta já dada, quiz á primeira acrescentar ainda segunda portaria[1] para ostentar certamente todo o vigor da sua authoridade, e não somente denegava nesta a sua approvação ao regimento, que a camara lhe offerecêra, para o estabelecimento dos commissarios municipaes, mas confundindo estes com os antigos almotacés, declarava irrevogavel a extincção das almotacerias, e a continuação das provedorias, por serem estas delegações do governo, e as que delle recebiam a authoridade precisa para a execução das deliberações das camaras, as quaes nada mais tinham a seu cargo do que simplesmente deliberar. A humilhação e deferencia para com os ministros da corôa, tão frequentes nos governos despoticos, não são o caracter mais prominente dos governos representativos, particularmente no momento em que daquelles se passa para estes governos. A camara de Lisboa, offendida tão gravemente por tão indiscretas portarias, não podia deixar de abertamente entrar na liça, a que tão fortemente era chamada contra o governo, empregando os meios que tinha á sua disposição, e o seu desejo de represalia e vingança necessariamente a havia de levar a reagir com energia igual á que tirava da povoação que representava, no meio da altivez e orgulho, que ordinariamente determina a transição do governo despotico para o liberal; á que lhe dava a consciencia da sua propria perseguição pela causa constitucional; e finalmente á que lhe vinha do seu caracter de independencia, filha da sua

[1] Veja o mesmo numero da Chronica já citado.

mesma fortuna pessoal e posição na sociedade. A representação que em 27 de maio dirigio ao governo, é notavel pela firmeza da sua lingoagem franca, sem exceder os limites do commedimento, e as raias do respeito, devido ao supremo chefe do Estado[1]. Alli se defendia ella das arguições, que tão graciosamente lhe eram feitas, mostrando a propriedade e coherencia das suas expressões, e a justiça das suas supplicas, dizendo ao regente que no seu governo reconhecia o direito de a reprimir e censurar, e até de lhe punir os seus actos, se ella prevaricasse, mas não o de condemnar as suas opiniões, por não serem as opiniões do governo o simbolo, que devesse regular as opiniões do publico: que tambem nelle não reconhecia o direito de interpretar as leis, e por conseguinte que á opinião do governo podia a camara oppôr a sua, que podia ser tão boa, em quanto a authoridade competente o não decidisse. Além disto persistia ainda em reputar violada a instituição do poder municipal pelo decreto de 16 de maio de 1832, porque dando aos provedores attribuições municipaes, extinguia de facto as camaras, reduzindo-as a simples concelhos municipaes á franceza, e ainda peor do que em França, por serem lá os *maires* tirados do corpo municipal, em quanto que os provedores eram cá absolutamente estranhos a este corpo; que entendia poder continuar a servir-se das expressões de *poder municipal*, posto que a Carta só fallasse de quatro poderes, porque não se referindo aos poderes politicos, mas só á authoridade municipal, ninguem podia negar que este fosse igualmente um poder, designado assim pelos jurisconsultos e publicistas, e se a ninguem fosse dado fallar senão no que a Carta fallava, ninguem poderia jámais empregar as expressões de *poder real*, *poder paternal*, *patrio poder*, e outros semelhantes. Finalmente esta representação concluia dizendo: « a camara, senhor, atacada na pureza das suas « intenções, em quanto é accusada de querer vexar os habi- « tantes da capital e seu termo com outros tantos almota- « cés, quantos os commissarios municipaes; de augmentar

[1] Veja a Chronica Constitucional de Lisboa, n.º 146, de 1834.

« as difficuldades, que encontra no seu andamento o novo
« systema de administração; de querer crear um poder no-
« vo e independente; de abusar das palavras para confundir
« as idéas: privada da força fisica, que necessita para des-
« empenhar com proveito do publico, e a bem da consoli-
« dação do nosso systema politico, o grande numero de at-
« tribuições executivas de que está encarregada; perdendo
« igualmente parte da sua força moral, (em quanto se não
« justifica para com os seus concidadãos,) pelo indeferimento
« de duas representações; não pode já continuar a exercer
« as suas funcções: ella não pode igualmente, reduzida a
« concelho municipal, preencher as vistas dos seus consti-
« tuintes: neste estado, não podendo demittir-se por autho-
« ridade propria, espera em ultimo recurso, e por graça
« muito especial, o decreto da sua dissolução; e em quanto
« elle não chega, a camara, excepto nas attribuições dele-
« gados, se restringirá nas suas proprias ao que fôr mera-
« mente do expediente deliberativo. »

Esta supplica, ficando sem solução alguma, fez com que a camara representasse ainda por segunda e terceira vez, instando pela sua dissolução; mas o governo entendêo responder-lhe, que só lançaria mão do seu direito de a dissolver, quando o bem publico imperiosamente assim o exigisse. Para o governo manter a grande energia de authoridade, que procurava adquirir sobre as municipalidades, depois de tão insolitamente ter dissolvido a do Porto, era-lhe indispensavel não recuar diante do vigor, com que era accusado pela camara de Lisboa na ultima representação, que lhe dirigira, e tanto mais, que tendo-se elle mostrado demasiadamente insoffrido no commedimento, com que ella ao principio se limitára a pedir-lhe a reforma do decreto das prefeituras, não era de esperar que elle se apresentasse debil no meio do firme proposito, com que a mesma camara se propôz depois aggredi-lo. Quebrar assim de vigor, quando mais lhe convinha ostenta-lo, provocar a resistencia, e não ter depois coragem para a punir, era confessar-se fraco, e um governo fraco, com pretenções de rigidez e austeridade nos seus

principios politicos, e marcha governativa, é tanto menos respeitado, senão formalmente escarnecido, no meio dos embates dos partidos, quanto mais cegamente procura ser obedecido. Deste modo a scisão politica, entretida durante a emigração, e continuada tão vigorosamente no Porto, appareceo com a maior ousadia em Lisboa, e marchou desassombrada aos mais perigosos extremos, pondo o governo em situação tanto mais difficil e duradoura, quanto mais desastrosa se tornava para o paiz, pela errada politica do mesmo governo, cujos effeitos tão funestamente se haviam de fazer sentir entre nós. Uma outra circumstancia veio por este mesmo tempo acabar de mostrar a fraqueza do mesmo governo. O duque de Palmella continuava ainda no desagrado de D. Pedro, pelas apprehensões, que no Porto concebêra o regente, de que o duque o desejava expellir de Portugal, d'onde nascêo que os seus ministros, promptos sempre em condescenderem com elle, partilhavam tambem aquella crença, e como tal igualmente o hostilisavam. Pela sua parte o duque, levado da represalia, fazia opposição ao governo; mas esta opposição, como já se vio, era tão commedida e delicada, quanto se podia esperar d'um velho cortezão e antigo diplomatico, que punha sempre as suas vistas em não desagradar ao paço, para não se inhabilitar no futuro para a sua nova gerencia dos negocios publicos, a que aspirava, nem desconceituar-se na opinião dos gabinetes estrangeiros, que muito presava ainda, para não desmanchar entre elles os seus creditos de antigo e fiel partidista da monarchia moderada. Apezar disso, os ministros, ou por condescendencia com D. Pedro, ou resentidos talvez de se não verem pelo duque acatados no meio da sua elevação ao poder, falta que nem nas mais altas jerarchias podiam desculpar, não duvidaram, por mesquinhez de vingança, fazer extrahir das folhas inglezas [1], e publicar no periodico official do governo [2], uma violenta accusação contra Palmella, pintando-o como tendo aconselhado a D. Pedro que annullasse a sua

[1] O *Morning Herald*.
[2] Veja Chronica Constitucional de Lisboa de 8 de abril de 1834.

abdicação, e se declarasse absoluto. Tão insolito ataque teve de prompto a reparação condigna, porque não só se supprimio a folha, em que se transcrevêo semelhante libello, substituindo-a por outra, em que se confessava ter o artigo em questão sido traduzido e impresso por mera incuria, *nunca o devendo ser por eminentemente falso e calumnioso*; mas até no dia de se fechar a mala para Inglaterra se tornaram a dar, debaixo de um annuncio official, com aquelle caracter as proposições attribuidas ao duque, ou que por elle se diziam feitas a D. Pedro [1]. Um outro motivo de affronta para o governo apparecêo por este mesmo tempo em publico. O *Courier inglez* de 15 de março, e o *Sun*, publicaram contra a joven e innocente rainha de Portugal um tão torpe e infamante artigo, e com tão escandalosa temeridade, que só merece o justo desprezo d'aqui se não mencionar a materia, como indigna de passar á posteridade. Quem fosse o seu verdadeiro author ignorava-se entre nós; mas a Opposição não duvidou attribui-lo aos ministros, e elles mesmo pareceram merecer a censura, porque nem um só dos seus empregados e agentes em Londres se abalançára a rebater tão disparatada calumnia, serviço a que um notavel membro da Opposição [2] officiosamente se prestou, obrigando o *Sun* a confessar que, á custa da honra da joven rainha, pessoas houve, que espalhavam infundados boatos, para servir a interesses particulares. De tudo o que fica exposto claramente se vê que o ministerio se achava guerreado por uma grande parte do partido liberal, a que se chamava Opposição, combatido vigorosamente pelas camaras municipaes do Porto e Lisboa, nullificado por quasi todos os fidalgos, que pretenceram ao gremio da emigração, diante dos quaes fôra obrigado a mostrar-se arrependido do que na pessoa do conde da Taipa lhes tinha feito, e do que ao duque de Palmella acabava tambem de fazer, e finalmente odiado no mais alto grão pelo proprio partido miguelista, pela intolerancia com

[1] Veja a Chronica de 12 de abril de 1834.

[2] O coronel Rodrigo Pinto Pizarro.

que era por elle tratado, e formal exclusão com que em todas as carreiras da vida publica o perseguia.

Entretanto a Opposição ainda accusava os ministros de conservar nos empregos alguns raros miguelistas, quando o governo seguia geralmente o systema de não collocar em logares publicos homens, que no tempo da usurpação não tivessem emigrado, ou sido victimas das suas opiniões liberaes nas cadeias, ou nos desterros. D. Pedro ainda ia mais adiante, quanto aos logares no ministerio, pois até ao tempo que corria, os não confiára senão aos homens da emigração: estas idéas iam-se porém modificando, porque o mesmo D. Pedro, querendo desvanecer as crenças de conquista e conquistadores, resolvêo-se a final a franquear o ingresso para a gerencia dos negocios publicos aos individuos não emigrados, chamando para o ministerio do reino o prefeito da Estremadura, Bento Pereira do Carmo [1], transferindo para o da justiça a Joaquim Antonio d'Aguiar, e demittindo desta pasta a José da Silva Carvalho, que desde então ficou unicamente com a da fazenda. O novo ministro do reino fôra um dos mais notaveis deputados das côrtes de 1821; mas tendo naquella época dado sufficientes provas da sua intelligencia e liberalismo, não as dêo menos de fraqueza de animo na ardua discussão das relações politicas de Portugal com o Brasil, que naquelle tempo tão seriamente agitára Lisboa inteira. Bento Pereira do Carmo era por conseguinte mais proprio para approvar, do que para censurar a conducta dos seus collegas, que não julgaram de falso, quando entenderam que a sua docilidade devia ter augmentado com a perseguição, que soffrêra da parte do governo miguelista, encerrando-o na torre de S. Julião. Como quer que seja, certo é que a sua entrada no ministerio em nada absolutamente alterou a politica dos seus collegas, que não pôde chamar a melhor caminho, posto que alguem conceituasse desde então para melhor o seu systema administrativo. Esta pertinacia do governo na sua carreira politica, o espirito de partido, ou antes compadrio parcial e injusto, que o domi-

[1] Decreto de 23 de abril de 1834.

nava, e uma certa especie de receio e temor, que a Opposição lhe causava, tornava esta cada vez mais audaz e insolente, sem que os ministros podessem adquirir mais reforço do que lhes podia dar a súa clientela, e que de pouco ou nada lhes servia para lhes assegurar a victoria. Pela sua parte a Opposição adquiria successivamente mais voga: o numero dos seus partidistas crescia até no interior das provincias, para onde affluiram, recolhendo-se a suas casas, muitos emigrados e presos politicos, muitas praças dos batalhões nacionaes, que nas fileiras da legitimidade militaram até á dissolução dos seus antigos corpos, depois do acabamento da luta, muito pretendente desattendido, e por conseguinte despeitoso contra o governo, alguns magistrados, a quem a sua ambição e genio tornavam desinquietos, e até muita officialidade turbulenta dos corpos de primeira linha. Toda esta gente, discola, geralmente fallando, e filiada toda nos *clubs* e associações de Lisboa e Porto, foi a que para alli levára o germe da fermentação, que tão fecundo se mostrou depois em resultados favoraveis á mesma Opposição. Era por conseguinte claro que a persistencia do ministerio de D. Pedro á frente dos negocios publicos se tornava consideravelmente obnoxia aos interesses materiaes do paiz, pela inextricavel confusão, em que pozera todos os ramos da publica administração, pela interminavel origem de desordens, que comsigo andava annexa, pela impossibilidade de progredirem com ella os verdadeiros principios economicos e liberaes, e finalmente pelo desvio, em que pôz contra si uma boa parte do partido liberal, e com ella grande numero de cidadãos honestos, e sinceramente constitucionaes, que tiveram por mallogradas todas as idéas de ordem e de justiça, que do regimen liberal se esperavam. Nestes termos era evidente uma agglomeração de elementos, que tarde ou cedo havia de produzir uma nova crise politica, á qual o ministerio pretendêo pôr côbro pela promulgação de alguns decretos, bem aceitos na opinião publica, e que por algum tempo a tiveram em suspensão, demorando com effeito a propinquidade de semelhante crise.

A importancia de alguns destes decretos era na verdade de grande monta para Portugal, porque não só figurava entre elles o da creação da guarda nacional[1], mas igualmente o do estabelecimento do porto-franco para as cidades de Lisboa e Porto[2], onde por conseguinte se ficaram admittindo para deposito todas as mercadorias e productos estrangeiros, qualquer que fosse a sua natureza, procedencia, ou bandeira, debaixo da qual fossem importados. Como complemento deste segundo decreto seguio-se depois um terceiro[3], que reduzio a 15 por cento os direitos de consummo de todos os generos e mercadorias estrangeiras, qualquer que fosse tambem a sua natureza, procedencia, ou bandeira, debaixo da qual fossem importados. Esta ultima medida foi assumpto de varios artigos, impressos no periodico official do governo, onde se pretendêo mostrar que em nada se tinham offendido as disposições do tratado de commercio e navegação, concluido com a Grã-Bretanha em 1810, e pelo qual se fixára em 15 por cento *ad valorem* o maximo dos direitos de consummo para as fazendas inglezas, admittidas e importadas neste reino. Esta igualdade de direitos não offendia por certo a letra do tratado em questão; mas prejudicava consideravelmente o commercio inglez, e isto só bastou para se ventilar desde logo a materia no sobredito periodico, e dar-se por esta fórma uma especie de satisfação ao governo britannico. Entretanto o tratado de 1810, impondo condições desairosas para Portugal, com a expressa prohibição de se alterarem os direitos dos generos de producção ingleza, não continha todavia disposição alguma prohibitiva para que os generos das outras nações se não podessem reduzir tambem aos mesmos 15 por cento. Conseguintemente esta igualdade de direitos, determinada para o commercio estrangeiro, alem de não contrariar aquellas disposições, não era mais do que a pena de Talião, imposta indirectamente ao governo britannico, pelo que em 1830 nos tinha já feito, quando lá

[1] Tinha a data de 29 de março de 1834.
[2] Era datado de 22 de março.
[3] Era de 18 de abril.

igualou os direitos de consummo dos vinhos portuguezes aos que pagavam os vinhos francezes, não obstante deverem os nossos pagar um terço menos, segundo as estipulações daquelle mesmo tratado de 1810. No parlamento inglez admittio-se, para justificar a injustiça desta mudança, não haver razão bastante para beneficiar o commercio portuguez á custa do das mais nações, e que se o governo britannico fazia alteração nos direitos dos vinhos portuguezes, tinha tambem Portugal pela sua parte liberdade ampla para fazer o mesmo nos productos da industria, que nos seus dominios admittia. A Inglaterra sabia bem a razão por que assim fallava nesta questão, porque não só as condições do tratado de 1810 nos não permittiam tal liberdade, quanto aos productos inglezes, mas porque já não havia receio de lhe vedarmos o seu commercio com o Brasil, unico movel que podia levar a Grã-Bretanha a ter com Portugal mais alguma attenção e deferencia. Deste modo não restava a Portugal outro arbitrio, para se vingar da conducta pouco lisa do governo inglez, do que reduzir a 15 por cento os direitos de todas as fazendas estrangeiras, que nos seus dominios admittisse para consummo. Como quer que seja, certo é que estas medidas de commercio valeram ao ministro da fazenda as mais lisongeiras felicitações dos negociantes de Lisboa e Porto, e se nellas não entrasse por muito o espirito de partido, poderia acreditar quem de boa fé se fiasse nas suas expressões, que semelhantes medidas, quando não excedessem, eram pelo menos iguaes, na sua importancia e utilidade, ás instituições e estabelecimentos de maior momento da administração do marquez de Pombal. Era muito forte tão descompassado elogio, e por conseguinte a sua demasia impossibilitou a crença do publico a tal respeito.

Todavia a irritação dos animos ameaçava a cada momento levar ainda assim o paiz a uma sedição dos mais perniciosos effeitos, se o governo lhe não procurasse pôr côbro. Os decretos, de que se acaba de dar noticia, á excepção dos primeiros, não eram de tal natureza, que chamassem sobre si a attenção geral dos partidos, e pela confiança

que adquirissem para o governo, trouxessem com a tranquillidade o desmancho de imputações mais ou menos fundadas, e a crença de que com effeito se marchava francamente no caminho da Liberdade. Para este fim se publicou então o decreto[1] da extincção do resto dos antigos privilegios, que ainda fruia a famosa companhia das vinhas do alto Douro, já tão depauperada, desde o cêrco do Porto, dos exclusivos de maior importancia, sobre que assentava o estabelecimento da sua respectiva junta, taes como o da aguardente, do vinho para consummo do Brasil, e do vinho do ramo, ou atavernado para consummo da cidade do Porto. Verdade é que quasi todos os lavradores do Douro olhavam para esta companhia como para o maior obstaculo, que tinham ao livre giro da sua industria, e á ampla faculdade de disporem como lhes aprouvesse dos productos da sua agricultura e fabrico; mas uma das obras, que tamanho nome grangeára para o marquez de Pombal, e por elle feita para mostrar e conservar intacta a alta reputação dos vinhos do Douro, não era para se lhe tocar de leve, e ainda hoje é problema, na opinião de alguns entendidos, se devia conservar-se a companhia, apropriando-a ás circumstancias do tempo, pela extincção de certos abusos, que tinham viciado a sua instituição primitiva, ou se devia nullificar-se a ponto tal, que equivalesse á sua total extincção. Não me julgo competente para entrar na materia, nem este é o logar mais proprio para se ventilar semelhante questão; mas certo é que a medida produzio na provincia do Douro grande popularidade e credito para o ministro, que a referendou, e para o thesouro uma consideravel fonte de receita publica, pelo pesado tributo de 12$000 réis, que se impôz a cada pipa de vinho exportada pela foz do Douro, como fiador mais seguro, (dizia o ministro no seu respectivo relatorio), da conservação da sua boa qualidade, por não ser provavel achar especulador tão ousado, que quizesse aventurar o custo do genero, e todas as mais despezas, que demandava até ao embarque, taes como vasilhame, fretes, e direitos de exportação, para

[1] Era de 30 de maio.

navegar vinhos de má qualidade, que ou se não vendessem por desagradaveis ao consummidor, ou se lhe viessem a dar tão baratos, que o seu producto ficasse pelas mãos dos consignatarios.

Um dos mais notaveis decretos deste tempo, e o que mais nome dêo ao ministro, que o referendou [1], pelo favoravel effeito, que produzio no animo do publico, e pela propriedade e acerto da occasião escolhida para se executar, foi sem duvida o da total extincção das ordens regulares do sexo masculino, e a incorporação dos seus bens, conventos, mosteiros, collegios, e hospicios nos proprios da fazenda nacional. Quanto aos vasos sagrados e paramentos, que serviam ao culto divino, determinou-se que ficassem á disposição dos respectivos ordinarios, para serem distribuidos pelas parochias necessitadas da sua mesma diocese [2]. A crença de que a existencia das ordens regulares era necessaria á religião, e util ao Estado, tinha já caducado, julgando-se, bem pelo contrario, que a religião nada ganhava com ellas, e até mesmo que a sua conservação era incompativel com a civilisação e luzes do seculo, e com a nova organisação politica da monarchia. A opinião é, como dizem, a rainha do universo. A opinião, fundada nas necessidades dos antigos tempos, dera grande incremento e popularidade ás ordens regulares, pela utilidade, que trouxeram á moral evangelica, em quanto, pélos seus costumes, os seus membros serviram de exemplo a todos os fieis, e não menos pela importancia dos serviços, que prestaram á civilisação moderna, em quanto no seu retiro, e durante a invasão dos barbaros, cultivaram e conservaram sempre vivo o sagrado deposito da civilisação e illustração grega e romana; mas os frades dos nossos dias, estacionarios sempre no meio da illustrada marcha do espirito humano, prevertendo pela relaxação todas as regras do seu primitivo instituto, escandalisando a moral civil e religiosa, desconhecendo as tendencias das sociedades modernas, e confundindo os tempos da sua ultima existencia com os

[1] Era Joaquim Antonio d'Aguiar.
[2] Este decreto era de 28 de maio.

da sua primitiva creação, chamaram contra si aquella mesma opinião, que n'outro tempo os protegêra, mas que por fim os condemnava como inuteis, ou antes como prejudiciaes aos costumes e luzes do seu seculo. O relatorio, que precedêra este importante documento, ainda que mais bem acabado se podesse desejar sobre certos assumptos, encerra todavia sufficientes argumentos para justificar a adopção da medida. «Na historia das ordens regulares em Portugal, «dizia elle, não faltam exemplos de actos de ousada temeridade contra os direitos dos povos, de ingerencia nos negocios civis e politicos, e de uma desordenada ambição de riquezas. Em nosso tempo quantas vezes se não tem urdido «no claustro insidiosas tramas contra o throno legitimo, e «contra a civilisação e liberdade nacional! Não é necessario «recordar antigos factos; basta o que se tem passado desde «1820. Desde esta época os religiosos, não contentes de «extraviarem das idéas da Liberdade, com a sua magia sa-«grada, os espiritos fracos por veredas tortuosas, depondo «todos os respeitos, correram, como ondas medonhas, a in-«vestir de todos os lados a náo sossobrada do Estado: as «casas religiosas foram convertidas em assembléas revolu-«cionarias; os pulpitos em tribunaes de calumnias facciosas «e sanguinolentas; e o confessionario em oraculo de fana-«tismo e de traição. A nação inteira vio uma parte do clero «regular trocando a milicia de Deos pela milicia secular, «abandonando effectivamente o sanctuario, cuja potencia o «não secundava, despojando o culto das suas opulencias, «para as converter em meios e estimulos de guerra, distri-«buindo com uma mão as reliquias dos santos, e com outra «as armas fratrecidas, alternando as verdades do evangelho «com as mentiras mais absurdas, as orações com as pro-«clamações mais ferozes, e para cumulo de horror, perpe-«trando na solidão da noite desacatos inauditos, para os as-«soalhar de dia como obra dos Liberaes: a nação toda vio «o clero alistado nesses bandos de selvagens, assim por elle «fanatisados, correndo as fileiras, cingindo em vez do cili-«cio, que lhe cumpria trazer, a espada, que devêra extre-

« minal-o, e disparando raios de morte com as mãos, que « foram sagradas para supplicar e attrahir as bençãos do ceo « sobre os seus semelhantes, incitando, com a sua palavra e « com o exemplo, ao roubo, ao assassino, e ao incendio; « submettendo em fim a religião aos caprichos de uma ima« ginação delirante e furiosa. » Quanto ás maximas de uma sã politica, o mesmo relatorio dava a existencia das ordens religiosas como incompativel com ellas, e destructiva dos fundamentos da prosperidade publica, porque embaraçando os casamentos, coarctando o acrescimo da população, e oppondo-se ao maior numero de proprietarios, os frades tornavam-se assim duplicadamente prejudiciaes á população como celibatarios, que nas gerações deixavam grande vasio, e á desenvolução da propriedade, como corpos de mão morta, que nas suas mãos absorviam grandes propriedades, que se não tornavam mais a alienar. « O Estado, continuava o mesmo re« latorio, lucrará nos direitos provenientes das compras e « vendas, tornadas então possiveis e provaveis; a agricultura « prosperará, porque todos esses terrenos, limitados e postos « em relação com as forças fisicas dos seus futuros possui« dores, serão bem cultivados, e sempre com generos uteis; « a industria e o commercio, por uma consequencia necessa« ria, receberão o seu acrescimo de actividade: a convicção « das vantagens de uma tal medida repassará até á ultima « camara social, para a qual o melhor argumento é a ri« queza: a população se augmentará, e com ella todas as « forças do Estado. »

Quanto ás razões que houve para apropriar ao Estado os bens das ordens regulares, o relatorio do ministro nada diz sobre tal assumpto, por julgar talvez evidentes semelhantes razões. E com effeito o Estado, encarregando-se do culto religioso, e da sustentação dos seus ministros, tinha todo o direito a incorporar na massa dos bens da nação os bens das ordens regulares, não só por que estes bens haviam sido votados ao culto pelos seus doadores, e não aos homens, posto que clausurados fossem, mas por que tambem, seguindo o exemplo da legislação das heranças civis, era o

mesmo Estado quem na falta dos religiosos devia succeder na posse de taes bens, por não haver quem a elles tivesse melhores, nem mais fundados direitos do que elle. Por conseguinte o que a opinião publica exigia em satisfação á moral, o dictavam as maximas de uma sã politica, e as conveniencias do Estado; mas o que por certo não pode jámais desculpar-se, e o que será sempre de vergonhosa deshonra para os constitucionaes, foi o espoliar os frades dos seus bens para lh'os pôr em praça, priva-los do patrimonio com que haviam entrado para as suas respectivas ordens, e por fim deixa-los a esmolar pelo reino o pão quotidiano, sustentados ou á custa da caridade dos fieis, ou dos parentes, que já nenhuma obrigação tinham de carregar com tal onus, e não se lhes assegurar pelo thesouro essa modica prestação dos 12$000 réis mensaes, que se lhes arbitrára, obrigando-os de mais a mais a vestirem-se desde logo como seculares. No meio de tudo isto ainda convém mais que se diga, que achando-se hoje consideravelmente acalmado, se é que não está inteiramente extincto, o furor das paixões politicas contra os realistas, e satisfeita a vindicta publica contra as reacções oppostas pelas ordens regulares ao estabelecimento do governo legitimo, bastantes individuos ha que julgam ter excedido muito as raias da conveniencia publica a total extincção das ordens regulares, posto que todos convenham na urgente necessidade que havia para a sua grande reducção. Diminuir o numero destes celibatarios, reduzir á possivel observancia o seu primitivo instituto, limitar talvez só ás grandes cidades a existencia de algumas casas desta natureza, para auxiliarem o ministerio parochial, fornecerem á pregação evangelica os talentos que para esta carreira se precisa, tomarem a seu cargo todo ou parte do ensino publico dos lycêos, e darem além disso mais solemnidade aos actos religiosos nos dias festivos da igreja, e mais pompa aos actos funerarios, e finalmente para absorverem e ministrarem emprego util a muitos filhos de familia, que por falta de meios de uma decente subsistencia os vão procurar hoje no vortice das revoluções politicas, eram

outras tantas razões d'Estado e de conveniencia publica, que se deviam ter em linha de conta, quando se abraçou tal medida. Entretanto a posse dos bens dos regulares, a idéa fixa de ir com elles encher as incessantes precisões do thesouro, e fartar a cubiça dos avidos pelas indemnisações, daquelles que só aspiravam a se enriquecer por semelhante meio com aquelles bens, foram naturalmente as idéas dominantes, que subordinaram a si todas as mais considerações da politica, e levaram o governo ao excesso de decretar, sem excepção de uma só casa conventual, todas quantas neste reino e seus dominios havia das ordens regulares e freires clausurados. Semelhantes razões não occorreram todavia por aquella occasião no publico, mas todos applaudiram o desapiedado golpe, uns por idéas de interesse, e outros por que ainda estavam sujeitos ao grande imperio dos odios e vindictas publicas, pelo muito que os frades tinham figurado nas nossas dissenções civis.

De todos os decretos, que por esta occasião appareceram no publico, o que mais tranquillisou os espiritos, ou antes lhe attrahio mais a attenção para o ponto a que a medida delle se referia, foi o da convocação das côrtes [1], que tendo sido já ordenada em 15 de agosto de 1833, e prorogada depois em 27 de setembro seguinte, pela gravidade da luta em que ainda se achava o paiz, acabava de ser definitivamente prescripta, mandando-se proceder ás eleições para deputados, na fórma das instrucções de 15 de agosto de 1826. A abertura das camaras era fixada para 15 de agosto do anno que corria, decretando-se ao mesmo tempo que na camara dos pares só tomariam assento aquelles, que se haviam conservado fieis ao solemne juramento, prestado á Carta Constitucional da monarchia, e que não assignaram as representações dirigidas a D. Miguel para consummar a obra da usurpação, por se dever olhar este facto como uma voluntaria renuncia á sua alta dignidade de par. Para os trabalhos eleitoraes transferiram pois os descontentes todas as cogitações, que só até alli dedicavam á queda do ministe-

[1] Era datado de 28 de maio.

rio. Apezar disto os odios que por toda a parte appareciam contra os miguelistas, em vez de acalmarem, mostraram-se por este tempo mais excessivos do que nunca foram. Uma grande parte destes individuos, voltando para suas casas, ou cahia victima dos seus inimigos, ou era forçada a procurar refugio em qualquer outra terra do reino, onde o seu nome e a sua pessoa não eram tão bem conhecidos. Desde então affluio para Lisboa e para o Porto, e sobre tudo para a primeira destas duas cidades, grande numero de perseguidos, que alli mesmo foram procurados, e alguns delles ficaram por infelicidade sua debaixo do punhal exterminador dos seus assassinos. É na verdade cheia de lucto para os portuguezes esta quadra de terror, espalhado na capital do reino, por se verem diariamente vagueando pelas suas praças e ruas homens arrebatados pelas iras da desenvoltura, saciando odios, e vingando injurias, que ou não existiam, ou quando existissem, necessario era deixar para a acção das leis o castigo, que só a ellas competia applicar. O governo, e particularmente o ministro da justiça, Joaquim Antonio de Aguiar, tem-se conservado até hoje debaixo do peso da imputação de desleixado na averiguação e castigo de semelhantes crimes, pela impassibilidade com que diariamente os via commetter; mas desta culpavel indifferença, se de culpa ella pode servir ao governo, nenhuma das fracções do partido liberal se pode reputar isempta: ambas ellas olhavam para estes crimes com o mais aquietado espirito, se é que não satisfação, porque em fim difficil é no momento da victoria não se abusar do poder. A Opposição, abrasada na mais requintada intolerancia, incessantemente clamava contra os miguelistas, e as atrozes injurias, que delles se tinham recebido, os excessos de que os Liberaes haviam sido victimas, e finalmente o sangue que de tão fresco gotejava ainda pelas terceadas batalhas das recentes dissenções civis, a poucos permittia não applaudirem nos perpetradores de tão horrendos crimes o que com tanta razão por elles fôra condemnado no regimen da usurpação.

Apezar deste estado de perseguição e receio, a que os

miguelistas estavam reduzidos, não é possivel deixar de os olhar já como constituindo um dos tres partidos, que em 1834 entraram na liça eleitoral. Todavia despido de força moral, e existindo somente pela força numerica dos individuos de que se compunha, constituindo estes verdadeiramente a maioria da nação, ainda que della não fossem a parte mais pensadora, semelhante partido pode contar-se, mas não dizer-se que avultasse a cousa de maior momento; nem elle podia ainda obedecer de bom grado a outras inspirações, que não fossem as do mais puro realismo. Entretanto a Opposição, receiando a inutilidade dos seus trabalhos e esforços eleitoraes, não duvidou mostrar a contradicção das suas obras com a sua lingoagem, procurando n'algumas partes reforçar-se já com aquelles individuos, a quem convidára para votar, e a quem de facto escoltára até junto da urna, para os subtrahir assim ás funestas consequencias dos odios e resentimentos de muitos dos offendidos. Além do partido miguelista, inactivo e falto por agora de movimento proprio, dois outros partidos appareceram tambem pronunciados, e cheios de bastante vida politica, na mesma liça eleitoral. O primeiro, capitaneado pelos ministros, comprehendia, além dos empregados nas repartições do Estado, os homens que pela maior parte se tinham já feito notaveis pelos seus principios liberaes, na epocha constitucional de 1820 a 1823, e nesta carreira politica se haviam mais ou menos distinguido, uns pelos seus talentos oratorios nos debates das côrtes daquelle tempo, outros pelos altos empregos, ou pessoal influencia que fóra dellas tinham exercido, ou pelo fervor com que nos *clubs* se haviam declarado contrarios ao regimen da velha monarchia. Todos estes podiam bem ter o nome de homens encanecidos no poder, amantes da estabilidade e da ordem, votados a uma inalteravel marcha do governo, donde lhes vinha a qualidade de *partido conservador*, ou *moderado*, e até mesmo, como cortezão, genuflexor do poder da corôa, por quem muitos dos seus membros mais conspicuos haviam com effeito sido sobre maneira engrandecidos na escala jerarchica; mas se por

um lado contavam por si a experiencia dos tempos, e assim se mostravam desconfiados, e até incredulos, nas utopias da mais afogueada e intempestiva Liberdade, tambem por outro lado se olhavam menos puros nas suas intenções, mais dados a considerações interesseiras, e por conseguinte menos cheios de amor da patria, e até mesmo despidos daquella alta energia das paixões nobres, que nos mancebos tanto imperio tem para se imitarem os feitos do mais acrisolado patriotismo, emulação que nelles estava já consumida pelos annos, gastos na sua longa carreira governativa.

O segundo daquelles dois partidos era pela maior parte composto de mais arrebatados e juvenis talentos; sempre promptos a sacrificar no altar das suas crenças quaesquer considerações da governação do Estado; mais abertos na pureza das suas intenções; menos attentos a calculos de commodidade e pessoaes interesses, e por conseguinte de moral menos suspeita, por não ter sido ainda experimentada no manejo dos mais altos negocios publicos; emittindo sempre em todo o tempo e em todo o logar, com a maior lisura e franqueza, as suas opiniões, com pouca attenção, estudo, e pratica das cortezãs conveniencias; acintosos nos seus ataques contra tudo o que lhes não prestasse apoio; e finalmente mais fogosos no idealismo das suas concepções sobre a perfectibilidade das maximas de uma excessiva Liberdade. No seu gremio contavam-se geralmente todos os individuos, que até então se não tinham podido ainda nobilitar na carreira publica, ou por falta de opportunidade, ou pelos seus poucos annos de serviço. Eis-aqui pois uma geração nova de homens, que apoiada no voto das classes mais inferiores, a quem aliás cortejava, ou por motivo de ambição, ou mesmo pela sua ardente fé na exageração dos seus principios politicos, manifestamente promettia um transtorno geral no Estado, e com toda a coragem civica se encaminhava a alcançar o poder por auxilio daquellas mesmas classes, querendo levar desde logo a nação ao goso da mais excessiva Liberdade, donde lhe veio o nome de *partido progressista*. Por conseguinte se estes não eram tão distin-

ctos, nem tão antigos na carreira publica, como os seus antagonistas, eram pelo menos mais abrasados no desejo de se distinguirem, mais cheios de vida e desinquietação do que elles, e finalmente mais propensos ás doutrinas democraticas, tão adormecidas já nos primeiros, ou porque formando uma aristocracia no seu genero, nada achavam melhor do que a epocha em que pela primeira vez appareceram na scena politica, ou porque, quebrantadas as paixões do espirito, preferiam a estabilidade e o goso da importancia, que já tinham adquirido, a toda e qualquer innovação, que debaixo daquelles dois pontos de vista tanto os podia prejudicar: finalmente, commodistas exclusivos, tinham chegado ao tempo do goso, e gosando queriam vêr ir correndo os dias, sem desinquietação d'espirito. A estes taes bafejava D. Pedro, em retribuição do mais illimitado respeito, que nelles via para com a sua pessoa; da decidida e incontroversa approvação á continuação da regencia nas suas mãos, durante a menoridade da rainha, sua filha; e finalmente da mais cega condescendencia, que nelles tinha sempre para todas as suas vontades e caprichos. Os pontos que nas côrtes se propozeram vir sustentar e defender, como cardeaes da sua politica, foram por conseguinte a manutenção da Carta Constitucional pura e simplesmente, a regencia de D. Pedro, o casamento da rainha com um principe, escolhido por seu pae, a abolição das ordens regulares, a extincção dos dizimos, a indemnisação das perdas causadas pela usurpação, e finalmente a reforma dos antigos tribunaes, e outras repartições publicas.

A Opposição ainda por este tempo não tinha fixas e verdadeiras crenças, que de positivo ou directamente attentassem contra a Carta Constitucional, no meio dos seus principios de Liberdade excessiva; não havia neste partido mais do que um certo descontentamento, recrescente sempre, e sempre exacerbado, donde nascia o seu espirito de murmuração contra o que eram, ou reputava serem abusos de larga e longa authoridade, que os ministros já mesmo durante a guerra se costumaram a exercer, além do que as necessi-

dades publicas lhes permittia, e que tambem depois da paz não queriam, ou não sabiam limitar. A repugnancia que tinha para com os do governo era mais uma separação de modos, ou uma divergencia de idéas, quanto ás pessoas que se achavam no poder, e ás formas de se levarem a effeito as disposições da mesma Carta, do que manifesta hostilidade contra ella, ou aberta e desesperada guerra, como mais tarde veio a succeder. E todavia a Opposição não podia deixar de ser despeitosa para com D. Pedro, em razão do desdem que nelle a seu respeito encontrára, e foi este mesmo despeito o que a levára á exageração das declamações, a que d'ordinario recorrem sempre os partidos, para tornarem odiosos os seus adversarios. Foi esta a causa por que os cartistas deram em tomar para si o moto de *amigos de D. Pedro*, e accusaram de inimigos deste principe os da Opposição, a quem attribuiam intenções de lhe querer negar a regencia, e de o procurarem expellir do paiz como estrangeiro. O espirito de descontentamento da mesma Opposição foi nella reputado pelos mesmos cartistas como falta de nexo e de systema, a não ser o das preferencias. As censuras que fazia pelas demasias de authoridade e illimitada faculdade de legislar, que os ministros se arrogaram, imputaram-se aos queixosos como outras tantas provas de saudade pelas antigas instituições e abusos da velha monarchia, ou como outras tantas demonstrações do seu azedume e contrariedade ás salutares reformas, operadas por D. Pedro. Finalmente para remate de resentimento e despique, o mesmo proposito que nos descontentes havia em promoverem a queda do ministerio, tomou-se como desejos de o substituir no poder, e até de perseguir todos os homens, que durante a emigração não tinham pretencido ao gremio das associações secretas, originadas fóra do reino pelos da Opposição, e cujos principios politicos se deram como muito além dos da Carta, chamando-se-lhes *principios de movimento*, em contraposição aos *estacionarios*, e *retrogrados*. Entretanto pode com verdade dizer-se que tanto o partido conservador, como o progressista, ambos trabalhavam com vistas no poder, e ambos elles segundo a peculiar situação em que se

achavam collocados, lisongeando-se o primeiro de o conservar fixamente nas mãos, acobertando-se para esse fim com as prerogativas da corôa, ao passo que o segundo se contentava de o rastrear mais de longe, sacrificando talvez á influencia, que aspirava a ter no baixo povo, alguns pontos das suas verdadeiras crenças.

Foi com estes elementos que em 1834 começaram os trabalhos eleitoraes, em que cada partido arguia o seu contrario, não pela verdade sabida, mas pela exageração maliciosa, destinada de má fé a perdel-o na opinião publica. É na maioria das côrtes onde essencialmente reside o centro regulador dos governos representativos, por ser esta maioria a que pela sua parte limita ou circumscreve a prerogativa do poder real, quanto á liberdade da escolha dos seus ministros, forçando-o indirectamente a limitar-se em semelhante escolha aos individuos da mesma maioria, a qual tem na sua mão conceder ou denegar aos ministros todos os meios de que carecem para a sua manutenção e persistencia no governo. Eis-aqui pois como o poder electivo, ou a expressão da vontade nacional, se constitue em ultimo caso o arbitro da conducta dos ministros, que se dependem do rei para a sua conservação no poder, tambem para o mesmo fim não dependem menos da maioria das côrtes. Por outro lado o rei, nada podendo fazer (em these) sem a referenda dos ministros, nada, rigorosamente fallando, pode tambem ordenar a seu arbitrio, e por conseguinte contra a opinião e vontade daquella mesma maioria, donde nasce o principio da sua justa irresponsabilidade, e a bem conhecida proposição de que nos governos representativos *o rei reina, mas não governa*. Entretanto vê-se frequentes vezes na pratica que tanto o rei, como os ministros, despidos como de facto devem ser de vontade propria, pela sua sujeição á da representação nacional, difficilmente se conformam com este seu secundario e authomatico papel, procurando conseguintemente corromper o principio electivo, subornar os eleitos e os eleitores, para conseguirem nas côrtes uma maioria inteiramente sua, e dominarem finalmente entre a represen-

tação nacional com tanta supremacia d'imperio, quanta é a pompa, o poder, e a magnificencia de que a lei os reveste sobre todos os mais funccionarios do Estado. Por esta fórma se procura então desnaturar o principio electivo, tolher a liberdade da escolha para os representantes em côrtes, dar voto a quem nas eleições o não tem, e tiral-o a quem a lei o concede, recorrendo-se finalmente ás violencias, ás ameaças, á prostituição das honras e empregos, e até mesmo ao extravio dos dinheiros publicos, para se conseguir a maioria que se deseja, e á sombra d'uma falsa representação nacional, estabelecer de facto o arbitrio ministerial. Como quer que seja, certo é que sendo necessario aos differentes partidos alcançarem nas côrtes uma maioria sua, que lhes trouxesse ás mãos o poder, era bem natural que nenhum delles se esquecesse de procurar ter por sua semelhante maioria.

Todas as attenções dos ministros, dos seus delegados e clientes, effectivamente se dirigiram a conseguir deputados inteiramente seus partidistas. Foi por isso que a lei, ou as instrucções eleitoraes, que um ministro das mais altas tendencias despoticas publicára para as eleições de 1826, aquellas em que se achavam consignados collegios eleitoraes, que tinham de dar quatorze, vinte, e vinte e sete deputados, e onde por conseguinte jámais podiam achar respiro as minorias, foram as que os mesmos ministros fizeram vigorar novamente, mandando que por ellas se dirigissem as eleições primarias, e os collegios provinciaes. Foi assim que pela parte do governo se começaram desde então a subordinar ao desejo de alcançar uma maioria nas camaras todas as considerações da governação do Estado. Os prefeitos, os sub-prefeitos, e os provedores acarretaram sobre a indisposição que já tinham, a de odiosos instrumentos das eleições ministeriaes, convencidos de que o seu merito para estes trabalhos havia de forçosamente olhar-se como as melhores das suas habilitações e prestimo para a continuação das suas respectivas funcções administrativas. Desde então pareceo realmente impossivel que semelhantes authoridades podessem administrar imparcialmente os povos, sup-

pondo-se-lhes commettido, como a principal obrigação do seu cargo, o triumpho eleitoral do ministerio, primordial incumbencia a que em tal caso teriam de subordinar a justiça, e todos os mais deveres do seu emprego. Contando com a impunidade como bons agentes eleitoraes, sobre os povos seus subordinados forçosamente haviam de fazer recahir então todas as vexações e arbitrios ao seu alcance, favorecendo-se os amigos, e opprimindo-se os inimigos politicos por toda a fórma e maneira, até ao ponto de equivaler a sua authoridade á despotica dos antigos juizes de fóra, e capitães mores.

Era assim que se manifestavam já todas as tendencias para se constituir este reino n'uma especie de feudo eleitoral, de que os ministros queriam dispôr em seu proprio proveito, e no dos seus clientes, plantando-se com semelhante feudo uma boa parte dos vicios da antiga organisação social, posto que debaixo de outras formulas. Contra este systema clamava então incessantemente a Opposição, chamando a attenção do paiz sobre a má gerencia dos homens da administração. Nesta sua tarefa se mostrava ella audaciosa e energica, como não podia deixar de ser, porque em fim todos os partidos que procuram derrubar o que está senhor do governo, necessariamente se entregam sempre a uma continua actividade de espirito, que não só lhes dá aquelle caracter, mas que sem cessar os arrasta tambem a novas combinações, que de continuo os occupam, para fazer triumphar a sua causa. Além disto acresce mais que o partido desapossado junta sempre ás queixas reaes, que tem do seu contrario, as que na sua propria imaginação encontram somente origem, tornando-se-lhe estas ainda mais insuportaveis do que aquellas. Eram pois estes males de imaginação os que tambem em parte tornavam a Opposição mais audaz e insolente, não omittindo o quinhão, que no meio destas lutas tomavam em grande copia as ambições humilhadas, porque tudo o que a diligencia não tinha conseguido, a desesperação o exacerbava. Pela sua parte os ministros tentavam quanto lhes era possivel embaraçar os passos á

Opposição, e desta reciproca luta nascêo, como não podia deixar de ser, cimentar-se cada vez mais a longa serie de resistencias e crizes politicas, de que Portugal tem desde então sido victima.

Se por conseguinte os ministros e a sua clientela se colligaram para se eleger a si; se alguns emissarios negociadores se mandaram de Lisboa para differentes pontos do reino; se as commissões municipaes, nomeadas pelo governo, continuaram, em vez das camaras electivas, em todas as terras, para com mais segurança dirigirem os trabalhos eleitoraes; e se finalmente se empregaram estratagemas, e levantaram declamações banaes, para denegrir os seus contrarios, e fazel-os retirar da urna, ou junto della serem derrotados, a Opposição tambem se não descuidou de recorrer aos meios que tinha ao seu alcance, promettendo o que podia, e sobre tudo diligenciando já chamar em seu apoio o partido miguelista. Com esta conducta se reunio igualmente a de se exagerar em subido grão as faltas da administração existente, de modo que as vantagens de que o partido cartista dispunha, por se achar no poder, eram contrabalançadas pelo atrevimento e audacia da Opposição. Então repetio esta contra o governo as queixas pela falta da lei da liberdade de imprensa, allegando a impossibilidade de se debater por meio della as opiniões e esclarecer os eleitores. Ao mesmo governo se lhe lançaram novamente em rosto os fins sinistros, que havia na continuação das commissões municipaes: deram-se como atropelados os direitos eleitoraes; como altamente offendidas as liberdades individuaes, dizendo-se removidos varios cidadãos, com manifesto abuso da suspensão das garantias, a qual devia ter cessado de facto e de direito, depois da convenção d'Evora-Monte. Ainda não contentes com estas queixas, tornou-se a declamar contra a confusão em que a administração geral do reino se tinha posto. Depois disto os conflictos das camaras do Porto e Lisboa, ou com o governo, ou com os novos empregados das prefeituras; os vexames dos povos com semelhantes authoridades; o excessivo dos ordenados recem-creados; as extorsões pra-

ticados a titulo de sequestros; a repetição d'emprestimos sobre emprestimos, e com ella os misterios em que se envolvia tudo quanto dizia respeito aos objectos de fazenda; a anarchia em que de facto se achava a administração da justiça; o extemporaneo da extincção dos dizimos, e o da abolição das sizas; o total abandono a que se reduziram os religiosos egressos; o sumiço dos moveis de ouro e de prata, e preciosas raridades de toda a especie, pertencentes aos conventos extinctos; o exclusivo da nomeação dos empregos de mais vulto em creaturas dos ministros; a accumulação de empregados sem prestimo e sem serviços nas repartições publicas, com preterição de tantos voluntarios, cobertos de honrosas cicatrizes pela causa da Liberdade; o grande desgosto do exercito por causa das preterições e de varios outros procedimentos, occorridos depois da convenção d'Evora-Monte; e finalmente o fim sinistro, attribuido ao governo nas seductoras medidas, que ultimamente tinha publicado para se popularisar, reservando para as côrtes a odiosa e difficil tarefa de as levar a effeito, constitue em resumo todo o quadro das increpações, com que a Opposição aggredia incessantemente os ministros. Mas no meio destas guerras e despeitosos certames eleitoraes, certo é que as hostilidades, levantadas entre estes dois partidos, estavam ainda bem longe de tomar o caracter de gravidade e intolerancia politica, que mais tarde adquiriram com as subsequentes eleições, por isso que nem uns, nem outros podiam avaliar ainda bem a força de que dispunham, nem por conseguinte sabiam com certeza para que lado penderia a escolha dos candidatos á representação nacional, que por uma e outra parte se offereciam ao suffragio publico, por isso que fóra dos emigrados, os unicos a quem o furor de partido arrastava a esta luta, a opinião dos mais eleitores não estava ainda bem decidida para qualquer das partes dos que se debatiam.

No meio das despeitosas queixas dos ministeriaes contra os seus antagonistas tambem andava envolvida alguma cousa de verdade. A Opposição, além de ambiciosa e discola, era com ef-

feito excessiva, pelo seu espirito systematico de guerrear o governo, pelo seu silencio quanto á utilidade de algumas das medidas dos ministros, e á importancia dos seus serviços pessoaes, e finalmente pela exageração com que de má fé lhes fazia sobresahir as suas faltas, somente para os derrubar, e os substituir no poder. Mas esta mesma Opposição, sobre descommedida, quiz dar provas de contradictoria nos seus actos, desde que, absorta nos meios de augmentar partido, foi levada á tentar convites, ou a procurar a perigosa ligação com os miguelistas; daquelles contra quem tanto havia combatido, e tão encarniçadamente havia perseguido; daquelles contra quem tanto declamava ainda, e com quem moralmente fallando não podia haver desde já uma liga em boa fé, em presença de odios tão vivos, de tão frescos resentimentos, e de paixões e piques tão funostos, como os que de parte a parte tiveram logar. Esta solicitada liga, accusada de immoral pela contrariedade em que punha a lingoagem com as obras da Opposição, era com effeito impossivel de realisar neste tempo, e mais impossivel era poder existir, sem trazer comsigo uma nova perturbação civil no paiz, pois apenas os miguelistas se julgassem com força, com importancia, e conveniente consideração politica, necessariamente haviam de correr outra vez ás armas, e travar assim uma nova luta com os seus convidadores, não admittindo por então os mesmos miguelistas outras idéas que não fossem as do mais puro realismo. Tal é a inconstancia dos partidos, tal a cegueira das ambições e caprichos dos homens, daquelles que á sombra da Liberdade, ou de quaesquer motivos de utilidade publica, põe olhos fitos na séde do poder, e arrebatados nos desejos de triumphar, seja como fôr, aceitam no seu gremio, ou delle repellem, os outros partidos, segundo o maior proveito que delles podem alcançar. Todavia os miguelistas ainda por este tempo se não prestavam bem aos convites, que se lhes dirigiam, e alguns annos se passaram primeiro que podessem vencer a natural repugnancia, que tinham para entrarem em transacções com os Liberaes.

Entre estas divergencias dos ministeriaes e Opposição, um inesperado acontecimento veio tornar ainda mais odientos estes dois partidos. O coronel Rodrigo Pinto Pizarro, o mesmo que durante a emigração tanto concorrêra com os seus escriptos para entreter sempre activas as hostilidades dos *palmellistas* e *saldanhistas*, denominações por que aquelles dois partidos eram então conhecidos; o mesmo que de verdade se acreditava author e annotador do celebre folheto, *A Perfidia desmascarada*, publicado em Paris em 1830, e o que no anno seguinte apresentára tambem em publico outro folheto, não menos celebre, *Norma das regencias em Portugal*, destinado a atacar a regencia de D. Pedro, quando naquelle anno se collocára ostensivamente á frente dos negocios de sua filha, e que por semelhante motivo fôra inhibido de tomar parte na expedição do Mindello, e mandado até prender, processar, e julgar, em qualquer parte do territorio portuguez em que apparecesse, não se tendo querido apresentar no reino, em quanto nelle durára a guerra civil, não duvidou recolher-se á patria apenas lhe constára ao certo o restabelecimento da paz. Chegando a Lisboa em 22 de junho de 1834, quando já estava demittido de coronel, recebêo n'uma hospedaria a voz de preso, intimada pelos officiaes subalternos da prefeitura, por se achar incurso n'um summario, começado a tirar em virtude de uma portaria do ministerio da justiça, de 4 de outubro de 1833, que mandára proceder contra os authores e dessiminadores de uns impressos em idioma francez e inglez, annexos á mesma portaria. Rodrigo Pinto, resistindo á prisão, auxiliando-se para esse fim de duas pistolas carregadas, de que lançára mão, allegou não reconhecer a authoridade de quem a respectiva ordem dimanára, e até mesmo a authoridade superior, que a transmittira á prefeitura, por isso que «o duque «de Bragança, regente em nome da rainha, era, segundo o «que elle dizia, um principe brasileiro, que se arrogava «arbitrariamente a regencia do reino, e a quem elle nunca «reconhecêra, nem prestára juramento.» Suppondo no proprio governo intenções de o assassinarem, dava de mais a

mais D. Pedro como capaz de semelhante crime a seu respeito, em vista dos casos que citava, praticados no Rio de Janeiro [1]. Mais acrescentou, como se lia no respectivo auto de diligencia, «que o governo era composto de ladrões, e «que elle era perseguido por nunca ter comido, nem dei-«xado comer: que dez brasileiros governavam Portugal, e «que os empregados publicos estavam todos vendidos ao «governo, e que aquelles que ainda o não estavam, é por «que lhe não tinham chegado ao preço.» Desta resistencia, que assim fizera á prisão o coronel Rodrigo Pinto, se lavrou logo um auto, que servio de corpo de delicto para uma nova pronuncia, e nova ordem de prisão, intimada ao réo, que immediatamente se fez conduzir n'uma embarcação segura para a torre de S. Julião da barra, onde ficára incommunicavel até ulterior destino.

Este acontecimento veio exacerbar mais as iras da Opposição, que o taxou de despotico no mais alto grão, produzindo no publico effeitos muito diversos daquelles, que se tinham em vista com semelhantes meios. Era da mente dos ministros affastar da urna eleitoral, por meio da prepotencia e abuso de authoridade, o homem, que maior indisposição tinha gerado contra si no animo de D. Pedro; mas com isto nada mais se fazia do que augmentar a consideração de um inimigo ousado, pertinaz, e bastante forte em meios de intelligencia, e chamar sobre elle as vistas da Opposição, que então principiava a organisar-se para as eleições, particularmente no Porto, onde dispunha de grandes recursos, onde tinha singular prestigio e influencia em todas as classes do povo, e onde por conseguinte havia esperanças de alcançar por sua a maioria do collegio eleitoral do Douro, e por tanto o consideravel numero de 27 deputados em côrtes. Rodrigo Pinto, cuja afoiteza no meio dos perigos da guerra era de muito menor monta do que o seu atrevimento no meio das agitações dos partidos, foi com effeito apresentado logo pela Opposição como o seu primeiro candidato a

[1] Veja pag. 290 da Gazeta Official do Governo, de 8 de setembro de 1834.

deputado naquelle collegio, de cuja votação e escolha o ministerio se receiava tanto mais, quanto se adiantavam mais os trabalhos eleitoraes. Nestes termos os ministros recorreram ao mais decisivo meio, de que podiam dispôr, ou para distracção daquelles trabalhos, ou para despertar, quanto possivel, os sentimentos de gratidão dos habitantes do Porto para com D. Pedro. Qualquer que fôsse a razão, que nisto houvesse, certo é que esta foi a occasião escolhida para levar o mesmo D. Pedro a executar a promessa, que em 26 de julho de 1833 fizera aos portuenses, quando ao despedir-se delles, na sua partida para Lisboa, lhes assegurou que em tempo opportuno iria apresentar-se no meio delles em companhia da rainha, sua augusta filha. O dia 26 de julho de 1834 era o anniversario daquella sua promessa, e foi pelas quatro horas da tarde daquelle mesmo dia que elle apparecêo no Porto, com aquella simplicidade e franqueza, que tanto o distinguiam; mas sem duvida alguma levado a semelhante passo, para com a sua presença moralmente influir nas eleições, que com tanto ardor desejava favoraveis ao seu ministerio. Se grande foi o enthusiasmo, que a sua presença desenvolvêo no Porto, maior foi ainda o proposito, a que os da Opposição se entregaram, para não afrouxarem cousa alguma a actividade das suas fadigas eleitoraes, e D. Pedro, recebendo muitas attenções dos moradores daquella cidade a todos os outros respeitos, pelas acclamações e vivas, com que geralmente alli foi recebido, pelos bailes e divertimentos, que lá lhe offereceram, largou no dia 6 de agosto para Lisboa, certo de nada ter podido influir no suffragio publico do Porto em favor dos seus ministros. E com effeito d'alli tirou a Opposição vinte deputados fixos nas bandeiras do seu partido, obtendo a lista ministerial sómente um, conhecidamente tal, e seis de opinião duvidosa; mas que na camara abraçaram depois a causa dos ministros [1]. Para captar a benevolencia dos eleitores da provincia da Extremadura, e sobre tudo a dos moradores de Lisboa, recorrêo-

[1] O dia 28 de julho foi o primeiro dia da apuração das listas do primeiro escrutinio nos collegios eleitoraes.

se a meios ainda mais efficazes: foi nas vesperas da reunião dos eleitores nos collegios eleitoraes que se tirou á luz o decreto de 23 de julho, pelo qual se extinguio o curso da moeda papel, a contar de 31 de agosto em diante. Esta medida, deslumbrando á primeira vista os incautos, ganhou credito, e dêo com effeito logar a que na capital vencesse no primeiro escrutinio a lista ministerial para; mas no segundo viram-se já triumphantes alguns nomes dos mais famosos no partido da Opposição, e geralmente fallando, póde afoutamente dizer-se que as pessoas escolhidas nos differentes collegios eleitoraes vieram por toda a parte mescladas d'um e d'outro partido, e quasi por metade para cada lado, porque em fim, não estando por então sufficientemente encarniçados na massa dos votantes os odios dos ministeriaes e Opposição, por não terem ainda tomado parte nelles os individuos não emigrados, de que a grande maioria dos eleitores se compunha, não foi difficil a estes accederem aos reiterados pedidos, que ūns e outros partidistas lhes faziam, e prestarem-se, sem maior repugnancia, ou constrangimento, a transacções e exigencias, em que verdadeiramente só eram por aquelle tempo partes neutraes.

No dia 15 de agosto teve com effeito logar a abertura das côrtes, com o mesmo ceremonial prescripto para as de 1826, isto é, os pares trajando os seus mantos, enfeitados de arminhos, com chepéo de plumas, e os deputados tambem de calção e meia, com capa curta de seda, e chapéo de aba voltada para cima. A sessão real teve logar no meio de uma como embriaguez universal. O enthusiasmo, manifestado por occasião deste grande acto nacional, o verdadeiro complemento do solemne triumpho do partido constitucional, havia ganho todas as classes, porque todas ellas suppunham que, identificados agora o governo e o throno com as côrtes, forçosamente viria, em resultado de tantos esforços combinados, a fortuna de Portugal, que todos reputavam inherente ao systema representativo, pelo muito que das suas vantagens se dizia, principalmente depois de acabadas, como pareciam estar, todas as difficuldades e obstaculos, que até

alli se oppunham ao seu regular andamento. Immenso era então o prestigio, que por si tinham as côrtes: para cada um dos seus membros se olhava com o mesmo respeito, que n'outro tempo poderia ter merecido em Roma um dos mais conspicuos membros do seu antigo senado. As austeras virtudes sociaes desses famosos republicanos da antiga capital do mundo era o que todos agouravam vêr apparecer entre nós, no meio do mais acrisolado amor da patria, do mais submisso acatamento á lei, e da cega distribuição de justiça, esperando todos vêr assim praticamente confundidos os erros do antigo systema de governo, as feias immoralidades, e os torpes vicios, de que era accusada a velha monarchia, pelo reinado da ordem, da mais rigida moral, e da inteira dedicação de todos ao bem commum. Pelo menos era da mente da maior parte dos portuguezes alcançar desta feição um governo para o nosso desgraçado paiz. Mas se um tal governo correspondêo ou não á espectativa, que nelle se tinha posto; se a classe media, e os ministros do rei constitucional fizeram bem dizer, pelos seus irreprehensiveis actos, o acabamento dos privilegios da classe aristocratica, dos arbitrios do poder, dos erros, das malversações, e do pouco amor da patria, de que eram accusados os ministros dos antigos reis despoticos; se ao abuso se substituio a justiça, ao arbitrario a lei, ao previlegio a igualdade, ao cahos governativo a ordem e a regularidade: e finalmente se os deputados foram sempre a expressão da vontade nacional; se a sua escolha, livre e espontaneamente feita pelos eleitores, foi com effeito a mais apropriada ás necessidades e exigencias do reino; se vieram a côrtes fazer acertadas, justas, e bem entendidas leis, illustrar o governo com as suas luzes, e dar ao paiz exemplos de moralidade e patriotismo, é este o ponto mais importante, que a historia nos deverá resolver a seu tempo, para então se conhecer se aproveitaram tantos sacrificios, feitos por semelhante governo, e se a nação effectivamente ganhou em o ter abraçado, dando tão inexoravelmente de mão ao antigo regimen da velha monarchia. Entretanto é da mais reconhecida verdade confessar que nunca representação nacio-

nal se reunio entre nós com melhores auspicios, que a de 1834; o partido absolutista estava completamente vencido, e incapaz de tramar cousa alguma. D. Miguel, centro e cabeça deste mesmo partido, achava-se banido, exhautorado de todas as suas honras, e privado de todos os seus bens. O acôrdo entre a corôa e as côrtes parecia o mais perfeito possivel. O povo, esperando mil beneficios da nova ordem de cousas, tinha-se possuido da mais benevola e fervorosa devoção pela legitima dynastia, e pelo governo legitimo, tão identificados hoje com o systema representativo, e deste modo as mutuas e antigas resistencias contra este mesmo systema tinham inteiramente acabado dentro e fóra do paiz. Por outro lado a tendencia para a ordem era extrema em todos os que ainda não tinham tomado parte nas contestações dos partidos, que vinham com os emigrados. O exercito de primeira linha, os batalhões nacionaes, e a guarda nacional, que dentro em pouco os substituira, respeitavam do coração o governo, e acatavam resignados as suas determinações. As commissões municipaes e as camaras, que em logar dellas se foram elegendo, assummindo a authoridade local, que lhes competia na conformidade da lei, apresentaram o mesmo espirito de obediencia e submissão ao governo, que em todas as mais classes e corporações se observava, porque em fim a mesma camara do Porto, aceitando resignada a sua dissolução, dera por si mesmo o mais irrefragavel testemunho de semelhante obediencia e submissão. Por todos estes elementos de ordem, que por toda a parte se viam, era claro ter-se operado, com a fisica, uma inteira revolução moral no paiz a favor do systema liberal, cujo benefico influxo todos com tanta razão esperavam, cançados como effectivamente se mostravam os espiritos dos trabalhos e agitações, que comsigo trouxera a prolongada guerra da usurpação. Os odios de partido e as antigas subdivisões da emigração até nas côrtes pareceram nos primeiros tempos supplantados pelo verdadeiro desinteresse e pelo amor da patria mais extremado, de que todos os corações se apoderaram com a restauração do governo legitimo. E que admira

que isto assim succedesse nas côrtes, se nas grandes reuniões é que mais particularmente se nota esta grande elevação de alma, este nobre desapego, que faz esquecer o homem de si mesmo, para de boa vontade e desinteressadamente o approximar do seu semelhante?

Já se vê pois que partido algum se achou em mais felizes circumstancias do que o cartista para unir a si todos os portuguezes pelos laços naturaes da fraternidade, da concordia, e amor da patria, e para a par disto montar, auxiliado pelas côrtes, no seu verdadeiro pé todos os ramos da publica administração, depois de um tão completo desmancho do antigo regimen; para fazer todas as reformas e economias, que a penuria de Portugal exigia; para organisar definitivamente a fazenda, remindo as despezas da guerra á custa de quarenta milhões de bens nacionaes, que successivamente se iam pondo em praça, não fallando no ouro, prata, alfaias, e mais despojos de 450 conventos extinctos; e finalmente para lançar todos os elementos da publica prosperidade e melhoramento social, uma vez que, desprezando-se os mesquinhos interesses de partido, aceitando-se os dictames de uma sã politica, e ouvindo-se os salutares avisos da opinião publica, com esta se transigisse, e se desse de mão ás idéas de pertinacia e systema nos abusos do poder, e aos desejos de procurar partidistas com desprezo da verdadeira politica do Estado. Como quer que seja, as côrtes foram abertas pelo proprio duque de Bragança em pessoa, que historiando com ingenua verdade, no seu discurso de abertura, os acontecimentos da época, lamentava os males occasionados pela usurpação de seu irmão, pintava o estado, em que se achára a causa da emigração, quando chegou á Europa, o seu objecto na empreza de libertar a patria, os meios de que se servio, os obstaculos com que topou e vencêo, falto de tudo, e de tudo precisando. Referindo-se ás suas proezas militares, não lhe esquecêo o valor, com que o seu pequeno exercito tivera de resistir ao pêso de 80:000 inimigos, a fortuna da expedição do Algarve, a tomada da esquadra inimiga, o levantamento do cêrco do

Porto, a memoravel e decisiva batalha da Asseiceira, e finalmente o total acabamento da guerra. Dando conta das differentes reformas, operadas em todos os ramos da publica administração, da publicacão das suas leis regulamentares para o andamento da Carta Constitucional, exprimia-se, quanto aos negocios da fazenda, pela fórma seguinte: «Entre todas essas medidas devem merecer a vossa mais seria «attenção os meios, que se tem empregado para restabelecer e augmentar o credito publico, em cujo beneficio se «fizeram importantissimas transacções, fundamentadas todas «na justiça e boa fé. O seu resultado é notorio. Os credores do Estado tem sido pagos com escrupulosa execução «dentro e fóra do reino. O papel moeda, que ha tantos an-«nos minava surdamente a fortuna do Estado, e dos cida-«dãos, vae ser extincto. O governo da rainha tem adquirido «um nome respeitavel nas praças da Europa, e acha-se hoje «igualado neste ponto ao das nações mais prosperas e mais «pacificas.» Finalmente o regente, mostrando-se animado das mais lisongeiras esperanças pela boa fé do seu governo, e confiando tudo no zelo e sabedoria das côrtes, terminava a falla do throno, commettendo á resolução das mesmas côrtes, como objectos para que a nação olhava toda com ancia: 1.° o decidirem se elle devia ou não continuar na regencia, durante o resto da menoridade da rainha: 2.° o darem a conveniente providencia para que ella podesse casar com principe estrangeiro. A familia real sahio do palacio das côrtes, saudada por incessantes vivas e applausos de immenso povo, que corrêra a celebrar esta grande festa nacional. Á noite apparecêo D. Pedro no theatro, acompanhado de sua esposa, da rainha sua filha, e de sua irmã, a infanta D. Isabel Maria. Uma luzida reunião de espectadores tinha alli affluido, dando ás pessoas reaes a mais estrondosa demonstração de affecto. A illuminação de Lisboa foi espontanea, discorrendo por todas as ruas bandas de musica, entre repetidos vivas á Carta Constitucional, á rainha, ao regente, e á imperatriz sua esposa. Grande era a gloria de D. Pedro, e bem merecida a gratidão, que todos lhe consagravam, no

meio das suas fadigas e triumphos para chegar a este desejado termo; o seu nome subira ao apogêo da sua fama. Chegado a este ponto, o seu brilhante destino tinha por elle sido preenchido, marchando a sua saude em rapida declinação, porque tres dias depois da abertura das côrtes partio D. Pedro para as Caldas da Rainha, para entrar no uso das aguas thermaes e dos mais remedios, que lhe aconselharam; mas que de nada lhe serviram, se é que lhe não abreviaram mais a existencia, como alguem agouràra de semelhante tratamento.

Entretanto o facto verdadeiramente observado foi que a reunião das côrtes nadà mais fez do que chamar para o seu seio as duas fracções, em que o partido liberal se achava dividido, começando desde então cada uma dellas a debater-se alli, e a exprobrar-se reciprocamente de frente a frente, com aquella pertinaz animosidade, com que fóra dellas o tinham feito, e sem duvida alguma resolvidas ambas estas fracções a sacrificar a ordem, e o bem geral do paiz, ao triumpho da sua particular opinião. Já se tem visto que as calamitosas circumstancias, e por mais de uma vez desesperadas, porque os emigrados passaram durante o seu exilio nos paizes estrangeiros, foram as que mais particularmente produziram os murmurios, as indisposições, e rivalidades entretidas sempre entre uns e outros. Reduzidos a este estado, todos os homens são constantemente o mesmo; o inferior accusa sempre o superior no meio do seu infortunio, e lhe attribue a causa do proprio mal que padece; increpa-o de inhabil, e a si proprio se reputa capaz de lhe ter dado prompto e efficaz remedio, quando na posição delle se achasse; censura-o com a maior austeridade de juiz inteiro, e finalmente por uma transição de idéas, e demasiada preoccupação sua, ostenta, ou pelo menos imagina não poucos motivos de injusta preferencia ao seu merito e capacidade pessoal. A desgraçada e mal succedida luta de 1828, acrescida pelos trabalhos da emigração, fôra sem duvida a mais poderosa e efficaz origem das reciprocas indisposições dos emigrados, irritadas ainda, tanto pelos diversos actos de re-

prehensão e censura nos proprios governantes, quanto pela inveja e ciume, que os seus serviços causaram aos que a fortuna não dera occasião de os prestar de igual importancia. Veio a victoria, e cada um dos contendores, não se julgando improprio para dirigir os negocios do Estado, aspirou aos altos empregos, cujo circulo, por apertado, excluio a muitos do seu gremio, e augmentou o numero dos censores, que tendo a verdade por si em muitas cousas, nem sempre se mostraram n'outras isemptos de natural resentimento. Eis-aqui pois a Opposição da camara dos deputados em 1834. O poder, de que sempre se abusa, até involuntariamente, affastando-se não poucas vezes da justiça, e attrahido por seductoras theorias, a que pretendêra dar realidade, quiz fóra e dentro das côrtes, ou por boa, ou por má fé, fazer partido, e mostrou-se por esta occasião tão difficil em ceder diante da representação nacional, quanto a Opposição era facil em exigir, de modo que se o partido ministerial se mostrou firme em sustentar as suas medidas, se offereceo grande resistencia á reforma das irregularidades, produzidas pela confusão e multiplicidade das suas leis, a sua pertinacia veio não só das vantagens, que tirava deste seu desordenado systema, porque quanto mais cahos, mais arbitrio; mas tambem em muita parte da demasiada insistencia do partido da Opposição para conseguir tal reforma, dos seus continuados esforços para privar os ministros de semelhantes vantagens, e particularmente do seu vertiginoso espirito de censurar tudo, e arguir sempre inexoravelmente o governo. Entre nós os sentimentos generosos tem sido de ordinario suffocados pela acção dos interesses individuaes, e esta circumstancia, dando-se em ambos os partidos, tornava ambos elles pouco dignos de respeito um do outro, e desmanchava todo o elevado conceito, que com tão patrioticas vistas se formára da reunião da representação nacional, desvirtuando-a, e concorrendo poderosamente para a desmoralisação geral do paiz. Para maior desgraça a força de ambos os partidos quasi que se contrabalançava na camara dos deputados, o que fez com que da sua fatal e teimosa collisão

appparecessem novos embaraços, e cada vez de mais vulto, para se obter a necessaria fusão de semelhantes partidos, d'onde veio a perigosa oscillação da opinião publica, e o desvairar-se cada vez mais, sem atinar com o rumo que devia seguir. O espirito da camara electiva reflectio tambem sobre a hereditaria; mas as suas hostilidades contra o governo foram nesta de muito menor perigo para os interesses geraes do paiz. A parte mais escolhida, e a de mais influencia em ambas as camaras, tirada, como não podia deixar de ser, do partido vencedor, era composta dos mais notaveis membros da emigração, daquelles que ás suas luzes theoricas tinham obrigação de juntar muitos conhecimentos praticos do que se passava nos paizes mais civilisados da Europa, taes como na Inglaterra, na França, e na Belgica, onde por muito tempo haviam residido. Mas foi esta mesma circumstancia a que por isso mesmo mais concorrêo para que em ambas as camaras se vissem os mais fecundos germens de desunião e discordia, porque tambem nos paizes estrangeiros se tinham visto por lá em consideravel divergencia os dois partidos, ministerial e Opposição.

A pretenção que entre nós tinha cá o partido do governo, de querer dar á Carta Constitucional o caracter de livre e generosa concessão do soberano, era moralmente impossivel na occasião presente, porque os combates, que por ella se tinham sustentado durante a guerra, lhe haviam tirado semelhante caracter, constituindo-a n'um verdadeiro pacto popular. Com effeito já n'outra parte se vio que a morte de D. João 6.º deixára a successão directa e testamentaria sem representação alguma em Portugal. Neste estado o principe D. Pedro, seu filho primogenito, ou havia de abdicar a corôa antes de subir ao throno portuguez, ou procurar uma força, que lhe sustentasse os seus direitos contra as pretenções dynasticas de seu irmão, e as tramas do partido absolutista, cujos membros não admittiam transigencias, que não tivessem por base a acclamação de D. Miguel como rei de Portugal. Foi então que o mesmo D. Pedro teve o bom senso de expedir a Carta Constitucional,

fazendo com ella uma especie de convite ao partido liberal, para em troca daquella concessão, receber delle a força de que precisava, para defender a corôa de sua filha, em favor de quem a tinha abdicado. O partido liberal acudio effectivamente ao convite, e do compromettimento que por elle tomou, lhe resultaram, como tambem já se vio, cinco annos da mais crua perseguição, e dois de continuadas batalhas com o partido absolutista. A luta fôra demasiadamente espinhosa e prolongada; mas finalmente vencêo-se. Á vista pois de tudo isto era na verdade impossivel olhar-se agora para a Carta Constitucional como para uma generosa concessão de uma dynastia segura, porque em fim nem antes do empenho de semelhante luta parece ter havido transacção desinteressada com as idéas liberaes, nem depois della se podia olhar para a Carta, a não ser como para uma verdadeira conquista do povo. Quaesquer que fossem pois os direitos que á directa e legitima successão assistiam, ella jámais viria a reinar segura entre nós, quando não tivesse por si o apoio, que tão generosamente lhe prestára o partido liberal. Podia a usurpação de D. Miguel ter-se sempre na conta da mais flagrante offensa á jurisprudencia ordinaria, ou ao direito patrio constituido; mas isto não destroe o facto de que sem a outorga da Carta Constitucional o triumpho daquella usurpação era infalivel, equivalendo por conseguinte a elevação da legitima successão ao throno portuguez a uma verdadeira acclamação, dictada por effeito da soberania do povo, e sustentada corajosamente pela força das armas, trazendo para o imperante a rigorosa obrigação da pontual observancia da mesma Carta: pelo menos é de justiça e razão que assim se deva olhar, e nessa conta ser tida.

Deste modo não admira que a crença de que o governo representativo não era já entre nós um favor da corôa, mas o fructo das repetidas victorias do partido liberal, e o resultado dos multiplicados esforços de toda a nação, para derrubar o regimen da velha monarchia, fosse materia corrente em todas as differentes classes da sociedade. Esta crença, tão justamente fundamentada, não podia deixar de

se oppôr á decidida preferencia, que se pretendia dar ás prerogativas da corôa; ao escandalo com que muitas vezes se preteria o merito, e se dava de mão ao benemerito, qualificado por sua capacidade e serviços; e finalmente ao arbitrio que os ministros se arrogaram de dispôr dos dinheiros publicos, sem intervenção dos representantes da nação [1], e á amplissima faculdade de legislar em tudo, e ainda mesmo nas vesperas da reunião das côrtes. Esta marcha repugnava com effeito á indole do governo constitucional, e era por conseguinte forçoso que depois de tantos sacrificios, feitos para se alcançar semelhante governo, os ministros se conduzissem francamente pela vereda constitucional, e não tomassem a Carta como uma invocação banal para tudo quanto a seu arbitrio queriam fazer, não se tendo por então obtido em rigor mais do que uma conservação das formulas do governo representativo, e essas mesmas, constituidas assim em simulacro de Liberdade, não poucas vezes se tiveram na conta de incompativeis com a governação do Estado, clamando-se incessantemente contra a opposição feita ao governo, e até contra a liberdade da imprensa, e a instituição dos jurados. Esta pertinacia na sustentação dos novos abusos, mais funestos que os antigos, e ainda mais immoraes do que elles, pelo escandalo da moral publica, e offensa das novas leis do paiz, não podia deixar de activar ainda mais nas camaras a divergencia dos partidos, que fóra dellas tinham até então existido. Por conseguinte se o partido do governo acatava o poder da corôa com toda a resignação e respeito, defendendo-lhe as prerogativas, e á sombra destas os abusos, que na governação do Estado se tinham de novo introduzido, o da Opposição, penhorado da idéa de que tudo se devia aos esforços da nação, não só olhava para aquelle mesmo poder com desdem, mas propendia igualmente para os principios politicos mais exaltados, atacava fortemente aquelles abusos, e cheio d'enthusiasmo pela Liberdade, e dominado não pouco por uma despeitosa ambi-

[1] Alguns factos se podiam citar desta especie; mas como entram em personalidades, não me parecêo acertado fazer aqui delles menção expressa.

ção, fazia recahir sobre os ministros, com toda a exageração e resentimento, os males que ao paiz via imminentes. Entre tanto não eram só os motivos de generoso interesse publico os que appareciam na arena da Opposição: além de muitas ambições despeitosas, havia igualmente entre ella muita desinquietação dos espiritos turbulentos, que por acinte procuravam hostilisar os ministros, levantar-lhes difficuldades de toda a ordem, e finalmente enfraquecel-os, porque em verdade nunca semelhantes espiritos julgam bem de qualquer governo, quando este lhes não satisfaz todas as suas ambições. Como um dos mais energicos elementos destes dois contrarios partidos tambem se não pode deixar de olhar a existencia dos *clubs*, ou associações secretas, a que ambos elles recorreram, levando-os á maior escala que lhes foi possivel, para apoio das paixões e caprichos que os dominavam, procurando assim cada um delles chamar á energia e actividade politica os seus respectivos partidistas, que por este modo recebiam, auxiliados pela sua mutua communicação, uma força e unidade d'impulso, que por outro modo lhes não era facil alcançar. Assim se trouxe pois uma grande massa do povo á discussão das doutrinas politicas, que nos mesmos *clubs* iam buscar a approvação, antes de se tratarem publicamente nas côrtes, e foi por conseguinte assim que se formou e dêo existencia ao partido popular, que mais tarde veio a figurar tão conspicuamente na scena politica.

A primeira reunião da camara dos deputados foi em 18 de agosto, agitando-se logo na segunda reunião ambos os partidos com a discussão da legalidade das eleições dos deputados do Douro, que a pequena maioria da camara, ministerial como era, pretendia annullar, para excluir assim do seu seio os mais conhecidos membros da Opposição. A idéa da annullação era por si só tão repugnante á decencia da camara, que a propria commissão da verificação dos poderes, referindo-se ás irregularidades das eleições do Porto, as olhou como de pequena monta, e não capazes de induzir duvida alguma sobre a legalidade dos respectivos diplomas.

Todavia ainda se pretendêo espaçar a verificação dos poderes, sustentando-se que só depois de constituida a camara se deviam discutir as duvidas, movidas sobre a legalidade dos diplomas dos deputados do Douro; mas a idéa de fazer sahír para fóra da sala todos estes deputados, para os chamar depois á barra, e fazel-os d'alli advogar, com a sua eleição, o seu respectivo diploma, não foi menos repugnante do que a projectada annullação, terminando por fim este debate com a approvação do parecer da respectiva commissão sobre a validade das eleições do Douro.

Apenas constituida a camara [1], o ministro do reino lêo immediatamente, e em nome do governo, uma proposta, cujo objecto era o decidir se D. Pedro devia ou não continuar na regencia do reino. O ministro não só pedia que semelhante proposta se declarasse urgentissima; mas tambem que se não fechasse a sessão sem se ultimar a declaração pedida. Esta materia estava desde muito decidida já na opinião geral da nação, porque em fim o nome de D. Pedro, a importancia dos seus serviços e multiplicados esforços, que empregára para libertar o paiz, estavam de tão fresco impressos na memoria de todos, que os sentimentos de gratidão suffocavam todos os outros, por mais imperiosos que fossem. Grande era a indisposição que havia contra a politica dos ministros do regente, e todavia apezar de todos saberem que os desconcertos do governo nada mais eram do que a expressão da vontade do proprio D. Pedro, ninguem podia resistir á idéa da sua continuação na regencia! A mesma Opposição, conhecendo bem que D. Pedro era o que se havia arrogado, pelas extraordinarias e imperiosas circumstancias em que achára o paiz contra si, a sua celebre dictadura, com que preterira a ordem constitucional, e se separára da regularidade legal, só para satisfazer a sua ardente paixão pela novidade; sabendo ao certo que pelo seu espirito nivelador e revolucionario fôra elle o que maior quinhão tivera em deitar por terra toda a legislação antiga,

[1] Só o pôde ser em 23 de agosto, depois da sexta reunião preparatoria.

e abolir todas as leis de justiça, de administração, e fazenda, só para lhes substituir a ordem pelo cahos; a mesma Opposição, repito, penhorada dos grandes serviços de D. Pedro, e dos prodigiosos resultados, que alcançára, á custa de incriveis esforços de constancia, não podia recusar-se a prestar igualmente o seu assentimento á continuação da sua regencia, exceptuando apenas uma minima e vegessimal fracção, que se propôz adoptar caminho differente, levada mais a isso pela originalidade a que aspirava, do que conduzida pelos seus proprios sentimentos, e guiada pelos decididos desejos da nação.

A Opposição tinha nesto tempo por seu chefe o marechal do exercito, marquez (hoje duque) de Saldanha, que já antes da chegada de D. Pedro á Europa pretencia ao gremio deste mesmo partido, levado sem duvida a semelhante passo pela parcialidade e desfavor com que o trataram, excluindo-o da parte activa dos negocios da emigração, e dando-o como o unico culpado da funesta retirada da divisão constitucional por Hespanha em 1828, cujo commando claramente demonstrou, depois da mesma emigração, ter-lhe sido confiado naquelle anno, quando em 1835 pedio e obteve as gratificações e forragens, a que como tal se reputou com direito. A preferencia, que se lhe attribuira, da alliança franceza sobre a ingleza, a decisão da sua conducta a favor da Carta Constitucional em 1826, a elevada reputação, que por esta causa entre o partido liberal adquirira, a fama de que o governo hespanhol se oppozera formalmente a que elle viesse na expedição do Mindello, tendo já conseguido em 1827 a promessa de que elle jámais faria parte de qualquer ministerio, pela demagogia que lhe suppunha, e finalmente o credito, que como militar adquirira desde a guerra peninsular, e não menos no seu commando do exercito em Monte-Vidêo, e depois disso as suas recentes victorias, durante a guerra civil, porque acabava de passar o paiz, (e que tão bom tactico o apresentaram, quanto frouxo estrategico), davam a este notavel personagem, não só grande prestigio entre os militares, mas até extraordinaria influen-

cia e pêso em todas as classes do povo, que de boamente lhe perdoava a parte, que tão activamente tomára na queda da Constituição em 1823, as relações que por algum tempo entretivera estreitas com os reaccionarios daquella mesma época, durante o seu logar de general das armas e do partido do Porto em 1824, e finalmente a sua repentina sahida para Inglaterra, a bordo do vapor Belfast em 1828, quando abandonou o exercito na sua retirada por Galliza, tendo aliás aceitado o commando delle. Dotado todavia de bastante illustração e talento, não só pelos seus adversarios era fortemente accusado de uma certa fluctuação de crenças politicas, ou quebra, que de vez em quando mostrava, no ardor do seu enthusiasmo pelas instituições liberaes; mas ou por bondade, (de que realmente era dotado em alto gráo), ou por natural frouxidão de caracter e docilidade d'espirito, de incapaz até de sopear a ductibilidade, com que era arrastado para ser dominado por influencias externas, e aliás muito mais inferiores que a sua. Na mais alta reputação do seu nome, no mais subido gráo da sua fama se achava com effeito o general Saldanha, quando se abriram as côrtes de 1834; temido pelos seus adversarios politicos, e acatado com desmedido esmero pelos seus parciaes partidistas, que com desvanecida vangloria o olhavam como seu principal campeão e ornamento. Collocado assim o marechal entre as demasias populares e as exorbitancias do poder, elle teria feito nesta melindrosa quadra os mais relevantes serviços ao seu paiz, se aproveitando-se do seu mesmo talento, soubesse sempre conservar-se na posição, que para tão importante fim lhe convinha; mas levado, póde bem succeder por motivos de ambição, a ligar-se á Opposição, déo-lhe tão demasiada energia de vida, que quando se separou della para se ligar ao ministerio, já ella não precisava delle, resultando-lhe sómente d'aqui uma certa nullidade politica, a que por uns dez annos se condemnou, chegando até os seus antigos partidistas a invectivarem-no nos periodicos do tempo, por não depender já delle a sua existencia politica, alimentada então por outras influencias, desvairada já por outras

idéas de mais excessiva politica, e igualmente favorecida por outras circumstancias supervenientes[1]. Dotado pois destas qualidades, não era de esperar que o marechal Saldanha se declarasse contrario á regencia de D. Pedro, e nem neste caso se devia conduzir d'outro modo, não só porque a gratidão nacional assim o exigia dos seus representantes em côrtes, mas tambem porque as provas de favor e confiança, que do regente recebêra como particular durante a guerra, a isso igualmente o obrigavam. Saldanha ainda fez mais do que prestar o seu voto a favor do regente, chegando até nesta importante questão a pretender dominar completamente o seu mesmo partido, cousa que inteiramente não pôde conseguir, pela decidida divergencia e teima, que n'alguns dos seus membros mais influentes tão pronunciadamente encontrára.

O partido ministerial procurou vencer desde logo a questão da urgencia da proposta, apresentada pelo governo sobre a regencia de D. Pedro, quando Macario de Castro da Fonseca, um dos mais notaveis membros da Opposição, se resolvêo combater semelhante urgencia, fazendo vêr que os ministros estavam sufficientemente fortes para continuar a exercer, sem inconveniente algum, a acção do executivo; os ministros que, segundo elle dizia, sem justificado motivo fizeram tantas leis, de que se não precisava na ausencia do poder legislativo. Macario de Castro, tendo pouco de orador, estava muito longe da importancia que se arrogava, e do conspicuo papel que cuidava fazer entre a Opposição. Representante de uma antiga familia da Beira, e administrador de um soffrivel morgado, nem pelas suas idéas de familia, nem pela sua mesma fortuna o acreditavam com a conveniente dedicação para se expôr ao ostracismo das republicas. Posto que fosse contado entre os emigrados, e tivesse uma patente militar, os seus serviços prestados durante a guerra

[1] Quem tiver lido o n.° 206 do Nacional de 24 de julho de 1835, e os folhetos, que em 1842 se estamparam e correram com o titulo de *Hontem, Hoje, e A'manhã*, verá que aqui nada mais se acrescenta do que em semelhantes escriptos se encontra.

civil foram inteiramente nullos, e o collocaram muito longe da alta consideração a que aspirava, para com bons fundamentos ser tido na conta dos principaes defensores da Carta Constitucional, das garantias individuaes, por que tanto pugnava, e da liberdade da imprensa, que com justa razão reputava a mais solida garantia das leis, e a mais importante nos governos constitucionaes. A urgencia decidio-se finalmente pela affirmativa: uma commissão, de que o proprio Saldanha fez parte, e de que até foi relator, tendo sido nomeada para examinar a proposta do governo, promptamente declarou no seu parecer á camara, « que a regencia do reino, durante a me« noridade da rainha, devia ser continuada na pessoa de D. Pe« dro, com as attribuições dos poderes executivo e moderador. » Ainda se pretendêo discutir o parecer nesta mesma sessão, que todavia só na seguinte foi decidido, sem grande contrariedade de argumentação, porque quasi todos os oradores, que nella tomaram parte, se encarregaram de defender a legalidade da medida, refutando as razões, que elles mesmo muito a seu arbitrio produziram. Todavia ainda houve alguma divergencia, sustentada n'um extenso discurso pelo deputado Passos (Manoel), que nelle francamente confessou o desacôrdo em que estava com as opiniões e desejos do paiz. Esta sessão tinha sido aberta no meio de um numeroso concurso de pessoas, attrahidas sem duvida áquelle logar pela grande importancia e interesse da materia, e não menos pela impaciencia da resolução de um objecto de tão grande monta para todo o reino. Saldanha foi o primeiro que fallou na questão. A discussão, que progredio acaloradamente, e ás vezes interrompida, versava sobre quatro opiniões; uns suppunham que a regencia de D. Pedro não era encontrada com as disposições do artigo 92 da Carta Constitucional; outros concediam-lh'a, alterando formalmente o sobredito artigo; alguns houve que allegaram a salvação do Estado, como suprema lei, para continuar tal regencia; e finalmente, ainda que poucos, não deixaram de haver votos, que abertamente lh'a negaram, por illegal. Argumentava Passos (Manoel), para combater tal regencia, que ella não tinha sido discutida pela

opinião publica, nem dentro, nem fóra do paiz, porque no primeiro caso o ministerio impozera á imprensa uma rigida censura, e no segundo mandára aos magistrados de Lisboa que abrissem summario de testemunhas contra os authores e dessiminadores do uns impressos, que tinham por fim combater semelhante regencia. O voto dos que não querem esta regencia, continuava o mesmo Passos (Manoel), não é por injusta antipathia para com D. Pedro; mas pelo respeito á lei, que vale mais do que um homem. Em quanto se tratou de libertar o paiz, era desculpavel um plebiscito, que elevasse D. Pedro á terrivel dignidade de dictador, não obstante a regeição, que com escandaloso desprezo se fizera dos patriotas, que para aquella heroica empreza se offereceram. Passos (Manoel), que alem de intelligente, era bastantemente activo e probo, já durante a emigração se tinha feito conhecer por alguns escriptos, em que mais sobresahia o seu amor da patria, a sua tendencia para as doutrinas exageradas, e sobre tudo os seus desejos de excessiva originalidade, do que uma verdadeira e profunda eloquencia, bom gosto, e madureza de pensar. Homem do povo, lido nas theorias revolucionarias e demagogicas, enthusiasta pelas instituições de Sparta, e dotado de bastante talento de imaginação, faltava-lhe todavia o da reflexão para systematicamente poder tirar vantagem das crizes politicas, que ou promovia, ou antevia imminentes ao paiz, d'onde lhe vinha no meio dellas uma certa vacillação e receio, que o tornava desigual nos seus planos, e até mesmo inconsequente nas suas doutrinas. Como orador, os seus discursos resentiam-se mais de uma certa fantasia de idéas, e arrebatados movimentos da sua alma, do que da profundidade do seu estudo, e grave sensatez da sua meditada intelligencia; mas dizendo com enthusiasmo e francamente o que sentia, a sua locução era prompta e animada, como filha da sua intima convicção, algumas vezes fóra de tempo, e de ordinario mais dada ao romance, do que ao rigor logico. Passos (Manoel) reunia ainda a tudo isto muita generosidade para com os seus inimigos politicos, a mais decidida franqueza e lealdade para

com os seus amigos, e finalmente uma lhaneza de maneiras, que elevava a todos que o tratavam de perto, ainda nos mais altos logares do Estado, a que depois subio, d'onde lhe veio a grande popularidade, que grangeou nas classes mais somenos da sociedade, e a que de facto o veio a constituir um verdadeiro tribuno do povo, e lhe dêo o distincto logar de chefe da Opposição, que Saldanha deixára vago, quando mais tarde se ligou ao partido ministerial: o que muito nelle realçava era o pouco que fazia valer o seu merito, e a sinceridade que sempre pôz em confessar os seus erros. Por conclusão do seu discurso contra a regencia de D. Pedro, pedia elle que se enviasse uma mensagem á corôa para que se dignasse 1.° revogar o decreto, que suspendêra a liberdade de imprensa; 2.° revogar igualmente o das prefeituras, que pela sua centralisação desarmára o partido independente; 3.° revogar ainda o que suspendêra alguma das garantias da liberdade individual, meio que nas mãos dos ministros só tinha servido para deportar alguns cidadãos durante as eleições, apezar da patría não correr perigo, e terem terminado a rebellião e a guerra civil; 4.° fazer executar em todo o reino o decreto, que ordenára que as municipalidades fossem electivas, cousa que só se tinha cumprido em Lisboa e Porto; 5.° finalmente salvar a nação, dissolvendo sem demora a camara dos deputados, para ser substituida por um congresso constituinte. «Eu sou partidista da soberania do povo, acrescentou elle, e depois das «desgraças, que por tão longo tempo tem affligido a nação, «entendo que só por este meio é que podemos airosamente «resolver a grave questão, que nos occupa, e cicatrizar as «feridas da patria.» Depois de seis horas de argumentação, e toda esta consummida quasi que exclusivamente em favor da questão, foi finalmente approvado o parecer da commissão por 89 votos contra 5, no meio de um geral applauso, que foi para D. Pedro o mais solemne testemunho da gratidão, que todos lhe consagravam. Em sessão de 28 de agosto decidio tambem a camara hereditaria, e por unanimidade de votos, que a regencia do reino, com todos os

plenos exercicios dos poderes executivo e moderador, continuasse na pessoa de D. Pedro, depois de regeitadas algumas emendas, propostas pelo marquez de Loulé, tendentes a restringir semelhante regencia. Na sala do throno, magnificamente adornada no palacio da Ajuda, prestou D. Pedro no dia 30 de agosto o juramento, a que a Carta o obrigava, pelas suas legaes funcções de regente, visto que o seu estado de saude lhe não permittia já dirigir-se para esse fim á camara dos deputados. A este acto comparecêo a real familia, o corpo diplomatico, e a côrte, apresentando-lhe o presidente da camara dos pares o livro dos Santos Evangelhos, sustido por um moço fidalgo, e o conde mordomo mór o autographo do juramento prescripto, que foi pronunciado em tom alto e intelligivel.

O casamento da rainha com um principe estrangeiro, a segunda das questões, que D. Pedro submettêra á decisão das camaras na sua respectiva falla do throno, veio na terceira sessão das côrtes [1] ser-lhes formalmente apresentada pelo governo, com a insinuação da clausula de tal casamento ser feito a aprasimento de seu pai. Era bem de crêr que depois de decidido o transcendente objecto da regencia, o do casamento da rainha não podesse deixar de ter uma tão plausivel solução, quanto o ministerio desejava. A primeira parte desta importante questão, isto é, a permissão da rainha poder casar com principe estrangeiro, era medida que se a Carta Constitucional a não admittia, a circumstancia de não haver no paiz pessoa adequada para tão elevado enlace, forçava por certo as camaras a adoptal-a como necessaria. Entretanto a escolha do principe, destinado para esposo da rainha, era com effeito uma attribuição que as côrtes jámais deviam delegar de si, porque em fim assegurar uma successão real, inteiramente digna do respeito e confiança nacional, era o que neste caso mais se devia ter em vista, e por conseguinte indispensavel era que para isto semelhante escolha fosse feita pelas mesmas côrtes, ou por ellas designadamente approvada, e não deixada ao pleno

[1] Em 27 de agosto.

arbitrio do regente. Nestes termos era pois claro que o espirito hostil, que na camara electiva se começou a desenvolver contra o governo, desde a sua primeira sessão, tivesse agora por si muito maior sequito nesta questão, e apresentasse já no publico muito maior numero de votantes contra o ministerio. A mesma commissão que examinára a proposta da regencia, foi a que emittio tambem o seu parecer sobre a do casamento; e o marquez de Saldanha, que della era o relator, não podia deixar, como cortezão, de mostrar novamente os seus respeitos para com D. Pedro, que tanta consideração lhe dera, e tantas occasiões de gloria lhe proporcionára durante a guerra civil. O parecer, que por elle foi lido, era em tudo conforme com as vistas do governo, isto é, que o casamento da rainha devia ser feito com principe estrangeiro, *e a aprasimento de seu pae*, sem que na sua escolha, ou approvação, interviessem por conseguinte as côrtes, dispensando-se para este caso, e somente por esta vez, o artigo 90 da Carta Constitucional. O combate contra o parecer da commissão tornou-se desde então vigoroso e animado. Pelos factos analogos da nossa antiga historia, diziam alguns oradores que nas côrtes de Leiria de 1376, e nas de Lisboa de 1679, se lhes fizera saber o esposo que el-rei D. Fernando destinava á princeza D. Brites, e o que D. Pedro 2.° escolhêra para a infanta D. Isabel, porque em fim se não havia divergencia em que o casamento se effeituasse com principe estrangeiro, as opiniões apartavam-se no ponto da escolha, querendo plausivelmente a Opposição que ella fosse feita d'acôrdo com as côrtes, e não a inteiro arbitrio do regente, ao passo que os ministeriaes sustentavam que naquelles dois casos a designação do noivo não fôra expressa, e por conseguinte que a D. Pedro se devia entregar sem restricção alguma a escolha do esposo de sua filha, não só porque na qualidade de pae e tutor teria todo o zelo em a fazer boa; mas porque tambem como regente, estando no livre e pleno goso de todas as attribuições magestaticas, se lhe devia dar mais ésta prova de gratidão nacional, pelo seu reconhecido patriotismo, e importancia dos seus serviços, e

em nada coarctar-lhe a faculdade natural e civil, que para tal fim lhe assistia. Foi esta a opinião que a grande maioria da camara approvou por 70 votos contra 27, contando-se já no numero destes os membros de mais firme e conhecido caracter na Opposição, os quaes todos nesta questão attribuiram aos ministros os desejos de quererem fazer mais solida e extensa a sua grande influencia.

Na camara dos pares a Opposição contava com poucos, mas bem pronunciados partidistas, sendo os mais notaveis delles o marquez de Loulé, e o conde da Taipa [1]. O marquez devêo á sua elegante e bem apessoada figura, e ás suas concertadas maneiras, a elevada cathegoria de cunhado de D. Pedro, de quem aliás havia recebido durante a emigração não equivocas provas de deferencia e consideração; mas a rigidez dos seus principios politicos, e as idéas exactas que bebêra nos seus estudos mathematicos, em que fizera uma distincta carreira, não lhe permittiam, como membro da representação nacional, condescender em cousas tão alheias de familia com as vistas de D. Pedro, e subscrever humilde ás da politica, que nos seus ministros não podia deixar de reprovar. Modesto e delicado no seu trato, a sua lingoagem era do mesmo theor, o que aliás contrastava com a sua pouca idade, em que tanto d'ordinario domina o arrebatamento das paixões; mas nos seus discursos, ordinariamente frios, pela sua monotonia, pausados, e concisos, nem por isso deixava de brilhar sempre a sua decidida tenção de reprovar a marcha do executivo. Quanto ao conde da Taipa, a sua lição era mais extensa e profunda. As suas fallas, ainda que de palavras entrecortadas, pelo vicio natural de retardamento de pronuncia, eram todavia d'uma concisão energica e arrebatada, comprehendendo ordinariamente a verdade, que tanto realce dá sempre á oratoria, de modo que, se não podiam servir de modelo á eloquencia, eram de certo notaveis pelas suas terriveis investidas contra o governo, e ás vezes acompanhadas d'uma ousada e frizante mordacidade,

[1] A camara contàva por então 16 membros, 7 dos quaes pretenciam á Opposição.

que difficultosamente podia ser retribuida da parte dos seus torturados adversarios. Entretanto as suas razões eram sempre as melhores, quando acommettia, preferindo muito mais tocar o ponto da questão, favoravel ao seu partido, do que declamar sobre ella. Esta camara, desfalcada, como havia sido, pela decidida rebellião da maioria dos membros, que em 1826 a compozera, carecia de um indispensavel augmento e recomposição, e guiados já pela previsão da nomeação de novos pares, e de que a escolha delles recahisse toda em creaturas dos ministros, estes dois membros da camara hereditaria procuraram restringir a acção do regente, durante a discussão da proposta da regencia, introduzindo nella a clausula de se não nomearem novos pares, sem que por si tivessem a approvação de tres quartos do conselho d'Estado; mas como semelhante restricção não passou, o governo escolhêo sempre as pessoas que quiz, fazendo a seu geito uma maioria inteiramente sua, sendo estas nomeações o primeiro acto da regencia legal de D. Pedro, que reforçou logo a camara com mais 24 pares.

Contava-se desta maioria, como voto de mais peso, o duque de Palmella, nomeado presidente da camara, depois da restauração. Este notavel e prestigioso personagem, de grande authoridade e importancia politica, pelos altos cargos que desempenhára, durante o governo de D. João 6.º, e pelos seus relevantes serviços, durante a emigração; de muito nome na carreira diplomatica, em que aliás se attribuia um exclusivo merito, era ornado de bastante talento e aguda penetração, com bom estudo e variada lição, a que se entregava, como dado ás letras, para se distrahir das suas altas occupações d'Estado, reunindo com tudo isto largo conhecimento dos homens e das cousas, realçado com a sua aturada pratica no manejo dos negocios publicos. Todavia, de caracter timido e d'espirito fraco, e sobre tudo isto consideravelmente inactivo e desleixado, forçoso é confessar que as suas opiniões foram sempre tão irresolutas e vacillantes, e a sua docilidade tão pronunciada para com as pessoas que lhe mereciam respeito e confiança, que não só

aproveitou pouco ao Estado a sua gerencia governativa, durante os seus differentes ministerios, por falta de uma opinião sua, decididamente forte e energica, e da precisa coragem para a fazer triumphar sobre as dos seus collegas nos conselhos do imperante; mas ainda mesmo ao paiz pequenas vantagens trouxeram as suas negociações diplomaticas, sobre tudo quando se comparam com a alta reputação do seu nome, e o credito que ambicionava de distincto homem d'estado, podendo bem succeder que isto provenha de circumstancias, que de nenhum modo estivesse na sua mão remediar; mas que nem por isso destroem a verdade da proposição estabelecida. Quanto aos seus discursos eram elles ordinariamente ouvidos no meio de um respeitoso silencio, de que por tão justos e bem adquiridos titulos se fazia credor, e não menos pelo seu porte cortez e agradavel. Accusado de falta de crenças politicas nas bandeiras dos partidos, como adiante fez vêr pelas suas transicções de um para outro lado, e talvez que para saciar ambições de poder, caprichando em ser sempre escutado, e essa sua equivoca opinião seguida nas mais insignificantes cousas do Estado, a sua conducta resentira-se mais de opposição neste tempo do que de ministerialismo; mas com os respeitos e actos de deferencia, que os ministros se deram em tributar-lhe publica e privadamente, veio a desenvolver-se mais a sua consideração por elles, não concorrendo pouco para isto as repetidas investidas da Opposição contra elle, malquistando-o, calumniando-o, e por fim perseguindo-o, quando mais tarde foi nomeado presidente dos ministros sem pasta. Como orador a sua locução era pausada, e até mesmo de difficil pronuncia, commedida, e cheia de recordações historicas, para abonar a constante coherencia da sua anterior conducta e caracter politico, e mostrar-se como tal sempre filiado no gremio do partido liberal, cousa de que muita gente da mesma Opposição duvidava, e com muita acrimonia alguem lhe lançára de frente a frente em rosto pela negativa [1]. A sua argumentação era bem condu-

[1] Os fundamentos que pela sua parte tinham alguns membros da Op-

zida e sustentada, e nella se apresentava sempre tão polido

posição, para este procedimento hostil contra o duque, foram de tanta voga no publico, que independentemente da veracidade que sobre si possam ter, constituem só por si um facto historico, que em boa fé não devo aqui omittir, pelo grande interesse que no futuro poderá ter o saber-se a parcialidade, ou imparcialidade do juizo dos contemporaneos sobre tão eminente personagem, até ao periodo a que acima me refiro. Eram estes taes fundamentos: 1.° a explicita e formal recusa do duque em tomar parte nos eventos, que a revolução do Porto, de 24 de agosto de 1820, tinha feito apparecer em Lisboa, quando de passagem para o Brasil elle veio a esta cidade, onde para semelhante fim fôra rogado por algum, ou alguns dos membros do governo, que por então se installára. — 2.° A renovação desta mesma recusa, quando na ilha da Madeira foi igualmente solicitado para aquelle fim, durante o pouco tempo que alli se demorou na sua dita viagem para o Brasil. — 3.° A attitude hostil que depois da sua chegada ao Rio de Janeiro mostrou para com algumas pessoas de reconhecidas opiniões liberaes, mencionando-se entre os casos deste genero o fazer arredar da côrte, por motivos politicos, o brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios, (depois barão de Ruivoz), mandado para Minas Geraes por semelhantes motivos, e como tal recommendado para ser vigiado pelo respectivo capitão general. — 4.° O grande resentimento que as côrtes de 1821 contra elle manifestaram, quando na sua chegada a Lisboa, em companhia de D. João 6.°, o forçaram naquelle mesmo anno ao seu desterro para o Alemtejo, não só pela supposição, muito graciosa talvez, de que elle cooperára em Lisboa, em novembro de 1820, com A. P. da Silveira contra o governo, então recentemente installado; mas tambem por outra supposição, de igual theor pode ser, quanto ao que delle se dizia praticado, depois que chegára ao Rio de Janeiro. — 5.° A parte que lhe attribuiam, senão activamente, pelo menos de tolerancia e acquiescencia, nas medidas de perseguição, que o ministerio do absolutismo empregára na sua gerencia de 1823 a 1825 contra os partidistas das côrtes de 1821, porque em fim, posto que naquelle tempo semelhante ministerio se não possa reputar solidario, é todavia obvio que cada um dos seus membros tinha para com o publico uma effectiva responsabilidade moral pelos actos dos seus collegas nas outras secretarias d'estado. — 6.° A noticia, com grande generalidade espalhada, de que na installação da commissão, encarregada da confecção do projecto da Constituição, promettida por D. João 6.° na sua proclamação de Villa Franca, elle pronunciára, como presidente de tal commissão, um violento discurso, que mais parecia um solemne manifesto em apologia dos governos despoticos, e uma formal injuncção de severas accusações contra os representativos, do que um incentivo para se ultimar o projecto, incumbido á mesma commissão, e tão favoravel se julgou este discurso ás idéas do absolutismo, que então vogavam, que alguem houve que muito instantemente rogou ao seu author para que o desse á estampa, cousa a que elle todavia se recusou sempre. — 7.° A crença que igualmente vogou, e que muita gente ainda hoje partilha, de ter elle sido quem aconselhára D. João 6.° a que não desse á execução a Constituição que promettêra, e a que dissolvesse a commissão, que para a confecção do respectivo projecto se havia nomeado. — 8.° A acquiescencia que se dizia ter prestado á vinda de D. Miguel para Portugal, na qualidade de logar tenente de seu irmão, não só pelas lisongeiras expressões com que n'uma carta, que escrevêo para o capitão general da ilha da Madeira, appellidára a missão, que levára ao Rio de Ja-

e delicado, quanto se podia esperar d'um antigo cortezão, e encanecido diplomatico.

Como orador ministerial se apresentou igualmente, desde a sua primeira entrada na camara dos pares, o desembar-

neiro o barão de Neuman a solicitar de D. Pedro, em nome da *Austria*, a nomeação de D. Miguel como regente de Portugal, missão de que o duque devia perfeitamente estar ao alcance; mas igualmente pelas attenções que o infante mais tarde lhe prodigalisou em Londres, quando já na sua qualidade de regente vinha em 1828 de volta para este reino, sem que por outro lado se faça cargo do que tambem a tal respeito se mencionára em varios impressos do tempo. — 9.° A recusa que em 1827 fez da pasta dos estrangeiros, e segundo se acreditou, por não querer formar parte de um ministerio em que entrava o general Saldanha, o unico membro do governo, que do coração defendia a Carta Constitucional. Ninguem certamente podia ser obrigado a entrar com aquelle general no ministerio; mas escusar-se então a isso, por mais plausiveis que fossem os motivos, era dar logar a suspeitas de desacôrdo com a sua politica, e por conseguinte de o não querer coadjuvar na defeza da mesma Carta. — 10.° Finalmente as graves murmurações que muita gente levantára contra o duque, pela sua precipitada fuga do Porto, a bordo do vapor *Belfast*, vindo ao Douro em 1828, sem ao menos se apresentar ao exercito, de que havia aceitado o commando; pela sua grande parcialidade, e manifesto desfavor com que na sua gerencia governativa, durante a emigração, tratára certos homens da Opposição, e sobre tudo pela escandalosa desigualdade da distribuição dos respectivos subsidios aos emigrados, reunida esta circumstancia com a imprevidente dissipação dos dinheiros publicos, indo muita gente encabeçar semelhante desgoverno nas mais desairosas illações contra Palmella, e os seus delegados. — Pela minha parte estou longe de dar como averiguados todos os factos, que vão aqui mencionados (e outros que de proposito omitto, pela incerteza da sua materia grave), alguns dos quaes se acham no corpo desta historia, contados com variante narrativa da que acima se acaba de vêr, por estarem assim em mais plausivel analogia com a subsequente conducta do duque, de quem aliás me fiei para algumas cousas, apezar de juiz suspeito nas que lhe são relativas, e que eu não obstante apresentei como elle de si as affirmára em côrtes, e as imprimira depois nos seus *discursos parlamentares*. Mas incertos como effectivamente são alguns delles, ou quando muito de presumpção, é claro que esta contrariedade de narração sobre os actos publicos da vida do duque, prova até certo ponto o seu genio pouco resoluto para se abalançar a tomar com decisão um partido, dando assim logar a equivocos, ou ambiguidades de juizos sobre o seu modo de sentir, no meio das grandes crizes politicas em que se achou collocado, e é esta mesma irresolução quem não só o embaraçára de obrar, e até de affirmar ou negar positivamente uma cousa sobre qualquer ponto de grave occorrencia, mas tambem lhe acarrétára todas estas increpações, e particularmente a crença geralmente estabelecida da sua vacillação em politica, duvidando-se de que com effeito partilhasse sempre tão sinceros desejos, quanto o tem dito no publico, de querer decididamente um governo representativo em Portugal, sem que todavia se lhe possa contestar o subido valor da longa serie de serviços, que prestára á Liberdade e á restauração do throno legitimo, desde 1828 até 1834, serviços que a patria ainda assim lhe recompensou com generosidade, superior talvez ás suas forças.

gador José Joaquim Gerardo de Sampaio; mas elle nada mais era do que um declamador abundante e sem nexo, mais dado a amontoar palavras, do que a apresentar idéas, ou a tratar as questões debaixo do seu verdadeiro ponto de vista. Porém a qualidade por que elle mais sobresahio sempre foi a da sua extrema devoção pela causa ministerial, e pode ser que levado a isso pela gratidão de o terem nomeado para um cargo de tão alta monta n'um governo representativo. Entretanto como membro da magistratura superior, a que pretencia, os seus creditos foram sempre de juiz inteiro e limpo de mãos. Além destes, tornavam-se tambem notaveis, pelos seus conhecimentos juridicos, pelo respeito que a sua idade lhes dava, e não menos pela consideração que mereciam, pelos altos empregos que já tinham desempenhado, os dois conselheiros d'estado, Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas, e Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato; mas este ultimo mais se podia reputar sem partido, do que votado á causa do ministerio, porque em fim a reputação do seu nome, a sua vasta e profunda erudição, com o seu bom saber, a consciencia do que podia, pela grande força da sua dialectica, a superioridade do talento com que sobresahia ao commum dos homens de letras, e a independencia em que por sua fortuna se achava collocado, deviam infundir-lhe sentimentos mais nobres do que tem o geral dos homens, votados aos partidos, sujeitos d'ordinario a não terem opinião sua, e a defenderem as alheias, como escala para alcançarem uma situação mais ou menos vantajosa: pena era que o logar de deputado, que fizera em 1821, e o de ministro d'estado em 1826, com que veio a ter tão funesta influencia nos conselhos da infanta regente, lhe tivessem dado tão máo nome, ou tão fraca reputação de liberal [1]. Com estes elementos não podiam deixar de triumphar sempre na camara hereditaria, e sempre por grande maioria, as questões ministeriaes. Con-

[1] Devo porém advertir que Trigoso não assistio á discussão das propostas da regencia e casamento da rainha, nem a algumas das sessões subsequentes; mas vae aqui mencionado, pela sua notabilidade na camara a que pretencia.

seguintemente a proposta do casamento da rainha passou tambem nesta camara, tal qual viera da dos deputados, por 23 votos contra 7. D. Pedro, logo que o presidente da camara dos pares lhe entregou, em 13 de setembro, a respectiva lei, ficou penhorado com mais esta prova de illimitada confiança das côrtes, promettendo que o principe, esposo da rainha, seria dos seus mesmos principios politicos, virtuoso, instruido, independente de sinistras influencias, e capaz não somente de fazer a fortuna da rainha; mas até de concorrer para a felicidade geral da nação portugueza, e de defender com a sua espada, e com valor igual ao dos seus maiores, a independencia nacional, o throno da rainha, e a Carta Constitucional.

Onde porem a Opposição chamava sobre si as vistas de todo o paiz, e onde os seus ataques ao governo, attrahindo a espectação publica, redobravam cada vez mais de audacia e de intensidade, era na camara electiva. Os partidos, em presença alli um do outro, alternativamente aggredidos e aggressores, debatendo-se systematicamente, e com afférro tal, que cada um dava mais consistencia ás opiniões e doutrinas do seu adversario, ameaçavam de arrastar o paiz a uma crize, em que um delles aspirava a ficar decididamente vencedor. Esta mutua irritabilidade, exacerbada depois da guerra civil, inflamava cada vez mais os espiritos, punha-os em perigosa e continua combustão, e quotidianamente promovia mais o resentimento das paixões despeitosas, e o que peor era, o dos interesses não satisfeitos, acobertados em muitos com as vistas do bem commum, com as doutrinas exageradas, e as aggressões, ou queixas, contra o governo, que nem sempre tinham a verdade por norma: estas queixas vinham sempre em todos os dias a campo, e sempre em todos os dias com o mesmo resultado. Alem dos membros da Opposição, de que já se dêo conta, ella contava ainda no seu seio, como mais notaveis, os deputados Leonel Tavares Cabral, e Julio Gomes da Silva Sanches. Leonel defendia e professava, com a maior boa fé e desinteresse, as doutrinas democraticas; mas pela timidez e fraqueza do seu espirito,

com muito mais resguardo e commedimento do que o fazia Passos (Manoel). Probo, e odiando os abusos do poder, pelas immoralidades, que lhe suppunha inherentes, justo é confessar, em vista das provas, que mais adiante dera da sua honra e nenhuma ambição, que elle não especulava para seu particular proveito na marcha dos acontecimentos politicos, que todavia não deixava de espreitar, e cuidadosamente dirigir no sentido mais vantajoso das doutrinas da sua crença. Dentro das côrtes Leonel era essencialmente activo e trabalhador, sempre firme no seu logar, attento observador das doutrinas dos seus contrarios, para os acommetter a tempo, sendo todavia mais feliz no assalto, que na defeza. Os seus discursos eram promptos, algum tanto desleixados, de argumentação capciosa e enredadora; mas sem pretenções de oratoria, reunindo ás vezes comsigo bastante finura e penetração. Homem do povo, introduzindo-se francamente com elle, e a elle francamente accessivel, tão singelo no seu trato, quanto nas suas maneiras, Leonel era um verdadeiro cinico; mas na reserva das suas vistas, no occulto dos seus sentimentos, e resguardo para com as circumstancias occorrentes, mostrava-se muito mais cauteloso, que o mesmo Passos (Manoel). Como um dos mais notaveis membros da Opposição, igualmente se deve aqui mencionar Julio Gomes da Silva Sanches: mas a não querer faltar á verdade, parece que este individuo, aliás de caracter ousado, mas irreflectido, não lhe fallava o coração, quando advogava as doutrinas democraticas, que abraçára, e ainda que com erudição, ficava muito áquem do logar de distincto orador, que tanto parecia ambicionar. No meio dos seus discursos, pronunciados com voz de steutor, havia de quando em quando consideraveis negligencias, e indesculpaveis incorrecções de fraze, de modo que desconcertada assim a oração, se não cançava pelas doutrinas, que expendia, ou enfastiava ás vezes pela sua extensão e desalinho, ou não estabelecia as mais solidas convicções. De mais difficil accesso no seu trato do que Leonel, admira como podesse votar-se á carreira popular, tão pouco conforme com as suas vistas, ou a elevada cathegoria a que aspirava. Posto que

por algum tempo Julio Gomes se constituisse, até certo ponto, um dos secretos e poderosos influentes nas classes mais baixas do povo, deve dizer-se para sua honra, e por tributo de respeito ao seu caracter, que quando ministro abraçou doutrinas de ordem, foi consideravelmente tolerante, e sahio pobre dos mais altos cargos do Estado, dando nelles notaveis exemplos de inteireza, que nem sempre foram seguidos pelos seus successores, alguns dos quaes pareciam offerecer mais solidas garantias da sua boa conducta em semelhantes cargos. Todos estes individuos, auxiliados ainda por um outro deputado, não menos popular do que elles fóra da camara, posto que de nenhuma importancia dentro della, pela sua falta de talentos e estudos regulares, (Francisco Soares Caldeira), evidentemente promoviam uma nova revolução no paiz, destinada a provocar na multidão o desejo da sua soberania, e pareciam decididos a leval-a a effeito, apoiando-se para este fim nos deputados da esquerda [1], dentro das côrtes, e fóra dellas, dentro dos *clubs*, e fóras dos *clubs*, n'uma grande parte do povo, e em não pequena parte do exercito.

Do chamado partido cartista devem mencionar-se em primeiro logar os ministros, dos quaes tres, José da Silva Carvalho, Agostinho José Freire, e Joaquim Antonio de Aguiar, eram os que verdadeiramente tinham voto seu no conselho, e constituiam o nucleo dos que nas côrtes tanto se debatiam com a Opposição. José da Silva Carvalho, homem de grande influencia nas sociedades secretas desde 1821, em que então subira ao logar de ministro d'estado, para que em 1832 fôra novamente nomeado, era por este tempo o verdadeiro chefe daquelle partido, composto dos seus antigos correligionarios, por elle chamados outra vez á energia das paixões politicas, e dos que de novo pôde reunir a si. Posto que da maior transcendencia não fossem os dotes do seu espirito, e ás vezes se mostrasse facil, e até precipitado, em abraçar a primeira resolução, que se lhe antolhava boa, é

[1] Á Opposição tambem se lhe dava o nome de *esquerda*, e *deputados da esquerda*, tirados estes nomes dos logares que os seus membres occupavam dentro da camara.

todavia innegavel que, no meio dos perigos, a sua ousadia e tenacidade de execução, não communs, o levavam a realisal-a com a mais decidida perseverança. Com estas qualidades não admira que pela sua parte desenvolvesse muita energia e coragem civica, no meio dos extraordinarios apuros, por què a causa constitucional passou durante o cêrco do Porto, d'onde lhe veio o grande nome e prestigio, que justamente adquirira entre os do seu partido. Effectivamente deve-se reconhecer em José da Silva Carvalho o merito de ter prestado no Porto, como ministro da fazenda, muitos e relevantes serviços, que depois da restauração continuaria a prestar, se desprezando as suas idéas de partido, e dando de mão ás suas theorias inexequiveis, se tivesse rodeado, durante a sua gestão financeira em Lisboa, de homens mais praticos, e de patriotismo menos suspeito aos partidos, e houvera a par disto sido mais docil á reforma dos erros, com tanta razão assacados ao seu ministerio, e mais economico no importante ramo da fazenda publica. Apezar de chefe de partido, a sua conducta como ministro propendia mais para tolerancia, do que para insoffrida guerra aos seus adversarios, e tudo isto filho da sua indole de bonomia, que tanto o caracterisava. O seu trato era affavel e cordeal para toda a gente, e os seus amigos achavam sempre nelle tanto de lealdade, quanto de franqueza. Como orador era pausado e frio, e as suas fallas, mais doutrinaes do que eloquentes, apresentavam uma defeza, que se não era brilhante, era de ordinario bem conduzida. Agostinho José Freire já nas côrtes de 1821 se tinha feito notar como orador eloquente, verboso, e energico; mas a rapidez com que fallava, e a monotonia do seu metal de voz, davam á sua recita pouca amenidade. Os seus talentos acima do vulgar, a sua prompta percepção, no meio das questões sobre negocios publicos, (não para optar a mais conveniente decisão, e dal-a promptamente á execução, mas para ponderar as difficuldades do ponto questionado), e depois disto a consciencia do que em setembro de 1820 fizera em Lisboa pela Liberdade, reunidas estas qualidades com as suas maneiras sêcas e desabri-

das, e com o seu caracter naturalmente orgulhoso, produziam nelle um certo ar de rispidez, que lhe grangeára muita antipathia, e não poucas inimizades, apezar do imperio, que nelle tinham os membros, e os manejos das sociedades secretas. Systematico em repellir, como partidista, os ataques da Opposição, é todavia innegavel que como ministro da guerra, que fôra durante o cêrco do Porto, prestára em semelhante cargo efficazes e importantes serviços á causa da legitimidade, e ainda depois durante todo o resto da luta civil, sem embargo do seu espirito vacillante e irresoluto, que dava um certo caracter de fraqueza ás suas decisões, e sobre tudo nas crizes, em que mais de prompto convinha tomar um partido. Joaquim Antonio de Aguiar era de muita irascibilidade para com os da Opposição. De espirito ousado, e consideravel affêrro ás suas opiniões, impacientava-se em gráo extremo com a mais pequena investida dos seus antagonistas politicos. Como partidista, sobresahia nelle mais o arrebatamento da sua vontade, do que o meditado das suas resoluções, porque em fim a temeridade do seu caracter nem sempre lhe dava logar á adopção dos melhores meios, na occasião dos perigos. Como orador era ousado, de bastante energia na locução, fraze prompta e sem affectação, dotado de conhecimentos juridicos, posto que não abalisado jurisconsulto, sem no meio disto aspirar aos creditos da grande oratoria, como fazia vêr pelo seu pouco estudo na escolha das palavras e embellezamento dos seus discursos. Apezar da sua ambição, que algumas vezes o levára depois a abraçar doutrinas politicas, que nem sempre foram as da sua crença, e a amoldar a altivez do seu genio aos precisos meios de adquirir uma popularidade, que junto da urna eleitoral lhe alcançasse o suffragio publico, Aguiar não era talvez o ministro mais proprio no meio das agitações populares, e crizes revolucionarias, em que se vio mettido; mas em troca disso, notava-se-lhe um certo capricho de limpeza de mãos, e sobre tudo muita rectidão, como membro da alta magistratura portugueza, qualidades que ninguem lhe contestava, e que de tanta mais honra lhe serviam, quanta maior era a

desmoralisação, que a tal respeito havia no seu tempo, e mais raro o espirito de summo desinteresse, cuja virtude tanto realçára n'outro tempo o caracter portuguez. Uma outra circumstancia convem aqui mencionar em abono de Aguiar, que foi a propriedade da occasião que escolhêo para a extincção das ordens religiosas; assim não tivesse elle deixado os frades quasi a esmolar pelas portas o pão quotidiano.

Dos deputados não ministros, mas dos primeiros candidatos a semelhante logar, era sem duvida alguma Rodrigo da Fonseca Magalhães, cuja opinião de escriptor facil, ousado, e sagaz, já tinha desde a emigração com justa razão alcançado, ainda que a outros respeitos a fama o não apontasse para muito bom modêlo. A ambição de Rodrigo, a sua filiação nos *clubs*, e a protecção e amizade de José da Silva Carvalho, valeram-lhe o conseguir pelo Minho, em 1834, a sua primeira cadeira de deputado. Desde então para cá os seus creditos como jornalista trocaram-se nos de orador eloquente, mas desigual, juntando á sua natural facundia muita variedade de instrucção, grande facilidade de improviso, pureza de lingoagem, e até mesmo finura d'arte, com bastante logica e oratoria para o seu ataque e defeza, e uma vez inflammado, muitos o viram entregue aos electricos toques, e atrevidos rasgos de tanto mais sublime oratoria, quanto obscuros e inconcludentes se mostravam outras vezes os seus raciocinios, pelas expressões vulgares e enigmaticas de que se servia. Apezar de possuir tão elevados dotes, certo é que os seus mais bellos discursos fizeram muito mais effeito recitados por elle, do que lidos depois. E no meio de tudo isto, Rodrigo era falto de uma ardente convicção, em vista da difficuldade que tinha em patentear bem qual fosse a sua decidida crença, talvez que pela persuasão de que em politica nem sempre a conveniencia nos deve levar á corôa do martirio. Agastando-se quando o não acreditavam, pela mesma obscuridade a que recorria, desde então tornava-se comico, pelos tregeitos que dava á sua propria phisionomia, pelo entonamento do seu pescoço, contor-

são d'olhos, e vistas severas, que para um e outro lado lançava, até rematar com algum desses seus ditos, que provocavam o riso, e em que muito abundava, particularmente reduzido aos apertos, de que por outra fórma não podia sahir. Quando ministro, os seus actos não foram mal vistos do publico, pela sua tolerancia, rectidão, e justiça, collocando-se muito acima da mesquinhez de partido, e das miseraveis vinganças, que, depois de subir a tão elevado cargo, podera ter praticado, pelas offensas recebidas em quanto particular. A justiça porem não é a divisa dos partidos, e d'aqui nascêo que este proceder de Rodrigo foi olhado, por alguns dos seus correligionarios, como filho da vacuidade das suas crenças politicas. E para que a seu respeito me exprima como delle fallára um espirituoso contemporaneo [1], direi que « Rodrigo era o homem, que mais sabia subordinar « a sua pacifica ambição ao desejo de não comprometter a « sua tranquillidade. Estranho a todo o genero de rancor, « alheio ao sentimento de vingança, jámais deixou de abrir « os braços a quem o offendêra. Se lhe metterdes a mão no « seio, talvez arranqueis de lá muito orgulho litterario, muita « convicção de superioridade, e muita dessa infeliz illusão, « que a tanta gente traz persuadida de que vivemos n'um « paiz de idiotas, aonde todo o homem, que ao levantar da « cama pôz a sua mascara e' sabio, póde afoutamente atra-« vessar as ruas da capital, sem que surja d'algum recanto « uma voz, que lhe grite, *ubi relinquisti efigem?* aonde dei-« xaste o teu rosto? » Finalmente a collocação deste distincto contemporaneo no alto logar de conselheiro d'estado, sem duvida uma das melhores escolhas da corôa, pela sensatez do seu espirito, saber, e fina penetração no meio das mais graves e delicadas questões d'Estado, prova bem a que pontos de grandeza póde chegar entre nós o merecimento real de um individuo, auxiliado pelas misteriosas protecções de certas associações nocturnas.

Figurava igualmente entre os ministeriaes José Alexandre de Campos; mas este individuo não era deputado im-

[1] *Quadro Politico, Historico, e Biographico do Parlamento de* 1842.

portante em 1834, a não ser pela subserviencia das suas opiniões, e respeitos para com os ministros. Uma questão de interesse individual, ou quando muito de corporação universitaria, a que pretencia, o fez apostatar mais tarde do partido cartista para o setembrista, onde chegou a ser um dos seus mais notaveis campeões. Como orador, não attrahia ouvintes; a sua voz sêca e ingrata, a sua impassibilidade de physionomia, ainda quando acommettido pelos seus proprios adversarios, a sua recitativa, pausada e monotona, enfadava e pungia a ponto, que punha a camara deserta, pelo enjoativo pêso, que lhe causava. Os seus discursos longos, causticos, e de repisadas palavras, eram algumas vezes notaveis pelo rigor do seu sillogismo, e força da sua dialectica; mas o mais frequente era o cahirem no sofistico, de que se resentia o espirito do seu author, mais proprio para subtilizar, como mestre da universidade, as argucias escolares do direito romano, do que para entrar francamente, como orador, n'uma questão de transcendente politica. Como ministro, foi homem muito commum, ou ainda menos disso, pela estranheza que mostrou na pratica dos negocios, falta de energia, e algumas vezes de capacidade governativa, no meio das agitações revolucionarias, que elle mesmo tinha promovido.

Tal é de parte a parte o resumido quadro dos principaes caracteres, que d'um e outro lado das camaras se debatiam quotidianamente sem fructo, sobresahindo mais particularmente os reciprocos azedumes da dos deputados, n'uma questão quasi pessoal, a da legalidade da eleição de Rodrigo Pinto Pizarro, pela provincia do Douro, questão á qual ambos os partidos ligaram a mais decidida importancia. Foi durante os seus acalorados debates [1] que se repisaram com a maior vehemencia todas as antigas indisposições dos partidos contendores, durante a emigração: o espirito hostil ao governo tomou desde então mais corpo; os incidentes adquiriram successivamente mais fogo; as declamações redobraram cada vez mais de energia e intensidade; e até se chegaram a fazer transicções violentas para objectos alheios das circumstancias,

[1] Sessão de 6 de setembro de 1834.

tornando-se gravemente suspeita a fé do governo com allusões ao barbaro procedimento, havido em França, para com o deputado Manoel. Julgára a commissão dos poderes que na eleição do Douro não podia valer a do coronel Pizarro, por se achar pronunciado ao tempo, em que ella tivera logar. A arbitraria prisão deste official, e o processo em que estava mettido, motivaram, da parte dos seus amigos, fortes e acalorados debates para lhe alcançar o poder elle ir assistir á discussão da legalidade do seu diploma, e tomar parte nella, sendo para esse effeito chamado á barra da camara. O tempo consummio-se em reciprocas arguições de parte a parte. Para a discussão a minoria acarretou doestos, divagou com incidentes affrontosos á dignidade da camara, foi buscar as mais pesadas e pungentes semelhanças, comparando esta, com a camara *introuvable* da França; vieram os tresentos de Villelle, taxaram-se de facciosos os que votassem expulsar do seio da representação nacional os deputados liberaes da minoria, quando abafados, ou proscriptos, se vissem por uma maioria *immoral*, *insolente*, qual n'outr'ora o tinha feito á illustração do virtuoso convencional *Gregoire* uma camara abjecta, servil, e deshonrada. E todavia nada se fez com este systema de argumentar; porque o deputado eleito não foi admittido a defender-se á barra da camara, por uma maioria de 7 votos, (a de 53 contra 46), ostentando-se tambem para este fim da parte dos ministeriaes todas as subtilezas de uma argumenção capciosa, destinada a condemnar um homem, a quem muito de proposito se não quiz da sua bôca ouvir a sua propria defeza, só porque com ella necessariamente havia de misturar verdades bem amargas para o ministerio. A minoria altamente confessou não ter por si outro direito, mais que o de ser escutada, ao passo que a maioria, firme na resolução, que tomára, de não attender á razão, parecêo cega no prazer de atropellar todas as relações moraes e politicas, de infringir as mais sagradas leis, e de dar ao publico a prova mais evidente de que os caprichos de partido claramente se antepunham á justiça, e se lhe sacrificavam as vantagens, que se

tinham a esperar das instituições liberaes. O segundo e o terceiro dia desta tempestuosa discussão [1] foram consagrados á questão directa da legalidade da eleição do coronel Pizarro, tornando a apparecer no meio della a mais pertinaz e systematica animosidade de parte a parte. Pela primeira, bem se via já qual seria o resultado desta segunda questão. A minoria esmerou-se em demonstrar que os suppostos crimes do coronel Pizarro eram imaginarios, que muitos outros individuos os tinham igualmente commettido, se crimes se podessem chamar os de que era accusado o deputado eleito, e todavia esses individuos se achavam com assento na camara! D'aqui passou depois a procurar captar a benevolencia da mesma camara, o favor de todo o auditorio, a electerizar este com a Liberdade em perigo, com a Carta rasgada a pedaços, e a urna eleitoral violada! Destes lances, verdadeiramente dramaticos, o effeito mostrou-se tal qual se queria, por mais de uma vez nas galerias da camara. Um dos deputados da minoria [2] dêo o epitheto de *iniqua* á decisão, por que se negára chamar á barra o coronel Pizarro. Esta expressão fez apparecer alguns clamores no lado direito da camara, (os ministeriaes), a que os da esquerda retorquiram, continuando o orador sem ser ouvido por alguns momentos. As galerias tambem pela sua parte se agitaram, vendo-se, em tal caso, o presidente obrigado a recorrer ao toque da campainha. Restabelecida a ordem, o mesmo orador confessou ter empregado talvez uma expressão pouco medida; mas que modificando em tal caso as suas palavras, tinha a conservar por verdadeiro o seu pensamento. «Dizia pois, acrescentou elle, que se o resultado da vota- «ção fôr privar a assembléa de um deputado, que lhe pre- «tence, nós, *os deputados da esquerda*, reuniremos em nós «toda a força, que do deputado excluido nos poderia acres- «cer. Requintaremos em zelo patriotico, e desse momento «por diante não verão deste lado da camara uma só transi- «gencia com os ministros.» Estas profeticas e ultimas pa-

[1] Nos dias 11 e 12 de setembro.
[2] Augusto Frederico de Castilho.

lavras foram todas interpoladas, e seguidas de numerosos, e descompassados gritos, com que a esquerda as applaudia, e a direita as reprovava, chamando *á ordem, á ordem*, misturando-se com esta confusão novamente o rumor das galerias. Muitos outros deputados fallaram ainda depois deste; mas a questão nem por isso deixou de ser vencida no sentido da maioria, que decidio como illegal e nulla a eleição de Rodrigo Pinto Pizarro, restando unicamente á minoria, no meio do desmedido furor dos mais enthusiastas e zelosos do rapido progresso da Liberdade popular, e da censura dos mais prudentes contra investidas de tão desordenado arrebatamento, o cumprimento da promessa feita, de que jámais a Opposição transigiria com os ministros.

Assim marchavam as cousas dentro das côrtes, e assim progredia esta encarniçada luta dos partidos, quando uma nova tregoa, motivada por circumstancias, que lhes eram alheias, veio apparecer entre elles, e lhes atrahio algum tanto a sua attenção. D. Miguel, tendo chegado a Genova, entendêo dever protestar contra a convenção d'Evora-Monte, reputando-a como um mero acto provisional da sua parte, e unicamente destinado a salvar os seus vassallos das desgraças, que lhes traria comsigo a resistencia, que por mais tempo intentasse oppôr ás forças colligadas das potencias signatarias do tratado da quadrupla alliança. « Todos os « motivos de justiça e decoro, dizia elle, exigem que eu « proteste, como por este faço, á face da Europa, a respeito « dos acontecimentos, que me compelliram a sahir de Por- « tugal, e contra quaesquer innovações, que o governo, ora « existente em Lisboa, possa ter introduzido, ou procure in- « troduzir para o futuro, contrarias ás leis fundamentaes do « Estado. » Este protesto, publicado na Gazeta de França, o orgão mais official do partido absolutista na Europa, e successivamente transcripto em differentes outros jornaes, dêo logar a que nas côrtes se perguntasse o governo sobre este ponto, e se manifestassem desde logo tenções fixas de ratificar a exautboração do infante, de lhe retirar todas as pensões e vencimentos, e finalmente de o declarar perpe-

tuamente excluido da successão á corôa, e além disso summariado, processado, e condemnado á morte, se por ventura apparecesse de novo em Portugal. Para este fim se apresentou á discussão da camara um projecto, que declarava o mesmo infante traidor á patria, desnaturalisado della, excluido perpetuamente da successão á corôa, elle e a sua descendencia, quando a viesse a ter, privado de todas as honras, postos, e pensões, inhabil para adquirir bens de qualquer natureza, sujeito a ser immediata e militarmente morto, quando voltasse ao reino, formando-se para esse effeito um conselho militar, composto do official mais graduado do local em que o mesmo infante apparecesse, e de mais seis officiaes immediatos, devendo a sentença condemnatoria ser executada dentro em tres horas, sem dependencia de ulterior confirmação.

Uma outra eventualidade, de muito mais seria gravidade ainda, veio igualmente encher de cuidados a camara. D. Pedro, recolhendo-se das Caldas da Rainha, sem a menor apparencia de melhora, ía-se-lhe diariamente finando a existencia, victima, como estava sendo, de gravissimos padecimentos, que ora se exacerbavam, ora remittiam, mas sempre com intervallos de enganadores allivios. Em meado de setembro perderam-se finalmente as esperanças do restabelecimento da sua saude. Os estragos de uma incessante actividade, e as fadigas dos dois antecedentes annos, reunidas com esta fatal molestia, esgotaram-lhe finalmente as forças fisicas, ao passo que as moraes, quebrantadas pelas mesmas causas, pelos cuidados do governo, e sobre tudo pelos desgostos, que ultimamente lhe amarguraram a vida, tanto no Brasil, como em Portugal, tinham chegado ao seu termo. D. Pedro achava-se com effeito gasto, menos dos annos [1], que dos trabalhos, e continuas guerras com que lutára, até que a final cahio debaixo delles, como rendido ao peso de tão graves cuidados. Neste abandono de forças, neste conjuncto de causas determinantes do seu ultimo fim,

[1] Tinha nascido no palacio de Queluz, em 12 de outubro de 1798, e corria o mez de setembro de 1834.

enfermando gravemente, desistio a final de prestar a sua attenção aos negocios publicos. Descobrindo na sua doença indicios de mortal, ou prevendo que o seu mal era sem remedio, pedio no dia 17 daquelle mez os soccorros da religião, e nesse mesmo dia fez e assignou o seu testamento, em que legou á cidade do Porto o seu coração, recommendando á generosidade da nação portugueza a sua esposa, e a princeza D. Maria Amelia, a unica filha que teve das suas segundas nupcias. Na camara dos deputados discutia-se, no dia 18, uma substituição ao parecer da commissão de agricultura, destinado a soccorrer os lavradores por meio de um emprestimo: fallava-se sobre esta materia, quando o presidente da mesma camara, o bispo resignatario de Coimbra, e conde de Arganil, (depois patriarcha de Lisboa), D. Francisco de S. Luiz, entrando na sala, e tomando a sua respectiva cadeira, até então occupada pelo vice-presidente, reclamou a attenção da assembléa para ouvir o contheudo de uma carta, que por suas mãos o regente dirigia á camara, e era do theor seguinte. « Senhores deputados da « nação portugueza. Sempre franco e fiel aos meus jura- « mentos, e obedecendo á voz da minha consciencia, vou « participar-vos, que tendo hontem cumprido com os deve- « res de filho da igreja catholica, e de pae de familia, julgo « tambem do meu consciencioso dever participar-vos, que o « mesmo estado de molestia que hontem me dictou aquellas « resoluções, me inhibe de tomar conhecimento dos negocios « publicos, em cujas circumstancias vos peço queiraes prover « de remedio. Eu faço os mais ardentes votos ao ceo pela « felicidade publica. » Esta carta era datada de Queluz, e do mesmo dia em que se apresentava ás côrtes.

A grave e importante materia deste documento, e os promptos cuidados que demandava o melindroso estado das circumstancias, em que ainda se achava o paiz, haviam produzido um profundo silencio, tanto entre os deputados, como entre os que occupavam as galerias, para onde affluira um consideravel numero de espectadores. Já na noite anterior alguns da Opposição, desejosos de que na regencia do reino

succedesse a D. Pedro pessoa da sua mais inteira confiança, tinham mandado a Bemfica uma deputação de dois pares e outros tantos deputados, com uma mensagem para offerecer á infanta D. Isabel Maria aquella mesma regencia com certas condições, que ella se disse ter aceitado, e até para o conseguir resignado a soffrer na sua mesma presença as censuras, que lhe quizeram irrogar a alguns dos seus actos governativos, na regencia que em 1826 desempenhára, e de que ella mesma se promettêra agora emendar. A perniciosa influencia que esta princeza deixou naquelle tempo adquirir nos seus conselhos, publicos e privados, a varios individuos, que tanto concorreram para o completo triumpho da usurpação, e finalmente a encarniçada perseguição, que nos ultimos tempos do seu governo começaram tambem a soffrer muitos dos mais decididos Liberaes, eram outros tantos factos, ainda de mui recente data, para que de tão cedo fossem esquecidos na opinião publica, e de tão prompto levassem os animos, por mais desprevenidos que estivessem, a prestar de boamente o seu assentimento á escolha de uma pessoa, a cujo nome assim andavam ligados bastantes dos funestos acontecimentos daquelle tempo. Se por conseguinte alguma idéa houve de levar outra vez a infanta D. Isabel Maria ás altas funcções de regente do reino, semelhante idéa em breve se desvanecêo em todos. Entretanto passada a primeira impressão do que se tinha ouvido lêr na camara dos deputados, á mesma commissão, que examinára o negocio da continuação da regencia na pessoa de D. Pedro, e a proposta do casamento da rainha, se confiou novamente o parecer da resolução, que se devia adoptar no meio das graves circumstancias occorrentes.

Eram quatro horas da tarde quando o relator daquella commissão, obtendo a palavra, começou por dizer, que attenta a impossibilidade do duque de Bragança poder continuar no exercicio da regencia do reino; que considerando a necessidade de dar desde já á nação inteira uma garantia da estabilidade do governo representativo, da paz, e da tranquillidade publica; que considerando outro sim ser do

direito publico do reino findar aos quatorze annos completos a menoridade dos reis, e bem assim que a disposição contraria dos dezoito annos, marcados na Carta Constitucional, não era sobre este ponto de natureza tal, que não podesse ser alterada, ou dispensada pelas côrtes; que considerando finalmente que sua magestade a rainha se achava completamente desenvolvida nas suas faculdades fisicas e moraes [1], e como tal sufficientemente habilitada para começar desde logo a tomar sobre si o governo do reino, era a mesma commissão de parecer, que sua magestade fidelissima, a rainha reinante, a senhora D. Maria 2.ª, fosse havida e declarada por maior para immediatamente entrar no exercicio dos poderes, que pela Carta lhe competiam. Uma approvação geral foi o que sem interrupção se ouvio desde logo em toda a sala, e d'ambos os lados da camara se clamou *votos, votos*, conservando-se as galerias no mais profundo silencio, durante toda esta scena. Posto á votação immediatamente o parecer, foi este unanimemente approvado, decisão a que o geral dos espectadores prestou igualmente o seu geral assentimento, pelo modo que lhe podia ser permittido. Esta mesma sessão se declarou tambem permanente, até que chegasse á camara a resolução, que sobre este ponto houvesse de tomar tambem a dos pares, á qual D. Pedro havia dirigido uma igual communicação, e onde a resolução da camara electiva ia experimentar o desaire de não ser approvada por unanimidade de acclamação, como acabava de o ser entre os deputados. O pequeno partido da infanta D. Isabel Maria ainda alli contava alguns dos seus mais notaveis membros, figurando entre estes o proprio Trigoso, que nesta occasião quiz dar áquella princeza não equivocas provas do seu respeitoso affecto, ou da sua gratidão para com os beneficios que della recebêra. Na sessão desta camara, suspensa até ás tres horas da tarde, podera-se a custo formar a commissão, que devia dar o seu parecer sobre a materia

[1] Contava mais de quinze annos de idade, tendo nascido em 4 de abril de 1819.

da carta, que lhe enviára o regente; mas chegando pelas seis horas da tarde a proposta dos deputados, foi logo enviada para a commissão, cujo parecer foi adoptar inteiramente a decisão da camara dos deputados. O conde da Taipa, encetando a discussão com attribuir aos permanentes esforços de uma *camarilha* os desejos de levar a rainha, n'uma idade tão tenra, a dirigir os mais altos negocios do Estado, afoutamente julgou que o fim de semelhantes esforços era perpetuar a desgraçada administração, que governava o paiz, porque em fim a regencia do reino, segundo o espirito e a letra da Carta Constitucional, (artigo 91), pretencia de facto á infanta D. Isabel Maria. Depois de alguns debates, sustentados de parte a parte, vogou geralmente a idéa de que a questão não era a da regencia, que quando o fosse, seriam certamente inquestionaveis os direitos, que a ella tinha aquella princeza; mas de dispensa de lei, anticipando-se a maioridade da rainha, em presença das fortes e graves razões que assim o aconselhavam, e das imperiosas e extraordinarias circumstancias que assim igualmente o pediam: e esta foi com effeito a decisão, tomada por 25 votos contra 6.

Participada á camara dós deputados a resolução, que a tal respeito adoptára a dos pares, uma deputação de seis membros de cada casa foi no seguinte dia ao paço de Queluz, para pedir á rainha a sua approvação e sancção á proposta, em que as côrtes a declaravam maior. D. Pedro, que em resposta ás cartás, que dirigira ás camaras, recebêra dellas aquella resolução, de bom grado lhe dêo o seu assentimento, recommendando e aconselhando a sua filha, que jámais deixasse de governar pelas disposições da Carta Constitucional, que ia jurar, e de manter a sua inteira observancia. A rainha, agradecendo ás côrtes a resolução, que acabavam de tomar a seu respeito, fez-lhes igualmente saber, que a antiga administração continuaria ainda para os objectos de mero expediente, até á prestação do seu juramento, depois do qual se formaria então a nova administração. No dia 20 de setembro teve com effeito logar a

sessão real das côrtes, no meio das quaes comparecêo a rainha para aquelle acto, e nas mãos do presidente da camara dos pares o prestou, na conformidade do artigo 70 da Carta Constitucional, pronunciando em voz clara e intelligivel a seguinte formula: « juro manter a religião catholica, e apostolica romana; a integridade do reino; observar e fazer observar a Constituição politica da nação portugueza, e mais leis do reino; e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber. » Todavia o novo ministerio só no dia 24 pôde definitivamente organisar-se pelo seguinte modo: o duque de Palmella foi o nomeado para presidente do conselho sem pasta; o bispo conde, D. Francisco de S. Luiz, para ministro do reino; Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos, para ministro da justiça; o duque da Terceira, para ministro da guerra; o conde de Villa Real, para ministro dos estrangeiros; continuando José da Silva Carvalho em ministro da fazenda, transferindo-se para ministro da marinha Agostinho José Freire. Este ministerio era uma perfeita liga da Opposição aristocratica, manifestada commedidamente até aqui contra os ministros, com os seus antigos e modernos inimigos politicos, os mais conhecidos partidistas, e influentes que ainda havia, das côrtes de 1821. É esta mais uma prova de que os extremos se tocam, ainda mesmo em politica, uma vez que d'ahi lhes resulte proveito, porque em fim o interesse commum não só esquece antigas offensas, mas é o mais poderoso meio de congrassar oppostos partidos. Tão incongruente alliança não podia deixar de ter logo contra si a mesma, ou mais porfiada indisposição ainda da parte da Opposição popular, que continuando fóra do poder, forçosamente havia de começar na camara dos deputados a combater esta liga, com tanta mais energia e encarniçamento, quanto maior era a força, que della julgava provir aos novos e antigos ministros.

D. Pedro, que até á sua ultima hora conservou sempre desembaraçadas as suas faculdades mentaes, recebêo de sua filha a noticia de haver preenchido as formalidades da lei fundamental do Estado, quanto ao seu juramento, e de se

achar no pleno uso das suas prerogativas de rainha reinante dos portuguezes, tendo nesta qualidade encetado a sua carreira com o emprego da sua primeira assignatura na carta regia por que o nomeára grã-cruz da Torre-e-Espada, que em seguida lhe lançou ao pescoço, em reconhecimento dos importantes serviços que delle havia recebido. Já no dia 19 reconhecêra D. Pedro a propinquidade da sua hora extrema, porque tendo abraçado a um por um os seus ajudantes de campo e mais pessoas de familia, ordenou que um soldado do primeiro regimento das tropas ligeiras viesse junto do seu leito de dôr receber delle um solemne testemunho da lembrança, que conservava dos bravos, que tanto o coadjuvaram na gloriosa luta da Liberdade contra a usurpação, e apresentando-se-lhe para este fim um soldado do seu predilecto e antigo batalhão de caçadores n.º 5, o abraçou e lhe disse: « transmitte aos teus camaradas este abraço, em « signal da justa saudade, que me acompanha neste momen« to, e do apreço em que sempre tive os seus relevantes « serviços. » Em presença de tão pungente espectaculo o mesmo soldado ficou como interdicto por algum tempo, e mal teve acôrdo para se retirar. Á vista de tão tocante e dolorosa scena claro é que D. Pedro não podia esquecer-se do seu bravo exercito, e como nova prova desta sua affeição ordenou ainda que um coronel e um soldado de cada corpo de primeira linha, viessem tambem junto delle receber outros que taes testemunhos da sua lembrança, que já não foi possivel transmittir-lhes, por não ser de razão expôl-o a uma nova scena de sensibilidade, que tanto o havia de commover na sua ultima despedida. Reconciliando-se novamente com a igreja, no dia 20, todo se entregou desde então aos puros exercicios da religião, até que expirou nos braços de sua esposa e sua filha, pelas duas horas e meia da tarde do dia 24 de setembro. A autopsia cadaverica mostrou a hypertrophia do grande lobulo do figado e o hydrothorax do saco pleuritico direito, contendo duas libras e meia de um liquido turvo e sanguinolento; o pulmão esquerdo era de côr denegrida, friavel, e não crepitante ao

corte; o coração apresentava-se um pouco maior que no estado normal, flacido, e descorado.

D. Pedro, depois de ter tão energica e corajosamente defendido a causa da Liberdade contra a usurpação, depois de ter por ella alcançado tão repetidos e assignalados triumphos, e quando todos o olhavam com respeito, e o respeitavam com amor, morrêo no apogêo da sua gloria, na melhor occasião de deixar perpetua fama, e de levar a saudade e a dôr ao coração dos seus proprios inimigos. Todos os portuguezes deram com effeito nesta occasião as mais decididas provas do seu doloroso sentimento e magoa por tão inopinada perda, e tão justamente sentida por todos os verdadeiros amigos da Liberdade. Em observancia das suas disposições testamentarias, o seu enterro foi o de um simples general, sendo como tal o seu caixão conduzido ao coche por generaes, e da mesma sorte collocado no tumulo, e levado ao logar do jazigo. O dia do seu enterro foi o de um verdadeiro lucto nacional: todas as transacções pararam; todas as lojas e casas de venda publica espontaneamente se fecharam. Na rua Augusta viram-se algumas casas cobertas de longos pannos pretos, pendentes desde as janellas até ao chão, e um extraordinario concurso do povo affluir ás ruas do transito, no meio de um profundo e significativo silencio. Ás portas da cidade, em S. Sebastião da Pedreira, havia-se reunido durante o dia grande numero de cidadãos de todas as classes, e particularmente do corpo do commercio, vestidos todos na etiqueta do mais rigoroso lucto, e destinados a esperar e a acompanhar com tochas accesas o funebre cortejo, desde lá até S. Vicente de Fóra. Para este intento enviaram elles ao paço de Queluz uma deputação de quatro membros, que dirigindo-se ao conde mordomo-mór, se lhe expressou um delles nos seguintes termos: « que um grande « numero de cidadãos de todas as classes, pungidos da mais « acerba dôr, pela prematura morte de sua magestade im- « perial, o duque de Bragança, se haviam reunido, e prepa- « rado para tributar-lhe as ultimas homenagens do seu res- « peito e gratidão; que com estas vistas, cobertos de dó e

« tristeza, tinham vindo esperar o feretro ás portas da ci-« dade, para d'alli o acompanharem com tochas accesas até « ao logar do seu jazigo; e que nestes termos pediam e es-« peravam obter para isso a devida permissão, dando-se-lhes « logar no acompanhamento. » O deferimento da supplica não só foi conforme ao que se desejava obter, mas até a deputação, recebida pelo mesmo conde mordomo-mór com todas as mostras de bom acolhimento e vontade, teve a lisongeira resposta, « que sua magestade fidelissima agrade-« cia, e approvava com effeito tudo quanto os cidadãos de « Lisboa pretendiam fazer, em obsequio e gratidão á me-« moria de seu augusto pae, e que não obstante achar-se « encerrada, a mesma augusta senhora queria honrar e dis-« tinguir os mesmos cidadãos, admittindo a beijar a sua « regia mão os membros da deputação », o que de prompto lhes foi concedido, sendo para esse fim introduzidos no proprio quarto da rainha, donde se retiraram, repetindo-se-lhes novamente que sua magestade muito lhes agradecia a parte que os cidadãos de Lisboa tomavam no seu doloroso sentimento. Foi no meio deste geral e sentido prestito, deste acto de respeito e gratidão nacional, prestado pela população inteira da capital aos importantes serviços de D. Pedro, que os seus despojos mortaes foram levados ao jazigo dos reis da casa de Bragança, no mosteiro de S. Vicente de Fóra, e acompanhados até lá das lagrimas de muitos, em quem se viam borbulhar pelos olhos fóra, e de não poucos gemidos, que se misturavam com o som lugubre dos sinos, e do estrondo dos tiros do funeral, até se recolherem ao logar do seu eterno repouso, pelas onze horas da noite de 27 de setembro deste anno de 1834. É no meio daquelle jazigo que, só e isoladamente, se levanta um modesto e singelo tumulo de madeira á memoria de D. Pedro, a quem por ultimo obsequio os homens consagraram o seguinte

EPITAPHIO.

D. O. M

PETRUS. IV

PORTUGALIÆ. ET. ALGARBIORUM. REX
PRIMUS. BRASILIÆ. IMPERATOR. AC
BRIGANTIÆ. DUX. JOAN. VI. IMPERAT
AC. REGIS. FILIUS. PATRIÆ. LIBERTATIS
ADSERTOR. ET. VINDEX. DUM. REGNUM
IN. FILIAM. CARISSIMAM. MARIAM. II
SPONTE. TRANSLATUM. EJUS. NOMINE
REGERET. OBIIT. MAXIMO. OMNIUM
LUSITANORUM. LUCTU. DIE. XXIV
SEPTEMBR. AN. DOM. MDCCCXXXIV
ÆTATIS. SUÆ. XXXVI

Consagrado a Deos, Todo Poderoso.

Pedro IV, Rei de Portugal e dos Algarves, Primeiro Imperador do Brasil, e Duque de Bragança, Filho de João VI, Imperador e Rei; Defensor e Restaurador da Liberdade da Patria, regendo o reino, que voluntariamente havia abdicado em sua Filha querida, Maria II deste nome, fallecêo, com grandissimo sentimento de todos os Portuguezes, no dia 24 de setembro de 1834, aos 36 annos de idade.

Nota a pag. 50 *e* 51.

Nas paginas que do presente volume aqui se apontam mencionámos a brilhante defeza do ponto fortificado da Serra do Pilar, por occasião do ataque tentado contra aquelle baluarte, pelas tropas de D. Miguel, no dia 14 de outubro de 1832,

É este um dos mais gentis feitos que os heroicos defensores do Porto praticaram durante o cêrco da cidade eterna; e porque nunca appareceu em collecção alguma official a participação, feita em tempo competente pelo general Torres, havemos pôr conveniente publicar aqui esse importante documento, e é o seguinte:

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — Em data de 14 do corrente tive a honra, e grande satisfação de participar em globo a V. Ex.ª o feliz resultado do ataque tentado contra este ponto pelo inimigo, nesse mesmo dia: agora porém vou mais circumstanciadamente relatar a V. Ex.ª os promenores desta gloriosa acção.

O inimigo, depois de um vivissimo fogo de artilheria, que durou trinta e tres horas, tendo principio ás seis horas da manhã do dia 13, julgou-nos perfeitamente annıquilados, e tanto mais, quanto eu tinha posto todo o cuidado em se lhe não responder á sua artilheria, por qualquer das nossas bocas de fogo, em quanto se não dispozesse a atacar-nos. Esta supposição, e a de uma brecha praticavel no nosso centro, o encheo de enthusiasmo, a ponto dos officiaes rebeldes se collocarem na frente dos seus enganados soldados, e marcharem contra nós com mais de 5.000 homens, segundo as ultimas informações, que tenho obtido.

O inimigo dividio a sua força em tres columnas, protegidas até o fim da acção pela sua artilheria, e cobertas por fortes linhas de atiradores, os quaes rapidamente, e sem darem um só tiro, se approximaram quasi á queima roupa das nossas trincheiras. Uma destas columnas veio atacar o nosso flanco esquerdo, approximando-se da crista de um pequeno monte em frente da *Eira*, onde se acha collocado o nosso piquete. Um vivo fogo de fuzilaria, e os muito bem dirigidos tiros de metralha de uma peça de campanha. servida pelos voluntarios academicos, foram a primeira recepção, que demos aos sectarios da usurpação, os quaes neste primeiro ataque soffreram grande prejuizo. Muitas vezes os rebeldes reformaram os seus ataques; mas outras tantas foram repellidos com tanta desvantagem sua, como na primeira vez.

A segunda columna, que se tinha emboscado na deveza, em frente da *Pedreira*, formou duas divisões, uma das quaes veio atacar todo o nosso centro, e outra a mesma *Pedreira*. Ambas ellas se approximaram bastante das nossas trincheiras; porém os bem dirigidos tiros de metralha, de fuzilaria, e granadas de mão, as fizeram recuar vergonhosamente, com tanta mais celeridade, quanto d'antes tinham mostrado de ousadia no principio do ataque. A sua perda neste ponto foi igualmente muito consideravel, não só dentro da mencionada deveza, mas tambem na rampa, que vem terminar na *Pedreira*. Todos os posteriores esforços, em quererem ganhar a dita rampa, foram infructuosos, e a final teve neste ponto o mesmo resultado que no flanco esquerdo.

A terceira columna, dividida igualmente em duas divisões, atacou uma dellas o sitio fortificado da *Capella*, e a outra marchou para a calçada de Villa Nova, de sorte que o nosso piquete retirou em presença da força maior atacante: o inimigo conseguio apoderar-se de algumas casas da mesma calçada, e d'alli fez continuado fogo de fuzilaria, até que foi desalojado pela artilheria das nossas baterias da direita do Douro, incendiando na sua retirada algumas das ditas casas, de que se tinha assenhoreado. Neste ponto, da mesma sorte que nos outros, pretenderam os rebeldes com successivos ataques apoderarem-se da *Capella;* mas nunca o conseguiram, porque o fogo da artilheria do lado direito da *Pedreira*, as granadas de mão, e o bem dirigido e activo fogo de fuzilaria, os obrigou a retirar em completa debandada.

Pela volta das seis e meia da tarde, depois de batidos completamente em todos os pontos atacados, se retiraram em grande confusão, deixando os defensores deste baluarte cobertos de gloria, e o terreno circumvisinho juncado de armas e cadaveres, entre os quaes foram depois reconhecidos o major Franco, de infanteria 5, o capitão Pinto, de granadeiros de 24, um official da policia, e outros d'infanteria, caçadores, milicias, e o commandante e ajudante de voluntarios miguelistas de Penafiel.

Por noticias, dadas por pessoas de toda a confiança, consta que o numero de feridos é extraordinario: entre estes recebêo uma ferida mortal, e della morrêo antes de hontem, o tenente coronel Peixoto, denominado entre elles brigadeiro; tambem foi ferido o coronel José Theotonio: em summa, entre mortos e feridos ficaram, pouco mais ou menos, mil homens dos rebeldes fóra do combate.

Esquecia-me dizer a V. Ex.ª, que a columna que atacou o centro da nossa linha, foi seguida por uns 50 cavallos de policia do Porto, os quaes debandáram em consequencia de um tiro de metralha da bateria da Pedreira.

No meu citado officio tive a satisfação de fazer menção a V. Ex.ª, em geral, da valentia e sangue frio, com que se portaram naquella gloriosa acção as tropas de S. M. F., empregadas nesta defeza; porém é meu dever fazer agora menção de cada um dos corpos, que a compõem.

Não pode ser excedido o valor e sangue frio dos officiaes d'estado maior, officiaes de companhias, officiaes inferiores, e soldados do 2.º batalhão de infanteria n.º 18, que defendêo a ala esquerda, e parte do centro: e a respeito de todas estas classes não posso singularisar um só individuo deste corpo, porque se o fizesse, commetteria uma grande injustiça; e por isso tenho grande satisfação de os recommendar a V. Ex.ª, para que se sirva leval-os á presença de S. M. I., o Sr. D. Pedro, duque de Bragança, regente em nome da rainha.

É com tudo do meu dever declarar, que o tenente coronel, commandante do dito batalhão, Amaro dos Santos Barrozo, na qualidade de encarregado por mim da dita ala, executou as minhas ordens com a maior bravura, intelligencia, e sangue frio; e que o alferes do mesmo batalhão, Manoel Luis Lopes do Rego, estando commandando um pelotão no centro da linha, foi contuso, em consequencia do que lhe ordenei se fosse curar, depois do que voltou immediatamente ao seu logar, onde recebêo uma segunda contusão.

Os officiaes, officiaes inferiores, e soldados do batalhão nacional movel n.º 3, (voluntarios de Villa Nova), que defendem a ala direita, tiveram uma conducta, em bravura e sangue frio, igual á que sempre tem desenvolvido, desde o dia 8 de setembro: e por isso os recommendo tambem a V. Ex.ª, para que se sirva leval-os á presença de S. M. I. É com tudo do meu dever declarar tambem, que o major, commandante deste batalhão, José Joaquim Gomes Fontoura, na qualidade de encarregado por mim da dita ala, e parte

do centro, dêo exemplo de bravura, desenvolvendo o maior sangue frio, e intelligencia na execução das minhas ordens, e por este modo repetio o que sempre tem feito desde o dia 8 de setembro, em que principiou o meu commando. [1] Igualmente devo singularisar os nomes de dois voluntarios do dito batalhão, que tiveram occasião de fazer um serviço singular: o voluntario da 4.ª companhia, José de Pinho Valente, por mais de uma vez sahio das trincheiras a lançar granadas de mão na columna dos rebeldes: o voluntario da 6.ª companhia, Antonio de Souza Cardozo, que estando no piquete avançado na Calçada, proximo de ser cortado, não se retirou, e avançando os rebeldes, matou á queima roupa um official da policia, que vinha na frente delles.

O destacamento dos voluntarios academicos desenvolvêo nesta gloriosa acção, como é proprio do seu extremado valor, a maior bravura, intelligencia, coragem, e sangue frio, tanto no serviço d'artilheria, como no que voluntariamente fizeram de fuzilaria, de uma maneira tal, que por mais que pretenda extremar um só na defeza do dia 14, não me é possivel fazêl-o; e se o fizesse, ficaria eternamente opprimido por um continuo remorso de injustiça a respeito daquelles que não mencionasse: e por isso os recommendo muito a V. Ex.ª, pedindo-lhe ao mesmo tempo que se sirva levar á presença de S. M. I. os relevantes serviços prestados por estes tão bravos e distinctos jovens defensores; assim como merece os meus elogios o seu commandante, o capitão d'artilheria Severiano Sezenando de Bettencourt, que na qualidade de commandante daquella arma desempenhou as minhas ordens com bravura, intelligencia e sangue frio. É com tudo do meu dever declarar a V. Ex.ª, que no dia 13 os dois voluntarios academicos, José Estevão Coelho de Magalhães, e José Silvestre Ribeiro, bem como o alferes Alexandre do Carvalhal Silveira Pereira, encarregados dos trabalhos de fortificação, dirigiram como taes o restabelecimento da brecha, debaixo de um vivissimo fogo de artilheria; e no dia 14 tiveram um comportamento igual ao dos seus camaradas. É para lamentar, em consequencia dos seus distinctos serviços, prestados naquelle e nos anteriores dias, que fosse gravemente ferido o voluntario academico, José Pereira Junior, donde lhe resultou a amputação de uma perna.

O destacamento do 1.º batalhão d'artilheria, e a guarnição de uma peça, servida por marinheiros da armada de S. M. F., cujo chefe é o praticante Francisco José de Oliveira, desenvolveram a maior bravura e sangue frio no serviço das suas respectivas bocas de fogo. Por esta occasião tenho a mostrar a V. Ex.ª o meu sentimento pela perda temporaria do 2.º tenente do 1.º batalhão d'artilheria, Domingos Antonio Lobo Pessanha: igualmente não posso deixar de fazer menção a V. Ex.ª, neste logar, do bom serviço que fizeram as baterias da Victoria, e as demais situadas na margem direita do Douro, durante a acção.

Não pode ser excedido, e por poucos igualado, o enthusiasmo, com que entraram neste ponto, para quinhoar a gloria deste dia, os dois contingentes de infanteria 6, o primeiro commandado pelo capitão Padrão, e o segundo pelo capitão Cabral de Albuquerque. A respeito da conducta daquelles que entraram no fogo, tenho a satisfação de dizer a V. Ex.ª, que repetiram em bravura e sangue frio o que aquelle batalhão tem sempre feito na defeza deste baluarte da Serra, desde o dia 8 de setembro: e por isso os recommendo tambem a V. Ex.ª, para que se sirva leval-os á presença de S. M. I.; é com tudo do meu dever singularisar, segundo a informação do dito capitão Cabral de Albuquerque, o soldado n.º 125 da 6.ª companhia, que tendo sido bastante ferido na cabeça, apenas se curou, voltou immediatamente á linha do fogo, e não se retirou em quanto durou o ataque.

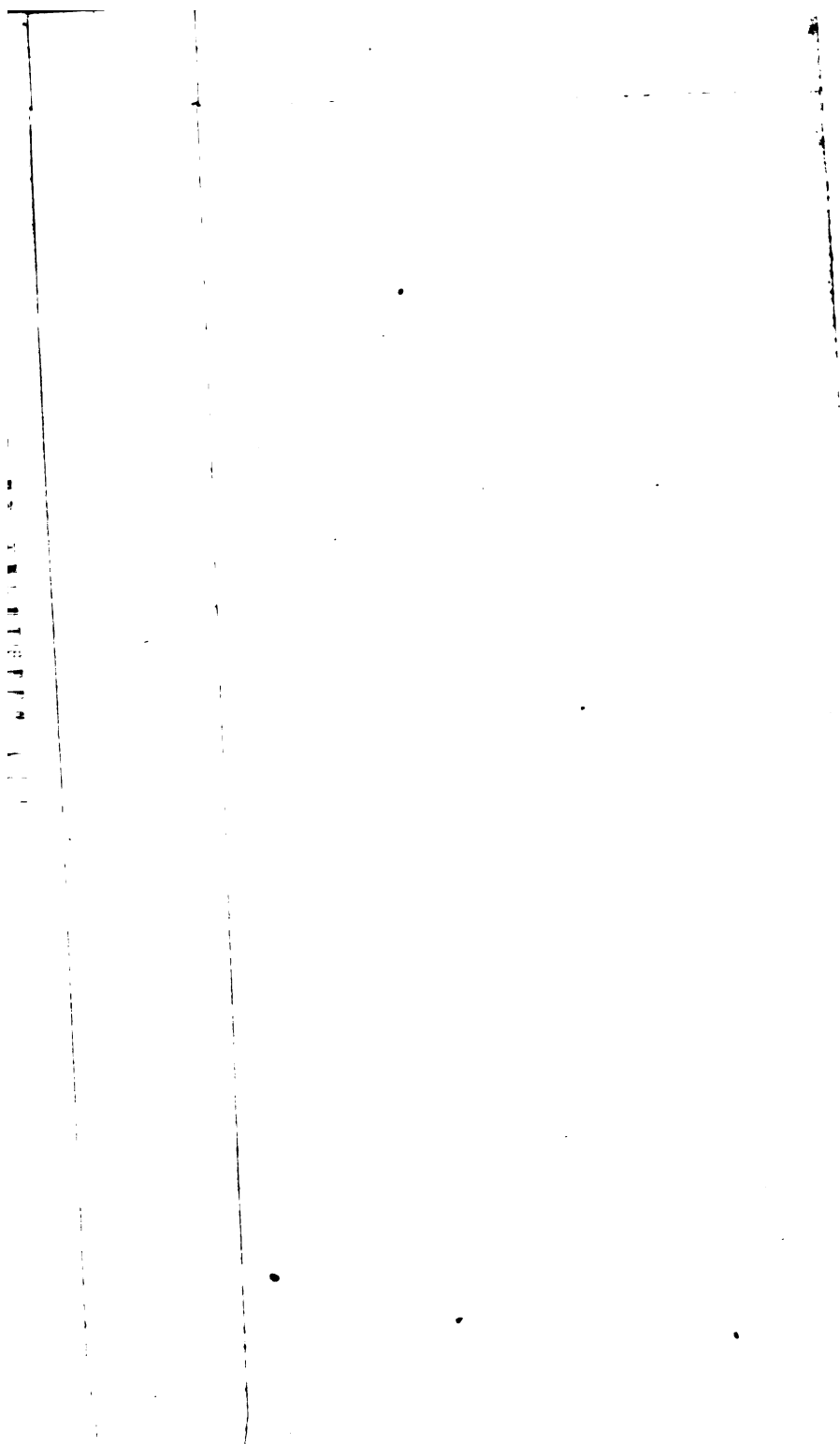
[1] Isto é engano, corrigido na nota a pag. 30 do presente volume.

Os officiaes ás minhas ordens, que são o major graduado Christovão José Franco Bravo, o capitão graduado José Ricardo Peixoto, o capitão quartel mestre Antonio Ignacio de Seixas, o tenente de cavallaria José de Vasconcellos Corrêa, e o alferes de cavallaria Alexandre Xavier de Oliveira, no dia 13 andaram continuamente, debaixo d'um vivissimo fogo de artilheria, distribuindo as minhas ordens, mostrando sempre a maior coragem : e no dia 14 se comportaram com a maior bravura e sangue frio, neste mesmo serviço, debaixo do dito fogo de artilheria, e do de fuzilaria; e por isso os recommendo a V. Ex.ª, para que se sirva leval os ao conhecimento de S. M. I.

Com bastante satisfação tenho igualmente a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que o 1.º tenente do 1.º batalhão de artilheria, Manoel Thomás dos Santos, não obstante estar doente de cama, aqui se me apresentou, e dirigio bastantes tiros, com muito acerto, contra a columna que atacou o centro deste ponto.

Tenho da mesma sorte o gostoso dever de levar ao conhecimento de V. Ex.ª o louvavel procedimento do capitão de fragata Bersane, o do alferes Aragão, de caçadores n.º 5, o de um morador de Santo Ovidio, e o de Henrique José Chiffard, do batalhão de atiradores portuguezes, que se me apresentaram no calor da acção, com 40 pessoas voluntarias, que empreguei no serviço da *Pedreira*, as quaes se compunham de voluntarios da Sr.ª D. Maria 2.ª, de inglezes, paizanos, marinheiros e soldados dos differentes corpos, sahidos do hospital. Igualmente tomou parte voluntariamente na defeza deste dia, o cadete de caçadores n.º 5, Antonio Pedro Cardozo Cazado Giraldes.

Inclusas envio a V. Ex.ª as partes dos commandantes dos corpos, e as relações nominaes dos mortos e feridos no supradito dia 14 do corrente, em que as tropas de S. M. F. colheram mais um immarcescivel louro, na defeza da legitimidade e liberdade da patria.

Deos guarde a V. Ex.ª — Quartel General da Serra do Pilar, 19 de outubro de 1832. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Conde de Villa Flôr. = José Antonio da Silva Torres, brigadeiro commandante da força junto do Douro e na Serra do Pilar.

SYNOPSE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

reino por semelhante motivo, 375. — D. Pedro vae ao Cartaxo para tranquillisar Saldanha, que o aconselha a demittir o ministerio, 376 — Napier contrario ao ministerio, e injustiça das suas queixas contra Agostinho José Freire, 379. — Morte do doutor Abrantes, e sahida do paço de D. Leonor da Camara, 380. — Censura previa, prefeitos, e commissões municipaes, guerreados pela Opposição: lei das camaras municipaes, posta logo em execução no Porto e Lisboa, 382. — Desunião dos miguelistas: consequencias da persistencia de D. Carlos em Portugal, 384. — Medeação estrangeira rejeitada por D Miguel, 385 — Occupações de D. Miguel dentro de Santarem, e demissão por elle dada ao general Macdonell, que no commando do exercito é substituido pelo general Povoas, 387.

CAPITULO VII. — **Surprezas de Marvão, de Leiria, e Torres Novas: acções de Pernes e Almoster. Queixas das folhas inglezas contra D. Pedro, e os seus ministros: desprezo da mediação, que aos realistas offerece o embaixador inglez.**

Felizes auspicios da causa constitucional. e tristes presagios da miguelista, augmentados com a feliz surpreza de Marvão, 391. — Governador militar de Marvão, e suas primeiras operações, 393. — Distribuição das forças realistas no Alemtejo, 395. — O general d'Almer em volta do Porto, e marcha de Saldanha sobre Leiria, de que se apoderou, 396. — Surpreza e derrota do celebre regimento de cavallaria de Chaves, 398. — Acção de Pernes, 400. — Má direcção da batalha de Pernes da parte dos miguelistas, 403. — Descuidos dos marechaes Saldanha, e Terceira, por occasião da batalha de Pernes, 404. — Apreciação da marcha de Saldanha sobre Leiria, 406. — Inconvenientes da marcha, que Saldanha pretendia fazer de Leiria ao Porto, 407. — Motivos que levam D. Pedro no Cartaxo, para tranquillisar Saldanha, 409. — Triste estado dos miguelistas em Santarem, 411 — Nova amnistia de D. Miguel. e infructuosa apparição do general Lemos em Aldêa-gallega, e Alcochete, 412. — Planos de operações entre os constitucionaes e os miguelistas: principaes pontos do campo intrincheirado do Cartaxo, 414 — Sanguinolenta batalha d'Almoster, 416. — Apreciação da batalha d'Almoster: substituição de Povoas pelo general Lemos em Santarem, e suas providencias contrastando com a inacção de Saldanha, 420. — Queixas das folhas inglezas contra D. Pedro, e os seus ministros: carta de D. Francisco d'Almeida a D. Pedro, 422. — Defeza do ministerio, 424. — Imprudencia da Opposição nas suas queixas, e propostas insolentes do ministro inglez em Lisboa, 426. — Novas occorrencias da Hespanha, 428. — Embaixador portuguez em Madrid, e outro hespanhol em Lisboa: D. Miguel exautborado das suas honras, e cargos, e extincção da casa do infantado, 429 — Medeação estrangeira, offerecida pelo ministro inglez aos realistas, 430. — D. Miguel rejeita por mais outra vez a medeação ingleza, 433.

CAPITULO VIII. — **Os constitucionaes são reduzidos no Algarve á defensiva; mas nas provincias do Norte a fortuna os acompanha, porque passando o Tamega, seguem a Coimbra, vem depois a Thomar, e ganham a celebre batalha d'Asseiceira, a ultima que se dêo nesta prolongada guerra.**

Devastações dos guerrilhas no Algarve, para onde é mandado como governador militar o barão de Sá da Bandeira, 436. — Operações activas dos constitucionaes no Algarve, 438. — Batidos novamente os guerrilhas no Algarve, os constitucionaes vem sobre o Alemtejo, 439. — Novo general miguelista no Alemtejo, e reforços destacados de Santarem para o Algarve, 440.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME.

ERRATAS.

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
10	10	nãoe mbaraçou..........	não embaraçou
25	24	e vigor..................	o vigor
219	23	o tinham	o tinha
303	37	quo	que
356	37	que váe até Santarem.....	que da capital váe até Santarem
416	3	encarregarda............	encarregar da
539	25	camara..................	camada
546	1	permittia	permittiam
555	37	uos	nos